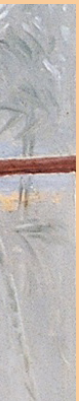


A CASA DO “HOMEM DE BEM”



masculinidade,
“civilização” e
domesticidade
no Brasil
(1870-1920)



Pedro Beresin Schleder Ferreira
Profa. Dra. Ana Lucia Duarte Lanna
São Paulo, 2023

A casa do “homem de bem”: masculinidade, “civilização” e domesticidade no Brasil (1870-1920)

Pedro Beresin Schleder Ferreira
Orientação: Profa. Dra. Ana Lucia Duarte Lanna

Tese apresentada para obtenção do título de Doutor em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Área de concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do urbanismo

São Paulo, 2023

EXEMPLAR REVISADO E ALTERADO EM RELAÇÃO À VERSÃO ORIGINAL, SOB RESPONSABILIDADE DO AUTOR E ANUÊNCIA DO ORIENTADOR.

A versão original, em formato digital, ficará arquivada na Biblioteca da Faculdade.
São Paulo, 30 de janeiro de 2024.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Ferreira, Pedro Beresin Schleder

A casa do "homem de bem": masculinidade, "civilização" e domesticidade no Brasil (1870-1920) / Pedro Beresin Schleder Ferreira; orientadora Ana Lucia Duarte Lanna. - São Paulo, 2023.
412.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo.

1. Masculinidade. 2. Domesticidade. 3. Gênero. 4. Branquitude. I. Lanna, Ana Lucia Duarte, orient. II. Título.

A casa do “homem de bem”: masculinidade, “civilização” e domesticidade no Brasil (1870-1920)

Pedro Beresin Schleder Ferreira

Tese apresentada para obtenção do título de Doutor em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo na área de concentração de História e Fundamentos da Arquitetura e do urbanismo.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para meus avós,
Abraão e Rifka Berezin z''l

Resumo

FERREIRA, Pedro Beresin Schleder. *A casa do “homem de bem”: masculinidade, “civilização” e domesticidade no Brasil (1870-1920)*. 2023. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Este trabalho tem como objetivo investigar como, entre a segunda metade do século XIX e começo do século XX, a difusão de novos padrões de masculinidade e de domesticidade no Brasil esteve articulada com um projeto das elites nacionais para *civilizar* a nação brasileira. Ambicionando transformar a ex-colônia recém-independente, que ainda em muito se assemelhava ao seu passado colonial, em uma nação *civilizada*, branca, urbana e industrializada, à imagem das nações europeias que tomavam como modelo, as elites intelectuais e políticas problematizavam a população brasileira e traçavam projetos para reformá-la. Nesse contexto, o *homem de bem* — ideal de homem branco, viril, moralizado, disciplinado e *civilizado* — despontava na imaginação dessas elites como o grande protagonista desse processo *civilizatório*, que seria responsável por instituir a *ordem* e promover o *progresso* da sociedade.

Cientes de que os homens não nasciam prontos, para formar *homens de bem*, os educadores da nação — intelectuais, médicos, políticos, moralistas, escritores, editores — formularam um projeto de educação moral masculina, que deveria ser realizado a partir de uma estreita articulação entre as esferas públicas e privadas. Para promover a associação entre a casa e a escola, entre a família e o Estado, entre o indivíduo e a sociedade, os educadores da nação escreveram, traduziram, editaram e divulgaram textos e livros de prescrição masculina, através dos quais procuraram difundir novos padrões de virilidade, hombridade, racialidade, produtividade, disciplina e moralidade. Dentre as temáticas abordadas nos livros, a vida familiar e a domesticidade burguesa eram assuntos centrais, sendo analisadas, problematizadas, prescritas e normatizadas a fim de serem mobilizadas para controlar, disciplinar e regrar os prazeres, os afetos, a imaginação, os anseios, as aspirações, a produtividade e os desejos dos homens.

Através da análise desses livros e textos, investigamos como os educadores da nação procuraram instituir um modelo masculino e difundir a domesticidade burguesa para poderem guiar e ordenar as energias dos indivíduos em prol de seu projeto *civilizatório*. Analisando seus mecanismos de ação e persuasão; de instauração de verdades; de produção de subjetividades e identidades e de orientação dos desejos, procuramos fazer uma espécie de história pública da vida privada, investigando como através das normativas foram construídas articulações e entrelaçamentos entre as aspirações *civilizatórias* das elites, os interesses das famílias e os anseios dos indivíduos.

Palavras-chave: masculinidade; domesticidade; gênero; branquitude.

Abstract

FERREIRA, Pedro Beresin Schleder. *The home of the "good man": masculinity, "civilization" and domesticity in Brazil (1870-1920)*. 2023. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

This study aims to investigate how, between the second half of the 19th century and the beginning of the 20th century, the spread of new standards of masculinity and domesticity in Brazil was linked to a project by the national elites to *civilize* the Brazilian nation. Seeking to transform the newly independent former colony, which still very much resembled its colonial past, into a *civilized*, white, urban and industrialized nation, in the image of the European nations they took as their model, the intellectual and political elites problematized the Brazilian population and drew up projects to reform it. In this context, the *good man* — the ideal of a white, virile, moralized, disciplined and civilized man — emerged in the imagination of these elites as the great protagonist of this *civilizing* process, who would be responsible for establishing *order* and promoting *progress* in society.

Aware that men weren't born ready, in order to form *good men*, the nation's educators — intellectuals, doctors, politicians, moralists, writers, publishers — formulated a project for the moral education of men, which should be carried out through a close link between the public and private spheres. In order to promote the association between the home and the school, between the family and the state, between the individual and society, the nation's educators wrote, translated, edited and disseminated texts and books on male prescription, through which they sought to disseminate new standards of virility, manhood, raciality, productivity, discipline and morality. Among the topics covered in the books, family life and bourgeois domesticity were central issues, being analysed, problematized, prescribed and normalized in order to be mobilized to control, discipline and regulate men's pleasures, affections, imagination, desires, aspirations, productivity and desires.

Through the analysis of these books and texts, we investigated how the nation's educators sought to establish a male model and spread bourgeois domesticity in order to guide and order the energies of individuals for the sake of their *civilizing* project. By analyzing their mechanisms of action and persuasion; of establishing truths; of producing subjectivities and identities and of guiding desires, we sought to make a kind of public history of private life, investigating how, through the norms, articulations and interweavings were built between the *civilizing* aspirations of the elites, the interests of families and the desires of individuals.

Keywords: masculinity; domesticity; gender; whiteness.

Sumário

Introdução, 13

PARTE I – Nação, família, domesticidade e os “homens de bem”, 27

Cap.1 – Os livros, seus agentes e seus leitores, 53

Cap. 2 – Educação da família, 81

PARTE II – Virilidade, disciplina e “civilização”, 119

Cap.3 – Formação da virilidade moral, 137

Cap. 4 – Meninos ambiciosos e ativos, 167

Cap. 5 – Os perigos do contágio, 213

PARTE III – Casamento, vida doméstica e domínio de si, 251

Cap. 6 – Domínio de si, temperança, felicidade e liberdade, 253

Cap. 7 – Domesticidade e domesticação, 275

Cap. 8 – Conflitos e ansiedades viris em torno da domesticação, 345

Considerações Finais, 389

Referências Bibliográficas, 395

Agradecimentos, 410

Introdução

Na segunda metade do século XIX e começo do XX, houve no Brasil um grande afluxo de livros e textos voltados para a formação moral masculina. Políticos, escritores, médicos, editores, professores e intelectuais se voltaram com urgência para a educação de meninos e para a regulação moral de homens adultos. Escreveram centenas de artigos em jornais e revistas, produziram dezenas de livros didáticos e prescritivos, traduziram outros tantos títulos estrangeiros, promoveram intensamente as obras perante o público e as utilizaram como base para guiar as emergentes políticas de instrução pública.

Pais e mães compraram livros — alguns vendidos aos milhares — para aprenderem novos padrões de ordenação familiar e educação doméstica. Quando seus filhos se tornaram rapazes, os presentearam com outros livros para garantir que continuassem no rumo de se tornarem “verdadeiros homens de bem”. Homens adultos mantiveram vínculos estreitos com seus livros, consultando-os como “compêndios da vida prática”, buscando instruções e conselhos para agir como “homens de verdade” perante os desafios e dilemas da vida. Os livros eram seus conselheiros, onde buscavam conforto, auxílio e fortificação. Faziam deles um espaço de contato consigo, onde, por meio de novas categorias morais, aprendiam a examinar e classificar seu mundo interior e exterior, se inspiravam para construir suas

identidades masculinas e se instruíam para cultivar e dominar a si mesmos de acordo com novos ideais de virilidade, produtividade, *civilização* e hombridade.

Por que nesse período houve tão amplo interesse, e tanta ansiedade, em torno da masculinidade e da moralidade dos homens na sociedade brasileira? Por que tanto entusiasmo com livros que esmiuçavam a vida, que se propunham a intervir e penetrar nas tramas mais miúdas do cotidiano, nas redobras mais recônditas das vivências íntimas? Por qual motivo pais e mães se interessavam por livros que desprezavam a sua tradição educacional e que ambicionavam ensinar-lhes uma nova forma de organização doméstica e de interagir com seus filhos? E por que homens adultos procuravam livros para aprender a interagirem consigo mesmos? Por que aspiravam serem capazes de classificar e controlar suas emoções, sensações e desejos?

Nesta tese, pretendemos compreender as motivações dessa vontade de saber, que estava intimamente conectada com um desejo de dominar, regular e disciplinar a vida masculina. Através da análise de textos e livros de prescrição para homens, objetivamos compreender como as normativas vinculadas à masculinidade e à domesticidade burguesa foram articuladas e difundidas pelas elites brasileiras como parte de um projeto de *civilização* para a recém-estabelecida nação tropical. Tendo em vista esse processo, a difusão desses novos padrões de domesticidade e de masculinidade não pode ser simplesmente compreendida como um processo decorrente do desejo das classes altas e médias brasileiras em mimetizar o modo de vida das burguesias europeias e da necessidade de atualizarem suas dinâmicas de distinção simbólica de raça, gênero e classe. Embora tais dinâmicas tenham sido relevantes, nossa tese é que a difusão desses novos padrões culturais estava articulada com a instauração de uma ordem disciplinar e normativa na sociedade brasileira, que tinha como finalidade constituir um projeto *civilizatório*, para o qual era preciso reformar o homem branco, a mulher branca, a família, a domesticidade e o lugar desses na sociedade.

Mais do que dominar e controlar esses sujeitos através de táticas de repressão e punição, as elites dominantes aspiravam moldar e produzir sujeitos dóceis, obedientes, capazes de objetificar, vigiar e sujeitar a si mesmos. Para tanto, era preciso desmobilizar a organização do poder instituída pelo patriarcalismo colonial em favor de uma ordenação disciplinar, na

qual todos os membros da família deveriam se tornar alvos e agentes do poder normativo e servir aos interesses do Estado e da nação. Analisando esse processo, pretendemos superar as dicotomias usuais e fazer uma espécie de história pública da vida privada: investigando como na formação e instituição dessas novas formas de masculinidade e de domesticidade o Estado e a família, a casa e a cidade, o indivíduo e a nação encontravam-se entremeados e profundamente articulados.

A organização da emergente nação brasileira inquietava as elites políticas e intelectuais do Império. Imbuídos da “missão” de conduzir a nação aos rumos da *civilização*, as elites do Segundo Reinado problematizavam a população brasileira e traçavam projetos para reformá-la. Ambicionavam transformar a ex-colônia recém-independente, multicultural e multirracial, majoritariamente agrária e escravista, que ainda em muito se assemelhava ao seu passado colonial, em uma nação *civilizada*, branca, urbana e industrializada, à imagem das nações europeias que tomavam como modelo. O *homem de bem* — ideal de homem branco, viril, cristão, chefe de família, pertencente às classes médias e altas, devoto à nação, culturalmente europeizado, disciplinado, racional e trabalhador — despontava na imaginação dessas elites como o grande protagonista desse processo *civilizatório*. Através de seu olhar machista e racista para a sociedade, consideravam que apenas esse homem branco *civilizado* estaria apto para instaurar a *ordem* e promover o *progresso*, conduzindo a nação à frente e acima dos grupos que classificavam como mais fracos e com capacidades inferiores, como as mulheres, os homens negros, os indígenas e os brancos e mestiços das classes baixas.

Apesar da sua crença na supremacia masculina e branca, as elites eram cientes de que nem mesmo seus próprios filhos nasciam *homens de bem*. Portanto, para levar a cabo seu projeto para a nação era premente estabelecer meios e instrumentos para formar, modelar, regular, disciplinar e ordenar os homens brancos ou embranquecidos das classes médias e altas. Para formar *homens de bem*, intelectuais e políticos do Império conceberam um projeto educacional e disciplinar no qual as esferas pública e privada eram pensadas de forma contígua e articulada. Se a instrução escolar era concebida como espaço primordial para o aprendizado intelectual, a casa de família era compreendida como a célula fundamental para

a educação moral. Como dizia Samuel Smiles, autor de livros de prescrição masculina que tiveram enorme sucesso no período, a família seria a “escola mais influente da civilização”, “onde os indivíduos que depois compõem a sociedade são tratados e modelados um a um”, de forma que “aquelles que têm a seu cargo a direção das crianças exercem mais poder do que os que têm as rédeas do governo”.¹ Escola e casa, mestres e pais, Estado, família e indivíduo, eram pensados como instâncias que precisavam ser devidamente coordenadas para a efetiva formação dos *homens de bem* – e também das *mulheres de família* – que iriam compor a futura nação brasileira.

Os livros prescritivos foram um dos principais instrumentos utilizados por essas elites para promover essa articulação entre as esferas pública e privada, entre suas aspirações *civilizatórias* e os interesses das famílias e dos indivíduos. Apresentados como conselheiros morais e auxiliares da vida prática, os livros permitiram a penetração dos discursos normativos nos meandros da intimidade e nas minúcias do cotidiano para regradar, regular, controlar e disciplinar a vida em seus domínios visíveis — como a rotina, a distribuição cotidiana do tempo, a organização do espaço, a produtividade — e invisíveis — como os prazeres, os sentimentos, a sexualidade, os desejos, os sentidos de vida, as aspirações e as imaginações de si e do mundo.

Dentre as diversas temáticas abordadas pelos livros, a domesticidade burguesa aparecia como um assunto central. Para os meninos, a casa era pensada como uma escola do mundo, onde deveriam aprender sua posição de classe, raça e gênero na sociedade. Para tanto, os livros normativavam uma pedagogização da vida doméstica: brinquedos, brincadeiras, rotina, histórias e pequenos exemplos cotidianos dos pais deveriam ser modelados para introduzi-los nos padrões da virilidade, da hombridade, da ética do trabalho e do domínio de si. Era preciso modelar desde cedo o seu *caráter* másculo, direcionando suas aspirações às glórias da carreira, do trabalho e dos serviços à nação e à *civilização*, orientando seus desejos e sonhos de satisfação para o casamento heterossexual, para a procriação, para a assunção do posto de chefe de família e para os prazeres do *lar*. O sucesso dessa formação dependia do exercício de um olhar vigilante, minucioso, clínico e analítico dos pais, que era ensinado nos

¹ SMILES, Samuel. **O Carácter**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878, p. 34.

livros para que pudessem explorar os potenciais educativos e disciplinares da rotina doméstica, bem como vigiar e evitar os “contágios morais” indesejados e inspecionar e disciplinar os desvios nos meninos.

Esse olhar perscrutador, que ambicionava controlar e disciplinar as intimidades dos desejos, dos sentimentos e das imaginações, também era incitado nos rapazes e homens adultos, que por meio dos livros de formação aprendiam a objetificar, vigiar e dominar a si mesmos. Através de um novo olhar para a domesticidade — que passava a ser entendida pelos moralistas e educadores da nação como uma trama de relações socioafetivas de alta eficácia disciplinar —, aprendiam a mobilizar suas materialidades como instrumentos de regulação moral, de moderação de suas paixões e prazeres e de otimização de suas forças produtivas. Alertados dos enormes riscos de uma vida desviante, imediatista e viciosa, eram persuadidos a convergir seus empenhos e energia no matrimônio, na formação de uma família, na constituição de um *lar* confortável e nas conquistas da carreira e das glórias *civilizadas*, se convencendo que eram os únicos âmbitos que lhes garantiriam verdadeira satisfação e felicidade.

Através dos livros e da domesticidade, os educadores da nação procuravam homogeneizar, regradar e disciplinar a vida dos homens. Normatizando a virilidade, a sexualidade, o casamento, o tempo, a procriação, os papéis familiares, o trabalho e outras áreas da vida, procuravam entrelaçar as esferas públicas e privadas e instituir um modelo masculino através do qual poderiam guiar e ordenar as energias dos indivíduos em prol de seu projeto *civilizatório*.

*

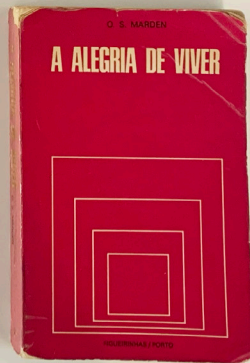
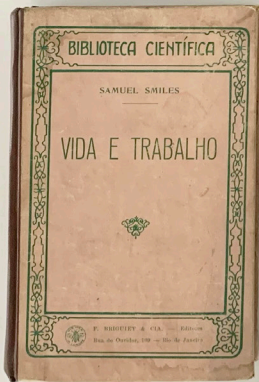
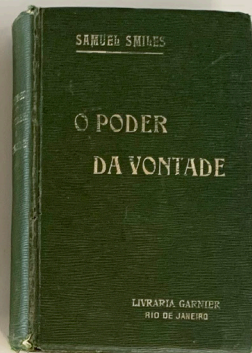
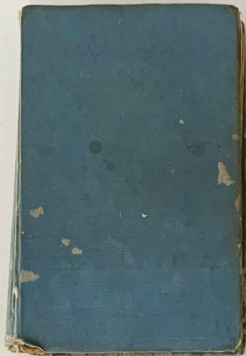
A tese está organizada em oito capítulos, divididos em três partes. Na Parte I, *Nação, família, domesticidade e os “homens de bem”*, apresentamos as motivações do projeto *civilizatório* formulado pelas elites brasileiras, exploramos seus contornos e objetivos e buscamos compreender quais eram os lugares estabelecidos para os livros, a domesticidade e a família na produção dos *homens de bem*. No primeiro capítulo, *Os livros, seus agentes e*

seus leitores, exploramos o circuito de produção, tradução e consumo dos livros prescritivos para meninos, jovens e homens adultos. Procuramos entender as especificidades materiais dos livros e do registro textual escolhido pelos autores para intervir na esfera doméstica e na interioridade dos indivíduos. Exploramos também as particularidades da tradução de autores estrangeiros e como os autores nacionais se constituíam enquanto agentes ativos no processo de *civilização* da nação brasileira. No segundo capítulo, *Educação da família*, investigamos como os educadores da nação compreendiam a articulação entre família e sociedade e entre domesticidade e esfera pública e como essa perspectiva era difundida nos livros e textos normativos. Procuramos investigar as problematizações da família que emergiam com o desejo de formar *homens de bem* e as táticas utilizadas pelos autores de preceptivas para persuadir pais e mães para que permitissem a intervenção de seus discursos em seus assuntos privados e aceitassem uma reordenação dos poderes na esfera doméstica.

Na segunda parte da tese, intitulada *Virilidade, disciplina e civilização*, procuramos explorar os vínculos entre a virilidade e o projeto *civilizatório* da nação brasileira. No capítulo *Formação da virilidade moral* investigamos como a virilidade era pensada como uma energia máscula e selvagem necessária para o processo *civilizatório* e que, portanto, era normatizada para os meninos para que eles pudessem cumprir seus papéis produtivos e moralizantes na sociedade. Em *Meninos ambiciosos e ativos* analisamos as indicações prescritivas para que, desde cedo, a vida dos meninos fosse orientada para o trabalho, a produção e a utilidade. A partir de uma compreensão de como a infância era problematizada pelos discursos normativos, investigamos as instruções para que os meninos fossem introduzidos em casa a um regime específico de temporalidade e para que os pais se empenhassem em moldar seus prazeres e seu sentido de vida em torno do trabalho, instilando neles um senso de autoapreciação, bem como aspirações de satisfação e felicidade, que estivessem intimamente articulados com o serviço à nação, ao *progresso* e à *civilização*. Em *Os perigos do contágio*, nos debruçamos sobre como os livros problematizavam a sociabilidade dos meninos e procuravam incutir nas mães um olhar analítico e clínico para que vigiassem, analisassem e corrigissem seus comportamentos desviantes. Em paralelo, analisamos como a vida doméstica e as materialidades da casa passavam a ser pensadas como instrumentos

de controle dos contatos sociais e culturais dos garotos, de modo que prevalecessem a educação familiar e normativa e fossem evitadas as influências divergentes.

Na terceira parte, *Casamento, vida doméstica e domínio de si* nos centramos nas normatizações promovidas em torno da vida adulta masculina. No capítulo *Domínio de si, temperança, felicidade e liberdade* buscamos apreender como os livros construíam sentidos específicos para a felicidade e a liberdade masculinas, que eram concebidas em estreita articulação com o engajamento dos homens no processo *civilizatório*. Analisamos como os prazeres eram problematizados pelo olhar normativo, que prescrevia para os homens um regime de temperança e uma objetificação de si mesmos, para que fossem capazes de controlar seus impulsos, paixões, desejos, sentimentos e emoções. Em *Domesticidade e domesticação*, nos centramos em compreender como textos e livros procuravam modelar os desejos e anseios masculinos em direção ao casamento, à procriação e à domesticidade burguesa, ao mesmo tempo em que produziam o medo e a ansiedade em torno de todas as outras culturas e tendências masculinas. Analisamos também como o olhar normativo para a vida doméstica procurava mobilizar as relações socioafetivas, espaciais, temporais e materiais da casa para controlar, disciplinar e regrar os prazeres, a imaginação, a produtividade e os desejos dos homens. Por fim, em *Conflitos e ansiedades viris em torno da domesticação*, analisamos a relação ambivalente das normativas masculinas com a vida doméstica e familiar e as ansiedades e conflitos em torno do casamento e da domesticidade que eram decorrentes dessa tensão.





Nação, família, domesticidade e os “homens de bem”

(PARTE I)

Em 1859, o professor do Colégio Imperial D. Pedro II e alto burocrata do Estado Imperial, João Baptista Calógeras, argumentava que na construção do sistema de instrução público brasileiro, “se fôr preciso escolher”, era preciso priorizar a formação moral do que a intelectual da nação, “antes educação do que instrução; antes moralidade do que sciencia; antes fazermos homens de bem do que sabichões”.¹ Em 1870, por indicação do Ministro dos Negócios do Império, Baptiste-Louis Garnier edita a primeira versão brasileira do livro *O Poder da Vontade*, de Samuel Smiles, considerando “impossível oferecer-se, não só à mocidade, senão mesmo aos adultos, um livro mais eminentemente moral e moralizador, e

¹ Calógeras lecionava História e Geografia no Colégio D. Pedro II, instituição de ensino modelo do Estado Imperial, desde 1847, junto com outras figuras destacadas da intelectualidade brasileira do período, como Joaquim Manoel Macedo, Gonçalves Dias e José da Costa Carvalho, Visconde de Monte Alegre. Foi também fundador de colégios privados, como o Ateneu Fluminense e professor do Colégio Kopke em Petrópolis. Para além das atividades didáticas, seu envolvimento com o Estado Imperial também se dava através do IHGB, no qual ingressou logo após sua fundação, em 1840, e no qual, em 1858, foi incumbido de investigar e reunir documentos sobre os limites territoriais brasileiros. Em 1859 foi nomeado primeiro oficial da secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e, no começo da década de 1860, chegou ao posto de primeiro oficial do gabinete do Ministro de Negócios Estrangeiros. Sobre Calógeras, ver SINÉSIO, Daniel Jacuá. **A questão Christie e a atuação do secretário João Batista Calógeras (1862-1865)**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013, p. 69-91; INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO BRASILEIRO. João Batista Calógeras. *In*: PERFIS. Rio de Janeiro: IHGB, s/d. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/JBCalogeras.html>. Acesso em: 14 set. 2023. CALÓGERAS, João Batista. Instrução. **Revista Popular**, Rio de Janeiro, v. 1, 1859. p. 95 apud NARITA, Felipe Ziotti. **Moral, Educação e religião na civilização da infância no Segundo Reinado (1854-1879)**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2016, p. 129.

no qual se reflectam com maior attractivo as elevadas e puras intenções de um *homem de bem*². Em 1880, o médico e político Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho, filho do Visconde de Jaguaribe, publica *A arte de formar homens de bem*, um livro dedicado a dar “aos paes de familia e os directores de educação” material para que “possão inocular no espirito de seus filhos e discípulos o estímulo, respeito e conhecimento com os quaes, na infância, na virilidade e ainda mesmo na velhice, todos se pôdem escudar, afim de se tornarem — HOMENS DE BEM”³. Alguns anos depois, em São Paulo, na folha de rosto de uma edição de *O Caráter*, um alto burocrata paulistano expressava o desejo de que “neste bom e excellente livro” seu filho pudesse aprender “a ser um verdadeiro homem de bem”⁴.

Homem de bem, homem de caráter, homem de família, pai de família, chefe de família, homem de honra, homem honrado eram as variadas formas pelas quais as classes altas brancas e intelectualizadas da segunda metade do século XIX e começo do XX se referiam a um ideal masculino no qual estavam condensadas expectativas de masculinidade, produtividade e moralidade articuladas em torno de três papéis sociais: o de pai e chefe de família, o de cidadão ordeiro e o de trabalhador eficiente e disciplinado. Articulando a cultura secular e a moralidade cristã, racionalidade e religião, o *homem de bem* pautaria sua conduta e costumes pelas leis do Estado, pelos imperativos do *progresso* e pelos *deveres* morais da Criação. Comprometido com a ordem da família e a reprodução da sociedade *de bem*, assumiria plenamente seus *deveres* matrimoniais e patriarcais, protegendo e guiando moralmente esposa e filhos. Para além de provedor da família, seu trabalho — intelectual, político ou artístico — seria também realizado em prol do *progresso* da nação e de toda a humanidade. Civilizado, disciplinado e trabalhador, o *homem de bem* não se deixaria subjugar por outros homens e não se resignaria diante das dificuldades da vida. Ele seria viril, dominador e firme, de *vontade* intransigente, mas sem deixar-se destemperar e levar pelos vícios. Dominando e cultivando a si mesmo, se voltaria ao que há de profundo e elevado e se

² GARNIER, Baptiste-Louis. Ao leitor. In: SMILES, Samuel. **O Poder da Vontade ou Carácter, comportamento e perseverança**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1870.

³ JAGUARIBE FILHO, Domingos José Nogueira. **A arte de formar homens de bem – oferecida às maes de familia**. São Paulo: Typographia do Correio Paulistano, 1880, p. 4.

⁴ Dedicatória de José Maximino de Sampaio a seu filho Clemente de Araújo Sampaio, realizada em 1886 em um exemplar de *O Carácter* de Samuel Smiles. SMILES, Samuel. **O Carácter**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878 (acervo do autor).

distanciaria do que é sensual e passageiro, seria sensível ao amor, à beleza e às virtudes e resistente às paixões que constantemente ameaçavam azarar a família, a nação e toda a humanidade. O *homem de bem* condensava um desejo e um projeto de nação no qual religião, família, domesticidade, raça e gênero estavam intimamente articulados.⁵

Desde a Independência, e com maior tração a partir do Segundo Reinado, a organização da emergente nação brasileira se tornava uma preocupação premente das elites políticas do Império e da intelectualidade do país. O horizonte desafiador ao qual se propunham era transformar uma ex-colônia majoritariamente agrária e escravista em uma nação *civilizada*, aos moldes da França e da Inglaterra, tidas como ápice civilizatório da humanidade.⁶ Entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, os impasses dessa nova nação inquietaram por décadas gerações de intelectuais e agentes estatais. Nos bancos das recém-criadas Faculdades de Medicina, das Academias de Direito, dos Museus de Etnologia, nas produções literárias e debates jornalísticos, nas escolas, nos altos e baixos círculos do Estado, da Igreja e da burocracia, na acalorada redação, edição e tradução de livros, os homens dessas emergentes elites nacionais se perguntavam incessantemente sobre a origem de seus problemas e, sobretudo, se imbuíam da “missão” de conduzir a nação aos rumos da *civilização*.⁷

A *civilização* como modelo e ideia passava pela necessidade de construção de uma ordem específica — pautada pela tradição moral cristã, que garantiria a estabilidade e a organização

⁵ ESCUDEIRO, Richard Miskolci. **O desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2012, edição Kindle.

⁶ Sobre a construção intelectual e política da Europa Central como “destino” e norma civilizatória, ver: PATTERSON, Thomas C. **Inventing Western Civilization**. Nova York: Monthly Review Press, 1997, edição Kindle.

⁷ Sobre os debates e projetos de nação gestados nas instituições acadêmicas, ver SCHWARCZ, Lília. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Cia das Letras, 1993; COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983; SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 19-94. Sobre o empenho da intelectualidade no *serviço* à nação e na visão dos escritores como tendo uma “missão” civilizatória ver CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1750-1836)**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 2000, v. 1, p. 215-229; CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1836-1880)**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 2000, v. 2, p. 11-38; ESCUDEIRO, op. cit. Para os debates internos ao Estado Imperial, ver MATTOS, Ilmar Rohloff. **O tempo saquarema**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2004; com enfoque no debate sobre a instrução e a educação pública, ver NARITA, op. cit.; CALVI, Lourdes Margareth. **As transformações sociais e a instrução pública**: uma análise dos projetos de reforma educacional e dos relatórios ministeriais de 1868 a 1879. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2003.

geral da sociedade, baseada em hierarquias de gênero, raça e classe — e de forças propulsoras do *progresso* — que impulsionassem a sociedade rumo ao seu desenvolvimento intelectual, técnico, científico, econômico e social.⁸ Assim, a construção de uma nova nação demandava empenho na unificação socioespacial de seus domínios, exigindo esforços não apenas em sua interconexão econômica, política e material, mas também na construção de uma coesão social, que seria realizada por meio de uma unificação sociocultural, que passava pela produção de uma identidade nacional, mas também de uma identidade moral.⁹ Formar uma nação não era apenas construir uma mitologia nacional agregadora, mas também projetar e promover a internalização de uma organização moral, que permitiria que os sentimentos e ações de todos os brasileiros pudessem ser integrados e ordenados em um mesmo sentido.¹⁰

As elites intelectuais, econômicas e políticas do país desejavam e projetavam uma nação espelhada em um ideal de homem branco (ou embranquecido), culturalmente europeizado, cristão, que pertencesse à classe alta ou aos emergentes segmentos médios urbanos.¹¹ As mulheres brancas ou embranquecidas eram pensadas em posição secundária: como esposas, seriam restritas à função de suporte aos maridos, e, como *mães de família*, exerceriam o papel reprodutivo e formativo dos futuros *homens de bem*. Por sua vez, a enorme população negra, livre ou escravizada, bem com os brancos e mestiços das classes baixas, constituíam um impasse no pensamento das elites. Sobretudo após a Guerra do Paraguai, quando a

⁸ PATTERSON, op. cit.; SCHWARCZ, op. cit., p. 43-66.

⁹ MATTOS, op. cit.; NARITA, op. cit., p. 11-13; BASTOS, Maria Helena Câmara. Leituras da Ilustração Brasileira: Samuel Smiles (1812-1904). *Revista Ícone*, Uberlândia, v.6, n. 1, 2000, p. 117-134.

¹⁰ COSTA, op. cit.; NARITA, op. cit.

¹¹ Embranquecer no Brasil era uma questão complexa. De forma geral, embranquecer significava de fato uma mudança de aparência física – de traços fisionômicos e de cor de pele – que se constituía em um movimento intergeracional, a partir de uma relação sexual interracial. Sendo pardos ou mestiços os sujeitos adquiriam outra estima entre os circuitos privilegiados da sociedade. Porém, embranquecer não era somente uma transformação de fisionomia, mas também a adesão a padrões culturais associados com a branquitude – que, para os homens, eram as normativas associadas com o ideal do *homem de bem*. Assim, para além do clareamento da pele, era necessário também a adesão a uma visão de mundo e um empenho na construção de si a partir dos modelos normativos. Como veremos mais adiante, embora fossem casos minoritários, houve homens negros que mesmo sem terem traços fisionômicos brancos puderam embranquecer através da constituição de si mesmos como *homens de bem*. Sobre a questão da aparência e da cultura no racismo brasileiro, ver: SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012; IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil**. São Paulo: ed. Brasiliense, 1987; SKIDMORE, op. cit.; SCHWARCZ, op. cit.

abolição da escravatura se tornava um horizonte iminente, esses grupos passavam a ser classificados como um contingente populacional indesejado e temido, percebidos como incompatíveis e ameaçadores à nação que idealizavam. O trabalho intelectual e as ações das elites e do Estado para lidar com essa problemática serão paralelas e distintas às projetadas para os mais privilegiados, onde depositavam as esperanças da nação. Para os negros e mestiços pobres, ao invés da educação, seguirão operando majoritariamente com a lógica da repressão, da exclusão e da subjugação. Entre esses dois grandes grupos, os imigrantes europeus brancos e pobres e os mestiços de pele clara ocupavam uma posição ambivalente: ora eram pensados como contingentes que poderiam concretizar o sonho de embranquecimento da nação, que poderiam ser educados e civilizados, ora como classe baixa e trabalhadora, que precisava ser reprimida, disciplinada e subjugada.¹²

Nesse contexto, o ideal do *homem de bem* — branco, de alta classe e *civilizado* — despontava entre a intelectualidade brasileira como grande protagonista da nação emergente: pensado simultaneamente como garantidor da ordem interna da sociedade e o promotor de seus avanços.¹³ Eram imaginados como o perfeito equilíbrio entre a *virilidade* — energia viril, selvagem, agressiva, forte, dominadora que se acreditava ser parte da natureza de todos os homens — e a *hombridade* — que seria a capacidade de ser “livre” para resistir aos imperativos da natureza, que garantia a capacidade de autocontrole, de ação virtuosa, de desenvolvimento de um *caráter* elevado e de exercício pleno da razão e um atributo que, sob a ótica racista dominante, era pensado como característico da branquitude.¹⁴ O *homem de bem* seria capaz de controlar, manejar e modelar a natureza em

¹² SCHWARCZ, op. cit., ESCUDEIRO, op. cit.; COSTA, op. cit., p. 11-33; SKIDMORE, op. cit.

¹³ OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Ed. UFMG/IUPERJ, 2004; BEDERMAN, Gail. **Manliness and civilization: a cultural history of gender and race in the United States, 1880-1917**. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1995; ESCUDEIRO, op. cit.; SCHWARCZ, op. cit. SKIDMORE, op. cit.

¹⁴ *Virilidade e hombridade* são traduções livres das categorias *masculinity* e *manhood*, utilizadas por Gail Bederman para diferenciar os atributos físicos e enérgicos dos homens, selvagens ou civilizados, e os atributos morais e de auto-controle cultivados pela masculinidade vitoriana, que eram pensados nos Estados Unidos da época, como atributos exclusivos da branquitude. Bederman pensa a estrutura racial a partir do contexto norte-americano, portanto, estruturada na dualidade branco-negro. Como mostram Thomas Skidmore e Lilia Schwarcz, o Brasil desse mesmo período era pensado por suas elites como uma nação multirracional, onde, para além do branco e do negro, havia também o “mulato” e a perspectiva de uma miscigenação branqueadora. Nesse sentido, ao pensarmos as qualidades inerentes à branquitude aqui, é importante pensarmos que muitos consideravam que elas estavam também presentes, mesmo que parcialmente, em indivíduos mestiços, que em associação com

todas suas formas e manifestações externas e internas a si mesmo. A natureza dos animais, dos vegetais, das leis da física, das intempéries; a natureza agressiva, violenta, indolente e lasciva dos homens considerados incivilizados; a natureza frágil, sensível e instável das mulheres; a natureza das suas próprias paixões e impulsos, das inclinações preguiçosas, desregradas e imorais de seu corpo, de seus pensamentos, de sua imaginação e de todos outros recantos de sua existência.

Dessa maneira, para civilizar a si mesmo e a sociedade, em suas funções públicas e familiares, o *homem de bem* deveria conjugar a energia selvagem da *virilidade* — sem a qual não poderia liderar, proteger, conquistar, dominar a si mesmo, a família e a nação — e o refinamento *civilizacional* da *hombridade* — sem o qual não poderia guiar a si mesmo e a coletividade, agindo com justiça, razão, disciplina, probidade e temperança. Dessa combinação singular advinha a sua especial potencialidade civilizacional e nela se construía a sua autoridade e legitimidade para liderar e conduzir a nação à frente e acima dos grupos que, a partir do olhar racial e machista dominante das elites políticas e intelectuais brasileiras, eram vistos como mais fracos — como as mulheres — ou incapazes de controlarem sua natureza — como os homens negros, livres ou escravizados, indígenas, bem como brancos e mestiços das classes baixas.

No projeto civilizatório, o *homem de bem* seria responsável pela manutenção da ordem e do *progresso* na sociedade e, para tanto, era pensado nas funções de trabalhador, cidadão e chefe de família. Na esfera doméstica, como patriarca, o *homem de bem* garantiria a manutenção e a reprodução da sociedade *de bem*, que era a sociedade dos grupos privilegiados que eram imaginados como parte da nação. Procriando, protegendo, provendo e guiando moralmente a família, garantiria uma vida digna e correta para sua mulher, que

a posição de classe e adequação aos códigos culturais da branquitude poderiam ser aceitos nos círculos das elites brancas e desfrutar de parte de seus privilégios. Clóvis Moura também constata a possibilidades de mestiços se autoperceberem e autodefinirem como brancos por “encontrar-se em posição social capaz de branqueá-lo e fazê-lo passar por branco nos diversos níveis de contato com as classes dominantes”, o que atribui à maleabilidade que o conceito de *branco* possui no Brasil, “variando de acordo com a condição social, cultural ou política de cada um”. BEDERMAN, op. cit., p.172; SKIDMORE, op. cit., p. 54-95. Sobre o lugar do “mulato” na percepção racial brasileira e a diferença de sua posição no espaço social em relação ao negro, ver: IANNI, op. cit., p. 51-109. Sobre a crença na “liberdade” do homem branco em relação a seus impulsos naturais e a possibilidade de atingir a “perfectibilidade” da raça humana, ver: SCHWARCZ, op. cit., p. 43-66 e SCHUCMAN, op. cit., p. 17-45, 72-82; MOURA, Clóvis. **O Negro: de bom escravo a mau cidadão?** São Paulo: Ed. Dandara, 2021, p. 39.

era pensada como incapaz de subsistir dentro dos moldes civilizados se não fosse pelo amparo masculino. Em parceria com a esposa, seria responsável por formar e conduzir as filhas a serem esposas-mães civilizadas e a formar e conduzir os filhos para serem *homens de bem*.

As bases morais dessa ordem advinham da tradição cristã e os seus costumes, *deveres* e preceitos eram pensados não apenas como divinos, mas também, por uma via secularizada, como os costumes e guias morais mais evoluídos e civilizados.¹⁵ Para o chefe de família, a domesticidade era um instrumento de transmissão de valores e exemplos, bem como de regulação, utilizado para controlar as relações da família, sobretudo das mulheres, disciplinando as fronteiras físicas, corporais e intelectuais entre os de dentro e de fora, procurando evitar, como se passava a dizer no final do século XIX, que fossem “vítimas” de “contágios morais” que poderiam advir da convivência com más companhias, do contato com más leituras, da observação de maus exemplos etc.

Na esfera pública, através do trabalho e do engajamento cívico, o *homem de bem* seria responsável por empreender e chefiar os progressos da nação, como a promoção da indústria, da economia, das artes, das ciências, da ordem estatal; a defesa da pátria na guerra, a exploração e conquista de novos territórios; e a *civilização* e subjugação de populações tidas como inferiores —indígenas, os negros, libertos ou escravizados, trabalhadores pobres, rurais e urbanos —, um componente central do “imperialismo interno” brasileiro, que era constitutivo do processo civilizatório idealizado pelas elites.¹⁶ Moldado na imagem do herói, do gênio, do empreendedor, do varão da nação, com seu indomável senso de autonomia, razão superior, seu discernimento moral destacado, sua audácia, obstinação, coragem, força de *vontade*, disciplina, força física e virilidade, o *homem de bem* seria responsável por elevar a pátria. A domesticidade, nesse sentido, era pensada como o seu refúgio civilizado, local de descanso com prazeres amenos e temperados, de compensação pelas árduas batalhas da vida pública; mas também local de cultivo e aperfeiçoamento de si, através das atividades introspectivas, e instrumento para a

¹⁵ PATTERSON, op. cit.

¹⁶ SCHWARCZ, op. cit., p. 27-28.

renovação, domínio, regulação e disciplina de suas energias, com vistas a manter a regularidade e constância de suas ações em prol do *progresso* de sua família e da nação.

Contudo, esse homem branco ou embranquecido, homem de pulso e energia, imaginado ao mesmo tempo como trabalhador determinado e devoto às causas da nação e da *civilização*, chefe de família probo e temperado, moralmente aguçado e disciplinado, não estava pronto. Nem mesmo os filhos das elites nasciam prontos: suas aspirações, desejos e anseios não necessariamente estavam alinhados com o ideal do *homem de bem*. Nem todos se identificavam com os imperativos da *virilidade* e da *hombridade*, nem todos desejavam casar, se reproduzir, formar um *lar*, ser um chefe de família, nem todos eram heterossexuais, nem todos viam seus corpos como pertencentes antes a coletividades maiores como “a pátria”, “a família”, “a nação”, do que a si mesmos; nem todos ambicionavam um domínio de si, uma vida regrada, disciplinada e temperada, na qual o trabalho e a carreira figurassem como cernes identitários e principais sentidos de vida.

Na cultura patriarcal predominante até meados do século XIX, os filhos não eram concebidos como indivíduos autônomos que poderiam ansiar um desenvolvimento próprio e particular, mas como uma existência intrínseca ao corpo familiar, que deveria servir ao seu projeto coletivo, que era regido por seu chefe.¹⁷ Sob a ordem patriarcal, os homens eram formados para pensarem a si mesmos como indivíduos a serviço dos interesses e objetivos da coletividade familiar. Dessa maneira, casamento, procriação, apadrinhamento dos filhos, escolha da profissão e modo de vida não eram escolhas individuais, mas familiares, decididas a partir das necessidades de formar alianças e angariar capitais econômicos, sociais e culturais para a coletividade familiar. Paralelamente, a ordem católica, também predominante, fixava a obediência ao pai, o matrimônio, a procriação e a assunção do posto de chefe de família como percurso indispensável aos homens, calcado em *deveres* morais e divinos.

¹⁷ BRÜGGER, Silvia Maria Jardim. **Minas patriarcal**: família e sociedade (São João del Rei – séculos XVIII e XIX). São Paulo: Annablume, 2007, p. 49-51, 157-159, 217; ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Editora Intermeios, 2013, p. 27-76. Uma discussão mais detalhada da cultura patriarcal corrente entre os segmentos abastados brasileiros no século XIX será realizada nas partes II e III desta tese.

Em meados do século XIX, a crescente exaltação da individualidade promovida por correntes de pensamento que começavam a circular na emergente esfera pública brasileira — como o liberalismo e o romantismo —, começam a competir com a ordem patriarcal e religiosa na formação masculina, abrindo portas para que os homens brancos das classes privilegiadas começassem a pensar a si mesmos com um grau elevado de individuação. Nesse processo de distanciamento da coletividade familiar e da perspectiva de mundo exclusivamente patriarcal e religiosa, os homens de alta classe passavam também por uma transformação em sua organização psíquica, na qual o espaço intrapsíquico ganhava relevo, legitimidade e passava a receber maior investimento. Dessa maneira, começam a cultivar, explorar e dar importância às suas experiências idiossincráticas e pessoais, como sentimentos, afetos, desejos e pensamentos. Um “eu” maior, mais autônomo, que se desenhava em relação ambivalente com seu entorno sociocultural, começava a ganhar espaço na definição de si e, conseqüentemente, na orientação das ações, anseios e objetivos dos indivíduos.¹⁸

O ideal racista da supremacia branca, o ideal patriarcal da supremacia masculina e a posição de classe elevada davam condições ao homem branco para ocupar o papel que a intelectualidade ambicionava, mas não garantiam o seu desenvolvimento. O homem branco era um *homem de bem* em potencial, porém, para desenvolver plenamente essa potencialidade ele precisava ser formado, modelado, seduzido e persuadido a ocupar esse papel de protagonista da nação. Por isso, a urgência por educá-los era premente, bem como a elaboração de estratégias e dispositivos para que se mantivessem nos trilhos da *civilização*.

Para modelar e formar indivíduos aptos a corresponder às aspirações dessa elite, a educação moral, sobretudo a partir do Segundo Reinado, torna-se um tema candente. Não

¹⁸ Para uma explicação mais detida do fenômeno de individuação e de interiorização psíquica na sociedade brasileira, ver: COSTA, op. cit., p. 96-98; ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit., p. 33. Sobre o fenômeno da interiorização psíquica na modernidade Ocidental, ver: CARVALHO, Vânia Carneiro de. Quando sonhar está na moda – a nostalgia do feminino na cultura de consumo. *História: Questões & Debates*, Curitiba, volume 65, n.2, jul./dez. 2017, p. 151-153; RICE, Charles. *The emergence of the interior: Architecture, Modernity, Domesticity*. Londres/Nova York: Routledge, 2007, p. 9-36; FUSS, Diane. *The sense of an interior: four writers and the rooms that shaped them*. Londres/Nova York: Routledge, 2004, p. 1-45; LUKACS, John. *The Bourgeois Interior: Why the most maligned characteristic of the Modern Age may yet be seen as its most precious asset*. *The American Scholar*, v.39, n. 4, 1970, p. 616-630.

apenas o Estado Imperial, e depois o Republicano, mas também diversos outros segmentos dos altos círculos sociais se articularam em torno desse empenho de *civilização* da sociedade, como jornais, revistas, escritores, intelectuais, professores, editores de livros, pais e mães de família, preceptoras e mestres particulares. Os alvos desses esforços eram os jovens e as crianças — que deixavam de ser vistos como “pequenos adultos” e passavam a ser merecedores de atenções formativas específicas para se tornarem os futuros cidadãos da nação —, mas também se estendia aos adultos, que também passavam a ser alvos do poder disciplinar.¹⁹

De modo geral, essas ações civilizatórias dividiam-se em duas frentes: a instrução — ou ilustração, como se dizia à época —, dedicada à formação intelectual; e a educação, dedicada à formação moral. Indissociáveis uma da outra, ao passo em que a instrução construía competências de reflexão e abstração para o indivíduo, a educação deveria se ocupar da formação desse indivíduo para a vida coletiva, para compor uma sociedade que se pretendia harmônica, coesa e ordenada. Nesse empenho de formação, as esferas públicas e privadas eram pensadas de forma contígua e articulada. A instrução escolar — pública ou privada —, que ambicionavam expandir e vulgarizar, não era concebida como espaço central e totalizante do processo de formação, mas como um polo complementar à ação educativa no âmbito doméstico, que deveria ser intensificada e ampliada, e ao constante autodomínio que os indivíduos deveriam exercer sobre si mesmos. Escola e casa, mestres e pais, Estado, família e indivíduo eram pensados como parceiros na formação dos *homens de bem* e das mulheres de família que iriam compor a emergente nação brasileira.²⁰

Distantes de uma perspectiva sistêmica da sociedade, na segunda metade do século XIX os arautos da educação localizavam nos indivíduos a origem dos problemas da sociedade e na família um de seus principais instrumentos de correção. O começo e o fim das desordens e do atraso encontravam-se na esfera individual e era responsabilidade partilhada do Estado,

¹⁹ NARITA, op. cit., p. 12-13, 25-28, 57, 204; CALVI, op. cit., p. 76-77; AUGUSTI, Valéria. **O romance como guia de conduta: A Moreninha e Os dois amores**. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-Unicamp, Campinas, 1998; GOUVEA, Maria Cristina; JINZENJI, Monica Yumi. *Escolarizar para moralizar: discursos sobre a educabilidade da criança pobre (1820-1850)*. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, p. 114-132, 2006; COSTA, op. cit.

²⁰ NARITA, op. cit., p. 120-128, 210-211.

das famílias e dos indivíduos construir um ambiente adequado para a formação e manutenção da ordem moral, que garantiria o progresso e a harmonização social. Como para eles não havia fato social, mas apenas o fato moral ou, sob o olhar higiênico e evolucionista da virada do século, o fato médico ou biológico, ao invés de focarem no crime ou na criminalidade, focavam no criminoso, ao invés da pobreza, no pobre, e ao invés do trabalho e da economia, no trabalhador e na sua disciplina.²¹ Por essa perspectiva, amplamente difundida entre as classes altas e dirigentes do período, as revoltas individuais e coletivas, os tumultos sociais, a rebeldia, a pobreza, a vagabundagem e até mesmo a saúde corporal, advinham em certa medida da falta de instrução intelectual, mas, sobretudo, de uma ampla deficiência na formação moral, que permitia aos sujeitos de todas as classes sociais desviarem-se de seus *deveres* para consigo mesmos, para com a família e para com a sociedade.²² Pensando a sociedade como uma somatória de indivíduos, a perspectiva dominante de reforma social entre as classes dirigentes era a reforma dos indivíduos, de maneira que, uma vez que todos fossem *homens de bem* e *mães de família*, as disfunções sociais seriam harmonizadas.

Na introdução de *A arte de formar homens de bem*, por exemplo, o médico, agricultor e político Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho apresenta sua obra ao público argumentando que só pela divulgação e ampla difusão da educação na sociedade que “se formará homens de bem, e se garantirá o bem-estar de nossa pátria, visto que, como já disse um escritor, a estabilidade das instituições depende principalmente da estabilidade do carácter”.²³ No mesmo sentido, duas décadas antes, o também médico Pedro Ernesto Albuquerque de Oliveira argumentava em *Deveres do Homem – Reflexões moraes e philosophicas para uzo da infância*, que a educação era esforço central para superação dos problemas da sociedade brasileira, uma vez que “a ignorância dos deveres do homem, a falta de moral e de religião, ou os erros do fanatismo e da superstição, produzidos por uma

²¹ Com fato social me refiro à percepção de que há condutas e formas de agir que não são resultado exclusivo de fenômenos da ordem individual, estando associados com dinâmicas — sociais, culturais, econômicas, políticas — de esferas supraindividuais. Sobre a construção do fato médico e biológico pela medicina oitocentista, ver: COSTA, op. cit., p. 49-77 e SCHWARCZ, op. cit., p.189-238.

²² NARITA, op. cit.

²³ JAGUARIBE FILHO, Domingos José Nogueira. Ao leitor. In: **A arte de formar homens de bem – oferecida às maes de familia**. São Paulo: Typographia do Correio Paulistano, 1880, p. XV.

educação mal dirigida, são a fonte inexgotável dos males individuais e sociais”.²⁴ Para Félix Ferreira, intelectual de grande relevo nos debates nacionais sobre a instrução pública masculina e feminina, “a educação esmerada ou descuidada, o talento ou a ignorância, a virtude ou o vício, são cousas que produzem a elevação ou a decadência, não só da família, como do estado”²⁵. Sobre a criminalidade, Pedro de Oliveira argumentava que:

A simples reflexão nos mostra que a origem dos crimes, são os vícios, e que na destruição d’estes, está a terminação d’aquelles; mas para alcançar este fim, são necessários os esforços reunidos, do governo e dos cidadãos, porque se estes dois elementos sociais não se coadjuvarem mutuamente, as leis poderão castigar o crime, mas jamais poderão reprimir ou evitar.²⁶

Imbuídos dessa missão civilizatória, os intelectuais voltavam suas penas para os lares e para as famílias como pontos estratégicos de intervenção, elegendo pais e mães como seus principais alvos e interlocutores para a formação da infância e da juventude, e dirigindo-se diretamente aos homens adultos, para persuadi-los a seguirem dominando e cultivando a si mesmos. Em *Ordem médica e norma familiar*, ao analisar a atuação do emergente campo médico brasileiro no âmbito familiar, Jurandir Freire Costa observa que o principal empecilho para a cooperação entre médicos e chefes de família residia na percepção desses últimos de que a família era domínio exclusivo do *pátrio poder* e que seus membros deveriam estar exclusivamente a serviço de sua autoridade e dos interesses e objetivos do projeto familiar. Percebendo que o modelo jurídico-punitivo não era eficiente para abrir as portas da domesticidade, a intelectualidade estatal percebe que não bastava construir saberes e projetos dentro das academias e faculdades, era necessário também seduzir e persuadir os sujeitos para que aderissem às suas normativas. Para tanto, passam a investigar os meios possíveis para construir pontes e caminhos para convencer as famílias — sobretudo, os

²⁴ *Deveres do Homem* foi publicado pela primeira vez em São Paulo, em 1864, pelo Typographia Litteraria e reeditado na Corte em 1871, pela Typographia de J.M.ª d’Aguiar. OLIVEIRA, Pedro Ernesto Albuquerque de. **Deveres do Homem**: reflexões moraes e philosophicas para uso da infancia. São Paulo: Typographia Litteraria, 1864, p. VII-VIII.

²⁵ FERREIRA, Félix. A educação da mulher. **A Mãe de Família: Jornal Científico, Litterario e Ilustrado**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 11, jun. 1879, p. 83-84.

²⁶ OLIVEIRA, op. cit., p. 68.

chefes de família — de que seus membros eram também membros de uma nação e que a cooperação entre Estado, médicos e família era benéfica a todos.²⁷ Da mesma forma, também vão se dirigir aos homens adultos, com a finalidade de que sua autoestima, seus desejos e suas aspirações de bem-estar, satisfação íntima e realização social se alinhassem com as normativas associadas ao ideal do *homem de bem*. No avesso, promoviam discursos que ambicionavam projetar uma sombra de vergonha e uma difusa sensação de desajuste e culpa entre os que não se conformassem aos padrões de comportamento normatizados.

Para promover esse alinhamento entre Estado e cidadãos, os intelectuais brasileiros encontram no livro um instrumento de intervenção eficiente, capaz não apenas de adentrar o espaço recôndito da vida doméstica, conectando as esferas pública e privada, mas também de promover uma intervenção minuciosa e detalhada na vida diária, através da qual seria possível reger e mediar todas as relações que aconteciam nesse espaço, que circundavam a formação e o cotidiano dos *homens de bem*, bem como penetrar e formatar o interior dos sujeitos, modelando seus desejos, suas aspirações, seu olhar sobre si mesmo e seus sentidos de satisfação, felicidade e sucesso.

É nesse contexto que a intelectualidade engajada nesse empenho de moralização da sociedade passa a se dedicar a escrever, difundir, traduzir e editar livros de educação moral voltados para a formação de crianças, jovens e adultos do sexo masculino, alguns direcionados simultaneamente para o espaço escolar e doméstico, outros diretamente para o meio familiar. Família, domesticidade, casamento, paternidade, maternidade e outros assuntos da esfera individual masculina — sexualidade, aspirações, desejos, vida interior e imaginativa — tornam-se assuntos de grande interesse público, abordados nas escolas e profusamente discutidos na esfera pública dos brancos abastados: nos jornais, nas revistas e, sobretudo, nos manuais de vida doméstica e nos livros de preceptivas masculinas. Professores, familiares e indivíduos eram estimulados a desenvolverem um olhar apurado para escrutinar e analisar as condutas masculinas, que passam a ser alvo de novas técnicas para modelar seus comportamentos, desejos e anseios.

²⁷ COSTA, op. cit., p. 49-78.

O interesse na produção e difusão de livros e textos normativos para a formação de *homens de bem* conectava uma ampla cadeia de agentes, composta majoritariamente por homens de classe alta, que pertenciam aos circuitos das elites intelectuais e políticas do país. Alguns participavam mais ativamente do circuito de produção — redigindo livros inéditos, se ocupando da tradução, importação e edição de obras estrangeiras, ou ainda, na edição e circulação de periódicos especializados —, outros, nos circuitos de legitimação, difusão e circulação dessas obras e de suas ideias pela sociedade, como os que se empenhavam pela sua inserção nas matrizes curriculares das escolas, que propagandeavam e difundiam suas ideias nos jornais e revistas e que, como figuras públicas, chancelavam publicamente as obras e suas ideias.

Dentre os livros produzidos no Brasil, podemos mencionar as publicações de educação moral escritas por médicos como *Deveres do Homem* (1865), de Pedro Ernesto Albuquerque de Oliveira²⁸; *A arte de formar homens de bem* (1880) e *Inteligência e moral do Homem* (1887), de Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho²⁹ e, já em tempos republicanos, *Elementos de instrução moral e cívica* (1897), de João Diogo Esteves da Silva³⁰. Também se

²⁸ Filho do Capitão-mor Lucas de Siqueira Franco, Pedro Ernesto Albuquerque de Oliveira nasceu em 1834 em Lisboa, lá formou-se em medicina, e se naturalizou brasileiro em 1858. Aqui, atuou como escritor, como grão-mestre de uma loja maçônica no Rio de Janeiro e como médico homeopata. Fora do circuitos mais privilegiados e dominantes das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, foi professor de medicina e farmácia na Escola Homeopática do Brasil, médico da Enfermaria do Hospital de São Vicente de Paulo, na Corte e professor de Medicina Legal na Província de São Paulo. Se empenhou intensamente na construção de espaços públicos de debate através da criação, colaboração e edição de periódicos especializados como *O medico popular: jornal medico* (1851) e *O Athleta: jornal medico* (1852), e jornais para discussões políticas, literárias e morais, como *O Cosmopolita: jornal litterario* (1854), *O Echo do Povo: jornal de interesses populares* (1857), *O Monitor Brasileiro: jornal político* (1858).

²⁹ Primogênito do agricultor e senador cearense José Nogueira Jaguaribe, Domingos nasceu em 1847 em Fortaleza. Formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1874 com a tese "Aclimatamento das raças sob o ponto de vista da Colonização do Brasil". Em seguida foi morar na fazenda de sua família em Rio Claro, onde realizou o experimento de uso da mão de obra de colonos imigrantes ao invés da força escravizada. Chegou a receber o Conde D'Eu, que junto com outros membros da família Imperial foram visitar a Fazenda Cascalho e sua organização produtiva. Na década de 1880, mudou-se para São Paulo para assumir o posto de deputado provincial. Nesse período, para além dos livros aqui estudados, escreveu também obras sobre a imigração europeia para o Brasil, sendo um ativo agente nas políticas de embranquecimento promovidas pelo Estado. Foi membro do IHGB e um dos fundadores do IHGSP.

³⁰ Nascido em 1848 no Rio de Janeiro, formou-se em medicina em 1879 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com a tese "Os casamentos sob o ponto de vista higiênico", chegando ao posto de deputado estadual em 1901. Em fins dos anos 1880, fixou-se em Ubatuba, onde fundou em 1881 o Ateneu Ubatubense, uma escola noturna para homens, para a qual escreveu o seu livro de moral e cívica. A escola foi criada dentro do já existente Gabinete de Leitura Ateneu Ubatubense (fundado em 1875), que era uma biblioteca particular onde homens da

empenhavam nessa atividade escritores e políticos, como Américo Werneck³¹, autor de *A arte de educar os filhos* (1895) e professores do ensino secundário, como Alexandre Chiarini, que já no século XX, publicou seu *Compêndio de Instrução Moral e Cívica* (1927).

Havia também uma ampla rede formada em torno das atividades de seleção, tradução, importação e edição de obras estrangeiras. Por exemplo, na produção e difusão das versões brasileiras de *Self-Help (O Poder da Vontade, 1870)* e *Character (O Character, 1875)*, do escritor escocês Samuel Smiles, estiveram envolvidos diversos escalões do Estado Imperial. Foi o Ministro dos Negócios do Império, Paulino José Soares de Souza, que indicou ao editor Baptiste-Louis Garnier a importância da tradução de *Self-Help*. Quem fez as primeiras traduções da obra foram dois professores do Colégio D. Pedro II, Motta de Azevedo e João Fernandes Valdez. Por fim, foram Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha e Antonio da Costa Pinto e Silva, incumbidos da gestão da instrução pública da Corte, os responsáveis pela inclusão de *O Character* como leitura obrigatória nas escolas públicas do Império.

Outras obras que passaram por caminhos semelhantes foram *Economia Doméstica e Moral* (1880), *O Dever* (1884) e *Vida e Trabalho* (1899), também de Samuel Smiles, e *Philosophia da Felicidade* do filósofo francês Paul Janet (1878), todos editados pela Livraria Garnier. Havia também livros que eram traduzidos em Portugal e importados para o Brasil, como foi o caso de *A família: lições de filosofia moral* (1868), de Janet; *Hygiene da Alma* (1888), do Barão de Feuchtersleben; e o *Livro de meus filhos* (1907), do político francês Paul Doumer. Para além dos livros, a formação masculina, a família e a domesticidade também passavam a ocupar as páginas das crônicas, colunas, debates e folhetins publicados em jornais e periódicos como *A Província de São Paulo*, *O Paiz*, *Monitor Paulista*, *A Mai de Família*

elite local, como o seus fundadores José Bernardo Gonçalves Duarte e Alfredo Augusto da Silveira, partilhavam a formação de um acervo comum, bem como se encontravam para encontros e debates.

³¹ Nascido em Paraíba do Sul, Rio de Janeiro, em 1855, cursou o Colégio Kopke, o Colégio Pedro II, e se formou engenheiro civil pela Escola Central, depois Escola Politécnica, em 1877. Fazendeiro, com terras em Minas Gerais e Rio de Janeiro, era ainda durante o Império um defensor dos ideais republicanos. Em 1892, tornou-se deputado estadual no Rio de Janeiro. Em 1898 foi nomeado secretário de Agricultura e Obras Públicas do estado de Minas Gerais. Em 1906 foi eleito deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro. Para além de *A arte de educar os filhos*, escreveu também romances como *Graciema* (1898), *Judite* (1912) e estudos como *O divórcio* (1896) e *Revisão constitucional* (1918). PINHEIRO, Luciana. Américo Werneck. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, s/d. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br>. Acessado em: 17 set. 2023.

: *Jornal Científico, Litterario e Illustrado, Correio paulistano, O Brazil Elegante, Archivo das Famílias, Jornal das Famílias, Revista Popular, Revista Feminina*, entre outros.

Diferentemente dos instrumentos empregados na ordenação das populações subalternas — tratadas majoritariamente com a repressão e a violência de instâncias policiais e disciplinares do Estado — a abordagem educativa adotada para a regulação dos grupos privilegiados foi pautada pela construção de normativas.³² Por meio das ações normativas, homens e mulheres entravam em contato com os ideais do *homem de bem* e da *mulher de família* e passavam a considerá-los padrões de conduta e de existência através dos quais deveriam constituir a si mesmos e a seus filhos.³³ Distanciando-se da ideia de que a obediência e a violência eram suficientes para formar indivíduos moralizados, como era predominante na cultura patriarcal colonial³⁴, a formação e a vida dos indivíduos passavam a ser compreendidas de forma mais complexa, instituindo um novo enfoque para as especificidades das diferentes fases do desenvolvimento humano e também um elevado interesse na investigação dos processos de inculcação e de formação da subjetividade dos sujeitos.³⁵

A individuação e a interioridade psíquica foram os campos a partir dos quais a intelectualidade brasileira repensava — através do contato com autores europeus — o processo de formação moral dos sujeitos, desde a infância até a juventude. E na fase adulta, repensavam a compreensão de como os sujeitos orientam suas escolhas, de como se constituem seus desejos e anseios. Tentavam intervir em ambos os campos, procurando constituir uma normativa para o universo da criança, através de pais e mães, e para o homem adulto, propondo a ele uma nova relação consigo mesmo e modelos de subjetivação para que, à sua imagem e inspiração, construíssem e modelassem a si mesmos. Nesse processo, os pais passavam cada vez mais a ver os filhos como indivíduos e passavam a ambicioná-los

³² COSTA, op. cit., p. 19-33.

³³ Sobre os livros prescritivos dedicados às mulheres das classes privilegiadas do período, ver: CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato**: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo: Edusp, 2008; SANTOS, Simone Andriani dos. **Senhoras e criadas no espaço doméstico**, São Paulo (1875-1928). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

³⁴ BRÜGGER, op. cit., COSTA, op. cit.; NARITA, op. cit.

³⁵ Sobre o aprendizado dos intelectuais brasileiros a respeito da infância no século XIX, ver: NARITA, op. cit.; COSTA, op. cit.

como tal e cria-los como tal. Isso modificava a maneira de ver a formação e o crescimento, bem como as relações maternas e paternas, que se tornavam mais complexas e exigentes, pois, agora, precisavam lidar com um sujeito que possuía uma interioridade psíquica, idiosincrasias, uma sensibilidade particular, inclinações, dificuldades e vocações.³⁶

Como explicitava Paul Janet em *A família*³⁷, para formar *homens de bem* era preciso mais do que conquistar a sua submissão à autoridade, era necessário incutir nos meninos o desejo de serem virtuosos: “o objeto da educação não é fazer machinas, mas pessoas. Não basta obrar convenientemente, é preciso fazel-o com conhecimento de causa, saber por que se faz e querer obrar exatamente como se deve.”³⁸ Dessa maneira, os comportamentos não deveriam ser impostos às crianças de forma coercitiva, como estavam acostumados os pais brasileiros, formados no autoritarismo patriarcal calcado na relação de submissão³⁹, mas

³⁶ Cf. parte II desta tese.

³⁷ Paul Janet (1823-1899) foi um filósofo com grande destaque no cenário intelectual francês da segunda metade do século XIX: foi professor da Sorbonne, membro da Academia de Ciências Morais e Políticas e membro do Conselho Superior da Instrução Pública. Dedicou grande parte de seus trabalhos aos temas da ética e da moralidade, escrevendo tanto obras de discussão erudita e acadêmica, como livros de didáticos e de difusão. Foi um autor com relevante influência no meio intelectual brasileiro da época. Seu *Tratado Elementar de Filosofia*, escrito com o pade F. A. Jaffre e publicado em dois volumes, no qual explicita de maneira didática sua abordagem eclética da moralidade, que identificava a escolha racional com a felicidade, ou seja, que fusionava a prática dos *deveres* morais com a satisfação e bem-estar dos indivíduos, recebeu primeira edição pela Livraria Garnier em 1885/1886 e esteve presente no catálogo da editora até pelos menos 1913. Segundo nota de Baptiste-Louis Garnier na primeira edição da obra, o livro se tornou leitura obrigatória em todos os colégios secundários do país, “as mezas geraes, em todo o Imperio, obrigadas a seguirem esse programma e a aceitarem as doutrinas desses compêndios, temos para nós que prestamos mais um serviço ao desenvolvimento da instrução publica deste paiz e à mocidade estudiosa publicando esta versão”. GARNIER, Baptiste-Louis. “Advertência”. In: JANET e JAFFRE. **Tratado Elementar de Filosofia**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1885, p. 1-2.

Suas obras de difusão também encontraram a atenção dos leitores brasileiros. Em 1878, a Garnier traduziu e editou *Philosophia da felicidade*, um livro que, nas próprias palavras do editor “não discute problemas philosophicos no rigor da expressão, porém que encerra proveitosas lições para a vida prática, anima o homem no caminho do bem, sustenta-o em seus desfallecimentos e indica-lhe, como estrella, polar o dever”. IMPRENSA. **Jornal do Commercio**, 12 de outubro de 1878, p. 2. Para além da circulação dos livros, podemos atestar o interesse por sua obra pela ampla reverência que Domingos José de Nogueira Jaguaribe faz ao livro e ao autor em seu *A arte de formar homens de bem* (1880) e pela publicação de alguns trechos da obra em jornais especializados, que circulavam entre os profissionais da educação, como *A instrução pública: Publicação Hebdomadaria* (“A vida em família”, n. 15, 21 de julho de 1872, p. 6. A obra é replicada também nos n. 16, 33, 36), mas também em jornais de circulação mais ampla, como o *Correio Paulistano*, em sua seção de variedades (“A família”, 27 de setembro de 1878, p. 2), sendo citado em colunas do *Diario do Rio de Janeiro* (“Folhetim do Diario do Rio” n. 191, 13 de julho de 1873, p. 1) até mesmo figurando como parte de folhetins religiosos escritos no periódico *O Apostolo* (DA CRUZ, PEREIRA, “Contos a meus filhos”, *O Apostolo*, Rio de Janeiro, 13 de julho de 1879, n. 80, p. 1). Outros livros do autor encontraram atenção do público brasileiro, como “Educação das meninas seguida da Educação das filhas”.

³⁸ JANET, Paul. **A família**. Porto: Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1868, p. 93

³⁹ BRÜGGER, op. cit.

precisavam ser apresentados com paciência, de maneira racional, ou até mesmo dissimulados na forma de prazeres. O fundamental era que os meninos não agissem apenas por obrigação, mas por *moto* próprio, por acreditarem na importância de agirem de acordo com seus *deveres*.

Esse mecanismo insidioso de inculcação era também apresentado por Samuel Smiles⁴⁰, para quem a repressão era um instrumento ineficaz para modelar o comportamento dos homens adultos:

O homem tem um forte apetite natural para o descanso e para o divertimento, e como todos os outros apetites naturais, elle lhe foi implantado para algum sábio fim. Se quisermos reprimir romperá de uma forma ou de outra. Uma tentativa bem dirigida para promover um divertimento inocente vale mais que uma dúzia de sermões contra os divertimentos perniciosos. Se não lhe dermos ocasião para o gozo dos prazeres salutareos, os homens certamente inventarão prazeres viciosos. Sydney Smith dizia com razão: “Para combatermos o vicio com resultado, devemos pôr alguma coisa melhor em seu lugar.”⁴¹

O objetivo desses autores era que as famílias e os indivíduos encontrassem nesses livros guias para compreender o mundo, aos outros e a si mesmos. As intervenções normativas, como a produção, circulação e legitimação dos livros de formação masculina, visavam penetrar nas esferas mais recônditas da vida — tanto no interior das relações familiares, do espaço doméstico, como no interior dos próprios indivíduos, de sua imaginação, no trato desses consigo mesmos — e inculcar um mapa do mundo e de si mesmos, através do qual o universo cotidiano — relações interpessoais, objetos, espaços, gesto, corpo, pensamentos, desejos, prazeres, devaneios — se tornasse cognoscível e passível de ser classificado e hierarquizado como civilizado ou atrasado, bom ou ruim, virtuoso ou vicioso, evoluído ou

⁴⁰ Nascido em uma família de pequenos comerciantes do interior da Escócia, Samuel Smiles (1812-1904) foi um dos escritores mais bem sucedidos da segunda metade do século XIX. Sua série de livros de autoaperfeiçoamento teve ampla repercussão na Grã-Bretanha e outras partes do mundo. Adiante no texto, trataremos mais detidamente de sua obra e sua difusão no Brasil.

⁴¹ SMILES, Samuel. **Economia doméstica moral ou a felicidade e a independência pelo trabalho e pela economia**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1880, p. 389-390.

degenerado. Incitavam, persuadiam e seduziam os sujeitos a olharem para si mesmos e para os outros sob esse prisma binário, através do qual deveriam modelar, reprimir, disciplinar e dominar a si mesmos.

A força de verdade da normativa era construída a partir da difusão repetitiva e persistente de discursos de autoridade por instituições estatais, as escolas, as Faculdades e Academias, os livros, a família, as mídias impressas, bem como por sua ampla aceitação em diversas esferas da sociabilidade, que passava gradativamente a ser regida por essas normas de conduta e comportamento. Tais discursos não se impunham apenas pela autoridade, mas também tencionavam convencer homens e mulheres de que as categorias de valoração e classificação do mundo e de si não eram valiosas apenas para a realização das metas coletivas da nação, mas também para alcançarem sua realização íntima e pessoal.

Esse projeto de reforma social através da reforma do indivíduo, que em grande medida seria operada pelo indivíduo sobre si mesmo — com auxílio e apoios externos de professores, família, do ambiente social e dos livros — estava estruturado em torno de uma vivência de individuação e de interioridade psíquica que passava a ser corrente entre as classes altas e as elites intelectuais, e que eles, narcisicamente, projetavam sobre todos os homens livres, mesmo que fosse uma experiência ainda restrita a uma pequena porção da população. Como argumenta Jurandir Freire Costa, até o século XIX, no Brasil, os sujeitos dotados de profundidade psicológica — como pensada pela modernidade europeia — e interessados e empenhados em explorar esse universo eram raras exceções. A vasta maioria, inclusive nas classes mais privilegiadas, possuía um perfil psicológico extrovertido e “sentimentalmente centrífugo”.⁴² Para Costa, a emergência da interioridade psíquica no Brasil esteve intimamente relacionada com a formação de segmentos sociais urbanos (comerciantes, filhos de fazendeiros, literatos, profissionais liberais, burocratas), que se destacavam da ordem moral e social senhoril e patriarcal e, através de instituições como as faculdades e as

⁴² COSTA, op. cit., p. 96-98. Isso não significa que possuíam uma experiência rebaixada em relação à profundidade psicológica moderna, mas apenas que se relacionavam consigo mesmos e com os eventos externos de maneira distinta. Richard Sennet, pensando no contexto europeu do Antigo Regime, por exemplo, argumenta que a extroversão psicológica permitia formas de experiência que se restringiram com a ascensão da interioridade psíquica. SENNET, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2014.

academias, daqui e da Europa, passavam a moldar-se a partir dos referenciais das burguesias daquele continente.

À medida que se afastavam da rígida tradição patriarcal e do estrito regime colonial e se aproximavam da cultura burguesa europeia — por meio das academias, de viagens, da leitura de romances e pensadores iluministas — esses segmentos da classe alta brasileira começaram a pensar a si mesmos como sujeitos individuais, dissociados da coletividade familiar, na qual se encontravam antes plasmados. O desejo de civilização pela leitura e pelo trabalho sobre si mesmo estava intimamente articulado com esse processo de individuação, que era acompanhado de uma experiência de interioridade psíquica que Georges Vigarello denominou o “sentimento de si”: essa percepção específica da modernidade na qual os sujeitos passam a se perceber como entes singulares, únicos, dotados de um espaço interior a ser explorado, preservado, cultivado e exaltado. Vendo-se cada vez mais como autônomos, viam a si mesmos como capazes de construir para si uma biografia própria, de escolherem um modo de vida, de ter uma identidade pessoal.⁴³ Porém, a liberdade também trazia dúvidas. O que seria uma vida que valeria a pena ser vivida? O que seria uma vida valiosa? Quais valores deveriam orientar suas escolhas? Qual seria o seu lugar como indivíduo nas diversas esferas coletivas da sociedade?

O discurso normativo dos livros de formação estava imbricado nessas experiências e questionamentos modernos, apresentando para os indivíduos suas idealizações e classificações como caminhos certos, os únicos apropriados para a construção de um sentido significativo para suas vidas, e lhes abria um horizonte pretensamente seguro para atingirem a “felicidade”, o “sucesso” e a autorrealização. Foi a partir desse ponto específico de auto-observação construído pelo “sentimento de si” que os intelectuais e as instituições envolvidas na construção e difusão dessas normativas propuseram aos indivíduos que encarassem seu corpo e sua interioridade psíquica como um novo e amplo espaço de exploração sentimental e imaginativa, mas também como novos objetos para serem moldados, trabalhados e desenvolvidos de acordo com preceitos morais e produtivos. A

⁴³ VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si**: histórias da percepção do corpo. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2016; ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit., p. 33.

leitura dos livros de formação propunha aos homens um espaço de observação e imaginação de si mesmos de acordo com os modelos apresentados. Através dos livros e da gramática moral oferecida por eles, os homens deveriam construir uma cartografia de seus desejos, vontades, emoções e aspirações e orientar seu sentido de vida para a satisfação de cumprir com seus *deveres* e a crença do prazer de fazer “o bem”.⁴⁴

Para os educadores da nação, o corpo era paulatinamente descoberto como lugar de vivência íntima, de experiências prazerosas de conforto e consumo; como suporte da razão e da alma, ele era a porta de entrada para grandes perigos ao sujeito: o descontrole dos desejos e impulsos, que poderiam levar à degeneração e à loucura.⁴⁵ Os sentidos eram a entrada dos prazeres, mas também sentinelas atentas aos seus excessos e aos perigos exteriores. Isso valia para a imaginação e as emoções, que ganhavam tração com a cultura romântica e com a larga profusão de novos gêneros literários e, por isso, ao mesmo tempo, era um espaço cada vez mais perigoso e que demandava vigilância e regulação constante.

Assim, estar consigo, significava um equilíbrio tênue entre o relaxamento e a contenção, o deleite e a restrição, garantindo que os prazeres se mantivessem em acordo com os valores dominantes, como culto ao trabalho, o autocontrole, a racionalidade, e nunca deslizassem para os padrões “selvagens” — não brancos, não-burgueses, não-europeus — da sensualidade excessiva, avassaladora da moral, da *vontade* e do *caráter*. Ao se aproximarem de si mesmos, mediados pelos livros de formação, os homens deveriam descobrir em si grandes potenciais, ao mesmo tempo constatar que eram instáveis e voláteis e que, portanto, era necessário empenhar-se para se manter nos trilhos da *civilização*.

Nos moldes cristãos pelo qual era pensada, a formação do *homem de bem* não era concebida como um processo acabado. Inculcar crenças e preceitos durante a infância e a

⁴⁴ Para uma interessante reflexão sobre a leitura e a constituição de si e sobre como a materialidade dos livros e dos textos é operada por editores e escritores para promover certas ideias socioculturais, ver: CHARTIER, Roger. Du livre au lire. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Pratiques de la lecture**. Paris: Éditions Rivages, 1985, p. 81-120. No mesmo livro há um debate intrigante sobre o mesmo tópico entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier: BOURDIEU, Pierre e CHARTIER, Roger. La lecture: une pratique culturelle. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Pratiques de la lecture**. Paris: Éditions Rivages, 1985, p. 277-306.

⁴⁵ Qualificamos como educadores da nação todos os agentes — intelectuais, políticos, escritores, professores, editores — que, a partir da segunda metade do XIX, se engajaram no projeto *civilizatório* da nação por meio da promoção dos ideais do *homem de bem* e da *mulher da família* e dos discursos normativos em torno da masculinidade e da feminilidade.

juventude era elemento essencial, mas não esgotava o problema. A vida inteira do homem transcorreria em uma luta constante entre o vício e a virtude, o desejo e a razão, a paixão e o amor, a carne e a alma, o terreno e o superior, o profundo e o superficial, o transitório e o perene: batalhas infindas travadas na sociedade e dentro de si mesmos. Para ser um verdadeiro *homem de bem*, o homem branco precisava de instrumentos internos e constante suporte externo para manter-se na trilha civilizatória. A normativa construía uma gramática para interpretarem a si mesmos e propunha que o domínio de si seria recompensador, tanto na esfera social e coletiva, como na individual.⁴⁶

Nos livros que se empenhavam em mediar as relações dos pais com seus filhos — como *A arte de formar homens bem* e *A arte de educar os filhos* —, os adultos eram instruídos a estimular a virilidade nos meninos desde pequenos e evitar que contatos prolongados com mulheres pudessem levar à sua efeminação. Já na infância, deveria começar a inculcação do modelo do *homem de bem*, que na juventude seria acentuado, quando em casa, na escola e na coletividade em geral, eles passariam a ser apresentados a obras como *O Poder da Vontade* e *O Caráter*, de Samuel Smiles, ou *Philosophia da Felicidade* de Paul Janet (1878), que serviriam de instrumentos para que fossem mais detidamente instruídos, seduzidos, persuadidos e também intimidados e reprimidos a se conformarem com as normativas masculinas: de que relacionamentos amorosos e sexuais só poderiam acontecer com mulheres, que o matrimônio era *dever* moral e caminho certo para a felicidade espiritual, assim como procriar, formar um *lar*, tornar-se chefe de família e viver uma vida pacata, temperada e doméstica.

Por meio dos livros, os educadores da nação procuravam seduzir e persuadir pais e mães a olharem para a casa, para os filhos e para si mesmos de uma nova maneira, mais atenta aos detalhes cotidianos, curiosos em perscrutar as mais sutis manifestações de desvio — no corpo, no comportamento, mas também na interioridade dos filhos — e pensar os seus arredores — sociais, materiais e espaciais — como um amplo universo de influências e exemplos, que deveria ser meticulosamente regulado e mobilizado.

⁴⁶ Essas normativas recaíam também sobre os subalternos, operando como uma forma violenta de exclusão e de produção de autodepreciação, ao mesmo tempo que produziam uma crescente sensação de superioridade e distinção, como uma profecia autorrealizada, dos grupos privilegiados. Exploraremos mais essa questão na Parte II desta tese.

Os livros, seus agentes e seus leitores

(Capítulo 1)

Era São Paulo, 6 de janeiro de 1886, dia de Reis. Anna Jacintha de Oliveira presenteou com um livro seu afilhado Clemente de Araújo Sampaio — que à época fazia seus estudos secundários no preparatório da Academia de Direito.⁴⁷ Editado pela prestigiada Livraria Garnier, era pequeno, em formato de algibeira, mas sisudo, sério — capa dura, revestida com papel marrom marmorizado, lombada de couro ornamentada, com título premo em letras douradas: *O Character*. A autoridade e respeitabilidade do objeto eram sublinhadas pelo pai, o capitão José Maximino de Sampaio, um alto burocrata da Província paulista, que, na folha de rosto, deixou uma dedicatória instrutiva, em que explicitava ao filho a intencionalidade do presente:

⁴⁷ Anna Jacintha de Oliveira era viúva de Clemente Falcão de Souza, um dos primeiros lentes da Academia de Direito de São Paulo, que também fez parte do Governo Geral do Império. José Maximino de Sampaio, pai de Clemente, fez parte de sua carreira no Exército e, à altura, na reserva, atuava em cargos administrativos junto à alta burocracia Provincial e em empresas privadas, mantendo relação de proximidade com algumas figuras da elite paulistana, como Antônio Proost Rodvalho, em seu ambiente laboral, bem como em organizações católicas das quais partilhavam assentos administrativos e de conselho. Quando seu filho, Clemente, recebeu o livro de Smiles em 1886, estava prestes a ingressar no curso no preparatório da Faculdade de Direito, que à época era uma opção ao ensino secundário na cidade. Após terminar os estudos, não ingressou na faculdade, mas diretamente na administração pública, assumindo o cargo de amanuense na Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo (1892), repartição na qual realizou toda sua carreira. Sobre Anna Jacintha: TESTAMENTO. O Estado de São Paulo, São Paulo, 10 de abril de 1887, p. 2.; ANNUNCIOS, Correio Paulistano, São Paulo, 7 de abril de 1887, p. 3; OBITUARIO. Correio Paulistano, São Paulo, 28 de janeiro de 1888, p. 3. Sobre José Maximino de Sampaio e Clemente de Araújo Sampaio: **Almanak da Província de São Paulo**, São Paulo, 1873, p. 101; **Almanach da Secretaria de Agricultura de Estado dos Negócios da Agricultura, Commercio e Obras Públicas do Estado de São Paulo**, São Paulo, 1917, p. 780; EXAMES de preparatórios. **Correio Paulistano**, São Paulo, 27 nov. 1888, p. 1.

Offerecido como presente de Reys pela Exma Sra D. Anna Jacintha de Oliveira a meo filho, afiliado da mesma Exma Sra, Clemente d’Araujo Sampaio – afim de que o mesmo aprenda neste bom excelente livro, **a ser um verdadeiro homem de bem.**

S. Paulo 6 de Janrº 1886

J.M. Sampaio ⁴⁸

A relação que o capitão procurava induzir ao jovem com aquele objeto — que deveria ser absorvido com paciência e compenetração, e acompanhado de uma reflexão e ação de modelagem sobre si mesmo — estava associada com um gênero de obras que ganhava relevância entre as classes privilegiadas no Brasil a partir da segunda metade do século XIX: livros normativos e de formação voltados para homens. Para construir a ambicionada nação *civilizada* nos trópicos, formar “verdadeiros homens de bem” — ideal no qual estavam condensadas as aspirações de ordem e *progresso* das classes dominantes — tornava-se uma preocupação premente entre as elites intelectuais e políticas do Império, bem como entre as famílias das classes altas e médias, que aspiravam para seus homens posições elevadas em uma sociedade que gradativamente se afastava da ordem patriarcal, escravista e agrária dominante no período colonial e se estruturava em torno da organização institucional, econômica e simbólica das grandes cidades industriais da Europa, sobretudo da França e da Inglaterra (FIG. 1; 4-12).

A difusão de livros de formação se tornava instrumento central nesse processo de transformação. Incutir novos valores — como disciplina, culto ao trabalho, apreço pelo cultivo de si e pelos prazeres *civilizados* —, produzir homens *viris*, dominadores, ambiciosos, com força de *vontade* e, sobretudo, persuadir esses mesmos homens da importância de seguirem estritos padrões morais, eram aspirações prementes e confluentes entre as elites intelectuais e estatais, que procuravam produzir uma nova nação *civilizada*, as famílias das classes altas e das emergentes classes médias e de muitos indivíduos que ambicionavam conquistar e manter posições sociais e encontrar satisfação e realização dentro dos novos padrões culturais que passavam a ser dominantes na sociedade.

⁴⁸ SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878 (acervo do autor) (grifo do autor).

O Character, que chegava às mãos do jovem Clemente — tradução de *Character*, do célebre escritor escocês Samuel Smiles⁴⁹ —, era uma das muitas publicações dedicadas à formação masculina que passavam a circular na sociedade brasileira. Apesar de ser praticamente desconhecido pela nossa historiografia, Smiles foi uma grande celebridade da segunda metade do século XIX e do começo do século XX e o impacto de seus livros foi de grandes proporções, servindo como um importante difusor de padrões normativos de masculinidade correntes entre a burguesia da Grã-Bretanha para o resto do mundo, que se conectava com ao Império Britânico por laços de colonialismo político, econômico e cultural.⁵⁰

⁴⁹ SMILES, Samuel. **Character**. Londres: John Murray, 1871. A primeira edição brasileira foi publicada apenas quatro anos depois. SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1875.

⁵⁰ O único trabalho sobre Smiles que encontramos na historiografia brasileira foi o artigo “Leituras da ilustração brasileira: Samuel Smiles (1812-1904)” de Maria Helena Camara Bastos, no qual a autora constata o interesse de Smiles por alguns intelectuais e políticos que, na segunda metade do século XIX, estavam envolvidos na elaboração da instrução pública brasileira, como Félix Ferreira, Menezes Vieira, Luiz Augusto dos Reis e Paulino José Soares de Souza. Bastos também aponta para a valorização da obra de Smiles no período como forma de difundir entre as elites uma nova cultura do trabalho e do sucesso individual. Fora o artigo de Bastos, Smiles figura apenas em notas de rodapé em alguns trabalhos sobre a história da pedagogia no Brasil, mas sem nenhum aprofundamento sobre o autor, suas obras e sua circulação e apropriação no Brasil. Mais recentemente as obras de Smiles também foram tratadas por mim no artigo “A casa do ‘homem de bem’: domesticação e domesticidade entre as classes médias de São Paulo (1870-1920)”, publicado em 2021 na revista *Brésil(s)* e, no ano seguinte, na coletânea “Casa-mundo”, organizada por Heloisa Pontes e Camila Gui Rosatti. BASTOS, Maria Helena Camara. Leituras da ilustração brasileira: Samuel Smiles (1812-1904). **Revista Ícone**, Uberlândia, v. 6, n. 1, jan/jun. 2000, p. 117-134. FERREIRA, Pedro Beresin Schleder. Le foyer de l’homme de bien: domestication et vie domestique dans l’apetite et moyenne bourgeoisies de São Paulo (1870-1920). **Brésil(s)**, Paris, v. 19, 2021; FERREIRA, Pedro Beresin Schleder. A casa do ‘homem de bem’: domesticação e domesticidade entre as classes médias de São Paulo (1870-1920). In: PONTES, Heloisa e ROSATTI, Camila Gui (Org.). **Casa-mundo**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2022.

Os trabalhos de Smiles por vezes são mencionadas também nas pesquisas de autores que se dedicam à análise do discurso dos livros contemporâneos de autoajuda comumente indicando o escritor escocês como um precursor desse gênero — uma aproximação que nos parece esquemática e reducionista. Apesar de terem sido muitas vezes apropriados, em parte, como “guias para o sucesso”, os livros de Smiles tratavam de uma formação moral e cultural mais ampla, que transcendiam as estratégias para a conquista de posições no jogo social do trabalho. Além do mais, seus livros foram produto de um embate do autor em torno das possibilidades de reforma social no capitalismo industrial, bastante distinto das abordagens estritamente instrumentais da literatura e de irrestrita apologia ao sucesso e ao enriquecimento, característica da autoajuda que será produzida a partir das primeiras décadas do século XX, tendo Dale Carnegie como um de seus mais destacados expoentes. Me refiro a pesquisas como as de TURMINA, Adriana Cláudia. **Autoajuda nas relações de trabalho**: a (con)formação de um trabalhador de novo tipo. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010 e de RÜDIGER, Francisco. **Literatura de auto ajuda e individualismo**: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1986. Para uma perspectiva crítica dessa aproximação, ver TRAVERS, Tim. **Samuel Smiles and the Victorian Work Ethic**. Nova York/Londres: Garland Publishing, 1987.

Seu primeiro livro focado no autoaperfeiçoamento masculino, *Self-help: With Illustrations of Character, Conduct, and Perseverance*⁵¹ (1859), foi lançado no mesmo ano de *On the Origins of the Species*, de Charles Darwin, de *On Liberty* de John Stuart Mill e de *A Tale of Two Cities* de Charles Dickens. Diferentemente dos outros três autores, Smiles não produziu ideias de excepcional originalidade. Pelo contrário, a sua obra se consagrou justamente por condensar, expressar e narrar de maneira leve, sedutora e persuasiva as aspirações e convenções, sobretudo masculinas, dominantes entre a burguesia britânica de seu tempo. E o fez de forma tão eficaz e precisa, que foi uma das obras mais vendidas e lidas de seu tempo.⁵² O sucesso da obra — que vendeu mais de 59.000 cópias no ano de seu lançamento — foi tamanho que suscitou a redação de uma série de livros complementares, que aprofundavam os objetivos de *Self-Help: Character* (1871); *Thrift* (1875); *Duty: With Illustrations of Courage, Patience, and Endurance* (1880) e *Life and Labour or Characteristics of men of industry culture and genius* (1887).⁵³ Ao mesmo tempo em que faziam sucesso na Grã-Bretanha, nesse mesmo período, seus livros foram traduzidos para mais de vinte línguas, seduzindo e persuadindo corações e mentes de leitores franceses, russos, coreanos, chineses, japoneses, suecos, holandeses, árabes, iranianos, egípcios, alemães, albaneses, turcos, bengalis, hindus, portugueses, espanhóis e argentinos.⁵⁴

⁵¹ SMILES, Samuel. **Self-Help; with Illustrations of Character and Conduct**. Londres: John Murray, 1859. Em 1870, a obra recebe duas edições paralelas no Brasil. A primeira, intitulada *Ajuda-te a ti mesmo!*, feita pelo Dr. Motta Azevedo, professor de inglês do Colégio D. Pedro II e editada em pequena tiragem pelo próprio. A outra, intitulada *O Poder da vontade ou caracter, comportamento e perseverança*, editada pela Livraria Garnier, e que teve mais ampla repercussão. MOTTA DE AZEVEDO. *Ajuda-te a ti mesmo!*. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 13 novembro, 1870; SMILES, Samuel. **O Poder da vontade ou caracter, comportamento e perseverança**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1870.

⁵² BRIGGS, Asa. **Victorian People: A Reassessment of Persons and Themes (1851-1867)**. Chicago: The University of Chicago Press, 1955; TRAVERS, op. cit.; TRAVERS, Tim. Samuel Smiles and the Origins of "Self-Help": Reform and the New Enlightenment". **Albion: A Quarterly Journal Concerned with British Studies**, v. 9, n. 2, 1977, p. 161-187; JARVIS, Adrian. **Samuel Smiles and the construction of Victorian Values**. Gloucestershire: Sutton Publishing, 1997; FIELDEN, Kenneth. Samuel Smiles and Self-Help. **Victorian Studies**, v. 12, n. 2, dez. 1968, p. 155-176; HARRISON, John. The Victorian Gospel of Success. **Victorian Studies**, v. 1, n. 2, dez. 1957, p. 155-164.

⁵³ SMILES, Samuel. **Thrift**. Londres: John Murray, 1875; SMILES, Samuel. **Duty: With Illustrations of Courage, Patience, and Endurance**. Londres: John Murray, 1880; SMILES, Samuel. **Life and Labour or Characteristics of men of industry culture and genius**. Londres: John Murray, 1887.

⁵⁴ Apenas na Grã-Bretanha, *Self-Help*, sozinho, vendeu mais de 250.000 cópias até o fim do século XIX. BRIGGS, op. cit.; TRAVERS, op. cit. Sobre a disseminação de Smiles em outros territórios onde o colonialismo cultural britânico exercia forte influência, não localizamos muitos estudos. Encontramos apenas trabalhos que abordam sua influência e difusão no Japão da Era Meiji. Cf. KINMONTH, Earl H. **The Self-Made Man in Meiji Japanese Thought: From Samurai to Salary Man**. California: University of California Press, 1982; WATHAL, Anne. *The Meiji*

No Brasil, foram mais de trinta edições entre 1870 e 1920, todas editadas pela Livraria Garnier, sendo lido e reverenciado tanto pelas elites políticas e intelectuais do período, como também por leitores das classes médias e altas. *Self-help* – que foi traduzido primeiramente como *O Poder da Vontade ou Character, comportamento e perseverança* e no começo do século XX passou a ser traduzido como *Ajuda-te!...Exemplos de comportamento e perseverança* –, foi o mais prolífico, contando com ao menos onze edições no período. *Character*, traduzido como *O Character*, teve ao menos seis edições, assim como *O Dever: coragem, paciência e resignação*, tradução de *Duty. Thrift*, traduzido como *Economia Doméstica Moral ou a felicidade e a independência pelo trabalho e pela economia*, recebeu ao menos três edições, assim como *Vida e Trabalho*, tradução de *Life and Labour*.⁵⁵ O enraizamento dos ideais e normativas propagados por Smiles foi tamanho no Brasil que algumas dessas obras seguiram sendo editadas século XX adentro, como *Ajuda-te!* e *O Carácter*, que foram publicadas nas décadas de 1930 e 1940 pela Editora F. Briguiet e Cia e pela Papelivros, e que voltaram a ser editadas recentemente, pelas editoras Fórum, Abnara e Auster.⁵⁶

Restoration Seen from English-speaking Countries. *Japanese Studies*, v. 38, n. 3, 2018, p. 363-376; ARIE, Daisuke. Lost in Translation?: How Japan's Intellectuals Translated Utilitarian Writings in the early Stage of Her Modernization. *Revue d'études benthamiennes*, v. 16, 2019.

⁵⁵ O levantamento foi feito a partir dos exemplares encontrados em sebos e bibliotecas da cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro. Por esse meio, averiguamos nove edições datadas de *O Poder da Vontade/Ajuda-te!...* (1870; 1880 ; 1881; 1889 ; 1893; 1902 ; 1921; 1922; 1926); e duas edições sem data, já do começo do século XX, que eram exemplares incorporados na coleção “Bibliotheca Scientifica” da Editora, o que ocorre também com os outros livros de Smiles incorporados na coleção no mesmo período. A mudança na tradução do título estava associada à mudança da fonte de tradução, que em um primeiro momento foi feita a partir das edições francesas e depois passou a ser feita diretamente do inglês. Outras mudanças de título foram feitas para adequar as publicações ao mercado editorial local e ao público leitor brasileiro. É interessante notar que após o sucesso da primeira edição de *O Poder da Vontade*, obras como *O Dever*, *O Carácter* e *Economia Doméstica Moral*, foram traduzidas cerca de quatro ou cinco anos após a publicação original em inglês, demonstrando uma agilidade na sincronização do mercado editorial brasileiro com o Europeu. Como as edições naquele período eram feitas a partir do francês, é provável que para além dos tempos de produção e transporte das obras, esse período prolongado entre as edições se devesse à necessidade de aguardar a edição francesa para então realizar a edição brasileira. Dos outros livros de Smiles, os anos das edições foram os seguintes *O Dever* (1884 ; 1899 ; 1910 ; 1926 ; 1927; s/data); *O Character* (1875; 1878; 1895; 1904; 1911; s/d) ; *Vida e Trabalho* (1902; 1925; s/data); *Economia Doméstica Moral* (1880; s/d; 1923).

⁵⁶ A nosso ver, enquanto as edições das décadas de 1930 e 1940 provavelmente denotavam a continuidade da pertinência de Smiles para o público leitor, sendo publicadas por editoras de grande alcance, as edições da década de 2010 estão focadas em público de nicho, que nos parece associado com a retomada de intensidade que os movimentos conservadores adquiriram nesse período. A título de exemplo, podemos mencionar a edição de *O Carácter* da Ed. Auster, que foi publicizada pelo ideólogo da extrema-direita e do bolsonarismo, Olavo de Carvalho, em 2019, na sua página do facebook. O *release* da editora, repercutido na página do escritor, dava ênfase às

A primeira edição de Smiles no Brasil foi publicada por um professor de inglês do Colégio D. Pedro II, Dr. Motta de Azevedo, que traduziu e editou por conta própria *Self-Help*, a que deu o título *Ajuda-te a ti mesmo!*. Em artigo para o *Jornal do Commercio*, o professor expressava, em tom voluntarista, que fez toda a tradução “sem esperança alguma de lucro material, e só com o fito, e quase com a certeza, de ser útil a todos os que percorrerem com atenção as páginas que seguem”⁵⁷. A sua compreensão da obra, depois partilhada por muitos outros, era de que o livro de Smiles poderia ser entendido como um “Compendio da vida pratica” — uma espécie de guia, manual, que oferece modelos, incentivos, conselhos “para as várias necessidades e diárias dificuldades da vida!”. Ensinava os homens de “qualquer idade, condição ou estado” a governarem a si mesmos, condição fundamental para a construção da nação *civilizada* que almejava, reconhecendo que, “para nós, Brasileiros”, o livro tinha ainda uma “significação particular”:

Elle nos ensina o que é o governo de um grande povo, e o que faz um grande povo quando quer ser bem governado. Ensina-nos a procurar, em nós mesmos, recursos para afrontar e vencer os tropeços da vida. Ensina-nos a protestar, com a nossa actividade, contra esse vicio de indolência que, se diz, nos é innato. Ensina-nos, finalmente, a encontrar no cumprimento do dever e na pratica das virtudes domesticas e sociaes, a verdadeira recompensa dos nossos trabalhos, a verdadeira e única felicidade a que se deve aspirar neste mundo.⁵⁸

Nas palavras de Motta de Azevedo, podemos entrever importantes meandros da ambição por formar *homens de bem* e de construir uma nação pelo alinhamento e homogeneização de um mesmo padrão moral. Para além de inculcar valores e preceitos, era

questões da domesticidade, da família, do casamento e da disciplina, caras ao movimento conservador atual: “Nestas páginas, Samuel Smiles ensina quais são as virtudes mais necessárias à formação de um carácter íntegro e forte — como a coragem, a honestidade, o senso do dever, a disciplina e o autocontrole — e perpassa as circunstâncias mais importantes para a conquista desse objetivo: trata da influência do nosso próprio lar; do companheirismo no casamento e; do valor do trabalho.” Disponível em: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/1273786182773453/>. Acesso em: 14 set. 2023.

Ajuda-te! foi publicado pela Ed. F. Brigueit e Cia em 1938 e pela Ed. Abnara, 2012; *O Carácter*, foi publicado pela Ed. F. Brigueit e Cia em 1946, pela Ed. Papelivros; s/data, pela Ed. Fórum em 2017 e 2018 e pela Ed. Auster em 2019.

⁵⁷ MOTTA DE AZEVEDO. *Ajuda-te a ti mesmo!*. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 13 novembro, 1870.

⁵⁸ Ibidem.

necessário também a conversão a um mesmo horizonte de aspirações, um mesmo senso de felicidade e satisfação, um mesmo sentido de vida. Aos olhos do professor e tradutor, a educação por meio da guia e conselhos de um autor *civilizado* e da inspiração no modelo de homens *civilizados*, poderia servir de importante instrumento para que os homens brasileiros compreendessem o que era uma nação *civilizada* e qual seria o seu lugar em uma nação *civilizada*, de maneira que, por meio dessa busca interior, poderiam encontrar em si mesmo os recursos latentes para reformar vícios, ou defeitos — como a indolência — dessa nação.⁵⁹

Motta de Azevedo imaginava a difusão do livro em associação com um projeto, um desejo, de nação ilustrada à imagem do homem branco *civilizado*: acreditava que através da leitura, da autorreflexão, do cultivo de si e do domínio de si, todos os homens livres do país — “o operário, o artista, o negociante, o militar, o literato, o funcionário público, o político, o sabio, o homem dos salões e o habitante dos campos, o pobre sem pão e o rico opulento, o pai de família e o menino de escola”⁶⁰ — poderiam tornar-se efetivos *homens de bem*. Contudo, na prática, a população letrada era ínfima e assim permaneceu por longas décadas após a publicação de *Ajuda-te a ti mesmo!*. A maioria dos leitores de obras desse gênero era, em verdade, proveniente dos estratos mais elevados da sociedade, que podiam pagar por preceptores domésticos ou que possuíam acesso às escassas oportunidades de instrução nas escolas públicas e privadas do Império.

Em 1870, *Self-Help* também recebeu uma tradução pela Garnier, intitulada *O Poder da Vontade* (1870). De acordo com Baptiste-Louis Garnier⁶¹, quem lhe sugeriu a tradução foi o

⁵⁹ Motta de Azevedo faz referência aos debates da época sobre a miscigenação e o determinismo geográfico na constituição da nação brasileira. A indolência seria tanto efeito do clima tropical, como da herança da “raça africana”, inferior aos olhos da intelectualidade branca, que apreendia a realidade brasileira pelas lentes da ciência europeia. Para eles, a indolência seria um estado de atraso, que poderia ser ultrapassado pela civilização ou pelo embranquecimento e purificação racial. Cf. SCHWARZ, op. cit.

⁶⁰ MOTTA DE AZEVEDO, op. cit.

⁶¹ Baptiste-Louis Garnier era o irmão mais novo de François-Hippolyte e Auguste Garnier, fundadores da livraria editora parisiense Garnier Frères (1833). Após ter trabalhado com os irmãos por alguns anos, em 1844, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde abre uma filial da livraria de sua família. Entre as décadas de 1850 e 1860, tornou-se independente e formou a Livraria Baptiste-Louis Garnier ou simplesmente Livraria Garnier, que passou a editar títulos brasileiros e internacionais de acordo com as tendências e interesses do mercado local. Foi uma das mais importantes editoras brasileiras do século XIX, tendo sido responsável pela edição de icônicas obras nacionais, como as de Machado de Assis e José de Alencar, além de outras inúmeras traduções de títulos internacionais. Para além, Baptiste-Louis também foi editor de importantes espaços de discussão e difusão do projeto *civilizatório* nacional, como a *Revista Popular*, na qual Calógeras publicou o artigo sobre a instrução que vimos acima, e o *Jornal das Famílias*, onde circulavam discursos normativos em torno da masculinidade, feminilidade,

então Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império da gestão do Visconde de Itaboraí (1868-1870), Paulino José Soares de Souza Filho, que era membro do partido Conservador, filho do Visconde de Uruguai e sobrinho do então presidente do Conselho de Ministros⁶². Na carta que introduz o livro, o conselheiro Paulino explica a motivação de seu interesse pela circulação da obra de Smiles no Brasil:

Poucas obras tenho lido que me causassem tão viva e intima satisfação e cuja vulgarização tanto deseje. Ao lado da mais sã doutrina faz o autor sobressair os exemplos ilustres de tantos homens que, começando nas mais humildes e obscuras profissões, desajudados da fortuna e lutando com innumeras contrariedades, elevaram-se pela força da vontade e deveram altas posições sociais, riqueza e renome unicamente ao amor ao trabalho, à coragem e persistência com que se dedicaram à realização de seus planos.

A formação do caracter individual é ponto tão importante na educação, que considero prestar v.s. verdadeiro serviço, pondo ao alcance de grande numero de leitores um livro que para ella tanto póde concorrer, por despertar os mais nobres estímulos e fortalecer os mais elevados sentimentos do homem⁶³.

O conselheiro Paulino, que à época estava à frente da gestão da instrução pública no governo imperial, acreditava que a formação moral possuía primazia em relação à intelectual⁶⁴. Vislumbrava no livro de Smiles a potência de converter os homens brasileiros

domesticidade etc. HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Edusp, 2005, p. 195-221; PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: O Homem e o Empresário. **Anais do I Seminário Brasileiro sobre Livros e História Editorial**, 2004, p. 1-14. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/homem.pdf>. Acesso em 14 set. 2023; MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello e AZEVEDO, Sílvia Maria. Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): um perfil dos periódicos de Garnier. **TriceVersa**, Assis, v.3, n.2, nov.2009-jun.2010.

⁶² GARNIER, Baptiste-Louis. Ao leitor. In: SMILES, Samuel. **O Poder da Vontade**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1870.

⁶³ Carta de Paulino José Soares de Souza Filho dedicada a Baptiste-Louis Garnier, apresentada na folha de rosto de SMILES, Samuel. **O Poder da Vontade**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1870.

⁶⁴ Ao apresentar as reformas que promoveu no plano de ensino do Imperial Colégio D. Pedro II — que servia de referência para as outras escolas da nação — Paulino explicitou a preponderância que o ensino moral tinha em detrimento do intelectual na sua perspectiva de instrução pública:

“Formar e fortalecer o espirito da mocidade, habilitando-a para os estudos de utilidade prática e para a vida social, é o fim principal dos estudos secundários. Não importa tanto que nas línguas extranhas o alumno obtenha um vocabulário mais ou menos completo, que nas sciencias fique com mais ou menos algumas noções, como que

ao “culto ao trabalho”, característico da cultura burguesa, e inspirar neles a determinação viril, corajosa, persistente e inabalável do homem que busca o seu sucesso individual. Comungando com a perspectiva de que a nação era a “somma das actividades e das aptidões dos indivíduos”⁶⁵, para Paulino, ao elevarem a si mesmos dessa maneira, os *homens de bem* elevariam conjuntamente toda a sociedade. Através da reforma e do empenho individual, eles viabilizariam o *progresso* e a *civilização* de toda a nação. Por isso, apostando nos livros como instrumentos de alta eficácia para modelar comportamentos, condutas, desejos e anseios, o Ministro saudava Garnier como alguém que “presta um serviço” à nação, pois acreditava que a leitura de livros como o de Smiles poderiam “despertar os mais nobres estímulos e fortalecer os mais elevados sentimentos do homem”.

Baptiste-Louis Garnier, por sua vez, via o seu trabalho de editor como uma atuação *civilizatória*, embora sempre estivesse também imbuído de interesse comercial. Em sua carta ao leitor em *O Poder da vontade*, ele se dirige ao público da seguinte maneira:

Quando ao merecimento intrínseco da obra que hoje damos a lume, o publico indubitavelmente o reconhecerá, como nós o reconhecemos, e de certo modo confessará que é impossível offecer-se, não só á mocidade, senão mesmo aos adultos,

consiga o resultado de exercitar, adestrar e alargar o espirito, dispondo-o pela aquisição dos dotes necessários para estudos de applicação e interesse pratico.

Eis porque na reforma do plano de ensino do Imperial Collegio de Pedro II procurei tornar mais rigoroso o estudo daquellas matérias que tendem a desenvolver o espirito do alumno na idade em que mais facilmente se póde dirigir, e não exigi provas tão severas nas matérias que tendem mais a enriquecer a intelligencia do que a robustecel-a”. SOUZA FILHO, Paulino José Soares de. **Relatório apresentado à Assembléia Geral na segunda sessão da décima quarta legislatura pelo Ministro e Secretário dos Negócios do Império**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1870, p. 35

⁶⁵ Em discurso para a Assembléia Geral em 1870, o conselheiro afirmou que: “Si o progresso nacional não é, como tive a honra de dizer-vos em outra ocasião, sinão a somma das actividades e das aptidões dos indivíduos, a distribuição da instrucção em todos os seus ramos é indubitavelmente a mais segura base do engrandecimento de qualquer nação. Entre nós, força é dizel-o, não é esta base tão larga e solida quanto devêra ser e desejaríamos que fosse.” SOUZA FILHO, Paulino José Soares de. **Relatório apresentado à Assembléia Geral na segunda sessão da décima quarta legislatura pelo Ministro e Secretário dos Negócios do Império**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1870, p. 39. Essa idéia é uma referência direta à citação de John Stuart Mill que abre *O Poder da vontade* e que também foi citada por Domingos Jaguaribe em *A arte de formar homens de bem*, para quem “se bem reflectirmos reconheceremos que a valia de um Estado, provém da valia dos indivíduos que o compõe”. SMILES, op. cit. (1870), p. 1; JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. III.

um livro mais eminentemente moral e moralizador, e no qual se reflectam com maior atractivo as elevadas e puras intenções de um *homem de bem*.⁶⁶

Esse diálogo de Garnier com os leitores, bem como o sucesso de vendas das obras de Smiles, mostra um alinhamento entre o editor, o governo imperial e o público leitor no interesse pela problemática da moralização masculina e na crença de que as obras do autor britânico serviriam como potente instrumento para a formação dos homens brasileiros. É fundamental notar a peculiaridade dessa apropriação dos livros de Smiles no Brasil, que se encontrava nas franjas do colonialismo cultural britânico. Na Grã-Bretanha, a obra de Smiles emergia dos embates de uma sociedade capitalista e industrial — com uma burguesia pujante, um Estado estruturado, uma classe média em crescimento galopante e uma enorme classe trabalhadora urbanizada —, como uma reação à frustração do autor com o movimento cartista e com as revoltas liberais de 1848. Descrente na capacidade do Estado em dar assistência aos trabalhadores e às classes médias baixas, Smiles propunha em seus livros que esses grupos deveriam educar a si mesmos e pavimentar sozinhos seu caminho para conquistar a dignidade e a tão ambicionada ascensão social. Seus escritos se inseriam em um horizonte liberal de reforma social, fortemente pautado pelas ideias de John Stuart Mill, para quem a sociedade só poderia ser transformada através da reforma de cada indivíduo. O norte dessa reforma se baseava numa moral cristã conservadora, na vigorosa crença na virtude do trabalho, na meritocracia, no poder redentor da racionalidade e nas amplas possibilidades de mobilidade social e prosperidade proporcionadas pelo capitalismo industrial.⁶⁷

⁶⁶ GARNIER, Baptiste-Louis. Ao leitor. In: SMILES, Samuel. **O Poder da Vontade ou Caráter, Comportamento e Perseverança**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1870.

⁶⁷ Entre as décadas de 1830 e 1840, primeiro em Edimburgo e Leeds, um dos grandes pólos industriais da Inglaterra à altura, Samuel Smiles manteve estreita articulação com movimentos reformistas de inspiração cartista, que pretendiam solucionar as mazelas sociais através de uma transformação orgânica da estrutura governamental. Focados principalmente na ampliação da atuação das classes trabalhadoras e na destituição dos privilégios da aristocracia, e apostando em uma aliança das classes médias e trabalhadoras, esses movimentos reivindicavam transformações como o sufrágio universal e a ampliação da participação parlamentar das camadas populares.

Apesar de seu forte empenho em promover essas campanhas, ao mesmo tempo Smiles expressava um forte ceticismo quanto à extensão de suas possibilidades. Em uma conferência intitulada “Diffusion of Political Knowledge Among the Working Classes”, publicada em 1842, ele explicitava que a seu ver nenhum governo poderia transformar o “ocioso e desleixado em trabalhador, o imprevidente em útil, o bêbado em sóbrio... Essas reformas devem ser realizadas pelos trabalhadores por eles mesmos...” [Tradução livre do seguinte trecho: “the

Na lógica liberal apresentada por Smiles, ser ou não bem-sucedido e realizado estava ao alcance de todos, um discurso atrativo para segmentos das classes médias baixas de uma sociedade industrial em que se abriam novos horizontes de mobilidade social. Para guiar as ações do *homem de caráter* em sua jornada pela vida, o receituário de Smiles era estrito: ele deveria buscar exercer, o mais amplamente possível, o domínio sobre si mesmo. Noutras palavras, através da disciplina, da autocensura, do autocontrole e da “rigidez dos costumes”, ele deveria vencer suas inclinações “naturais e selvagens” ao vício e cumprir seu dever moral e laboral. A autovigilância e a autocoerção propostas em seus livros deveriam incidir e ordenar minuciosamente todas as esferas íntimas e partilhadas da existência: os prazeres, os desejos, os tempos, os espaços, as relações sociais, os corpos e os afetos. Embora não fosse categórico quanto ao uso de seus aconselhamentos como instrumentos para a ascensão social, como aponta Kenneth Fielden⁶⁸, a apropriação de seus livros como guias para a conquista de posições sociais foi bastante frequente na Grã-Bretanha. Assim, foram muitos os leitores britânicos que, para além da esfera da formação moral, que era a mais enfatizada por Smiles, se apropriaram desses instrumentos como forma de modelarem a si mesmos de acordo com as demandas e padrões dominantes na sociedade em que procuravam prosperar.

O Brasil que importava os livros de Smiles era uma nação recém-independente, com instituições incipientes, uma organização econômica predominantemente agroexportadora, com grande concentração de poder na elite branca proprietária de terras e em uma

idle and slovenly industrious, the improvident useful, the drunkard sober...These were reforms which must spring from individuals themselves...”.]

Não à toa, a mesma consideração foi reproduzida na abertura de *Self-Help*, escrito e publicado na década de 1850. Nesse período, frustrado com os rumos violentos do movimento cartista, descrente nas potencialidades da reforma governamental e animado com o portentoso crescimento econômico da Grã-Bretanha, Smiles passava a apostar exclusivamente na reforma social através da reforma moral dos indivíduos. Foi com esse intuito que elaborou seus livros, que tinham como objetivo serem instrumentos de auxílio aos homens das classes médias e trabalhadoras em sua jornada de autoaperfeiçoamento — pautada pelo cultivo da perseverança, da disciplina, da abnegação, da sujeição de si mesmo e do afincamento laboral —, bem como na conquista de sua independência financeira. Portanto, paralelamente às reformas institucionais, na visão de Smiles, seria fundamental a realização de uma reforma particular dos sujeitos, a ser conduzida individualmente por cada um em prol de seu autoaperfeiçoamento moral. TRAVERS, Tim. Samuel Smiles and the Origins of "Self-Help": Reform and the New Enlightenment. *Albion: A Quarterly Journal Concerned with British Studies*, n. 2, v. 9, 161-187, 1977, p. 176; Briggs, op. cit.; Travers, op. cit.; Fielden, op. cit.; Jarvis, op. cit.

⁶⁸ FIELDEN, op. cit.

emergente e estreita classe média urbana, que subjugavam uma grande população negra escravizada e um grande contingente de brancos, negros e mestiços livres e empobrecidos. Sua intelectualidade, bem como suas elites políticas, estava às voltas com os grandes impasses e contradições de formar uma nação *civilizada* em uma realidade majoritariamente agrária, escravista, multirracial e constituída pelos costumes e padrões socioculturais da tradição colonial. Esse desejo de *civilização*, nesse caso, não se voltava para as populações subjugadas, mas para os próprios homens das classes privilegiadas, que ainda eram formados dentro de uma cultura patriarcal, agrária e escravista, na qual padrões culturais centrais para a formação de *homens de bem* — como o culto burguês ao trabalho e a crença e implicação em um esforço contínuo de domínio e cultivo de si — nem sempre eram organicamente inculcados e reproduzidos.

Assim, em marcado contraste com o contexto britânico do escritor, no Brasil, os livros de Smiles foram introduzidos por agentes estatais e por uma elite dirigente que objetivava torná-los parte de seu projeto de civilizar e construir uma identidade moral para uma nação emergente. José Domingos Nogueira Jaguaribe, filho de um dos mais eminentes senadores do Império, era um profundo admirador das obras de Smiles, mesmo sendo também um leitor erudito, familiarizado, por exemplo, com as obras de Montaigne e Rousseau. Livros de Smiles figuravam também nas prateleiras do presidente Prudente de Moraes, do jurista Spencer Vampré e do advogado e colecionador Alberto Frederico de Moraes Lamego.⁶⁹ Essa leitura de Smiles pela elite brasileira é significativa da diferença da apropriação de seus livros aqui em relação à Grã-Bretanha. Smiles não escreveu seu livro para as elites, mas para as classes trabalhadoras e para as classes médias baixas, que foram efetivamente os seus leitores em seu contexto de produção. Através de seus livros, esses grupos ganhavam acesso a uma versão vulgarizada da cultura burguesa que as classes altas, que efetivamente modelaram organicamente essa cultura, adquiriam de outras maneiras: através de leituras

⁶⁹ O exemplar de Prudente de Moraes está em seu arquivo pessoal, alocado no Museu Republicano. O de Vampré foi doado por ele para a biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Os livros de José Feliciano de Oliveira e Alberto Lamego estão em seus acervos pessoais, abrigados no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

eruditas, pela transmissão familiar, pelo contato com instituições como as escolas tradicionais, a Igreja etc.

No Brasil, os leitores de Smiles parecem ter sido, em um primeiro momento, pertencentes às classes altas. Um grupo social que, apesar de sua posição elevada na sociedade brasileira, encontrava-se alheio aos mecanismos de transmissão e reprodução da cultura burguesa das elites europeias e encontrava em seus livros uma forma de se apropriar dessa cultura para formar as instituições educativas da nação emergente, mas também, é bastante possível, para formarem a si mesmos. Se na Grã-Bretanha, Smiles significava a oportunidade de prosperar em uma sociedade burguesa e industrial, aqui, significava uma possibilidade de civilizar-se para poder constituir uma sociedade aos moldes da sociedade britânica.⁷⁰

A capacidade dos livros de Smiles de formar, modelar e inspirar os homens a seguirem o caminho “civilizado” e “do bem” era partilhada por outros atores que se engajavam nos debates e ações pela instrução e pela educação no período. Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha Filho, enquanto inspetor geral da instrução pública do município da Corte, instituiu *O Caráter*, em 1877, como obra a ser adotada no ensino da Corte e das Províncias.⁷¹ O médico e político José Domingos Nogueira Jaguaribe Filho, reverenciava Smiles como um “sábio” e *O Caráter*, como “imortal obra”, de modo que ao final de seu próprio livro, *A arte de formar homens de bem*, reproduziu máximas e aforismas do autor, dando-lhe o mesmo tratamento que era comumente dado aos autores clássicos.⁷² Já em tempos republicanos, em 1891, além de *O Caráter*, também foram listados como livros aprovados para o uso das escolhas primárias

⁷⁰ Por isso, não analisamos as traduções das obras de Smiles e de outros autores estrangeiros como meras cópias mecânicas do ambiente europeu, como um anseio de nossas elites de simplesmente mimetizar os costumes burgueses. O sentido da importação era profundo e correspondia a um objetivo e um projeto específico. Os livros estrangeiros podem ser analisados como os livros nacionais: neles encontramos igualmente expressas as aspirações, desejos, conflitos e anseios que moldavam o *homem de bem* projetado por nossas elites, que selecionavam em suas traduções os livros que se alinhavam com seus objetivos.

⁷¹ A indicação de *O Caráter* como material didático para o ensino primário e secundário do município da Corte — e como esse era o modelo para os colégios provinciais, virtualmente para todo Império — está contida em ofício do Inspetor Geral da instrução pública do município Corte reproduzido no início da segunda edição brasileira do livro. Cf. SMILES, Samuel. **O Caráter**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878.

⁷² “Terminamos nosso livrinho com alguns pensamentos extrahidos da immortal obra O Carácter de Samuel Smiles, citações e pensamentos de vários autores, e rogamos aos leitores que os leão com reflexão”. JAGUARIBE FILHO, Domingos José Nogueira. **A arte de formar homens de bem – oferecida às maes de familia**. São Paulo: Typographia do Correio Paulistano, 1880, p. 79; p. III.

O Dever, O Poder da Vontade e Economia Doméstica.⁷³ Em 1897, o diretor do Atheneu Ubatubense, João Diogo Esteves da Silva, mencionou *O Character* como uma das bases para o seu *Elementos de instrução moral e cívica*, citando trechos completos da obra ao longo do livro.⁷⁴ Na década de 1910, de acordo com Dona Passina, que à época era professora em Santa Catarina, os livros de Smiles eram “leitura de cabeceira das normalistas”.⁷⁵

A repercussão de Smiles foi enorme também para além dos muros das escolas, uma vez que o tema da moralização masculina estava em voga não apenas nos circuitos do governo Imperial e da intelectualidade nacional, mas também entre grande parte do público leitor da época. Porém, esse era um diálogo bastante elitizado. Nas primeiras edições, percebe-se o empenho de Garnier em convencer o público do valor educativo das obras de Smiles e a retórica utilizada se valia da linguagem corrente entre os homens das classes altas. As primeiras edições possuíam capas de couro verde texturizado, com título em baixo relevo, corte regular das folhas e impressão cuidadosa. No prefácio das obras, Garnier se ocupava longamente de explicitar as escolhas de tradução e anexar, sempre que possível, documentos que legitimassem seu reconhecimento pelas autoridades do Estado Imperial. Na primeira edição de *O Poder da Vontade*, anexou a carta do conselheiro Paulino José Soares de Souza; na segunda edição de *O Character*, anexou o ofício do Ministério dos Negócios do Império que recomendava o livro para uso nas escolas públicas e o parecer completo de Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha Filho, inspetor geral interino da instrução primaria e secundaria do município da Corte.⁷⁶ A partir da publicação de *O Dever*, em 1880, ao que

⁷³ Sobre a inclusão das outras obras de Smiles nas políticas de instrução pública, ver BASTOS, op. cit., p. 120.

⁷⁴ SILVA, João Diogo Esteves da. **Elementos de Instrução moral e cívica para uso dos alunos da Escola Nocturna do Atheneu Ubatubense do Grupo Escolar Dr. Esteves da Silva**. Rio de Janeiro/São Paulo: Alves & Cia, 1897, p. II-III.

⁷⁵ Em Santa Catarina, Gladys Mary Teive Auras relata que Orestes de Oliveira Guimarães, um professor paulista, formado pela Escola Normal de São Paulo, quando Inspetor Geral do Ensino de Santa Catarina (1910-1918), indicou as obras de Samuel Smiles para compor as bibliotecas das escolas públicas catarinenses. Segundo relato coletado pela autora com uma professora do período, Dona Passina, as obras de Smiles eram “leitura de cabeceira das normalistas dos anos 1910”. AURAS, Gladys Mary Teive. **“Uma vez normalista, sempre normalista”** – A presença do método de ensino intuitivo ou lições de coisas na construção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinenses – 1911-1935). Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Paraná, 2005, p. 230-231; DEONARDI, Vanessa Goes; TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. Semeando entusiasmos: a Reforma Orestes Guimarães em Santa Catarina (1910-1918). **Roteiro**, v. 43, n. 2, p. 707-726, 2018.

⁷⁶ SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878.

parece, os livros de Smiles já haviam ganhado notório reconhecimento e não precisavam mais desse tipo de introdução laudatória (FIG. 1; 13-16).

Por meio dessa primeira circulação, Smiles se tornou reconhecido na esfera pública das classes altas, de forma que o uso de aforismos e máximas extraídos de suas obras passavam a ser frequentes em jornais e revistas, nos quais seu nome era constantemente evocado como autoridade máxima em assuntos morais.⁷⁷ Seu renome se tornou tal símbolo de civilidade que chegou até mesmo a batizar uma empreitada educativa em Macaé, Rio de Janeiro, o “Colégio Samuel Smiles”.⁷⁸ Nas propagandas que a Garnier realizava nas folhas de rosto de suas publicações, bem como em seus Catálogos Gerais, seus livros eram apresentados ao público como um conjunto especial, em seção destacada e auto referenciada — “Obras de Samuel Smiles” —, com notável destaque em relação às outras obras semelhantes, que eram apenas listadas em ordem alfabética, dentro de seções dedicadas à moral e à educação (FIG. 27).⁷⁹

Por ser uma leitura acessível e de grande eficácia, seus livros também eram largamente utilizados na educação doméstica. Em 1901, um articulista do *Jornal do Commercio* recordava que o pai o obrigara a ler “no período de formação do caráter Samuel Smiles, uma e muitas vezes”.⁸⁰ Em 1904, um irmão diligente, preocupado com o futuro de sua irmã, procurava auxiliá-la nos empecilhos de sua vida profissional presenteando-a com uma edição de *O Dever* (FIG. 3):

Esther,

Na carreira que abraças-te, não te faltarão contrariedades.

Cumpre, porém, o teu dever, tomando por guia este livro, que suprirá os conselhos que te poderia dar o irmão affectuoso.⁸¹

⁷⁷ Em periódicos e livros da época, seu nome era apresentado como uma notória autoridade moral: “Samuel Smiles, o educador do povo por excelência”; “a célebre obra de Samuel Smiles”; “se pudera Samuel Smiles juntar aos seus grandes ensinamentos do poder da vontade”. Cf. MAGALHÃES, Valentim. **Lições de Pedagogia**. Rio de Janeiro: Laemmert e Cia, 1900.

⁷⁸ PENTEADO, Ernesto. Collegio Samuel Smiles. **O Regenerador**, Rio de Janeiro, 1 jan. 1911.

⁷⁹ CATÁLOGO GERAL DA LIVRARIA GARNIER, Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1913; propaganda da H. Garnier ao final de AZEVEDO, Aluizio. **Pégadas**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1897.

⁸⁰ JOSÉ, ESTEVAM. Carta sem estylo. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 3 mar. 1901.

⁸¹ SMILES, Samuel. **O Dever**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1899. No horizonte de grande parte das famílias de classe média e alta, nas quais a individualização de seus membros era ainda pequena se comparada à atualidade

A mobilização dos livros de Smiles como substituto ou complemento à educação familiar nesse período de transição da vida também aparece na dedicatória de José Maximiano ao jovem Clemente. Alguns livros também eram adquiridos por homens já adultos, como forma de complemento à sua formação ou instrumento de fortificação para lidar com os desafios e adversidades da vida, de automodelação ao ideal do *homem de bem* ou para auxiliar na conquista de posições mais elevada na sociedade. Esse foi o caso, por exemplo, de Wilson Vieira, um médico recém-formado que adquiriu *O Poder da Vontade* em 1920 e, por suas prolíferas anotações, parece ter lido atentamente o livro durante seus primeiros anos de atuação profissional em Jardinópolis.⁸²

Na virada do século XX, os livros de Smiles foram incorporados à coleção “Bibliotheca Scientífica” da Garnier, que era uma espécie de coleção básica de *civilização*, oferecida para

e o acesso a bens materiais e simbólicos pela hereditariedade era parco ou inexistente, o projeto de manutenção e ascensão social era um plano intergeracional. De maneira genérica, as meninas eram normalmente preparadas para a conquista de um bom casamento, através do qual poderiam ampliar o capital social da família e, através da procriação e da função materna, ampliar os seus membros e educá-los de acordo com o projeto familiar. Se permaneciam solteiras ou se não podiam ser sustentadas pelo pai, eram designadas à atuação no pequeno leque de profissões que poderiam lhes garantir uma boa subsistência. Em ambos os casos, para o senso comum das classes médias, uma mulher que trabalhasse, exceto em casos extremos de viuvez ou invalidez prematura do homem responsável por seu sustento (pai ou marido), era uma mácula moral para o *chefe de família*, uma vez que atestava seu insucesso enquanto *provedor*. A partir de 1890, com a autorização do Estado republicano ao ingresso feminino no ginásio público e nas escolas profissionalizantes, gradativamente se ampliava o contingente de mulheres de classe média que ingressavam no mercado de trabalho. Contudo, como observamos, nem sempre a entrada dessas mulheres no universo profissional estava relacionada apenas com ideais autonomistas e igualitários. Por vezes a vida profissional feminina era uma condição transitória, estabelecida somente durante a ausência de um *provedor*. Quando o casal possuía filhos homens, esses deveriam assumir o lugar de homem da casa na ausência paterna, como no caso de Justino, que ao apresentar a irmã com uma cópia de *O Dever* parece ter ocupado o lugar dirigente e instrutivo de um pai faltante. Sobre o ingresso das mulheres de classe média no mercado de trabalho desse período, ver: MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **Elas também desejam participar da vida pública**: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. In: PISCITELLI, Adriana et al. **Olhares Feministas**. Brasília: MINC/Unesco, 2007, 437-465; MOTT, Maria Lúcia et al. “Moças e senhoras dentistas”: formação, titulação e mercado de trabalho nas primeiras décadas da República. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Manguinhos, n. 15, 2008, p. 97-116 e FERREIRA, Pedro Beresin Schleder. As mil vias de apropriação da Avenida Angélica: as mulheres entre a cidade, o trabalho e a domesticidade (1870-1920). Conferência apresentada no **Seminário Domesticidade, Gênero e Memória**, CPF-SESC, 2017b. Sobre a preparação feminina para assumir os negócios da família em caso de ausência do provedor, destaca-se a pesquisa de Maria Luísa Albiero Vaz sobre as mulheres viúvas da elite cafeeira. Vale notar que, no caso de famílias de classe média, muitas vezes as esposas e filhas ainda desempenhava papel auxiliar na atividade profissional do marido — como no caso de comerciantes, pequenos produtores têxteis etc — e, na ausência masculina, eram muitas vezes elas que continuavam o negócio familiar. VAZ, Maria Luísa Albiero. **Mulheres da elite cafeeira em São Paulo**: conciliação e resistência (1890-1930). São Paulo, dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1995.

⁸² JARDINÓPOLIS. **Correio Paulistano**. São Paulo, 14 de fev. 1922; JARDINÓPOLIS. **Almanak Laemmert**. São Paulo, v. 2, 1921, p. 2939; SMILES, Samuel. **O Poder da Vontade**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1870 (acervo pessoal).

o grande público. As obras possuíam capas estandardizadas, que não dialogavam mais com o imaginário erudito dos livros de couro, tratados como objetos preciosos e profundos. A impressão, encadernação e corte eram mais grosseiros e inferiores aos das primeiras edições. Nesse momento, o leitor projetado pela editora parece não ser mais aquele pertencente à elite, mas aos emergentes segmentos médios urbanos, que poderiam se apropriar da obra de maneira análoga à do leitor britânico de meados do XIX (FIG. 2; 17-20).⁸³

Em 1924, *Heróis da Ciencia e da Industria* — um compilado de pequenas biografias exemplares de homens notáveis — foi incluído na coleção e por meio do diálogo de seu tradutor com o público podemos ter uma boa dimensão da posição que os livros de Smiles ocupavam nesse período. A nova obra foi introduzida como um complemento à série de livros do “famoso e popularíssimo autor de tantas obras, entre as quaes avultam principalmente ‘O Character’ e ‘O Poder da Vontade’”:

Livros estes que figuram em todas as bibliotecas daquelles cuja atenção se volta para as obras edificantes, – tão poucas nos tempos de hoje, – e que não demandem fina ou profunda illustração para ser comprehendidas e assimiladas á massa dos nossos conhecimentos.

É este justamente o segredo da voga extraordinária de que gozou ao apparecer e continua a gozar o vigoroso escritor escossez Samuel Smiles, apostolo da força de character, que é um dos apanágios mais essenciaes á sua raça, e do optimismo são, que fez do Reino Unido um povo diretor do mundo actual.

[...] Mas, sobretudo, estas paginas poderão ser como que um pollen fecundante para aquellas intelligencias animadas do espirito inventivo ou simplesmente empreendedor na applicação do que já está conhecido, na realização de melhoramentos práticos no meio onde essas intelligencias possam exercer sua actividade. Depende ás vezes de um estímulo como o que os exemplos aqui citados podem dar o ganharmos

⁸³ É interessante notar que autores britânicos como Asa Briggs, Tim Travers e Kenneth Fielden comumente apontam o começo do século XX como o declínio de Smiles na sociedade britânica. Aqui, ele parece ter tido um novo ciclo de leituras, pelas classes médias urbanas que estavam em crescimento e formação. BRIGGS, op. cit.; TRAVERS, op. cit.; FIELDEN, op. cit.

impulso decisivo de que necessitávamos para uma iniciativa a que nos seduz a nossa inclinação e certa íntima fé em nós mesmos.⁸⁴

O tradutor exalta duas características da obra: a sua acessibilidade ao grande público, por ser uma leitura leve e que não demandava o tempo e a instrução da leitura erudita, e a ponte que realizava entre o Brasil e a civilização britânica, dando aos homens brasileiros o acesso aos exemplos inspiradores dos “grandes homens” daquela nação. Essas qualidades dos livros de Smiles também foram valorizadas em outras obras traduzidas no período. Quando *Philosophia da felicidade*, de Paul Janet, foi traduzido e editado pela Livraria Garnier em 1878, recebeu uma saudação semelhante do *Jornal do Commercio*, que esclarecia que o livro não era uma leitura acadêmica, como poderia parecer pelo nome, mas uma leitura para guiar a vida vulgar masculina, uma vez que “encerra proveitosas lições para a vida prática, anima o homem no caminho do bem, sustenta-o em seus desfalecimentos e indica-lhe, como estrela polar o dever”.⁸⁵

Esses mesmos motes inspiraram os autores que, desde meados do século XIX, escreviam livros do mesmo gênero em solo nacional. Envolvido na missão civilizatória de moralizar a nação brasileira e confiante no potencial transformador de seu livro, José Domingos Nogueira Jaguaribe Filho, destinou três quartos dos dois mil exemplares impressos de *A arte de formar homens de bem*, “à distribuição gratuita pelas mães de família”, sendo a parte restante comercializada apenas para custear as despesas de envio dos gratuitos (FIG. 21-26).⁸⁶ Em resenha para o *Monitor Paulista*, o médico e lente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Antonio Corrêa de Souza Costa, saudava a iniciativa, classificando a obra como uma peça “de propaganda”:⁸⁷

⁸⁴ PREFÁCIO do tradutor. In: SMILES, Samuel. **Heróis da Ciência e da Indústria**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1924.

⁸⁵ IMPRENSA. **Jornal do Commercio**, 12 de outubro de 1878, p. 2.

⁸⁶ JAGUARIBE FILHO, op. cit. p. XV-XVI.

⁸⁷ Lente da cadeira de Higiene e História da Medicina da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, membro titular da Academia Imperial de Medicina e clínico do Hospital Militar dos Convalescentes. GONÇALVES, Monique de Siqueira. Entre livros e apólices: a trajetória do clínico, lente e acadêmico Antonio Corrêa de Souza Costa. **Anais do I Seminário Internacional Brasil no Século XIX**, Vitória, 2014. Disponível em: <https://www.seo.org.br/images/Anais/Luana/MoniqueDeSiqueiraGonalves.pdf>. Acesso em: 14 set. 2023.

Em um paiz como o nosso, onde a hygiene privada e publica é apenas conhecida, e os seus mais salutaes preceitos completamente ignorados ou despresados, um livro de propaganda, como o vosso, é um tesouro de inestimável valor, que deve ser lido com interesse e satisfação por todos aquelles que, compenetrados da verdadeira missão do homem sobre a terra, desejão ser uteis á si, á patria e á familia.⁸⁸

O livro prestava “um serviço relevante ao paiz”, pois ajudava a vulgarizar preceitos já estabelecidos em “estyllo claro e ao alcance de qualquer intelligência”.⁸⁹ Como analisaremos mais detidamente adiante, diversas estratégias de redação eram empregadas nesse gênero literário, por autores europeus e brasileiros, que procuravam redigir em estilo leve e vivaz, misturando diferentes registros de escrita, procurando viabilizar a leitura de seus livros por um público amplo e com práticas de leitura diferentes da tradição erudita e exegética.⁹⁰ Porém, antes, analisemos a posição que os autores construía para si mesmos em relação ao público leitor.

Em sua consideração sobre o livro, Souza Costa reconhecia em Jaguaribe não a posição do autor original, mas de um autor difusor, que buscava amplificar ideias estabelecidas por outros. Ciente de que tais obras eram necessárias para o alinhamento e homogeneização dos comportamentos e padrões morais da população nacional, reconhecia o valor do empenho, uma vez que “não é só nos trabalhos de grande fôlego, nas obras monumentais dos grandes mestres que o povo se instrue e illustra seu espirito”⁹¹. De fato, os autores que temos em análise não se postavam como intelectuais distantes e elevados, detentores de saberes superiores e especializados, mas como homens de alta classe, com instrução, que, despidos

⁸⁸ Para Antonio Correa a hygiene era uma disciplina totalizante, que tinha como objetivo “a perfectibilidade do homem, considerado physica, intelectual e moralmente”, sendo a “mais sublime das sciencias ou como disse J. J. Rosseau é antes uma virtude do que uma sciencia”. Essa forma de pensar a emergente disciplina médica era partilhada pela maioria dos professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que, através da hygiene, procuravam atuar sobre questões morais, psicológicas e fisiológicas do humano. Pensando dessa maneira, os médicos se propunham a teorizar e intervir não apenas em temas sanitários, mas também em assuntos de costumes e comportamentos. COSTA, Antonio Corrêa de Souza. Arte de formar homens de bem offerecida ás mães de familia pelo Dr. Domingos J. N. Jaguaribe Filho. **Monitor Paulista**: Político e Literário, São Paulo, 11 de abril de 1880, p. 2. Sobre a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro Cf. COSTA, op. cit.

⁸⁹ *Ibidem*.

⁹⁰ Sobre a tradição erudita de leitura, ver CHARTIER, Roger. Du livre au lire. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Pratiques de la lecture**. Paris: Éditions Rivages, 1985, p. 81-120.

⁹¹ COSTA, Antonio Corrêa de Souza, op. cit.

de qualquer ambição de inovação ou originalidade, apresentavam apenas preceitos já estabelecidos pela tradição cristã e/ou calcados na *civilização* europeia.⁹²

No prefácio da primeira edição de *A arte de educar os filhos*, Werneck afirma que o seu livro foi escrito intuitivamente, com base em suas próprias experiências de vida. “Para o conjunto da humanidade elle nada encerra de novo, mas em relação a cada preceptor isoladamente preencherá lacunas importantes do seo systema empírico”⁹³. Naturalizando suas normativas como uma espécie de senso comum universal, afirmava: “não tenho todavia a pretensão de haver dito novidades; penso mesmo que o merito do livro está justamente nessa particularidade. Nada se inventa em matéria de educação”. A seu ver “desde as mais remotas éras da humanidade, tem apparecido caracteres modelos, que deverão suas virtudes aos processos de ensino moral, intuitivos sem duvida, mas nem por isso menos verdadeiros”⁹⁴.

Dessa maneira, Werneck apresenta seu livro como uma espécie de sistematização e aperfeiçoamento de um senso comum que já seria corrente na sociedade. Inclusive, faz questão de explicitar que não realizou nenhuma leitura durante sua realização. Porém, depois de completa a obra, relata que leu livros que à época eram consagrados na Europa Central, como *Emílio* de Jean-Jacques Rousseau, que inspirou grande parte das iniciativas educacionais do século XIX; *Educação intelectual, moral e physica* de Herbert Spencer, autor mais contemporâneo, um dos pais do darwinismo social e responsável por sua ampla difusão; e os *Conselhos a meo filho e minha filha*, de Mme Lambert.⁹⁵ A seu ver, em muitos pontos teriam chegado às mesmas conclusões, pois era “comum o campo de observação”, o que dá a ver a sua concepção de que a observação criteriosa de um fenômeno por um homem de

⁹² Diferentemente do que Jurandir Freire Costa observa nas teses médicas defendidas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, nos livros prescritivos a cristandade nunca é tratada como um atraso aos avanços sociais. Pelo contrário, ela é sempre apresentada como base moral inquestionável, que deveria ser reverenciada e que era perfeitamente compatível com o conhecimento científico e secular. COSTA, op. cit., p. 178. Sobre a escrita médica desenvolvida na segunda metade do XIX, Cf. GONDRA, José. **Artes de civilizar: Medicina, Higiene e Educação Escolar na Corte Imperial**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.

⁹³ WERNECK, Américo. Prefacio da 1ª edição. In: WERNECK, Américo. **A Arte de educar os filhos: às jovens mãis**. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commércio de Rodrigues & C., 1895, p. 4

⁹⁴ Ibidem, p. 3.

⁹⁵ Sobre *Émile ou De l'Éducation* (Emílio ou Da Educação) de Rousseau, Cf. BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985 e ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Sobre Herbert Spencer, cf. SCHWARTZ, op. cit.

razão era caminho seguro para chegar às leis universais e fundamentais da vida social.⁹⁶ Essa era a posição a partir da qual a maioria desses intelectuais brasileiros pensavam a si mesmos, assim como os homens brancos com instrução formal em geral. Para Werneck, o que distinguia seu livro das obras dos grandes autores europeus mencionados era seu caráter “mais popular, mais aplicável, mais completo”. E por meio dele, procurava “oferecer as jovens mães, com especialidade às minhas patricias, um auxiliar seguro para educar as gerações futuras, preparando-as para resolver definitivamente as questões sociais, que trazem a sociedade actual em completa subversão”⁹⁷.

Por sua vez, Pedro de Oliveira, em *Deveres do Homem*, apresentava sua obra como uma compilação dos acúmulos da civilização cristã, procurando apelar a um senso comum amplamente difundido pela Igreja católica nos trezentos anos de colonização que antecederam a obra. O que tem de peculiar, diferente dos autores de final do século, é que afirma de maneira mais ostensiva a superioridade da cristandade em relação a outras civilizações – discurso também presente em Werneck e Jaguaribe, porém, de maneira mais difusa e fundida com o repertório secularizado do pensamento evolucionista e darwinista de fins do século.

No caso de Jaguaribe, a superioridade da civilização europeia na qual ele sustenta a legitimidade de seu livro é apresentada ao leitor através da veneração a seus pensadores e autores, citando frequentemente outros livros e sugerindo leituras. Ciente de que o Brasil era uma “patria tão nova”⁹⁸, parecia convencido de que o caminho para formar e engrandecer a nação seria difundir aqui os preceitos e os livros da *civilização* europeia. Na introdução de *A arte de formar homens de bem*, faz deferência aos autores “que nos últimos annos têm-se esforçado por mostrar a influencia dos bons costumes, do poder da vontade e do character, como bases de todos o engrandecimento” e afirma que “foi a leitura destes preciosos livros que nos animou a escrever este modesto trabalho”⁹⁹.

⁹⁶ PATTERSON, op. cit.

⁹⁷ WERNECK, op. cit., p. 5

⁹⁸ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 81

⁹⁹ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. II-III. Adiante, Jaguaribe explicita os livros que leu para compor a obra: *Estatica Social* de Herbert Spencer; *Doutrina da Educação* de Levana; *A família* de Paul Janet; *Apostolado da Mulher Catholica* de Paulo Ventura; *A mulher forte* de Mgr. Landriot; *A educação das mães de família* de Aimé Martin; *A educação das mães de família* de Mme Fertiault; *O Character e O Poder da Vontade* de Samuel Smiles; *Cartas sobre*

Ao longo da obra, vale-se de extensas citações de autores europeus, sempre tratados como autoridades incontestáveis, que comumente eram acompanhadas de deferências, como a feita a Samuel Smiles, que chama de o “sábio autor do *Character*”¹⁰⁰, ou ao “excelente livro *Hygiene da Alma* [do Barão de Feuchtersleben] , d’onde extrahimos as verdades que acabamos de transcrever”¹⁰¹. Diversas vezes, chega a recomendar diretamente a leitura de obras, como na Introdução, quando menciona “S. Smiles e Mgr. Landriot, cujas obras devemos lêr como um precioso breviário que todas as mães devem ter em casa” ou que “seria útil que todas as mães que desejem aperfeiçoar seu espírito, lessem com cuidado os dous livros de Mme. Fertiault *A felicidade na família* e *A família* por Paulo Janet; com a leitura destes preciosos mestres se adquirem noções da vida prática e de moral”¹⁰².

Jaguaribe se posicionava explicitamente como uma espécie de *passador cultural*¹⁰³, um intermediário que estava sintetizando e organizando em linguagem vulgar e facilitada os preceitos da cultura *civilizada* europeia para que fossem absorvidos e aplicados na vida cotidiana das famílias brasileiras. Para tanto, buscava adaptar alguns preceitos às condições nacionais, buscando exemplos locais e dialogando com a realidade nacional, como quando, sabendo que estava dialogando com famílias que podiam viver em contextos rurais ou em pequenas cidades, instigava que os pais procurassem em suas cidades *homens de caráter*, mesmo que fossem da classe trabalhadora, para que seus filhos pudessem conhecê-los e inspirar-se por seus exemplos. E aconselhava que, assim que possível, enviassem seus filhos às grandes cidades, pois somente lá poderiam efetivamente entrar em contato com a *civilização* e seus mais destacados exemplos.¹⁰⁴

a *educação das moças* de Félix Dunpalop; *Os caracteres* de M. de Maricá; e *Maximas* de Larocheffaulcauld. JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 91. Em outras partes do livro, faz amplas menções a Montesquieu e a Jean-Jacques Rousseau.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 79

¹⁰¹ Ibidem, p. 101.

¹⁰² Ibidem, p. 140.

¹⁰³ Estamos nos valendo da noção cunhada por Serge Gruzinski para pensar as relações entre europeus e povos nativos no período colonial. Aqui, estamos pensando o *passador* como essa figura que faz a mediação entre a cultura *civilizada* europeia e os altos estratos da sociedade brasileira nos séculos XIX e XX. GRUZINSKI, Serge. **1480-1520: a passagem do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 104-105.

¹⁰⁴ É interessante notar que Jaguaribe se dirige tanto aos homens quanto às mulheres de classe alta e se mostra bastante consciente das demandas dessa posição em diversos momentos, como quando pondera que poderia ser criticado por ter tratado mais da educação moral do que da instrução intelectual em seu livro, contudo “nossa desculpa está no complexo de nosso trabalho, que visa mais o coração do que a cabeça; pois seria por ora uma

Ao final, atuando literalmente como um difusor, reserva uma seção apenas para aforismos e citações diretas de outros autores:

Terminamos este nosso livrinho com alguns pensamentos extrahidos da immortal obra *O Character* de Samuel Smiles, citações e pensamentos de caros autores, e rogamos aos leitores que os leão com reflexão; porque encontrarão nelles o fructo de grandes trabalhos e um manancial inesgotável para a instruccção e educação da familia.

Com estes pensamentos que resumem a leitura de muitos livros, julgamos que rendemos homenagem a seus autores, e assim oferecemos um material que poderá ser aproveitado pelos oradores, escriptores e por todas as classes da sociedade.

O nosso fim é dar com os extractos, o material com que os páes de familia e os diretores de educação possuem inocular no espirito de seus filhos e discípulos o estímulo, respeito e conhecimento com os quaes, na infância, na virilidade e ainda mesmo na velhice, todos se pôdem escudar, afim de se tornarem – HOMEMS DE BEM.¹⁰⁵

A pretensão de difusor de Jaguaribe extrapolava até mesmo a relação autor-leitor, pois ambicionava que a coleção de máximas e aforismos se destinasse não apenas à “leitura e reflexão”, mas também à multiplicação pela oralidade, servindo de proveito a “oradores, escriptores e por todas as classes da sociedade”¹⁰⁶. Nessa última seção do livro, em que ele compilou trechos do livro de Smiles, alocados em subcapítulos temáticos — “Bons livros e pensamentos”, “A Família”, “A sujeição de si mesmo”, “Dever e leadade”, “Bom humor”, “Coragem”, “Trabalho” e “Character” —, Jaguaribe tinha a intenção aberta de emular a forma de leitura autorreflexiva pela qual as obras de Smiles se tornaram notórias.

Os índices dos livros de Smiles eram milimétricos, indicando cada tópico abordado dentro dos capítulos — às vezes página por página — de forma que era possível navegar pelo livro de acordo com o interesse ou a necessidade, sem precisar seguir o longo caminho sequencial

utopia, se escrevendo nós para as mães de família, quiséssemos esperar d’ellas toda educação intelectual, porque sabe-se quanto o actual systema de educação literária dá a mulher”. JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 141.

¹⁰⁵ Ibidem, p. III-IV.

¹⁰⁶ Ibidem, p. IV. Vale notar que circulavam no período alguns livros que pretendiam auxiliar o chefe de família na realização de preleções e discursos no espaço familiar, como *O orador familiar* e *O orador popular*, entre outros. É provável que Jaguaribe estivesse dialogando com o mesmo público que consumia estas obras. Ver QUELER, Jefferson José. O poder da palavra falada: Gênese e sentidos dos manuais para discursos no Brasil da virada do século XIX para o século XX. *Latin American Research Review*, v. 55, n. 2, 2020, p. 278–290.

dos volumes inteiros, que costumavam ter entre 350 e 500 páginas (FIG. 9-11). Não à toa, Motta de Azevedo reconheceu em *Self-Help* as características de um “Compêndio”, pois, de fato, Smiles almejava organizar um livro que fosse um resumo dos valores da burguesia britânica e que pudesse servir de consulta constante para seus leitores, almejando que eles construíssem com os livros uma relação de confiança e confidencialidade análoga à da amizade. Por isso, seus livros não possuíam um discurso linear, mas circular. Como já notaram seus comentadores britânicos, seus argumentos eram repetitivos e redundantes, sempre girando em torno dos mesmos motes: a importância para a realização pessoal e social do cumprimento dos *deveres*, do cultivo da *força de vontade*, da dedicação ao trabalho e do cultivo de um *cárater*.¹⁰⁷ Porém, a repetitividade permitia que sua mensagem estivesse pulverizada em todas as partes do livro, de forma que esse pudesse ser consultado brevemente, para buscar conforto, auxílio, inspiração, fortificação ou conselho, numa leitura rápida, mas meditativa, que buscasse no livro um espaço de contato consigo mesmo e a chave para enfrentar dificuldades e dilemas da vida.¹⁰⁸

Em paralelo a breves considerações teóricas e prescritivas, costumava posicionar-se majoritariamente como um conselheiro pragmático, procurando dar aos livros um caráter instrumental: dedicando-se a analisar os pormenores da vida cotidiana e do processo de formação de um indivíduo para propor caminhos e táticas eficientes para lidar com as tarefas da educação de si e suas adversidades. Para engajar seus leitores não apenas intelectualmente, mas também sentimentalmente, Smiles costumava seguir uma fórmula de estruturação de seus capítulos: começava com breves passagens prescritivas, que ganhavam estofamento através do acúmulo de parábolas, aforismas, provérbios e, sobretudo, de narrativas biográficas de “grandes homens” exemplares, que deveriam servir de modelos de inspiração, identificação e subjetivação para seus leitores.

¹⁰⁷ BRIGGS, op. cit., TRAVERS, op. cit.

¹⁰⁸ Asa Briggs comenta que essa leitura de Smiles foi feita por expressiva parte de seu público britânico, que utilizavam suas obras como livros de consulta frequente, um livro companheiro, de cabeceira, e não apenas como uma leitura única e linear. Essa apropriação de Smiles parece ter ocorrido também no Brasil, como se vê pela mobilização que Jaguaribe faz da obra em seu *A arte de formar homens de bem*, disponibilizando trechos selecionados de Smiles para serem consultados livremente e diante da necessidade pelo leitor. BRIGGS, op. cit.

As biografias curtas e condensadas, que perpassavam todas as suas obras, eram uma das características mais marcantes da escrita de Smiles e era a parte de suas obras que ele mesmo mais valorizava. Em *O Carácter*, dedica um capítulo inteiro à relação dos homens com os livros, no qual descreve com muita clareza a posição que pretendia ocupar como escritor, a leitura que projetava para seus livros e o papel central das narrativas biográficas em seu projeto educacional.¹⁰⁹ De início, propunha que a relação entre os homens e os livros deveria ser uma relação de amizade, pois assim como um ente fraterno, o livro instrui, anima e consola. A amizade era, por extensão, uma relação que o próprio Smiles pretendia construir com seus leitores e esperava que eles encontrassem nele uma identificação e confiança da mesma forma como encontrariam em uma pessoa de sua proximidade. Para Smiles, a identificação dos homens com seus autores prediletos costumava ser tamanha que, não raro, formavam-se amizades por meio da admiração e devoção a uma mesma obra: “o livro é um laço de união mais verdadeiro e mais nobre. Os homens podem pensar, sentir e sympathizar uns com outros pelo intermédio do seu autor favorito. Vivem juntos n’esse autor, e esse autor n’elles”¹¹⁰. A busca por essa proximidade, pelo anseio de penetrar no circuito mais íntimo da confiança do leitor, também era explicitada por Paul Janet, que no Prólogo à segunda edição de *A família*, se demonstrava satisfeito com a difusão de seu livro que tomou lugar “na biblioteca domestica como amigo de confiança. Era o mais querido de meus votos”¹¹¹. O mesmo fizeram, como veremos adiante, os autores brasileiros, que procuravam construir com os *chefes e mães de família* alianças de confiança para que permitissem a sua intervenção em seus assuntos privados e domésticos.

Evidentemente, quando propunham essa proximidade, Smiles e os outros autores estavam pensando em uma relação unilateral, na qual o autor era uma espécie de mentor do leitor. Para Smiles, a forma mais eficaz de exercer essa influência inspiradora e diretiva era através da apresentação de exemplos, modelos de atitude e de ação, através dos quais seus leitores poderiam inspirar-se para modelar a si mesmos e encontrar respostas para os dilemas e dificuldades da vida. Embora Smiles se remetesse à tradição clássica para pensar a

¹⁰⁹ SMILES, Samuel. *A Sociedade dos livros*. In: SMILES, Samuel. **O Carácter**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1895.

¹¹⁰ SMILES, Samuel. op. cit., p. 336.

¹¹¹ JANET, Paul. Prologo da segunda edição. op. cit., p. 3

força educativa do exemplo e do gênero biográfico, colocando as *Vidas* de Plutarco como seu referencial máximo, a sua escrita e aposta na biografia estavam intimamente associadas à experiência da individuação moderna, na qual os indivíduos começavam a pensar-se a si mesmos como unidades autônomas dotadas de particularidades que resultariam em um único e autêntico percurso para o arco de suas vidas: uma biografia.

Assim como nos romances modernos os leitores tateavam suas próprias emoções, encontravam seus desejos e construíam juízos de mundo junto às trajetórias das personagens; as biografias preferidas de Smiles não eram hagiográficas, mas aquelas que “consistem em mostrar o caracter do homem no meio das circunstancias”, que revelam os “pequenos detalhes de um caracter”, as fraquezas, os conflitos, as dúvidas, pois nelas o leitor poderia reconhecer a si mesmo, “o homem fallivel, o nosso irmão”¹¹². Smiles ambicionava que por meio das biografias de homens exemplares, os seus leitores pudessem compreender “o que o homem pode ser e fazer de melhor” e que, nas diferentes circunstâncias da vida, pudessem encontrar nesses exemplos o refresco para o espírito, o alento para a esperança e “força, valor e confiança: a confiança nos outros e em nós mesmos”. E, sobretudo, para estimular “o desejo de sermos colaboradores dos grandes homens”, pois, citando Disraeli, afirmava que “é impossível lêr as vidas dos homens justos, e ainda menos as dos homens inspirados, sem nos transfigurarmos mesmo sem querer, e sem nos elevarmos até elles, sem nos approximarmos insensivelmente dos seus pensamentos e das suas acções”¹¹³.

Em *A arte de educar os filhos*, Américo Werneck, que além de político era também escritor, adotou uma estratégia parecida com a de Smiles para se aproximar de seus leitores e leitoras: construiu uma espécie de romance epistolar, no qual, por meio de cartas, um chefe de família, que ocupa o posto do sábio conselheiro, auxilia sua afilhada a criar seu primeiro filho. Por meio dessas cartas, o leitor se inteirava não apenas de um programa detalhado de prescrições e estratégias para superar os desafios de cada período da formação moral do indivíduo na família, mas também encontrava respaldo para refletir sobre suas próprias emoções e dificuldades e buscar inspiração na solução exemplar dada pelas

¹¹² SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1895, p. 347 e 349.

¹¹³ SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1895, p. 342 e 344.

personagens. O conteúdo das cartas também é minuciosamente detalhado nos índices, assim como nas obras de Smiles, de maneira que o livro não almejava ter apenas uma leitura única e linear, mas tornar-se um material de referência e consulta ao longo do tempo.¹¹⁴

O reconhecimento do poder dos livros na formação das condutas no ambiente brasileiro de meados do XIX e começo do XX era atestado pelos próprios debates em torno da moralidade dos romances, que levaram um Joaquim Manoel de Macedo a conceber algumas de suas obras ficcionais como exemplos de conduta.¹¹⁵ Também era patente o pavor que rondava os lares em torno da influência das leituras, que eram consideradas tão influentes quanto a de uma companhia humana. A leitura e a potência formativa da biografia que Smiles projetava em seus livros encontrava raízes no tecido social e os livros, como os dele, que apresentavam comportamentos “corretos”, eram as “boas-companhias” com que as famílias procuravam cercar os seus filhos.¹¹⁶

¹¹⁴ Lançado pela primeira vez em 1895, o livro chegou a vender em torno de 17.000 exemplares até 1926, quando foi realizada uma terceira edição. Conforme informações da capa da 3ª edição de WERNECK, Américo. *A Arte de educar os filhos (às jovens mães)*. Rio de Janeiro: Ed. Paulo Pongetti e Cia, 1926.

¹¹⁵ Cf. AUGUSTI, Valéria. **O romance como guia de conduta: A Moreninha e Os dois amores**. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-Unicamp, Campinas, 1998.

¹¹⁶ Aprofundaremos a problematização da influência moral da leitura na parte II desta tese.

Educação da Família

(Capítulo 2)

Era lugar comum da literatura prescritiva desse período a apresentação da sociedade como uma reunião de famílias e a articulação do progresso de um país com os empenhos que fossem feitos na esfera doméstica. Através dessas locuções grandiloquentes, os autores procuravam convencer os leitores de que a família e o universo doméstico deveriam ser encarados como instâncias políticas, ordenadoras e moralizadoras dos indivíduos, e que, apesar de privadas, deveriam servir a uma finalidade pública. Pedro de Oliveira, por exemplo, descrevia a família a seus leitores como “um pequeno estado, que o chefe deve reger e moralizar para utilidade comum de seus membros e da sociedade” e estabelecia uma conexão direta entre as capacidades do chefe de família e do cidadão, pois “o individuo que possui as necessárias qualidades domesticas, infalivelmente que é adornado das qualidades cívicas que o tornão recomendado aos seus concidadãos”¹¹⁷. Conectava também a vida individual com o destino da coletividade, uma vez que “todo o individuo que bem cumpre os seus deveres, fazendo a sua felicidade concorre para a felicidade publica [...] e tudo isso reverte em bem da família e da sociedade”¹¹⁸.

Em sentido semelhante, em *A família: lições de filosofia moral*, Paul Janet explicava a posição estratégica da família como mediadora entre o indivíduo e a sociedade:

A ordem na família é a ordem na sociedade, assim como a desordem na segunda, é consequencia da que se dá na primeira. Dizem uns: é preciso mudar o individuo. Bradam outros: é preciso mudar o individuo. Mas a sociedade não póde melhorar-se sem o

¹¹⁷ OLIVEIRA, Pedro Ernesto Albuquerque de. **Deveres do homem: reflexões moraes e philosophicas para uso da infancia**. São Paulo: Typographia Litteraria, 1864, p. 145-6.

¹¹⁸ Ibidem, p. 146

individuo, e este não póde conseguil-o só: pelo menos é empreza muito mais difficil. Carecemos d’um ponto de apoio – Onde buscal-o, senão na família? O que, por si, é indiferente ao aperfeiçoamento próprio, tentará melhorar-se, como filho, pae ou marido, e por pouco que faça, a sociedade lucrará sempre com esse progresso. Porque a melhor sociedade será aquella onde houver maior numero de homens honrados e amantes do bem.¹¹⁹

Havia também argumentos que enfatizavam a família como a “escola”, por excelência, do *caráter*, dando grande ênfase para a responsabilidade moral da família durante a fase pueril e a infância. “Pela ordem natural a vida domestica deve preparar a vida social” — dizia Smiles — “e o espirito e o character devem ser formados no seio da familia, onde os indivíduos que depois compõem a sociedade são tratados e modelados um a um”. Dessa maneira, pensava a família como a “escola mais influente da civilização” e, portanto, instituição basal para a construção da ordem pública, uma vez que “as menores sementes de opinião plantadas no espirito das crianças na vida privada mostram-se mais tarde no mundo e tornam-se a opinião publica”, sendo assim “aquelles que têm a seu cargo a direção das crianças exercem mais poder do que os que têm as rédeas do governo”.¹²⁰

Dentro de casa as interlocuções dos livros com os membros da família eram entremeadas. Por exemplo, no livro de Jaguaribe, que era dividido em duas partes — a primeira dedicada à infância e a segunda à “virilidade” — a depender do assunto e do momento da vida, a interlocução se alternava entre a mãe, tida como responsável pelos primeiros cuidados da infância; o chefe de família, que seria o guia moral da mãe e, a partir da juventude, também dos filhos; e o homem adulto, que deveria cuidar de si mesmo, e, através da conduta exemplar, formar-se como pai e difundir os valores “de bem” na esfera pública.

Para entrar nas casas de família, os autores sempre se dirigiam aos chefes que, conforme a ordenação patriarcal plasmada nas Ordenações Filipinas – que foi vigente em muitos assuntos de matéria civil até 1916 —, possuíam a prerrogativa de decidir os rumos educativos

¹¹⁹ JANET, op. cit., p. 243-244.

¹²⁰ SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878, p. 34.

de seus filhos.¹²¹ Assim, quando publicamente ofertados, os anúncios eram comumente dirigidos a eles, por conterem os preceitos que deveriam ser de conhecimento de um bem-sucedido chefe de família. Nessa tônica, Américo Werneck oferecia seu livro para “os chefes de família que desejarem educar bem seus filhos, e não o fazem por desconhecer o processo, encontrarão neste livro um guia seguro”¹²². Em anúncio de *Deveres do Homem*, o livro era oferecido “aos chefes de família” a quem “torna-se o conhecimento deste livro não só útil, como mesmo necessário, achando nelle todas as regras de uma educação fundada na moral e na religião”¹²³.

De maneira determinista, compreendiam, assim como escrevia Samuel Smiles, que “o caracter da criança” era “o núcleo do homem”, encarando essa etapa da vida como definitiva para a formação do cerne moral de suas ações posteriores.¹²⁴ A influência do ambiente constituía o cerne do aprendizado infantil, uma vez que assim como “a figueira fructifica olhando para a figueira”, “a criança aprende por simples imitação, com ou sem esforço”, tendo no exemplo “o seu primeiro grande instructor”¹²⁵. Nesse universo dos exemplos domésticos, era fundamental ao patriarca contribuir com uma conduta exemplar em relação aos filhos. Não bastava apenas o uso da palavra, era necessário também agir conforme os mais elevados preceitos morais, uma vez que “é natural que todos os indivíduos sigão o exemplo dos seus maiores, dos seus superiores, d’aquelles com quem estão em contacto e a quem devem obediência”. Sendo assim:

Se o pai procurar inculcar no espirito do filho, os são princípios de uma moral esclarecida, de uma religião sanctificada; se quiser ensinar-lhe os santos e venerandos principios do christianismo, e se ao mesmo tempo suas acções não estiverem de acordo

¹²¹ BRÜGGER, op. cit., p. 158; SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. **Receitas de felicidade e espectros da infelicidade**: o Código Civil de 1916 e as lições de comportamento na Revista Feminina no início do século XX. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 41; MESQUITA, Eni de Samara. **A família brasileira**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983, p. 45.

¹²² WERNECK, op. cit., p. 4.

¹²³ DEVERES do Homem. **Diário de São Paulo**, 22 de abril de 1866, p. 3.

¹²⁴ TRAVERS, op. cit., 1977; NARITA, op. cit.; COSTA, op. cit.

¹²⁵ SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878, p. 35.

com suas palavras, o filho desprezará todos esses princípios porque o pai os despreza, e praticará as acções que seu pai praticar.¹²⁶

A compreensão da inclinação da infância à imitabilidade teve grande repercussão em como as classes altas pensavam a domesticidade, que passava a ser encarada como um importante instrumento de controle dos “contágios morais” que poderiam advir do seu entorno de influências.¹²⁷ No âmbito da paternidade, essa percepção, alinhada com o entendimento de que as crianças possuíam um forte instinto de independência e tendiam a resistir à autoridade, colocava limites à condução patriarcal pela força e pela submissão — que começava a ser fortemente contestada no período — e os homens de letras demandavam dos pais o desenvolvimento de um novo repertório pedagógico, orientado por uma “autoridade do carácter”¹²⁸.

Defendiam o patriarcalismo como sistema organizacional da família e da sociedade e legitimavam a autoridade paterna sobre os filhos, pois, para haver família, como eles a concebiam, era necessário que existisse o *pátrio poder*.¹²⁹ As explicações da superioridade masculina e da sua prerrogativa ao *pátrio poder* variavam. Pedro de Oliveira misturava a origem divina do *pátrio poder* da mitologia cristã com uma argumentação histórica, da qual se deduzia que o *pátrio poder* era inerente às conquistas civilizacionais da cultura ocidental.¹³⁰ Para os adeptos do evolucionismo de Herbert Spencer, como Werneck, a divisão dos papéis de gênero era uma condição inevitável na “luta pela sobrevivência”¹³¹. Para Janet, era uma questão política: assim como em toda sociedade, na família uma autoridade centralizadora e dominante era uma necessidade organizacional, pois seria impossível qualquer ação ou ordem se a coletividade dependesse de consenso em relação às ideias,

¹²⁶ OLIVEIRA, op. cit., p. 84

¹²⁷ Sobre a “descoberta” da inclinação infantil à imitação, ver: NARITA, op. cit., p. 186.

¹²⁸ JANET, op. cit. p. 85. Como dizia o eminente político e jornalista Agenor Lafayette de Roure, ao comentar a doutrina dos castigos morais prescritos por Américo Werneck em *A arte de educar os filhos*: “todo homem de coração, condena as sovas rigorosas e constantes, sob qualquer pretexto, porque ellas só servem para desbriar a criança. A falta de carinho costumado é as vezes castigo maior para um filho do que uma dúzia de bolos.” DE ROURE, Agenor. A educação dos filhos. **O Paiz**, 24 de abril de 1896.

¹²⁹ JANET, op. cit., p. 41.

¹³⁰ OLIVEIRA, op. cit., p. 81-82.

¹³¹ WERNECK, op. cit., p. 153-155.

sentimentos e interesses de seus variados membros. Sem uma figura de autoridade, tanto a família como a sociedade perigavam cair na “inacção completa” ou na “total anarquia”¹³². A eleição do homem como cabeça da família seria evidente, uma vez que “povo nenhum jamais ousou contestar ao homem a autoridade”, porém, visto que a tradição não bastava como fundamento definitivo em seu tempo, argumentava que este posto era natural ao homem por sua superioridade em termos de força e razão.

Por outro lado, os autores argumentavam com os patriarcas que esses direitos não eram privados, mas apenas garantidos conforme eles fossem capazes de fazer dos filhos “não só uteis para si próprios e para a família, como também para a sociedade de quem são membros”.¹³³ Assim, procuravam não apenas legitimar e justificar a entrada da autoridade dos especialistas no ambiente doméstico, mas também engajar os chefes de família em sua missão civilizatória, fazendo da educação um compromisso cívico. E para formar *homens de bem* era preciso mais do que conquistar a sua submissão à autoridade paterna, era necessário inculcar neles o desejo de serem virtuosos. Internalizar efetivamente preceitos morais não era possível apenas pela coerção e pelo hábito forçado, por isso, nos livros, o patriarca precisava aprender sobre as diferentes etapas da infância e da juventude e os diferentes métodos educativos convenientes para cada uma delas.

As atitudes excessivamente severas e despóticas de um pai poderiam trazer resultados contrários ao pretendido, criando aversão à autoridade paterna ao invés de respeito. Os castigos tinham eficiência limitada, pois ausentes os pais, os filhos se viam livres de punição e, portanto, livres para realizar qualquer ato vicioso.¹³⁴ O exemplo, por sua vez, era tido como uma forma mais eficiente de educação, pois seria uma maneira dissimulada de exercer a autoridade, tanto em relação aos pequenos como aos jovens, que tolerariam a sua influência sem saberem que estão sendo influenciados.¹³⁵

Por outro lado, a força do exemplo estabelecia o ambiente doméstico como um local permanente de educação, no qual, para bem influenciar os filhos, os chefes de família

¹³² JANET, op. cit., p. 38.

¹³³ OLIVEIRA, op. cit., p. 84.

¹³⁴ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 144 e 152.

¹³⁵ JANET, op. cit., p. 113.

precisavam vigiar, dominar e reavaliar as suas próprias condutas individuais neste espaço. Na década de 1880, Jaguaribe alertava que nada adiantaria fundar um regime republicano se, em casa, os chefes de família não dessem exemplos republicanos a seus filhos. Para ele, constituía uma “verdadeira aberração nos costumes” da elite brasileira “homens com tendências republicanas, votando e trabalhando para o aparecimento da republica” terem escravos em casa e tratarem tiranicamente os filhos, punindo-os com severos castigos, assim como foram tratados por seus pais. Dessa maneira, “os filhos crescem com tendências para favorecer o despotismo”, não adiantando que a eles fossem dadas lições racionais sobre o republicanismo, uma vez que o “procedimento habitual, este sim, é o regularizador da vida e do carácter”¹³⁶. Pela abordagem educativa, até mesmo na aplicação dos castigos — que deveriam sempre conectar as causas e consequências, mirando antes a produção da vergonha do que do medo — os filhos aprenderiam a se apropriar devidamente de seu livre arbítrio: “verdadeiro sentimento de liberdade, que quando estiver espalhado universalmente, será incompatível com os governos absolutos e dará ao povo a verdadeira democracia”¹³⁷.

Jaguaribe via as dimensões pública e privada conectadas de tal maneira que propunha inclusive que, no governo doméstico, os pais também deixassem de lado uma posição tirânica e assumissem um posto mais moderado e republicano, compreendendo que “não é exacto que sempre a razão está da parte dos governantes e as faltas e erros da parte dos governados. Este modo de pensar, que é seguido geralmente, exclue a justiça, e sem justiça não há educação possível”¹³⁸. Para ele, um bom pai, capaz de formar verdadeiros *homens de bem*, deveria cultivar o amor e a amizade dos filhos para ter respeito e legitimidade para poder bem governar a esfera doméstica.

Os chefes de família deveriam também reconhecer o lugar específico das esposas-mães como parceiras na empreitada educacional, uma vez que “o imperio que o pae pretende ganhar sobre a alma do filho pela autoridade e razão, consegue-o a mãe pelas caricias e pela

¹³⁶ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 146.

¹³⁷ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 151 e 155.

¹³⁸ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 144-145.

persuasão”¹³⁹. Jaguaribe reconhecia a importância do pai ensinar os *deveres* morais pela palavra e pelo exemplo, porém, entendia que os sujeitos não eram guiados somente pela razão pura. Era necessário também sentir e amar os *deveres*, só assim lhe seria fácil e natural o cumprimento do bem. Havia também certas formas de virtude que seriam específicas da relação maternal: se o pai ensinava “as virtudes fortes e viris”, como a coragem, a firmeza e a *vontade*, a mãe contribuía com “as virtudes doces, castas e meigas”, como a compaixão, a sinceridade, o perdão.¹⁴⁰

Pelas suas peculiaridades, que eram consideradas imanentes da natureza de cada gênero, a distinção dos papéis paternos e maternos também se vinculava com as diferentes idades. Para os infantes, era necessário que o ensino fosse conduzido por alguém que se comunicasse mais efetivamente com as suas capacidades, uma vez que “a mão muito pesada e a palavra muito grave do pae não é talhada para a idade tenra”¹⁴¹. Nessa idade, o pai interviria apenas pontualmente e até que a criança fosse dotada de aparato para assimilar a linguagem da razão, deveria deixar o encargo às mães, que seriam dotadas de atributos mais eficientes que os masculinos para moldar o *caráter* e as inclinações na maleável alma dos pequenos.

De acordo com o Diretor Geral da Instrução Pública da Côrte, Rodrigo Villanova, as mulheres em geral eram professoras mais preferíveis aos homens, pois “há mais semelhança nas duas naturezas infantil e feminina. A inocência, a curiosidade, a bondade, o sentimento, as lágrimas, os sorrisos e até a voz”¹⁴². Desde as primeiras décadas do século XIX, os médicos procuravam intervir na relação das mães com os filhos, sobretudo tentando convencê-las dos benefícios do aleitamento materno e de aderirem às regulamentações prescritivas para a higiene na época pueril.¹⁴³ Voltando-se para as mães de família, o alvo principal dos

¹³⁹ JANET, op. cit., p. 100.

¹⁴⁰ JANET, op. cit., p. 101. Porém, Janet explicita que as diferenças não deveriam ser levadas ao extremo: a mãe devia saber ser severa quando necessário e o pai também carinhoso e solidário com os filhos. *Ibidem*, p. 105.

¹⁴¹ JANET, op. cit., p. 107

¹⁴² VILLANOVA, Rodrigo. **Relatório da Directoria Geral da Instrução Publica**. Porto Alegre: Typ. Do Jornal do Commercio, 1877. p. 7-8 apud NARITA, op. cit., p. 193. Para um olhar mais aprofundado sobre o lugar da maternidade na educação moral feminina e uma problematização da naturalização do amor materno no período, Cf. BANDITER, op. cit.; CARVALHO, op. cit. (2008); FREIRE, op. cit.; NARITA, op. cit.

¹⁴³ COSTA, op. cit., p. 255-264.

educadores era aperfeiçoar o seu papel reprodutor na sociedade, por isso, embora se ocupassem também da educação das meninas, o enfoque era comumente a formação dos meninos, futuros *homens de bem*. Por isso, mesmo tendo como interlocutoras as mães de família, o livro de Jaguaribe chamava a *Arte de formar homens de bem* e o livro de Werneck, *A arte de educar os filhos*, centrava sua narrativa na educação e desenvolvimento de um menino.¹⁴⁴ Em *O Character*, um livro de formação para jovens e homens adultos, Smiles associa as mães virtuosas e prestimosas com a produção de grandes caracteres masculinos, como os de Goethe e Schiller.¹⁴⁵ E ao repreender as mães caprichosas, extravagantes e violentas, com índole boêmia e luxuriosa que poderia dar má “tendência aos seus filhos”, também menciona apenas casos masculinos de malogro, como o de Lord Byron.¹⁴⁶

Era por meio da formação dos *homens de bem* que as mães contribuíam para a estruturação geral da nação. O espaço doméstico passava a ser tratado como um espaço educacional, onde a mulher estaria encarregada de construir o elo virtuoso entre os meninos e a sociedade, tendo na própria domesticidade, como veremos adiante, um de seus principais instrumentos na tarefa de moralizar, adestrar e disciplinar sua prole. Quando mais velhos, já aptos para o exercício da razão, no lar, a mãe deveria servir de contrapeso à autoridade paterna, que se fazia mais presente no caso dos meninos, acolhendo os seus tormentos, ao mesmo tempo em que, através da abnegação e do autocontrole, deveria seguir apresentando-lhes comportamentos e condutas exemplares e irretocáveis. Para os meninos, a mãe era o complemento bondoso à severidade paterna — para as meninas, ela seguiria sendo durante toda a vida uma das principais fontes de autoridade e disciplina —, contudo, a sua influência precisava ser controlada, para que não prejudicasse a educação com sua

¹⁴⁴ Nesse rol de livros dedicados às mães com preocupação direcionada à formação masculina, podemos mencionar também o livro de Joaquim Jeronymo Serpa, *Tratado de educação physico-moral dos meninos*, publicado em 1828 em Pernambuco. Vale também observar que nos debates acadêmicos dentro da Faculdade de Medicina, como demonstra Jurandir Freire Costa, as principais discussões e preocupações com a formação dos contingentes da pátria estavam centradas nos homens, pois eles que formariam a esfera pública da nação, seriam os trabalhadores promotores do progresso e os soldados defensores da pátria. COSTA, op. cit. Sobre a problemática da formação de militares cf. BEATTIE, Peter M. **Tributo de sangue**: exército honra, raça e nação no Brasil, 1864-1934. São Paulo: Edusp, 2009.

¹⁴⁵ SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878, p. 52.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 55.

extremosa condescendência ou, pior, perigasse afeminar o *caráter* viril dos rapazes com sua influência excessiva.

Porém, para que ocupassem esse papel, era preciso que os chefes de família renunciassem a certo poder na criação dos filhos e consentissem que as filhas e esposas tivessem um mínimo de educação e instrução, sem as quais não poderiam servir ao aperfeiçoamento da pátria. Por isso, parte dos discursos grandiloquentes em torno da maternidade se destinavam não somente ao convencimento das mulheres a aderirem às densas e demandantes prescrições que eles desejavam impor à sua rotina doméstica e na mediação das relações com seus filhos, mas também aos chefes de família que comumente cerceavam as suas possibilidades educativas.

Em livros marcadamente masculinos era comum haver exaltações à maternidade, como Smiles que afirmava em *O Character* que “a felicidade ou a miséria, as luzes ou a ignorância, a civilização ou a barbaria do mundo, dependem muito do modo por qual a mulher exerce o seu poder no seu reino da família”¹⁴⁷. Em tom mais triunfante, em um jornal também de circulação estritamente masculina, o *Monitor Paulista*, o médico Antonio Correa de Souza, comentando o lançamento de *A arte de formar homens de bem*, afirmava que “toda a grandeza do nosso paiz provirá da educação que as mães derem aos seus filhos — verdade eterna, que quisermos, perdurasse indelével no espirito de nossas mães de familia”¹⁴⁸. Sobre a mesma obra, o advogado João Mendes comentava que: “sou do numero dos que pensão que a mulher, conforme as suas virtudes ou os seus vícios, faz boa ou torna má a familia. Ora, a sociedade não é senão a reunião de muitas famílias. Onde, pois, a mulher não comprehender os seus deveres ou for inferior á sua missão, a sociedade será destruída pelo apodrecimento. A mulher virtuosa é o mais poderoso e quiçá o único alicerce das nações felizes: é ella quem dá a verdadeira educação moral”¹⁴⁹.

Jaguaribe lamentava a baixa instrução das mulheres e rogava que “enquanto a educação da mãe de familia não fôr o objecto da geral preocupação dos homens de coração, não

¹⁴⁷ Ibidem, p. 40.

¹⁴⁸ COSTA, Antonio Corrêa de Souza. *Arte de formar homens de bem* oferecida ás mães de familia pelo Dr. Domingos J. N. Jaguaribe Filho. **Monitor Paulista**: Político e Literário, São Paulo, 11 de abril de 1880, p. 2

¹⁴⁹ ALMEIDA, João Mendes de. Carta-Prólogo. In: JAGUARIBE FILHO, op. cit., s/n.

teremos esperança de vêr transformado o governo; porque certas tendencias republicanas, em desacordo com os hábitos, arruinarão a idea democrática, que se basêa na educação pela mãe de família”¹⁵⁰. Afinal:

A infância precisa desenvolver as aptidões e vocações naturaes, adquire com a educação robustez, força e valor; e a virilidade que recebe estes três elementos de grandeza, exercita-os e põe em pratica todos os recurso de que é capaz o espirito humano. As mães de familia, são os autores de toda esta reforma social, e quando nosso paiz encerrar em seu seio tantas mães dignas, quantas forem as que se devem orgulhar com este nome, então o futuro marcará para nossa patria o lugar que a natureza lhe indica no presente, entre as terras que se distinguem, pelo clima, pela vegetação, rios e riquezas, que cercão, e que são nella encerradas.¹⁵¹

Contudo, para a maioria dos homens de letras, a instrução e a educação feminina não poderiam ser confundidas com a sua emancipação da ordem patriarcal. Como afirmou, em 1859, Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro: “não somos utopistas; não sonhamos a emancipação da mulher no sentido que desejão alguns escriptores modernos [...], mas quizeramos que se ampliasse a esphera dos seus conhecimentos, para que ella podesse bem desempenhar a tarefa de educadora da mocidade”¹⁵². Domingos Jaguaribe, que trata em diversos momentos da importância da educação feminina, deixa claro que “nossa missão será desenvolver, como outros escriptores vão fazendo, a educação da mulher, para que ellas produzão homens de bem”¹⁵³. Em *A Carne*, de Julio Ribeiro, o pai de Lenita, diante da recusa da moça em casar-se, se pergunta se não teria sido um erro dar instrução demasiado elevada à filha, que a permitia questionar as convenções da sociedade

¹⁵⁰ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 141 e 146.

¹⁵¹ Ibidem.

¹⁵² O trecho completo envolvia também um comentário às mulheres que divergiam da norma: "Não somos utopistas; não sonhamos a emancipação da mulher no sentido que desejão alguns escriptores modernos. O teatro do sexo feminino é a familia, é o lar domestico o campo de suas operações. Sempre nos parecerão aberrações a mulher guerreira, politica, agiota, &c.; mas quizeramos que se ampliasse a esphera dos seus conhecimentos, para que ella podesse bem desempenhar a tarefa de educadora da mocidade." FERNANDES PINHEIRO, Joaquim Caetano. Educação e illustração. **Revista Popular**, Rio de Janeiro, v. 1, 1859. p. 331 apud NARITA, op. cit., p.191.

¹⁵³ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 59.

e pensar-se como uma mulher quase masculinizada, pois com autonomia e crenças próprias: “Sabes que mais? Estou quase convencido que errei e muito na tua educação: dei-te conhecimentos acima da bitola comum e o resultado é ver-te isolada nas alturas a que te levantei. O homem fez-se para a mulher, e a mulher para o homem”¹⁵⁴. A instrução poderia confundir a separação dos gêneros e outras ordenações da sociedade, era importante que a educação garantisse que todos compreendessem e se conformassem com seu lugar na família e na sociedade.

A exaltação da individualidade, da igualdade e da liberdade e o questionamento da precedência cultural da religião e das tradições propagados por certas correntes do liberalismo e do romantismo colocava em suspeita preceitos basais da ordem patriarcal, ameaçando a coesão familiar e a obediências dos filhos ao projeto coletivo de seus pais. A perspectiva catastrófica que rondava o universo doméstico e familiar — e que ameaçava a estabilidade de toda a sociedade — era um *topos* frequente nos textos educativos, que invariavelmente colocavam o patriarcalismo como condição básica para a civilização e a construção da nação. Como expressava Paul Janet: “ninguém ignora, mesmo entre os menos versados nas terríveis agitações d’este século, que a família tem tido agora inimigos e detractores, assim como que tem estimulado o espírito inventivo dos reformadores”¹⁵⁵.

As ansiedades em relação à elevação da mulher à condição de igualdade ao homem era uma das ameaças abordadas pelos educadores como um risco à estabilidade de toda a sociedade, pois colocaria em risco a ordem patriarcal da família. Em *Deveres do Homem*, por exemplo, Pedro de Oliveira manifesta grande ansiedade em relação ao divórcio. Para ele, “a monogamia é uma das condições essenciaes da civilização, e que, por essa razão as leis sociaes dos povos ilustrados, a protegem e estabelecem como uma de suas bases”. Nessa tônica civilizatória, reforça a apologia ao casamento cristão — um sacramento divino e irrevogável —, demonstrando a importância da sua indissolubilidade para a sustentação dos “laços de família” que sustentavam o “edifício social”¹⁵⁶.

¹⁵⁴ RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. São Paulo: Livraria Teixeira, 1896, p. 6.

¹⁵⁵ JANET, op. cit., p. 18.

¹⁵⁶ OLIVEIRA, op. cit., p. 64

Seu argumento opõe a organização matrimonial cristã com a poligamia de gregos, romanos e mulçumanos e com o divórcio dos hebreus, dos babilônios e dos persas. A seu ver, nessas civilizações as uniões eram meramente voltadas à procriação, e assim, degradavam a mulher, que era tida como subordinada do marido, podendo se tornar quase uma escrava dele ou ser abandonada, ficando sem sustento, proteção e posição na sociedade. O patriarcado cristão seria uma forma civilizacional superior, pois, ao unir o homem e a mulher por laço indissolúvel, além de garantir condições dignas para ela, também lhe dava um lugar elevado na sociedade, como mãe educadora da prole e mantenedora dos preciosos laços de família. Sob uma perspectiva orientalista¹⁵⁷, Oliveira comenta sobre as nações mulçumanas de seu tempo:

Nos paizes onde reina a polygamia, como ainda hoje existe nas nações que professão o mahomethismo, os ligamentos sociais são fracos, os laços da familia são de diminuto valor, porque a moral enfraquece, os costumes tornão-se licenciosos, e os actos da vida domestica são muitas vezes a origem da perturbação publica.

Ahi a mulher não é a esposa que por sua afeição, pelo dever dos laços que contrahio, deve partilhar a posição do esposo, guardar-lhe fidelidade e velar sobre a honra do thalamo, sobre a educação da prole, sobre a conservação dos laços da familia. Ahi é apenas a escrava degradada e aviltada, sem direitos, sem vontade, sem acção, que submissa, presta-se aos caprichos do senhor, ás phantasias da paixão, á satisfação dos desejos.¹⁵⁸

Sem o compromisso matrimonial cristão, não só a mulher ficaria degradada, mas seria impossível formar, de maneira estável e duradoura, a unidade mínima de organização moral da sociedade — o “pequeno estado” familiar — e, sem essa unidade, era impossível o exercício ordenador e moralizante do *pátrio poder*. A instabilidade dos laços conjugais ameaçava não apenas a mulher, mas toda a ordem social. Longe da concepção romântica do amor e do casamento, que concebe a união como um ato privado e que tem como objetivo

¹⁵⁷ Sobre orientalismo, Cf. SAID, Edward. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 2007. Para as relações entre sexualidade e civilização, ver MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial**: Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.

¹⁵⁸ OLIVEIRA, op. cit., 65.

central a realização de um desejo íntimo e a busca de uma felicidade individual, o casamento é pensado por Oliveira como responsabilidade divina e pública de constituir uma unidade social — a família — onde o casal viveria uma vida casta e formaria para a sociedade homens e mulheres *de bem*, comprometidos com a manutenção de uma ordem moral cristã. Sem a família, a moral e os costumes se enfraqueceriam, ameaçando a sociedade como um todo.

No espelho do Outro — a suposta fragilidade dos laços da família mulçumana poligâmica —, Oliveira especifica o que, a seu ver, constituía a superioridade da organização familiar monogâmica: através da união cristã, os esposos constituíam com os filhos uma coletividade coesa e resiliente, onde a partir de deveres mútuos cooperavam para garantir estabilidade e prosperidade espiritual e material para todos. Se na poligamia o homem apenas exploraria a mulher, na ordem patriarcal monogâmica ele estabeleceria com ela uma relação de cooperação. O que não significava igualdade: na ordem do patriarcalismo cristão, a posição de cada membro da família era singular, cabendo a cada um *deveres* e direitos específicos. A vida de cada um não era pensada em termos de felicidade individual, mas da cooperação por uma felicidade coletiva, para a qual cada um deveria cumprir seu papel.¹⁵⁹

Com a instauração do regime republicano e com o crescimento dos debates em torno da emancipação feminina em fins do século XIX, acentuaram-se os questionamentos à abrangência do *pátrio poder* sobre as esposas e os filhos e, em certa medida, à própria noção de que o patriarca era um bastião central da organização moral da sociedade.¹⁶⁰ O sufrágio feminino, por exemplo, começava a ser discutido, assim como as perspectivas de profissionalização das mulheres brancas de classe média e alta. Américo Werneck, que escreveu um livro com uma protagonista feminina, ambicionando justamente comunicar-se

¹⁵⁹ BRÜGGER, op. cit., p. 157-159, 217-218.

¹⁶⁰ Apesar de não ter instaurado um novo código civil, mantendo as mulheres em posição de tutela dos maridos, o regime republicano regulamentou e promoveu o ensino feminino profissionalizante. Para mais detalhes, ver: MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **Elas também desejam participar da vida pública**: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. In: PISCITELLI, Adriana et al. Olhares Feministas. Brasília: MINC/Unesco, 2007, p. 437-465; MOTT, Maria Lúcia et al. **“Moças e senhoras dentistas”**: formação, titulação e mercado de trabalho nas primeiras décadas da República. História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro, jun. 2008, p. 97-116; REIS, Maria Cândida Delgado. Guardiãs do futuro: imagens do magistério de 1895 a 1920 em São Paulo. In: BRUSCHINI, C.; SORJ, B. (Org.). **Novos olhares**: mulheres e relações de gênero no Brasil. São Paulo: Marco Zero: Fundação Carlos Chagas, 1994. Sobre a educação econômica das mulheres de elite, que era independente do ensino profissionalizante, ver VAZ, Maria Luísa Albiero. **Mulheres da elite cafeeira em São Paulo**: conciliação e resistência (1890-1930). São Paulo, dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1995.

com as esposas-mães de família, dirigia-se a elas para explicitar a sua frontal oposição a essas ambições de igualdade e emancipação. Com uma tônica spenceriana, enfatizando a esfera pública como um lugar de “disputa pela vida”, atualizava o argumento de que o patriarcalismo era benéfico para a mulher, pois lhe garantia proteção¹⁶¹, e associava a emancipação feminina com a decadência educacional dos filhos, relegando às mulheres o papel de reprodutoras de novos homens para a sociedade:

Na distribuição dos papéis do drama social o homem salienta-se pelo ataque, pela impetuosidade, pelo estudo, pelo trabalho ordeiro, pelas faculdades inventivas, pelo amor ao progresso, pela exposição de seu organismo forte ao sol, ao vento, á procela, á calamidade, aos conflitos, á guerra, ás ambições e á glória.

Por um requinte de cavalheirismo elle colocou sua companheira ao abrigo da necessidade e dos insultos, assumindo o peso dos encargos.

Na posição de protegida, a mulher distingue-se pela **resistência passiva**. Ella não provoca, defende-se. A delicadeza de sua missão e de seus sentimentos não lhe permite envolver-se no torvelinho da batalha, onde se manejão todas as armas do arsenal humano.

Eis o quadro da vida real. O homem sae para a luta, e lá corre os riscos da fortuna; a mulher fica em casa, governando a familia, mitigando com o balsamo do carinho os dissabores do marido, e educando os novos combatentes para continuarem essa luta que durará, enquanto durar o mundo.

Sem duvida o seu papel é muito difficil, e nem lhe sobra tempo para ocupar-se de outros misteres. **Entretanto o espirito de anarchia, que domina o século, reclama como um dogma de igualdade a emancipação politica da mulher.**

Liberalismo estúpido, que disfarça o frenesi da corrupção no seu empenho de destruir o socego dos lares.

Que liberalismo esse que arranca um ente fraco do seu refugio respeitado, para lançal-o na coragem da brutalidade, ao alcance das seducções mais torpes, **abandonando os filhos sem proteção á influencia dos sentimentos selvagens?**

¹⁶¹ Argumento presente também em *Deveres do Homem* de Pedro de Oliveira, quando trata da temática do divórcio, bem como em *A família*, de Paul Janet.

Tu que lêes esta carta, diz-me, Hermengarda, si terias tempo de volver à atenção para as lutas políticas, sem prejudicar a educação de seo filho; diz-me se a honra delicada de uma mulher não perderia alguma cousa de seo prestígio, vindo afrontar livremente a calúnia dos miseráveis que pululão como vermes no seio de uma sociedade, que oculta a sua gangrena sob a roupagem de uma civilização hypocrita!

Louco, o homem! Com que affan ele trabalha para a sua perdição, aniquilando, em vez de melhorar, os únicos elementos de felicidade, conforto e socego, capazes de compensarem as amarguras da vida!¹⁶²

O crescimento dos desejos de igualdade e de direitos individuais das mulheres, bem como de outros grupos subalternos, despertavam grande ansiedades nos homens das classes altas, que pressentiam que, à medida que se tornassem porosas as fronteiras simbólicas que separavam os sexos, as hierarquias sociais também seriam reconfiguradas, abalando a dominação masculina. É a partir desse medo que emerge a tônica catastrófica em torno do “liberalismo estúpido” que procurava nivelar a condição de homens e mulheres na sociedade. O horizonte de anarquia e declínio que colocavam no horizonte da sociedade era, em grande parte, uma projeção dos seus próprios temores de deslocamento e de perda da segurança existencial e ontológica que a dominação masculina lhes proporcionava¹⁶³. Comunicações como essa, de homens com mulheres, que procuravam demovê-las do desejo de igualdade e persuadi-las a permanecerem nos papéis consagrados pelo regime patriarcal, foram comuns em revistas e jornais, se expressando às vezes até em forma de troça, como Berílio Neves n’ *A Cigarra*, que comentava: “Ha mulheres que tem mania da liberdade excessiva: esquecem-se de que nada melhor do que um bom carcereiro...”¹⁶⁴.

¹⁶² WERNECK, op. cit., p. 154-155 (grifos do autor).

¹⁶³ Para uma análise apurada desse processo de ameaça subjetiva entre os homens das elites nordestinas nas primeiras décadas do século XX, ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit.

¹⁶⁴ NEVES, Berílio. Conceitos e Precocitos. *A Cigarra*, 6 nov. 1926, p. 26. Em *O Brazil Elegante*, periódico dedicado à moda feminina, por exemplo, foi publicada em 1899 a seguinte piada:

“Entre sogra e genro.

Uma sogra está pregando o feminismo ao seu genro:

– Portanto, disse este, são os homens que ensinam, que mostram o caminho e dão o exemplo...

– Como?

– Ora veja, o seu marido morreu antes de si!”

A sugestão de que as feministas seriam chatas e esposas insuportáveis era uma das formas pelas quais procuravam deslegitimar suas contestações. Outra, que vemos no mesmo periódico, era persuadir as mulheres

Os educadores da nação sustentavam a posição de que cada indivíduo possuía um papel específico na coletividade familiar e que a harmonia e o triunfo da família cristã advinham do respeito de cada um a essa ordenação. Portanto, defendendo a ordem do patriarcalismo tradicional, se posicionavam em oposição ao ideal liberal de igualdade universal entre os indivíduos, reafirmando que na família as hierarquias entre pais e filhos eram naturais pela superioridade dos pais no cuidado e na criação e entre marido e esposa, pela divisão natural das qualidades dos gêneros, que confeririam ao homem a força e superior domínio da razão, que o qualificavam como único capaz de exercer plenamente a liderança do clã.¹⁶⁵ Mesmo um Pardal Mallet, que em 1895 publicou o escandaloso panfleto *Pelo Divórcio!*, explicitava que seu intuito não era dissolver a instituição familiar e patriarcal, mas apenas reformá-la, garantindo a essa maior estabilidade e salubridade, pela aceitação de que nas uniões deveriam prevalecer as “afinidades eletivas”, afinal, para a criação de bons filhos para a nação, era importante que os pais fossem felizes no casamento.¹⁶⁶

Os educadores procuravam reformar o papel feminino na divisão dos papéis de gênero, ampliando seu papel na formação dos filhos, contudo, ao mesmo tempo, se precavam para que a instrução feminina ficasse restrita às suas funções reprodutivas, não ameaçando a ordem patriarcal, na qual acreditavam estar embasada toda a estabilidade e harmonia da sociedade. Como acreditavam que a divisão dos papéis de gênero, o casamento, a casa, o cristianismo e a família não eram questões individuais e privadas, mas públicas e garantidoras de uma ordem social, o desprezo de seus valores passava a ser encarado como o declínio geral da sociedade e à medida que o ceticismo a essa tradição se difundia mais amplamente na sociedade, as reações dos defensores do patriarcalismo tornavam-se mais exasperadas.

de que, apesar dos anseios de emancipação e independência, seu verdadeiro desejo era de ser protegida, provida e tutelada por um homem. No artigo, “Conselhos de um pae á sua filha”, escritos pelo médico Paolo Mantegazza, o autor apresenta um retrato infeliz das mulheres que possuem “maridos fracos”, homens que não ocupariam o lugar patriarcal de dominância e liderança autocrática na relação, procurando convencer as leitoras de que, no seu verdadeiro âmago, essas desejavam e sabiam que só poderiam encontrar a felicidade matrimonial com um “homem de verdade”, “sobre o qual se possa encostar com toda segurança e confiança”. Analisaremos mais detidamente esse artigo ao discutirmos a figura do “marido fraco” e do “homem frouxo”, que eram os *alters* da virilidade patriarcal do *homem de bem*. **O BRAZIL Elegante**, Rio de Janeiro, abril de 1899, p. 10; MANTEGAZZA, Paolo. Conselhos de um pae á sua filha. **O Brazil Elegante**, Rio de Janeiro, fevereiro de 1899, p. 8.

¹⁶⁵ JANET, op. cit. p. 39-41.

¹⁶⁶ MALLET, Pardal. *Pelo Divórcio!*. Rio de Janeiro: Fauchon & Cia, 1895.

Essa visão familista da sociedade aproximava os educadores da nação dos chefes e mães de família, uma vez que reforçavam preceitos que eles mesmos procuravam inculcar nos filhos, como o respeito à autoridade, o *dever* da obediência, o amor aos pais e a importância de cumprir com os *deveres* filiais. Para garantir a inculcação dessas crenças básicas da organização patriarcal, pregavam que uma formação intelectual desacompanhada de uma sólida formação moral poderia ser nociva e perigosa.¹⁶⁷ Na introdução de *Deveres do Homem*, Pedro de Oliveira criticava os exercícios de leitura primária, que admitiam “qualquer livro, qualquer escripto; um romance amoroso, uma carta de negócios, um processo judicial, um jornal politico [...]” procurando “unicamente que as crianças aprendão a ler, sem que se attenda á matéria que se lhes faculta para formar o espirito”¹⁶⁸. Por essa via, os meninos se tornariam papagaios “repetidores de phrases, de que ignorão o valor e o sentido” ou, pior:

[...] adquirem as ideias que bebem nos máos livros que se lhes concedem [...] exaltando-se a imaginação com esses feitos amorosos, guerreiros, ou políticos, que lhes desenvolvem as ambições, lançando-os não poucas vezes na carreira do erro e do vício, em que só podem suspender-se, quando por um esforço supremo sobre o imperio das paixões, lhes é permitido esse acto de virtude.¹⁶⁹

O pavor do potencial disruptivo do contato com ideais inapropriadas — principalmente por meio de leituras provocativas durante o período de maturação do *caráter*, quando os filhos eram mais suscetíveis e impressionáveis — era um problema premente, tendo reverberação não apenas nos livros prescritivos, jornais e revistas, mas também, como veremos posteriormente, nos lares de muitas famílias das classes médias e altas até as primeiras décadas do século XX. Sem a guia moral adequada, os homens poderiam confundir “a liberdade com a licença e a anarchia; o direito com a força; o amor pátrio e o bem publico, com seus interesses particulares, a vaidade de suas acções, com a caridade christã”. Esses “ignorantes ou desprezadores de seus deveres”, “membros corruptos da sociedade”, “focos de imoralidade nas famílias”, “jamais poderão ser bons chefes de família, nem cidadãos uteis

¹⁶⁷ NARITA, op. cit.

¹⁶⁸ OLIVEIRA, op. cit., p. VI-VII.

¹⁶⁹ OLIVEIRA, op. cit., p. VII.

ao estado, porque não tem as qualidades necessárias que d’elles exigem a pátria e a sociedade”¹⁷⁰.

Paul Janet explica detidamente a lógica dessa preocupação moral, elegendo a dúvida como “o mal do século” e principal adversário da família, da boa educação e de toda a sociedade. Não a dúvida salutar, como a “que precede o estudo e induz ao exame”, mas aquela “funesta e contaminadora”, “que deriva da inércia e da impotência” e que leva ao questionamento “de princípios essenciais ao proceder da humanidade”¹⁷¹. O temor da dúvida, presente em quase todos os autores normativos do período, pode ser entendido como aquilo que Foucault denominou logofobia — o medo do surgimento de todos os enunciados possíveis.¹⁷² Um temor que se acentuava na modernidade oitocentista diante das perspectivas disruptivas abertas pelo processo moderno de individuação e pela ampliação de horizontes promovida pelo pensamento secular.

Dissecando a dúvida, Janet procura apresentar a sua natureza vil e sedutora: “vem acompanhada de certo prazer, semelhante a essas doenças extravagantes em que os paroxismos da morte são precedidos d’uma espécie de sentimento voluptuoso”¹⁷³. Em um primeiro momento, o homem confunde a dúvida com a liberdade, julgando poder se livrar das crenças que lhe desagradam, conservando apenas aquelas que lhe favorecem. Porém, à medida que amplia o seu universo de ação, a dúvida acaba por tirar-lhe toda a crença: “em breve sentimos o vácuo em torno de nós, e a vertigem do prazer desfaz-se de encontro ao escopo do aborrecimento”¹⁷⁴.

Entediado, o homem encontraria refúgio apenas na “perturbação passageira e fugaz que se chama prazer e que uma criatura muito infeliz póde até experimentar”¹⁷⁵, procurando ansiosamente satisfações imediatas na ciência, no trabalho e na sensualidade. Nesse

¹⁷⁰ OLIVEIRA, op. cit., p. 143.

¹⁷¹ JANET, op. cit., p. 227-228.

¹⁷² “Há, sem dúvida, em nossa sociedade e, imagino, em todas as outras, mas segundo um perfil e facetas diferentes, uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados, de tudo o que possa haver aí de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também, e de perigoso, desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso”. FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996, p. 50.

¹⁷³ JANET, op. cit., p. 228.

¹⁷⁴ Ibidem, p. 228.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 20.

processo de gradativa agitação, chegaria à revolta e ao esgotamento, tornando-se, ao final, desesperançoso e indiferente, infeliz e moralmente incapaz.¹⁷⁶ O declínio proveniente da dúvida poderia ser evitado se, em sentido oposto, os homens cultivassem a “alegria íntima, que o exercício de uma actividade sã e o gozo d’um verdadeiro bem facultam ao espírito”¹⁷⁷.

O sedutor “espírito de duvida” seria o responsável por retirar da família seu estatuto sacro, moral e social, reduzindo sua existência a uma “convenção arbitrária e a uma relação livre e phantastica”¹⁷⁸. Circulando livremente pela sociedade através de formas veladas — poéticas, eloquentes e graciosas —, esse “sophisma” estaria penetrando insidiosamente nos lares, não apenas fragilizando os laços familiares e corrompendo as crianças, mas sobretudo, introduzindo nesse espaço “o abandono e o enfado”¹⁷⁹. O sonho da liberdade das crenças e dos *deveres* — uma quimera atraente da dúvida, mas que ao final entregaria apenas vazio e solidão — envenenaria a alma de cada habitante da família, que se tornaria cada vez mais aborrecido “da vida íntima, do seu socego, da sua regularidade e simplicidade: é o aborrecimento da escravidão marital, da protecção simples, das nobres ansiedades e das dôres que santificam, é a final, o aborrecimento, d’onde nasce um dia a paixão”¹⁸⁰. Voltados apenas para suas satisfações individuais, entediados com o cotidiano doméstico e seduzidos pela sensualidade e pelas paixões, a dúvida tornaria gradativamente os familiares indiferentes uns aos outros, arruinando a família por dentro. A consequência fatal desse afrouxamento de vínculos seria a inevitável opressão da mulher na sociedade e o abandono generalizado das crianças.¹⁸¹

A leitura de Janet procurava convencer os homens e as mulheres de que a vida familiar era a única maneira possível de efetivamente atingir a plenitude e a felicidade. Como instrumental para afastar as dúvidas, era importante torná-los capazes de cultivarem e dominarem a si mesmos, de serem disciplinados e de adquirirem uma aguda autopercepção de, para distinguir e cultivarem o amor terno, os prazeres e os sentimentos civilizados em

¹⁷⁶ Ibidem, p. 229-230

¹⁷⁷ Ibidem, p. 20.

¹⁷⁸ Ibidem, p. 231.

¹⁷⁹ Ibidem, P. 232.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 232.

¹⁸¹ Ibidem, p. 236.

detrimento das paixões sensuais e das emoções abruptas. Alguns livros eram próprios para a leitura de autoinstrução, visando ensinar de forma prática as maneiras de realizar o cultivo e o domínio de si. Diversos livros como *A arte de formar homens de bem*, *Hygiene moral* e *O livro de meus filhos* apresentavam capítulos específicos sobre como o *homem de bem* deveria lidar com a sua própria interioridade, sobretudo com sua imaginação. Recomendavam, por exemplo, a prática das leituras moralizantes como um instrumento importante para o autodesenvolvimento, algo que os chefes de família deveriam promover a seus filhos, ao passo em que alertavam para os perigos das leituras excessivamente imaginosas e apaixonantes, como os romances de amor e de aventura.

Em Smiles, os jovens encontravam não apenas o instrumental para serem disciplinados, domarem a si mesmos, mas também uma promessa de felicidade no cumprimento dos *deveres* e, sobretudo, no empenho contínuo em seu autoaperfeiçoamento moral e laboral. As trajetórias exemplares de Smiles apresentavam homens que se realizavam através da produção laboral e da vida familiar, rejeitando a ociosidade e os lazeres urbanos. O *homem de bem* era um homem domesticado e Smiles, assim como tantos outros, tentavam convencer a juventude de que essa era a única forma satisfatória de conduzirem suas vidas.



Fig. 1 - Edições dos livros de Samuel Smiles com capa de couro, editadas pela Livraria Garnier: *O Poder da Vontade* (1870), *O Dever* (1899), *Vida e Trabalho* (1902), *Economia doméstica e moral* (1880), *O Caracter* (1878). Fonte: Acervo pessoal do autor.



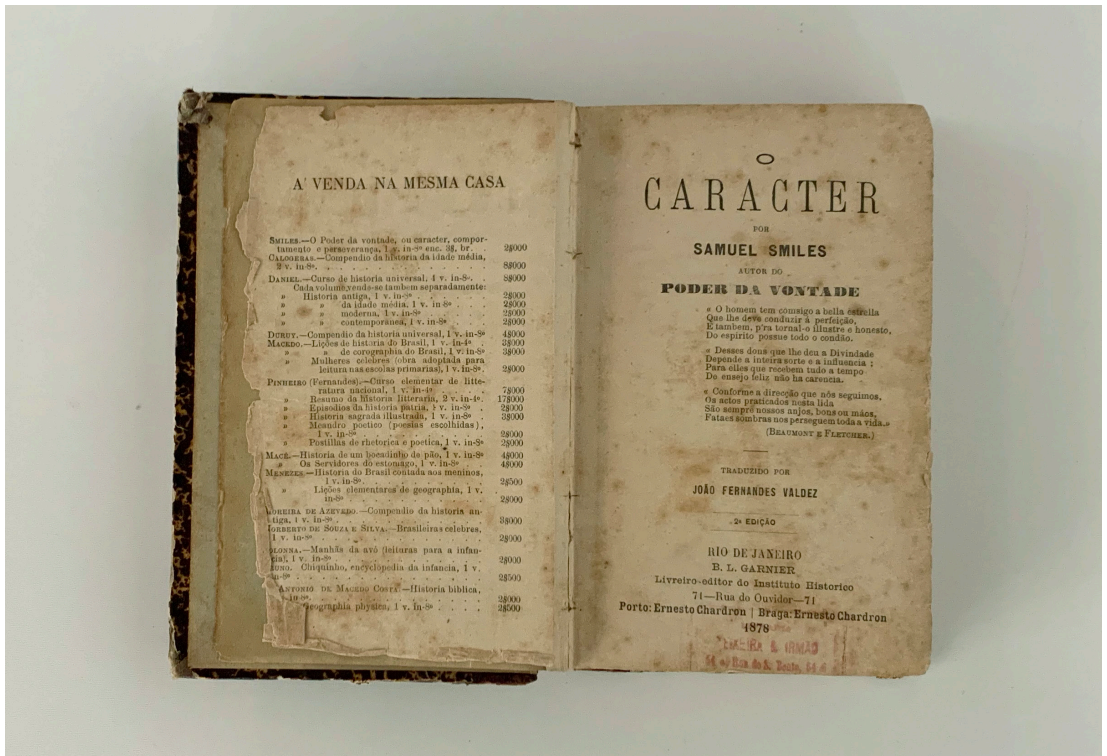
Fig. 2 - Edições dos livros de Samuel Smiles, publicadas na coleção "Bibliotheca Scientifica" da Garnier, editadas no século XX: *Ajuda-te!* (s/d), *O Dever* (s/d), *Heróis da Sciencia e da Industria* (s/d), *O Caracter* (s/d), *Vida e Trabalho* (s/d). Fonte: Acervo pessoal do autor.



Fig. 3 - Dedicatória de Justino a Esther em uma edição de *O Dever* (1899), de Samuel Smiles: “Esther,/ Na carreira que abraças-te, não te faltarão contrariedades. / Cumpre, porém, o teu dever, tomando por guia este livro, que supprirá os conselhos que te poderia dar o irmão affectuoso”. Fonte: Acervo pessoal do autor.



Fig. 4 - Dedicatória de José Maximino Sampaio a seu filho Clemente de Araújo Sampaio em uma edição de *O Character* (1878), de Samuel Smiles: "Offerido como presente de Reys pela Exma Sra D. Anna Jacintha de Oliveira a meo filho, afiliado da mesma Exma Sra, Clemente d'Araujo Sampaio - afim de que o mesmo aprenda neste bom excelente livro, a ser um verdadeiro homem de bem. / S. Paulo 6 de Janro 1886 / J.M. Sampaio". Fonte: Acervo pessoal do autor.



A VENDA NA MESMA CASA

SMILES.—O Poder da vontade, ou caracter, comportamento e perseverança, 1 v. in-8º enc. 34. br.	3000
ALCOBARRAS.—Compendio da historia da India media, 2 v. in-8º	3000
DANIEL.—Curso de historia universal, 1 v. in-8º	3000
Cada volume vendendo-se tambem separadamente:	
» Historia antiga, 1 v. in-8º	2000
» da idade media, 1 v. in-8º	2000
» moderna, 1 v. in-8º	2000
» contemporanea, 1 v. in-8º	2000
DEBRY.—Compendio da historia universal, 1 v. in-8º	4800
MACEDO.—Lopes de historia do Brasil, 1 v. in-8º	3000
» de geographia do Brasil, 1 v. in-8º	3000
» Mulheres celebres (obra adaptada para leitura nas escolas primarias), 1 v. in-8º	3000
PINHEIRO (Fernandes).—Curso elementar de litteratura nacional, 1 v. in-8º	2000
» Resumo da historia litteraria, 2 v. in-8º	17000
» Epizodios da historia patria, 1 v. in-8º	2000
» Historia sagrada illustrada, 1 v. in-8º	3000
» Manual poetico (poemas escolhidos), 1 v. in-8º	2000
» Poetillas de rhetorica e poetica, 1 v. in-8º	2000
MACE.—Historia de um hospizinho de pia, 1 v. in-8º	4000
» Os Servidores do estomago, 1 v. in-8º	4000
MENEZES.—Historia do Brasil contada aos meninos, 1 v. in-8º	3500
» Lições elementares de geographia, 1 v. in-8º	2000
MOURA DE AZEVEDO.—Compendio da historia antiga, 1 v. in-8º	3000
ROBERTO DE SOUZA E SILVA.—Brasileiras celebres, 1 v. in-8º	2000
RODRIGUES.—Manual da avá (litteras para a infancia), 1 v. in-8º	2000
» Christo, encyclopedia da infancia, 1 v. in-8º	2000
ANTONIO DE MACEDO COSTA.—Historia biblica, 1 v. in-8º	2000
» Geographia physica, 1 v. in-8º	2000

O CARACTER

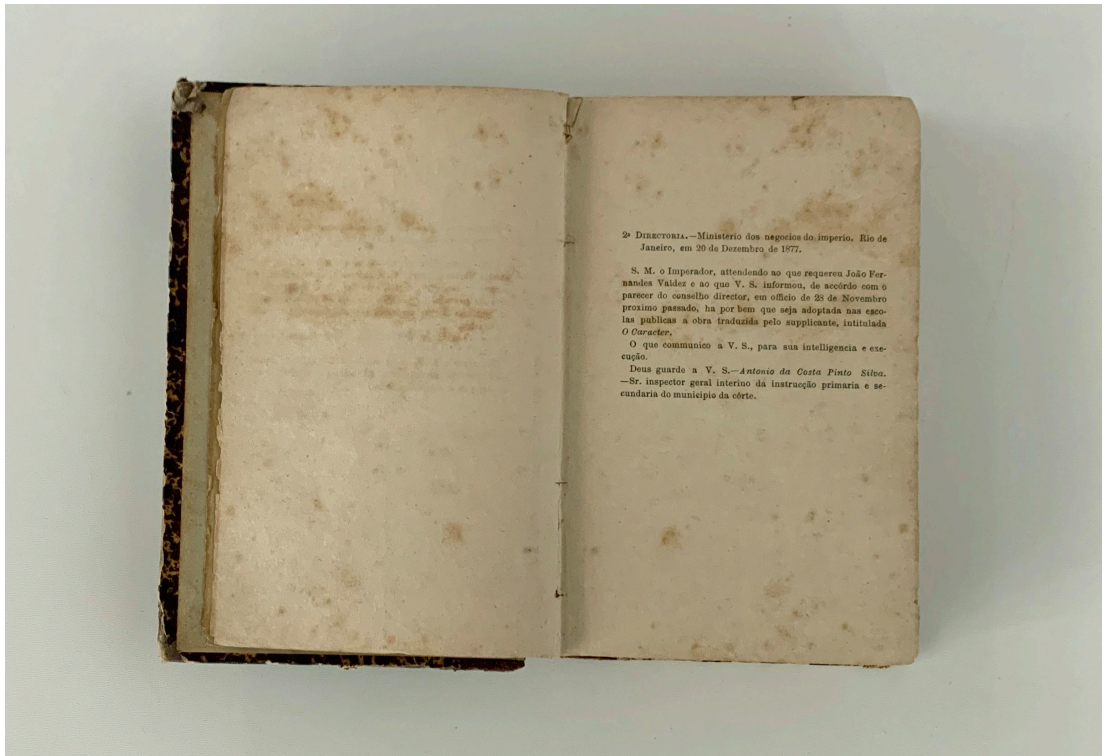
FOR
SAMUEL SMILES

AUTOR DO
PODER DA VONTADE

« O homem tem coragem a bella crença
Que lhe deya conduzir a perfeição,
E tambem, pra tornar-o ilustre e honesto,
Do espirito possui todo o condão.
« Desses dons que lhe deu a Divindade
Depende a inteira sorte e a influencia;
Para elles que rochem todo o tempo
Do estudo feliz não ha carência.
« Conforme a direcção que nós seguimos,
Os actos praticados nesta vida
São amprunhos a joys, bens ou males,
Fataes sombras nos perseguem toda a vida.»
(BEAUMONT E FLETCHER.)

TRADIZIÃO POR
JOÃO FERNANDES VALDEZ

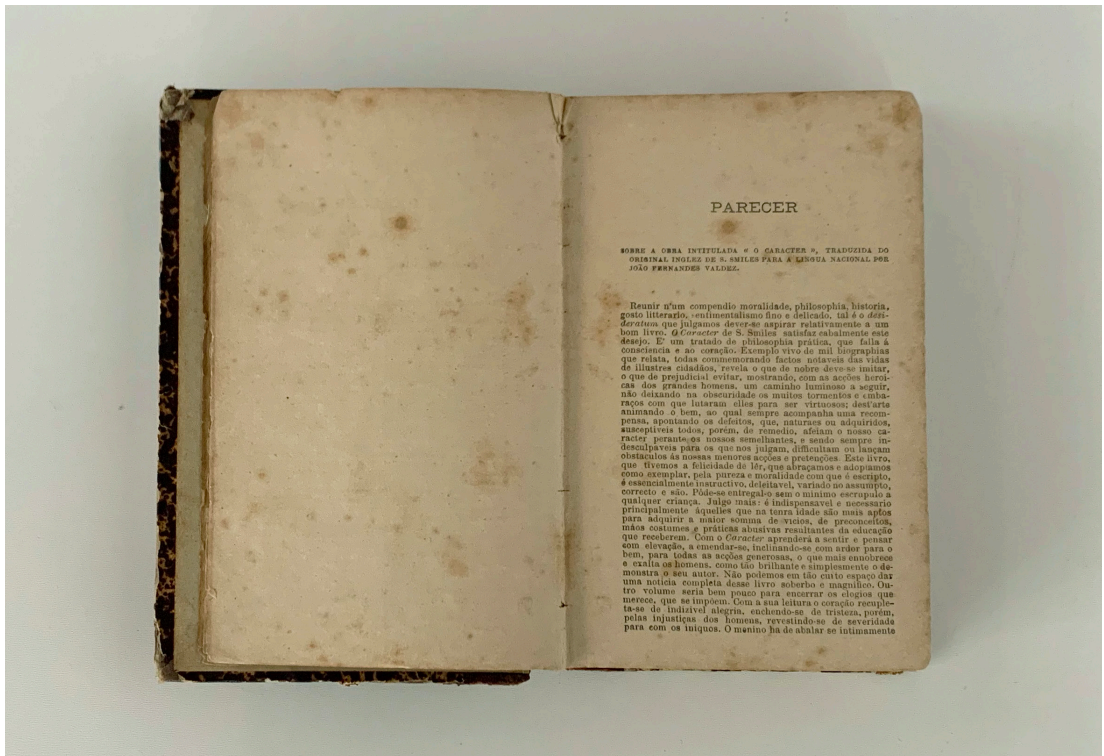
2ª EDIÇÃO
RIO DE JANEIRO
B. L. GARIBAY,
Livreiro-editor do Instituto Historico
71—Rua do Ouvidor—71
Porto: Ernesto Chardron | Braga: Ernesto Chardron
1878



2ª DIRECTORIA.—Ministerio dos negocios do imperio, Rio de Janeiro, em 20 de Dezembro de 1877.

S. M. o Imperador, attendendo ao que requerer João Fernandes Valdez e ao que V. S. informa, de accordo com o parecer do conselho director, em officio de 23 de Novembro proximo passado, ha por bem que seja adoptada nas escolas publicas a obra traduzida pelo supplicante, intitulada O Character.

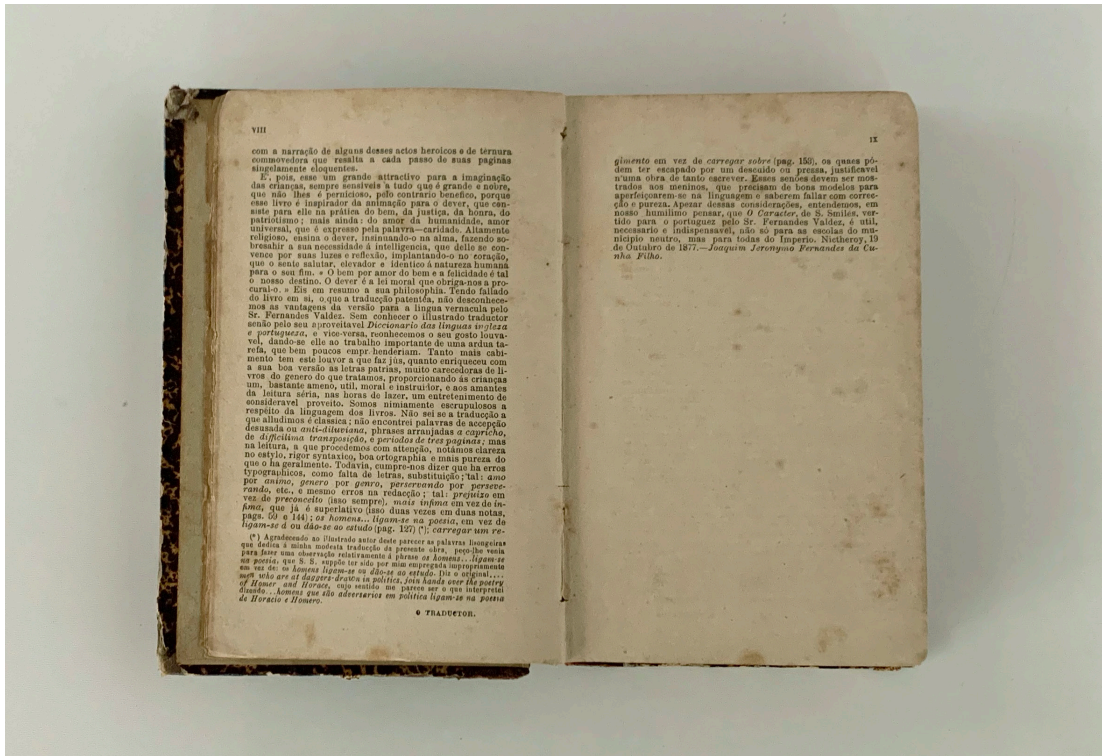
O que communico a V. S., para sua intelligencia e execução.
Deus guarde a V. S.—Antonio da Costa Pinto Siqueira.
—Sr. inspector geral interno da instrucção primaria e secundaria do municipio da corte.



PARECER

SOBRE A OBRA INTITULADA « O CARACTER », TRADUZIDA DO ORIGINAL INGLEZ DE S. SMILES PARA A LINGUA PORTUGUEZA POR JOAO FERNANDES VALDEZ.

Resumir n'um compendio moralidade, philosophia, historia, gosto litterario, sentimentalismo fino e delicado, tal é o desiderato que julhamos dever-se aspirar relativamente a um bom livro. O Character de S. Smiles satisfaz cabalmente este desejo. É um tratado de philosophia pratica; que falla á consciencia e ao coração. Exemplo vivo de mil biographias que relate, todas commemorando factos notaveis das vidas de illustres cidadãos, revela o que de nobre deve se imitar, o que de prejudicial evitar, mostrando, com as acções heroicas dos grandes homens, um caminho luminoso a seguir, não deixando na obscuridade os muitos torcedores e embarracos com que luctaram ellas para ser virtuosos; destarte animando o bem, ao qual sempre acompanhava uma reconhecença, apontando os defectos, que, naturaes ou adquiridos, susceptiveis todos, porém, de remedio, aficam o nosso caracter, perante os nossos semelhantes, e sendo sempre indesculpaveis para os que nos julgam, difficilissimas ou lançam obstaculos ás nossas menores acções e pretensões. Este livro, que tivemos a felicidade de ler, que abrangeamos e adaptamos como exemplar, pela pureza e moralidade com que é escripto, é essencialmente instructivo, delitavel, variado no assumpto, correcto e sadio. Põe-se entregue sem o minimo escrúpulo a qualquer critica. Talvez mais é indispensavel e necessario principalmente aquelles que na tenra idade são mais aptos para adquirir a maior somma de virtudes, de preconceitos, máos costumes e praticas abusivas resultantes da educação que recebem. Com o Character aprendem a sentir e pensar com elevação, a emendar-se, inclinando-se com ardor para o bem, para todas as acções generosas, o que mais enuolore e exalta os homens, como são brillantes e simplesmente demonstra o seu autor. Não podemos em tão curto espaço dar uma noticia completa dessa obra soberba e magnifica. Outro volume seria bem pouco para encerrar os elogios que merece, que se impõem. Com a sua leitura o coração recompulsa de indavel alegria, e chuchando-se de tristeza, porém, pelas injustias dos homens, revelando-se de severidade para com os Julgoes. O mesmo ha de abalar se intinamente



VIII

com a narração de alguns desses actos heroicos e de ternura commoveadora que resulta a cada passo de suas paginas singularmente eloquentes.

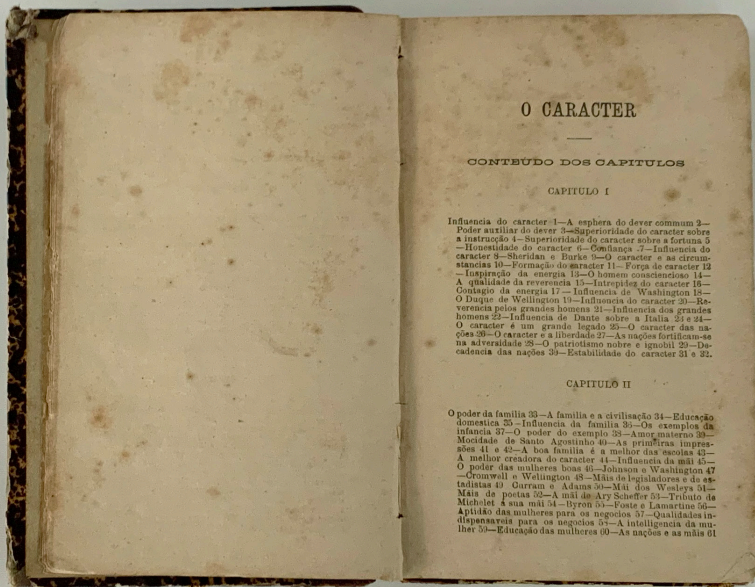
É, pois, esse um grande attractivo para a imaginação das crianças, sempre sensíveis a tudo que é grande e nobre, que não lhes é pernicioso, pelo contrario benéfico, porque esse livro é inspirador da animação para o dever, que consusta para elle na pratica do bem, da justiça, da honra, do patriotismo; mais ainda do amor da humanidade, amor universal, que é expresso pela palavra-caridade. Altamente religioso, esdita o dever, insinuando na alma, fazendo socegar o seu salutar, elevador e idealico a natureza humana para o seu fim. « O bem por amor do bem e a felicidade é tal o nosso destino. O dever é a lei moral que originamos a procurarmos. » Eis em resumo a sua philosophia. Tendo fallado do livro em si, o que a traducção patética, não desconhecemos as vantagens da versão para a lingua vernacula pelo Sr. Fernandes Valdez. Sem conhecer o illustrado traductor senão pelo seu apreciatavel Dictionario das linguas ingleza e portugueza, o visto veras, conhecemos o seu gosto louvavel, dando-se elle ao trabalho importante de uma actuação tem este loavor a que faz, ja, quanto ariquozes com a sua boa versão na lingua patria, muito carecedora de livros do genero do que tratamos, proporcionando ás crianças um, bastante ameno, util, moral e instructivo, e aos amanses da leitura sã, nas horas de lazer, um entretenimento de consideravel proveito. Somos nitidamente escrupulosos a respeito da linguagem dos livros. Não sei se a traducção a que alludimos é classica; não encontramos palavras de accepção deixada ou out-difusões, phrases arranjadas a capricho, na littera, a que procedemos com attenção, notamos clareza no estylo, rigor syntactico, boa orthographia e mais pureza do que o ha geralmente. Todavia, compre-mos dizer que ha erros typographicos, como falla de letras, substituição de tal por tal, genero por genero, pectereando por pectereando, etc., a memos outros na redacção; tal, proxima em vez de proccedido (isso sempre), mais infimo em vez de infame, que ja é suprativo (isso duas vezes em duas notas, pag. 60 e 144); os homens, ligamos na poesia, em vez de ligamos e o da do se no estado (pag. 127) (!); corrigir um re-

IX

giamento em vez de corrigir sobre (pag. 156), os qzases podem ter escapado por um descuido ou pressa, justificavel numa obra de tanto escrever. Essas senças devem ser mostradas aos meninos, que prezem de bons modelos para apreficarem-se na linguagem e saberem fallar com correctão e pureza. Apartar dessas considerações, entendamos, em nosso humilissimo pensar, que O Character de S. Smiles, vertido para o portuguez pelo Sr. Fernandes Valdez, é util, necessario e indispensavel, não só para as escolas do municipio neutro, mas para todas do Imperio. Nictberry, 19 de Outubro de 1877.—Gurguis Jeronymo Fernandes de Camões Filho.

O TRADUTOR.

Fig. 5, 6, 7 e 8 - Samuel Smiles, O Character, Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878. Fonte: Acervo pessoal do autor.



O CARACTER

CONTEUDO DOS CAPITULOS

CAPITULO I

Influencia do caracter 1—A esphera do dever commum 2— Poder auxiliar do dever 3—Superioridade do caracter sobre a instrucção 4—Superioridade do caracter sobre a fortuna 5— Honestidade do caracter 6—Confiança 7—Influencia do caracter 8—Sheridan e Burke 9—O caracter e as circumstancias 10—Formação do caracter 11—Força do caracter 12— Inspiração da energia 13—O homem consciencioso 14— A qualidade da reverencia 15—Intrepidez do caracter 16— Contágio da energia 17—Influencia de Washington 18— O Duque de Wellington 19—Influencia do caracter 20—Reverencia pelos grandes homens 21—Influencia dos grandes homens 22—Influencia de Dante sobre a Italia 23 e 24— O caracter e um grande legado 25—O caracter das nações 26—O caracter e a liberdade 27—As nações fortificam-se na adversidade 28—O patriotismo nobre e ignobili 29—Decadencia das nações 30—Estabilidade do caracter 31 e 32.

CAPITULO II

O poder da familia 33—A familia e a civilisação 34—Educação domestica 35—Influencia da familia 36—Os exemplos da infancia 37—O poder do exemplo 38—Amegma 39—Mocidade de Santo Agostinho 40—As primeiras impressões 41 e 42—A boa familia e a melhor das escolas 43—A melhor creadora do caracter 44—Influencia da mãe 45—O poder das mulheres boas 46—Johnston e Washington 47—Tallant 48—Garran e Adams 49—M. dos Wesley 50—Michelet e sua mãe 51—Byron 52—Foster e Lamartine 53—Aptidão das mulheres para os negocios 54—Qualidades indispensaveis para os negocios 55—A intelligencia da mulher 56—Educação das mulheres 59—As nações e as mães 61

—A verdadeira esphera das mulheres 62—As mulheres e o trabalho 63—Emancipação das mulheres 64—As mulheres e o alimento 65.

CAPITULO III

A companhia e o exemplo 67—Influencia da companhia 68—A força da imitação 69—A sociedade dos bons 70 e 71—Influencia de Henrique Martinho 72—Vida collegial do Dr. Paley 73—Exemplo do Dr. Arnott 74—O poder da bondade 75—As vidas exemplares 76—Inspiração da bondade 77—A admiração dos bons 78—Influencia das máximas religiosas 79—A energia produz energia 80—O poder dos grandes espiritos 81 e 82—Admiração dos grandes homens 83—Johnston e Boswell 84—Os heros da mocidade 85—A vida dos espiritos 86—Admiração e imitação 87—Haydn e Porpora 88—Os grandes musicos 89—Mestres e discipulos 90—Perpetuidade dos bons exemplos 91.

CAPITULO IV

O trabalho 93—Pitio e o trabalho rural 94—A praga da ociosidade 95—Causas da melancolia 96—Disciplinas da indoleza 97—O dever universal do trabalho 98—Lord Stanley e o trabalho 99—A vida e o trabalho 100 e 101—A dignidade do trabalho 102—O trabalho e a felicidade 103—Importancia pratica da industria 104—Scott e Southey 105—O trabalho como educador do caracter 106 e 107—Qualidades necessarias para os negocios 108—Washington 109 e 110—Os homens de trabalho 111 e 112—O genio e as occupações 113—A litteratura e as occupações 114—Os litteratos e as occupações 115—Os grandes Italianos 116—A litteratura e as honras da acção 117—O trabalho nas horas vagas 118—O homem de acção 119—A habilidade pratica e especulativa 120—Os grandes homens da sciencia 121—Napoleão I e os honras da sciencia 122—O emprego das horas vagas 123—Escrituras litterarias 124 e 125—O Sr. Jorge Lewis 126—A consolação da litteratura 127—O trabalho e excessos do trabalho 128.

CAPITULO V

A coragem 129—A coragem moral 130—Os martyres da sciencia 131—Perseguição dos grandes descobridores 132—

Hostilidade ás novas idéas 133—Os martyres da fé 134 e 135—O Sr. Thomas More 136—Porteiros de Leithers 137—Exterro perante a Dieta 138—O Conde Strafford 139—A coragem commum 140—A virtude do auxilio proprio 141—O despotismo da moda 142—Ambição da popularidade 143—Covardia moral 144—A coragem de ser impopular 145—A popularidade e o dever 146—Intrepidez intellectual 147—A verdadeira coragem 148—A energia e a perseverança 149—A coragem e a tenacidade 150—A generalidade dos bravos 151—Coragem e abnegação 152—Magnanimidade 153—Os honras nazarianos 154—Devemos evitar o medo 155—A coragem das mulheres 156—Força moral das mulheres 157—Herodoto das mulheres 158—A Sra. Franklin 159—As mulheres philanthropicas 160—Historia de Sara Martinha 161, 162 e 163.

CAPITULO VI

A sujeição de si mesmo 165—Valor da disciplina 166—Sobre a mania de objecto de si mesmo 167—Disciplina domestica 168—A disciplina de si mesmo 169—Caracter de Hampden 170—O dano da força de genio 171—Direcção que se deve dar á força do genio 172—O poder de refrear-se 173—Exemplos de sujeição de si mesmo 174—Exemplos de abnegação 175 e 176—Abnegação de Ostrum 177—Continencia da linguagem 178 e 179—Sabedoria pratica 180—Longanimidade 181—Philosophia pratica de Faraday 182—Fragma de Burn 183—O dano das mudanças de Béranger 184—A tyrannia do appetito 185—Vida honesta 186—A virtude honestidade 187—Imprudencia de Magins 188—Honestidade publica de Sheridan 189—Honestidade publica 190—Afor Scott 191—Coragem e honestidade de Scott 192 e 193—Dedicção de Lockhart a Scott 194.

CAPITULO VII

Dever, lealdade 195—O sentimento do dever 196—Consciencia e vontade 197—O sentimento da honra 198—A solidão do dever 199—Liberalidade do dever de Washington 200—Dever de Wellington 201—Nelson e Collingwood 202—Dever de Scott 203—Sentimento nacional do dever 204—Relatorio do Barão Stoffel 205—Decadencia da França 206—O abba de S. Pótro 207—Dever e lealdade 210—Resistencia á falshado 211 e 212—A virtude e o loco da sociedade 213—Diversas formas da mentira 214—Vida de Jorge Wilson 215—Soffrimentos physicos de Wilson 216—Sen tra-

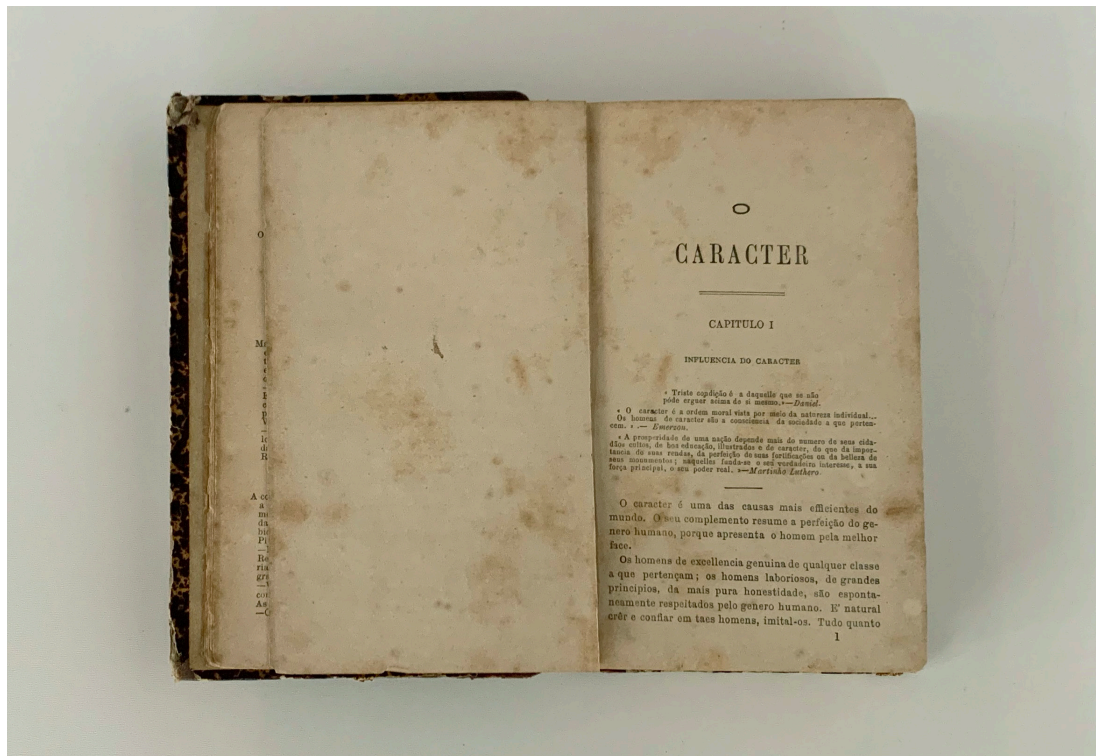
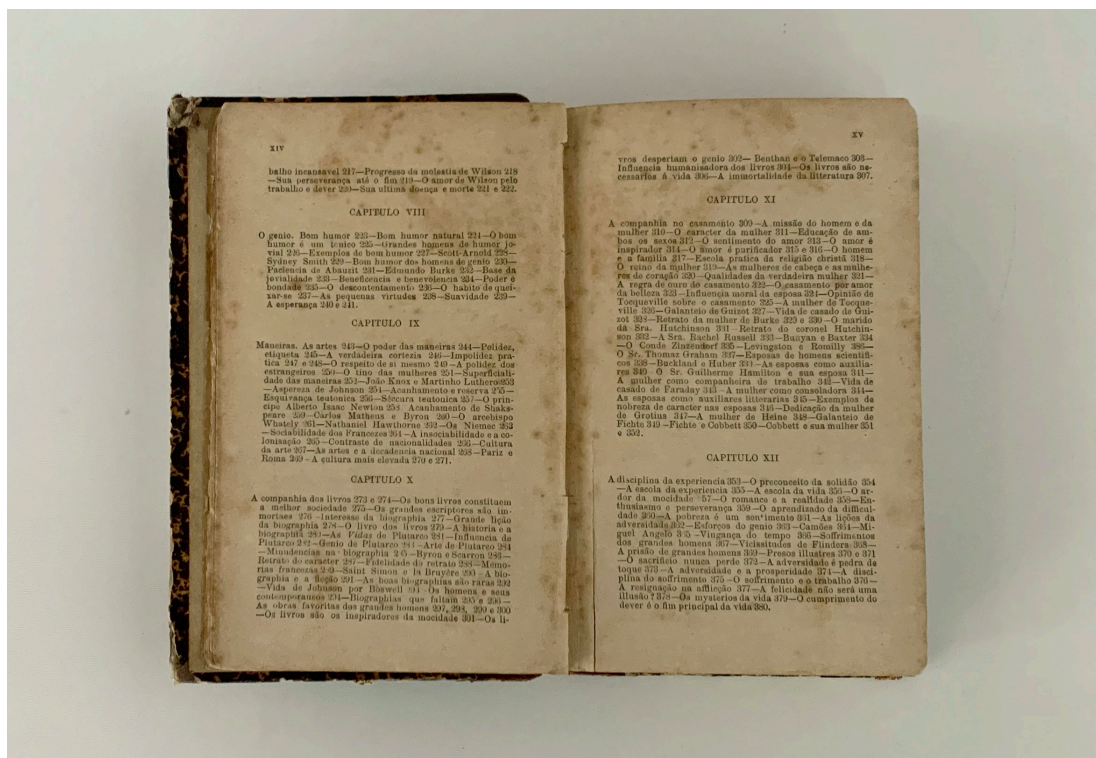
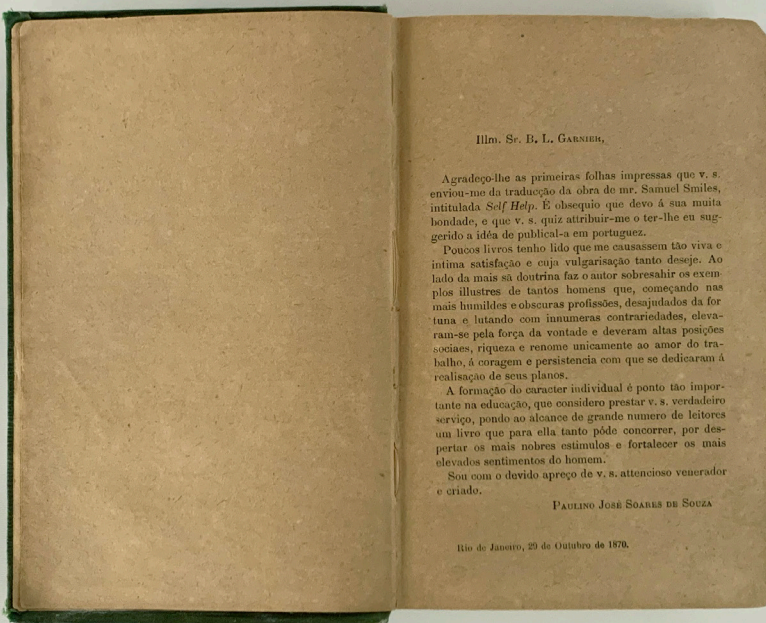
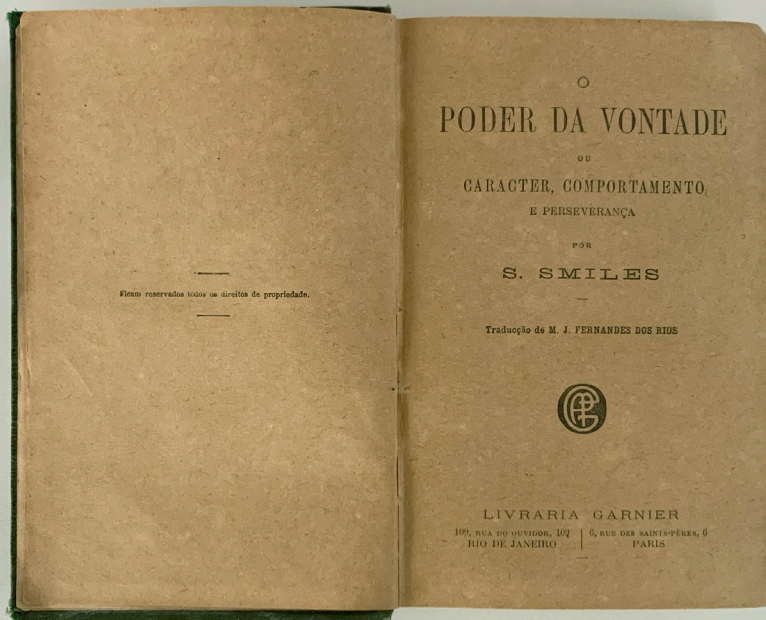
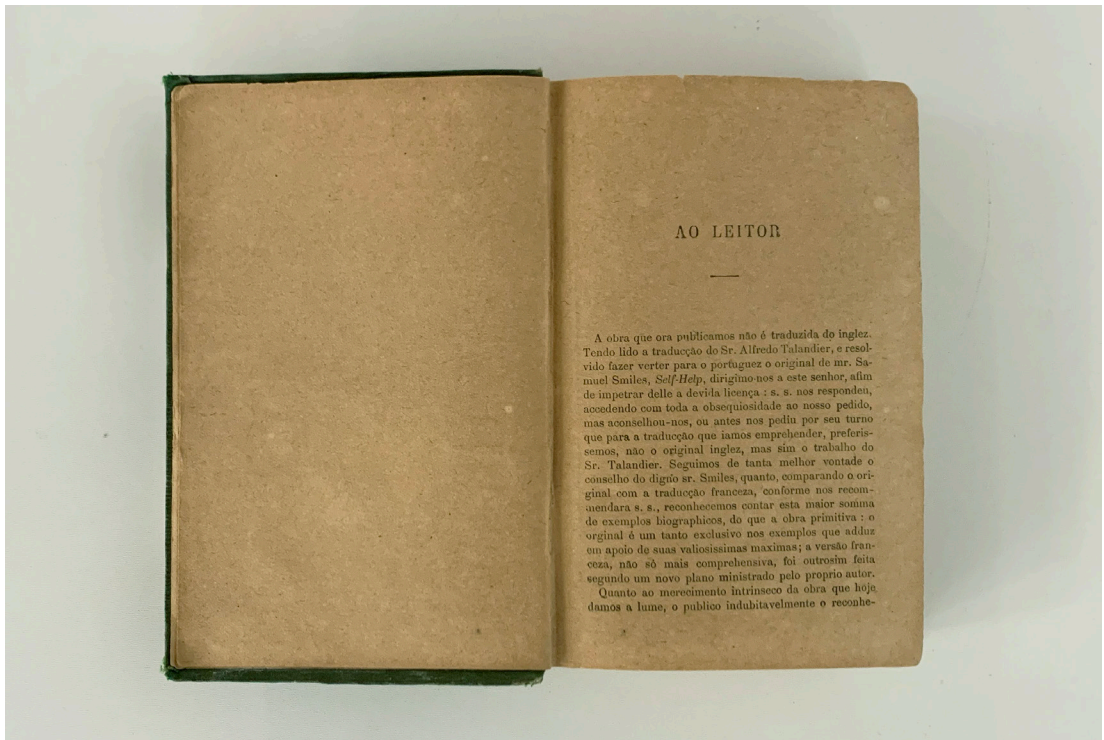


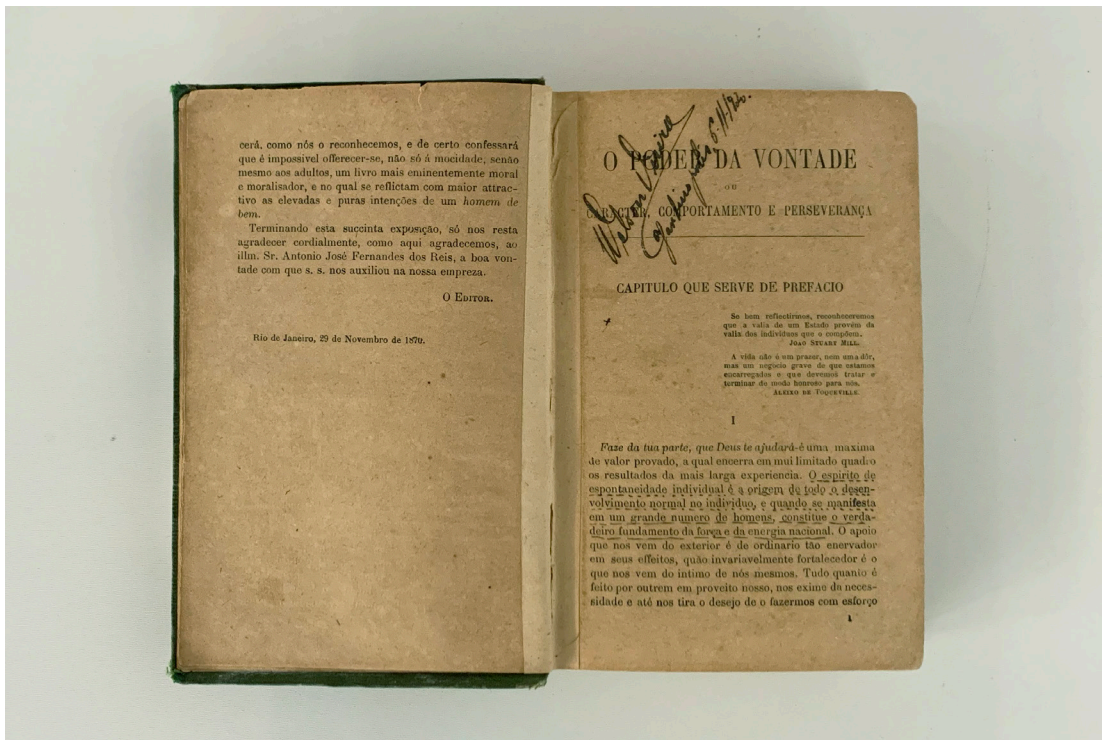
Fig. 9, 10, 11 e 12 - Samuel Smiles, *O Carácter*, Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878. Fonte: Acervo pessoal do autor.





AO LEITOR

A obra que ora publicamos não é traduzida do inglez. Tendo lido a traducção do Sr. Alfredo Talandier, e resolvido fazer verter para o portuguez o original de mr. Samuel Smiles, *Self-Help*, dirigimo-nos a este senhor, a fim de impetrar delle a devida licença: s. s. nos responderam, accedendo com toda a obsequiosidade ao nosso pedido, mas aconselhando-nos, ou antes nos pediu por seu turno que para a traducção que iamos emprender, preferissemos, não o original inglez, mas sim o trabalho do Sr. Talandier. Seguimos de tanta melhor vontade o conselho do digno sr. Smiles, quanto, comparando o original com a traducção franceza, conforme nos recomendará s. s., reconhecemos contar esta maior somma de exemplos biographicos, do que a obra primitiva: o original é um tanto exclusivo nos exemplos que aduz em apoio de suas valiosissimas maximas; a versão franceza, não só mais comprehensiva, foi outrossim feita segundo um novo plano ministrado pelo proprio autor. Quanto ao merecimento intrinseco da obra que hoje damos a lume, o publico indubitavelmente o reconhe-



cerá, como nós o reconhecemos, e de certo confessará que é impossivel offercer-se, não só á mocidade, senão mesmo aos adultos, um livro mais eminentemente moral e moralizador, e no qual se reflectam com maior atractivo as elevadas e puras intenções de um *homem de bem*.

Terminando esta succinta exposição, só nos resta agradecer cordialmente, como aqui agradecemos, ao illm. Sr. Antonio José Fernandes dos Reis, a boa vontade com que s. s. nos auxiliou na nossa empreza.

O Editor.

Rio de Janeiro, 29 de Novembro de 1876.

O PODER DA VONTADE

ou
SEU INFLUENÇA NO COMPORTAMENTO E PERSEVERANÇA

CAPITULO QUE SERVE DE PREFACIO

Se bem reflectirmos, reconhecemos que a vida de um Estado provem da vida dos individuos que o compoem.

MR. SAMUEL SMILES.

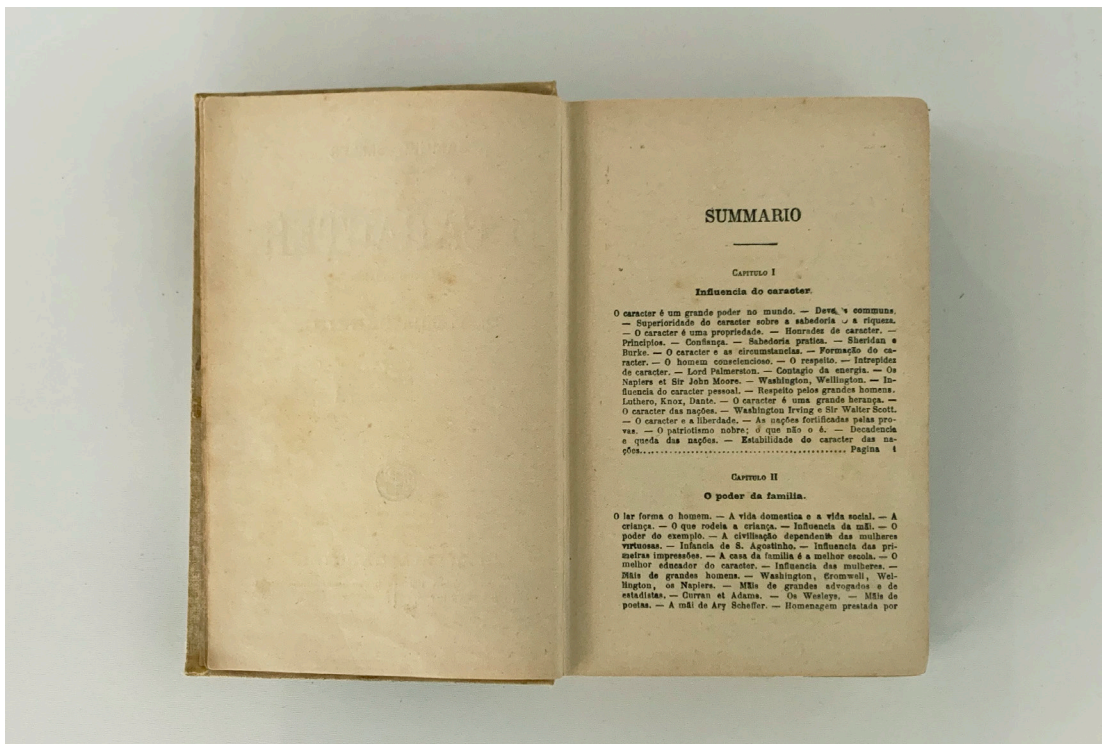
A vida não é um prazer, com uma abstracção, mas um negocio grave de que estamos encarregados e que devemos tratar e terminar de modo honroso para nós.

ALFREDO TALANDIER.

I

Fize da tua parte, que Deus te ajudará—é uma maxima de valor provado, a qual encerra em si limitados quando os resultados da mais larga experiencia. O espirito de espontaneidade individual é a origem de todo o desenvolvimento normal no individuo, e quando se manifesta em um grande numero de homens, constitue o verdadeiro fundamento da força e da energia nacional. O apoio que nos vem do exterior é de ordinario tão enervador em seus effeitos, quanto invariavelmente fortalecedor é o que nos vem do intimo de nós mesmos. Tudo quanto é feito por outrem em proveito nosso, nos eximo da necessidade e até nos tira o desejo de o fazermos com estorço

Fig. 13, 14, 15 e 16 - Samuel Smiles, *O Poder da Vontade*, Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1870. Fonte: Acervo pessoal do autor.



SUMMARIO

CAPITULO I

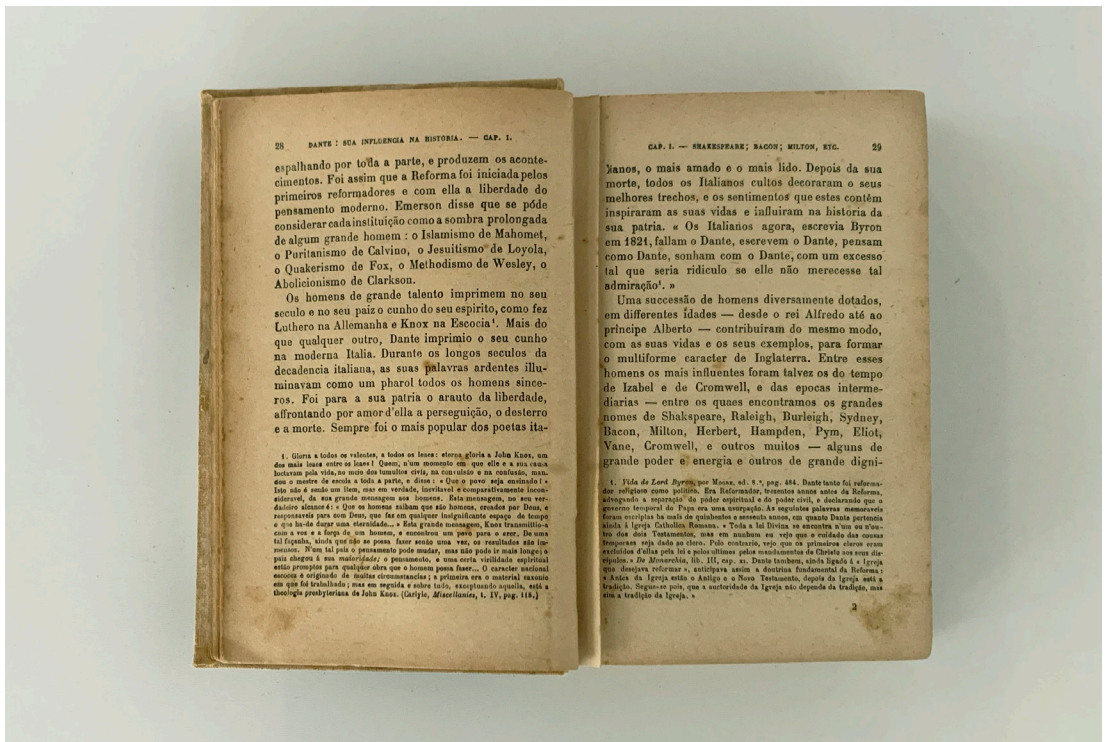
Influencia do caracter.

O caracter é um grande poder no mundo. — Deus, e communis. — Superioridade do caracter sobre a sabedoria. — A riqueza. — O caracter é uma propriedade. — Honradas de caracter. — Principios. — Confiança. — Sabedoria pratica. — Sheridan e Burke. — O caracter e as circumstantias. — Formação do caracter. — O homem consciencioso. — O respeito. — Intempéras de caracter. — Lord Palmerston. — Contagio da energia. — Os Naplers e Sir John Moore. — Washington, Wellington. — Influencia do caracter pessoal. — Respetto pelos grandes homens. — Luther, Knox, Dante. — O caracter é uma grande herança. — O caracter das nações. — Washington Irving e Sir Walter Scott. — O caracter e a liberdade. — As nações fortificadas pelas provas. — O patriotismo nobre; o que não o é. — Decadência e queda das nações. — Estabilidade do caracter das nações. Pagina 1

CAPITULO II

O poder da familia.

O lar forma o homem. — A vida domestica e a vida social. — A criança. — O que rodeia a criança. — Influencia da mãe. — O poder do exemplo. — A criança dependente das mulheres virtuosas. — Infancia de S. Agustinho. — Influencia das primeiras impressões. — A casa da familia e a melhor escola. — O melhor educador do caracter. — Influencia das mulheres. — Mães de grandes homens. — Washington, Cromwell, Wellington, os Naplers. — Mães de grandes atropelados e de estadistas. — Curvan e Adams. — Os Wesley. — Mães de poetas. — A mãe de Ary Scheffer. — Homenagem prestada por



espalhando por toda a parte, e produzem os acontecimentos. Foi assim que a Reforma foi iniciada pelos primeiros reformadores e com ella a liberdade do pensamento moderno. Emerson disse que se pôde considerar cada instituição como a sombra prolongada de algum grande homem: o Islamismo de Mahomet, o Puritanismo de Calvino, o Jesuitismo de Loyola, o Quakerismo de Fox, o Methodismo de Wesley, o Abolicionismo de Clarkson.

Os homens de grande talento imprimem no seu seculo e no seu paiz o cunho do seu espirito, como fez Luther na Alemanha e Knox na Escocia¹. Mais do que qualquer outro, Dante imprimio o seu cunho na moderna Italia. Durante os longos seculos da decadencia italiana, as suas palavras ardentés illuminavam como um pharol todos os homens sinceros. Foi para a sua patria o arauto da liberdade, affrontando por amor d'ella a perseguição, o desterro e a morte. Sempre foi o mais popular dos poetas ita-

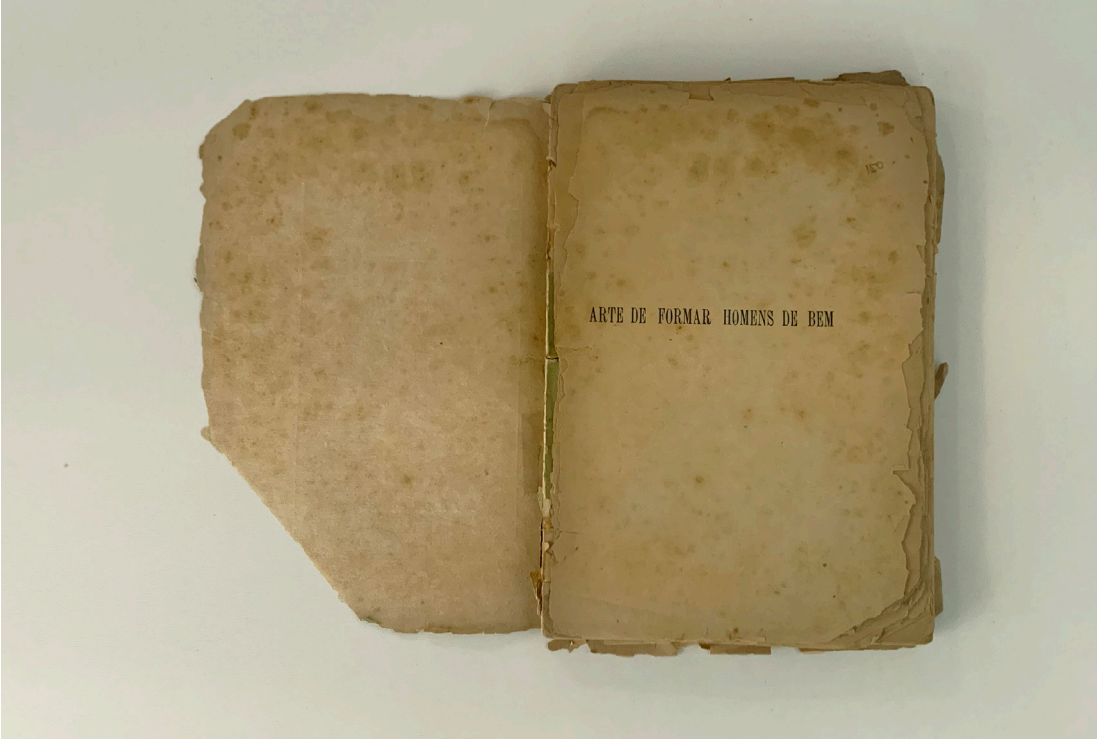
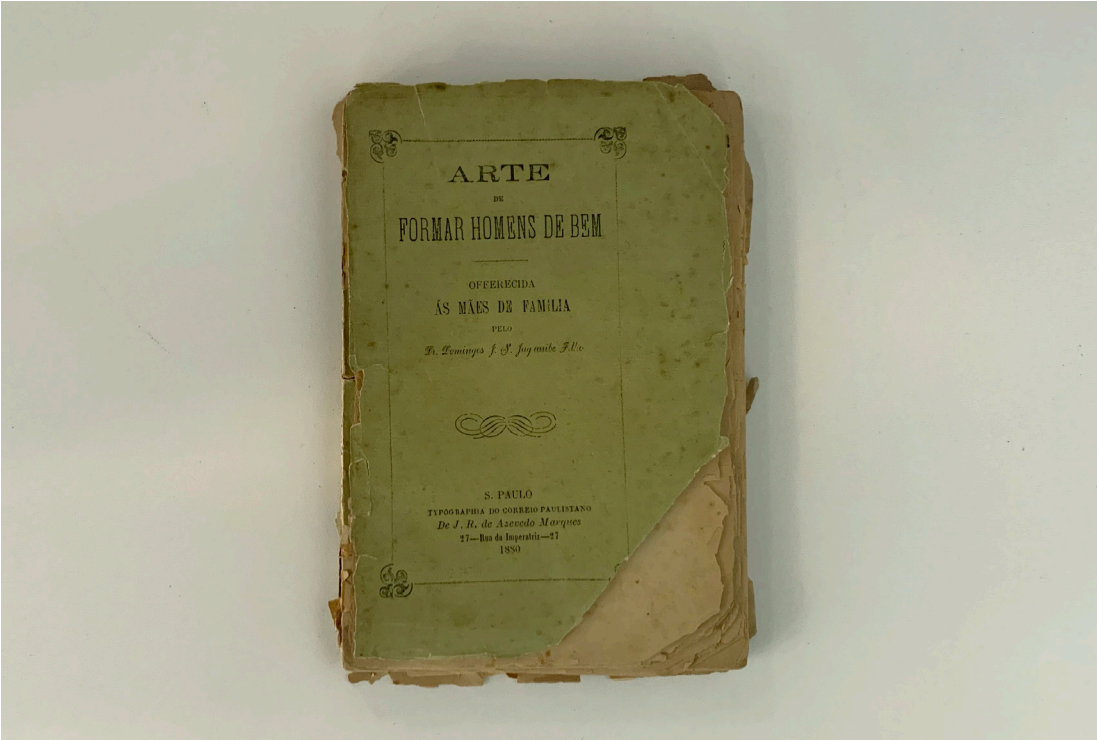
1. Gloria a todos os valentes, e todos os leaes: eterna gloria a John Knox, um dos mais leaes e valentes! Quem, a um momento em que elle e a sua causa lutavam pela vida, no meio dos tumultos civis, na corte real e na ecclesia, mantinha o mastro de senão a toda a parte, e disse: « Que o peccar seja embandeado! — Isto não é mais um fiavel, mas um venal, herdado e inconscientemente hereditario, de sua grande mensagem aos homens. Esta mensagem, no seu verdadeiro sentido é: « Que os homens saibam que são homens, creados por Deus e responsáveis para com Deus, que faz em qualquer insignificante espaço de tempo e que he de deparar uma eternidade. » Esta grande mensagem, Knox transmittiu-a com a sua e a força de um homem, e encorajou um peço para o erro. De uma tal fignição, sobre que não se possa fazer senão uma vez, os resultados são impressionantes. Não se tal peço o pensamento pode mudar, mas não pode ir mais longe e não chegar a um nivel inferior o pensamento, e uma certa virtude espirital está sempre para qualquer obra que o homem possa fazer. O caracter nacional nasceu e engrandeceu de muitas circumstantias; e primeira era o material nacional em que foi trabalhado; mas em seguida o salubre, encorajando aquillo, e a theologia presbyteriana de John Knox. (Confy, Miscellaneous, t. IV, pag. 118.)

lhanos, o mais amado e o mais lido. Depois da sua morte, todos os Italianos cultos decoraram o seus melhores trechos, e os sentimentos que estes contém inspiraram as suas vidas e influiram na historia da sua patria. « Os Italianos agora, escreveu Byron em 1821, fallam o Dante, escrevem o Dante, pensam como Dante, sonham com o Dante, com um excesso tal que seria ridiculo se elle não merecesse tal admiração! »

Uma successão de homens diversamente dotados, em diferentes idades — desde o rei Alfredo até ao principe Alberto — contribuíram do mesmo modo, com as suas vidas e os seus exemplos, para formar o multiforme caracter de Inglaterra. Entre esses homens os mais influentes foram talvez os do tempo de Isabel e de Cromwell, e das epochas intermediarias — entre os quaes encontramos os grandes nomes de Shakspeare, Raleigh, Buriogh, Sydney, Bacon, Milton, Herbert, Hampden, Pym, Eliot, Vane, Cromwell, e outros muitos — alguns de grande poder e energia e outros de grande digni-

1. Vida de Lord Byron por Moore, ed. 1.ª, p. 484. Desde tanto foi referendar religião como politico. Era Estorador, tremido antes antes da Reforma, abrangido a separação do poder espiritual do poder civil, e declarando que o governo temporal de Papo era uma usurpação. As seguintes palavras memoraveis foram escritas ha mais de quinhentos e sessenta annos, em quanto Dante pertencia á Igreja Catholica Romana. « Toda a tal Divina se encontra em um o livro dos dois Testamentos, mas em nenhum se vêo que o resultado das coisas humanas está dado ao livro. Falo sobretudo, vejo que se ignoramos como essas verdades d'elles pela lei e pelas lillimas pelas encarnações da Christa nos seus discipulos. De elle, o livro III, cap. xi. Dante também, ainda ligada à Igreja que desajava reformar, criticava antes a doutrina fundamental da Reforma: « Antes da Igreja está o Antigo e o Novo Testamento, depois da Igreja está a tradição. Segue-se pois que a autoridade da Igreja não depende da tradição, mas sim a tradição da Igreja. »

Fig. 17, 18, 19 e 20 - Samuel Smiles, O Character, trad. D. Amelia Pereira. Coleção Biblioteca Scientifica. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d. Fonte: Acervo pessoal do autor.



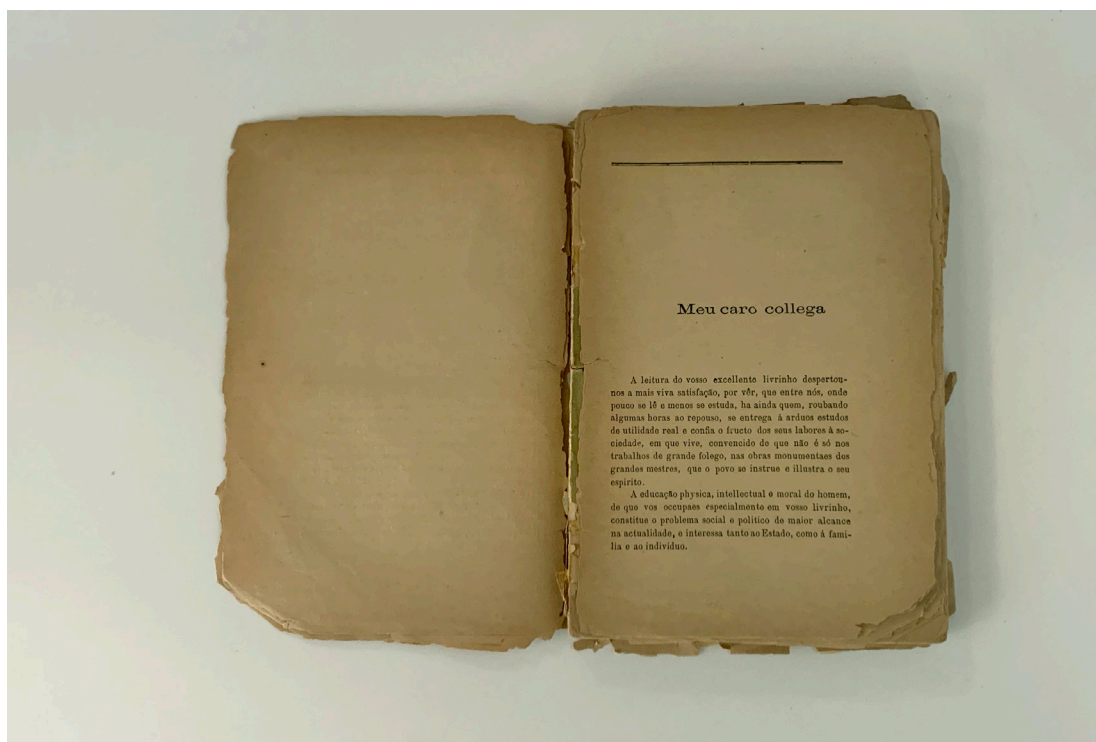


Fig. 21, 22, 23 e 24 - Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho. *A arte de formar homens de bem – oferecida às mães de família*, São Paulo: Typographia do Correio Paulistano, 1880. Fonte: Acervo pessoal do autor.

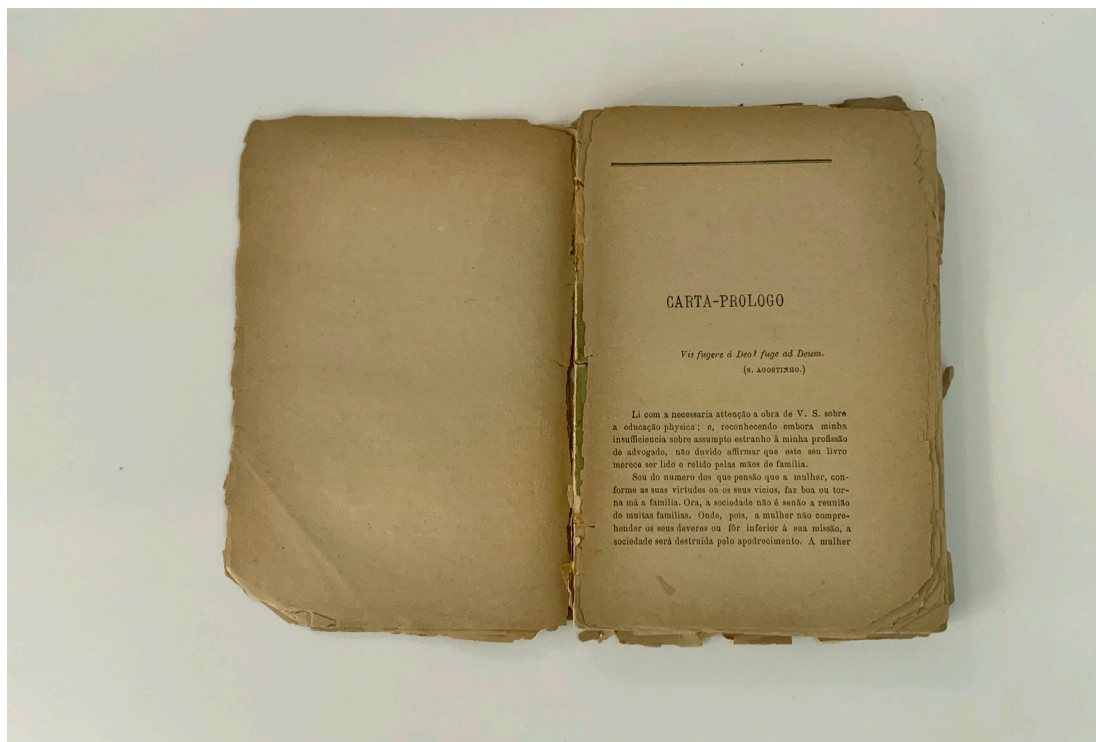
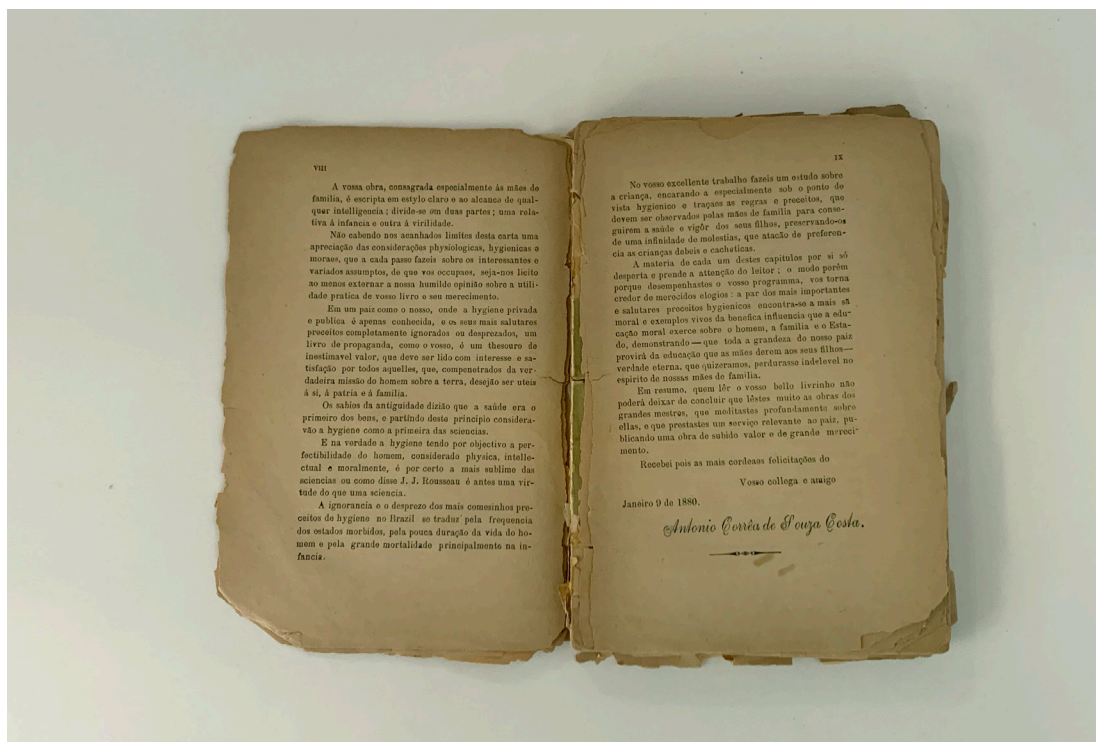


Fig. 25 e 26 - Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho. *A arte de formar homens de bem – oferecida às maes de familia*, São Paulo: Typographia do Correio Paulistano, 1880. Fonte: Acervo pessoal do autor.

H. GARNIER, Livreiro-Editor, rua Moreira Cesar, 71.

ROMANCES

DE

ALUIZIO AZEVEDO

Casa de pensão, 1 v. in-8° enc. 4\$000, br.	3\$000
O Coruja. 1 v. in-8° enc. 4\$000, br.	3\$000
Memorias de um condenado. 1 v. in-4° enc. 4\$000, br.	3\$000
Mysterio da Tijuca. 1 v. in-4° 4\$000, br..	3\$000
O Mulato. 1 v. in-8° enc. 4\$000, br. . .	3\$000
O Cortiço. 1 v. in-8° enc. 4\$000, br. . .	3\$000
O Homem. 1 v. in-4° enc. 4\$000, br. . .	3\$000
Pégadas. 1 v. in-8° enc. 4\$000, br. . .	3\$000
Livro de uma sogra. in-8° enc. 4\$000, br. .	3\$000

NO PRÉLO E A SAHIR BREVEMENTE

Philomena Borges. in-8° enc. 4\$000, br. . .	3\$000
Memorias de um condemnado. enc. 4\$000, br.	3\$000
Uma lagrima de Mulher. in-8° enc. 4\$000, br.	3\$000

OBRAS DE SAMUEL SMILES

O CARACTER , nova traducção por D. Amelia Pereira, 1 grosso v. in-8°, enc. 4\$000, br.	3\$000
O DEVER , com exemplos de coragem, paciencia e resignação. 1 v. enc. 4\$000, br.	3\$000
ECONOMIA Doméstica Moral, ou a felicitação e a independencia pelo trabalho e pela economia. 1 v. in-8° enc. 4\$000, br.	3\$000
AJUDA-TE , e Deus té ajudará! nova traducção por***, 1 v. in-8° enc. 4\$000, br.	3\$000
VIDA E TRABALHO , 1 v. in-8°, enc. 4\$000, br.	3\$000

Pariz. — Typ GARNIER Irmãos. 367.9.97.

Fig. 27 - Propaganda da H. Garnier ao final de uma edição de *Pégadas* (1897) de Aluísio Azevedo. Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Virilidade, disciplina e “civilização”

(PARTE II)

A formação do *caráter do homem de bem* era concebida como um balanço entre a energia selvagem da virilidade e o refinamento civilizacional da *hombridade*. Um homem apenas civilizado — disciplinado, com autocontrole, obediente, educado, inteligente — não era um homem completo. Para os educadores da nação, os meninos precisavam desenvolver seu lado animalesco para terem acesso à uma energia selvagem que, ao longo do processo de educação e amadurecimento, seria canalizada para a construção das características que se esperavam de um homem de verdade. Como dizia Américo Werneck: “a formação de um bom caracter resume-se na civilização dos sentimentos agrestes”¹. A violência, a impetuosidade, o orgulho, a coragem, a ambição, a energia dominadora e conquistadora, que seriam supostamente inerentes à natureza do sexo masculino, seriam modeladas e coordenadas para os fins da *ordem* e do *progresso* da sociedade. “As paixões são os órgãos da natureza moral, como o coração, o fígado, os olhos e todas as partes do corpo são da natureza physica. Exercita-os no caminho do bem, porque serão as unicas armas que teo filho terá para combater as affrontas do destino.”²

¹ WERNECK, op. cit., p. 204.

² Ibidem, p. 205

Um homem “frouxo” ou efeminado, desprovido de seu impulso animalesco, era não apenas um problema para si, mas também para sua família e para toda a sociedade. Em 1899, *O Brazil Elegante* publicou “Conselhos de um pae á sua filha: o marido fraco”, tradução de um texto do higienista e antropólogo italiano Paolo Mantegazza (1831-1910), no qual podemos perceber como virilidade e civilidade se articulavam na ideação do *homem de bem*:

O marido fraco é **um homem sem sexo definido; se o corpo é macho, a alma é femea**; é um dos numerosos erros da natureza.

O marido fraco tem algumas vezes pulso solido e intelligencia clara, **mas quando pretende fazer concordar estas duas faculdades, nenhuma responde ao apello**. Apertase o botão da campainha electrica, mas não toca.

Já não fallo do pulso, porque escrevo para pessoas bem educadas, que não cerram nunca o punho, para juntar a uma phrase energica como por exemplo: *Demonio me leve!* ou *Deus me perdôe!*

Fallo d’aquelles que sabem reflectir, que estudam a vida, hesitam, duvidam, oscillam e depois de uma longa hesitação, **se decidem... a não decidir**.

No espaço de tempo que medeia entre o pensar e executar, surge sempre uma terceira pessoa que por nós decide impondo a sua vontade.

Vejamos o homem fraco que acaba, a força de defeitos, **por perder a sua estima pessoal, a que se torna objecto de compaixão** para todos e especialmente para as mulheres; por que apesar d’ellas se dizerem nossas eguaes em direitos (mas não em deveres) gostam comtudo de ver nos homens um apoio robusto sobre o qual se possa encostar com toda a segurança e confiança.

Para a mulher nada ha mais desprezível do que o homem fraco. **Podem perdoar a fraqueza do corpo, mas a da alma, nunca**. É realmente certo que os bandidos mais ferozes, tem sempre mulheres que os amam [e] que os homens de genio, mesmo velhos, encontram sem difficuldade mulheres que os estimam: mas que **os fracos e hesitantes, são sempre desprezados e escarnecidos**. Tudo isso é justo; as leis da natureza devem respeitar-se, ninguem as viola impunemente.

Logo que entre casados **a ordem de factores está envertida**, e que a mulher é mais forte do que o homem usa d’elle como de um instrumento, bom para tudo, mas no seu íntimo lastima-o e despreza-o; **passando algum tempo procura outro homem que seja**

realmente homem a que possa entregar-se em corpo e alma, e o amor subjuga-a abatendo todo o seu orgulho.³

No texto de Mantegazza, podemos observar diversas camadas de aspirações e ansiedades que rondavam a masculinidade do *homem de bem*. Em primeiro lugar, o homem de verdade precisava ser dominante, ou seja, precisava agir como um líder, com assertividade e segurança. Para tanto, ele precisava ser autossuficiente, um traço que deveria se manifestar tanto na sua capacidade de cuidar de sua própria integridade física e psíquica — saber sobreviver e defender-se sozinho, ser capaz de cuidar de si sem necessidade de auxílio —, mas também em sua autonomia intelectual e moral, mostrando capacidade de tomar decisões por juízo próprio.⁴ Para guiar a si mesmo e aos outros, o homem precisava ser racional e inteligente, mas não de maneira desafetada: era preciso ter contundência, convicção e energia, que no pensamento e na atitude psíquica consigo mesmo deveriam constituir seu orgulho próprio e sua autoconfiança. Na *performance* interrelacional, deveriam inspirar o respeito dos seus semelhantes e a confiança e obediência dos que deveriam estar sob sua proteção e subjugo através da atitude corporal, da oratória e dos objetos em torno de si.

Ter dúvida e hesitar seria demonstrar, portanto, sinal de fraqueza — sinônimo de feminilidade. O homem feminilizado era fraco “da alma”. Ser alvo de compaixão e de proteção seria também uma feminilização, pois seria resultado da perda da “estima pessoal” e demonstração de fraqueza, de incapacidade de ser autossuficiente. Adiante no texto, Mantegazza corporaliza o argumento, afirmando que se Deus fez a “estatura [da mulher] inferior á nossa foi para que ella nos visse mais altos”. A diferença da estatura estabeleceria uma relação de dominância e hierarquia em que o mais baixo admira e respeita o mais alto, um padrão de hierarquização espacial profundamente enraizado nos repertórios de poder da Europa Ocidental — mobilizado no trono da realeza, no altar e no púlpito da Igreja Católica, no tablado das salas de aula, na elevação dos juizes nos tribunais. Se fosse o

³ MANTEGAZZA, Paolo. O manuscrito de um pae — Conselhos de um pae á sua filha: O marido fraco. **O Brazil Elegante**, 16 de fevereiro de 1899, p. 8-9 (grifos do autor).

⁴ Cf. MOSSE, George L. **The image of man: the creation of modern masculinity**, 1996, p. 7.

contrário, argumentava o médico italiano, ao “baixar os olhos para nos verem, elles tornar-se-iam pequenos, de soberbos pareceriam cheios de confusão; exprimiriam a protecção e não a admiração, a ternura talvez mas o orgulho nunca”. E ainda, por sua natureza bondosa, a mulher teria compaixão do homem, “tornando nos ainda mais pequenos”.⁵

Pelo olhar masculino, no par feminino-masculino, a mulher, mesmo que ambicionasse direitos iguais, “mas não em deveres”, necessitaria da segurança e confiança de um homem de verdade. Como afirmavam Paul Janet e Américo Werneck, isso se dava por sua natureza fraca, que demandava protecção, e passiva, que lhe permitia um lugar de dignidade intermediária entre a soberania e a servidão. Já o homem, ativo, não possuía essa opção, pois “quem tem a força não póde ser senão senhor ou escravo”⁶.

Por sua natureza passional e sentimental, os julgamentos da mulher seriam regidos pelo coração. Por isso, elas seriam mais suscetíveis a enganos decorrentes da transitoriedade das sensações, se deixando levar por sofismas e pela parcialidade das afeições, tendendo a favorecer majoritariamente o lado que lhes fosse mais conveniente.⁷ O homem, por sua vez, teria uma “razão viril”⁸. A articulação entre a energia viril, a autossuficiência, e o espírito de dominância — que o homem deveria exercer sobre os outros, mas também sobre si mesmo — resultaria em uma inteligência singular, constituída pela somatória do “pulso sólido e da inteligência clara” de que falava Mantegazza. A virilidade da razão masculina se faria presente na sua firmeza, persistência, retitude, coragem e obstinação de pensamento e de ação, bem como pela sua capacidade e força interna para dominar os sentimentos e as paixões.

Por meio da virilidade, o homem branco se faria menos suscetível aos sentimentos, às paixões e aos afetos, pois teria a coragem, a perseverança e a força de vontade para exercer sobre si um estrito autocontrole. Reprimindo a si mesmo, colonizando e retificando seus desejos, paixões e impulsos naturais, o *homem de bem* deveria fazer-se frio e modelar-se à

⁵ MANTEGAZZA, op. cit.

⁶ JANET, op. cit., p. 40; WERNECK, op. cit., p. 154-155.

⁷ JANET, op. cit., p. 43-44.

⁸ O termo é empregado por Paul Janet para diferenciar o que ele e seus contemporâneos acreditavam ser a distinção da razão masculina — da ciência, das artes, da filosofia, da política — da razão feminina — corriqueira, doméstica etc. Ibidem, p. 40.

imagem da Razão desencarnada e abstrata cultuada pela filosofia moderna e pelo cientificismo, que ganhava grande poder e prestígio na cultura dominante das elites.⁹ A “razão viril” seria superior por não temer desagradar ou entristecer, obedecendo acima de tudo aos princípios abstratos e elevados e, por isso, teria a frieza necessária para, supostamente, fazer juízos imparciais e tomar as atitudes necessárias, mesmo que doloridas. Daí decorria também a crença na “virilidade moral” masculina, que o qualificava para os postos de poder e autoridade na família e na sociedade, e que modelava o linguajar corrente na esfera pública, onde era frequente a condensação simbólica entre virilidade e racionalidade, como no elogio que *A Gazeta de Notícias* fez a Américo Werneck, qualificando-o como um escritor hábil, com uma “penna adextrada e máscula”¹⁰.

Se a articulação entre virilidade, força e racionalidade constituíam as virtudes e a grandeza do *homem de bem*, era a sua desarticulação que, sob o olhar racista das elites brancas, desqualificava o homem negro ou as outras raças que “se permitiam” serem dominadas pelos brancos. Tomando o homem negro como o *alter* do *ego* dos brancos, ele era concebido ora como desvirilizado, “submisso e conformista por natureza”¹¹, ora como hiper virilizado, dotado de agressividade, violência, revolta e libidinosidade exacerbadas. Nesse sentido, o homem negro era sempre visto como homem incompleto.¹² Na imagem do

⁹ Sobre a crença no poder elevado da Razão e do cientificismo, ver: PATTERSON, op. cit.; TAYLOR, Charles. **As fontes do self**: a construção da identidade moderna. São Paulo: Edições Loyola, 1997. Sobre a relação entre ciência, técnica e razão com o ideal normativo de masculinidade na Europa moderna, ver MOSSE, op. cit.; OLIVEIRA, op. cit.; SEIDLER, Victor. **Rediscovering Masculinity**: Reason, Language and Sexuality. Londres/Nova York: Routledge, 1989; p. 1-21; CONNELL, Raewyn W. **Masculinities**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2005.

¹⁰ WERNECK, p. 11-12. Em termos de racionalidade, partia-se do pressuposto de que o homem era naturalmente mais apto para lidar com a abstração e com todos os assuntos “elevados”. Sobre essa reivindicação de exclusividade no exercício da racionalidade, que se tornava o instrumento central para a produção de conhecimento e tomada de decisões na cultura moderna europeia, ver: CONNELL, op. cit., p. 164-181; PATTERSON, op. cit., p. 20, 27-28; OLIVEIRA, op. cit., p. 55-60.

¹¹ COSTA, op. cit., p. 122-126. A imaginação branca do homem negro efeminado pode ser vista também no pensamento de Gilberto Freyre, que, como observa Durval Muniz de Albuquerque, em *Ordem e Progresso*, classificava a “raça negra” como a “[...] raça-mulher. Uma raça sentimental, pouco racional, passiva, masoquista, que marcaria com estes elementos a cultura brasileira”. ALBUQUERQUE JÚNIOR, p. 34 e 27-44.

¹² Sobre a noção do negro como *alter* do *ego* do branco e a marginalização da população negra na sociedade brasileira, ver: MOURA, op. cit., p. 27-42. Ambos os estereótipos essencializavam o homem negro a partir de padrões de interação que alguns deles mantinham com homens brancos, em situações específicas, ignorando as violentas e desiguais condições sociais nas quais essas relações foram produzidas, tanto no sistema escravista, como no Pós-Abolição.

“bom escravo”, os brancos viam o homem efeminado, que era servil e não possuía o brio da autossuficiência e da autodeterminação. Na imagem do vadio, do preguiçoso, do violento, do indolente, do escravo revoltado, projetavam a ideia do homem sem força para dominar sua própria natureza, incapaz de dominar a si mesmo e *civilizar* suas inclinações em direções produtivas e moralizadas. Sua virilidade era ameaçadora e, por não ter *hombriedade*, era visto como inconstante e intempestivo, ofensivo, indisciplinado, desregrado e perigoso, inclinado para a criminalidade, o estupro e o vício.¹³ Raciocínio semelhante era empregado para pensar os homens das classes baixas e pertencentes às populações rurais empobrecidas.

Dessa maneira, qualificando a si mesmos e desqualificando os outros, os educadores da nação concebiam os *homens de bem* como os únicos capazes de serem sujeitos completos, donos de si mesmos e, por isso, suficientemente livres para guiar os demais nos sentidos racionais e morais da *civilização*. Dessa maneira, construíam um ideal de supremacia e legitimavam sua posição dominante como bastiões da *ordem* social e pontas de lança do *progresso*, explicitadas pelas palavras de um Berílio Neves, que afirmava n’ *A Cigarra* que “um preto não é mais do que um projecto de branco em nanquim...”.¹⁴

A tarefa dos educadores da nação era formar os homens brancos de acordo com esse ideal de supremacia para que eles pudessem não apenas sustentar a hierarquia social, da qual todos eles faziam parte, mas também realizar o projeto *civilizacional* que acreditavam estar intimamente articulado com as qualidades que eram condensadas nesse homem idealizado. O “homem fraco”, o “homem sem sexo definido”, as mulheres másculas e virilizadas, assim como outras configurações de gênero que desviavam das normativas,

¹³ Para pensar as imagens do homem negro construídas pelos homens brancos e sua perpetuação no século XX, Rolf Ribeiro de Souza conceitua o par do *Neguinho*, o negro assexuado, sem autonomia, sem ressentimentos com a escravidão, que segue em posição servil, e do *Negão*, o homem negro hiper virilizado, que seria mais forte e dotado de maior capacidade sexual que o homem branco e que, na imaginação desse homem branco, ocupava o imaginário do desejo sexual feminino. Por fim, o autor conceitua também o *fiel escudeiro*, o homem negro que possui os dotes físicos do *Negão*, mas é submisso e assexuado como o *Neguinho*, e que se posta como um aliado dos homens e mulheres brancos, protegendo-os dos outros homens negros e auxiliando-os na conservação de seus valores. SOUZA, Rolf Ribeiro de. As Representações do Homem Negro e suas Conseqüências. **Revista Fórum Identidades**, Aracaju, v. 6, ano 3, jul-dez 2009, p. 97-115; SOUZA, Rolf Malungo Ribeiro de. Representations of black masculinity in Brazil. **The Ecumenical Review**, v. 1, p. 519-529, 2013. Sobre os efeitos dessas imagens da masculinidade negra nos homens negros, para além dos artigos de Rolf Malungo de Souza, ver também: BARRETO, Aldeir de Oliveira. Masculinidade negra e a colonização: Ecos do passado no presente. **Kwanissa**, São Luís, v. 05, n. 12, p. 183-198, jan/jun, 2022.

¹⁴ NEVES, Berílio. Conceitos e Preconceitos. **A Cigarra**, 6 nov. 1926, p. 26.

subvertiam essa ordem e eram temidos, tanto por não servirem aos seus propósitos pré-estabelecidos no projeto da nação, como por desestabilizarem a hierarquia social da dominação masculina e o seu sentido de normalidade e naturalidade.¹⁵ A ansiedade em torno da emasculação era constante na formação dos meninos e nas ansiedades dos homens jovens e adultos em torno do casamento e da domesticidade, pois as características rigidamente separadas nos ideais de gênero, em verdade, eram fluídas nos indivíduos de ambos os sexos, sendo intensa a vigia de suas fronteiras e a reafirmação cotidiana de seus limites.

Mas como fazer com que os meninos e rapazes se tornassem “homens de verdade”? Como moldar seus desejos, seu autocontrole e suas aspirações de acordo como a ordem social planejada? E mais, como fazer com que seguissem as estreitas sendas demarcadas pelo *progresso*, a utilidade, a razão e o trabalho? A ampla difusão dos livros de educação da infância e de formação masculina na segunda metade do século XIX explicitavam uma inquietude crescente na sociedade brasileira, uma vontade de saber, como qualificou Foucault, que estava intimamente conectada com um desejo de dominar, controlar e otimizar a capacidade produtiva dos indivíduos, sobretudo dos homens.¹⁶ Essa crescente

¹⁵ Sobre as hierarquias entre homens a partir do modelo normativo da masculinidade moderna, ver: WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2004; CONNEL, op. cit., p. 67-86; BEDERMAN, op. cit.; KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998. Sobre a articulação entre masculinidade e o medo de desestabilização da ordem social *civilizada* e da dominação masculina, ver: CONNEL, op. cit.; WELZER-LANG, op. cit.; ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit.

Sobre as reações masculinas às mulheres masculinizadas nas primeiras décadas do século XX, ver: SCHPUN, Mônica. De canhão a carlota: meandros de um itinerário emblemático (Carlota Pereira de Queirós, 1892-1982). In: SCHPUN, Mônica (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2004 e ALBUQUERQUE, op. cit., 39-53. Para a Inglaterra, ver: CLAYTON, Susan. O hábito faz o marido? Exemplo de uma *female husbad*. James Allen (1787-1829). In: SCHPUN, Mônica (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2004.

¹⁶ A articulação entre saber e poder está difundida nas obras de Foucault. Aqui mencionamos principalmente a terceira parte de *Vigiar e Punir*, “Disciplina”, em que Foucault explora como no século XVIII houve uma simultânea “descoberta do corpo como objeto e alvo de poder”. Dessa maneira, articula a busca por tornar o corpo um objeto inteligível com a produção de um corpo útil, disciplinado, que pode ser “submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Em nosso enfoque, como sugere Ann Laura Stoler, mais do que a regulação do visível, procuraremos explorar também a regulação do invisível. Assim, para além do corpo dócil, exploraremos aqui a produção de um desejo dócil, de uma identidade dócil, de uma interioridade psíquica dócil. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999, p. 118 e 117-161; STOLER, Ann Laura. **Carnal Knowledge and Imperial Power**: Race and the Intimate in Colonial Rule. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2010; STOLER, Ann Laura. Uma educação sentimental: a infância nos divisores

vontade de saber e de disciplinar conectava frações da elite intelectual e uma gama de agentes estatais com as mães e *chefes de família*, articulava os autores dos manuais de autoaperfeiçoamento e os rapazes e adultos que ansiavam tornar-se, fazer-se e modelar-se como *homens de bem*.

Foucault observou que as técnicas disciplinares desenvolvidas a partir do século XVIII (sobretudo na França e na Inglaterra) se distinguiam em três aspectos das formas anteriores de organização das relações de poder — como a escravidão, a vassalagem e a “domesticidade”, que ele qualifica como a prática de controlar humanos por meio de uma “dominação constante, global, maciça, não analítica, ilimitada e estabelecida sob a forma da vontade singular do patrão”¹⁷. Primeiramente, as técnicas disciplinares não visavam desenvolver técnicas para subjugar e dominar um sujeito já existente por meio de operações “negativas” — como os rituais de soberania e sujeição, a coerção, a intimidação, o terror etc. —, mas técnicas “positivas”, que tinham como objetivo moldar e produzir um sujeito dócil, obediente, que objetificasse e sujeitasse a si mesmo. Em segundo lugar, por almejarem uma forma de poder onde a demonstração explícita de força deveria ser suavizada, buscavam operar um controle discreto e quase invisível, suscitando menos resistência e, conseqüentemente, tendo uma manutenção menos custosa.¹⁸ Por fim, as técnicas disciplinares não diziam respeito somente à instituição de uma hierarquia de poder, mas, de forma articulada, buscavam combinar a produção da obediência com a ampliação da utilidade do sujeito, por meio do incremento de suas aptidões e capacidades produtivas.¹⁹

No Brasil da segunda metade do século XIX, os debates em torno da educação familiar dos meninos seguiram linhas semelhantes. Adotando as teorias sobre o processo de formação do *caráter* e do comportamento ordeiro, produtivo e útil formuladas por autores

coloniais. In: PONTES, Heloisa e ROSATTI, Camila Gui (Org.). **Casa-mundo**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2022, p; 343-372.

¹⁷ FOUCAULT, op. cit. (1999), p. 118.

¹⁸ FOUCAULT, op. cit. (1999), p. 179-180.

¹⁹ “A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada”. FOUCAULT, op. cit. (1999), p. 119; p. 173-175.

como Herbert Spencer, Paul Janet e Samuel Smiles, autores brasileiros, como Américo Werneck e Domingos Jaguaribe, fizeram oposição frontal à forma de dominação patriarcal da tradição colonial luso-brasileira.²⁰ A oposição estava menos estruturada em termos morais — como a desumanidade dos castigos violentos ou a imoralidade da atitude despótica dos patriarcas — e mais pela crença de que seria uma forma de dominação ineficaz — pois demandava uma constante presença do olhar hierárquico e vigilante para se fazer efetiva, além de, muitas vezes, por seus excessos, acabar produzindo homens revoltos, desconfiados da ordem familiar e social, fortes candidatos à deserção do projeto *civilizatório* da nação — e nociva para o desenvolvimento de uma masculinidade plena, bem como das capacidades psicoafetivas necessárias para que os meninos e rapazes se tornassem efetivamente homens úteis e produtivos para si, para a família e para a sociedade.

É por essa perspectiva que podemos melhor compreender o novo lugar que esses homens procuravam normatizar para as mulheres na vida doméstica e familiar. A reorganização da divisão de papéis de gênero entre as classes médias e altas em meados do século XIX, que dava à mulher-esposa-dona de casa um novo lugar na construção dos vínculos sociais e simbólicos das famílias, constituía também um novo protagonismo da mãe-dona de casa na educação não apenas das meninas, mas também dos meninos. Como vimos no capítulo anterior, as características atribuídas à feminilidade/maternidade — a bondade, o carinho, a sentimentalidade, a paciência, um *caráter* naturalmente centrífugo, que se realizaria no cuidado com o outro — começavam a ser pensadas de forma instrumental pelos intelectuais preocupados com a educação moral da nação.²¹ Os ávidos empenhos para

²⁰ Como veremos, ao mesmo tempo, alguns desses autores eram ambivalentes em relação a alguns pontos. Américo Werneck, por exemplo, era contra a obrigatoriedade da distribuição igualitária da herança entre os filhos. A seu ver, a legislação republicana esvaziava uma parte importante do poder patriarcal — o controle absoluto das propriedades e do patrimônio familiar — e, assim, prejudicava a educação dos filhos que, sem o medo de serem deserdados, poderiam ser indiferentes em relação às ordens do patriarca. WERNECK, op. cit., 13-15; 307-311.

²¹ Sobre o posto da mulher na sociabilidade familiar e na construção de capital social para a família a partir da adoção de formas de sociabilidade cortesã, ver: CARVALHO, op. cit. (2008), p. 219-271; LIMA, Tania. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 93-127, jan/dez 1997; SILVA, Joana Mello de Carvalho e; FERREIRA, Pedro Beresin Schleder. Os sentidos do morar em três atos: representação, conforto e privacidade. *PosFAUUSP*. São Paulo, v. 24, n. 44, p. 68-87, set-dez 2017; SILVA, Joana Mello de Carvalho e; FERREIRA, Pedro Beresin Schleder; RAGHI, Camila; FERRONI, Eduardo; HEREÑU, Pablo. A Residência Franco de Mello em três tempos: da domesticidade belle époque ao Centro de Cultura, Memória e Estudos da Diversidade Sexual do Estado de São Paulo. *Revista CPC*, n.20, p.36-77, 2015.

garantir que as mulheres ficassem em casa com os filhos, para além da manutenção da dominação masculina, passavam a estar associados também à crença de que a maternidade seria um veículo mais eficaz para a produção de sujeitos dóceis do que a paternidade. Tanto que os livros recomendavam aos pais que se tornassem um pouco mais como as mães — aproximando-se afetivamente dos filhos, brincando com eles, procurando construir laços afetivos de confiança ao invés de projetar autoridade através do terror e da dominância.

O paradigma da imposição vertical da moralidade pela força, pelas exibições de autoridade, pela cobrança irrestrita de obediência e subjugação da tradição patriarcal foi substituído nos livros pela ênfase na formação do *caráter*, que era pensado como um processo de internalização de preceitos e disposições nos meninos, de tal forma que, quando crescessem, não precisassem de uma vigilância constante dos pais ou de outras figuras de autoridade, pois teriam inculcado e se identificado de tal forma com os padrões normativos e disciplinares na infância que, quando maiores, exerceriam a vigia e a disciplina sobre si mesmos. Ao invés de criaturas selvagens às quais deveria ser imposta, de forma vertical e incisiva, a ordem, a obediência e o respeito à autoridade, as crianças passavam a ser pensadas como seres que devem ser pacientemente modelados pelos pais. Se para Pedro de Oliveira, em 1865, o pai teria o “direito de exigir inteira obediência e absoluta submissão dos filhos”²², para Jaguaribe, em 1880, a criança deveria ser encarada como a terra não cultivada, como um “pedaço de barro”, que precisava ser cuidado, semeado e regado consistentemente²³. Para Werneck, a criança seria uma criatura com paixões selvagens que não deveriam ser reprimidas, mas modeladas na direção correta, vazadas, como um líquido viscoso, em moldes que seriam proveitosos e úteis à sociedade.

Pelo ponto de vista dos livros de formação, a individuação da criança como sujeito, o empenho em compreender suas peculiaridades corporais e psicoafetivas e em detalhar e decompor o seu tempo de vida em diferentes “etapas”, organizadas em um sentido crescente de “desenvolvimento”, estava intimamente articulado com o anseio de organizar

Sobre o caráter centrífugo da feminilidade e centrípeto da masculinidade na normatividade do período, ver CARVALHO, op. cit. (2008), p. 43-68.

²² OLIVEIRA, op. cit., p. 82.

²³ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 83.

rotinas de vigilância mais estritas, aprimorar uma ordem classificatória mais eficaz na detecção de desvios da norma e aperfeiçoar estratégias de inculcação de padrões disciplinares. A atribuição progressiva de atividades, tarefas e lições morais em correspondência com as capacidades da criança em cada estágio de seu desenvolvimento era proposta como uma forma de tornar mais eficaz o processo de inculcação.

A formação do *caráter* implicava em atividades constantes de observação, análise e disciplinarização. Procurando transformar a casa em um ambiente disciplinar, os livros ensinavam as mães a desenvolverem um novo olhar para os filhos — detalhista, minucioso, clínico, investigativo — para que se tornassem atentas às mínimas oscilações de seu comportamento, de forma a se tornarem aptas a flagrar indícios de impureza em seu *caráter* e poder, rapidamente, mobilizar o novo rol de ferramentas e instrumentos disciplinares que eram colocados à sua disposição para corrigir e extirpar as más influências. Era através do desenvolvimento desse novo olhar e dessa intensa dedicação à observação e aos detalhes — também treinados pela puericultura e pelas lições de economia doméstica — que as mães poderiam internalizar o processo de decomposição das rotinas ensinados nos livros e efetivamente aplicá-lo no dia a dia doméstico, que passava a ser encarado como um longo, persistente e gradual processo de inculcação de padrões *civilizados* de moralidade, desejo, prazer e de direcionamento das aspirações e sonhos do menino nos moldes do homem útil, produtivo, racional e trabalhador. O objetivo não era subjugar os indivíduos, mas produzi-los em ritmo e detalhe artesanal, de forma que se identificassem com a ordem moral do *homem de bem*. Esse sujeito não seguiria a ordem social por uma “negatividade”, pela obediência e temor à punição de uma autoridade externa — como ocorria na organização patriarcal, pela autoridade paterna ou religiosa —, mas por uma “positividade”, por acreditar e se identificar profundamente com seus valores e preceitos.²⁴

Essa transformação na forma da educação doméstica era fundamental no caso dos meninos, pois um dos principais objetivos de sua formação era produzir os homens que

²⁴ Como afirma Foucault a respeito da ordem disciplinar: “temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele ‘exclui’, ‘reprime’, ‘recalca’, ‘censura’, ‘abstrai’, ‘mascara’, ‘esconde’. Na verdade, o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais de verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção”. FOUCAULT, op. cit. (1999), p. 161.

guiariam a nação em direção ao *progresso* e à *civilização*. Para serem efetivamente trabalhadores úteis e produtivos — e temos que compreender que a produtividade era pensada em sentido incremental, ou seja, não possuía uma métrica fixa e final, pelo contrário, era pensada como um empenho constante de aperfeiçoamento que deveria almejar tornar-se sempre mais eficiente — era necessário que esses homens tivessem ambições, desejos e *vontade* de se implicarem na temporalidade evolutiva do *progresso*. Havia um horizonte de perfectibilidade para a sociedade e para os homens que, para ser atingido, demandaria um empenho constante dos próprios sujeitos.

É nesse sentido que Samuel Smiles propõe a seus leitores que pensem suas casas como “as fabricas dos homens” e “a melhor escola do mundo”²⁵. Nas obras de Smiles, mas também de Janet, Werneck, Jaguaribe e outros, pais e mães eram persuadidos a assumirem uma nova perspectiva disciplinar e moralizante para o espaço da casa, a rotina doméstica e as relações intrafamiliares. O olhar disciplinar os ensinava a prescrutar o tempo, o espaço, o corpo, os sentimentos e os desejos de seus filhos de modo a tentar controlá-los e direcioná-los no sentido da utilidade e da produtividade. O olhar detalhado e minucioso buscava decompor e analisar a rotina doméstica e familiar em busca de oportunidades para inculcar padrões de conduta e conduzir os meninos a uma compreensão de si mesmos a partir das noções de utilidade, produtividade e racionalidade.

Em *A arte de educar os filhos*, a mãe-modelo de Werneck narra de forma didática o seu gradativo aprendizado de observação, exemplificando para a leitora como constituir uma nova visibilidade doméstica na qual ínfimos deslizes poderiam significar a ruína de todo o trabalho e pequenas atividades rotineiras poderiam ser convertidas em oportunidades pedagógicas. Nos livros, a intimidade e a proximidade afetiva entre mãe, pai e filhos, a convivência e os divertimentos entre os familiares, o ambiente controlado e previsível da domesticidade, o tempo circular da rotina e, potencialmente, todas as relações entre pessoas, objetos e espaços na vida doméstica passavam a ser vistos como passíveis de serem transformados em mecanismos estratégicos para a produção de sujeitos disciplinados (FIG. 32-38).

²⁵ SMILES, Samuel. **Economia doméstica moral ou a felicidade e a independência pelo trabalho e pela economia**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1880, p. 357 e 338.

A organização da vida familiar e doméstica para favorecer o aprendizado desses valores ambicionava a inculcação de disposições subscientes, um *habitus*, como formulado por Pierre Bourdieu.²⁶ Mas, para além, ambicionava a interiorização desse mesmo olhar nas relações intrapsíquicas do sujeito. O fundamental na formação do *caráter* masculino era produzir uma relação de alteridade do sujeito consigo mesmo, instituindo uma objetificação de si, que estabeleceria um olhar analítico e um desejo de dominação de seu próprio corpo, de seus sentimentos, de suas emoções e de seus desejos no sentido de discipliná-los em favor da manutenção da ordem social e de um incremento de sua produtividade. Somente através do domínio de si seria possível ser um “homem de verdade”.

O aprendizado e a interiorização do *habitus*, bem como desse olhar para si, estavam intimamente conectados com a efetiva transmissão de uma *illusio* que, para Bourdieu, é o encantamento e a valoração positiva do jogo social, que motiva o desejo e a implicação nesse jogo, em formatar-se de acordo com suas regras, em acreditar em seus objetivos e alvos. A *illusio* é a produção da crença de que o jogo social é recompensador e legítimo, é, em suma, a crença de que o jogo vale a pena ser jogado. É o elo que liga o indivíduo ao *habitus* cultivado por um grupo, é o que faz o indivíduo interessar-se pela socialização e investir em seus alvos a ponto de estar até mesmo disposto a morrer por eles.²⁷

²⁶ *Grosso modo*, pode-se dizer que o *habitus*, tal qual concebido por Bourdieu, é o conjunto de disposições apreendidas no processo de socialização — reafirmado na vida social cotidiana — que torna o mundo cognoscível para o indivíduo, norteando a organização de sua vida e orientando-o nos seus juízos, na tomada de decisões, na constituição de seus desejos, gostos, aspirações etc. O *habitus* é constituído por três esferas: *eidós* (apreensão intelectual da realidade, constituição de uma visão de mundo); *ethos* (sistema de valores e hierarquias para a formação de juízos e classificações) e *hêxis* (disposições corporais, como posturas, gestos e mecanismos de manifestação e gerenciamento das paixões e desejos etc.). BOURDIEU, Pierre. Estrutura, *habitus* e prática. In: BOURDIEU, Pierre; MICELLI, Sergio (org.). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007, p. 337-361; BOURDIEU, Pierre. Condição de classe e posição de classe. In: op. cit., p. 3-27; BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e *habitus* de classe. In: op. cit., p. 183-203; THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, EBAPE-FGV, Rio de Janeiro, jan./fev. 2006, p. 33; PETERS, Gabriel Moura. Configurações e reconfigurações na teoria do *habitus*: um percurso. **Anais do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia**, Rio de Janeiro, 2009.

²⁷ Nas palavras de Bourdieu, *illusio* vem de *ludus* e: “[...] poderia significar estar no jogo, estar envolvido no jogo, levar o jogo a sério. A *illusio* é estar preso ao jogo, preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a pena ou, para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar [...] *Illusio* [...] é dar importância a um jogo social, perceber que o que se passa aí é importante para os envolvidos, para os que estão nele [...] É ‘estar em’, participar, admitir, portanto, que o jogo merece ser jogado e que os alvos engendrados no e pelo fato de jogar merecem ser perseguidos; é reconhecer o jogo e reconhecer os alvos[...] Os jogos sociais são jogos que se fazem esquecer como jogos e a *illusio* é essa relação encantada com um jogo que é o produto de uma relação de cumplicidade ontológica entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas do espaço social”. BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre

A conversão a uma crença era tema central dos livros de formação e deveria ser iniciada desde a mais tenra infância. Um homem sem ambição, sem crença no *progresso*, na *civilização*, que não investisse no trabalho e na construção de uma biografia ou carreira, que não acreditasse no poder superior e redentor da racionalidade, não seria um “homem de verdade”. Isso, porque a produção do gênero masculino e as noções de utilidade, produtividade e racionalidade se apoiavam mutuamente na estruturação da crença de que o trabalho, o domínio de si e a supressão dos sentimentos eram aspectos interconectados com características da virilidade, como a coragem, a força, a independência e a autossuficiência. Destino “natural” dos homens, essas esferas deveriam ser libidinizadas desde cedo — por meio da apreciação dos pais, da promoção de experiências de satisfação e prazer, pela construção de imaginações heroicas e triunfantes — de forma que se estabelecessem como parâmetros pelos quais os meninos aprenderiam a estruturar sua auto apreciação e sua compreensão do que seria uma vida gratificante, respeitável e realizada, concebendo a sua temporalidade nos moldes evolutivos da carreira e da biografia.

a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 2017, p. 139-140. Ver também o verbete “Illusio” em CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice et al. **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017, p. 231-232; OLIVEIRA, Pedro Paulo. Illusio: aquém e além de Bourdieu. **MANA**, v. 2, n. 11, 2005; PONTES, Nicole Louise Macedo Teles de. Habitus e Libido Social: revisitando Bourdieu através da psicanálise. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, v. 2, n. 17, 2011; THIRY-CHERQUES, op. cit.

Formação da virilidade moral

(Capítulo 3)

Cientes de que mesmo os homens brancos das classes altas eram apenas *homens de bem* em potencial, os livros dedicados à formação masculina se empenhavam em garantir que sua virilidade fosse plenamente desenvolvida e controlada nos caminhos da *hombridade*, que fosse cerceada e reprimida qualquer manifestação de feminilidade e que o seu *caráter* se desenvolvesse sem o contágio maléfico das influências de outras classes, raças e masculinidades desviantes. Nos livros que tratavam da formação infantil, podemos ver as ansiedades que cercavam a formação viril e do *caráter* dos meninos, bem como as ambições dos educadores em remodelar as relações familiares e domésticas.

O *caráter* era um conceito chave desse processo de modelagem. Entendido como “conjunto de inclinações, de hábitos, de sentimentos, de ideias e de imaginação, que distinguem um homem de outro homem e imprime-lhe o seu cunho próprio”, seria “a mola principal da actividade humana e do procedimento da vida”²⁸. Sua constituição era momento crucial na formação dos *homens de bem* e, conseqüentemente, de toda sustentação moral e progresso da sociedade. A ascensão do *caráter* como categoria social de grande relevo naquele período estava intimamente associada com o processo de individuação que discutimos no primeiro capítulo. O *caráter*, essa espécie de núcleo rígido de características intrapsíquicas que singularizam um indivíduo, era imaginado e construído com uma perspectiva biográfica: a vida individual era pensada como um “conjunto coerente e orientado” de eventos, que se organizava em “sequências ordenadas segundo relações inteligíveis” de causa e efeito.²⁹ Como asseverava Américo Werneck: “engana-se redondamente quem supõe que a desgraça é obra exclusiva do acaso. Não; ella nasce

²⁸ JANET, Paul. **Philosophia da felicidade**. Rio de Janeiro: Ed. Garnier, 1878, p. 190.

²⁹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.

ordinariamente da imprudência dos nossos actos, de um accumulo de causas dependentes da previsão e da vontade”³⁰.

Entendendo que a bases fundamentais do *caráter* eram consolidadas durante a infância, os educadores da nação promoveram a domesticidade como principal escola do *caráter*, atribuindo aos pais, sobretudo à mãe, a missão de formar para a sociedade indivíduos virtuosos e viris. A criança nasceria em sua “rudeza original” e o seu espírito seria uma “jaula de feras”. Porém, diferentemente do “homem no estado primitivo”, cuja vida “se resume na expansão dos instintos brutaes”, a educação deveria “subjugar as paixões” aos ditames da *civilização* e “vasar aquella alma no molde de um caracter forte”³¹. O objetivo não seria suprimir as inclinações e impulsos “naturais”, mas orientá-las, vencê-las e dirigi-las. Sugerindo às mães que elas possuíam diante de si um “animal a educar”³², Américo Werneck descrevia a formação do *caráter* da seguinte maneira:

O odio, a inveja, a ambição, a desconfiança, o orgulho são sentimentos innatos que não se eliminão, mas educão-se: toda a difficuldade consiste em prender essas feras na jaula das conveniencias. Do orgulho aggressivo, que é um grave defeito, faz-se o orgulho defensivo, que é um excellent predicado; da inveja que é um vicio no estado barbaro, faz-se o estimulo, que é uma qualidade preciosa. A formação de um bom caracter resume-se na civilisação dos sentimentos agrestes.

Submetter as paixões ao jugo da reflexão, desenvolver a prudencia, fazer da vontade um instrumento benéfico, tal a missão do preceptor.³³

Meninos e meninas precisavam, portanto, ser mantidos sob vigilância constante. Se a reclusão no espaço privado era preconizada desde o período colonial como forma de alienar desde cedo a sexualidade feminina e controlar o contato com homens não aprovados pelo patriarca; os meninos, apesar de precisarem também de estrita vigilância e controle dos pais,

³⁰ WERNECK, op. cit., p. 181.

³¹ WERNECK, op. cit. p. 50; 58.

³² WERNECK, op. cit., p. 60.

³³ WERNECK, op. cit., p. 204-205.

não podiam ser mantidos sob o mesmo regime.³⁴ Mantê-los trancados em casa poderia estimular um *caráter* tíbio, amedrontado. As ansiedades geradas a partir da suposição de que a domesticidade poderia desvirilizar o homem se manifestavam desde cedo, e o comportamento de agarrar-se à saia da mãe, desejável para a menina, era um sintoma de covardia nos meninos. Para evitar essa efeminação do *caráter*, o controle social dos meninos deveria ser feito de maneira mais atenuada, permitindo que desenvolvessem sua virilidade nas brincadeiras expansivas das ruas e na convivência com outros meninos, onde passariam por provações físicas e psíquicas que fariam com que eles manifestassem coragem e bravura e aprendessem os rudimentos da honra, da autoconfiança, da dominância e do orgulho entre os pares. Como recomendava Werneck:

Tens obrigação de suprir com tua experiencia a falta de juízo de teu filho, inspirando-lhe a prudencia, indicando-lhe a imminencia do mal, e despertando-lhe a faculdade de previsão. Não leves todavia muito longe a tua intervenção: é preferível deixal-o correr o risco de certas travessuras a trazel-o por motivo de receio agarrado á cauda do vestido.³⁵

E quando os meninos não se inclinavam sozinhos ao “divertimento selvagem, onde elle póde ostentar sua força e agilidade” era preciso que os pais os incitassem e os introduzissem nos caminhos da virilidade.³⁶ “Se teu filho, portanto, tiver uma indole demasiadamente tímida, não te felicites por isso; ao contrario, procura completar a sua natureza, despertando-lhe o brio, a coragem e a confiança de si”³⁷. Por isso, Hermengarda, a mãe-modelo de Werneck, conta com orgulho a iniciação à virilidade que seu marido, Mauricio, proporcionou ao filho, Mario. Diante de uma pequena gangue de peraltas que costumava perturbar

³⁴ CAMPOS, Eudes. **Arquitetura paulistana sob o Império**: aspectos da formação da cultura burguesa em São Paulo. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997, p. 709-713; MARINS, Paulo César Garcez. **Através da rótula**: Sociedade e Arquitetura Urbana no Brasil, sécs. XVII – XX. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999, p. 150-242.

³⁵ WERNECK, op. cit., p. 222.

³⁶ WERNECK, op. cit., p. 177.

³⁷ WERNECK, op. cit., p. 67.

Mauricio em sua oficina, que ficava junto à casa da família, o pequeno Mario mostrava-se tímido, “sentado a porta, quieto, receioso” — e muitas vezes acabava sendo atacado de surpresa. Desejando se livrar dos moleques que o irritavam e percebendo uma oportunidade para desenvolver a masculinidade de seu filho, Mauricio “industriou o menino a atirar com a funda, estimulou-lhe a coragem, despertou-lhe a confiança na sua força, ensinou-lhe algumas regras de ataque”. Quando os garotos vieram à casa, Mauricio se escondeu nos arbustos e, ao seu sinal, o pequeno Mario girou a funda e com uma pedrada na testa, atingiu o chefe do grupo de surpresa. Os companheiros se amedrontaram e Mario, com um pedaço de pau, “acometteo furiosamente o grupo, atacando de preferencia os mais arrojados. Agil, dextro, fogoso, elle fazia gyrar a arma com tanta rapidez que os adversário temião approximar-se”³⁸. No que o líder da gangue se recuperou e se preparava para vingar-se de Mario, Mauricio interveio e debandou a molecada:

Desde esse dia o rapazio não voltou mais, e Mario, ganhando fama de valente, impoz-se ao respeito. Eis a estréa do nosso pequeno nas lutas da vida.³⁹

Valério, conselheiro de Hermengarda na criação do garoto, parabeniza a conquista de Mario, que demonstrava ter uma “indole bravia”, e congratula a mãe pelo reconhecimento de que não adiantava reprimir a sua energia viril, mas que ela precisava ser modelada e canalizada:

Tentasses tu suprimir as paixões da organização physica e encerrar a creatura no molde ideal dos anjos, sem duvida houveras dado uma triste prova de teo bom senso; para tanto fora mister **suprimir o homem**. Igual commettimento empreenderia quem quisesse transformar uma arvore em cipó ou modificar a sctructura das fibras vegetaes, eliminando de cada especie os caracteristicos essenciaes a luta no meio em que tem de viver. E se acaso conseguisses vencer o impossivel, terias preparado um ente para o martyrio, lançando-o sem recursos de defeza num mundo inimigo.⁴⁰

³⁸ WERNECK, op. cit., p. 198-199

³⁹ Ibidem, p. 199.

⁴⁰ Ibidem, p. 204 (grifos do autor)

Fortemente influenciado pelo darwinismo social de Herbert Spencer, que teve grande repercussão nas duas últimas décadas do século XIX até a Segunda Guerra Mundial, Werneck apresentava a esfera pública, externa ao grupo familiar, como o âmbito da “luta pela sobrevivência”, no qual os meninos deveriam ser moldados para prosperarem em um mundo onde as únicas posições possíveis para os homens seriam de dominador ou dominado.⁴¹ Embora trouxesse novos componentes — sobretudo uma nova forma de significar e compreender os “instintos” agressivos masculinos e as interações entre grupos e nações — essa perspectiva de que os humanos, assim como os animais irracionais, estariam em uma constante luta pela sobrevivência, era uma atualização de configurações culturais já anteriormente presentes na homossociabilidade masculina.

Ao menos desde o começo do século XIX, o mundo da homossociabilidade entre as classes abastadas era inteiramente estruturado sobre a base da competição, da rivalidade, dos duelos, dos ritos e jogos de dominação entre indivíduos, grupos, raças, nações. Essa dualidade era profundamente enraizada no par masculino-feminino, constituindo uma gramática em que, para marcar a fraqueza e a posição subjugada do perdedor, esse era marcado como não-homem em diferentes gradações de aproximação da feminilidade: “fracote”, “maricas”, “mulherzinha” etc.⁴² Se a imagem etérea e pura do anjo parecia conveniente para pensar as meninas, para os meninos ela era emasculante. O menino excessivamente domesticado “torna-se o brinquedo da velhacaria, o alvo da pilheria insolente, o condenado as injustiças, a vítima dos covardes, que procurão salientar-se á custa de sua bondade exagerada”⁴³. A bondade angelical, essa disposição para a autoanulação com a finalidade de satisfazer ao outro e cuidar de suas necessidades, que era louvada nas mães, e

⁴¹ O livro de Herbert Spencer citado tanto por Werneck como por Jaguaribe é *Da Educação*, também traduzido como *Educação – Intelectual, Moral e Física* [*Education: Intellectual, Moral and Physical*], publicado pela primeira vez na Inglaterra, em 1861. Sobre a influência de seu pensamento na intelectualidade brasileira do período, ver: SCHWARCZ, op. cit.

⁴² Sobre os jogos de dominação e humilhação na infância, ver: JABLONKA, Ivan. O código da virilidade: instâncias e procedimentos da inculcação. In: CORBIN, Alain (Org.). **História da virilidade** – O triunfo da virilidade: o século XIX. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013. Sobre a estruturação da sociabilidade masculina em torno do binômio homem-mulher, ver: WELZER-LANG, op. cit.

⁴³ WERNECK, op. cit., p. 66.

que as meninas deveriam aprender desde cedo na brincadeira com as bonecas — que Werneck louvava como “a escola pratica do carinho”⁴⁴ — era um defeito nos meninos. Afinal:

O mundo, Hermengarda, foi feito para os que sabem se defender. Para viver bem nelle é **preciso ser temido**. [...] Conhecida a **audacia de seus impetos, a energia de sua phrase**, a austeridade de sua vida, o inimigo conserva-se á distancia. Não se fustiga um **leão solto e alerta**.⁴⁵

Se a mãe deveria censurar a menina se ela fosse indiferente à boneca e aos prazeres do cuidado de “preparar-lhe a cama, penteal-a, vestil-a, acalental-a, cortar e costurar suas camisas novas”⁴⁶, os meninos deveriam ser reprimidos se apresentassem esses mesmos traços. A bondade e a compaixão do homem deveriam ser moderadas. Abrir-se demais para a sentimentalidade, a empatia e a afetividade comprometeria a frieza e objetividade de sua “razão viril”, tiraria o seu ímpeto conquistador e sua postura dominante — que deveriam energizar a sua *héxis* —, o tornaria feminino, e, portanto, alvo de dominação e subjugação na convivência com os outros homens. Aqui, podemos entrever uma faceta da ansiedade em torno da sexualização dos brinquedos: para além de serem poderosos inculcadores de atividades, através deles, as crianças formavam competências e disposições psicoafetivas específicas. Um menino que brincasse com bonecas perigava desenvolver uma subjetividade centrífuga, feminina, quando, para ser um homem de verdade, deveria aprender a ser autocentrado e autossuficiente.⁴⁷

A virilidade se estabelecia em franca oposição à sentimentalidade e desde cedo o menino deveria aprender a ser “senhor absoluto de suas paixões”⁴⁸. No *alter ego* construído na feminilidade, a sensibilidade era pensada como um fator de instabilidade, desordem e incapacitante para o exercício da plena racionalidade. Essa reivindicação exclusiva da racionalidade para o homem branco, além de ser um dos pilares de sua dominação simbólica

⁴⁴ WERNECK, op. cit., p. 177.

⁴⁵ WERNECK, op. cit., p. 67 (grifos do autor).

⁴⁶ WERNECK, op. cit., p. 177.

⁴⁷ Sobre o lugar dos brinquedos na formação dos papéis de gênero, ver: CARVALHO, op. cit. (2008).

⁴⁸ WERNECK, op. cit., p. 58.

sobre as mulheres e os homens de outras raças, também implicava em uma relação consigo mesmo: desde cedo, os meninos deveriam aprender a descreditar, reprimir e silenciar suas próprias emoções em prol da constituição de uma idealizada frieza racionalista.⁴⁹

Em *Casa de Pensão*, romance de Aluísio Azevedo lançado em 1884, podemos entrever esses códigos da virilidade. No começo do livro, o protagonista do romance, o jovem Amâncio, passa por um intenso período de transformações em sua vida e se preparava para mudar-se do Maranhão para o Rio de Janeiro. Para descrever o estado de espírito do rapaz, Aluísio Azevedo o caracteriza como tendo “ultimamente uma sensibilidade muito nervosa e feminino”. Por diversas coisas corriqueiras lhe fazerem transbordar em emoções, Amâncio procurava em diversas ocasiões retirar-se e esconder o choro, pois “ficava envergonhado por não poder impedir que os olhos se lhe enchessem de água”⁵⁰. A vergonha decorria do descontrole, da incapacidade de dominar a si mesmo e de apresentar-se socialmente como autossuficiente e imponente. As lágrimas despertavam compaixão e demonstravam fraqueza, rebaixavam o seu *status* de virilidade.

No mesmo livro, Azevedo também apresenta a gramática da virilidade que rodeava os meninos: o pai de João Coqueiro, um amigo de Amâncio na Corte, temendo que “o rapaz lhe saísse um maricas”, desde pequeno o obrigara a adquirir hábitos viris, como comer bifés sangrentos, tomar bebidas alcólicas fortes — vinho sem água e conhaque —, fumar charutos, cavalgar e brincar com armas de fogo, comprando para o garoto primeiro “uma bela pistolinha de brinquedo, que estalava fulminantes, e depois uma outra, mais séria, que admitia carga de pólvora”⁵¹. Porém, ao subir em cavalos, o menino ficava trêmulo e se agarrava às crinas do animal, não gostava do gosto das bebidas fortes e sempre acabava chorando, chamando pela mãe. O pai, raivoso, se queixava que ninguém acreditaria que

⁴⁹ Para uma reflexão sobre a racionalidade como exclusividade masculina, ver: CONNELL, op. cit., p. 164-171. Para o aprendizado da repressão da sentimentalidade na infância, ver: NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 40-49.

⁵⁰ AZEVEDO, Aluísio. **Casa de Pensão**. Rio de Janeiro: Faro & Lino, 1884, p. 130. Esconder a emoção diante de outras pessoas também era parte da sociabilidade e respeitabilidade feminina, porém enquanto o choro masculino era emasculante, o da mulher era apenas impolido.

⁵¹ AZEVEDO, op. cit., p. 73-75. Sobre a associação da alimentação com as marcações da masculinidade e da feminilidade, ver: CARVALHO, op. cit. (2008).

“aquele choramingas era seu filho” e que o moleque seria, quando grande, nada mais que uma “boa lesma”⁵².

As metáforas animais eram muito comuns para descrever e hierarquizar os *caráteres* masculinos, e, assim como o rato era a antítese do leão, a lesma era a antítese da águia, que era um dos corolários do ideal da masculinidade do *homem de bem*. A águia — caçadora, ágil, determinada e precisa — foi largamente utilizada para caracterizar os homens que guiavam a nação: Rui Barbosa, por sua língua afiada, foi conhecido como “Águia de Haia” e o Marechal Deodoro foi descrito pelo oficial do Exército e deputado federal Anfrísio Fialho, em *História da Fundação do Brasil*, como um homem “alto, magro, moreno bronzeado”, de “olhos negros e penetrantes, lábios finos, nariz pontudo e quilincho, narinas rasgadas: todos estes traços dão-lhe à fisionomia uma aparência de águia de grande energia”⁵³. A lesma, por sua vez, seria, aos olhos dos homens que valorizavam a atividade, a coragem, os movimentos grandiosos, lerda, quase inerte, um animal tíbio e inútil.

À mesma medida que o pai tentava impor-lhe os códigos da virilidade quando pequeno, João Coqueiro ia fazendo-se “cada vez mais refratário a tudo isso”. Não gostava de brincar com as armas e “preferia ficar a um canto da sala, entretido a vestir os seus bonecos ou fazer de cozinheiro” ou ficar cuidando de sua pequena irmãzinha, espantando as moscas que tentavam pousar em seu berço. E quando o pai lhe pegou armando um oratório com a irmãzinha no quintal, que João montara todo enfeitado com a intenção de brincar de procissão, ficou desesperado que “o basbaque do filho, além de tudo, lhe saísse carola” e destruiu tudo com pontapés, ameaçando espancar o menino se voltasse a repetir aquelas brincadeiras efeminadas.⁵⁴

Se a imaginação da feminilidade em torno da sensibilidade, do cuidado e da delicadeza constituía as bases para a performatividade de gênero a ser ensinada às meninas⁵⁵, os meninos aprendiam nos livros, no ambiente homosocial e nas brincadeiras uma performatividade construída a partir de uma posição impessoal e universalizante. Se a

⁵² AZEVEDO, op. cit., p. 74.

⁵³ Livro publicado originalmente em 1891. FIALHO, Anfrísio. *História da Fundação da República no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1983, p. 36.

⁵⁴ AZEVEDO, op. cit., p; 76.

⁵⁵ Ver CARVALHO, op. cit. (2008) e BADINTER, op. cit.

brincadeira de boneca estava na ordem da pessoalidade, da cotidianidade, da implicação em primeira pessoa, as brincadeiras dos meninos tendiam a levá-los para uma mirada distante do mundo, nas quais eles moviam as peças de forma desencarnada, atuando quase como agentes externos às encenações.

Se nas bonecas, as meninas projetavam-se como zeladoras da vida alheia, tendo o bebê e suas necessidades o grande protagonismo na brincadeira; com os soldadinhos de chumbo, as espadas de madeira e outras brincadeiras de fundo bélico, os meninos projetavam a si mesmos como grandes protagonistas da história: líderes dominadores, personalidades pujantes, heróis realizadores de grandes façanhas. Em *O Ateneu*, Raul Pompéia descreveu de maneira viva a imaginação de um menino branco de classe alta em uma dessas brincadeiras. Diante de seus brinquedos, antes de ir para o internato, o pequeno Sérgio, protagonista do romance, recorda as aventuras imaginativas que estes lhe proporcionaram:

[...] os queridos pelotões de chumbo! especie de museu militar de todas as fardas, de todas as bandeiras, escolhida amostra da força dos estados, em proporções de microscópio, que eu fazia formar a combate como uma ameaça tenebrosa ao equilíbrio do mundo; que eu fazia guerrear em desordenado aperto, — massa tempestuosa das antipathias geographicas, encontro definitivo e ebulição dos seculares odios de fronteira e de raça, que eu pacificava por fim, com uma facilidade de Providencia Divina, intervindo sabiamente, resolvendo as pendencias pela concordia promiscua das caixas de pau.⁵⁶

Na brincadeira com os pelotões de chumbo, Sérgio não se projetava como um soldado, mas como general, embora fosse não apenas o general, mas também aquele que movia as tropas inimigas. Em suas mãos residiam as esperanças de equilíbrio e harmonização do mundo. Essa imaginação de si mesmo como protagonista da história do mundo, homem potente, capaz de resolver com a sua razão os conflitos entre nações e raças, era a imaginação pela qual os homens brancos de elite se imaginavam no mundo colonial, tanto na Europa, como no Brasil. Essa identificação de si com o “universal”, com a razão

⁵⁶ POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Notícias, 1888, p. 5-6.

desencarnada, era bastante característica da masculinidade branca e os meninos aprendiam desde cedo a se verem no mundo a partir dessa posição de pretensão de distanciamento da personalidade, que permitia acesso a uma objetividade invisível aos outros, e a crença de que, por isso, para o seu intelecto a realidade era transparente.⁵⁷ A ciência era um apanágio da masculinidade branca e as suas pretensões de objetividade, desafetação e racionalidade desencarnada se misturavam com as aspirações da masculinidade.

Sob a perspectiva de que o homem branco era capaz de resolver todos os costumes retrógrados que levavam aos problemas sociais das nações incivilizadas, em diversos romances e histórias do período os meninos brancos eram desde pequenos instruídos a pensarem-se dessa maneira, à imagem viril das estátuas equestres, abre alas do *progresso* e da *civilização*.⁵⁸ Para tanto, precisavam aprender a ter uma *héxis* viril, serena e confiante, que se manifestava desde as poses faciais para os retratos, a forma de posicionar o corpo em um ambiente e até mesmo a forma de expressão oral.⁵⁹ Os militares eram figuras exemplares, assim como os bacharéis. Em seu romance, Pompeia dá grande relevo aos atributos de oratória dos seus personagens. Aristeu, dono do Ateneu, era um homem arguto e articulado, convincente, pois “majestoso” na fala e mesmo em conversas privadas clamava “como para um auditório de dez mil pessoas”, com performance trovejante. As adjetivações de Pompeia são empréstimos do imaginário bélico e colonial: ele possuía uma “sanguínea eloquência”, “expansão oral”, “grandeza épica”. O professor Venâncio, apesar de ser “pequenino”, era

⁵⁷ Sobre essa posição epistêmica da masculinidade branca, ver: MACKINNON, Catharine. *Feminism, Marxism, Method and State: An Agenda for Theory*. *Signs*, v. 7, n. 3, 1982, p. 537-538; GARCIA, Manon. **On ne naît pas soumise, on le devient**. Paris: Editions Flammarion, 2021. Para uma interessante reflexão sobre a diferença da articulação da experiência de viagem em casais de exploradores no século XIX, ver: VENAYRE, Sylvain. Os valores viris da viagem. In: CORBIN, Alain (Org.). **História da virilidade** – O triunfo da virilidade: o século XIX. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013, p. 394-406.

⁵⁸ Ver, por exemplo, a interpretação brilhante de Anne McClintock sobre o romance de H. Rider Haggard, *As minas do rei Salomão*. MCCLINTOCK, Anne. A família branca do homem: discurso colonial e a reinvenção do patriarcado. In: MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Ed. Unicamp, 2010, p. 341-376. Ver também a análise de Sylvain Venayre sobre *A viagem em torno do mundo em oitenta dias*, de Jules Verne. VENAYRE, op. cit.

⁵⁹ Cf. JABLONKA, op. cit. Para uma interpretação do corpo masculino idealizado no período a partir de uma leitura da cultura clássica, ver: MOSSE, op. cit. Sobre manuais de oratória, ver QUELER, op. cit. Sobre o lugar da oratória como provação entre os homens de elite do período, ver: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995. Em entrevista dada ao autor em janeiro de 2020, Antonio Carlos Massarotto Cesarino recordou que na sociabilidade da Faculdade de Direito, onde foi aluno na década de 1950, ter uma oratória potente era importante atributo na conquista da estima homosocial.

tenaz e sabia se impor e projetar autoridade por “falar grosso”, com “timbre de independência”⁶⁰. O Cândido, por sua vez, aluno com “modos de mulher”, com um “arzinho de quem saiu da cama, com preguiça nos olhos”, era a primeira voz do Orfeão, com uma “vozinha de moça que o diretor adora”⁶¹.

O Ateneu era um espaço exclusivamente masculino e, justamente por isso, era o lugar de maior provação à virilidade de todos. Às portas do Ateneu, o pai de Sérgio lhe diz “vais encontrar o mundo [...] Coragem para a luta”. Vindo do seu pequeno universo doméstico, ele pensa que será um conquistador, projetando posição dominante no colégio, sonhava “assombrar o Ateneu” com um “ideal de cavalaria”⁶². Porém, sua confiança é abalada no primeiro dia, quando, de nervoso, desmaiou em frente à turma. O veterano Rebelo leva-o para a rouparia e depois de reanimá-lo, faz-se cicerone do novato, apresentando os grupos e indivíduos que compunham aquele espaço social e explicando-lhe as dinâmicas gerais da homosociabilidade masculina:

Olhe; um conselho: faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se.

Isto é uma multidão; é preciso força de cotovelos para romper. [...] Os genios fazem aqui dous sexos, como se fosse uma escola mixta. Os rapazes timidos, ingenuos, sem sangue, são brandamente impellidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. [...] Faça-se homem, meu amigo. Comece por não admittir protectores.”⁶³

As regras do jogo eram orientadas pela polaridade masculino-feminino, dominador-dominado, até mesmo no âmbito das descobertas da sexualidade.⁶⁴ Aceitar ter um protetor significava aceitar uma posição feminina, passiva, perante outro homem. Para vencer na luta e conquistar o respeito era preciso ser autossuficiente. E para isso era importante saber defender-se. Quando Rebelo acaba de falar, um menino “mais forte” do que Sérgio lhe faz

⁶⁰ POMPEIA, op. cit., p. 30-31 e 12-13.

⁶¹ Ibidem, p. 48-49.

⁶² Ibidem, p. 1 e 45.

⁶³ Ibidem, p. 50.

⁶⁴ Para uma análise mais detida das relações homossexuais em *O Ateneu*, ver: ESCUDEIRO, op. cit.

caretas, e ele, “com raiva”, pega um pedaço de telha e arremessa no sujeito, que se desvia, mas vai embora. Rebelo aplaude, constatando que Sérgio havia compreendido o recado.

Nas memórias de Jacob Penteadado dos “folguedos e travessuras” entre meninos da classe operária que viviam no bairro do Belenzinho na virada do século XX, o memorialista recorda uma série de brincadeiras constituídas em torno de um repetitivo exercício de virilidade dominadora e da provação de capacidade defensiva. O roteiro era sempre o mesmo: o grupo se organizava para conspirar contra um dos meninos, tendo como finalidade fazer com que acabasse por entrar em contato com excrementos. No “rói biscoito”, enquanto nadavam no Tietê, um grupo saía despercebido, geralmente “os maiores da turma”, molhavam as roupas da vítima, provavelmente mais fraco que eles, e davam-lhes apertados nós. Se não desatasse, o menino não teria como cobrir-se e teria que voltar pelado para casa, o que seria não apenas um vexame por ter expostas as partes que aprendera que deveriam ser escondidas, mas um ritual de humilhação pública pela sua incapacidade de proteger-se ou de ter força suficiente para reaver suas roupas. Dada a dificuldade de desatar os nós feitos como uma capacidade física superior à sua, a vítima geralmente precisava usar os dentes, no que a turba formava um círculo sua volta e o transformava num rato, gritando: “Rói biscoto! Rói biscoito”. O requinte final da perversidade era que os nós eram frequentemente “besuntados de excrementos, para maior tormento da vítima”⁶⁵. Se o excremento era dos participantes ou de animais, não fica claro, mas de qualquer forma, a obrigação de fazer algo que não se quer, de romper com um tabu de sensibilidade da sociedade, era parte importante do exercício da dominação, no qual se aprendia a fazer do outro rato e a ser um “leão temido”. Da mesma ordem eram as brincadeiras de pregar peças, em pessoas de dentro ou fora do grupo, e as guerras entre turmas.⁶⁶

⁶⁵ PENTEADO, Jacob. **Belenzinho, 1910** (retrato de uma época). São Paulo: Carrenho Editorial, 2003, p. 235-237.

⁶⁶ Em suas memórias, Jorge Americano, que era de uma família de classe alta e morava nos Campos Elíseos, recorda que uma vez chegou a notícia de que haveria uma guerra entre os meninos de seu bairro contra os meninos do Bom Retiro. “Não sei o que aconteceu do lado do Bom Retiro, mas, no nosso, fabricamos armas. Eram paus com bolotas de cêra na ponta, para bater na cabeça, grudar e arrancar cabelos. E paus com pregos, para bater e furar a cabeça. Eram canivetes afiados. Pedras. ‘Estilingues’ de elástico, com arremessos. Ninguém soube como principiaram nem como acabaram os boatos. Mas a guerra não veio.” A guerra não veio, mas todas as atividades de imaginação e preparação que a envolveram foram em si um intenso jogo de exercício viril. AMERICANO, Jorge. **São Paulo Naquele Tempo** (1895-1915). São Paulo: Ed. Saraiva, 1957, p. 49.

A virilidade ofensiva dos meninos precisava ser recriminada e modelada pelos pais para que fosse canalizada para dentro dos moldes da *civilização*. Era preciso saber conquistar e dominar, ser leão, mas dentro dos códigos de honra que regiam a sociabilidade das classes superiores e, por meio da qual, essas construíam parte de seu senso de superioridade. Daí a necessidade de distinguir no *caráter* dos meninos o orgulho defensivo e o orgulho ofensivo. O orgulho masculino era a defesa e fortaleza do homem, mas jamais poderia tornar-se explicitamente ofensivo, caso contrário, tenderia a “deixar de ser um estímulo nobre” e degeneraria “em soberba arrogante”, afastando os outros de seu convívio e, em casos extremos, poderia formar um *caráter* de tal forma reativo que “prejudica a razão” e torna o homem capaz de “afogar na cólera todas as qualidades affectivas do espírito”⁶⁷. O orgulho precisava ser modelado para ser escudo, para compor o brio masculino, o seu sentido de autossuficiência, conciliado com “a lhaneza do trato” e a “delicadeza da suscetibilidade” é que ele tomaria medida temperada e *civilizada*. O orgulho de si, nas meninas, por sua vez, precisava ser mais severamente oprimido, evitando a sua masculinização. Caso contrário, poderiam tornar-se demasiadamente confiantes de si, o que Werneck, por exemplo, classificava negativamente como “a ridícula affectação das meninas sabichonas”⁶⁸.

Nas brincadeiras, os meninos deveriam ser instruídos a praticar o *fair play*, a se portarem como cavalheiros. Era preciso saber dominar, vencer e conquistar sem uso da força bruta, mas pela astúcia, pela *virilidade intelectual*, ou pela *força da palavra*, que era uma forma de *virilidade moral*, espécie de sublimação da violência física para o universo da oratória, mas que ainda cumpria importante papel na sustentação de uma *héxis* ameaçadora, impositiva e autoafirmativa. Coluna ereta, voz alta e grossa, retórica altiva, olhar penetrante, orgulhoso, confiante. Se necessário, dedo em riste e até mesmo uma aproximação cara a cara. Quase como uma demonstração de que, por ser um homem *civilizado*, não chegaria às vias de fato, embora, se necessário, seria capaz de dominar fisicamente o outro. Era o jogo, por exemplo, dos duelos, em que o comparecimento às vezes já era demonstração de bravura suficiente para um acordo de cavalheiros. Ou, em outros casos, o embate se encerrava no primeiro

⁶⁷ WERNECK, op. cit., p. 162-163.

⁶⁸ WERNECK, op. cit., p. 164.

ferimento, que era suficiente para provar ao oponente que, se fossem até o fim, poderia levá-lo à morte.⁶⁹

Por meio desses ritos de limitação da virilidade e da ofensiva, a cultura masculina das classes altas procurava modelar homens que soubessem ser dominantes sem “apelarem” à violência corporal. Saber se portar dessa maneira era uma prova de autocontrole, de domínio de si, atributo psicoafetivo que era socialmente mobilizado como sinal distintivo de classe e de raça. Capazes de conterem suas paixões, os homens que não agrediam oponentes, pensavam-se como superiormente morais àqueles que “se descontrolavam”. Iludidos pela autopercepção de que o autocontrole socialmente adquirido, pois lhes incutido desde a infância e por seu meio social, era uma qualidade natural da sua classe ou raça, os homens brancos essencializavam a sua capacidade de conterem suas paixões.⁷⁰

A violência física e as resoluções sangrentas, bem como as violências às mulheres, eram apresentadas constantemente em jornais lidos pelas classes altas, como características e provas da “selvageria” e “inferioridade” dos homens pobres das classes baixas urbanas.⁷¹ E quando homens brancos de classe alta eram violentos, não era por sua essência, mas por algum fato externo que perverteu os seus sentidos. No caso do assassinato de Nenê Romano, seguido pelo suicídio de seu algoz, Moacyr de Toledo Piza, o advogado e poeta foi retratado como vítima de uma *femme fatale*. No ataque brutal que Euclides da Cunha fez ao amante de sua esposa, Dilermando de Assis, a violência do escritor foi legitimada como uma exceção permitida para a retomada da ordem social, como era pensada à época a defesa da honra pela cultura masculina.⁷²

⁶⁹ Cf. REMEDI, José Martinho Rodrigues. Intelectuais e honorabilidade: o papel dos duelos como forma de pertencimento ao campo social. **MÉTIS: história & cultura** – v. 8, n. 15, p. 167-184, jan./jun. 2009.

⁷⁰ Sobre essa autoilusão de que o autocontrole seria uma condição inata e não socialmente construída, constitutiva da autopercepção das classes altas na modernidade europeia, ver: ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1994.

⁷¹ Para uma reflexão crítica sobre o lugar da violência física no universo social dos homens das classes baixas urbanas da época, ver: Cf. CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. Campinas: Editora da Unicamp, 2012; FERREIRA, Pedro Beresin Schleder. **A Avenida de mil vias**: conflito, contradição e ambivalência na modernização de São Paulo (1890-1920). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

⁷² Sobre o caso de Nenê Romano, ver: FAUSTO, Boris. Uma paixão de outrora. **Revista Piauí**, n. 70, jul. 2012. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/uma-paixao-de-outrora/>. Acesso em: 21 set. 2023. FERREIRA, op. cit. (2017). Sobre o embate violento entre Euclides da Cunha e Dilermando de Assis, que foi

Para propósitos de defesa, a virilidade branca poderia chegar ao extremo. Isso estava previsto até mesmo no código penal, que nas Ordenações Filipinas legitimava a violência e até mesmo o homicídio não apenas em nome da defesa da honra marital, mas também em casos de desobediência filial. Essa era a forma pela qual era assimilada, na ordem social, a violência contra todos os dominados: a violência doméstica, pela defesa da *ordem familiar*, a guerra, pela defesa da *pátria*, a violência policial, pela defesa da *ordem social*.⁷³ Para além da defesa da *ordem*, também era legitimada a violência em favor do *progresso*, como a decorrente das relações hierárquicas de trabalho ou das empreitadas de colonização de territórios indígenas e de outras populações não-brancas. Enquanto a violência dos outros homens era entendida como fato moral e, portanto, indício de uma essência desvirtuada e de uma incapacidade global de autocontrole, os excessos do homem branco eram sempre entendidos como fatos sociais, exceções justificadas pelos seus *deveres* sociais, pelo seu “fardo” *civilizatório*, mantendo a crença de que o seu estado de normalidade seria não-violento e temperado.⁷⁴ Por isso, os meninos precisavam aprender que a sua virilidade jamais deveria ser utilizada para ferir o corpo das meninas, pois a proteção das mulheres era um dos símbolos máximos da tarefa *civilizatória*, da onde advinha parte da crença de que esse traço de *hombridade* os distinguia dos incivilizados.⁷⁵ Era o seu compromisso irrestrito com

sucedido por uma tentativa de vingança do filho do escritor ao namorado de sua mãe, ver: VOGEL, Arno; FERREIRA, Regiane. A tragédia da Piedade: o grande drama da República. *Anuário Antropológico*/2014, Brasília, UnB, 2015, v. 40, n. 1, p. 165-201.

⁷³ Embora a violência contra os filhos tenha se tornado gradativamente ilegítima ao longo do século XIX, a violência doméstica contra a mulher foi definitivamente estabelecida como crime apenas nos anos 2000, com a promulgação da Lei Maria da Penha (2006). E apenas em 2021 a tese da legítima defesa da honra foi considerada inconstitucional pelo Superior Tribunal Federal. SOARES, op. cit. Para uma perspectiva contemporânea sobre a relação entre masculinidade e violência doméstica, ver: MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, Mônica (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2004, p. 35-78.

⁷⁴ Referência ao poema “O fardo do homem branco” [“The White Man’s Burden”] do escritor inglês Rudyard Kipling, que se tornou simbólico da perspectiva enobrecedora com a qual os colonizadores viam a si mesmos no século XIX. No poema, o autor explicita a perspectiva de que no neocolonialismo europeu e norte-americano os brancos estariam exercendo a dura missão de elevar as raças inferiores ao seu elevado patamar de *civilização*. A mesma perspectiva vale para a relação que a elite imperial mantinha com as populações subalternas no território brasileiro.

⁷⁵ Como vimos no capítulo anterior desta tese, Pedro de Oliveira argumentava em *Deveres do Homem* que a civilização cristã era superior à muçulmana tomando como principal parâmetro a defesa da honra e da dignidade superior das mulheres no regime monogâmico em relação ao regime poligâmico. Cf. VENAYRE, op. cit., p. 393-394.

suas missões e obrigações *civilizatórias* — autoatribuídas, embora não o vissem dessa maneira — que obrigavam os homens brancos a cruzarem as fronteiras da agressividade corpórea, embora, supostamente, sempre o fizessem conscientemente, sem nunca perder a razão e o controle.

Aprender a controlar a raiva e a agressividade, portanto, era, além do desenvolvimento de uma capacidade psicoafetiva, também o aprendizado de uma posição na hierarquia social, de uma marcação de raça e classe, que precisava ser inculcada desde cedo no microuniverso doméstico:

Não consintas nunca que teos filhos tratem grosseiramente os famulos; não ha inconveniente algum em pedir as cousas com bons modos, tanto mais quanto falta-lhes o criterio necessario para dar ordens positivas. Alem disso acostumão-se a não ferir a susceptibilidade das classes inferiores, cuja dedicação ao trabalho offerece-lhes um estímulo; é tempo de varrer esse preconceito arrogante que, despertando a ferocidade do orgulho humano, levanta o odio do assalariado contra a tyrannia grosseira do capital, e perverte o sentimento da delicadeza. Dahi nasce a reacção plebéa contra a burguesia poderosa em todas as partes do mundo, degenerando por effeito do excesso na utopia do nivellamento das fortunas. [...] **Não é a cobiça do dinheiro que subleva os desamparados da sorte, mas sim o desprezo ultrajante que pesa sobre a sua alma como uma barra de chumbo. Goze cada uma da sua riqueza sem mostrar-se vilão, e o pobre não se offenderá. Ensina, pois, teos filhos a respeitar os criados;** basta lembrar-lhes que estão sujeitos por uma conspiração do destino a cahir na condição humilde de servir.⁷⁶

O livro de Werneck foi escrito poucos anos após a Abolição da escravatura e durante os primeiros e instáveis anos da República, quando ascendiam movimentos de contestação, alguns provenientes das classes altas, como as duas Revoltas da Armadas (1891 e 1893) e a Guerra Civil Federalista (1893-1895); outros também envolvendo populares, como o florianismo, que alçou o “Marechal de Ferro” a símbolo da própria República e que ansiava

⁷⁶ WERNECK, op. cit., p. 175-176 (grifos do autor).

pela ampliação de participação civil no novo regime.⁷⁷ Em verdade, desde meados do século XIX, a instabilidade social assombrava as elites brasileiras, que lidavam com insurgências internas de todos os segmentos da sociedade. Dentre os diversos conflitos da primeira metade do século XIX, fora os conflitos deflagrados por disputas de poder entre as elites nacionais, houve alguns liderados por membros da classe alta, mas que envolveram a participação popular, como a Revolução Praieira, e levantes da população escravizada, como a Revolta dos Malês, entre outros. Para além pairavam também as sombras de levantes ocorridos em outros contextos, mas que suscitavam a imaginação popular e das elites, como a Revolução Haitiana, a Revolução Francesa e as Revoluções Liberais de 1848.

Nesse trecho de Werneck está condensado um temor generalizado de que uma inversão da ordem era possível e que, desde cedo, os meninos deveriam aprender a hierarquia social existente entre senhores e subordinados e agir com consciência de classe, de forma a defender o seu posto dominante. Werneck não sugeria que dominância ou a virilidade ostensiva deveriam ser contidas por respeito aos empregados ou a um código geral de boa conduta social. A finalidade era estritamente utilitária: rejeitando que teriam causalidade social e material, acreditava que as insurreições poderiam ser pensadas como eventos morais e, portanto, poderiam ser também apaziguadas no âmbito dos costumes. Ao ensinar o filho a não pisar nos inferiores e ostentar seu poder, ou seja, gozar da sua riqueza “sem ser vilão”, acreditava que a conformidade do “azar” de ter nascido na condição de servir seria aceita pelas classes baixas.

Werneck, falando dentro de um espaço que entendia como exclusivo — afinal, o acesso à leitura e à aquisição de livros eram ainda bastante restritos — parece explicitar uma percepção de que, com o fim da escravidão e do Império, a forma de dominação exercida pelas classes altas precisava ser transformada e seus filhos precisavam ser treinados para exercer o poder de maneira mais simbólica e menos explícita. O mesmo ocorria nas relações entre pais e filhos: o autor explicitava por diversas vezes que a dinâmica de submissão na

⁷⁷ PENNA, Lincoln de Abreu. Florianismo. In: **Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República**, 1889-1930. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, s/d. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br>. Acessado em: 21 set. 2023.

qual era calcada a educação da tradição patriarcal luso-brasileira poderia incorrer no risco de que, na juventude, os filhos se tornassem revoltados e insubordinados.

Os pais que esbordoam “brutalmente os filhos” não compreenderiam que a bofetada “provoca ressentimentos indeleveis” e que o filho criado nesse processo “ou embrutece”, “ou adquire um genio odiento”.⁷⁸ A dominação não deveria ser feita pelo “terror do sofrimento physico”, mas sim pela produção do sentimento de “vexame” e de culpa, que seriam capazes de efetivamente “reforçar a influencia moral do preceptor” e tornar a criança em um “ente dócil á censura”⁷⁹. Jaguaribe também chamava a atenção para a ineficácia da dominação por castigos e pelo terror. A seu ver, a sua ineficácia residia na dependência da presença física dos pais, de forma que, na sua ausência, o menino ou rapaz poderia agir conforme quisesse.⁸⁰ Para ser efetiva e permanente — em um contexto no qual os filhos das elites comumente saíam do ambiente rural para habitar as grandes cidades, passando a ter vidas independentes nos períodos de internato, de secundário ou de ensino superior⁸¹ —, a censura deveria vir de dentro do sujeito. Para tanto, era preciso estabelecer uma relação de amor e confiança entre pais e filhos, que os aproximaria de seus valores, exemplos e conselhos, enquanto a “cholera dos paes”, por sua vez, “enfraquece os laços de sympathia e brandura”⁸².

Para esse fim, Werneck e Jaguaribe se empenham por disseminar a técnica de castigo natural, tal qual disseminada por Herbert Spencer em *Education: Intellectual, Moral and*

⁷⁸ WERNECK, op. cit., p. 143-145.

⁷⁹ WERNECK, op. cit. p. 143-145.

⁸⁰ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 151-153, ver também cap. 1 dessa tese.

⁸¹ As famílias de elite que viviam em regiões rurais ou em cidades pequenas costumavam enviar seus filhos para colégios com regime de internato. Na Corte, por exemplo, possuíam regimes de internato o Colégio Kopke, o Ateneu Fluminense, o Colégio D. Pedro II e o Colégio Abílio da Corte, onde estudou Raul Pompéia e cujas experiências serviram de base para a redação de *O Ateneu*. No caso do ensino superior, era necessário o deslocamento para algumas poucas cidades — como São Paulo, Olinda, Recife, Salvador e Rio de Janeiro — que abrigavam as emergentes Academias de Direito e as Faculdades de Medicina e de Engenharia. Durante esse período, os rapazes viviam em casas de estudantes — como a que Adolpho Augusto Pinto habitou no Rio de Janeiro, junto com Rui Barbosa, na década de 1870 — ou ficavam na casa de parentes e conhecidos, como relata o próprio Adolpho Augusto Pinto sobre sua estadia em Salvador, quando decide estudar medicina. A mesma situação foi dramatizada por Aluísio Azevedo em *Casa de Pensão*. PINTO, Adolpho Augusto. **Minha vida**: memórias de um engenheiro paulista. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970. Sobre os internatos, ver CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **Internar para educar**: colégios-internatos no Brasil (1840-1950). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, 2012; COSTA, op. cit.

⁸² JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 152-153

Physical. Como os próprios autores explicam para seus leitores e leitoras, tratava-se de uma pedagogia que tinha como objetivo ensinar às crianças as relações de causa e consequência, dando-lhes as primeiras referências morais e instigando-lhes a pensar de antemão na consequência de seus atos. À medida que crescessem com esses referenciais e desenvolvessem suas capacidades racionais, que lhes permitiriam observar e agir sobre si mesmos, passariam a autovigiar-se e reprimir em si mesmos os atos. Esse seria o efeito do castigo natural, eterno e perene, pois através dele que se inscreveriam as balizas morais que iriam reger o futuro homem.⁸³

Se o castigo violento e opressor dependia de uma autoridade externa, o objetivo do castigo natural era constituir uma autoridade interna nos meninos, de maneira que, quando maiores, eles pudessem mobilizar a razão para “acabar com os germens dos instintos, com os quaes todas crianças nascem, e no homem só pela moral se extinguem”⁸⁴. Essa libertação e dominação da natureza dos instintos, como explicava Jaguaribe, era o que singularizaria a superioridade do homem branco adulto. Como contraprova, instigava que as mães observassem seus arredores, comparando os “meninos bem educados” com os “incivilizados”, que não recebiam “educação” e que habitavam o território brasileiro, como “o índio ou o pobre sertanejo ou os filhos dos trabalhadores pobres e indolentes”. É interessante notar que o autor não explicava exatamente o que as mães deveriam observar, partindo do pressuposto de que suas interlocutoras partilhavam do mesmo senso de superioridade cultural e racial que ele, bastando assim, evocá-lo para que surtisse o efeito desejado: a auto exaltação dos brancos de alta classe e de sua cultura e a inferiorização da cultura e dos outros habitantes da nação.⁸⁵

Vejamos um exemplo do que o médico cearense considerava um castigo exemplar para domar a agressividade dos meninos:

⁸³ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 151-157. Werneck dedica uma seção inteira de sua obra para explicar a “Theoria das reações naturais”, porém, diferentemente de Jaguaribe, ele debate algumas das técnicas propostas pelo pensador britânico em seu livro, embora não desvie dos princípios fundamentais de sua teoria. WERNECK, op. cit., p. 355-384.

⁸⁴ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 154

⁸⁵ Ibidem, p. 154.

A um filho que matou um mimoso coelhinho, que era a alegria de seus irmãozinhos; sua mãe, que observara as más tendencias ou predomínio de instintos máos no seu filho, limitou-se em entristecer-se sempre que via o filho, até que no Domingo quando havia em casa muitas pessoas na mesa, ella contou simplesmente o caso dizendo: Quereis saber onde está o nosso mimoso coelhinho, olhai para meu filho que matou-o sem que o pobre animalzinho lhe fizesse o menor mal; e falando assim contentou-se com o castigo, e todos olharão para o menino que se tornou o alvo dos olhares silenciosos, mas eloquentes e elle baixando a cabeça começou a chorar.⁸⁶

O objetivo do castigo natural era a formação dos sentimentos de culpa e remorso, que posteriormente serviriam de base para a elaboração racional dos juízos morais. Em oposição ao castigo feroz dos pais altivos, que distanciaria ainda mais os filhos de sua autoridade e de seus valores, ainda mais quando os pequenos sentissem que as proporções eram desmedidas e injustas, o castigo natural, que explicitava em seu ato a causa e a consequência — como a mãe que mostra ao filho que a tristeza dos outros era decorrente do seu ato de agressividade para com o bichinho da casa — teria como efeito a inscrição sentimental dos valores dos pais na interioridade psíquica dos filhos. Em vez da aplicação da punição externa — pelo grito, pela humilhação ou pelas bofetadas —, seria o próprio menino que puniria a si mesmo, com a vergonha e o remorso. Se puniria por identificação com os valores incutidos pelos pais, que lhe teriam então sido plenamente inculcados, aumentando a autoridade e capacidade de influência da família na infância e na maturidade. Afinal, o projeto era formar sujeitos dóceis e não subservientes, sujeitos independentes, capazes de regularem a si mesmos para que essa autonomia fluísse dentro das fronteiras estabelecidas pelas balizas morais do *homem de bem*.

Pautados por um modelo incremental da formação dos sujeitos e do seu *caráter*, no qual se detalhavam suas aptidões e disposições psíquicas, os educadores da nação procuravam fazer os pais reconhecerem que as experiências infantis marcavam a maturidade de forma significativa e que, portanto, era preciso cuidar das impressões afetivas desse período de formação. Werneck e Jaguaribe acreditavam que através do controle e da racionalidade seria

⁸⁶ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 156.

possível constituir homens que, quando maduros, chegariam ao estado do sujeito completo cartesiano, “rei absoluto nos domínios de si mesmo”⁸⁷. Porém, reconheciam que esse não era o destino natural de todos os homens e que só poderia ser atingido se eles desenvolvessem certas aptidões de operação sobre si mesmos, que dependiam da constituição de um senso de autoridade interna pautada pelos valores morais cultivados pela família, mas que não se projetasse sobre o sujeito de forma excessivamente opressiva, aterrorizante e neurotizante.

Por isso, a educação bruta e repressiva não deveria ser evitada apenas pela sua ineficácia na dominação dos domínios invisíveis dos sujeitos — que ao fim e ao cabo, só poderiam ser efetivamente dominados por eles mesmos —, mas também pelos impactos que poderia ter no *caráter* dos meninos. Essa percepção divergia radicalmente da relação entre pais e filhos cultivada na tradição patriarcal luso-brasileira, como podemos ver nas palavras de Pedro de Oliveira, que era parte de uma geração anterior à de Werneck e de Jaguaribe, e que em seu *Deveres do Homem*, escrito na década de 1860, ainda reverberava o espírito do patriarcalismo luso-brasileiro impresso nas Ordenações Filipinas.

Em *Deveres do Homem*, a relação entre pais e filhos era descrita com acentuada verticalidade e, sobretudo, a partir de laços de interdependência socioeconômica e de deveres mútuos. Para Oliveira, nos filhos, o pai veria “os futuros companheiros de seus trabalhos, o apoio de sua velhice, os herdeiros de seu nome e fortuna, os perpetuadores da sua raça”, tendo também direito a aproveitar dos frutos de seus trabalhos.⁸⁸ Pela lei do *pátrio poder*, fundada na tradição da civilização cristã, o patriarca teria o “direito de exigir inteira obediência e absoluta submissão dos filhos”, corrigindo “todos os cazos em que estes se transviem da senda da honra e do dever; quando queirão abandonar a carreira da virtude pela do vicio; quando esqueção o que devem a Deus, á pátria, á sociedade, á familia e a si proprios”⁸⁹.

⁸⁷ De acordo com Luiz Alfredo Garcia-Roza, essa concepção monolítica e estável do sujeito, que o identifica plenamente com a porção consciente do *ego*, remete ao modelo de sujeito elaborado por Descartes em seu *Discurso sobre o método* e que teve grande impacto na concepção ocidental dos sujeitos na modernidade. GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. São Paulo: Ed. Zahar, 1984. Sobre essa autopercepção dos sujeitos na modernidade europeia, também vale ver as considerações de ELIAS, op. cit.

⁸⁸ OLIVEIRA, op. cit., p. 81-82.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 82.

Pedro de Oliveira advertia que os pais não deveriam “abuzar d’este poder que tem limites”, uma vez que a justiça paterna não deveria degenerar em tirania. Porém, com tirania, Pedro de Oliveira parecia referir-se sobretudo ao comportamento caprichoso e arbitrário, que julgava ser praticamente antinatural à paternidade branca.⁹⁰ Assim, opunha-se frontalmente aos seus contemporâneos que, assim como posteriormente também defenderão Werneck e Jaguaribe, julgavam “que estão rôtos os laços que unem o filho ao pai, quando este seja injusto e cruel”, argumentando que “o numero de pais injustos só parece grande, quando a mocidade é viciosa e libertina; quando esta era mais submissa, e que os pais erão mais severos, elles não parecêrão tão injustos”⁹¹. Ou seja, se os pais recorriam à violência — e Oliveira parecia convicto de que, mesmo sob forma incorreta, era sempre pelo bem da prole —, era da insubmissão filial a verdadeira responsabilidade, não havendo pais que fossem injustos, severos ou cruéis quando os filhos cumprissem seus deveres.⁹²

Essa soberania patriarcal será vista como despótica e nociva pelos educadores do final do século XIX. Primeiramente, porque estudando nas emergentes instituições de ensino superior brasileiras, moldando a si mesmos à imagem do sujeito liberal proposto pelo Iluminismo e pelo romantismo europeu, homens como Américo Werneck e Domingos Jaguaribe Filho viam a si mesmos como sujeitos individuados e projetavam uma sociedade em que os homens brancos das classes médias e altas também o seriam.⁹³ Para formar

⁹⁰ Ao tratar do único caso em que seria aceitável ao filho desobedecer o pai, Oliveira menciona a possibilidade dos atos ordenados serem “actos contrários á religião, á moral, á honra, ou ás leis que regem a sociedade”, porém logo depois comenta que “não é de suppor que um pai ordene tais actos a seu filho, quando elle deve ser o primeiro a impedir que eles se patriquem”. *Ibidem*, p. 93.

⁹¹ *Ibidem*, p. 93-94.

⁹² No patriarcalismo colonial, violações à autoridade paterna ou à honra da família reverberavam no cerne da hierarquia familiar, podendo levar seu chefe a castigar violentamente os filhos homens, chegando a casos extremos, como o assassinato. DEL PRIORE, Mary. Pais de ontem: transformações da paternidade no século XIX. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp, 2013; FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. São Paulo: Global Editora, 2005, p. 111; PINTO, Luiz de Aguiar Costa. **Lutas de família no Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1949, p. 186.

⁹³ Podemos pensar que essa perspectiva era partilhada também por autores europeus que escreveram obras de referência para a formação masculina da época, como Samuel Smiles e Paul Janet. Para o contraste entre a perspectiva de duas gerações, ver o artigo de Cleber Santos Vieira que compara o nativismo e a presença da cultura rural patriarcal em Domingos Jaguaribe, Visconde de Jaguaribe, e a perspectiva cosmopolita de seu filho, Domingos José de Nogueira Jaguaribe Filho. VIEIRA, Cleber Santos. A tradução como ato político: dr. Domingos Jaguaribe e o manual de instrução cívica, de Numa Droz. **Revista de História**, núm. 161, dez. 2009, p. 165-189.

homens de bem era preciso apreendê-los desde seus primeiros passos como indivíduos autônomos, que traçariam uma biografia particular no mundo, e não como sucessores de seu progenitor. O *homem de bem* serviria à pátria e à humanidade, seria um médico, um bacharel, um político, um alto burocrata, um artista. O modelo da transmissão da soberania patriarcal sobre as terras, os escravos e a família não era suficiente para a nação moderna e urbana que projetavam. Para ocupar altos postos nessa nova sociedade e capitanear o seu rumo em direção ao *progresso*, o *homem de bem* precisava aprender a ocupar um novo lugar no mundo social, bem como aprender a ter uma nova disposição psicossocial, para o qual o binômio senhor-servo da tradição patriarcal luso-brasileira não seria suficiente.⁹⁴

Werneck era enfático ao afirmar que, para produzir um sujeito autônomo e obediente, era preciso mudar a forma de relação de pais e filhos. Era preciso que os pais, mesmo que tivessem “muitas ocupações”, reservassem “uma hora ao menos para brincar com os filhos”. Embora não os mencione diretamente, o contraexemplo no qual Werneck construía sua percepção da relação paternal parece ser o dos patriarcas rurais do tempo de sua infância.⁹⁵ Afirmava que construindo a proximidade afetiva entre pai e filho, uma “intimidade patriarcal, que une e consolida os laços de família”, “a criança não se acostuma a vêr no pae a carranca ríspida que a afugenta” e cultivaria uma alegria e disponibilidade afetiva em sua presença. Esse laço permitiria que, quando maiores, eles desejassem estar próximos da família e, sobretudo, do pai, dando ainda escuta aos seus conselhos, caso contrário, como também alertava Jaguaribe, “os filhos só olhão os pais com um *respeito medroso*, fogem d’elles...”⁹⁶. Era preciso construir uma nova legitimidade afetiva, em que os castigos fizessem sentido e, assim, fossem inscritos na regulação interna dos sujeitos, sendo inculcados em seus futuros mecanismos de autorregulação e domínio sobre si mesmos. Por isso, apontava

⁹⁴ Para uma apurada descrição desse processo entre as elites nordestinas, ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit., p. 53-62.

⁹⁵ Américo Werneck nasceu em uma fazenda da elite cafeeira do Vale do Paraíba. Seu pai era Inácio Barbosa dos Santos Werneck, barão de Bemposta, e sua mãe, prima-irmã do pai, era Luísa Amélia de Oliveira Werneck. Seu pai era um fazendeiro de café, com terras na região Petrópolis e do Vale do Paraíba. Seus avós eram fazendeiros da próspera Vassouras, onde Inácio e Luísa Amélia se casaram, na Fazenda de São Fernando de Massambará. PINHEIRO, Luciana. Américo Werneck. In: **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, s/d. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br>. Acessado em: 17 set. 2023.

⁹⁶ WERNECK, op. cit., p. 126; JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 153.

Werneck, “é necessário que á impressão do castigo merecido suceda momentos depois uma expansão de caricias consoladoras, de forma que ella perceba que tu a puniste a contragosto”.⁹⁷ A autoridade do pai deveria ser transformada, percebendo que “o respeito não exclue a familiaridade complementar ao sentimento do amor”. Assim, o filho e a filha:

[...] devem-se habituar a vêr no pae um amigo communicativo e um conselheiro acessivel. Essa intimidade produz effeitos maravilhosos após a idade de quinze annos, quando a inexperiencia do mundo exige um guia de confiança, que sopite as audacias da imaginação. Por isso mesmo a autoridade paterna deve insinuar-se brandamente, adoçando o rigor momentaneo com a meiguice posterior. Conforme os factos demonstrão, os filhos educados com essa severidade intelligente são os mais chegados aos paes.⁹⁸

E se contrapondo à tradição patriarcal luso-brasileira, condenava “certos monstros” impacientes, que:

[...] empregão o systema barbaro de aterrar a criança ao ponto de não permittir na sua presença a alegria ruidosa de entes, que não sabem se divertir de outro modo. Tal processo de escravidão, longe de produzir os effeitos da obediência intelligente, atrophia o desenvolvimento da mimosa creatura, cujo animo se abate sob a influencia de uma comoção nervosa, de um pavor constante, que afinal embotão-lhe as faculdades embryonarias.

[...] Em extremo susceptivel, a criança tem o sentimento de justiça [...] si lhe batem injustamente, sob a pressão da colera; si a punição premeditada excede a medida razoavel [...] ella guarda as vezes durante a vida inteira um resentimento fundo, que se traduz por uma esquivança sombreada de melancolia, por um desgosto que rouba-lhe os encantos da existencia e imprime ao seo rosto o cunho da velhice prematura.⁹⁹

⁹⁷ WERNECK, op. cit., p. 126.

⁹⁸ WERNECK, op. cit., p. 127-128.

⁹⁹ WERNECK, op. cit., p. 126-128.

Para além de correrem o risco de perderem o poder sobre seus filhos quando crescidos, as bofetadas e o tratamento agressivo poderiam deprimir o brio e o orgulho próprio, efeminando os meninos, tornando-os medrosos e tíbios, como o personagem do *Ateneu* de Raul Pompeia, o Cruz, “tímido, enfiado, sempre de orelha em pé, olhar covarde de quem foi criado a pancadas”¹⁰⁰. Para Werneck, havia “um abysmo entre a obediência e o servilismo”, e era fundamental que os pais e os preceptores vissem no menino branco “o futuro cidadão e chefe de família”, ou seja, alguém que deveria aprender a ser senhor e não a servir, a ser dominador e não dominado. Dessa maneira, “não é abatendo o seu carácter a condição de escravo, não é suprimindo a energia da intelligencia, castigando estupidamente os assomos do orgulho ferido pelo insulto ou pela injustiça dolorosa que se prepara um ente, destinado a lutas implacáveis”¹⁰¹.

O destino dos meninos de elite se articulava na imaginação desses intelectuais, como vimos no primeiro capítulo, com o destino da nação. Para Jaguaribe, que escrevia ainda no Império, era paradoxal que houvesse homens públicos que defendessem a criação de um regime republicano, mas que, em casa, criassem seus filhos nos moldes despóticos do patriarcalismo tradicional, instilando neles um *caráter* autoritário, que resultaria, quando maiores, na identificação com uma organização política despótica.¹⁰² Para Américo Werneck, já nas primeiras décadas da República, o despotismo doméstico e do sistema escolar promoveriam homens degenerados, efeminados, inaptos para guiar a nação rumo ao seu *progresso*. Parte da crítica feroz às instituições escolares do Império articulada por Raul Pompeia em *O Ateneu* ia no mesmo sentido: a corrupção moral e o autoritarismo nos internatos das elites desvirilizavam os homens e tiravam deles a bravura, o brio e a dominância.¹⁰³

Em *A arte de formar homens de bem* e em *A arte de educar os filhos*, Jaguaribe e Werneck expressavam grande ansiedade em relação à falta de exercícios físicos dos meninos, que

¹⁰⁰ WERNECK, op. cit., p. 145; POMPEIA, op. cit., p. 43.

¹⁰¹ WERNECK, op. cit., p. 235.

¹⁰² JAGUARIBE, op. cit., p. 146.

¹⁰³ Richard Miskolci leva essa interpretação adiante, afirmando que no livro de Pompeia é possível aferir uma sexualização dos regimes, interpretando que, através da crítica à principal instituição educacional da segunda metade do século XIX, o escritor procurava deslegitimar o Segundo Reinado como um regime que, assim como os alunos do internato, era degenerado, efeminado e homossexual. ESCUDEIRO, op. cit.

também poderia minar suas capacidades viris. Como de costume, Jaguaribe trazia à mente, como um fantasma, os contraexemplos dos povos que o evolucionismo darwinista — em associação com o pensamento higienista — passava a classificar como degenerados por não cultivarem do “modo correto” o corpo de seus meninos. Esses povos teriam passado por um processo de atrofia corporal: os pigmeus, que seriam “antes *macacos* do que *homens*”¹⁰⁴, os Laponeos, os Esquimós, ou os indígenas da Terra do Fogo, “tão mirrados e feios que mal se póde crer que sejam nossos semelhantes”¹⁰⁵.

Essa ansiedade em torno do corpo masculino estava articulada com a idealização que a intelectualidade da Europa Central fez, a partir das estátuas gregas, romanas e renascentistas, do corpo do homem branco — alto, musculoso, ereto — que condensava simbolicamente as aspirações do que idealizavam como o *progresso* civilizatório: força, virilidade, autodeterminação, autocontrole e moderação. Essa imagem foi largamente propagada na cultura erudita — através de pinturas, esculturas, da literatura — e do corpo higiênico idealizado pela medicina e pelo esporte. Através do corpo via-se o *caráter* de um sujeito ou de um povo, mas também através do corpo desenvolvia-se o *caráter*, de forma que era ele um espaço fundamental para chegar-se à plena potencialidade da branquitude masculina, que acreditavam ser o ápice da potencialidade humana.¹⁰⁶

Em *Livro de uma sogra*, último romance de Aluísio de Azevedo, o autor dá a ver com clareza as linhas gerais dessa imaginação. Primeiramente, pela concepção de superioridade da beleza masculina em relação à feminina. Enquanto a beleza feminina era inferiorizada por ser excessivamente terrena — sedutora e instigante da sexualidade — o homem teria “a real beleza”, pois na “serena e máscula beleza do homem há sempre um quê de divino e sagrado”. A sensualidade rebaixava o corpo feminino, enquanto o masculino era purificado, acima da carnalidade:

¹⁰⁴ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 53.

¹⁰⁵ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 60.

¹⁰⁶ MOSSE, 1996.

Christo atravessa os séculos, todo nu, de braços abertos para a humanidade, e a sua nudez de homem jamais trouxe rubor de pejo às faces da donzella, nem accordou desejos no peito das mulheres.

Mas se despissem Maria das castas vestimentas que lhe escondem o divino corpo, ella deixaria de ser a piedosa e candida rainha dos ceus, e seria Venus, a deosa do amor do pecado.¹⁰⁷

Em outro momento, ao avaliar o corpo de um pretendente de sua protegida, o médico César se empolga com as qualidades físicas do homem que observava:

– Um rapagão, Olímpia! O que se póde chamar um rapagão! Equilíbrio perfeito entre o *systema nervoso* e o *systema muscular*! [...] E a conformação do corpo, estheticamente fallando, é simplesmente maravilhosa! Quando o vi nú, pensei ter defronte uma estátua grega. Marte e Apollo fundidos, formando um homem. Que bello conjuncto de força e delicadeza anatomica! Nem sei como, com a degeneração da raça latina e com a crescente depravação de costumes, ainda possa haver — no Brasil! um moço em semelhantes condições físicas! Verdade é que elle é de raça catalã!¹⁰⁸

O corpo masculino, com sua virilidade contida, carregava conotações míticas: representava Marte e Apolo, a força contumaz da conquista, da atividade, da ação e da força canalizadas pela razão, no sentido da persistência, da constância, da disciplina, da civilização. Em conexão com essa perspectiva, Jaguaribe propunha que somente através do fortalecimento corporal — que só poderia ser plenamente atingido no corpo masculino — poderia ser gerado um indivíduo vencedor e, somados, uma nação vencedora, afinal, “nas guerras como nas luctas da indústria, sabe-se quanto influe no resultado a força physica”¹⁰⁹. Era através dos exercícios físicos que os meninos também adquiriam suas características masculinas: virilidade, agressividade, impulsividade. Por isso, as referências para a cultura do corpo eram Roma, Atenas ou Esparta, nações guerreiras, que tinham sua cultura adaptada

107 AZEVEDO, Aluísio. **Livro de uma sogra**. Rio de Janeiro: Domingos Magalhães, 1895, p. 166-167.

108 AZEVEDO, op. cit. (1895), p. 150-151.

109 JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 52.

para que o “exercício muscular” servisse para “a conservação da saúde”, que deveria ser cultivada “para que o cidadão seja útil á sua patria pelo trabalho physico e intelectual”¹¹⁰.

Para além da degeneração da ociosidade, que levaria à atrofia corporal, o médico alertava às famílias para o perigo da hiper civilização, ou seja, do investimento excessivo na cultura intelectual e moral de seus filhos, que poderia produzir os “meninos velhos”. Como a cultura higienista associava o desenvolvimento corporal e orgânico ao desenvolvimento moral e intelectual, acreditava-se que a excitação cerebral exacerbada dos “meninos velhos” em detrimento da atividade física faria com que tivessem uma menor longevidade e uma má circulação sanguínea, que tornaria débil a sua vitalidade e disposição energética. O pavor era também que o “meninos velhos” poderiam mais facilmente desenvolver sofrimentos nervosos, que eram considerados na época um tipo de emasculação ameaçadora para a civilização ocidental.¹¹¹ Para Jaguaribe, “o futuro do mundo pertencerá aos homens enérgicos, porque está se vendo todos os dias que são os actos de energia que dominão por toda a parte”¹¹²:

Para que servirá realmente a educação que cria um filho rico de modo que aos 21 annos tem uma somma de conhecimentos que o torna admirado, quando este moço sabe que tem um physico débil, pusilânime e que todos os seus conhecimentos só lhe annuncião uma vida precoce! Haverá maior supplicio? Quem tem a culpa? Alvarez de Azevedo, Varella, Gonçalves Dias, Alencar não morrerão todos muito moços e todos não erão doentios, rachiticos e ptisicos?”¹¹³

Segundo o autor, o próprio José de Alencar teria se dado conta de sua situação degenerada e transformado a educação de seus filhos, que “elle creava presos e sem exercícios”. A conselho de amigos, mudou-se para um sítio espaçoso onde os filhos puderam

¹¹⁰ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 57.

¹¹¹ Cf. BEDERMAN, op. cit. para uma reflexão aprofundada em torno do pavor da neurastenia nos debates em torno da educação infantil norte-americana. Sobre a classificação de alguns intelectuais brasileiro como “homens raquíticos e e cabeçudos”, ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit., p. 52. A respeito da vinculação entre desenvolvimento orgânico e moral, conferir as discussões do período sobre a amamentação materna em COSTA, op. cit.

¹¹² JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 63.

¹¹³ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 64.

fazer ginástica, passeios a cavalo e conquistar saúde próspera. De nada adiantaria a existência de homens inteligentes se não tivessem a virilidade necessária para concretizar suas aspirações. Esses homens abatidos, eram vítimas de uma imaginação fraca, que os expunha ao “lado fraco do nosso ser”. Essa fraqueza interior, os fazia medrosos, nervosos:

Haverá nada mais triste do que vêr um homem rico, de família distinta, que tem condigna instrução, e que anda aterrado com medo de morrer moço, com medo de adoecer, e deste modo de viver sem prestar para nada; porque consome todo o seu tempo em ocupar-se de destruir a si mesmo?¹¹⁴

A solução era ser forte, ter firmeza e virilidade, no corpo e na mente, para dominar a si mesmo. Isso era ser “homem de verdade”. Era o que se esperava para aqueles destinados a levar a nação ao seu *progresso*.

¹¹⁴ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 108.

Meninos ambiciosos, ativos e trabalhadores

(Capítulo 4)

A masculinidade do *homem de bem* estava intimamente comprometida com um senso de produtividade e utilidade. Um dos pilares centrais do valor social do homem estava ligado ao que ele fazia, ao que produzia. A vida do *homem de bem* não poderia ser devotada a si mesmo — esse tipo de homem era chamado de egoísta, preguiçoso, mesquinho, vadio —, era preciso prestar serviços às emergentes entidades abstratas que passavam a povoar o imaginário das classes altas: a *civilização*, o *progresso*, a nação, a humanidade. Como o *progresso* era um processo constante de aperfeiçoamento social, o *homem de bem* também deveria estar em constante processo de autoaperfeiçoamento, à imagem do *progresso*, deveria ser disciplinado, constante e ter uma *vontade* insaciável, sempre em busca de novas conquistas e aventuras — intelectuais, científicas, políticas, morais, econômicas, artísticas e em outros domínios considerados úteis para o *progresso* civilizatório da nação. Como sintetizava Smiles, estabelecendo uma métrica para valorar e classificar as vidas masculinas:

[...] a extensão dos *annos* não prova a extensão da vida. A vida d'um homem deve-se medir pelo que faz, e pelo que sente n'ella. Quanto mais trabalho útil faz o homem, quanto mais sente e pensa, tanto mais vive realmente. O homem ocioso e inútil, qualquer que seja a extensão da sua vida, não vive, vegeta.¹¹⁵

Produtividade, utilidade, atividade e ambição eram parâmetros definitivos do universo mítico do trabalho — motor central do *progresso* — passavam a compor os parâmetros para a valoração dos homens e também passavam a ser importantes componente na distinção e

¹¹⁵ SMILES, Samuel. **O Caracter**. trad. D. Amelia Pereira. Coleção Biblioteca Científica. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d., p. 121.

hierarquização dos homens em relação às mulheres, da masculinidade em relação à feminilidade. A qualificação de uma atividade como trabalho, prestigiosa nesse contexto cultural, era uma apanágio quase exclusivo das atividades produtivas exercidas por homens e negado às atividades produtivas exercidas por mulheres, como o empenho socioafetivo no cuidado com a família, a educação das crianças, os empenhos estratégicos de sociabilidade, administração doméstica, entre outras.¹¹⁶ Assim como a reivindicação exclusiva da razão pela masculinidade branca era central para sua dominação simbólica na sociedade, a reivindicação exclusiva do trabalho operava da mesma forma. Sendo supostamente os únicos aptos ao trabalho de verdade, os homens se qualificavam como protagonistas da vida coletiva, os únicos capazes de conduzir o *progresso*. Essa hierarquização se desdobrava dentro do universo masculino entre o trabalho intelectual, que as classes altas e a branquitude reservavam para si e que classificavam, na escala descorporalizada do *progresso* e da *civilização*, como superiores ao trabalho braçal ou manual dos homens não-brancos e de classe baixa.

O universo do trabalho era central na construção identitária da masculinidade do *homem de bem*. Por meio do trabalho, o homem poderia alcançar suas ambições de autossuficiência e independência. Por meio do trabalho também se tornaria apto a chefiar uma família e a prover para ela. Por meio do trabalho, poderia conquistar a estima no meio homosocial e posições mais prestigiadas e elevadas na sociedade. Até mesmo a imaginação masculina deveria ser útil e produtiva, caso contrário, aproximaria perigosamente o homem da feminilidade, como explicitava Berílio Neves, para quem: “o sonho é a vagabundagem da alma. Por isso é que as crianças e as moças sonham muito: não pensaram em nada durante o dia...”¹¹⁷.

O sentir e pensar a que Smiles se referia na citação acima não era qualquer sentir e pensar, mas aquele enquadrado como útil à *civilização*. Se essa organização simbólica era extremamente opressiva para as mulheres, ela também impunha padrões coercitivos de conduta e de relação consigo mesmos para os homens. O homem que não trabalhasse, que

¹¹⁶ Para a negação do trabalho feminino entre as classes médias e altas brancas, ver: CARVALHO, op. cit. (2008); GARCIA, op. cit.; MCCLINTOCK, op. cit.

¹¹⁷ NEVES, Berílio. Conceitos e Preconceitos. **A Cigarra**, 6 nov. 1926, p. 26.

não tivesse domínio de si, que não fosse disciplinado e ambicioso, que não pensasse sua vida como uma trajetória progressiva no formato da carreira, que não se engajasse no *progresso*, que não provesse para sua família, não seria um “homem de verdade”¹¹⁸.

O universo do trabalho à época, no caso das classes médias e altas, era um espaço majoritariamente homossocial masculino, as mulheres envolvidas nesse mundo estavam raramente na condição de pares e majoritariamente em posições auxiliares (como secretárias, faxineiras, assistentes etc.). Sendo assim as dinâmicas do trabalho estavam intimamente articuladas com os padrões e valores da virilidade: a autossuficiência; a independência; a vontade de dominação — de si e dos outros —; a disposição para o sacrifício diante de um desafio ou provação; a organização das relações no formato competitivo; a percepção estreita do par dominador-dominado como únicos lugares disponíveis para serem ocupados; e uma forte tendência à percepção descorporalizada de si.

A masculinidade condenava os homens a vencerem, sempre.¹¹⁹ Os horizontes de glória e heroísmo eram aprendidos desde a infância e agitavam a imaginação dos meninos nos moldes dos grandes inventores, dos heróis da guerra e da ciência, dos grandes políticos, dos magnos artistas e pensadores. Ao mesmo tempo em que produzia uma visão grandiloquente e confiante de si, a obsessão da cultura masculina em fazer os sujeitos acreditarem que precisavam deixar um legado, que deveriam aspirar “deixar seu nome na história”, constituía também uma tensão, uma intensidade e uma insaciabilidade permanentes que, na vida adulta, acabava se tornando uma questão central na geração de ansiedades, sofrimentos e

¹¹⁸ Estudos recentes nos campos da sociologia e da psicologia social tem demonstrado as graves consequências psicológicas dessa identificação entre masculinidade e produção para homens que, por diversas circunstâncias, são excluídos, permanente ou temporariamente, do universo do trabalho socialmente legitimado e que, diante do desemprego, perdem uma baliza central de seu senso de autoapreciação, bem como um *locus* fundamental para a sua identidade. Para uma análise do sentimento de emasculação em homens desempregados das classes baixas e da busca, de alguns, por uma compensação de sua desvirilização moral com espaços de hipervirilização — como a criminalidade — ou de atividades de explicitação ostensiva de virilidade — como comportamentos violentos e consumo excessivo de álcool e outras drogas —, ver: JIMENEZ, Luciene; LEFÉVRE, Fernando. Desafios e Perspectivas: Desemprego e Masculinidade. **Interação em Psicologia**, jul./dez. 2004, v.8, n. 2, p. 227-335; NOGUEIRA, Christina Gladys de Mingareli; MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves de. A (re)produção das masculinidades hegemônicas: homens, famílias populares e violações de direitos humanos. **Interritórios Revista de Educação**, Caruaru, v.3., n.5, 2017, p. 120-140. Sobre a relação entre masculinidade e trabalho, ver NOLASCO, op. cit., p. 50-72; CONNELL, op. cit., p. 172-181; ROTUNDO, E. Anthony. **American Manhood: Transformations in Masculinity from the Revolution to the Modern Era**. Nova York: Basic Books, 1993, p. 167-193.

¹¹⁹ NOLASCO, op. cit., p. 58.

conflitos, como veremos mais adiante. Por agora nos interessa compreender como os educadores da nação procuraram intervir na esfera doméstica e da intimidade para convencer pais e mães, bem como meninos, homens e rapazes, de que o destino masculino era o trabalho, a utilidade, a disciplina, a ambição, a conquista. Esses deveriam ser os parâmetros para avaliarem e apreciarem a si mesmos e os outros homens da sociedade. Desde cedo, deveriam ter o mesmo desejo que teve Jacob Penteado que, quando criança, ingressou no trabalho fabril pelas condições materiais de sua família, que não poderia mantê-lo no ensino secundário, mas também por uma pressão interna: “desejava tornar-me útil, trabalhar, produzir”. Na fábrica de vidros, ele acreditava que se sentiria “mais homem”¹²⁰.

Pensando a casa como uma escola do mundo social, os educadores da nação sugeriam que os meninos precisavam ser iniciados o quanto antes na cultura do trabalho, não para aprenderem um ofício — que seria o sentido da transmissão tradicional do trabalho entre artesãos —, mas para aprenderem a saborear o prazer e a satisfação de realizar atividades úteis e produtivas. Como na sociedade brasileira, mesmo após a Abolição, as atividades manuais seguiram sendo desprestigiadas pelas famílias das classes médias e altas, que ambicionavam para seus rebentos ocupações majoritariamente intelectuais, essa introdução ao trabalho não objetivava o aprendizado efetivo da profissão, mas de aptidões psicoafetivas: deveriam instilar um desejo de produção e de ambição e um senso de valoração de si associado com a utilidade e produtividade. E, por revés, um senso de culpa e de desvalorização de si quando ociosos ou realizando atividades improdutivas.¹²¹

Os meninos deveriam aprender em casa as classificações da indolência e da proatividade, um aprendizado que era intelectual e interpretativo, mas também constituído a partir do acúmulo de experiências que deveriam inculcar padrões de comportamento na relação com seu corpo e seus desejos. Era preciso aprender os códigos da imaginação de si e ter experiências que ajudassem a moldar e canalizar o seu desejo e sua energia viril nas estreitas sendas do trabalho. Para tanto, para além de aprender a ter prazer na produção — e de

¹²⁰ PENTEADO, op. cit., p. 100. Diferentemente dos meninos ricos de seu tempo, Jacob Penteado estudou somente até o primário e ansiando ser útil, ingressou em uma fábrica ainda pequeno. Embora a trajetória social fosse distinta — assim como as atividades nas quais se envolviam os homens de diferentes posições sociais — a valoração do trabalho passava a ser um fator comum em todas as classes sociais.

¹²¹ Sobre esse imperativo à atividade, embora mais intenso no caso norte-americano, ver ROTUNDO, op. cit.

constituir a sua auto-apreciação em torno dela—, era preciso internalizar algumas disposições associadas ao trabalho, no sentido burguês que passava a ser dominante no século XIX. Era preciso se acostumar com tempo gradual dessa forma de trabalho, seu processo incremental, com frutos que se colhem apenas à frente, no longo prazo; uma organização produtiva que pressupunha um olhar prospectivo para ordenar a vida como uma carreira; que demandava disciplina, persistência, atividade e empenho constantes. Era também fundamental a produção da crença de que, ao fim e ao cabo, esse empenho seria recompensado, com conquistas materiais e simbólicas, como a estima social, “um legado”, “um nome na história”, “uma contribuição para a nação”, ou mais ambiciosamente, para toda a humanidade.

A mãe-modelo de Américo Werneck gabava-se de que, pelo ponderado exercício da autoridade, seu filho devotava aos pais “uma adoração cega, uma confiança ilimitada, um sentimento de respeito natural e isento de qualquer terror.” E, por isso, era extremamente propenso a imitar o pai, a assumir os seus valores e era permeável a aceitar as suas direções: “gosta de acompanhar o pae ao serviço, ajuda-o a regar as hortaliças, faz mover o ventilador da forja ou varre as escorias que alastrão o chão terreo da officina”¹²². Para estimular esse prazer produtivo que já se iniciava pela imitação, um dia o pai presenteou o pequeno Mario com alguns utensílios de ferreiro, próprios para crianças, e o levou para trabalhar consigo na oficina:

 Não imagina o senhor como o seu afilhado ficou contente. Durante uma tarde inteira ouvi o tim-tim do martelinho, com o qual procurava elle espontar uma velha cavilha. Hontem a noite elle experimentou **as sensações da estréa**, fabricando o seo primeiro prego.

 Mauricio guiava-o [...]. Mario, cheio de **entusiasmo**, malhava com o seo martelinho. Era sublime de ver na meia escuridão da officina o semblante risonho do meo marido, apreciando o esforço do aprendiz, iluminados ambos pelo reverbero da forja, que traçava na tela da noite seos perfis dourados.

¹²² WERNECK, op. cit., p.189

Concluída a operação, **Mario sentio-se orgulhoso**, e veio muito satisfeito mostrar-me a obra saída de suas mãos. Guardei-a como relíquia de família para entregar-lhe mais tarde, quando estiver em condições de apreciar essas futilidades.

Proporcionando ao filho prazeres uteis, Mauricio no **seo rude bom senso** provoca-lhe o **estímulo pelo trabalho** e a **confiança na sua capacidade creadora**.¹²³

Pela perspectiva de Werneck, o ímpeto ao trabalho não era uma característica natural do ser humano, mas uma conquista civilizatória. A natureza humana possuiria índole preguiçosa e seria um dever civilizacional dos pais fazer com que o menino fosse convertido aos prazeres da atividade, ao orgulho de ser útil e produtivo. O ritual do prego-relíquia, guardado pela mãe como um objeto mnemônico, é revelador das expectativas que se produziam em torno dos meninos: a sua primeira produção útil era encarada como uma estreia no mundo social, um marco de passagem para o universo da masculinidade. Ao valorizar o prego como um objeto precioso, ao aplaudir o garoto em suas conquistas produtivas, os pais estariam construindo para o menino um espelho para a elaboração de sua própria autoestima, que estaria associada à apreciação de seu lugar produtivo e útil na ordem social.

Esse aprendizado também deveria ser oferecido pela presença paterna, que, procurando ser exemplar, estimularia a imaginação do filho acerca de si mesmo e de seu valor a partir das experiências e vivências do pai. Assim, Jaguaribe recomendava que, ao chegar em casa, o pai deveria:

Reunir a família para lhe narrar as impressões do dia; os seus esforços pela troca de seus lucros; os seus pensamentos e ideias escriptas para a realização de um plano, ou de um livro útil, **criando no espirito da criancinha que o ouve o amor ao trabalho, à honra e à gloria; então com taes exemplos, os fructos derramados na familia serão colhidos e aproveitadas as suas sementes para no futuro florescerem**.¹²⁴

Pensando a si mesmo como um professor do mundo social — além de conter os seus afetos violentos e seus desgostos na frente dos filhos — o pai deveria ensinar o garoto a

¹²³ Ibidem, p. 189-190 (grifos do autor).

¹²⁴ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 114.

observar o mundo por uma ótica burguesa. Assim, além de contar histórias de grandes homens, deveria também, quando possível, levar o filho para conhecer *homens de caráter*, fossem eles homens da alta sociedade ou “mestres de obras e trabalhadores”¹²⁵. Da mesma forma que as histórias de grandes conquistadores como Alexandre o Grande, Carlos Magno e Napoleão ensinavam a ambição, a confiança em si e a perseverança que os teriam feito ser capazes de “pela própria energia” subir “entre os seus semelhantes e provando com suas conquistas que o querer é poder”, o pai deveria ensinar o filho a observar os homens ao seu redor e a classificá-los a partir de sua relação com o trabalho:

Apontai o exemplo de casa, e eles se convencerão de que o criado que é muito inferior ao dono da casa, é mais feliz do que o misero escravo; que o visinho que foi trabalhador de enxada, se tornou depois negociante; que outro vosso amigo que era pobre, está depois de anos rico; e que alguns homens eminentes de nosso paiz forão meninos pobres e filhos de paes trabalhadores e honrados, mas sem posição.¹²⁶

No livro de Jaguaribe, os homens da casa eram hierarquizados de acordo com as atividades laborais que exerciam. Tornavam-se mais estimados e elevados na hierarquia social, e mais “felizes”, à medida que abandonavam atividades de manuais e serviços (criado, trabalhador de enxada) e conseguiam ingressar em atividades mais intelectualizadas e autônomas (negociante). A hierarquia senhoril, constituída pela dualidade proprietário e escravo, ainda estava presente, porém passava a se misturar com a imaginação de que, através do trabalho, os homens seriam capazes de adquirir grande mobilidade social e que, conseqüentemente, a sua posição social estaria de acordo com o seu empenho laboral.

Esse olhar classificatório e disciplinar para os outros estendia-se também para o próprio menino, que deveria aprender a vantagem de estudar a si mesmo, transformando seu corpo, seus sonhos, prazeres, sentimentos, anseios e desejos em objetos de análise.¹²⁷ Jaguaribe sugeria aos pais que ensinassem os filhos a moldarem a si e construïrem sua própria estima na comparação com os outros a seu redor:

¹²⁵ Ibidem, p. 82.

¹²⁶ Ibidem, p. 120.

¹²⁷ Ibidem, p. 119.

[...] mostrareis que **a vantagem de todo homem se estudar á si mesmo, faz com que se passe em revista os próprios actos e os que presenciamos dos outros;** distinguindo assim por nós mesmos os bons e os mãos actos, e por conseguinte ainda por nossa própria comparação ficamos sabendo o que é melhor as nossas conveniências, e não cahiremos no erro. Em outra occasião demonstrei a vossos filhos que este esforço individual de nos estudarmos a nós mesmos, dá o habito excellente de nos compararmos, e como sempre nos devemos julgar pequenos, quando nos consideramos, iremos nos convencendo de que somos alguma cousa mais do que outros, quando nos comparamos.¹²⁸

Olhando para os homens da casa, para os *homens de carácter* da cidade e para si mesmo, o menino poderia atribuir para si uma posição nas ordens classificatórias que lhe eram apresentadas — constituídas em torno de valores como moralidade, virilidade, produtividade, utilidade, racionalidade — e, por consequência, verificar quais atributos em si poderiam ser aperfeiçoados. Esse costume do autoexame seria fundamental para o desenvolvimento de um *carácter* elevado, que Jaguaribe resumia na fórmula “lembra-te, iguala-te, e persevera”. Lembrar era fundamental, pois seria na memória em que estariam depositados os bons exemplos e as impressões do contato com grandes homens. Igualar era o ato de comparar-se e estudar a si mesmo através da comparação, com o intuito de aperfeiçoar-se no sentido do *carácter* estudado. Por fim, perseverar era a coragem e a força de dominar a si mesmo e de persistir no trabalho de autoaperfeiçoamento.¹²⁹

É interessante notar que apesar do seu livro ser destinado às camadas favorecidas da sociedade, Jaguaribe menciona como exemplo de *carácter* homens das classes baixas, que eram valorizados pelo seu afinco ao trabalho. Da mesma forma, Werneck escolhe como exemplo laboral a atividade exercida pelo ferreiro e como exemplo de ética “o rude bom senso” de um trabalhador manual. Em ambos os casos o contexto social da vinculação do indivíduo com a atividade produtiva é apagado: não são mencionadas as dinâmicas hierárquicas e coercitivas nas relações empregador-empregado ou cliente-artífice que era

¹²⁸ Ibidem, p. 119-120.

¹²⁹ Jaguaribe atribui essa frase à inscrição de um escudo de teria sido oferecido ao Marquês de Rockingham. Ibidem, p. 120.

constitutiva da relação desses homens consigo mesmos e com seu trabalho; não mencionam as aflições, complicações e instabilidades de depender dos ganhos laborais para garantir a subsistência; não mencionam que, para a grande maioria, tais ganhos eram insuficientes para conquistar condições mínimas de dignidade e autonomia.

O olhar romantizado que Werneck e Jaguaribe lançam sobre alguns trabalhadores das classes baixas — fazendo deles um exemplo, independente da diferença de classe — faz parte de uma idealização da disciplina, da perseverança, da produtividade, da ambição e da força de vontade como fatos morais e masculinos, descolados e independentes de qualquer contexto ou fato social. Pensadas como qualidades universais e de exclusiva responsabilidade do indivíduo consigo mesmo, esse olhar permitia que alguns seletos homens das classes baixas fossem vistos como exemplares, ao mesmo passo que constituía a classificação de vadios, preguiçosos, indolentes para aqueles que não correspondiam à normativa.

Essas qualidades não eram apresentadas apenas como ferramentas para conquistar posições sociais, mas também como marcas morais que deveriam constituir a identidade dos meninos e o valor pelo qual eles estimariam a si mesmos. Os homens das classes baixas que se portavam como “homens de verdade”, se não eram exemplos totais de inspiração e imaginação de si para os meninos, o eram nos traços da masculinidade que começavam a se delinear em torno da produtividade, como a ética do trabalho, a disciplina etc. É por essa perspectiva que podemos entender parte do entusiasmo do conselheiro Paulino, que ao explicar seu interesse na ampla divulgação das obras de Samuel Smiles, ressalta o valor dos exemplos de homens humildes “que elevaram-se pela força da vontade e deveram altas posições sociais, riqueza e renome unicamente ao amor ao trabalho, à coragem e persistência com que se dedicaram à realização de seus planos.”¹³⁰

Como vimos anteriormente, para o público de classe alta ao qual a Garnier e Paulino se direcionavam em 1870, a exemplaridade dessas trajetórias de ascensão tinha uma significação diferente daquela apreendida pelas classes média e baixas da Grã-Bretanha do

¹³⁰ Carta de Paulino José Soares de Souza Filho dedicada à Baptiste-Louis Garnier, apresentada na folha de rosto de SMILES, Samuel. **O Poder da Vontade**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1870. O mesmo comentário é feito por Jaguaribe, que instiga os pais a contarem aos filhos a trajetória de “alguns dos mais importantes homens do seu paiz, os quaes havendo nascido de paes pobres se elevarão ás mais altas posições”. JAGAU RIBE FILHO, op. cit., p. 81.

tempo de Smiles, que encontravam nessas trajetórias exemplares um modelo para a ascensão social que eles mesmo aspiravam em um contexto de grande mobilidade social. Aqui, a leitura dessas narrativas parece ter sido pouco vinculada à motivação de ascensão efetiva, estando mais interessada em seu potencial moralizante, que permitia a construção de uma perspectiva heroica e gloriosa do trabalho e de sua ética, bem como o seu potencial de instigar os homens a imaginarem sua vida como uma trajetória ascendente, movida pela ambição das conquistas e pelo incessante autoaperfeiçoamento. Smiles, incitava seus leitores a verem sua sorte condicionada a uma forma de autoaperfeiçoamento moral no qual as virtudes tradicionalmente reverenciadas na tradição cristã, como a fortaleza, a temperança e a paciência eram reinterpretadas por um viés produtivo e utilitário, sendo apresentadas como autodisciplina, controle das paixões, perseverança e ambição.

Em *O Carácter*, um dos livros de Samuel Smiles com maior alcance entre os leitores brasileiros, o autor explicita a centralidade do trabalho e do senso de utilidade na vida do *homem de bem*:

O dever do trabalho deve ser cumprido por todas as classes e condições da sociedade, porque todos, sem exceção, tanto os ricos, como os pobres, têm alguma coisa que fazer, segundo a sua condição. O homem de nascimento nobre e de educação, por mais rico que seja, deve compenetrar-se da obrigação que tem de contribuir com a sua quota para o bem-estar geral de que ele participa, e não limitar-se a viver á custa do trabalho alheio, sem dar da sua parte alguma cousa á sociedade, que o mantém em seu seio. **Um homem honesto e de espírito elevado envergonhar-se-hia de sentar-se á mesa do grande banquete da sociedade, e retirar-se sem pagar a sua parte. A ociosidade e a falta de préstimo não dão honra nem proveito; se as naturezas mesquinhas contentam-se com o *fruges consumere nari*, os homens de caracter, que têm grandes aspirações e honestidade de vistas, consideram semelhante condição como incompatível com a verdadeira honra e dignidade.**¹³¹

¹³¹ SMILES, Samuel. **O Carácter**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878, p. 99 (grifos do autor).

Se em seu contexto original de produção, a dicotomia apresentada por Smiles estava vinculada ao conflito entre a ordem moral burguesa e a moral aristocrática na Grã-Bretanha, no Brasil essa dicotomia estava vinculada à oposição entre a moral burguesa em ascensão e a cultura do patriarcalismo colonial. Até o começo do século XIX, a legitimidade e a identidade senhoril não estavam associadas com produtividade e utilidade, mas à propriedade — da terra, da mão de obra dos escravizados, das mulheres, das forças bélicas. A partir da instauração da Corte no Rio de Janeiro, a identidade das elites passou a estar também vinculada com o universo aristocrático, passando a ser relevante a adesão à ordem simbólica da nobreza; o envolvimento no jogo de relações cortesãs e a participação política no emergente Estado brasileiro. Mostrar-se ativo e útil não era um imperativo para os homens das classes mais abastadas. Pelo contrário, não trabalhar era um sinal distintivo de quem era proprietário e pensar a si mesmo como “nascido para consumir os frutos da terra” (*fruges consumere nati*) não possuía um tom pejorativo.¹³²

Como observou Sérgio Buarque de Holanda, a colonização lusitana, construída sob a ética do aventureiro e do conquistador, estabeleceu no Brasil uma ética antagônica à do trabalho, de forma que ainda no tardio século XIX e nas primeiras décadas do século XX, muitos homens tendiam a procurar uma prosperidade fácil, sem custos e com ganhos rápidos, fosse por meio da expropriação de outros ou por meio da busca de vantagens e indicações entre os círculos poderosos da sociedade.¹³³ Da mesma forma, no período colonial e Imperial, muitos homens que trabalhavam, ao conquistarem lucros que os permitissem ter escravos, abandonavam o trabalho para se tornarem senhores e viverem apenas de suas propriedades.

A ética do trabalho pressupunha, por sua vez, uma valoração moral do trabalho em si, independente da fortuna. Se na sociedade colonial norte-americana, por exemplo, a noção protestante de *calling* — literalmente, uma espécie de chamado, designação divina para que um indivíduo exercesse uma determinada atividade — foi estruturante da valoração social

¹³² A frase é uma citação de uma das epístolas de Horácio (Epístola I. 2:27). Sobre a relação extrativista das elites coloniais com a terra e sua indiferença à ética do trabalho, ver HOLANDA, Sérgio Buarque de. Trabalho e aventura. In: HOLANDA, op. cit. Sobre o patriarcalismo colonial, ver FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. São Paulo: Global Editora, 2003.

¹³³ HOLANDA, op. cit, p. 46. Para uma interessante reflexão sobre o olhar prospectivo para a vida constituído pela cultura burguesa, ver SOUZA, Jessé de. **A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

do trabalho, no Brasil da segunda metade do XIX, essa valoração estava em processo de construção, por intermédio da difusão de uma moralidade burguesa entre as classes altas e médias e pela difusão de uma percepção teleológica da história, estruturada pelas noções de *progresso* e *civilização*.¹³⁴

Em *Deveres do Homem*, de Pedro de Oliveira, que ainda pactuava com a tradição patriarcal luso-brasileira, o trabalho é apresentado como dever dos escravos para com seus senhores e uma obrigação de subsistência para homens pobres, por ser “o único meio que resta áquelles que tem uma fortuna limitada”. Para as classes altas, o trabalho teria apenas um valor negativo, servindo para evitar a indolência e a ociosidade — “a origem principal dos vícios e dos crimes” — mas não teria nenhuma positividade em si mesmo. Para os homens ricos, o trabalho era apenas um antídoto à preguiça e à luxúria — “uma distração necessária á sua imaginação desocupada” que poderia tornar-se criadora de “chimeras sem utilidade para si e para a sociedade”¹³⁵ —, sem nenhuma vinculação com *status* social e masculinidade.

Porém, na segunda metade do XIX, com a crescente associação da masculinidade do *homem de bem* com os ideais de *civilização* e *progresso*, esses parâmetros começam a se alterar. Nos livros de formação masculina, os autores procuravam convencer os homens que trabalhar, dar sua contribuição ao “banquete da sociedade” e ter “grandes aspirações” eram atributos necessários para uma existência moralmente legítima. Jaguaribe acreditava que para superar o isolacionismo do patriarcalismo colonial, era necessário que os pais ensinassem aos filhos o “amor ao genero humano”, iniciando-os em uma perspectiva humanista na qual eles deveriam se imaginar como protetores e promotores de uma missão *civilizatória*. Dessa maneira, deveriam entender-se como protagonistas da história de uma ampla coletividade. Imaginar-se como parte dessa coletividade maior — que também se projetava no ideal patriótico — faria com a nova geração de brasileiros das classes altas ampliasse seu horizonte de atuação, superando o padrão egoísta “de gloria dos antigos”, que

¹³⁴ Sobre a noção de *calling* e sua conexão com o universo masculino do trabalho nos Estados Unidos, ver: HOLANDA, op. cit.; ROTUNDO, op. cit.

¹³⁵ OLIVEIRA, op. cit., p. 129-130.

permitia ao homem satisfazer-se apenas como proprietário e como benfeitor de sua família.¹³⁶

Nos livros de Smiles, que chegavam aos leitores brasileiros poucos anos depois do livro de Oliveira, o autor normatizava uma masculinidade que era indissociável das noções de *progresso*, *civilização* e trabalho. Assim como em grande parte da intelectualidade da Europa Ocidental do século XIX, em Smiles a noção de utilidade e de trabalho estava diretamente ligada à percepção teleológica de que o sentido histórico de todas as nações e coletividades seria o *progresso*. Baseada em uma crença de que o mundo era racionalmente e beneficentemente ordenado, a noção de *progresso* denotava uma experiência particular do tempo, da história e da percepção do lugar do homem nesse movimento. Construindo a história como uma triunfante onda evolutiva, a noção de *progresso* implicava na abertura de um vasto horizonte de expectativas para o futuro —expectativas de perfectibilidade moral, harmonia social e bem-estar material— que poderiam ser atingidas por meio da Razão, da Ciência, do desenvolvimento técnico, do crescimento da indústria e dos mercados e do autoaperfeiçoamento dos indivíduos a partir de valores morais cristãos.¹³⁷

Embora determinista em seu sentido, o avanço da história em direção ao *telos* da *civilização* só seria possível através do anseio ardente e do empenho vigoroso de cada indivíduo em engajar-se na corrente do *progresso*, o que, no caso dos homens, significava um ávido investimento no trabalho e em outras atividades produtivas e úteis. A essa disposição e adesão devota, Smiles chamava *vontade*, que considerava uma qualidade indispensável para um *homem de caráter*. A *vontade* estava intimamente articulada com um horizonte de perfectibilidade e de excelência que todos os “homens de verdade” deveriam aspirar, como aquele descrito no poema de Beaumont e Fletcher, que Smiles escolheu para ser a epígrafe de *O Caráter*:

¹³⁶ Sobre as críticas aburguesadas à essa lógica isolacionista do patriarcalismo colonial, ver COSTA, op. cit e ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A era dos bacháreis antipatriarcais. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit., p. 53-62.

¹³⁷ Sobre o regime de temporalidade da cultura moderna europeia, ver: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2007; HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presenteísmo e experiências do tempo**. São Paulo: Autêntica, 2013. PATTERSON, op. cit. Especificamente para a perspectiva de utilidade e *progresso* em Smiles, ver: TRAVERS, op. cit. (1987), p. 85-91.

O homem tem consigo a bella estrella
Que também lhe deve conduzir a perfeição,
E também, p'ra tornal-o illustre e honesto,
Do espirito possui todo o condão.¹³⁸

Se a crença na *civilização* e na temporalidade evolutiva do *progresso* estavam embasadas na convicção de que haveria um horizonte de perfectibilidade possível para a sociedade/humanidade, a mesma estrutura era aplicada por Smiles para pensar a vida individual de um homem, que deveria ser encarada como uma grande jornada evolutiva e progressiva em direção à uma perfectibilidade moral e produtiva, à semelhança do que teriam feito os “grandes homens”.¹³⁹ Smiles, Werneck, Jaguaribe, Paul Doumer, Paul Janet e João Diogo Esteves da Silva se empenhavam em articular a percepção de si dos indivíduos com as coletividades abstratas, como a nação e a *humanidade*, e com esse amplo movimento de evolução social, o *progresso*. Para se adequarem ao projeto *civilizatório* burguês, os homens precisavam acreditar que a significação de suas vidas, bem como de seu valor social, estava intimamente associada com o cumprimento de novos *deveres*, dentre eles o trabalho.

Para moldar a crença de que o trabalho era um destino masculino inevitável, a identidade de gênero era amplamente mobilizada nas normativas, que articulavam as qualidades produtivas do trabalho moderno com as características da virilidade. Nos livros prescritivos, engajar-se no ritmo e na intensidade do *progresso*, ver-se como parte desse movimento triunfante e grandiloquente, ter ambição e garra, eram tratadas como marcas distintiva da masculinidade. Rearticulada em torno da produtividade e da utilidade, a virilidade tomava formas morais, como a coragem da ambição, o vigor da disciplina e a força da *vontade* e da perseverança. A capacidade de resistência física e mental para produzir por tempos extensos era valorizada como atributos de viris, bem a independência e a autonomia para exercer as atividades científicas e intelectuais. De forma mais ampla, a própria dominação masculina na sociedade passava a ser legitimada pela singular capacidade da virilidade em prover competência e promover o sucesso laboral dos homens.

¹³⁸ SMILES, Samuel. O Character. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878, p. 1.

¹³⁹ PATTERSON, op. cit.; SCHWARCZ, op. cit.; FOUCAULT, op. cit. (1999), p. 135-137.

A virilidade e a produtividade também orientavam a normatização da forma de viver o tempo. A temporalidade dos *homens de bem* — constituída por um tempo cotidiano milimetricamente mensurado e encarado como recurso a ser administrado, um tempo histórico evolutivo e um horizonte de expectativa de perfectibilidade e constante autoaperfeiçoamento — era classificada como superior às outras temporalidades, como o imediatismo e o alongamento presentista do boêmio e do cético, as temporalidades “inconstantes” das classes baixas, o tempo cíclico do trabalhador rural, bem como o tempo das culturas indígenas. Todos esses homens, classificados como indolentes, preguiçosos e “lentos”, eram também marcados como emasculados e afeminados.¹⁴⁰

Para serem “homens de verdade”, *homens de caráter*, *homens de bem*, os homens deveriam construir suas vidas em torno da utilidade ao *progresso*. Atualizando tópicos consagradas da virilidade — como a glória e a honra —, Smiles constrói a todo momento paralelos entre a disciplina dos soldados, a bravura do herói de guerra, a perseverança e determinação dos grandes conquistadores, com as trajetórias de grandes inventores, engenheiros, artífices, escritores, intelectuais, políticos e tantos outros trabalhadores do mundo moderno:

Se consultarmos de passagem a biografia dos grandes homens, logo nos convenceremos da verdade deste facto que, os mais distintos entre os inventores, os artistas, os pintores, em uma palavra, entre os trabalhadores de toda a sorte deveram em grande parte os seus triumphos á sua infatigável actividade. Nas mãos de taes homens tudo se muda em ouro...até mesmo o tempo.¹⁴¹

Esse engajamento persistente e constante com o trabalho significava uma entrega total à atividade, na qual a superação do cansaço e o enfrentamento das inseguranças e incertezas do trabalho seriam provas de determinação, resistência e coragem, de virilidade moral. A virilidade moral era mensurada pela firmeza do *homem de bem* em seu propósito e por sua

¹⁴⁰ Cf. VIDAL, Laurent. **Les hommes lentes**: résister à là modernité, XVe-XXe siècle. Paris: Editions Flammarion, 2022.

¹⁴¹ SMILES, Samuel. **O Poder da vontade ou caracter, comportamento e perseverança**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1870, p. 116.

força sobre seus impulsos naturais¹⁴². A coragem, nesses termos, era provada ao não retroceder diante de sofrimentos ou sacrifícios e dispor de *vontade* e força para manter-se íntegro e puro diante de tentações. Cultivar a virilidade moral era um incessante empenho por dominar-se a si mesmo e o trabalho era uma de suas grandes esferas de provação. Em *O Character*, Smiles proclamava que:

A sujeição de si mesmo é a mesma **coragem** sobre outra forma e pode ser considerada como causa primaria do character. É em virtude desta qualidade que Shakespeare define o homem como um ser que tem a faculdade de olhar para diante e para tras. É a principal distinção entre o homem e o irracional, e sem ela não pode haver **virilidade** real.

A sujeição de si mesmo é a origem de todas as virtudes. Do momento em que o homem deixa de refrear os seus impulsos e paixões perde a sua **liberdade** moral, é arrastado pela corrente da vida e torna-se **escravo de seu desejo do momento**¹⁴³.

Um homem capaz de dominar a si mesmo seria capaz de adiar o prazer imediato em prol de uma glória futura. Essa visão larga do tempo, na qual os prazeres corriqueiros poderiam ser adiados em prol de um benefício futuro, era contrastante com o foco nos prazeres imediatos de outras masculinidades, como a cultura boêmia. Assim como os heróis de guerra, havia um senso de sacrifício em torno do trabalho, que seria recompensado com a possibilidade de uma glória futura:

O labor e a fadiga que certos homens tiveram de sujeitar-se para levarem a cabo as suas empresas, são verdadeiramente pasmosos; eles, porém, bem sabiam que aquelle labor e aquellas fagidas eram a condição *sine qua non* do bom êxito. Addison acumulou nada menos de trez volumes *in folio* de manuscritos antes de começar a redigir o seu *Espectador*. Newton escreveu quinze vezes a *Chronologia* primeiro que ella o satisfizesse, e Gibbon escreveu nove vezes as suas *Memorias*. Durante muitos anos, Hale consagrou ao estudo dezesseis horas por dia. Quando se cançava dos estudos das leis, recreava-se estudando filosofia ou mathematica, Hume, na época em que escrevia

¹⁴² JABLONKA, op. cit.

¹⁴³ SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878, p. 165.

Historia de Inglaterra, trabalhava trezes horas por dia. Montesquieu, falando de um de seus escriptos, disse a um amigo: ‘Lereis essa obra em algumas horas: mas asseguro-vos que á força de trabalhar nella fiquei com o cabelo todo branco como vêdes.¹⁴⁴

Lançar-se com determinação à tais empreitadas em prol do *progresso* e da *civilização* só era possível se, assim como Alexandre, o Grande, George Stephenson ou Newton, o *homem de bem* tivesse um propósito, uma grande aspiração. Ter um herói, admirar e espelhar-se nos grandes homens era uma característica dos “jovens de coração generoso”, que “têm o seu heroe, sobretudo se são amantes da leitura”. Por sua vez, os espíritos “acanhados e sem generosidade” eram incapazes de “reconhecer, e menos ainda venerar, os grandes homens e as grandes cousas”. Smiles traçava uma correlação entre o que seria a essência de um homem e o que ele reconhecia e admirava nos outros: “uma natureza medíocre admira a mediocridade. Para um sapo a maior beleza é a beleza do sapo”¹⁴⁵. Dessa forma seria grande o homem que venerava os “grandes heróis”, e inferior aquele que admirava outras masculinidades divergentes.

Esse teria sido o caso do negociante de escravos da Guiné em uma anedota contada por Smiles. Esse negociante, acostumado a estimar os homens por seus músculos, teria sido introduzido um dia a “dois dos grandes homens que havia no mundo”, o pintor Godfrey Kneller, que estava junto com o célebre poeta britânico Alexander Pope. O negociante só não foi incapaz de reconhecê-los, como teria respondido ao dois: “Não sei até que ponto vossês são grandes, mas as suas caras não me agradam. Comprei muitas vezes homens que valiam mais do que vossês ambos, tudo junto, ossos e músculos, por dez guinéus!”¹⁴⁶. Como em todos seus livros, Smiles reificava a cultura das classes altas como parte essencial do *caráter* civilizado, modelando as aspirações do leitor inequivocamente em seu sentido e ensinando-lhe a

¹⁴⁴ SMILES, op. cit. (1870), p. 139.

¹⁴⁵ SMILES, Samuel. *O Carácter*. trad. D. Amelia Pereira. Coleção Biblioteca Científica. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d., p. 101-102.

¹⁴⁶ É interessante notar que na primeira tradução da obra, diretamente do francês e publicada em 1878, a fala do traficante de escravos não foi construída com esse linguajar rústico. Tampouco no texto original de Smiles, no qual o traficante não realiza erros de concordância e não se expressa de maneira tão informal. Em sua tradução, feita no período republicano e no pós-Abolição, Amélia Pereira parece intencionalmente caracterizar o traficante de escravos como uma figura inculta e simplória. SMILES, Samuel. *O Carácter*. trad. D. Amelia Pereira. Coleção Biblioteca Científica. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d., p. 102.

classificar negativamente os homens que não demonstrassem certas competências culturais, como reconhecer e venerar grandes artistas e autores europeus.

Sendo a ambição de grandes voos em nome da *civilização* e do *progresso* um elemento central da constituição da masculinidade do *homem de bem*, desde a infância os meninos precisavam entrar em contato com exemplos inspiradores para que pudessem desenvolver essas aspirações grandiosas que os moveriam ao trabalho e à ação na maturidade. A energia do *caráter* dos grandes exemplos teria “o poder de provocar energia”, uma “força irradiante” que “mesmo sem querer, o seu exemplo é contagioso, e obriga a imitá-lo”¹⁴⁷. Smiles foi fortemente influenciado pela “teoria do grande homem” de Carlyle, para quem os movimentos decisivos da história teriam sido conduzidos pela ação heroica de grandes homens brancos e europeus — como reis, homens de letras, líderes cristãos, poetas —, que teriam sido capazes de centrar-se “na essência e não na aparências das coisas” e, por isso, teriam uma visão mais “verdadeira”, “iluminada”, do que os homens comuns.¹⁴⁸ Daí a sua crença na superioridade e no poder magnético desses *caráteres*, que são exaustivamente apresentados em seus livros, compondo quase uma enciclopédia biográfica onde os mais diferentes meninos e rapazes poderiam encontrar um herói à sua imagem para venerar e imitar. Esses exemplos de heroísmo também eram produzidos por intelectuais brasileiros, como João Manuel Pereira da Silva, autor de *O Plutarco Brasileiro* (1848) e de *Varões Illustres do Brazil* (1858), ou pelas narrativas gloriosas difundidas após a Guerra do Paraguai e após a Proclamação da República.

Para a pesquisa que resultou em *Ordem e Progresso*, Gilberto Freyre perguntou a seus entrevistados, homens nascidos entre as décadas de 1850 e 1890, quais eram seus heróis de infância. A própria questão tal qual formulada por Freyre — “Quais seus heróis do tempo de menino? Quem queria sêr quando fosse grande?” — é relevadora do grande alcance da

¹⁴⁷ SMILES, Samuel. **O Carácter**. trad. D. Amélia Pereira. Coleção Biblioteca Científica. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d., p. 96.

¹⁴⁸ Essa crença estava também nos escritos de John Stuart Mill, do qual Smiles foi um ávido admirador. Além disso, a historiografia centrada na biografia dos grandes homens e de seus feitos era amplamente difundida no período, sendo fundamental na construção das narrativas nacionalistas do oitocentos, como o foi no Brasil, através do IHGB. Sobre o “culto ao herói” na perspectiva historiográfica de Carlyle, ver: EL-JAICK ANDRADE, Débora. Escrita da História e política no século XIX: Thomas Carlyle e o culto aos heróis. **Revista História & Perspectivas**, v. 1, n. 35, 2007, p. 231.

modelagem do heroísmo e das grandes aspirações na imaginação masculina do período, sendo uma experiência subjetiva partilhada tanto pelo autor como por quase todos os homens que responderam ao seu questionário. Como mostra Márcio Couto Henrique, entre as seis personalidades mais citadas entre os homens, quatro eram militares com participação na Guerra do Paraguai —Duque de Caxias, o Marques de Herval, Joaquim Marques Lisboa e Francisco Manuel Barroso da Silva — e uns tantos outros grandes conquistadores como Napoleão, Carlos Magno, Alexandre, o Grande e Aníbal. Alguns outros eram também estadistas, como Marechal Deodoro e D. Pedro II, ou intelectuais e literatos como Benjamin Constant, Ruy Barbosa, Camões e Danton. Nenhuma mulher, fora uma menção à princesa Isabel, e nenhum homem negro.¹⁴⁹

Coroliano de Medeiros, nascido em 1875 na Paraíba, mencionou personagens ficcionais: “os das fabulosas emprêzas dos Doze Pares da França”. *História do Imperador Carlos Magno e os doze pares da França* é um romance de cavalaria, no qual Carlos Magno e seus seletos e mais bravos cavaleiros realizam proezas como matar um gigante turco, Ferrabrás, que teria roubado as relíquias de Jesus em Roma, entre outras peripécias em batalhas e aventuras às quais se entregam com valentia e coragem em nome da justiça e da religião cristã. Oswald de Andrade também recorda ter lido o livro na infância, que o teria deixado deslumbrado e eletrizado com as “façanhas de Roldão e Olivério, de princesas e sultões”¹⁵⁰. A imaginação orientalista da Guerra Santa não apenas ensinava desde cedo a oposição entre *civilizados* e *incivilizados*, criando admiração pelos primeiros e desprezo pelos outros, mas também mobilizava a imaginação dos leitores para que se tornassem agentes ativos nesse embate *civilizatório* que seria reencenado em suas vidas, talvez não mais com conquistas militares, mas como êxitos científicos, políticos, intelectuais e artísticos.

Oswald relata também o caráter formativo da leitura de Jules Verne, um autor de grande apreciação da juventude masculina desde as últimas décadas do século XIX. *A ilha misteriosa*

¹⁴⁹ HENRIQUE, Márcio Couto. **Um toque de voyeurismo**: o diário íntimo de Couto Magalhães (1880-1887). Tese (Doutorado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008, p. 145-148.

¹⁵⁰ ANDRADE, op. cit., p. 65.

(1874), segundo ele, “encheu minha vida, povoou meus dias e minhas noites”¹⁵¹. Em tom possivelmente autobiográfico, Raul Pompeia descreve como o pequeno Sérgio, protagonista de *O Ateneu*, devia a Julio Verne “uma multidão numerosa dos amáveis phantasmas da primeira imaginação”, sendo o mais magnífico o Capitão Nemo, protagonista de *As vinte mil léguas submarinas* (1870), que também fez uma aparição ao final de *A ilha misteriosa*:

Grande como um semideus, barba nitente, luminosa como a neblina dos sonhos, o lendário Nemo da Ilha Misteriosa, taciturno da lembrança das justiças de vingador, esperando que um cataclysm lhe cavasse um jazigo no seio do Oceano, seu vassallo, seu cúmplice, seu dominio, patria sombria do expatriado.¹⁵²

Nos livros de Verne, os meninos e rapazes encarnavam a pele de exploradores e cientistas ilustres, tendo o Planeta Terra inteiro como universo de possibilidades e descobertas.¹⁵³ Em *A Ilha Misteriosa*, o capitão Nemo é um príncipe indiano dotado de uma inteligência formidável, adquirida por sua educação europeia. Após a Revolta dos Cipayos, na qual teria visto os britânicos escravizarem seu povo e matarem sua esposa e filhos, Nemo, homem destemido e denso, constrói para si um submarino onde vive uma vida de ermitão devoto à ciência e à tecnologia, da qual se retira apenas para auxiliar os oprimidos. Movido por um forte senso de justiça, com sua formidável masculinidade — marcada sobretudo pela autossuficiência e independência, mas também pela sua ousadia de visionário —, Nemo é um aventureiro aburguesado. Busca aventura com a coragem desbravadora de um pirata ou um conquistador, porém age em prol da *civilização*. Suas principais armas e ferramentas são a ciência e a razão e sua moral segue uma ética da ordem, da produtividade e da utilidade.

Os *alters* dos meninos que cultivavam grandes ambições eram os meninos tíbios, irresolutos. O tíbio, como afirmava Alexandre Chiarini, era aquele indiferente a “tudo quanto

¹⁵¹ ANDRADE, Oswald de. **Um homem sem profissão** (sob as ordens de mamãe). São Paulo: Ed. Globo, 2012, p. 65-66.

¹⁵² POMPEIA, op. cit., p. 165.

¹⁵³ Para uma consideração do lugar das ficções na formação da virilidade da juventude burguesa na França, ver: VENAYRE, Sylvain. **La Gloire de l'aventure: genèse d'une mystique moderne 1850-1940**. Paris: Aubier, 2002; VENAYRE, op. cit. (2013). Sobre o papel pedagógico de Verne na imaginação do próprio Brasil pela juventude brasileira, ver: LEÃO, Adréa Borges. Vamos ao Brasil com Jules Verne? Processos editoriais e civilização nas Voyages Extraordinaires. **Revista Sociedade e Estado**, v. 27, n. 3, set./dez., 2012.

é nobre, santo e elevado” e que, por isso, tornava-se frouxo e desleixado em seus deveres. Materialista, imediatista, entediado, o tívio era um homem emasculado, pois sem um ideal, sem uma grande aspiração, faltava-lhe o brio da virilidade moral que deveria galvanizar o *homem de bem*:

O tívio não tem os surtos elevados que honram a dignidade humana, e contenta-se em permanecer em profunda apathia de sentimentos.

É fraco de espirito, porque a ausência de ideais lhe tira a coragem para a conquista da Virtude, e si, por acaso, lhe assomar à mente, alguma bela idéa, faltar-lhe-á o entusiasmo para faze-la triumphar na vida pratica.

E assim o *tívio*, na mórbida apathia das suas faculdades, vê cortado o caminho das grandes cousas, pois, sem o entusiasmo e o desassombro necessários, pouco ou nada póde o homem fazer na vida, cahindo facilmente ao primeiro embate da adversidade.¹⁵⁴

Sem o entusiasmo pelo heroísmo e pela grandeza do “que é elevado” — como a crença no *progresso*, no poder redentor da Ciência e da Razão ou na busca por ser útil à nação ou à humanidade — era impossível a formação de um *caráter* másculo aos moldes do *homem de bem*. Faltava-lhe uma aspiração grandiloquente, que era responsável por impulsionar o menino, o rapaz e o homem a moldarem a si mesmos e a mobilizarem suas energias em prol dos objetivos sociais que lhe eram normatizados. O que faltava aos homens “tívios” e aos que tinham “dúvidas” era a *illusio* burguesa: o investimento e a crença na validade e na importância desse jogo social.

Concomitante ao empenho na produção da identidade masculina e da própria virilidade em torno do trabalho, constituía-se também a classificação daqueles que desertavam ou ignoravam essa ordem social. A falta de ambição, por exemplo, era um traço associado com os *alters* da *civilização* europeia. Em *O Caráter*, Samuel Smiles argumenta que “nunca se encontra a verdadeira felicidade no torpor das faculdades, mas sim na sua acção e no

¹⁵⁴ CHIARINI, Alexandre. **Compendio de Instrução Moral e Civica** (segundo o programma do Collegio “Pedro II”). São Paulo: Ed. Limitada, 1927, p. 122.

emprego delas”¹⁵⁵. Como contraexemplo a seus leitores, menciona a inferioridade cultural dos hindus, que consideram a “inacção como o estado mais perfeito”, chegando a “descrever o Ser Supremo como *O Immovei*”¹⁵⁶. A impetuosidade do homem europeu e a sua dedicação integral à atividade produtiva e útil era autoconsagrada como uma marca racial e cultural distintiva de sua *civilização* elevada, que, pelo trabalho, levava suas nações ao *progresso*. Por extensão, os indivíduos de raças e culturas que não partilhavam destes valores eram considerados indolentes, preguiçosos e, pelo espírito acomodado de seus homens, estavam condenados ao atraso. O homem branco era também entronizado pelo ritmo de suas atividades: tenaz, persistente, constante, aspirando a mesma capacidade criativa de uma máquina.¹⁵⁷

Estar satisfeito, no sentido de desmobilizar a ambição da conquista ou da criação útil, seria um caminho para a decadência dos homens e de suas nações. Na interpretação de Smiles, o Império Espanhol teria declinado pelo enfraquecimento do ímpeto de seu povo, que se tornara indolente e ocioso pelo excesso de riqueza obtida das colônias americanas¹⁵⁸. Augusto Emílio Zaluar mobilizava, no Brasil, um raciocínio semelhante para explicar a inferioridade dos indígenas da Província de São Paulo, caracterizando-os como uma população acomodada com sua condição e sem ambição de *progresso* e de autoaperfeiçoamento. Caracterizando-os como “apathicos” e sem interesse por nada a não ser aquilo diretamente relacionado “imediatamente á sua conservação physica e seus poucos prazeres grosseiros”, o indígena seria um homem sem ambição:

O homem no estado selvático, e mormente o Indio bravo do Brasil, deve ser preguiçoso; porque tem poucas ou nenhuma necessidades; porque, sendo vagabundo, na sua mão está arrancar-se sucessivamente em terrenos abundantes de caça e de pesca, ou ainda mesmo de fructos silvestres e espontâneos; porque, vivendo todo o dia exposto ao tempo, não precisa de casas e vestidos commodos, nem dos melindres do

¹⁵⁵ SMILES, Samuel. **O Character**. trad. D. Amelia Pereira. Coleção Biblioteca Científica. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d.,p. 116.

¹⁵⁶ SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878, p. 97.

¹⁵⁷ Ver VIDAL, op. cit., p. 90-104.

¹⁵⁸ SMILES, Samuel. **O Dever**. Coleção Biblioteca Científica. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d, p.84.

luxo; porque, finalmente, não tem ideia de propriedade nem desejos de distinções e vaidades sociais, que são as molas poderosas que põem em actividade ao homem civilizado.¹⁵⁹

Aquilo que os próprios indígenas, assim como os hindus e até mesmo a nobreza espanhola, poderiam entender como satisfação, pela perspectiva dos *homens de bem* era entendido como acomodação, preguiça e alienação do verdadeiro destino humano na Terra: o *progresso* e a *civilização*. Como expôs Alexandre Chiarini em seu *Compendio de instrução moral e cívica*:

O homem não foi lançado sobre a terra para materializar-se no gozo de todos os prazeres e, depois de passar, impune, pelos tremedades do vício, voltar ao nada donde sahiu.

Está incubido de uma nobre missão da qual a de realizar os destinos da Humanidade, o que só poderia conseguir, aperfeiçoando-se moralmente a si mesmo, e concorrer para o aperfeiçoamento de seus companheiros de existência.

“Desenvolver a perfeição do universo” é a verdadeira regra moral que deve dirigir nossas ações.¹⁶⁰

No fundo, a principal marca de distinção dos alters da masculinidade branca era a negação desses homens em participar do jogo social que era normatizado pela cultura burguesa. Comportamento que, pelo olhar racista das elites brancas, não era atribuído à alteridade cultural, mas à ignorância e à falta de virilidade.

A *civilização* demandava uma nova organização rítmica e um engajamento constante na produtividade. O homem que não trabalhava, que não aderiu ao ritmo fervoroso das grandes cidades, começava a ser classificado como um homem aberrante, desvirtuado. Se desde o período colonial até as primeiras décadas do século XIX, o corpo do homem branco e rico desmobilizado em uma rede ou carregado pelas cidades em liteiras era tido como um sinal de distinção da classe senhoril, a partir da segunda metade do século XIX, ao menos nos

¹⁵⁹ ZALUAR, Augusto Emilio. **Peregrinação pela Província de São Paulo 1860-1861**. Rio de Janeiro: Livraria de B.L. Garnier, 1862, p. 332.

¹⁶⁰ CHIARINI, op. cit., p. 15.

ambientes urbanos, essa aversão ao trabalho e à atividade corporal começava a ser marcada como preguiça e indolência. O descanso ainda era uma forma de prestígio, mas apenas no momento certo: nas tardes de domingo ou à noite, após uma longa jornada de trabalho.¹⁶¹

O corpo parado e relaxado passava a ser percebido como indicador de frouxidão, de uma virilidade débil e uma *vontade* amortizada. Assim, os pais se preocupavam quando os pequenos, aos seus olhos, pareciam inativos e preguiçosos. Em 1916, a *Revista Feminina* publicou a matéria “A preguiça é uma doença?”, destinada às “inúmeras mães de família e professoras” leitoras da revista.¹⁶² Nela, o médico Dr. Garcia Fontes constrói um ideal de “natureza” para o espírito infantil, que seria caracterizado pela “vivacidade, mobilidade e curiosidade”. Os “meninos lerdos”, por sua vez, seriam os afetados por doenças físicas, psíquicas ou mentais:

Em qualquer agremiação escolar há sempre duas classes de meninos: A dos expertos e a dos preguiçosos. A primeira que é constituída de sãos, tem todos os premios e todos os louvores; a segunda, constituída em grande número, de doentes, necessitada, portanto de um tratamento, recebe os castigos e as censuras.

O mesmo dá-se mais tarde na sociedade; vencem os sãos e os pobres doentes, que trazem do berço energia relaxada e frouxa; ficam à margem, como mandriões relapsos; quando não se lhes dá hospedagem nos estabelecimentos de repressão criminal¹⁶³.

¹⁶¹ Sobre o lugar simbólico e de gênero dos móveis domésticos de descanso, ver: CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e conforto nas práticas cotidianas do sentar-se: São Paulo (Brasil), 1870-1920. IV Colóquio de Artes Decorativas da ESAD /FRESS O Móvel e o seu Espaço*, Escola Superior de Artes Decorativas, Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, Lisboa, 25-27 out. 2012; CARVALHO, op. cit. (2008).

¹⁶² Publicada pela Empresa Feminina Brasileira, a *Revista Feminina* foi uma revista mensal direcionada ao público feminino de classe média e alta. Circulou entre 1914 e 1936, com uma tiragem média de 15.000 a 20.000 exemplares, com enfoque em temáticas que eram consideradas femininas, como a moda e o universo doméstico, aliando conteúdos recreativos, morais e prescritivos com propagandas da mais variada sorte. Fundada e dirigida por Virgilina de Souza Salles, a Revista foi escrita e editada por homens e mulheres. Após sua morte em 1918, passou às mãos de seu marido João Salles, que dirigiu a empreitada até 1936. Cf. BONADIO, Maria Claudia. **Moda e sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920**. São Paulo: Ed. Senac, 2007; MANCILHA, Virgínia N. M. Nas páginas da Revista Feminina: a imprensa como espaço de visibilidade e atuação feminina (1920-1930). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, 2011. GARCIA FONTES. A preguiça é uma doença?. *Revista Feminina*. São Paulo, jan. 1916, p. 10.

¹⁶³ Ibidem.

Embora a linguagem de Garcia Rosa fosse biologizante e patologizante, e, portanto, distinta da gramática empregada nos livros de formação que temos em vista, a classificação que operavam era a mesma: a lentidão era um problema e a atividade uma virtude. O médico convocava as mães a olharem seus filhos por meio de uma ótica disciplinar e a “curarem” sua preguiça através de medidas educativas ou, em casos mais graves, de procedimentos médicos. No lar, o médico prescrevia que modelassem os meninos para a disciplina e o amor ao trabalho, que deveriam ser estimulados pela ação afetuosa e pelo manejo de recompensas. Nessa tarefa, a mãe poderia valer-se também de brinquedos e brincadeiras de repertório masculino, que teriam como objetivo direcionar as identidades e os prazeres infantis para o universo do trabalho, assim como familiarizá-los com seus códigos e práticas. Para os casos mais drásticos, sugeria um tratamento de “cura de reeducação do esforço, por meio de gradações lentas de trabalho, acompanhadas de vasta oxigenação do sangue, duchas, massagens e sport – que têm dado resultados espantosos, reabilitando indivíduos considerados como preguiçosos”¹⁶⁴.

Na sociabilidade branca das classes abastadas e urbanas, o homem que não se convertia à *illusio* burguesa era compreendido como um desertor da *civilização* e da *humanidade*. Negando-se a alistar sua vida nas fileiras do *progresso*, os homens que menosprezavam os prazeres da produção e da utilidade, que se recusavam à disciplina do trabalho, que negavam a conceber suas vidas como carreiras e que usufruíam livremente da sensualidade e dos prazeres imediatos da carne, da pândega e da bebida eram uma ameaça simbólica e efetiva à ordem social que os educadores da nação ambicionavam construir através do modelo do *homem de bem*.

Em *Casa de Pensão*, Aluísio Azevedo coloca um desses indivíduos desviantes sobre a sua mesa de dissecação naturalista. Assumindo uma perspectiva biográfica, o autor parte do mesmo pressuposto que Werneck, Jaguaribe e Smiles: a infância era o berço do *caráter* e, portanto, para compreender as inclinações de um homem adulto, era necessário reconectar o seu presente com seu passado, fazer uma arqueologia de seus primeiros tempos em busca dos eventos marcantes que teriam moldado a sua forma de proceder. Através de seu

¹⁶⁴ Ibidem.

protagonista, Amâncio, o escritor associa a gênese do *caráter* do homem desviante com o cinismo e a falta de crença na *humanidade* — leia-se, a descrença no jogo social burguês —, gestados no ambiente doméstico de sua infância. Nascido no Maranhão e criado ainda sob a ordem patriarcal tradicional, Amâncio apanhou tanto do pai e do professor de primeiras letras que foi tornando-se um menino “medroso e descarado”:

 Todavia, esses pequenos episodios da infancia, tão insignificantes na apparencia, decretaram a direção que devia tomar o character de Amancio. Desde logo habituou-se a fazer uma falsa idéa de seus semelhantes; julgou os homens por seu pae, seu professor e seus condiscipulos. – E abominou-os. Principiou a aborrecel-os secretamente, por uma fatalidade de ressentimento; principiou a desconfiar de todos, a prevenir-se contra tudo, a disfarçar, a fingir que era o que exigiam brutalmente que elle fosse.¹⁶⁵

A aversão à violência paterna fez de Amâncio um cínico que em casa, para evitar os berros e pancadas, se conformava, superficialmente, ao *habitus* que o pai lhe impunha:

 À meza devia ter a sisudez de um homem [...] E Amancio, com medo da bordoadada, fazia-se grave, e cada vez ia-se tornando mais hypocrita e reservado. Sabia affectar seriedade, quando tinha vontade de rir; sabia mostrar-se alegre, quando estava triste; calar-se, tendo alguma recriminação a fazer e, na igreja, sabia fingir que rezava e sabia aguentar por mais de uma hora a mascara de devoto.¹⁶⁶

Se fazia tão dócil e ingênuo, que a mãe ciosa clamava: “– É uma menina! [...] Amancinho tem já dez annos e conserva a candura de um anjo!”¹⁶⁷. Assim como Werneck e Jaguaribe, Azevedo retratava o patriarcalismo luso-brasileiro como um padrão educativo emasculante. Os pais “ignorantes, viciados pelos costumes barbaros do Brazil, atrophiados pelo habito de lidar com escravos”, além de confundirem, em casa, terror com respeito, entregavam os filhos a professores igualmente tirânicos, em geral homens, que seriam os únicos capazes de

¹⁶⁵ AZEVEDO, op. cit. (1884), p. 20.

¹⁶⁶ Ibidem, p. 20-21.

¹⁶⁷ Ibidem, p. 21.

“endireitar os filhos”.¹⁶⁸ Pela tirania do professor, Amâncio se tornou um menino que “não tinha em si a menor confiança” nas matérias escolares e que se desinteressava de toda a atividade intelectual.¹⁶⁹

Como polo oposto ao pai autoritário, a mãe de Amâncio é retratada como excessivamente protetora e apegada ao filho e, assim, também uma fonte de desvirtuamento do menino, por estimular sua falta de virilidade e, sobretudo, por estar sempre disponível para agradar os seus caprichos. Porém, o principal problema para Azevedo era a repressão da individualidade pelo medo. Dessa maneira, Amâncio não internalizava os valores e as disposições que lhe eram transmitidos, pelo contrário, os percebia e vivenciava como imposições egodistônicas, que só eram mobilizadas instrumentalmente na presença de autoridades. O medo moldava apenas o domínio do visível, porém deixava o invisível intocado e, ali, se formava um *caráter* cético à ordem dominante, revoltado com a autoridade paterna e vulnerável para as seduções do mundo.¹⁷⁰

Com catorze anos, Amâncio iniciou o secundário no Liceu e tomando certa independência, com auxílio da mãe, o rapaz se esgueirava pelas frestas da autoridade paterna para sair à noite sozinho, iniciando-se na sexualidade, nas aventurosas bebedeiras e nas inebriações da literatura romântica, voltando às vezes ao amanhecer e atirando-se a escrever “poesias byronianas” e “coisas no genero de Alvarez de Azevedo, cantar orgias, extravagancias, delirios”. Com seu cinismo, logo que pôde, requisitou ao pai para mudar-se

¹⁶⁸ É interessante notar que, na segunda metade do XIX, muitas famílias abastadas que buscavam uma educação mais aburguesada para seus filhos, começaram a contratar mulheres como preceptoras particulares.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 17 e 23.

¹⁷⁰ O próprio Amâncio reflete: “E, enquanto sorvia compassadamente o café, recapitulava na memoria todo o seu passado de terror e submissão: — Antes de entrar para a escola de primeiras lettras, nunca lhe deixaram transpor a porta da rua ou a porta do quintal; os outros meninos de sua idade tinham licença para empinar papagaios, brincar entrudo, queimar fogos pelo tempo de S. Pedro;— elle não! depois cahio nas garras do professor, — aquella fera! Nunca sahia de casa, sem levar atraz de si um escravo para o vigiar, para impedil-o de fazer trayessuras e obrigal-o a caminhar com modo, direito, serio como um homem. Afinal escapou ao professor, sim! mas cotinuou sob a dura vigilância do pae, do tio e das tias; todos o rondavam; todos.o traziam ‘n’um cortado’. Só na fazenda da avó conseguia desfructar alguma liberdade, mas essa mesma não era completa e, ai! durava tão pouco tempo !...”

Agora comprehendia a razão pela qual, no mez de ferias que passava ahi, se tornava tão travesso e tão maligno,— é que naturalmente queria desferrar o resto do anno, que levava coagido em casa do pae. De sua infância eram aquelles mezes privilegiados a cousa unica que lhe merecia verdadeira saudade; ao mais estrangulavam tristes reminiscencias de castigos, de sustos, apoquentações de todo o gênero.” Ibidem, p. 65 (grifo do autor).

para a Corte para que pudesse cursar uma faculdade e começar uma carreira para adquirir “uma posição na sociedade”¹⁷¹. O pai o mandou de imediato, sem saber que, no íntimo, o rapaz não queria estudar, mas apenas se aventurar por aquele Rio de Janeiro que sonhava ser a Paris de Lamartine e Musset. A mãe lhe garantia que, mesmo que o pai cortasse seus recursos, bastava-lhe escrever-lhe duas linhas que lhe mandaria o que precisasse¹⁷². E assim, desamarrado de qualquer vínculo com a autoridade patriarcal, foi para o Rio de Janeiro, com o aflorado “espírito sensual e mesquinho do vaidoso” que se inebriava em fantasias “até deixal-o mergulhado na apathia dos entes sem ideaes e sem aspirações”. Levando uma vida focada em seu próprio corpo, sobretudo, no prazer das conquistas amorosas, Amâncio levava uma “inútil existencia”¹⁷³.

Sem aspirações e ideais — que constituíram as balizas de uma *força de vontade*, responsável por instituir o desejo de autodisciplina e o hábito de autovigilância —, Amâncio se deixa levar pela vida boêmia e pelas suas inclinações sexuais. Tornando-se “vulnerável” à sedução feminina — era ainda corrente a perspectiva misógina e cristã de culpabilizar as mulheres como agentes corruptoras dos homens e fontes do pecado —, ele vive um arco de decadência na capital, assim como ocorre com outras personagens de Azevedo, a exemplo de Jerônimo, que em *O Cortiço* tem seu *caráter* corrompido por “deixar-se” seduzir por uma mulher negra e pela vida “desregrada” de um cortiço.

Nos romances de Azevedo, bem como nos livros de Smiles e Paul Janet, a sexualidade aparece como um elemento desestabilizador do *caráter* masculino, como uma força irracional — uma paixão, um impulso natural — que poderia levar o homem à ruína material, moral e espiritual. Seduzido pelo intenso prazer, poderia entregar-se à volúpia e ao sensualismo excessivo, afastando-se de uma vida disciplinada, dedicada ao trabalho e ao *progresso* da nação. Como veremos adiante, a domesticidade foi largamente mobilizada nos livros de formação masculina como um instrumento para disciplinar, ordenar e administrar os prazeres e as paixões do *homem de bem*. Como recomendava João Coqueiro, amigo casado de Amâncio e polo antagônico à sua índole boêmia em *Casa de Pensão*, “não ha

¹⁷¹ Ibidem, p. 28 e 37.

¹⁷² Ibidem, p. 32.

¹⁷³ Ibidem, p. 33 e 144.

melhor vidinha” do que a rotina regular do homem casado, “conserva-se a saude, desenvolve-se o espirito e trabalha-se mais...O methodo, homem! O methodo é o segredo da existencia!”¹⁷⁴.

Passado um longo tempo, e muitas peripécias, o pai de Amâncio, subitamente, envia-lhe uma carta carinhosa. O rapaz fica extremamente surpreso já com o princípio da carta — “Meu filho” —, pois o pai nunca o havia tratado assim, afetivamente. Porém, o narrador comenta que a atitude amorosa do pai havia chegado tarde demais. O pai não lhe havia aberto “o coração, quando este se achava ainda brando e maleavel, para depor ahi as sementes de ternura, que desabrochariam mais tarde produzindo os bons sentimentos do homem.”:

Como exigir de Amancio que tivesse agora as virtudes que, em estação propria, lhe não plantaram na alma? Como exigir-lhe dedicação, heroismo, coragem, energia, entusiasmo e honra, si de nenhuma d'essas coisas lhe inocularam em tempo o germen necessário ?

Elle, coitado, havia fatalmente de ser máo, covarde e traiçoeiro. Na ramificação de seu character a sensualidade era o galho unico desenvolvido e enfolhado, porque de todos só esse podia crescer e medrar sem auxílios exteriores.

Vasconcellos, por conseguinte, chegou tarde; encontrou já enrijado e duro o coração do filho.

E, no entanto, toda a sua carta vinha afinada por aquellas primeiras palavras. Agora, de longe, fazia o que, por inepecia, nunca fizera de perto, — dirigia-se amorosamente ao rapaz. Contava-lhe novidades da província, commentava certos factos escandalosos, falava sem reservas de umas tantas coisas, das quaes até ahi nunca se permittira tratar na presença de Amancio.

[...] Tudo isso vinha tarde. Muitas coisas, à semilhança do leite materno, só nos aproveitam até certa época. Depois, em vez de fazerem bem, fazem mal.

As palavras de Vanconcellos que, applicadas no tempo competente, dariam optimos resultados em beneficio do filho, eram agora para este um simples pretexto de galhofa. Amancio sorriu da aparente transformação de seu pae.¹⁷⁵

¹⁷⁴ Ibidem, p. 51.

¹⁷⁵ AZEVEDO, op. cit. (1884), p. 174-175.

Porém, mesmo cético, Amâncio se comoveu e, pela primeira vez, sentiu que o pai o amava. Para Azevedo, essa era uma experiência comum “aos filhos educados á portugueza, cujos pães como que sentem vexame de lhes patentear o seu amor”. E, na sequência, faz uma aguda crítica ao autocontrole emocional imposto pela cultura patriarcal luso-brasileira, que em sua aspiração de produzir medo e respeito nos filhos, impedia os progenitores de expressarem seus afetos e sentimentos paternais:

Pobres pães! Quantas vezes não estarão morrendo por afagar o filho, e, todavia, em'vez de lhe darem um sorriso carinhoso, um beijo, uma palavra de doçura, fingem-se indiferentes e affastam-se para que o pequeno não lhes perceba a commoção.

Néscios! Julgam que com isso estabelecem uma corrente de respeito entre elles e os filhos; julgam que isso é indispensável para o bom êxito da educação; quando toda essa anomalia só pode servir para lhes roubar a confiança e a estima dos entes predestinados â dedicar- lhes todas as primicias de sua ternura.

Os pães d'essa espécie levam a tal exagero a sua convencional rispidez, que, si acham graça em alguma coisa feita pelo filho, suffocam o riso, medrosos de que qualquer expansão acarrete uma quebra ao respeito filial.

Foi tudo isso, ao justo, que se deu com Vasconcellos a respeito de Amancio. Amou-o, mas com disfarce; **fingio-se director inflexível, quando era simplesmente um pae como qualquer outro.** Muita vez chorou de ternura, mas sempre às escondidas; muita vez sentio o coração saltar para o filho, mas sempre se conteve, receioso de cahir no ridiculo.

E não se lembrava, o imprudente, de que o amor de pae é bem contrario ao amor de filho; não se lembrava de que aquelle nasce e subsiste por si e que este precisa ser criado; que aquelle é um principio e que este é uma consequencia; que um vem de dentro para fóra e que o outro vem de fora para dentro. Não se lembrava, o infeliz, de que o primeiro existirá fatalmente, por uma lei indefectível da natureza; ao passo que o segundo só apparecerá si lhe derem elementos de vida.

Foi d'esses elementos que Amancio nunca dispôs para poder amar o pae.¹⁷⁶

¹⁷⁶ Ibidem, p. 175-176 (grifos do autor).

Na narrativa de Azevedo, a tirania patriarcal aparece como um entrave à formação de uma confiança do menino e do rapaz no mundo social, criando um terreno fértil para as dúvidas, tal qual formuladas por Paul Janet¹⁷⁷, ou para o niilismo e o pessimismo característicos de uma fração da cultura romântica de meados do século XIX, que se opunha frontalmente à mística do *progresso* e ao domínio da razão na vida individual e social e, por consequência, se opunha ao exercício do poder normativo pelas instituições científicas, políticas e religiosas.

Diante de um novo panorama sociocultural, no qual espriava-se o pensamento secular e intensificava-se o processo moderno de individuação dos sujeitos, Azevedo, assim como Jaguaribe e Werneck, criticava o modelo educacional do “endireitamento” pela sua ineficácia em dominar a interioridade dos homens. Era necessário adotar uma outra perspectiva, associada com a ideia de modelagem. Como sugeria Jaguaribe, os filhos deveriam ser vistos “como uma escultura de barro”. Ao invés de uma rocha a ser lapidada a golpes fortes e contundentes, os pais deveriam ser zelosos com seus rebentos, encarando-os como uma argila a ser moldada cuidadosamente com as mãos e que, pela ação paciente e constante, seria capaz de adquirir qualquer forma.

Por essa perspectiva educacional, o Estado, as elites e os pais acreditavam que poderiam ter maior controle no direcionamento dos anseios dos homens, fazendo-os desde cedo se acostumarem com um determinado regime de prazeres, desejos, sonhos e aspirações para si. A introdução das atividades produtivas na infância, que vimos em Werneck, que produziria no menino o orgulho da produção e a alegria de ver-se capaz de criar e ser útil, era um exemplo dessa modelagem, que visava constituir não apenas um hábito, mas, sobretudo, os primeiros elementos de uma crença: a de que o trabalho seria a única forma possível de se obter efetivamente uma vida feliz.

Quando maior, nas páginas de Smiles ou Paul Janet, o rapaz aprenderia que as promessas de uma vida liberta e entregue aos prazeres sensuais e imediatos — a vida professada por aqueles “pessimistas” que dizem que “o trabalho é inimigo do homem” — era uma promessa

¹⁷⁷ Ver Parte I desta tese.

vazia, que levaria ao tédio, à perdição e à melancolia.¹⁷⁸ Citando Elme-Marie Caro, autor de *Le pessimisme au XIXe siècle: Leopardi, Schopenhauer, Hartman* (1878), Smiles procurava induzir seu leitor a compreender o trabalho como uma espécie de jornada de aventura, com etapas de provação viril e peripécias audaciosas, cuja recompensa seria a conquista de uma vida estável e temperada:

Um instinto irresistível impelle o homem para a acção, seguida d'um prazer inesperado, ou d'uma anelada ventura, ou do cumprimento d'um dever imposto; Este instinto irresistível é o próprio instinto da vida; explica-a e resume-a. Mede o valor da existência ao passo que desenvolve em nós a sensação d'essa mesma existência... Existem alegrias puras, que consistem n'uma longa lucta frente a frente com os obstáculos, alcançando-se por fim um triumpho; n'uma energia que primeiro se domina a si própria e depois domina a vida, ora subjugando as más inclinações dos homens, ora vencendo as dificuldades que a sciencia oferece, ou as resistências que a arte apresenta; no trabalho, finalmente, o verdadeiro amigo e consolador do homem, que o eleva acima de todas as fraquezas, o purifica e enobrece, o livra das tentações vulgares e o ajuda a levar a sua cruz nos dias de amargura, e perante o qual cedem por algum tempo as dôres mais fundas, depois de vencido o aborrecimento ou debelada a repugnância que o trabalho póde inspirar a principio. **O trabalho é por si próprio, afóra os seus resultados, um dos mais vivos prazeres. Têl-o inimigo, á maneira dos pessimistas, é desconhecer a essência da felicidade.** Para o homem laborioso, esta consiste em ver prosperar o trabalho da sua mão ou de seu pensamento, **em identificar-se com elle**, como dizia Aristoteles (Etic. IV, 7), quer seja o lavrador na sua colheita, o architecto no seu edificio, o esculptor na sua estatua, — quer seja n'um poema ou n'um livro, pouco importa.

A alegria de produzir compensa largamente a dôr de gerar, e **assim como a lucta consciente contra obstáculos exteriores é a primeira alegria da vida que desperta**, assim o aperfeiçoamento do trabalho é o mais intenso dos prazeres: **desenvolve em nós o pleno sentimento da nossa personalidade**, confirma o nosso triumpho sobre a

¹⁷⁸ SMILES, Samuel. **O Dever**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1899, p. 44.

natureza, embora momentâneo e relativo. Tal é o verdadeiro carácter do esforço ou da vontade em ação.¹⁷⁹

Nesse trecho, para além da associação do trabalho com a gramática épica do *progresso* — a “longa lucta frente a frente”, a busca pelo “triumpho sobre a natureza” —, podemos observar outras três camadas de significação que emergiam no período e que se tornavam constitutivas da formação masculina: identidade, felicidade e domínio de si. Como vimos no primeiro capítulo, autores como Samuel Smiles e Paul Janet escreveram seus livros a partir da perspectiva moderna da individuação, que também será adotada, nas últimas décadas do século XIX, por autores brasileiros, como Werneck, Jaguaribe e João Diogo Esteves. Dessa maneira, diferentemente de Pedro de Oliveira, para quem a religiosidade católica e o patriarcalismo luso-brasileiro ainda pareciam fontes inequívocas para a formação moral dos homens, esses autores compreendiam que seus leitores passavam por um período de intensas transformações, tanto pela ampla difusão de novas correntes de pensamento, como por novas experiências de vida nas grandes cidades. Diante da ascensão de correntes que desafiavam a legitimidade da religiosidade e da autoridade patriarcal — como o romantismo e o liberalismo, mas também o racionalismo e o cientificismo — e que instituíam, gradativamente, uma perspectiva desencantada e individuada para a existência humana, sobretudo masculina, entendiam que era necessário constituir novas estratégias de convencimento e conversão às normativas.

Para tanto, os autores costumavam dialogar com os sentimentos de deslocamento, medo, confusão, ambiguidade, melancolia, tédio e vazio existencial que caracterizavam o processo de individuação e o desenraizamento da vida urbana moderna, bem como a excitante, mas também angustiante, tarefa de invenção de si e de encontrar seu lugar no mundo. Ao tratar dessa identificação do homem com a sua produção, Smiles procurava apresentar o trabalho e a utilidade para uma “missão maior” não apenas como um *dever* social, mas também como uma atividade de estabilização ontológica, que permitiria a

¹⁷⁹ CARO, E-M. **Le pessimisme...** apud SMILES, op. cit. (1899), p. 44-45 (grifos do autor).

descoberta de si e o encontro com a felicidade, pois o trabalho desenvolveria “em nós o pleno sentimento da nossa personalidade”.

Á medida que declinava o padrão patriarcal da imposição vertical, no qual seria prerrogativa do pai decidir o ofício a ser seguido pelo filho de acordo com os interesses da coletividade familiar, a *vocação* emergia como um novo parâmetro para a escolha da atividade laboral. Dada a crescente articulação entre a identidade masculina e sua produção/utilidade, a busca pela *vocação* era uma das maneiras pelas quais os indivíduos buscavam a si mesmos. Em 1881, o *Archivo das Famílias*, publicou um artigo intitulado “Educação da vocação”, no qual podemos ver como a noção de *vocação* condensava o discurso religioso e secular, mantendo uma certa proximidade com o *calling* protestante (FIG. 30-31):

Origem de todo o possível contentamento humano, fonte dos terrenos bem-aventurados, **o trabalho** nas suas três magnificas manifestações – sciencia, indústria e belas-artes, **converte o goso em ordem, o que aliás só fora acaso e penas**; converte em útil e prestadio, pobrezas e desconsolos; cria o bello e o esplendido *fiat lux* da imaginação aquecida por uma alma onde brilham reflexos da própria divindade.

Deus fez do trabalho condição inalienável do ser feliz; quem ousará negar que esta mesma lei benéfica é para todos e que para ninguém absolutamente traz o trabalho aflição e desgraça?...

Em todos poz elle uma certa e determinada vocação. Contrarial-a é contrariar a vontade suprema.

Temer atrocidades do cordeiro, esperar mansidão de tigres [...] tamanho desconcerto fora esse, como exigir que o trabalho fluísse, fructificasse e dêsse felicidade, onde a vocação errou o caminho.¹⁸⁰

Ao encontrar a sua *vocação*, o homem poderia desfrutar plenamente desse prazer específico de criar, esse “esplendido *fiat lux*”, no qual “brilham os reflexos da própria divindade”. Poderia encontrar sua identidade e sentido de vida na sua produção, como o “arquiteto com seu edifício, o esculptor na sua estátua”. Trata-se de uma romantização do ato de criar e de produzir, também presente em Smiles, que mesmo reconhecendo as

¹⁸⁰ EDUCAÇÃO da vocação. *Archivo das Famílias*, 10 de dezembro de 1881, n. 10, p. 1-2.

dificuldades inerentes ao trabalho no regime capitalista industrial, sobretudo no que se referia à sua intensidade, insistia que “a alegria de produzir compensa largamente a dôr de gerar”. Por essa perspectiva romantizada, o homem que não encontrasse sua *vocação* estaria fadado à uma existência diminuta, entediante e insignificante.

A busca pela *vocação* se tornava uma temática relevante na sociedade e no artigo do *Archivo das Famílias*, o autor também tratava da importância de desenvolver um olhar específico sobre o outro e sobre si mesmo para encontrá-la. Os pais, por exemplo, não deviam deixar-se enganar pela inteligência precoce dos meninos, tampouco por certas inclinações genéricas da masculinidade — “raro é o menino que não gosta de brincar com armas e petrechos militares; mas ninguém concluirá d’ahi que estão todos destinados para Napoleões e Osórios”. Com interesse instrumental na observação do filho, deveriam procurar aquilo que seria único e potente nele, e que o permitiria ser bem-sucedido “ao ser chamado para contribuir com o seu capital e aptidão em prol da humanidade, da família e de si mesmo”. Os mestres deveriam perscrutar os “íntimos da alma e o espírito da geração nova” como “pesquisadores das minas do porvir”.

Américo Werneck reprimia os pais que ainda ansiavam por “traçar de ante-mão e de um modo irrevogável a carreira dos filhos”, assumindo que a escolha da profissão dependeria do “desenvolvimento da razão e do gosto que tal ou qual disciplina desperta” no menino. Uma obrigação que contrariasse a *vocação* formaria um homem tíbio, “que dificilmente luta pela existência, e não encontra ao menos o goso espiritual a consolal-o na ocasião dos revezes”¹⁸¹. A *vocação* respeitada produziria o “ente útil, estimulado pela seducção da glória” e, se desprezada, contribuiria “para o desanimo, para um soffrimento pungente, que aniquilla as organizações mais bem aparelhadas e perde-as para o progresso social”. Sendo cada homem, com cada *vocação*, uma “faculdade creadora, livremente exercida”, que “impulsiona para a frente a civilização do mundo; cada vocação contrariada é uma força a menos no progresso mundial”¹⁸². O olhar individualizante para a *vocação*, nesse sentido, era instrumental: tratava-se de um reconhecimento de que, por meio dessa concessão ao

¹⁸¹ WERNECK, op. cit., p. 242.

¹⁸² WERNECK, op. cit., p. 243.

indivíduo, o seu trabalho e sua utilidade para a ordem e o *progresso* social seriam melhor aproveitados.

Recebendo esse olhar dos adultos e desde cedo entrando em contato com a concepção de que a *vocação* seria um atributo definitivo na construção de sua vida — entendida como carreira e biografia —, os próprios meninos também começavam a treinar-se nessa busca interior, ansiosos por descobrirem qual seria o seu talento, em torno do qual construiriam sua identidade e se lançariam a fantasiar suas fabulosas conquistas no futuro.

A busca de si através da busca de uma *vocação* é uma constante entre os alunos d’*O Ateneu* de Raul Pompeia. Desde o ingresso no colégio interno, Sérgio, protagonista da obra, se mostrava ansioso por descobrir qual seria a sua *vocação* e o sentido da jornada que se iniciava naquela nova fase de sua vida. Parte de sua valoração dos colegas estava associada com a percepção de uma *vocação*. Admirava o Ribas, por exemplo, pela sua habilidade para o canto litúrgico. Ele era feio, franzino, mas “quando, na capella, mãos postas ao peito, de joelhos, voltava os olhos para o medalhão azul do tecto, que sentimento! que doloroso encanto! que piedade! um olhar penetrante, adorador, de enlevo, que subia, que furava o céu como a extrema agulha de um templo gothico!”¹⁸³. No “Grêmio Literário Amor ao Saber”, os rapazes treinavam, emulavam e provavam algumas *vocações* intelectuais: preparavam as peças retóricas a serem proferidas na tribuna do grêmio, onde competiam fervorosamente no debate de ideias, e trabalhavam em seu órgão impresso, para o qual não faltavam “poetas, jornalistas, polemistas, romancistas; criticos, folhetinistas”¹⁸⁴. Oswald de Andrade relata que, como muitos outros garotos, teve quando pequeno “sonhos de virtuose”, ambicionando ser um grande violinista. Porém foi rejeitado para a orquestrinha do ginásio, pois acharam que levava mais jeito para a viola, “um instrumento rombudo e sem graça nem lamentos”. Sem a possibilidade da glória, a música não lhe pareceu mais tão atraente.¹⁸⁵

Vocação, glória e autossatisfação se encontravam entremeadas na busca pela identidade masculina no trabalho. Para serem capazes de explorarem plenamente o seu potencial produtivo, os garotos precisavam ser persuadidos de que o árduo investimento em uma

¹⁸³ POMPEIA, op. cit., p. 93-94.

¹⁸⁴ Ibidem, p. 160.

¹⁸⁵ ANDRADE, op. cit., p. 76.

carreira, bem como a disciplina, a constância e o tempo repetitivo do trabalho ofereciam um caminho seguro para o bem-estar e a felicidade. Para tanto, desde pequenos, os meninos precisavam aprender a desfrutar de uma relação específica com o tempo, com o espaço e com as atividades produtivas. Para serem previdentes, disciplinados, para valorizarem a estabilidade, a permanência e a constância, precisavam aprender a gerir o tempo, projetar o tempo, administrar o tempo, entender a vida como uma evolução gradual e progressiva, empenhar-se por exercitar o olhar prospectivo e valorizar o esforço lento e persistente.

Werneck censurava os pais e mestres que tratavam atividades úteis e produtivas — como a leitura, a escrita e os estudos — como castigos. A seu ver, dessa maneira, os meninos desenvolveriam ojeriza àquilo que deveriam aprender a amar e desfrutar. Era preciso manejar essas atividades de forma “que a criança trabalhe por prazer e não por obrigação”, devendo “agir pelo estímulo e não pela força”¹⁸⁶. Por isso, como vimos acima, era preciso desenvolver o gosto pelos “prazeres uteis” nos meninos, que poderiam ser também produtivos em atividades cotidianas da casa. Diferentemente das meninas, que deveriam aprender as atividades domésticas para serem capazes de repeti-las no futuro; para os meninos, a casa deveria ser pensada como uma emulação do mundo externo e, por isso, o seu envolvimento em atividades domésticas era restrito àquelas que poderiam ser extrapoladas para a esfera pública. Por exemplo, ao trabalhar na horta, a mãe poderia fazer o menino emular uma atividade comercial e de agricultura e, com ela, instilar nele algumas noções básicas da ética do trabalho:

Mario possui também na horta um canteiro exclusivamente seo, que é uma verdadeira miscellanea. [...] Habituei-o a plantar as sementes das frutas que elle come, afim de criar amor a terra, sentir as emoções da colheita e **adquirir a noção do trabalho retribuído. Aproveitando a iniciativa dos antepassados**, que semearão e cultivarão as arvores do pomar, é seo dever renovar a riqueza do solo e **tornar-se útil às gerações futuras, augmentando o patrimonio da sociedade.**

¹⁸⁶ WERNECK, op. cit., p. 253.

De vez em quando elle me traz um feixe de legumes, uma rosa, um cravo, qualquer produto de seo canteiro, e eu satisfaço-lhe um inocente capricho, advertindo-o de que o fiz para recompensal-o de seo trabalho.

Elle ganha assim diariamente a noção de seo valor e a convicção de que nunca perde o tempo, quando o applica em distracções proveitosas.¹⁸⁷

Através da emulação da agricultura — fazendo o filho comer o que plantou — a mãe estaria inculcando nele a compreensão da temporalidade alongada do trabalho, que exigiria uma dedicação constante, rotineira, mas que, ao final, produziria a “emoção da colheita”, uma satisfação não apenas material, mas sobretudo de apreciar a sua criação, e a si mesmo através dela, orgulhando-se de sua capacidade produtiva.¹⁸⁸ A emulação da relação de trabalho remunerado visava mas reforçar o sentido de recompensa e inscrever na interioridade psíquica do menino a crença de que o trabalho seria um jogo que valeria a pena ser jogado.

Acostumando o menino a atribuir um valor de troca à sua produção — dando-lhe “um tanto por um prato de ervilhas, um tanto por um bouquet” das coisas que extraia de sua horta —, a mãe poderia também incitar-lhe o espírito empreendedor. Outra possibilidade apresentada por Werneck era a mãe presentear a criança com “algumas aves para iniciar a criação”, da qual “tú comprarás os ovos e os frangos, incitando-a a multiplicar o capital”. Dos rendimentos da venda, uma parte deveria ser alocada para despesas, colocadas em um “cofresinho e o resto a juros para a caixa economica”. Quando o saldo do cofre se esgotasse, a mãe não deveria “fornecer-lhe dinheiro para comprar gulodices e satisfazer caprichos inconvenientes”, de forma que o menino soubesse que “o capital representa realmente uma certa somma de sacrifícios” e fosse obrigado a compreender a importância da “aplicação ao trabalho” e “as vantagens da economia” e da “civilização da vontade”¹⁸⁹.

¹⁸⁷ WERNECK, op. cit., p. 190-191 (grifos do autor).

¹⁸⁸ A analogia da paciência do agricultor com a persistência demandada por outras atividades produtivas era corrente nos livros de Smiles. Em *O Character*, ele reproduz uma carta do romancista Walter Scott a seu filho Carlos, na qual o escritor procurava convencer o jovem de que “a ciência” seria tão impossível de se implantar “sem trabalho no espirito humano, como é impossível fazer o trigo n’um campo sem uso prévio do arado”. SMILES, Samuel. *O Character*. trad. D. Amelia Pereira. Coleção Biblioteca Scientifica. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d., p. 126.

¹⁸⁹ WERNECK, op. cit., p. 251-252.

Werneck também alertava as mães de que os meninos deveriam ser privados de qualquer contato com “jogos de azar”, como começavam a ser chamadas as formas de jogo em que a sorte era fator primordial para a vitória e nos quais estivessem envolvidas apostas. Os “jogos de azae” eram classificados em oposição aos “jogos honestos”, em que seria valorizado o empenho, a habilidade e o raciocínio. Embora seja possível imaginar que havia um componente pragmático no medo dos “jogos de azar” — pois, de fato, a sua prática excessiva e inescrupulosa poderia levar a significativas perdas materiais — as ansiedades em torno do jogo estavam sobretudo ligadas a questões morais, sendo para Werneck, um “vício desmoralizador, repugnante, infernal, que medra em todas as camadas sociaes, e desperta as inclinações mais vis da natureza”¹⁹⁰. Cerceando e deslegitimando os “jogos de azar”, os educadores ansiavam afastar os meninos de experiências que poderiam levá-los a adquirir crenças que desestabilizassem a ética do trabalho, como a crença na sorte como fator determinante para o ganho de recompensas e a conquista do triunfo.

A ética do trabalho pregava a perseverança, a temperança, a moderação e a disciplina como formas seguras de construir uma vida estável e constante, através da qual seria possível, de forma paciente, ter um crescimento contínuo de patrimônio e bem-estar. A ética da aventura, antagônica à do trabalho, valorizava a inconstância e se sustentava a partir da crença de que seria possível realizar grandes ganhos com pouco esforço, como, por exemplo, através da sorte. Pela ótica da ética da aventura, a ética do trabalho seria tibia, sacal e trépida. Pela ótica da ética do trabalho, a ética da aventura seria imprevidente, irresponsável e instável.¹⁹¹

Para Werneck, o jogador possuiria “ambições immoderadas” e irreais na relação entre trabalho e ganho, e assim, ao jogar, estaria se entregando a uma paixão, um prazer irracional, “que lhe embota o raciocínio e subverte toda sua alma”. Deixando-se empolgar por essa “paixão terrível” — a sorte — o homem adentraria no campo do irracional, perdendo o domínio de si mesmo e, conseqüentemente, teria todo o seu *caráter* desestabilizado.

¹⁹⁰ WERNECK, op. cit., p. 257.

¹⁹¹ Para uma discussão sobre a ética da aventura, ver: “Trabalho e aventura” em HOLANDA, op. cit. Para uma investigação sobre os jogos de azar no Rio de Janeiro do século XIX, ver CHAZKEL, Amy. **Leis da Sorte: o Jogo do Bicho e a Construção da Vida Pública Urbana**. Campinas: Ed. Unicamp. 2014.

Seduzido pela aventura do jogo, o homem seria levado “a perder as noites, abandonar a esposa, esgotar o *systema nervoso*, sacrificar tempo, a saúde, a fortuna, as obrigações e a honra”¹⁹².

Invertendo as hierarquias da ética do trabalho, o jogo faria o homem trocar o dia pela noite, a disciplina pela sorte, o tempo regrado e constante, regido pela racionalidade, por uma temporalidade intensa e instável, de altos e baixos, regida pelas emoções. Como explicitava Chiarini, o jogo faria o homem perder a “tranquilidade”, desperdiçando nas “noites em claro” numa casa de “*tafolagem*” o que “deveria ser convertido em pão para sua esposa e seus filhos”¹⁹³. Em Smiles, o homem que acredita na sorte como elemento estruturante da vida e do sucesso era apresentado como passivo e emasculado, uma vez que “não é a sorte, mas o trabalho, que faz os homens”. Enquanto “a fortuna está sempre esperando alguma cousa para conseguir o seu desejo; o trabalho com olhos penetrantes e vontade forte, consegue sempre alguma coisa!”. Acreditar na sorte seria depender de uma externalidade, seria colocar-se em posição passiva em relação a si próprio e ao seu destino. Trabalhar, por sua vez, seria assumir as rédeas da própria vida para ser independente e dono de si mesmo.¹⁹⁴

Por isso, na educação dos meninos brancos das classes médias e altas, a problematização dos “jogos de azar” não era apenas uma questão de cercear e reprimir um mau hábito, mas uma estratégia para garantir a conversão a uma ética do trabalho, que poderia ser colocada em risco por uma atividade que valorizava uma ética aventureira. Por isso, os pais precisavam inculcar em seus filhos o medo do “vício” do jogo, advertindo-lhes de antemão sobre os perigos de deixar-se levar pela sedução dessa perigosa paixão com narrativas catastróficas, como a sugerida por Werneck, em que um jogador inocente e desavisado, que aceita um convite para jogar, acaba sendo possuído por uma obsessão que o faz lançar-se “doidamente ao grande abysmo, onde a miséria o encurrala para sempre em paredes inacessíveis”, tornando-o um corrupto e até mesmo um criminoso.¹⁹⁵ O escritor recomendava que as mães

¹⁹² WERNECK, op. cit., p. 257.

¹⁹³ CHIARINI, op. cit., p. 62

¹⁹⁴ SMILES, Samuel. **Economia doméstica moral ou a felicidade e a independência pelo trabalho e pela economia**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1880, p. 175

¹⁹⁵ WERNECK, op. cit., p. 257 e 260.

e pais se aproveitassem “da sensibilidade da criança”, esforçando-se por “ferir a sua imaginação impressionável” — “pois um jovem nunca mais esquece o espetáculo que puzeste diante de seos olhos” — “narrando as tribulações, os desgostos, as dificuldades e os vexames daqueles que, victimas da embriaguez ou do jogo, cahirão na voragem da miséria, da desmoralização e do crime”¹⁹⁶.

A classificação do jogo como vício e do trabalho como virtude, mais do que qualificar com precisão os efeitos daquelas atividades sobre os indivíduos e as suas efetivas consequências sociais e materiais, era, sobretudo, uma forma de inscrever nos indivíduos uma hierarquia entre duas éticas, cercando com medo e terror a da aventura, e com glória e segurança a do trabalho. Para além dessa inculcação intelectualizada, era preciso também ensinar o menino a discernir em seu corpo “as sensações honestas de um divertimento” e as “emoções grosseiras de um vicioso”. Para tanto, Werneck recomendava “certos jogos em família, á noite, durante uma hora ou duas, como simples diversão ao espirito”, não “admitindo jámais o jogo com dinheiro”, pois “o melhor meio de suffocar essa inclinação não é privando o menino de prazeres inocentes, mas sim educando-lhe a razão, o sentimento e a vontade, de modo que, desde cedo, elle aprenda a encerrar-se no círculo das cousas permitidas e evitar os excessos”¹⁹⁷. O mesmo deveria ser feito com o álcool, que deveria ser introduzido pela família, satisfazendo a curiosidade em ambiente controlado. Assim, o menino se acostumaria a consumi-lo com moderação nas refeições e aprenderia sobre “a importância do tempo, que não póde ser gasto constantemente em distracções prejudiciaes aos interesses domesticos, e sobre o luxo pernicioso das bebidas alcóolicas, que além de não constituírem uma necessidade para a saúde, crião uma fonte de despesas superfluas”¹⁹⁸.

Na brincadeira da agricultura preconizada por Werneck, havia também uma outra lição sobre o tempo, que não dizia respeito somente à inscrição de uma disposição para a perseverança e para os horizontes largos da ética do trabalho, mas também para a inculcação de uma crença de que o tempo seria um recurso valioso, que precisava ser poupada e administrado, que poderia ser bem investido quando aplicado em “distracções proveitosas”,

¹⁹⁶ WERNECK, op. cit., p. 262.

¹⁹⁷ WERNECK, op. cit., p. 260.

¹⁹⁸ WERNECK, op. cit., p. 261.

e que poderia ser desperdiçado, se mal gerido ou, pior, aplicado em atividades não-produtivas, que passavam a ser classificadas como inúteis, fúteis ou fugazes.

Pensando a vida como uma longa jornada produtiva e de autoaperfeiçoamento para a utilidade, Samuel Smiles instigava seus leitores a aprenderem a medir a vida em minutos. Para o homem perseverante — homem convertido aos imperativos do trabalho e da utilidade, que media seu valor e o sentido de sua vida a partir de sua produtividade — “até os mais curtos instantes podem ser empregados de maneira que venham a produzir resultados do mais subido valor”¹⁹⁹. Smiles propunha que seus leitores abdicassem de uma vivência imediata do tempo em prol de uma compreensão somatória e progressiva de larga escala:

Uma hora por dia, arrancada às nossas ocupações frívolas e bem empregada seria tempo sobejo para uma pessoa de capacidade ordinária aprender qualquer sciencia: em dez annos faria ella de um ignorante um homem instruído. Ora, nós não devemos soffrer que o tempo passe completamente desaproveitado, sem nos ter servido, quer para aprendermos alguma cousa útil ou bela, quer para cultivarmos algum bom principio, quer para fortalecermos algum bom habito.²⁰⁰

¹⁹⁹ SMILES, Samuel. **O Poder da vontade ou caracter, comportamento e perseverança**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1870, p. 137. O famoso sonho de Georg Simmel sobre a invenção do tempo sintetizado, que permitiria ao seu usuário um controle milimétrico do tempo, foi contemporâneo às linhas escritas por Smiles: “Eu sonhei que haviam descoberto o tempo sintetizado. Inicialmente ele só podia ser produzido aos minutos, exatamente como os diamantes artificiais, que também só se pode obter em cristaizinhos bem pequeninos. Quando, por exemplo, se chega ao metrô e o trem está partindo imediatamente, basta tirar uma caixinha de tempo e riscar um palito de tempo. Então se obtém um minuto e ainda se pode alcançar o trem”. Para uma análise aprofundada desse sonho e da problemática da temporalidade em Simmel, ver: WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: Ed. 34, 2000. Sobre a minuciosa temporalidade do relógio constituída pela cultura moderna europeia e o produtivismo capitalista ver VIDANT, op. cit.; THOMPSON; Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: **Costumes em comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 267-304.

²⁰⁰ Tendo sido feita a partir da versão francesa de *Self-Help*, a tradução do trecho “não devemos sofrer que o tempo passe completamente desaproveitado” é uma tradução indireta e significativamente distorcida, em sua forma, do trecho original “time should not be allowed to pass without yielding fruits”. Na tradução direta do inglês, realizada posteriormente por Amélia Pereira, o trecho é traduzido com mais clareza: “Não se deve deixar correr o tempo sem que dê fructos”. SMILES, op. cit. (1870), p. 137; SMILES, Samuel. **Self-Help**. Londres: Ed. John Murray, 1876, p. 130; SMILES, Samuel. **Ajuda-te!**. trad. D. Amélia Pereira. Coleção Biblioteca Científica. Rio de Janeiro: Livraria Garnier. s/d, p. 147. Félix Ferreira mencionou esse trecho em uma aula para alunas do Imperial Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, em 1882, afirmando que “uma hora por dia arrancada ao ócio, diz Samuel Smiles, e bem empregada” seria “tempo suficiente para aprender-se em poucos anos uma ciência (...) Aproveitar o tempo é uma virtude”. FERREIRA, Félix apud BASTOS, op. cit., p. 119.

Os exemplos de homens que alcançaram grandes feitos por uma gestão milimétrica do tempo eram diversos. Darwin Good, foi um médico que teria traduzido Lucrécio dentro dos tálburis, enquanto percorria Londres da casa de um paciente para outro. D’Aguessau, um chanceler francês, que teria escrito um livro inteiro empregando apenas “os poucos minutos que decorriam desde que o chamavam para jantar até ir toda a família para a mesa”²⁰¹. Para realizarem essa minuciosa administração do tempo, era necessário que os homens se estimulassem a serem mais produtivos, podendo recorrer até mesmo à auto-admoestação, como o líder luterano Meláhton, que “teria o hábito de tomar notas do tempo que perdia, afim de ter um estímulo para trabalhar cada vez mais sem desperdício de um só instante”.²⁰²

A ordenação do tempo começava a ganhar tamanha atenção que o relógio se disseminava como um objeto da indumentária e da decoração doméstica masculina.²⁰³ Na festa de conclusão do primário de Amâncio, em *Casa de Pensão*, em uma celebração com ares de rito de passagem à maioridade, além de ser introduzido às bebidas alcóolicas e de ser inquirido sobre a sua vida profissional — “Já escolheu a carreira que deseja seguir?” —, o menino de doze anos recebeu do pai “um relógio com a competente cadeia, tudo de ouro”²⁰⁴. O relógio marcava o ingresso do menino em uma nova temporalidade, para a qual deveria estar aparatado com um instrumento que lhe permitisse controlar e gerir o tempo e a si mesmo. A presença do relógio na casa, no gabinete ou no bolso era também um símbolo de pertencimento à essa ordem temporal e disciplinar, de adesão aos seus valores de utilidade e produtividade.²⁰⁵

Um regime balanceado do tempo — e aqui vale ressaltar o entendimento da metáfora nutricional do termo — deveria ser incutido nos meninos desde cedo. Em casa, os pais deveriam acostamá-los a acordar cedo para aproveitarem o tempo do dia e a se recolherem

²⁰¹ SMILES, op. cit. (1870), p. 138.

²⁰² SMILES, op. cit. (1870), p. 138.

²⁰³ Sobre o repertório doméstico masculino ver: CARVALHO, op. cit. (2008), p. 43-68.

²⁰⁴ AZEVEDO, op. cit. (1884), p. 26 e 24.

²⁰⁵ Na mesma ocasião, amigos do pai de Amâncio “profetizavam nele uma glória da pátria e diziam que o João Lisboa, o Galvão e outros não tinham tido melhor princípio”. Há uma certa ironia na cena, pois Amâncio completava os exames tardiamente, três anos atrasado e, pelo que revela o narrador, foi aprovado sem mesmo quase saber ler direito. De qualquer maneira, a gramática da grandiloquência em torno dos meninos de alta classe e a associação de seu destino com o da *nação* está presente, mesmo que o autor fizesse troça da frivolidade com que tais evocações eram feitas. AZEVEDO, op. cit. (1884), p. 24.

cedo para recomporem suas energias para a jornada seguinte.²⁰⁶ Desde pequenos, deveriam acostumar-se a valorizar o dia sobre a noite, compreendendo o primeiro como momento primordial para a atividade produtiva e a outra, salvo em ocasiões festivas, como momento de descanso, como um tempo secundário, auxiliar na manutenção das energias produtivas. Desde cedo as crianças precisavam aprender a cultivar e valorizar a regularidade e a constância, sendo a inconstância “um dos defeitos mais frequentes da natureza”:

Um espirito volúvel, acostumado a impressões passageiras, não tem perseverança nos seus affectos, nos seus planos, nas suas empresas e colloca a criatura em pessimas condições na luta pela vida. A tenacidade, a paciência e energia de vontade são qualidades indispensáveis em qualquer carreira para vencer os obstáculos e combater com vantagem.²⁰⁷

A introdução do menino nas atividades laborais também deveria cooperar para sua conversão a uma forma específica de encadeamento temporal constante e para a aspiração de manter seu corpo e sua mente em um ritmo retilíneo, que mais tarde seriam as bases pelas quais ele se fortificaria para exercer um controle mais estrito sobre sua sexualidade, seus desejos, emoções e afetos. Como ensinava Chiarini, não bastava apenas trabalhar, era preciso “trabalhar sem perder tempo/ trabalhar com constância/trabalhar com dedicação”²⁰⁸.

²⁰⁶ WERNECK, op. cit., p. 221.

²⁰⁷ WERNECK, op. cit., p. 178.

²⁰⁸ CHIARINI, op. cit., p. 50.

Os perigos do contágio

(Capítulo 5)

Para que a modelagem do *caráter* viril e trabalhador dos meninos fosse feita com sucesso era preciso evitar que a sua moral sofresse contágios externos. Para tanto, os livros normativos buscavam promover a casa como um instrumento de controle de suas relações sociais. Werneck advertia suas leitoras dos perigos que rondavam o menino em seus primeiros anos, pois a influência de “seus companheiros de infância” poderia tirar-lhe do trilho de “seus bons hábitos, ainda vacilantes” e colocar sua inteligência em uma “direção funesta”. Assim, aconselhava:

Não inutilises portanto o teu trabalho, Hermengarda. **Prefere o isolamento de teu filho**, e não penses que elle passaria em casa uma vida aborrecida; o espirito inventivo da criança é dotado de uma fecundidade assombrosa e distrae-se com qualquer divertimento. Mais tarde, **quando os perigos do contágio encontrarem o seu carácter solidamente constituído nos lineamentos geraes**, apparecem de sobra as occasiões de gozar sem risco os prazeres da sociedade infantil.

[...] Não te descuides, portanto, Hermengarda. Conserva Mario ao alcance da vista, **não agarrado a tua saia**, porém nas immediações da casa; proporciona os prazeres convenientes ao seu espirito irrequieto, deixa-o brincar com crianças educadas nos mesmos princípios rigorosos, mas não o consintas na roda dos moleques, vadios e peraltas, ou em companhia de crianças desconhecidas, ainda que estas fação parte da sociedade elevada.²⁰⁹

²⁰⁹ WERNECK, op. cit., p. 139-141.

Na última década do século XIX, o Rio de Janeiro, onde Werneck escrevia, e outras cidades como Recife, São Paulo, Salvador e Porto Alegre, passavam por um intenso processo de modernização, que acarretava na ampliação da sua diversidade populacional, da sua amplitude espacial, bem como de seus horizontes culturais. Ao mesmo tempo que essa paisagem abria novas possibilidades que excitavam os horizontes das famílias — ver um filho bacharel, erudito, polido e bem apessoado, ocupando um cargo importante, fazendo grande fortuna, frequentando os círculos mais refinados da nação, conquistando um romântico e afortunado casamento, ganhando fama por grandes realizações científicas, artísticas ou intelectuais —, também produzia uma grande ansiedade de que, no contato com outros grupos sociais — homens e mulheres das classes baixas, operários, boêmios, vadios e libertinos—, os meninos poderiam receber má influência e acabar desertando do projeto familiar e *civilizacional*. A rua e, por extensão, o espaço público, passavam a ser encarados com temor e desconfiança, por abrigarem a diversidade de classes, raças, culturas e modos de vida que tornava os contatos sociais imprevisíveis e incontroláveis.

“Como podemos nós saber, se nossos filhos têm más companhias, não podendo estar sempre debaixo de nossos olhos, e não havendo olhos que penetrem os intimos do coração, senão os de Deus?”. A questão angustiada, formulada em um artigo do *Jornal das Famílias*, que era editado por Baptiste-Louis Garnier, sintetizava a preocupação das famílias de classe média e alta dos ambientes urbanos. Como vigiar e controlar as dimensões invisíveis da vida? Como veremos, a analogia higienista do “contágio moral”, que passava a tornar-se corrente, não era fortuita, pois as doenças infecciosas ofereciam um desafio semelhante. Assim como a medicina descobria paulatinamente que algumas doenças eram transmitidas por microrganismos invisíveis aos olhos, os educadores e moralistas, por meio da teoria do exemplo e da imitabilidade infantil, passavam a compreender que as disposições culturais, os sonhos, as aspirações, os prazeres e as imaginações que constituíam o *caráter* dos meninos também poderiam ser difundidos sorrateiramente como um vírus ou uma bactéria. No mesmo artigo, o *Jornal das Famílias* apresentava o espraiamento da imoralidade no convívio social à maneira de uma epidemia e de uma ação bacteriana: “ainda que de muitos

companheiros um somente seja ruim, este basta para causar corrupção nos mais, como o fermento em toda a massa”²¹⁰.

Não à toa, o repertório de medidas sugeridas pelos educadores para evitar os contágios eram semelhantes ao aconselhado por médicos: profilaxia, garantir a distância dos corpos infectados e atenção para os indícios visíveis de contaminação para que a ação curativa fosse tomada a tempo, antes que a contaminação se tornasse irremediável. Assim como os higienistas tentavam impulsionar transformações nas casas e cidades para evitar a propagação de doenças — valendo-se de procedimentos como segregação, especialização e isolamento —, Werneck e outros educadores procuravam persuadir as mães que mobilizassem de forma mais rígida as fronteiras do espaço doméstico, fazendo do seu espaço interno e das suas imediações — até onde alcançasse a vista — uma espécie de *cordão sanitaire* para a sociabilidade dos meninos. Para evitar as más companhias, o *Jornal das Famílias* recomendava a criação de entretenimentos suficientemente sedutores no interior doméstico, como “jogos honestos” e outros “alívios”, “para que a natureza não vá buscar consolação na amizade, e tracto com os estranhos”²¹¹.

O *Jornal* também recomendava que fosse observado com atenção os horários de chegada e saída dos filhos. O mesmo olhar que era treinado para observar os sinais das doenças — que era estimulado pelos higienistas e pela puericultura²¹² — deveria ser mobilizado para observar os comportamentos e analisar pormenorizadamente qualquer indício de contágio, apurando os olhos e ouvidos dos pais para o corpo e os trejeitos do menino. A mãe-modelo de Werneck, Hermengarda, dava o exemplo a jovens leitores:

Tive sempre um cuidado extremo com suas companhias. Um dia ouvi-o pronunciar uma palavra obscena. Extranhando o facto, indaguei da origem, e soube logo que Mario tinha estado cerca de duas horas numa roda de vadios. Reprehendi-o severamente, e

²¹⁰ CONSELHOS para Educação. *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, n. 1, 1863, p.17-19. Sobre o *Jornal das Famílias*, ver PINHEIRO, Alexandra Santos. **Para além da amenidade** - O *Jornal das Famílias* (1863-1878) e sua rede de produção. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

²¹¹ CONSELHOS para Educação. *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, n. 1, 1863, p.18.

²¹² COSTA, op. cit.

comquanto houvesse conseguido isolal-o, custou-me bastante fazel-o esquecer as lições do rapazio.

[...] No próprio reino vegetal as hervas damninhas têm mais vitalidade e propensão para dominar o terreno. Dahi resulta que as boas qualidades do character são como os fructos melhorados pelo enxerto e pela seleção: o produto artificial do nosso engenho, a consequencia de um cultivo methodico, exigindo cuidados frequentes no sentido de eliminar a vegetação inimiga, impedir a degeneração, e diminuir a impetuosidade da seiva agreste, carregada de elementos nocivos.²¹³

Na palavra obscena, a mãe poderia prescrutar o indício de uma imaginação desviante adquirida fora de casa. Estratégias criadas para lutar contra os organismos invisíveis, como o olhar clínico, o interrogatório investigativo e o isolamento, eram transpostas para o cenário de uma luta sociocultural. Ao perceber a contaminação, a mãe deveria também vigiar o filho nos dias seguintes e ser implacável “emquanto restar um vestígio da influencia perniciosa que recebeo”²¹⁴. Para garantir a ordem familiar e, por extensão a ordem social *civilizada*, a casa e a mãe deveriam servir como bastiões da *illusio* burguesa que procuravam incutir na criança, bem como da inculcação de um *habitus* de classe e de racialidade. Através do controle das interações infantis, pretendia-se controlar as suas referências culturais e garantir a “pureza” da influência familiar na transmissão de suas ideias, valores e costumes.

Os educadores da nação e as classes médias e altas temiam que, quando crescessem, os meninos se tornassem insubordinados e desertassem do projeto familiar e da posição social, de classe, gênero e raça que lhes era normatizada. Werneck explicitava essa aflição ao constatar a dificuldade de controle dos desejos de casamento nos rapazes: “é difícil dirigir e vigiar as inclinações de um rapaz que, despido de experiência e longe das vistas da familia, goza de certa liberdade na escolha de suas relações”²¹⁵. Era preciso que as fronteiras fossem internalizadas de antemão através de uma educação sentimental, do desejo e do gosto.²¹⁶

²¹³ WERNECK, op. cit., p. 196-197

²¹⁴ WERNECK, op. cit., p. 142.

²¹⁵ WERNECK, op. cit., p. 312.

²¹⁶ STOLER, op. cit. (2022).

O desejo da maioria dos chefes de família da classe média e alta era que seu filho se casasse com uma mulher branca, de “boa” educação e costumes, da mesma classe social ou acima. Afinal, como preconizava a tradição patriarcal, o casamento era um ritual a ser celebrado entre iguais, de forma que ambas as famílias fossem igualmente beneficiadas com o consórcio.²¹⁷ Em *Livro de uma sogra*, Aluísio Azevedo expôs a visão racializada que muitas famílias de classe alta tinham sobre o casamento, quando a protagonista do romance, Olímpia, defende que era preciso que houvesse igualdade entre os noivos “no ponto de educação social e no gráo de collocação na escala ethnologica”²¹⁸. Werneck, por sua vez, chamava a atenção para os “defeitos hereditários” de certas famílias, “onde a loucura se reproduz em proporção assustadora”, que “provocão uma suspeita muito justificada sobre os seos descendentes”. Além de provocar tormentos para o consorte, “obedecendo á lei do atavismo, a prole sahida desse consorcio, fica sujeito por sua vez ao desequilíbrio cerebral, a predisposições mórbidas e lesões incuráveis”²¹⁹. Embora Werneck não explicitasse um viés racializado nesse trecho, em um ambiente cultural onde cada vez mais os “defeitos hereditários” eram entendidos como atributos de raça e classe, é de se imaginar que essas mesmas aflições circundassem também os relacionamentos inter-raciais.²²⁰

No caso dos meninos, a ansiedade da deserção não circundava apenas o casamento — que era preocupação obsessiva no caso das meninas —, mas se estendia também a outros domínios. Era preciso garantir que o menino desenvolvesse uma ética burguesa em torno do trabalho e da constância e que encarasse a vida como uma longa jornada, em que passo a passo se vai “evoluindo” na carreira e na vida familiar. Para isso, como vimos acima, era preciso que internalizasse uma determinada ordenação do tempo, dos espaços, dos prazeres e aderisse ao seu lugar de classe, raça e gênero na sociedade. Era preciso que ele se visse como parte da linhagem de um grupo familiar, da qual a sua vida seria uma extensão e

²¹⁷ BRÜGGER, op. cit.

²¹⁸ AZEVEDO, op. cit. (1895), p. 68-69. Para uma discussão mais aprofundada sobre as uniões interracialis no Brasil ver: MOUTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo**: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul. São Paulo: Ed. Unesp, 2003, p. 103-175.

²¹⁹ WERNECK, op. cit. p. 320-321.

²²⁰ SCHWARZ, op. cit.

deveria dar continuidade. Como dizia Chiarini, era preciso honrar o “nome que os nossos avós e nossos paes nos deixaram como tesouro precioso”.²²¹

Afastando-se da perspectiva da família patriarcal colonial, os pais reconheciam cada vez mais os filhos como indivíduos, porém empenhavam-se para que suas escolhas individuais não violassem as fronteiras da hierarquia social. A construção de laços com membros de outras classes sociais oferecia aos meninos outras perspectivas de vida, que poderiam seduzi-los para fora do roteiro estabelecido pelas famílias. O medo da mistura era de que, convivendo com meninos de outras classes e raças, eles desenvolvessem uma alma mestiça.²²² Nos grupos de moleques que se formavam nas ruas, por exemplo, o menino poderia encontrar as virilidades “desvirtuadas” — a malandragem, a vadiagem, a boêmia, a libertinagem — e deixar-se seduzir por um modo de vida desregrado e imediatista.²²³

O anseio das classes médias e altas por morar em regiões socialmente homogêneas e exclusivamente residenciais advinha também desse desejo de criar os filhos longe das influências descontroladas do ambiente urbano. Maria Cecília Naclério Homem conta que nas primeiras décadas do século XX, em Higienópolis, as crianças da família Prado “brincavam com os outros primos ou filhos das famílias vizinhas nas calçadas da avenida [Higienópolis], na casa de D. Veridiana ou na Vila Penteadado”, que possuíam jardins de grandes proporções que eram abertos para as crianças de classe alta da redondeza. Com as “pajens (brasileiras)” ou as “governantes (estrangeiras)”, iam até o terraço Germaine, que ficava no fim da Avenida

²²¹ CHIARINI, op. cit., p. 102.

²²² Estou pensando a partir das proposições de Ann Laura Stoler para pensar as aflições das autoridades coloniais holandeses frente a educação das crianças brancas e europeias no território javanês. Mesmo que não fossem biologicamente mestiças, pelo contato estreito com as amas, criados, amigos, elas poderiam aprender a “pensar em javanês”, “sentir como javaneses”, correndo o risco de se tornarem culturalmente mestiças. A mestiçagem cultural, assim como a mestiçagem biológica, ameaçava as fronteiras simbólicas e sociais que os colonizadores ambicionavam manter entre dominantes e dominados, colocando em risco não apenas as marcações de quem merecia ter a proteção e os privilégios dos europeus e quem merecia ser tratado como colonizado, mas também colocando em risco a lealdade dos homens brancos em relação ao projeto colonial. Transpondo esse raciocínio para o contexto brasileiro, a mestiçagem cultural também ameaçava desestabilizar uma ordem simbólica no Brasil multirracial e multiétnico, colocando em risco não apenas os projetos das famílias abastadas, mas todo o projeto *civilizatório* idealizado pelas elites, que dependia da adesão e comprometimento dos homens brancos de alta classe para que fosse sustentada a naturalidade da hierarquia social constituída a partir da classe, do gênero e da racialidade. STOLER, op. cit. (2010 e 2022).

²²³ JABLONKA, op. cit., p. 71. Sobre as dinâmicas sociais dos grupos de meninos nas ruas do Bom Retiro nas primeiras décadas do século XX, ver: FERNANDES, Florestan. As “Trocinhas” do Bom Retiro: Contribuição ao Estudo Folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos Infantis. **Pro-Posições**, v. 15, n. 1, jan.-abr. 2004, p. 229-250.

e dava grande vista ao vale do Pacaembú. Mas não iam à Praça Buenos Aires, pois lá ficavam as “crianças do ‘povo”, e as governantes não permitiam “misturar-se aos meninos que frequentavam a Praça Buenos Aires.”²²⁴. Outras famílias permitiam as brincadeiras apenas nas imediações da casa, sob vigilância, pelo portão ou pela janela, e somente com as companhias previamente aprovadas pelos pais.²²⁵

Alguns dispositivos de higiene e de privacidade também eram mobilizados para ampliar a distância entre as crianças e a rua. Zélia Gattai, que em sua infância, na década de 1920, morava em uma das pontas da Alameda Santos, recorda que tinha três vizinhas “turcas”, órfãs de pai, que viviam com a mãe sob tutela de um tio, que, com apoio da cunhada, “as guardava a sete chaves”, “à espera de um casamento, rico ou pelo menos remediado”. Porém, curiosas sobre o mundo que as cercava, “as moças distraíam-se observando tudo o que se passava pela rua e pela vizinhança”. E quando chegava a noite, espiavam “por detrás das cortinas de rendão das janelas, os casais de namorados em idílio nas ruas, nos portões, em cantos escuros” com um “velho binóculo que facilitava-lhes a operação e o prazer”²²⁶. A distância da rua, provavelmente decorrente dos recuos frontais que se tornavam cada vez mais frequentes nas casas das classes médias e altas da cidade, interpunha-se entre as meninas e o espaço da rua, entre os olhos de dentro e os corpos de fora. Assim como as cortinas fechadas, um artefato que para além de bloquear o sol e restringir o alcance dos olhares de fora para dentro, garantindo a privacidade, também era mobilizado para bloquear o olhar de dentro para fora, garantindo o isolamento e a circunscrição de certos corpos — sobretudo das mulheres e crianças — à interioridade doméstica. Esses aparatos procuravam construir uma distância entre a casa e a rua, que as meninas “turcas”, com astúcia, extrapolavam. Elas driblavam as cortinas, provavelmente em segredo, para que a mãe não

²²⁴ HOMEM, Maria Cecília Naclério. **Higienópolis**: grandeza e decadência de um bairro paulistano. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1980, p. 134 e 153.

²²⁵ Jorge Americano recorda em seu memorialístico *São Paulo naquele tempo (1895-1910)* que as mães de famílias da classe alta costumavam, no fim do dia, às cinco da tarde, depois do jantar, ficar na janela da frente de casa, “vigiando o brinquedo das crianças na calçada”. AMERICANO, op. cit.

²²⁶ A autora conta que antes de virem para o Brasil, as meninas viviam na Síria ou no Líbano e, portanto, é possível que a utilização do termo “turca” não se referisse exatamente à nacionalidade ou etnicidade das meninas, mas à categorização pela qual muitos brasileiros classificavam todos os imigrantes vindos de países árabes. GATAI, Zélia. **Anarquistas, Graças a Deus**. São Paulo: Ed. Record, 1979, p. 43.

as notasse e superavam a distância com um instrumento ótico, que permitia a elas encurtar a distância que, de outra maneira, talvez fosse suficiente para impedir que aquelas cenas que atiçavam seus desejos e curiosidade pudessem ser realmente apreciadas.

Colocando a criança em um posto central na domesticidade, promovendo o processo de pedagogização da vida doméstica, os livros procuravam persuadir os pais a também vigiarem a si mesmos, medindo e controlando suas palavras, assuntos e formas de conduta dentro de casa. A própria sociabilidade dos pais, que se ampliava com a difusão dos costumes cortesês de recepção, se tornava alvo de suspeição e controle.²²⁷ Werneck repete diversas vezes que a condição “aristocrática” não seria suficiente para garantir que uma pessoa fosse boa companhia para os meninos. A seu ver, “o chefe de família tem obrigação em todo o tempo de escolher escrupulosamente a sua roda íntima”²²⁸. Além de vigiarem a si mesmos para “jamais praticar em sua presença actos inconvenientes que perturbem a marcha da educação”, os pais deveriam também evitar “a assiduidade e o viver íntimo em casa de estranhos”, pois o “atrito frequente de costumes diversos dos seus acabão finalmente por corromper e neutralizar os sentimentos que tentavas incutir”²²⁹. Por exemplo, no caso das meninas, Werneck advertia aos pais:

[...] não frequentes uma só casa onde a deshonra penetrou.

A mulher infiel, a mulher que esqueceo os deveres do matrimonio não é companhia que aproveite a tua filha. Daquelle coração tenebroso não podem partir senão conselhos envenenados, exemplos contagiosos e insinuações pérfidas. Abatida no conceito social, ella vinga o orgulho ferido, sugerindo a pratica das mesmas faltas que commetteo, e endeosando o vicio, afim de repartir com outras o peso de seo opprobrio.²³⁰

A ansiedade em torno da pureza dos exemplos e a paranoia em torno das contaminações perpassava também o ambiente intrafamiliar. O *Jornal das Famílias* sugeria que os pais

²²⁷ CARVALHO, op. cit.; HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O palacete paulistano** e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918. São Paulo: Martins Fontes, 1996; MALTA, Marize. **O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: ed. Mauad, 2014; SILVA e FERREIRA, op. cit.; SILVA, FERREIRA *et al*, op. cit.

²²⁸ WERNECK, op. cit., p. 313.

²²⁹ WERNECK, op. cit., p. 139.

²³⁰ WERNECK, op. cit., p. 316-317.

observassem com atenção as relações entre irmãos e irmãs: “se a corrupção d’algum se teme, ou presume serem materiais pouco para se nomear; logo logo se há de fazer separação”, sugerindo que o distanciamento poderia ser feito dentro de casa, alocando-os em diferentes aposentos ,ou na “conveniência d’outras casas de parentes e amigos”. Mesmo que essa ação pudesse gerar muitos inconvenientes e despesas, como em um “incêndio, o melhor remédio para salvar, é apartar”²³¹.

No interior da residência, rondavam também outros perigos que demandavam o estabelecimento de regimes de segregação sociocultural. O *Jornal das Famílias* recomendava aos pais que não consentissem que os meninos tivessem:

[...] familiaridade com os servos e servas de casa; porque d’estes se-lhe pégão palavras pouco compostas, e noticias da maldade, de que estão inocentes; e lhes servem de meios, para que se atrevão a sahir com os seus apetites dentro, ou fora de casa, e a querer outra coisa do que seus paes querem.²³²

O medo em relação as empregadas e empregados era de que a imaginação dos meninos fosse para lugares indesejados e que lhes fossem incutidos anseios que não se enquadravam nos desejos da família.²³³ Não à toa, Domingos Jaguaribe dedicou um capítulo especial ao assunto da imaginação em *A arte de formar homens de bem*. Citando um trecho de *Hygiene da Alma*, do Barão de Feuchestersleben, Jaguaribe apresentava a imaginação da seguinte maneira a seus leitores e leitoras²³⁴:

²³¹ CONSELHOS para Educação. *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, n. 1, 1863, p.17-19.

²³² *Ibidem*, p.18.

²³³ Sobre as recomendações em torno do controle e disciplinarização dos costumes das empregadas domésticas nos manuais de vida doméstica do período, ver: SANTOS, op. cit., p. 114. Sobre a paranoia de contaminação moral dos bebês e infantes pela convivência com as amas de leite, ver: GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910)**. São Paulo: Cia das Letras, 1992, p.138-139. Sobre um lugar mais ambivalente da ama de leite no imaginário das classes altas brasileiras, ver: RONCADOR, Sônia. O demônio familiar: lavadeiras, amas-de-leite e criadas na narrativa de Júlia Lopes de Almeida. **Luso-Brazillian Review**, v. 44, n. 1, 2007.

²³⁴ Publicado pela primeira vez em 1838, *Hygiene da Alma* [Zur Diätetik der Seele] foi traduzido para o português na década de 1870 (a segunda edição é de 1874) por Ramalho Ortigão, escritor e intelectual português que se empenhou fortemente pela promoção de um projeto *civilizatório*, nos moldes da burguesia da Europa Central, em Portugal e no Brasil. Editado primeiramente em Lisboa, pela Livraria de Antonio Maria Pereira, entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, a edição portuguesa encontrou ao menos nove edições e há registros de que quase todas circularam também pelo território brasileiro. Um exemplar da 9ª edição, de 1918,

Se no domínio do espírito quisermos admitir uma espécie de escala graduada, teremos de colocar no lugar inferior a imaginação, no meio a vontade, e no alto a razão. Tal pelo menos a ordem em que as faculdades se desenvolvem durante a vida: a criança imagina, o adolescente deseja, o homem pensa.

A imaginação é uma espécie de ponte de passagem entre o mundo physico e o mundo intelectual, ella é o agente principal, a força motriz de todos os membros do organismo intelectual. Sem ella todas as imagens se obscurecem, todas as ideias são mudas e estéreis, todos os sentimentos grosseiros se brutaeas.²³⁵

Nessa geografia da interioridade psíquica — constituída por uma intensa vontade de saber para poder controlar — a imaginação ocupava duas posições fundamentais. Na infância, era a principal forma pela qual as crianças absorviam o mundo social e, por meio dessas experiências, formulavam as bases de seus valores e de seu *caráter*, bem como as suas primeiras noções da ordem social e do lugar que nela deveriam ocupar. Durante a vida adulta, a imaginação servia de ponte entre o mundo externo e o mundo interno, sendo agente fundamental para a animação dos homens em todas as suas ações. Por meio dela, as ideias se tornavam palpáveis e sedutoras e os sentimentos poderiam ser refinados e mais bem direcionados. Fonte de energia das ações e âmbito no qual se constroem os horizontes e desejos, “a imaginação será sempre o guia do homem”²³⁶.

Como “o pulmão da alma” ou o “clima da alma”, a imaginação seria como o alimento, a fonte energética da ação humana e, por isso, era importante afastar as imaginações nefastas e nutrir o menino com “a imaginação pura e sã, com ideias felizes e risonhas”²³⁷. Jaguaribe argumentava que “o medo e a coragem são contagiosos”, por isso, para fortalecer o segundo e evitar o primeiro, as mães deveriam habituar os filhos a “imaginar a felicidade e a grandeza da alma, a virtude, a coragem, o heroísmo”. Pois “os indivíduos que se acostumão com o

por exemplo, encontra-se na Biblioteca do IHGB; um exemplar da 4ª edição, de 1888, que foi comercializado pela “Livraria Academica de J. G. de Azevedo”, no Rio de Janeiro, encontra-se no acervo da Biblioteca Municipal “Orígenes Lessa”, de Lençóis Paulista. O livro consta também entre as principais referências de Domingos Jaguaribe na redação de *A Arte de formar homens de bem*, como já mencionado anteriormente. Em 1929, o livro recebeu uma impressão brasileira, em Pelotas (RS), pela Livraria Universal/ Casa Editora Echenique & Cia.

²³⁵ FEUCHTERSLEBEN, Barão de apud JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 100-101.

²³⁶ JAGUARIBE FILHO, op. cit., p. 104.

²³⁷ Ibidem, p. 102-103.

medo, e os filhos aos quaes os paes metem medo para fazer dormir ou não chorar, crescem vendo fantasmas á noite, vozes na solidão”, se tornando depois homens tíbios, covardes e nervosos.²³⁸

Para administrar e vigiar os contatos sociais responsáveis pela produção das imaginações infantis, as paredes, portas, janelas, corredores, escadas e recuos da casa passavam a ser instrumentalizados como artifícios de separação e controle. Os pais precisavam aprender a ter reservas em relação aos filhos, escolhendo os lugares adequados para terem conversas, bem como era necessário que ordenassem que as crianças se retirassem quando fossem tratar de “assumptos inconvenientes ou que encerrem delicados pontos de responsabilidades”, pois era preciso podar a “extrema curiosidade” da criança que “presta muita atenção a tudo o que dizem e fazem os mais velhos”²³⁹. Para garantir tal controle, os cômodos precisavam ser acusticamente isolados entre si, o que era feito através do uso da alvenaria de tijolos e pelo arranjo tripartite das plantas domésticas de fins do XIX, que procuravam apartar as áreas de recepção, intimidade e serviços nas casas urbanas das classes médias e altas.²⁴⁰

Nessa organização doméstica os empregados da casa — que, em geral, eram de negros e negras —, além de serem segregados nos espaços internos da casa, passavam também a ter entradas e circulações separadas, para evitar ao máximo o convívio e a mistura com a família. Os livros instruíam às mães para que controlassem a circulação das crianças pelos espaços de serviço, especialmente a cozinha, e vigiassem se estavam estreitando laços com os empregados. Encaradas com desconfiança pelas famílias brancas, as escravas ou empregadas passavam a ser retratadas nos manuais de vida doméstica como “inimigas do lar”²⁴¹.

Além de serem vistas como amantes em potencial dos maridos, por não partilharem do mesmo padrão de moralidade aburguesado, as empregadas eram também retratadas como

²³⁸ Ibidem, p. 102-103.

²³⁹ WERNECK, op. cit., p. 207-209.

²⁴⁰ SILVA, FERREIRA *et al*, op. cit.; SILVA e FERREIRA, op. cit.

²⁴¹ GRAHAM, op. cit.; SANTOS, op. cit., p; 88-124. Gradativamente, procurando homogeneizar o espaço doméstico, a partir de fins do XIX e começo do XX, muitas famílias mais abastadas passaram a preferir criadas brancas, de origem europeia, para evitar o “contágio” das mulheres negras.

possíveis traidoras da ordem doméstica que os pais tentavam impor aos filhos. Werneck alarmava-os para que tivessem repúdio pela “intimidade confidencial dos criados” com seus filhos e filhas, não apenas pelos maus exemplos, mas também porque “estes são frequentemente os portadores de recados, que desmoralizam a autoridade e o prestígio da donzella”. Esse medo de que, por meio das empregadas, fossem trocadas mensagens com amantes e pretendentes, rondava também outras figuras que passavam a ser restringidas de entrarem na casa e terem contato com as meninas, como os garotos de recados, vendedores ambulantes e as quituteiras.

Para os meninos, o perigo representado pelos empregados era outro. Oswald de Andrade recorda como foi pela amizade com o “copeiro mulato, João Justino da Conceição”, que ele aprendeu suas primeiras lições de sexualidade:

Uma noite, quando eu tinha sobre a mesa da sala de jantar livros e cadernos abertos, ele veio até mim e, sabendo que meus pais já se tinham retirado para o quarto, sussurrou na casa silente:

— Eu sei como é que faz filho! Não é passarinho que traz, nem vem do céu. O homem tira a coisa dele e põe na coisa da mulher e depois nasce a criança!

Eu protestei incrédulo e ele reafirmou a revelação. Acredito ter sido esse o maior trauma da minha idade escolar. Pedi detalhes. Ele deu:

— Sai uma água grossa do homem e outra da mulher. É gostoso!²⁴²

O escritor prossegue refletindo sobre as repercussões daquela descoberta em sua compreensão de si e da própria família:

Até hoje ficou marcado esse choque que derrubava inteira a santidade do sistema familiar. Era inadmissível que isso tivesse acontecido em relação à gente direita, a meus pais, meus avós. Desde então, o mundo para mim perdeu uma perna, ficou manquejando. A inocência, em que eu era cautelosamente criado, desmoronou roçando em cinismo. Minha mãe, em matéria de educação sexual, chegara apenas a uma extraordinária concessão. O filho nascia de fato na barriga, mas vinha a parteira e

²⁴² ANDRADE, op. cit., p. 61-62.

cortava pelo meio o inchaço, depois costurava tudo e a mulher sarava, tendo a criança ao lado.²⁴³

A interação desregulada com os empregados poderia proporcionar aos meninos e meninas experiências que a família ansiosamente procurava evitar, como era o caso da descoberta e a exploração da sexualidade. É importante lembrar que pelo olhar racializado das famílias brancas de classe média e alta, as pessoas de classe baixa, sobretudo os homens negros e as mulheres negras, eram estigmatizados como incivilizados e detentores de uma lascívia e de uma vida desregrada que poderia ser perigosa para os meninos. Para além das inclinações autoritárias dos patriarcas, Aluísio Azevedo também articulava em *Casa de Pensão* uma crítica moralista à promiscuidade entre os corpos da família e das empregadas na vida doméstica do patriarcalismo luso-brasileiro. Na sua genealogia do *caráter* degenerado de Amâncio, localizava o despertar da sua voluptuosidade na convivência com as criadas da casa de seu pai. Escrevendo a partir do Rio de Janeiro para o público da Corte, Aluísio articulava da seguinte maneira o modo de viver que ele caracteriza como atrasado, provinciano:

Em casa do velho Vasconcellos havia, segundo o costume da provincia, grande numero de criadas; só no “quarto da gomma”, como lá se diz, reuniam-se quatro ou cinco. Umas costuravam; outras faziam renda, assentadas no chão, defronte da almofada de bilros; outras, vergadas sobre a “tábua de engommar” passavam roupa a ferro.

Amancio, quando criança, gostava de se metter com ellas, participar de suas conversas picadas de bregeirice, e deixar correr o tempo, deitado sobre saias, amolentando-se ao calor penetrante das raparigas, a ouvir, n’um extasis mofino, o que ellas entre si cochichavam com risadinhas estaladas à socapa. Por outro lado, **as mulatas folgavam em tel-lo perto de si, achavam-no vivo e atilado, provocavam-lhe ditos de graça, mexiam com elle, faziam-lhe perguntas maliciosas, só para “ver o que o demonio do menino respondia”**. E, logo que Amancio dava a réplica, piscando os olhos

²⁴³ Ibidem, p. 62.

e mostrando a ponta da lingua, cahiam todas n'um ataque de riso a olharem umas para as outras com intenção.

De resto, ninguem melhor do que elle para subtrahir da despensa um punhado de assucar ou de farinha, sem que Angela dêsse por isso.

— O demoninho era levado!

E assim se foi tornando mulherengo, fraldeiro, amigo de saias.

A mãe, quando ouvia da varanda as risadas da criadagem, gritava logo pelo filho.

— Já vou, mamãe! respondia Amancio.

— Lá estava o diabrete do menino às voltas com as raparigas no quarto da gomma!

Oh! que birra tinha ella d'isso!...

Mas Amancio não se corrigia. É que alli ao menos não chegaria o pae.²⁴⁴

Diferentemente da mãe, que zelava pela inocência do filho, pelo olhar de Azevedo, as criadas teriam uma attitude impudica com o menino: conversavam sobre assuntos picantes na sua frente e até mesmo atiçavam sua imaginação, divertindo-se em interagir de forma lasciva com ele, fazendo perguntas maliciosas, rindo de suas respostas e olhando umas às outras “com intenção”. Isso sem falar da própria corporalidade dessas mulheres, que, pelo olhar racista de Azevedo, por estarem ajuntadas em um mesmo cômodo, constituíam um ambiente sensualizado dentro da própria casa da família: deitado na sala de engomar, o garoto ficava mole com o calor corporal delas e no embalo das conversas, entrava num “êxtase mofino”.

Azevedo faz um retrato ainda mais pernicioso dessa convivência entre o menino branco e as mulheres negras ao tratar das visitas de Amâncio às casas de outras famílias “da província”:

Às vezes, quando ia passear à casa de alguma familia conhecida, arranchava-se com as moças, gostava de acompanhá-las por toda parte, fazendo-se muito docil e amigo de servir. Como era ainda perfeitamente criança e bonitinho, ellas lhe faziam festas e davam-lhe doces, figurinos de papel recortado e caixinhas vasias. **Algumas lhe perguntavam brincando si elle as queria para mulher, si queria “ser seu noivo”.**

²⁴⁴ AZEVEDO, op. cit. (1884), p. 66-67 (grifos do autor).

Amancio respondia que sim com um arrepio. E d’ahi a pouco ficavam as moças muito surpreendidas quando o demônio do menino lhes saltava ao collo e principiava a beijar-lhes sofregamente o pescoço e os cabellos ou a meter-lhes a lingua pelos ouvidos.

— Crédo! disse uma d’ellas em situação identica.. — Que menino! Vá para longe com as suas brincadeiras!

Outras, porém, lhe achavam muita graça e eram as primeiras a puxar por elle.²⁴⁵

Seguindo a lógica machista e racista dominante entre as classes altas do período, Azevedo caracterizava a mulher negra como corruptora do *caráter* do homem branco. Essa temática foi repetida e mais profundamente desenvolvida na trajetória de Jerônimo em *O Cortiço*. Em sua mais célebre obra, o escritor maranhense desenvolve mais a fundo a temática da sensualidade e do desregramento desestabilizador da proximidade de corpos em um mesmo espaço, explicitando uma ansiedade em torno da segregação dos corpos como temática não apenas higiênica, mas também moral, que era estruturante da constituição da espacialidade da cidade e da domesticidade burguesas.

A domesticidade burguesa dava maior reserva aos cômodos de dormir do que a cultura patriarcal até então prevalecente, abolindo as alcovas (que nos sobrados urbanos e nas residências rurais costumavam ficar pegadas às áreas de convivências da família) e colocando os quartos de dormir em uma área reservada da casa. Nas residências de dois andares, o costume do *piano nobile* era gradativamente abandonado, fazendo do segundo andar uma área exclusiva da família, destinada aos quartos de dormir e banheiros privativos, e reservando a parte térrea como área onde se alocavam as atividades de recepção, convivência familiar, trabalho e serviços. Nesse arranjo, para além de segregar os corpos familiares daqueles de fora, os corpos da própria família passavam a ser mais severamente separados, sendo o despertar da sexualidade na infância e as atividades masturbatórias na juventude duas grandes ansiedades que passavam a rondar a vida doméstica.

A sexualidade dos pais, que poderia corromper tanto meninas como meninos, passava a ser regulada por um regime de segregação e segredo no quarto do casal. Evitava-se acumular muitas crianças em um mesmo cômodo não apenas por questões higiênicas, mas também

²⁴⁵ AZEVEDO, op. cit. (1884), p. 67 (grifos do autor).

pela percepção de que a proximidade corporal poderia ser sugestiva, despertando e incitando a sexualidade, que poderia levar a menina a perder sua santidade e ao menino desvirtuar-se em depravado. Werneck recomendava que com cinco anos as meninas precisavam ser segregadas dos meninos, pois “a promiscuidade dos sexos não traz utilidade alguma”²⁴⁶. Além de prevenir o despertar da lubricidade em momentos em que não poderiam ser vigiados, essa separação seria também didática. Fazendo do seu quarto próprio “um asylo sagrado” e aprendendo que “o aposento alheio deveria ser defeso as suas vistas”, as meninas aprenderiam que o corpo dos meninos lhes era interdito e internalizavam o “sentimento da castidade inacessível” e o costume de guardar o próprio corpo dos olhos dos meninos, que mais tarde lhes serviriam como “escudo impenetrável às sugestões da leviandade”. Para os meninos, a separação de quartos despertaria um princípio de cavalheirismo, “o sentimento do respeito, que o leva a não invadir o quarto de uma moça”. O menino não precisava aprender a defender o seu corpo como a menina. O controle que precisava constituir era interno, pois dizia respeito ao seu impulso viril de conquistar e dominar, ao seu desejo, “natural”, de invadir e se apossar do corpo feminino.²⁴⁷

Se a pedagogia da evitação, do segredo e do silêncio em torno da sexualidade mobilizava a organização do espaço doméstico, construindo fronteiras entre os irmãos de diferentes gêneros, entre a família e os empregados e entre adultos e crianças, quando os meninos cresciam e começavam a descobrir o prazer da masturbação, era preciso adotar uma outra estratégia de controle: o regime desigual de visibilidade. Enquanto os pais se trancavam no quarto para transar e podiam ter segredos, os dispositivos burgueses da privacidade — a gaveta com tranca, a porta fechada — eram muitas vezes vedados aos filhos. Porém, eles sempre encontravam maneiras de subverter a ordem, escutando segredos pelas portas e improvisando, à margem do olhar parental, áreas cinzentas de segredo para si dentro de casa.

Como recorda Antonio Carlos Massarotto Cesarino, filho do jurista Antônio Ferreira Cesarino Júnior, na casa em que viviam em Perdizes, seu pai não permitia que os filhos

²⁴⁶ WERNECK, op. cit., p. 156.

²⁴⁷ WERNECK, op. cit., p. 156.

dormissem de porta fechada, nem que ficassem tempo demais fechados no banheiro, por desconfiança de que, nesses momentos de privacidade, poderiam estar se masturbando. A porta do quarto dos pais possuía fechadura, a dos meninos não. Os meninos também não possuíam móveis com chave ou segredo, então precisavam improvisar: Antonio Carlos recorda que guardava os bilhetinhos das namoradas que queria manter em segredo entre os livros que ninguém mexia na biblioteca de seu pai, pois sabia que eram velhos ou há muito já haviam sido lidos. O rapaz improvisava um regime de invisibilidade — bastante artificioso, pautado na observação dos interesses e hábitos de seu pai — em uma casa na qual os pais tentavam insistentemente manter todo o seu comportamento visível e vigiável. O regramento da temporalidade era também bastante estrito. De manhã, o pai acordava os meninos, arrancando-lhes o cobertor e abrindo a janela, não permitindo que eles fossem dormir tarde, nem mesmo às sextas-feiras, quando iam para festas. Nessas ocasiões, eles tinham que voltar às 23 horas e se chegassem depois, ouviam na manhã seguinte sermões sobre a importância do sono e de como o prolongamento dos divertimentos noturnos poderia lhes prejudicar a saúde.²⁴⁸

Para além da regulação dos domínios visíveis, os pais também tentavam regular a relação dos filhos com sua própria sexualidade. Era atribuição do *chefe da família* instruir o jovem, com auxílio de livros prescritivos, a permanecer casto até ter formado seu pleno juízo e ser capaz de exercer sua sexualidade com temperança.²⁴⁹ As estratégias aplicadas nessas conversas eram variadas: poderiam ser transmitidas por um discurso pedagógico e piedoso ou tirânico e ameaçador, lastreados em conteúdos religiosos ou científicos. Em sua pré-adolescência, Antonio Carlos recorda que seu pai lhe presenteou com um exemplar de *A serviço do amor*, de Jean Carnot.²⁵⁰ Ao folhear com curiosidade, o rapaz ficou espantando ao descobrir que o líquido que saía do pênis durante a masturbação eram partes derretidas de seu cérebro! Assustado, partilhou a revelação com um colega de escola, que o acalmou

²⁴⁸ Entrevista concedida por Antonio Carlos Massarotto Cesarino ao autor em 19 de abril de 2022.

²⁴⁹ JABLONKA, op. cit., p. 63.

²⁵⁰ A primeira edição de *Au service de l'amour* é de 1939. No Brasil, a edição mais antiga que encontramos, em breve levantamento, data de 1950. CARNOT, Jean. **A serviço do amor**. São Paulo: Livraria Catedral, 1950.

explicando-lhe a verdadeira origem biológica do sêmen.²⁵¹ Foi também os meninos da rua, aquelas figuras tão temidas no livro de Werneck, com quem jogava bola e andava de bicicleta, que aprendeu as coisas proibidas sobre sexo. Bisbilhotar o domínio dos adultos era também uma estratégia para subverter a ordem: como o pai colocava-o de castigo em sua biblioteca privada, às vezes Antonio se arriscava a xeretar os livros que ficavam no alto, fora do alcance das crianças. Foi assim que, uma vez, encontrou uma edição francesa de *Memórias de Casanova*, e se empenhou em aprender o idioma somente para poder penetrar no mundo sensual das aventuras eróticas do *bon vivant* italiano.

Em sua autobiografia, Oswald de Andrade se recorda como, quando pequeno, com cerca de três ou quatro anos, sentado à porta de entrada de sua casa, “apertando as pernas, senti um prazer estranho que vinha das virilhas”. Em seguida, repuxa a trama dos discursos de proibição que rondavam a masturbação:

Acontece terem as crianças ereção no primeiro mês de vida e iniciarem um inútil período de masturbação, enquanto homens de quarenta anos e menos perdem estupidamente a potência para viver dezenas de anos como cadáveres. Obra de Deus – querem os padres e as comadres. O limite, o tabu dos primitivos. A adversidade metafísica. O malefício eterno e presente que todas as religiões procuram totemizar.²⁵²

A masturbação, ou “onanismo”, como preferia à linguagem pudica e medicalizada do período, era um dos grandes temores que rondavam a mocidade masculina. Considerada um ato inútil — do qual se obtinha apenas um prazer próprio, mas sem a funcionalidade reprodutiva da sexualidade pênis-vagina normatizada para o casal heterossexual —, acreditava-se que a masturbação poderia “roubar” a energia dos jovens e torná-los moles, frouxos, indispostos e desmotivados. O pânico rondava o desperdício do sêmen, pois acreditava-se que este estava intimamente associado com a virilidade do homem. O discurso médico sustentava que a economia do sêmen era a fonte do vigor e da força de *vontade*

²⁵¹ Para análises mais aprofundadas das articulações entre sêmen e virilidade na masculinidade burguesa, ver: CORBIN, Alain. A obrigação da virilidade, fonte de ansiedade e angústia. In: CORBIN, op. cit. (2013); LAQUEUR, Thomas W. *Le sexe en solitaire*: contribution à l’histoire culturelle de la sexualité. Paris: Gallimard, 2005.

²⁵² ANDRADE, op. cit., p. 36-37.

masculina, e o seu desperdício fatalmente decorreria em uma decadência de sua produtividade e *caráter*. Na fase adulta, as neuroses com a sexualidade se expandiam principalmente para os terrenos da impotência e da esterilidade. Para procriar, no sentido literal e figurativo, o *homem* precisava ser viçoso e o afrouxamento do pênis, bem como o desperdício do sêmen eram encarados como perdas irredutíveis da virilidade que deveria animar sua vida.

Para evitar a masturbação era preciso que os rapazes sublimassem a libido com atividades exaustivas ao corpo ou que a canalizassem para atividades intelectualizadas. Paralelamente, atribuía-se aos pais a tarefa de fiscalizar os momentos de acordar e dormir dos garotos, bem como de providenciar roupas largas que evitassem a fricção genital, que deveria ser coibida desde o berço, assim que ocorressem as primeiras tentativas do infante de brincar com suas partes sexuais. Na casa, devia-se evitar qualquer tipo de material visual ou literário com conteúdo sugestivo, embora, muitos pais acabassem optando por tê-los, mas escondidos.

Oswald recorda que o seu quarto de dormir era chamado o “quarto do Santo” e era enfeitado com “litografias de santos de todos os feitos” e uma custódia de prata.²⁵³ Era a projeção das aspirações que a família tinha para ele, cercando-o com objetos que materializavam os seus desejos de moralidade e retitude e com os quais gostariam que ele construísse sua identidade — “fui criado evidentemente para uma vida terrena que era simples trânsito, devendo, logo que Deus quisesse, incorporar-me às suas teorias de anjos ou à suas coortes de santos”. A mãe vinha-lhe dar beijo de boa noite e, no que desaparecia “para o seu quarto ao lado”²⁵⁴:

Então se descerravam os umbrais de meu mundo secreto. Geralmente uma daquelas moças [do espetáculo de circo, que foi com seu tio] tinha partido o calção na ginástica e subia os degraus da galeria para que eu o ajustasse. O camisolão azul era o pano do circo que o mastro central enfunava. E as “pastorinhas de meu sexo” do poeta

²⁵³ ANDRADE, op. cit., p. 62. Oswald diz que dar ao quarto do filho o apelido de “quarto do Santo” provinha de uma “tradição de Pernambuco, onde minha mãe vivera em Recife”.

²⁵⁴ *Ibidem*, p. 36-39.

Luís Coelho, pelos olhos encantados da invenção, vinham até mim, para consertar, róseas, frescas, faiscantes, os seus maiôs rasgados.²⁵⁵

A cena descrita por Oswald era de menino que usava as artimanhas da solidão do quarto de dormir para transformá-lo em ambiente privado, onde poderia rebelar-se contra a normatividade familiar nas lacunas noturnas da vigilância. Por esse motivo, os quartos dos filhos provocavam tanta ansiedade nos pais. Para além da descoberta e usufruto do próprio corpo, o quarto era também um espaço para o exercício da imaginação privada — as vezes em devaneio, as vezes a partir de leituras — o que também inspirava medo e desejo de controle. Como vimos até aqui, crescia entre as classes médias e altas a estima da leitura como uma experiência poderosa de formação, capaz de gerar aspirações, moldar desejos, construir identidades, horizontes e perspectivas de mundo. Porém, assim como um livro poderia fazer um filho aprender “a ser um verdadeiro homem de bem”, ele poderia também instilar maus exemplos, atizar paixões irracionais e instigar comportamentos viciosos.

A privacidade do quarto não era só constitutiva de uma separação pudica dos corpos, mas também da experiência da leitura silenciosa, que demandava espaço recluso, privado, onde a imersão em um livro — e junto com ele, as emoções, desejos e fantasias — pudesse ser contínua, sem distrações e interrupções. A experiência de silêncio e concentração era fundamental para que meninos e rapazes cultivassem a si mesmos, moldando, pacientemente, através do estudo e das leituras de formação, o seu *caráter* como *homem de bem*. Porém, essa mesma reclusão ameaçava constituir um espaço invisível à autoridade familiar, que, em segredo, poderia sorrteiramente ser um espaço de conspiração contra os seus princípios. Essa ambiguidade da privacidade era diretamente decorrente do processo moderno de individuação, sendo constitutiva da ordem doméstica burguesa ao mesmo tempo em que a ameaçava constantemente, pelos riscos de insubordinação que guardava em potencial.²⁵⁶

²⁵⁵ Ibidem, p. 38.

²⁵⁶ Antoine Prost observa, na França, como o quarto de dormir, nas primeiras décadas do século XX, tornou-se, nas casas em que era possível que cada filho tivesse um quarto próprio, um importante espaço para a sua individuação dos filhos e sua progressiva emancipação da autoridade paterna. PROST, Antoine. *A família e o indivíduo*. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Org.). **História da vida privada**: da Primeira Guerra a nossos dias.

Por isso, entre os círculos letrados do século XIX no Brasil, uma significativa fração dos debates literários se constituiu em torno da moralidade das obras e de seus impactos no público leitor. *A moreninha* e *Os dois amores* de Joaquim Manoel Macedo, por exemplo, eram dois romances que entremeavam histórias de amor com uma retórica explicitamente prescritiva.²⁵⁷ Os romances naturalistas de Aluísio Azevedo (*Casa de Pensão*, *O Cortiço* e *Livro de uma sogra*), de Júlio Ribeiro (*A carne*), de Raul Pompéia (*O Ateneu*) e de Adolfo Caminha (*O Bom-crioulo*), suscitaram fervorosos e escandalosos debates por penetrarem nas mentes de personagens imorais — boêmios, homossexuais, prostitutas, corruptos —, mergulhando o leitor em seus desejos e paixões e explorando temáticas que a moralidade burguesa procurava excluir da sociedade, como o desejo sexual feminino em Júlio Ribeiro, a vacilante heterossexualidade dos meninos em Raul Pompéia, as hipocrisias da instituição do casamento e as vertigens voluptuosas da sexualidade em Aluísio Azevedo.²⁵⁸

A obsessão em investigar e tentar domar e controlar as experiências morais dos jovens através dos livros não era apenas um tema dos eruditos, mas também uma preocupação diária de muitas famílias. Maria Paes de Barros revela a tensão e vigilância que circundava o quarto de uma adolescente de uma família da elite da Província de São Paulo na década de 1860. Como a maioria das jovens com posses e instrução de sua geração, Maria andava encantada pela literatura romântica. “Lia, decorava e, no quarto, recitava em voz alta” poemas de amor. “A Dindinha, muito séria, ouvia inquieta essas expansões. ‘Será possível?’, dizia ela, ‘que esta menina se deleite tanto à leitura de poesias amorosas? Não está certo? Isto não pode continuar”²⁵⁹. O medo da preceptora era de que a menina, seduzida pelas

São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 61-113. Em texto anterior, Joana Mello e eu fizemos algumas considerações sobre esse processo, ver SILVA e FERREIRA, op. cit.

²⁵⁷ AUGUSTI, op. cit.

²⁵⁸ ALMEIDA, Leandro Thomaz. **Literatura naturalista**, moralidade e natureza. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013; ESCUDEIRO, op. cit.

²⁵⁹ BARROS, Maria Paes de. **No tempo de dantes**. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 123. Nascida em 1851, Maria Paes de Barros era filha do Comendador Luís Antônio de Souza Barros e D. Felicíssima Campos Barros, cujas famílias, principalmente a do pai, fizeram fortuna com a produção de cana-de-açúcar e café. Para uma mirada abrangente da atuação econômica e política, bem como da cultura arquitetônica, da família Paes de Barros ver CAMPOS, Eudes. Os Pais de Barros e a Imperial Cidade de São Paulo. **Informativo Arquivo Histórico Municipal**, ano 3, n. 16, jan./fev. 2008. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info16/i-estudos.htm>. Acesso em: 24 set. 2023. Para uma análise das memórias de Maria Paes de Barros, com enfoque nas práticas da educação feminina doméstica, ver VASCONCELOS, M. C. C.; GOMES, E. V. Práticas educativas femininas nas memórias de

aventuras amorosas, resistisse à ordem patriarcal do matrimônio ou, pior, desertasse da família em busca de um “amor verdadeiro”. Não sabemos se havia reprimendas nessas declamações, porém, em outro momento, Maria recorda que a Dindinha vigiava e procurava regular a sua relação com os livros. Ela estudava em casa e na hora do recreio, “ai da menina que, depois do toque de saída, fosse a um canto da sala de estudos para uma furtiva leitura de seu livro predileto”. Tomava logo uma bronca e ficava sem sobremesa, tendo que passar por um rito de humilhação na mesa de jantar.²⁶⁰

Se a preocupação com a leituras das meninas e moças se vinculava, sobretudo, ao medo da insubordinação ao regime do matrimônio patriarcal; para os meninos, as preocupações também se estendiam ao aprendizado de formas desvirtuadas e descontroladas de virilidade. Em *Casa de Pensão*, o despertar sensual de Amâncio seu deu através das poesias de Byron e de Álvares de Azevedo que o faziam sonhar com “orgias, extravagâncias, delírios”. Foi através da literatura romântica francesa — *Mademoiselle de Maupin*, de Gauthier, *Olympia de Clèves*, de Dumas, e *Confession d’un enfant du siècle*, de Musset, *Graziella e Raphael* e *Girondinos*, de Lamartine — que o jovem provinciano aprendeu a cultivar e apreciar um profundo sentimentalismo e a idealizar as relações amorosas com mulheres. A leitura não é descrita por Azevedo apenas como um deleite imaginativo, mas como uma experiência de alteração de consciência, por isso Amâncio “embriagava-se” com a leitura de Musset, e “ficava a sonhar fantasias estranhas, amores scepticos, viagens misteriosas e paixões indefinidas”²⁶¹. Tomando gosto por imaginar-se em outros mundos distantes daquele em que vivia, desejando uma vida maior, mais intensa, mais deslumbrante, à semelhança da de seus heróis românticos, julgando-se “infeliz, sacrificado nas suas aspirações, no seu ideal. Precisava viver, gozar sem limites!”. E então começou a negar o lugar onde vivia e se entregou a fantasiar a vida no Rio de Janeiro, que para ele era a Paris de Musset e de seus heróis românticos, onde poderia se aventurar em um lugar “onde não fosse conhecido, onde tudo

Maria Paes de Barros. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v.16, n. 3, p. 1422-1438, jun. 2021.

²⁶⁰ BARROS, op. cit., p. 15.

²⁶¹ AZEVEDO, op. cit. (1884), p. 28.

para elle apresentasse surpresas de uma outra vida, attractivos de um mundo vasto, enorme, tão enorme, que sua imaginação mal podia delinear”²⁶².

Na *Revista Feminina*, em 1918, um articulista, preocupado com alguns casos de fuga de moços e moças das casas dos pais, alertava para os perigos da leitura não apenas de romances, mas também de reportagens jornalísticas (FIG. 39):

O crime, a aventura, o drama cheio de peripécias enche-lhe columnas, por dias. São folhetins vivos, humanos, paginas palpitantes de actualidade que as gravuras ilustram. Ora si o romance era considerado por nossas avós – e com razão – um dos mais damnosos elementos de dissolução, quando lidos por almas inexperientes, no calor perigoso da puberdade, o que dizer do romance vivido, do romance cujos autores são palpáveis, são de hoje, e cujas aventuras se passam no mesmo scenario em que vivemos.²⁶³

O púbere era visto com desconfiança — dotado de um “calor perigoso”, era impressionável, impulsivo, volúvel e suscetível. A leitura seria especialmente perigosa nesse período, sendo menos nociva após a maturidade, quando se acreditava que o *caráter* do homem adulto já estaria consolidado. Nas primeiras décadas do século XX, com a intensificação do processo de individuação entre os filhos das classes médias e altas das grandes cidades, a sedução das aventuras românticas ou excessivamente violentas deixava muitas famílias nervosas e a partir década de 1910, o cinema passava a ser uma nova fonte de preocupação.

No texto da *Revista Feminina*, a ansiedade do articulista quanto ao espaço interior dos jovens se manifestava, justamente, em torno da horar de dormir, quando cada um estaria em seu quarto e o pai se defrontaria com os limites — visíveis e invisíveis — de seu domínio. Adotando um registro literário, o articulista constrói o *chefe de família* como uma figura preocupada, ciosa pela saúde de sua família. Porém, em seu retrato, podemos entrever uma atitude neurótica, que em seus próprios pensamentos, tenta vasculhar e controlar

²⁶² AZEVEDO, op. cit. (1884), p. 29.

²⁶³ OS FILHOS pródigos. *Revista Feminina*, Rio de Janeiro, n. 51,1918, p. 46-47.

ansiosamente o que se passaria no resto da casa, tentando penetrar no domínio interior das outras cabeças que se deitam nos travesseiros dos quartos ao lado. Há um tom lamurioso, que se vê em alguns textos da época, em que homens expressavam certa nostalgia para com tempos em que o domínio patriarcal era mais abrangente na vida familiar:

E enquanto o chefe de família, conservador e prudente, deita-se para um somno tranquilo e reparador, no quarto de seu filho e no quarto de sua filha arde uma vela de jepe, um sonho de aventura...

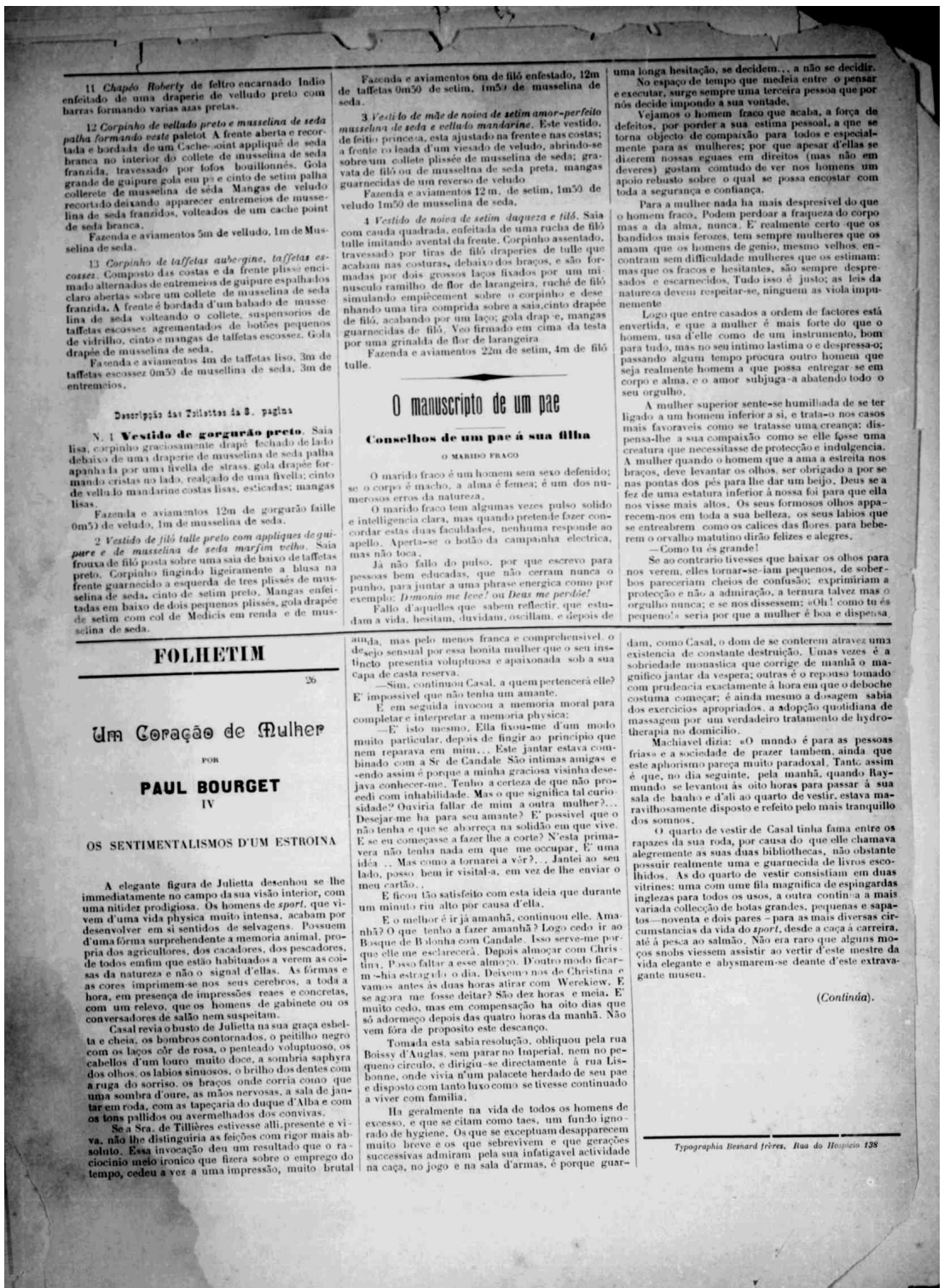
O rapaz sonha, talvez, em bater-se, em apossar-se de automóveis e de aeroplanos, em vencer o exercito e a armada, o povo e o clero... A rapariga sonha com aquella figura ideal de heróe e vê-o quasi a descer do espaço, numa aureola de sagração, para lhe vir dizer a primeira phrase de amor....

E — quem sabe? — mesmo ao lado daquele bom chefe de família, conservador e prudente, sua esposa ainda não tenha fechado os olhos, esteja comparando o resfolegar humano e um pouco ruidoso de seu marido, com a respiração do heróe que ella acaba de vêr, na imagem suggestiva do filho, e que deve ser floral, harmônica, subtilíssima como o próprio heróe...

Eis como no dia seguinte aparece nos jornaes o título *Mais um... ou Mais uma!*...²⁶⁴

A fantasia catastrófica do narrador era representativa da ansiedade moral que se espalhava por todos os meandros da vida doméstica e familiar. A conversão da casa em um dispositivo de controle das influências e dos exemplos dos jovens e das crianças era uma das muitas estratégias formuladas no período para, através dos domínios visíveis, controlar a insondável interioridade dos sujeitos. À medida que os rapazes cresciam, contudo, esse mecanismo, que dependia de uma minuciosa vigilância dos pais, tornava-se cada vez menos efetivo. A transição para a maioridade era um período crítico e foi amplamente tratado nos livros de formação. Nesse período de abertura de novos horizontes de possibilidade, gozando de uma inédita autonomia e independência, o jovem poderia optar por muitas rotas alternativas àquela normatizada para os *homens de bem*. Era preciso dissuadi-lo e convencê-lo de que, para as aspirações do homem adulto, a masculinidade, a domesticidade e a *civilização* eram destinos inevitáveis.

²⁶⁴ Ibidem.



11 *Chapéu Roberty* de feltro encarnado Índio enfeitado de uma draperie de velludo preto com barras formando varias aras pretas.

12 *Corpinho de velludo preto e musselina de seda palha formando veste paletot*. A frente aberta e recortada e bordada de um *Caché-sout appliqué* de seda branca no interior do collete de musselina de seda branca, travessado por *lotos bouillonnés*. Gola grande de guipure gola em pé e cinto de setim palha collete de musselina de seda. Mangas de velludo recortado deixando apparecer entremios de musselina de seda branca.

Fazenda e aviaamentos 5m de velludo, 1m de Musselina de seda.

13 *Corpinho de taffetas auvergne, taffetas escosse*. Composto das costas e da frente plissée encimado alternados de entremios de guipure espalhados claro abertas sobre um collete de musselina de seda branca. A frente é bordada d'um babado de musselina de seda voltando o collete, suspensorios de taffetas escosse agrimentados de botões pequenos de vidrilho, cinto e mangas de taffetas escosse. Gola drapé de musselina de seda.

Fazenda e aviaamentos 4m de taffetas liso, 3m de taffetas escosse 0m50 de musselina de seda, 3m de entremios.

Descrição das *Talietas* da S. pagina

N. 1 *Vestido de gorgorão preto*. Saia lisa, corpinho graciosamente drapé, fechado de lado debaixo de uma draperie de musselina de seda palha apañada por uma fileta de strass, gola drapé formando cristas no lado, realçado de uma fileta; cinto de velludo mandarine costas lisas, escudadas; mangas lisas.

Fazenda e aviaamentos 12m de gorgorão fialle 0m50 de velludo, 1m de musselina de seda.

2 *Vestido de filé tulle preto com appliques de guipure e de musselina de seda marfim velho*. Saia frouxa de filé posta sobre uma saia de baixo de taffetas preto. Corpinho fingindo ligeiramente a lãna na frente guarnecido a esquerda de tres plissés de musselina de seda, cinto de setim preto. Mangas enfeitadas em baixo de dois pequenos plissés, gola drapé de setim com col de Medicis em renda e de musselina de seda.

FOLHETIM

26

Um Coração de Mulher

POR

PAUL BOURGET

IV

OS SENTIMENTALISMOS D'UM ESTROINA

A elegante figura de Julietta desenhou se lhe immediatamente no campo da sua visão interior, com uma nitidez prodigiosa. Os homens de sport, que vivem d'uma vida physica muito intensa, acabam por desenvolver em si sentimentos de selvagens. Possuem d'uma forma surpreendente a memoria animal, propria dos agricultores, dos caçadores, dos pescadores, de todos enfim que estão habituados a verem as coisas da natureza e não o signal d'ellas. As formas e as cores imprimem-se nos seus cerebros, a toda a hora, em presenca de impressões reaes e concretas, com um relevo, que os homens de gabinete ou os conversadores de salão nem suspeitam.

Casal revia o busto de Julietta na sua graça esbelta e cheia, os ombros contornados, o peitillo negro com os laços cbr de rosa, o pentado voluptuoso, os cabellos d'um luto muito doce, a sombria saphira dos olhos, os labios sinuosos, o brilho dos dentes com a ruga do sorriso, os braços onde corria como que uma sombra d'oure, as mãos nervosas, a saia de justar em roda, com as tapeçarias do duque d'Alba e com os tons pallidos ou avermelhados dos convivas.

Se a Sra. de Tillières estivesse alli, presente e viva, não lhe distinguiria as feições com rigor mais absoluto. Essa invocação deu um resultado: que o raciocinio meio ironico que fizera sobre o emprego do tempo, cedeu a vez a uma impressão, muito brutal

Fazenda e aviaamentos 6m de filé enfeitado, 12m de taffetas 0m50 de setim, 1m50 de musselina de seda.

3 *Vestido de mão de noiva de setim amor-perfeito musselina de seda e velludo mandarine*. Este vestido, de feltro ponceau, esta ajustado na frente e nas costas; a frente o leada d'um viesado de velludo, abrindo-se sobre um collete plissée de musselina de seda; gravata de filé ou de musselina de seda preta, mangas guarnecidas de um reverse de velludo.

Fazenda e aviaamentos 12 m. de setim, 1m50 de velludo 1m50 de musselina de seda.

4 *Vestido de noiva de setim duqueza e filé*. Saia com cauda quadrada, enfeitada de uma rucha de filé tulle imitando avental da frente. Corpinho assentado, travessado por tiras de filé draperies de tulle que acabam nas costas, debaixo dos braços, e são formadas por dois grossos laços fixados por um minucioso ramilho de flor de laranjeira, ruche de filé simulando empicamento sobre o corpinho e desce, nbando uma tira comprida sobre a saia, cinto drapé com mangas de filé. Voo firmado em cima da testa por uma grinalda de flor de laranjeira.

Fazenda e aviaamentos 22m de setim, 4m de filé tulle.

O manuscrito de um pae

Conselhos de um pae á sua filha

O MARIDO FRACO

O marido fraco é um homem sem sexo definido; se o corpo é macho, a alma é femina; é um dos numerosos erros da natureza.

O marido fraco tem algumas vezes pulso solido e intelligencia clara, mas quando pretende fazer concordar estas duas facilidades, nenhuma responde ao apello. Aberta-se o botão da campainha electrica, mas não toca.

Já não fallo do pulso, por que escrevo para pessoas bem educadas, que não cerram nunca o punho, para juntar a uma phrase enérgica como por exemplo: *Homemio me force!* ou *levar me perdae!*

Fallo d'aquelles que sabem reflectir, que estudam a vida, hesitam, duvidam, oscillam, e depois de

auda, mas pelo menos franca e comprehensivel, o desejo sensual por essa bonita mulher que o seu instincto apresenta voluptuosa e apaixonada sob a sua capa de casta reserva.

—Sim, continou Casal, a quem pertencerá elle?

É impossivel que não tenha um amante.

E em seguida invocou a memoria moral para completar e interpretar a memoria physica:

—E isto mesmo, Ella fixou-me d'um modo muito particular, depois de fingir ao principio que nem reparava em mim... Este jantar estava combinado assim e porque a minha graciosa vizinha desejava conhecer-me. Tenho a certeza de que não procedi com inhabilidade. Mas o que significa tal curiosidade? Ouviaria fallar de mim a outra mulher?...

Desajar-me ha para seu amante? É possivel que o não tenha e que se abrangea na solidão em que vive. E se eu me começasse a fazer lhe a corte? Nesta primavera não tenha nada em que me occupar. É uma idea... Mas como a tornarei a vér?...

Jantei ao seu lado, posso bem ir visitada, em vez de lhe enviar o meu cartão.

E ficou tão satisfeito com esta idea que durante um minuto riu alto por causa d'ella.

E o melhor é ir já amanhã, continou elle. Amanhã? O que tenho a fazer amanhã? Logo cedo ir ao Bosque de Bloncha com Candale. Isso serve-me porque elle me esbarreará. Depois almoçar com Christina. Passo fallar a esse almoço. Dentro modo ficarmos ahi estragada o dia. Deixemos nos de Christina e vamos antes as duas horas atrair com Werekiew. E se agora me fosse deitar? São dez horas e meia. É muito cedo, mas em compensação ha oito dias que só adormeco depois das quatro horas da manhã. Não vem fóra de proposito este descanço.

Tomada esta sabia resolução, obliquou pela rua Boissy d'Anglas, sem parar no Imperial, nem no pequeno circulo, e dirigiu-se directamente á rua Lisbonne, onde vivia n'um palacetto herdado de seu pae e disposto com tanto luxo como se tivesse continuado a viver com familia.

Ha geralmente na vida de todos os homens de excesso, e que se citam como taes, um funcho ignorado de hygiene. Os que se exceptuam desaparecem successivas admirar, pela sua infatigavel actividade na caça, no jogo e na sala d'armas, é porque guar-

uma longa hesitação, se decidem... a não se decidir.

No espaço de tempo que medeia entre o pensar e executar, surge sempre uma terceira pessoa que por nós decide impondo a sua vontade.

Vejamos o homem fraco que acaba, a força de defeitos, por portar a sua estima pessoal, a que se torna objecto de compaixão para todos e especialmente para as mulheres; por que apesar d'ellas se dizem nos seus rigores em direitos (mas não em apoio rebusto sobre o qual se possa encostar com toda a segurança e confiança.

Para a mulher nada ha mais desprezível do que o homem fraco. Podem perdôr a fraqueza do corpo mas a da alma, nunca. E realmente certo que os bandidos mais feroces, tem sempre mulheres que os amam que os homens de genio, mesmo velhos, encontram sem difficuldade mulheres que os estimam: mas que os fracos e hesitantes, são sempre desprezados e escarnecidos. Tudo isso é justo; as leis da natureza devem respeitar-se, ninguém as viola impunemente.

Logo que entre casados a ordem de factores está invertida, e que a mulher é mais forte do que o homem, usa d'elle como de um instrumento, bom para tudo, mas no seu intimo lastima o e depressa; passando algum tempo procura outro homem que seja realmente homem a que possa entregar se em corpo e alma, e o amor subjuga e abatendo todo o seu orgulho.

A mulher superior sente-se humilhada de se ter ligado a um homem inferior a si, e trata-o nos casos mais favoraveis como se tratasse uma creança; dispensa-lhe a sua compaixão como se elle fosse uma creatura que necessitasse de protecção e indulgencia. A mulher quando o homem que a ama a estriba nos braços, deve levantar os olhos, ser obrigado a por se nas pontas dos pés para lhe dar um beijo. Deus se a fez de uma estatura inferior á nossa foi para que ella nos visse mais altos. Os seus formosos olhos apparecem-nos em toda a sua belleza, os seus labios, seus braços, deve levantar os olhos, ser obrigado a por se o ovalho matutino dirão felizes e alegres.

—Como tu és grande!

Se ao contrario tivesses que baixar os olhos para nos verem, elles tornara-se-iam pequenos, de sobrios pareciriam cheios de confusão; exprimiriam a protecção e não a admiração, a ternura talvez mas o orgulho nunca; e se nos dissessem: «Oh! como tu és pequeno!» seria por que a mulher é boa e dispensa.

dam, como Casal, o dom de se contentem através uma existencia de constante destruição. Uma vez é a sabedoria monastica que corrigie de manhã o magnifico jantar da vespera; outras é o repouso tomado com prudencia exactamente á hora em que o dobocho costuma começar; é ainda mesmo a dissagem sabida dos exercicios apropriados, a adopção quotidiana de massagem por um verdadeiro tratamento de hydrotherapia no domicilio.

Machiavel dizia: «O mundo é para as pessoas frias» e a sociedade de prazer tambem, ainda que este aphorismo pareça muito paradoxal. Tante, assim é que, no dia seguinte, pela manhã, quando Raymond se levantou ás oito horas para passar á sua sala de banho e d'ali ao quarto de vestir, estava maravilhosamente disposto e refeito pelo mais tranquillo dos sonhos.

O quarto de vestir de Casal tinha fama entre os rapazes da sua roda, por causa do que elle chamava alegremente as suas duas bibliothecas, não obstante possuir realmente uma e guarnecida de livros escolhidos. As do quarto de vestir consistiam em duas vitrines: uma com nome fã magnifica de espingarda variada collecção de botas grandes, pequenas e sapatos—noventa e dois pares — para as mais diversas circumstancias da vida do sport, desde a caça a carreira, até á pesca ao salmão. Não era raro que alguns moços snobs viessem assistir ao vertiz d'este mestre da vida elegante e abysmarem-se deante d'este extravagante museu.

(Continúa).

Fig. 28 - Paolo Mantegazza, "O manuscrito de um pae — Conselhos de um pae á sua filha: O marido fraco", *O Brazil Elegante*, 16 de fevereiro de 1899, p. 8-9. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional.

A venturosa creatura, vencendo os temores de humilde com as confianças de amante, aceitou a offerta. E como Deus, ainda quando brinca como menino, não atira a brincar, os seus brincos pararão no felicissimo desastre que diremos.

Perguntou-lhe se o-amava.

Respondeu-lhe a donzella :

— Sim, Senhor, e muito.

Tornou o menino :

— Quanto ?

E ella :

— Mais que o meu coração.

Deu-lhe outro pique, dizendo :

— E quanto me amas mais que o teu coração ?

Respondeu com excessivo affecto :

— Não o-saberei dizer, diga-o o mesmo coração.

E n'este ponto, o coração se-lhe-partiu, e caiu morta ás frechadas do amor divino. E a Senhora por despôjo glorioso da victoria de seu filho, recebeu em seus braços aquella bemdieta alma, e a-levou onde de amar vive eternamente.

Dêrão ali os anjos suavissima musica, a cujos écos acudindo os de casa, virão a donzella morta. E uns religiosos da ordem dos Prégadores lhe abrirão o peito, e virão que n'elle estava escripta a causa da sua morte por estas palavras : Amo-te, Senhor, mais que a mim, porque me creaste, remiste, e dotaste.

CONSELHOS PARA EDUCAÇÃO

Dirão por ventura alguns paes : E como podemos nós saber, se nossos filhos têm más companhias, não podendo estar sempre debaixo de nossos olhos, e não havendo olhos que penetrem os intimos do coração, senão os de Deus? Respondo, que de muitos modos se pôde averiguar esta verdade, e atalhar, ou remediar este damno.

ARCHIVO DAS FAMILIAS

PUBLICAÇÃO SEMANAL

CONSAGRADA AO RECREIO E INTERESSES DOMESTICOS

ANNO I.

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1881

N. 10



KALENDARIO

DEZEMBRO 31

12. SEGUNDA-FEIRA, S. Justino, M. Santa Mercuria M., Santa Dionina. M.
13. TERÇA-FEIRA, Mingoante, Santa Luzia, V. M. advogada dos olhos.
14. QUARTA-FEIRA, Temp. jejum, Santo Agnello B., S. Spiridião.
15. QUINTA-FEIRA, Santo Euzebio, B. S. Irineo e seus companheiros. Mm.
16. SEXTA-FEIRA, Temp. jejum, As viagens de Africa, m. m. S. Sebastião de Maggi D.
17. SABBADO, Temp. jejum, S. Bartholomeu e S. Geminiano. Santa Venina.
18. DOMINGO, 4º do Ader. N. S. do O. S. Speridião C.

Expediente

O *Archivo das Familias* aceita todos os artigos de interesse domestico que lhe sejam enviados, e os publicará desde que a respectiva redacção os julgue convenientes.

No caso contrario serão restituídos a seus autores logo que os reclamem.

* *

Rogamos aos nossos assignantes que não receberem pontualmente o *Archivo* o favor de reclamarem no escriptorio á rua da Constituição n. 5, onde serão attendidos.

* *

Fica de ora em diante suspensa a remessa do *Archivo das Familias* a todas as redacções que nos não enviarem em troca os seus jornaes, exceptuadas unicamente aquellas que tem por habito invariavel não trocar com jornal algum.

PARTE UTILITARIA

Educação

DA VOCAÇÃO

Pedra philosophal de todos os tempos seria achar para todos e em todos os lugares essa conveniencia tão perfeita, tão harmonica, tão fecunda em prodigios, tão assombrosa em seus resultados.

Não ha negal-o; é só ás vocações não contrariadas que deve a humanidade o seu progresso, e d'ahi a superioridade, que no seu modo de existir revelam as sociedades de hoje sobre as d'out'ora.

Cada um de nós quando nasce traz em si impressivel precisão de actividade, que a ser dirigida e

satisfeita pelo trabalho, nos dilacera internamente como abute implacavel, e as mais das vezes nos impelle a ir rasgar as entranhas da propria sociedade em que vivemos.

E' o trabalho a primeira lei do homem. Origem de todo o possivel contentamento, fonte dos terrenos bemaventurados, o trabalho nas suas tres magnificas manifestações,—sciencia, industria e bellas-artes, converte em goso e ordem, o que aliás só fôra acaso e penas; converte em util e prestadio, pobreza e desconsoles; cria o bello e o esplendido do *fat lux* da imaginação aquecida por uma alma onde brilham reflexos da propria divindade.

Deus fez do trabalho, condição inalienavel do ser feliz; quem ousará negar que esta mesma lei benefico é para todos e que para ningem absolutamente traz o trabalho afflicção e desgraça?..

Em todos poz elle uma certa e determinada vocação. Contrarial-a é contrariar a vontade suprema.

Temer atrocidades do cordeiro, esperar mansidão de tigres, pedir gorgeios á aguia, atrevimento ao rouxinol grinaldas ao oceano, procellas ao jardim, alegria e claridade ás trevas, sol e tristeza ao sol, tamanho desconcerto fôra esse, como exigir que o trabalho fluisse, fructificasse e desse felicidade, onde a vocação errou o caminho.

Assim vae, por nosso mal, a maior parte da humanidade sumindo-se de geração em geração no esquecimento. Assim vão os talentos que a humanidade devia negociar no grande mercado das idéas, morrer improductivos, e nem sequer sonhados, com o individuo que na alma os enthesourava sem que ninguem o soubesse.

Assim, andarão talvez Petrarca e Camões cavando a terra, Bollins e Pestalozzis forjando ferro, emquanto no magisterio pôde ser que se estejam perdendo admiraveis mecanicos, ua milicia optimos artistas, excellentes operarios, no fôro valentes soldados, na imprensa pacificos industriaes.

Realmente é evidentissimo que Rossini e Donizetti não estariam no seu lugar nos observatorio de Herschell.

Newton e Arago, fariam bem triste figura se tivessem de escrever uma opera. Chateaubriand e Byron talvez errassem uma conta de sommar, emquanto Laplace pôde ser que em toda a sua vida não combinasse duas rimas.

No entretanto a necessidade, a imperiosa precisão de actividade carece de expusão; e a semente que devia ser cedro apenas dá uma parasita rasteira que enfeza, mingua e cae.

O talento creador, inventivo, fecundo e reformador sob favoraveis circumstancias, não passa de mediocridade, morre obscuro e fenece ignorado.

E depois, que remedio?... levanta-se a aristocracia

2821
52

administrativos, e finalmente, e, sobretudo, a deputado... *Candidus!*

E os poetas a entoarem hymnos á *candura* das bellas, á alvura perfeita e brilhante, e mais o candor da perola o candor da via lactea, o candor do alabastro, o candor da pureza! Ah! Se soubessem! Como este *candidus*, com applicação a deputados, seria escandaloso e comico aos olhos de quem tiver malicia, no campo e na cidade... Um sujeitiuho de aldeia dizia, pelas eleições, a um magrate lapuz, que não sabe ler como elle, passa por tantas fazendas como elle, e ainda mais malicia que elle:

—Então volta-se já outra vez a botar as listas!

—Pelos modos, está para breve.

—E tu tornas a botar o voto no fulano?

—Torno, sim.

—Para que?

—Para não botar o voto no outro.

—Mas o fulano, quando a nossa charneca foi á praça lá em Lisboa, fez-lhe o povo do lugar um *teléff*, para elle ir ao que elles dão a alcunha de *Proprios nacionaes*, saber si era certo, e cobrir o lança para a chancerca se conservar para nós; e aquelle raio nem lá foi, nem deu cavaco ao povo!

—Sei isso bellamente.

—Mais valêra então não botar o voto por um, nem pelo outro! A bem dizer!

—Má *politrica!*

—Como, má *politrica!*?

—Uma supposição. Estou em jejum; sim eu estou em jejum; uma supposição, ainda hoje não me entrou nada na bôca: e tenho dois coelhos para o jantar. Um, já está passadito de dias; e outro, combalido, que desmerece, e está quasi pôdre. Que faço eu?

—Hein?

—Que faço eu?

—A respeito?

—Que faço eu aos dois coelhos, é o que se pergunta? Como ao jantar o que estiver menos pôdre. Por isso, vou botar o voto n'este!

Não ha, porém, —cumpre fazer justiça,—não ha, em Portugal, actividade, dedicação, energia e rasgos cortezes, que possam comparar-se aos que, na occasião propria, sabe desenvolver o homem por excellencia do nosso paiz, o candidato! Como elle comprimenta os electores! Como corre para elles a informar-se de suade e do seu bem estar! Que commoção manifesta, si o elector, por exemplo, torce um pé! Que conversinha!

—E então? E o pé? Melhor, o pé de meu amigo?

O meu amigo vae melhor do pé?

Si vae jantar a casa do leitor, que de cuidados á mesa!

Diz-lhe o dono da casa:

—Temos queijo loudrino e Serra da Estrella... Qual prefere?

—Oh! Por quem é...!

E cala-se.

Loudrino, Serra da Estrella... De qual gosta mais?

—Qual é o agrado do meu bom amigo? pergunta o candidato prudentemente. Qual d'elles é?

—Quer que lhe diga? Prefiro o da Serra da Estrella.

E v. ex.ª?

—O queijo do meu bom amigo, será o meu.

—Não, senhor. Porque?! Para que?!

—Será o meu!... repete o candidato com decorosa humildade e dôce cortezia.

De *candidus*,—candidato!

Não se riam, minhas senhoras...

(*Extr.*)

LUIJO.

Soneto

Dai á obra de Martha um pouco de Maria,
Dai um beijo de sol ao descuidado arbusto;
Vereis n'este florir o tronco erecto e adusto,
E mais gosto achareis n'aquelle e mais valia.

A doce mãi não perde o seu papel augusto,
Nem o lar conjugal a perfeita harmonia.
Viverão dous aonde um até—qui vivia,
E o trabalho haverá menos difficil custo.

Urge a vida encarar sem a molle apathia,
O' mulher! Urge pôr no gracioso busto,
Sob o tepido seio, um coração robusto.

Nem uma escuridão, nem mal acceso dia.
Basta um jorro de sol ao descuidado arbusto,
Basta á obra de Martha um pouco de Maria.

MACHADO DE ASSIS.

(*Da Polyanthéa.*)

A educação da mulher

Instruir a mulher, alargar-lhe a intelligencia, dilatar-lhe o sentimento, semeiando nelle os germens da luz; — eis uma das theses cardiaes da politica de amanhã.

Educar a mulher é educar o futuro.

« Educai as mãis, dizia Michelet, e em cada uma dellas haverá uma escola. »

AFFONSO CELSO.

(*Da Polyanthéa.*)

Charadas

Sem que o parta, atravez do vidro passo.—1
Tenho um corpo sómente—e caras seis.—2

CONCEITO

Desconheço o que seja liberdade:
Como cêgo instrumento sirvo aos reis.

O. F.

As decifrações das do numero antecedente são —
familia e avelã.

A DAMA D'AUTEUIL

POR

P. ZACCONE

III

O AMOR DE BERTHA.

Seriam oito horas. Era por uma dessas noites maravilhosas que parecem feitas para a melancolia e para o amor.

Não sei que pretextó achára Luciano para chegar até Bertha; mas o que é certo é que, havia

ARTE DE EDUCAR OS FILHOS

INDICE

Prefacio.....	3
Opiniões da imprensa.....	7
Carta ao Sr. Visconde de Ouro-Preto.....	13
Resposta. Estudo juridico sobre a liberdade de testar....	17
<hr/>	
Primeira carta de Hermengarda.....	43
Hermengarda communica o nascimento de seu filho....	43
Implora a protecção de Valerio Silva.....	47
Problema das indoles.....	51
Primeira carta de Valerio Silva.....	53
Valerio Silva aceita a missão de preceptor.....	54
Reflexões sobre o destino humano.....	55
Objectivo da educação. Seus escolhos.....	60
Necessidade da harmonia de vistas entre os conjuges...	63
Solução do problema das indoles.....	65
A educação começa no berço. Theoria materialista da alma.....	68
Confronto entre os sexos.....	71
Conselhos hygienicos.....	73
Conveniencia de vaccinar cedo.....	80
Segunda carta de Hermengarda.....	83
A doutrina materialista em face da convicção religiosa..	84
Superioridade do crente.....	87
Convite a Valerio Silva para ser o padrinho da criança..	89
Post-scriptum de Mauricio.....	91
Segunda carta de Valerio Silva.....	93
Valerio Silva concorda com as idéas de Hermengarda...	93

Fig. 32 e 33 - Américo Werneck, *A Arte de educar os filhos: às jovens mãis*, Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commércio de Rodrigues & C., 1895. Fonte: Museu Dr. Américo Werneck.

Conveniencia do ensino religioso como complemento da educaçao moral.....	94
Valerio Silva aceita o convite de Hermengarda.....	95
Terceira carta de Valerio Silva.....	97
Recordações saudosas.....	97
Principio fundamental : o caracter é o habito.....	100
Primeiros cuidados.....	104
Principios de obediencia.....	106
Influencia da instrucção sobre o caracter. Exemplos tirados da observação.....	110
Cooperação do mestre-escola.....	114
Efeitos da condescendencia exaggerada.....	117
Theoria da palmada.....	118
Detalhes sobre a innocuação dos bons principios.....	120
Influencia benefica da intimidade. O sentimento da justiça é prematura na criança.....	126
Advertencia aos paes levianos.....	129
Illusões dos moralistas.....	130
Periodo final das punições materiaes.....	131
Quarta carta de Valerio Silva.....	135
Os principios fundamentaes de educaçao não varião com os sexos.....	136
Influencia contagiosa dos exemplos. A alma aos dez annos. Seleccion natural nessa idade.....	139
Terrivel processo da brutalidade.....	142
Como deve ser applicada a punição material. Raridade e brandura do castigo.....	144
Provas da boa educaçao. Origem da birra.....	146
Desvelos que merece o caracter feminino.....	149
A bandeira do liberalismo cobrindo o contrabando da anarchia.....	154
Conselhos de Valerio Silva.....	156
O trabalho sob o ponto de vista da hygiene e do tributo social. O cuidado com a roupa, não deve ir ao ponto de impedir o desenvolvimento physico. Vantagens practicas da solidariedade entre os irmãos.....	157

Consequencias funestas do costume de enfeitar os filhos.....	160
Valor negativo da riqueza como condiçao de felicidade.....	162
Orgulho e vaidade. Meios de corrigir esses defeitos. Pro- cesso infernal de dirigir a alma.....	163
A lei das compensações regendo o equilibrio social.....	168
Como se deve conduzir a mulher para preencher uma parte de sua missao. Conselhos uteis.....	170
Meios de combater a soberba. Relações com os famulos.....	175
Caridade e justiça. Respeito a velhice.....	176
Inclinações naturaes dos sexos. Utilidade das bonecas. Meios de combater a inconstancia.....	177
Saude e força como attributos da belleza.....	178
A menina aos quinze annos.....	180
Terceira carta de Hermengarda.....	183
Comunicação do nascimento de Graciema. Hermen- garda se presta a amamentar e educar Juracy.....	184
Mario aos seis annos. Suas proezas. Impressões da mãe. A phase de dentição.....	185
Erro das mães que procurão corrigir os filhos, ameaçando- os com a presença e o rigor dos paes.....	188
Mario ajuda o pae. Estréa do ferreirinho.....	189
Noção do trabalho remunerado. As historias á noite.....	191
A mentira e suas consequencias sobre o caracter. Meios de combater-a.....	192
Maldade inconsciente das crianças. Cuidados necessarios.....	193
Travessuras de Mario.....	194
Efeito das más companhias. Valentia do menino.....	197
Os primeiros rudimentos do ensino.....	199
A tempestade no horizonte politico da patria.....	200
Quinta carta de Valerio Silva.....	203
Inocuação dos sentimentos agrestes.....	204
Inconvenientes de metter medo as crianças.....	206
Educaçao da curiosidade. Repressão do instinto de male- dicencia.....	207
Primeiros ensaios de cultura intellectual. A crise da birra nessa época.....	208

4	INDICE	5	
Explicação desse phenomeno.....	209	Quarta carta de Hermengarda.....	267
Fructos de uma boa disciplina em confronto com o systema inverso. Inconveniente de fazer do estudo um castigo.....	210	Aprestos de viagem. Emoções da familia. Mario vae partir para o Rio. Appello a Valerio Silva.....	268
Noções empiricas de hygiene physica. Como se deve entreter a criança. Um dos meios de evitar o estrabismo. Regimen do agasalho e dos banhos. Observações sobre a impertinencia. Cuidados no deitar a criança. Cuidado no sental-a. Uma causa de corcundez. Regimem alimentar.....	213	Setima carta de Valerio Silva.....	271
A phase da dentição. Defesa natural do organismo....	218	Noticias politicas.....	271
Indigestões. Passeios. Nutrição lactea. As amas.....	220	Procedimento de Mario no collegio. Suas brigas.....	273
O beijo como elemento transmissor das molestias virulentas. Pés descalços. Vestuario e exercicios.....	221	Lição de patriotismo.....	274
Conselhos preciosos. Repressão da inveja. Igualdade nos affagos.....	222	A educação civica vem do berço. Suas relações com o caracter. A instrução religiosa e seus efeitos variados. Reabilitação e degeneração.....	278
Os bons habitos do primeiro filho facilitão a educação da prole. Relações entre os irmãos. Necessidade de combater as predisposições morbidas.....	224	Estudo do caracter de Mario.....	280
A hygiene e sua importancia. Gymnastica. Inconvenientes do espartilho e das ligas.....	226	Escola-modelo. Organização pratica do ensino. Vantagens do systema.....	281
Advertencia prudente de Valerio Silva.....	230	O capital do professor. Os legisladores-poetas.....	285
Sexta carta de Valerio Silva.....	233	Defeitos do ensino superior. Superabundancia de preparatorios. Ignorancia e pedantismo.....	286
Effeitos da educação racional. Deveres do professor....	234	Ponto de vista pratico. Exigencias indispensaveis.....	288
Internatos e externatos; ligeiro confronto.....	237	Consequencias da sobre-carga de preparatorios. Inconvenientes de romper o equilibrio das forças physicas. A potencia intellectual do homem. Presumpção vulgar.....	290
Problema das vocações.....	241	A vida media. Degeneração physica. O cansaço cerebral contribuindo para generalizar as molestias do systema nervoso. Empacamento da intelligencia. A contra prova fornecida pela classe ignorante.....	292
Consequencias do estudo excessivo.....	243	Terrivel tributo pago a civilisação. As molestias do coração. Desvantagens do progresso humano.....	295
Meios de consolidar o amor dos filhos.....	245	Oitava carta de Valerio Silva.....	299
Regras fundamentaes de economia domestica. As primeiras noções do trabalho. Noção pratica do peculio. Principios de governo domestico. Influencia da cosinha sobre a harmonia conjugal.....	248	Conducta de Mario na academia.....	299
A embriaguez e o jogo. Educação da vontade.....	257	Episodios da sua vida.....	300
Polimento do caracter. O tracto social e a sciencia da vida. Tolerancia politica e religiosa. Deveres de hospede.....	262	Preparos do cidadão. Manejo das armas.....	304
		Mario é roubado. Conselhos de Valerio Silva a proposito desse facto.....	304
		Nona carta de Valerio Silva.....	307
		Começo das inquietações paternas.....	308
		Problema do casamento.....	311

Fig. 34 e 35 - Américo Werneck, *A Arte de educar os filhos: às jovens mães*, Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commércio de Rodrigues & C., 1895. Fonte: Museu Dr. Américo Werneck.

Papel secundario da riqueza.....	313
Seleção dos sentimentos puros. Cautelas naturaes.....	315
Influencia da admiração sobre o amor.....	317
A belleza physica não garante a felicidade.....	318
Cruzamentos.....	319
Hereditariedade da loucura. Effeitos da consanguini- dade. Acção da previdencia paterna.....	320
Condições a seguir na escolha dos conjugues.....	322
Conselhos aos paes e aos filhos.....	323
Enlaces devidos a imprudencia.....	325
Effeitos comparativos de educações diversas.....	327
O celibato e suas desvantagens.....	330
Problema das heranças.....	332
O objectivo dos paes frustrado pela legislação vigente...	333
Instabilidade das fortunas brasileiras.....	335
Defeitos da partilha obrigatoria. Exploração da viuvez. Ruina das propriedades. Discordias domesticas. Falta de equidade na distribuição dos bens.....	336
A liberdade de testar e suas vantagens. Equivalencia dos quinhões. Prestigio da autoridade paterna. Moralisa- ção dos casamentos. Conservação das proprieda- des. Educação dos filhos na escola do trabalho...	341
Garantias do futuro.....	345
Objecções á liberdade de testar. Sua improcedencia.....	348
O regimen da separação de bens como recurso provisorio.	351
Inconsequencias da lei vigente.....	352
Considerações finaes.....	355
Theorias das reacções naturaes.....	355
A lei fundamental de Spencer.....	356
Lacunas dessa lei.....	358
Apologia e critica do systema de Spencer. Incorporação de sua lei ao systema de Valerio Silva.....	355
Nota annexa a primeira edição.....	357
Correcção.....	387
Indice.....	

PREFACIO DA 1ª EDIÇÃO

No meio da formidavel anarchia que agita o mundo, eu não podia prestar melhor serviço á Patria do que escrevendo este livro.

No preparo das gerações futuras está até certo ponto a solução dessa crise commercial e politica, transportada pelas correntes sociaes da velha Europa para o joven America, destinada a ser o centro da civilização futura.

Não me demoverão as difficuldades do assumpto.

Tendo opiniões proprias e perfeitamente robustecidas pela experiencia, deliberei nada lér a respeito, enquanto não terminasse o meo trabalho. Assim procedendo, foi meo intuito evitar o baralhamento de idéas, que sacrificaria a originalidade da obra no seo conjuncto, a clareza do estylo e o methodo de exposiçáo.

Não tenho todavia a pretensão de haver dito novidades; penso mesmo que o merito do livro está justamente nessa particularidade. Nada se inventa em materia de educação. Desde as mais remotas éras da humanidade, tem apparecido caracteres modelos, que deverão suas virtudes aos processos do ensino moral, intuitivos sem duvida, mas nem por isso menos verdadeiros. Os meos principios são praticos, nassem da observação, executáo-se todos os dias consciente ou in-

PRIMEIRA CARTA

DE

Hermengarda ao Dr. Valerio Silva

MEU ILLUSTRE PROTECTOR

Escrevo-lhe sob a impressão de um sentimento novo.

Sou mãe!

Não sei que reflexões desperta em sua alma nobre essa notícia, que resume o destino vulgar de meo sexo. Facto em si tão natural, não merece em regra as honras da meditação. A todo o momento eu recebo felicitações e carinhos; sobre o berço de meo filho despenha-se uma nuvem de flôres; uma explosão ruidosa de afagos retine melodiosamente nos meos aposentos como um canto de passaros; mas o meo ouvido exigente busca em vão, e não encontra, nesse concerto de vozes a nota principal, aquella que só um coração de pae ou mãe desfere das suas cordas, misturando aos arrulhos do amor o indefinivel sentimento da piedade. Sim, falta-me

Fig. 36 e 37 - Américo Werneck, *A Arte de educar os filhos: às jovens mãis*, Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commércio de Rodrigues & C., 1895. Fonte: Museu Dr. Américo Werneck.

as suas manifestações moraes, nada mais difficil que a missão do preceptor, cuja sagacidade deveria attingir as proporções do prodigio.

Não! Por força ha em tudo isto um erro de conducta. Devem existir regras fixas e invariaveis, constituindo um corpo de doutrinas, de que os paes não podem se arredar, sem risco de comprometter o resultado de seos esforços e o conjuncto de sua obra.

Sinto desfallecer-me a razão, quando penso que o destino pode ter sido cruel com o meo thesouro, dotando-o com uma natureza tão ingrata que toda a minha habilidade não consiga modificá-la. Para o senhor volvo os olhos nesse transe difficil. Illumine o meo espirito, envie-me os seos conselhos, fortaleça minha coragem, para que eu preencha a minha dolorosa missão daqui a dous annos, quando a intelligencia de meo filho collocá-lo em condições de supportar as primeiras lições.

Meo marido envia-lhe um aperto de mão.
Beija-a na frente a

sua docil e querida
HERMENGARDA

Parahyba do Sul, 4 de Maio de 1823.

PRIMEIRA CARTA

DE

Valerio Silva á sua pupilla Hermengarda

FILHA MUITO AMADA

A tua missiva orvalhou-me os olhos de lagrimas. Não penses, nem de longe, que expremeo-as a dôr de um coração stringido pelos dissabores. A emoção que senti, bem a definiste, foi um mixto de enternecimento e pena, ao vêr tua frente de esposa cingida pela corôa da maternidade.

Rainha do lar, teo porte augusto resumbra o respeito e a serena magestade da mulher na plenitude de sua força creadora. O amor sagrou-te heroína da civilisação, portadora de missão sublime, cujo desempenho não será difficil a um espirito, como o teo, energico e disciplinado na escola do dever.

Fig. 38 - Américo Werneck, *A Arte de educar os filhos: às jovens mães*, Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commércio de Rodrigues & C., 1895. Fonte: Museu Dr. Américo Werneck.

OS FILHOS PRÓDIGOS

Repetem-se assustadoramente os casos de desaparecimento mysterioso de rapazes e raparigas. Os jornaes discutem-n'os como um symptoma de anarchia moral. De quem a culpa?

A imprensa de umas duas grandes capitães, S. Paulo e Rio, discute neste momento a frequencia com que se dão os desaparecimentos de moços e moças — e mesmo crianças — que fogem da casa de seus pais, desejosos de aventuras. Effectivamente tal tem sido o numero desses casos, que já elles dão que pensar como mais um symptoma da arrouchise moral em que se debate a nova geração, por não ter herdado da geração anterior — que lo o que se formou na licença dos nos primeiros annos de demorada democracia — a firmeza de uma moral religiosa. Um dos elementos que mais tem concorrido para aquella arrouchise é sem duvida o jornal, que no Brasil, mais que em qualquer outra parte, degradou-se ao extremo, deixando de ser o sacerdotio que deveria ser, para transformar-se num vil instrumento de especulação, entregue, com poucas excepções, ás mãos de mercenários sem nenhum escrupulo, dignos successores de Aetino, e como elle vivendo de *chantage* aos ricos e aos poderosos.

Tal imprensa deleita-se com o escandalo, e é com especial volupia que insere os menores detalhes, os mais particulares incidentes da podridão social, por qualquer aspecto que se elle apresente; não poupando nomes technicos, dizendo as coisas em termos crus, sem pensar que sob aquellas expressões torpes, muitas vezes brutaeas, vão posar candidos olhos de meninos, cuja curiosidade natural avidamente busca o significado de cada um daquelles repugnantes aspectos.

O crime, a aventura, o drama cheio de peripecias enche-lhe columnas, por dias. São folhetins vivos, humanos, paginas palpitanes de actualidade, que as gravuras illustram. Ora si o romance era considerado por nesses avós — e com razão — um dos mais damnos elementos de dissolução, quando lidos por almas inexperientes, no calor perigoso da puberdade, o que dizer do romance vivido, do romance cujos autores são palpaveis, são de hoje, e cujas aventuras se passam no mesmo scenario em que vivemos.

O chronista do «Jornal do Commercio», referindo-se a este assumpto, quer tirar da imprensa uma grande parte daquella responsabilidade, com affirmar que muitos daquelles casos se dão com analphabets:

— A frequencia com que taes desaparecimentos se têm dado ultimamente leva a imprensa a comparal-os, a relacional-os entre si.

A folha em que acabamos de ler o caso de hontem, dá-lhe este titulo significativo: *Mais um*. Com effeito, para conhecermos a natureza do acontecimento alli relatado, não precisaríamos de passar do titulo. Aquellas duas palavras constituem verdadeiramente uma expressão synthetica; dizem tudo. No noticiario local, *mais um* não pôde indicar não um joven que desapareceu.

Alguns desses heróes, que sempre começam por assumir certo prestigio de mysterio, têm feito suppor a seu respeito coisas interessantes e até deveras sensacionais. Mancebos de sangue na gueta e mais ou menos conhecidos pelo entusiasmo bellicosissimo, passaram por embarcados com destino á Europa e aos campos de batalha. Donzellas pertencentes a familias romanticas e frequentadoras de cinematographos, suscitaram a hypothese de haverem sido atraídas a alguma associação secreta, alguma quadrilha do genero da de Fantomas ou dos Mysteries de Nova York, e reduzidas a quem não adivinharia a que condições de miseria e de crime? A cada desaparecido, corresponde assim uma novella ou uma lenda. Em tal emergencia, a imaginação dos paes, dos parentes proximos ou dos amigos cria forçosamente uma



O regresso do Filho prodigo — Desenho de G. Dori

pagina — nos jornaes, columna e meia — de boa litteratura popular. Apenas, a essas obras inspiradas quasi nunca está reservada grande duração. Os jovens, de um como de outro sexo, não tardam a reaparecer. Reapparecem todos, é questão de dia. O de hontem reaparecerá amanhã ou depois... Nem por isso, entretanto, o phenomeno se torna menos grave ou menos digno de reflexão.

Devemos admitir, em tantos casos identicos e tão proximos, uma lei de contagio, favorecida pelos reclamos sempre lisonjeiros e tentadores da imprensa? Ao poder deste elemento, têm sido attribuidas varias epidemias, qual dellas mais assoladora: de suicidios, de uxoricidios, de falcatruas burocraticas, de beneficios theatraes... De facto, quando os jornaes entram a fazer barulho ao redor de um cavalheiro que rebentou os miolos, trucidou a cara metade, deu um desfalque na repartição ou está preparando a sua festa artistica lá

Casamento, vida doméstica e domínio de si

(PARTE III)

Domínio de si, temperança, felicidade e liberdade

(Capítulo 6)

Os educadores da nação formulavam sua visão de mundo e seu projeto de nação a partir de um pensamento científico e moral que buscava tornar o mundo cognoscível e manejável através de categoriais duais. Pares opostos como humano-animal, masculino-feminino e barbárie-civilização eram basais da cosmovisão moderna e europeia escrita, sobretudo, por franceses, britânicos e germânicos, que inspirava nossas elites nacionais em sua projeção da emergente nação brasileira. Nesse aparato conceitual constitutivo da modernidade, era também central a concepção do tempo — individual e social — como uma sequência evolutiva, entendido como um regime de temporalidade progressivo, no qual se acreditava haver um horizonte universal de perfectibilidade, um *telos civilizacional* que seria comum a todos as pessoas e coletividades.¹ Nesse horizonte, haveria a prosperidade e a liberdade que, como veremos, possuíam acepções bastante específicas e circunscritas ao universo europeu, apesar de terem sido concebidas e enunciadas com aspirações de universalidade.

Articulando esse regime temporal com as categorias duais, constituía-se uma concepção da vida social e individual como um processo de aprimoramento, de empenho constante em progredir, aperfeiçoar, evoluir. Esse movimento de transformação era embasado na dualidade humano-animal, que se sobrepunha ao par barbárie-civilização. Uma *civilização* seria composta de indivíduos humanizados, a barbárie, de indivíduos animalizados. A vida de um homem deveria ser uma progressão do estado animalesco em direção ao estado humano.

A teoria da recapitulação — na qual a ontogenia (a transformação do indivíduo) era entendida como uma recapitulação da filogenia (a evolução da espécie), ou seja, o entendimento de que o processo de formação do indivíduo seria uma reencenação do processo de evolução do animal para o humano — teve grande popularidade na biologia, na educação, na psicologia e nas teorias da moralidade do século XIX e das primeiras décadas

¹ HARTOG, op. cit.; KOSELLECK, op. cit.; PATTERSON, op. cit.

do século XX.² Américo Werneck, por exemplo, entendia que a criança nascia em um estado animalesco e que o papel da educação moral era torná-la humana. Persuadia as mães para que olhassem para os filhos como um “animal a educar”, um ser nascido em sua “rudeza original” e cujo espírito era uma “jaula de feras”³. Entre os polos do que era qualificado como animal — as paixões, os impulsos, os desejos, a sexualidade, a sensorialidade — e humano — a racionalidade, a disciplina, a temperança, o controle, a ordem — estabelecia-se uma escala classificatória, na qual se organizavam os indivíduos de acordo com o grau de predominância da humanidade em detrimento da animalidade. Nesse esquema moral-evolutivo, as crianças que não recebessem a educação *civilizada* estavam fadadas às posições inferiores da escala, pois a animalidade nelas seria prevaiente.

O papel da *civilização* era cercar, vigiar, dominar, controlar e disciplinar a animalidade para produzir a humanidade. Se na infância essa era uma responsabilidade dos pais, a partir da juventude passava a ser também uma tarefa dos próprios indivíduos consigo mesmos, bem como, caso falhassem, das instituições médicas, jurídicas e de vigilância e policiamento. A dominação da natureza animal em favor da humanidade foi uma temática central na construção da masculinidade *civilizada*. Nos livros dedicados aos jovens e adultos, como *Philosophia da felicidade*, de Paul Janet e *O Caráter e O Poder da Vontade*, de Samuel Smiles, observaremos o grande empenho em demarcar, detalhar e esmiuçar as fronteiras entre o animal e o humano em diversas dimensões da vida, sobretudo, naquelas que qualificavam como ameaçadoras à ordem *civilizacional*: os prazeres, a sensorialidade, os desejos, a sexualidade e a imaginação.

² A teoria da recapitulação foi fundamental para as teorias sociológicas, psicológicas e educacionais de Herbert Spencer que, como já vimos, teve grande influência sobre os educadores da nação do período. Para uma visão sobre o seu impacto no debate educacional norte-americano, ver a discussão de Gail Bederman sobre os escritos educacionais de Stanley Hall. BEDERMAN, op. cit., p. 92. Sobre a presença da teoria da recapitulação no ensino da psicologia educacional no Brasil, ver: LIMA, Ana Laura Godinho. O evolucionismo na psicologia educacional: uma análise historiográfica. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.27, n.3, jul.-set. 2020. Sobre a presença da teoria da recapitulação nas teorias de Freud sobre o desenvolvimento da sexualidade humana, o desenvolvimento das aptidões morais e da própria diferenciação evolutiva entre humanos e animais, ver: SELIGMANN-SILVA, Márcio. Mal-estar na cultura: corpo e animalidade em Kafka, Freud e Coetzee. **Alea**, v. 12, n. 2, jul-dez. 2010, p. 205-222 e ARMILATO, Vinícius e BOCCA, Francisco Verardi. Um além que vem do passado: o evolucionismo e o caráter regressivo e patogênico das pulsões. **Voluntas: Revista Internacional De Filosofia**, v. 11, n. 2, p. 175-194.

³ WERNECK, op. cit., p. 50, 58 e 60. Ver parte II desta tese.

Induzindo os homens a construírem um olhar de alteridade para si mesmos e a objetivarem o seu “lado animal”, esses autores ensinavam uma perspectiva para o mundo social, apresentando uma ordenação classificatória que construía uma longa fila hierárquica entre diferentes homens e diferentes masculinidades. Na constituição da *héxis* e da estética dos objetos que circundavam e simbolizavam a masculinidade *civilizada*, essa classificação também foi largamente operada pelos agentes como marcadores de distinção de racialidade, classe e gênero.

A masculinidade branca normatizada pelos educadores da nação organizava, classificava e hierarquizava os indivíduos através das categorizações: ativo-passivo, dominante-dominado, senhor-escravo, independência-sujeição, autoafirmação-autoanulação, razão-paixão, virilidade-sentimentalidade. Se essas dualidades organizavam as relações e hierarquias sociais no universo homossocial masculino e no espaço social como um todo, também deveriam pautar a relação dos homens consigo mesmos. A ameaça de ser subjogado, dominado e “escravizado” provinha não apenas da alteridade do outro, mas também da alteridade que o homem viveria dentro de si mesmo. Além de ser capaz de dominar os outros, para se tornar um homem branco em sua plenitude, era necessário que o sujeito também fosse capaz de dominar a si mesmo.

O objetivo do domínio de si era garantir a liberdade ao homem. Embora a formulação pareça paradoxal, no contexto da moral burguesa europeia ser livre não significava conquistar um livre-arbítrio absoluto: livre era o homem que não era escravo dos prazeres, desejos e paixões, que não vivia a seu serviço, mas de acordo com a sua racionalidade e sua *vontade*.⁴ Em *O Character*, Smiles dedica um capítulo inteiro à “sujeição de si” e explica:

⁴ Essa caracterização da liberdade, bem como todo o pensamento do domínio de si, da temperança, da harmonia, que aparece em autores como Smiles e Paul Janet, remetem diretamente à concepção de moralidade elaborada por filósofos gregos como Platão e Xenofonte. As temáticas do domínio de si e da dietética dos prazeres que exploraremos nesse capítulo podem ser compreendidas como uma espécie de reapropriação da moralidade masculina prescrita por esses pensadores, reinterpretada à luz do processo moderno de disciplinarização. Os autores que se apropriavam da sabedoria dos “antigos” no século XIX o faziam com ampla liberdade interpretativa, se valendo largamente da legitimidade de pensadores como Sócrates, Epicuro, Xenofonte e outros para validar suas preceptivas a partir de fontes que eram tidas como inequívocas de proposições “verdadeiras” e pretensamente universais sobre a existência humana. A título de exemplo, observemos algumas das diferenças da moralidade grega da proposta pelos autores modernos: primeiramente, para os gregos, a heterossexualidade e a monogamia não estavam associadas com o ideal de masculinidade e de temperança. As proposições da temperança tampouco se pretendiam universais, sendo centradas sobretudo aos homens que ambicionavam

A sujeição de si mesmo é a mesma coragem sobre outra forma e pode ser considerada como causa primaria do caracter. É em virtude desta qualidade que Shakespeare define o homem como um ser que tem a faculdade de olhar para diante e para tras. **É a principal distinção entre o homem e o irracional, e sem ela não pode haver virilidade real.** ⁵

A sujeição de si mesmo é a origem de todas as virtudes. Do momento em que o homem deixa de refrear os seus impulsos e paixões perde a sua liberdade moral, é arrastado pela corrente da vida e torna-se escravo de seu desejo do momento.

Para ser moralmente livre, para ser superior ao animal, o homem deve saber resistir ao impulso instintivo, e isto elle só pode conseguir por meio do exercício da força de vontade. Por conseguinte, esta é a faculdade que constitue a distincção real entre a vida physica e a moral, e que fórma a base do caracter individual. ⁶

O objetivo da sujeição de si era fazer com que o homem superasse a sua condição animal, em outras palavras, que ele fizesse com que a *civilização* superasse a “natureza” que existiria dentro de si. Para isso, era preciso que o homem assumisse uma posição de alteridade consigo mesmo, objetificando a si mesmo para poder vigiar, dominar e conquistar o seu lado “selvagem”. Nessa ordenação dual da existência eram demarcados como característicos do “homem” a vida moral, a mente e o intelecto; e do “animal”, a vida física, o corpo e a

ocupar cargos dirigentes na *pólis*. Podemos acrescentar que tampouco eram centrais para a sua idealização masculina questões como trabalho, utilidade, disciplina e *progresso*, da maneira como foram concebidas na modernidade europeia a partir do século XVIII, intimamente articuladas com uma ética burguesa do trabalho e uma organização capitalista da produção. Para uma análise aprofundada dessa moralidade masculina na Antiguidade grega, ver: FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

⁵ É interessante notar que em sua tradução da obra na virada do século XX — a primeira diretamente do inglês —, Amelia Pereira, sem alterar o sentido da frase e de seu conteúdo, retira, contudo, a sua especificidade de gênero, que está explicitamente marcada no original de Smiles, onde se lê: “It forms the chief distinction between man and mere animal; and, indeed, there can be no true manhood without it”. Em sua tradução, Amelia traduz “manhood”, que é um termo com sentido estritamente associado à masculinidade, como “humanidade”, procurando ampliar o seu sentido para abarcar todos os seres humanos: “É a principal distinção entre o homem e o animal, e sem ella não pode haver verdadeira humanidade”. A tradução de Amelia Pereira dos livros de Smiles foi perpassada por muitas tensões, que ficam explícitas com a ocultação de seu nome nas edições que foram incorporadas à Coleção Biblioteca Científica (da Garnier) — substituído por asteriscos na folha de rosto —, provavelmente para não afastar os leitores, majoritariamente homens, que guardavam desconfianças em relação à capacidade e competência das mulheres para atividades intelectuais. SMILES, Samuel. **Character**. Saint Paul: The Pioneer Press, 1889, p. 177; SMILES, Samuel. **O Character**. trad. D. Amelia Pereira. Coleção Biblioteca Científica. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d., p. 199-200.

⁶ SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878, p. 165 (grifos do autor).

sensorialidade. Se o “animal” era apresentado como o ser que possuía uma atitude passiva perante os impulsos, instintos, desejos, paixões, emoções, sexualidade, “os apetites” e as sensações corporais, ser um “homem” significava assumir uma postura ativa e viril em relação a si mesmo. Pela “força de vontade”, pela atitude dominadora, teria de subjugar as forças desejantes que pulsavam em seu interior e fazer prevalecer a ordem disciplinar da racionalidade.

Contudo, não se tratava de uma moralidade da recusa e da abstenção — como o regime de castidade, virgindade e reclusão que ainda norteava algumas normativas em torno da feminilidade⁷ —, mas de um regime de administração e de gestão. Prazeres, paixões e desejos não eram pensados como males em si, pelo contrário, eram valorizados como uma parte fundamental da existência. Porém, para serem bem desfrutados, precisavam ser administrados de forma correta, seguindo princípios de dosagem e periodicidade. Reprimir-se e se abster eram instrumentos importantes para a manutenção desse regime de temperança, mas não eram a sua finalidade. Se bem administrados, orientados e retificados, os prazeres poderiam inclusive ser disciplinados, tornando-se úteis e amplificando a capacidade produtiva do homem. Porém, se deixados operar sem a mediação da gestão viril, ameaçariam subjugar o homem, torná-lo passivo, “escravo de seu desejo”, rebaixando-o à condição animalesca.

Em sua *Philosophia da Felicidade*, Paul Janet procura explicar para os seus leitores como a problemática em torno do prazer sensorial, que “considerado em si mesmo é uma coisa boa; é um bem fugitivo, superficial, frágil, mas é um bem”, era uma questão de hierarquia, de dosagem e de dietética:

⁷ Sob o regime da virgindade e da abstenção, as mulheres eram julgadas a partir de uma organização moral que almejava a pureza. Dessa forma, qualquer desvio era percebido como mácula indelével e incorrigível de seu caráter. A moralidade da temperança que regia a masculinidade, por sua vez, se organizava a partir das noções de equilíbrio e comedimento. Dessa forma, o desvio não era percebido como fatal, mas como sinal de um desequilíbrio que poderia ser corrigido, reequacionado, reequilibrado. A cultura burguesa problematizava os prazeres e a sexualidade e procurava controlar, administrar e disciplinar seus efeitos e práticas. Mas, sobretudo no caso dos homens, não visava suprimi-los. Para uma crítica e problematização da “hipótese repressiva” que até hoje norteia interpretações sobre a cultura burguesa, ver: FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 19-49.

Qual será, porém, o limite? Eil-o: todo o prazer dos sentidos, que faz perder ao homem a sua dignidade, fazendo-lhe perder a razão e o domínio de si próprio é vergonhoso e indigno d'elle; deve ser excluído da ideia da felicidade.⁸

Os prazeres estariam em seu devido lugar quando considerados como “uma das condições indispensáveis, mas secundárias da felicidade”⁹. O problema consistia em considerar o prazer a razão primeira da felicidade, fazendo com que o sujeito, portanto, assumisse uma atitude passiva em relação às suas demandas. Essa confusão advinha da própria natureza sedutora e absorvente dos prazeres que, se não fossem bem geridos e administrados, poderiam constituir uma armadilha perigosa. O risco era de inversão hierárquica: de servidor do homem e de suas elevadas ambições, o corpo — entendido como continente e fonte das sensações, das paixões, dos desejos, dos apetites, da sexualidade — se tornaria seu senhor. Da posição de instrumentos ou de leves divertimentos, os prazeres galgariam o posto de um ditador inescrupuloso:

Se existisse um tyranno que exigisse de seus súbditos uma terça parte ou mais de seus rendimentos, obrigando-os além disso a consumir um gênero que os embrutecesse e degradasse, que destruísse a paz e a comodidade de suas famílias, que espalhasse entre ellas o germen da moléstia e de uma morte prematura, com que violência se levantaria o espirito da liberdade contra um despostismo tão monstruoso e tão fora da ordem natural! Entretanto, esse tyranno existe realmente entre nós, o tyranno do apetite não sofreado, contra o qual a força das armas ou dos argumentos, é impotente enquanto o homem sujeita-se ao seu domínio.

[...] O gozo dos prazeres ignóbeis mata a felicidade, mina a moral, destrói a energia, e degrada a virilidade e a robustez dos homens, e por conseguinte das nações.¹⁰

A metáfora política do tirano e do escravo não era casual. Os moralistas e educadores da nação não propunham a seus leitores que pensassem a si mesmos como indivíduos cujas

⁸ JANET, Paul. **Philosophia da felicidade**. Rio de Janeiro: Ed. Garnier, 1878, p. 19.

⁹ *Ibidem*, p. 20.

¹⁰ SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878, p. 185-6 (grifos do autor).

escolhas deveriam ser pautadas por seus próprios interesses e anseios. Nos livros de formação, o rapaz era instruído a constituir sua própria identidade e consciência de si de forma imbricada à sociedade e ao projeto de *civilização*. Seus destinos se encontravam unidos. A felicidade individual por meio da satisfação imediata com os prazeres não era possível. A verdadeira felicidade só poderia ser atingida mediante a ávida dedicação à *civilização*.

O homem que se entregava aos prazeres de forma intemperada não prejudicava somente a si mesmo, mas a toda a nação, de forma que a escravidão dos indivíduos por suas paixões podia ser entendida como causa da decadência de uma sociedade. A associação da queda do Império Romano com a languidez decorrente da entrega descomedida de seus homens aos prazeres e vícios era um motivo histórico recorrentemente evocado entre intelectuais franceses e ingleses.¹¹ Em *O Carácter*, Samuel Smiles se vale desse *cliché* para explicar o vínculo entre a temperança individual e o destino da coletividade:

[...] a decadência e a queda de Roma podem ser atribuídas á corrupção geral do povo e ao seu amor excessivo pelo prazer e a ociosidade, pois o trabalho nos últimos tempos de Roma era unicamente reservado aos escravos. [...] Se vive como um egoísta, não tendo em vista senão o seu prazer, se é para si mesmo um pequeno deus, um tal povo está condenado, e a sua decadência é inevitável.¹²

Por meio dessa interpretação moralizada da queda de Roma, Smiles procurava persuadir seus leitores de que “a estabilidade das instituições depende da estabilidade do carácter”¹³. Quando tratava de longevidade, da felicidade e da economia energética masculina — temas que, como veremos, foram predominantes nas discussões de diversos autores em torno do

¹¹ Para o ambiente intelectual francês e inglês, ver o verbete: “Décadence, un mythe qui a la vie dure” do *Dictionnaire amoureux de la Rome Antique* de Xavier Darcos. Nele, o autor apresenta a presença do mote da decadência luxuriosa em escritos de Montaigne, do influente historiador inglês Edward Gibbon e sua mobilização por artistas de meados do século XIX, como o pintor Thomas Couture, que se valeu do motivo em sua tela “Romains de la décadence” para criticar os desmandos da Monarquia de Julho. DARCOS, Xavier. *Dictionnaire amoureux de la Rome Antique*. Paris: Perrin, 2018, edição Kindle, p. 199-200.

¹² SMILES, Samuel. *O Carácter*. trad. D. Amelia Pereira. Coleção Biblioteca Científica. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d., p. 36-37.

¹³ *Ibidem*, p. 37.

casamento e da domesticidade — Smiles, assim como os agentes que se empenhavam por sua difusão no Brasil, não estava preocupado apenas com o destino individual de seu leitor, mas, sobretudo, com o destino social que acontecia através do indivíduo:

O poder deste tyrano [o apetite não contido] só pode ser debelado pelos meios moraes, pela força de vontade e pelo respeito de si mesmo; é impossível resistir-se por outro modo ao despotismo do apetite sob qualquer fórma que seja. Não há reforma de instituições, nem faculdade de votar, nem fórma de governo aperfeiçoada, nem instrucção capaz de elevar o character de um povo que voluntariamente se entrega á satisfação sensual.¹⁴

Nesse sentido, as ansiedades em torno das paixões, bem como as aspirações de uma felicidade harmônica e temperada, estavam intimamente ligadas a um projeto disciplinar de canalização das energias corporais, afetivas e intelectuais dos indivíduos para a *civilização*. Libertar-se do jugo das paixões, evitar a sua suposta espiral de insaciabilidade, não era apenas uma questão de busca pela satisfação individual, mas de gestão das energias individuais para objetivos socialmente ordenados e estabelecidos: produção, reprodução, utilidade, ordem etc. Para tanto, na mesma medida em que se valiam de técnicas negativas, como a inculcação de pavores sobre os efeitos desagregadores e devastadores de uma relação intemperada com os prazeres, a sexualidade, os desejos e as paixões, os livros de formação também se valiam de técnicas positivas, como a projeção de uma relação harmônica e sinérgica entre o indivíduo e a sociedade, sugerindo que servindo aos propósitos civilizacionais — ou seja, dominando a si mesmos, cultivando a temperança de seus prazeres, obrando com disciplina e utilidade — os indivíduos encontrariam uma forma sóbria, amena e estável de satisfação e felicidade. Assim, o processo de disciplinarização que denominavam como “domínio de si” era constituído pelo cultivo simultâneo de medos e expectativas, de ansiedades e aspirações. Dessa maneira, buscavam construir um “eu” servil ao projeto *civilizatório*, que o sujeito ambicionasse cultivar, preservar e investir; e um “não eu” que fosse legitimamente temido para ser vigiado, dissecado, cerceado, combatido e modelado.

¹⁴ SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878, p. 186.

Para Smiles, o “gozo dos prazeres ignóbeis mata a felicidade”, pois na ordem moral que seus livros difundiam, ser feliz estava intimamente associado com o investimento no aperfeiçoamento de si em termos morais e intelectuais, em tornar-se produtivo e útil para a sociedade, uma felicidade, portanto, que só poderia ser encontrada no engajamento com o projeto *civilizatório*, dentro de sua *illusio*. Significava também alcançar um estado de harmonização e estabilidade em relação às paixões e assim ser capaz de conduzir sua vida e suas escolhas a partir da racionalidade. Era somente dessa maneira que se poderia atingir uma felicidade superior, a dos homens, sendo a felicidade inferior àquela que aos olhos dos educadores da nação eram atingidas pelas satisfações “irracionais” e “animais”, como as obtidas pelos prazeres sexuais e excessivamente sensoriais.

Para qualificar e hierarquizar essas duas felicidades, os moralistas também abordavam os regimes de temporalidades que analisamos anteriormente. Como afirmava Chiarini: “O homem não foi lançado sobre a terra para materializar-se no gozo de todos os prazeres e, depois de passar, impune, pelos tremedões do vício, voltar ao nada donde saíu”. O homem estava destinado a cumprir a “nobre missão” de “realizar os destinos da Humanidade”¹⁵. Dessa maneira, o homem que, à maneira dos boêmios, apreendesse a vida como uma sucessão de tempos presentes e atribuisse o sentido da sua existência à obtenção de sensações prazerosas era classificado como preguiçoso, frouxo, acomodado e não era digno de ser compreendido em sua plena “humanidade”, pois vivia uma temporalidade que seria característica do “animal”. Assim eram também classificadas outras culturas, cuja temporalidade não era a mesma que a do projeto *civilizatório*, como dos povos indígenas e de segmentos das classes baixas. A felicidade “humana” só era possível na temporalidade prospectiva, que encadeava o ciclo biológico da vida como uma jornada evolutiva, que possui um *telos*, que só se cumpre quando dedicada ao trabalho, à carreira, à utilidade social. Enquanto a “felicidade animal” era dedicada às atividades classificadas como superficiais e terrenas, a “felicidade humana” era dedicada às questões tidas como profundas e elevadas.

A disputa travada entre “natureza” e *civilização*, entre paixão e razão, entre mente e corpo, entre o profundo e o superficial, entre o permanente e o fugaz, entre o elevado e o

¹⁵ CHIARINI, op. cit., p. 15.

terreno, era também constitutiva das dualidades que ordenavam, a partir das posições privilegiadas do poder, as hierarquias sociais entre homens e mulheres, entre a branquitude e a negritude, entre as classes altas e as classes baixas. Assim, o processo de domar e moldar o corpo e os sentidos em uma “justa obediência”, como dizia Janet, pode ser compreendido como uma forma de construção de uma corporalidade e uma subjetividade específicas para o homem branco.¹⁶ Uma vez que ser livre passava a estar intimamente associado com escolher e agir de forma racional, a normativa da masculinidade branca passava a prescrever aos homens uma negação ativa e consistente de grande parte de seus sentimentos, desejos e emoções, bem como de suas experiências sensoriais e eróticas, que eram classificadas como ameaças à sua liberdade. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que a masculinidade branca garantia para os homens, enquanto indivíduos, uma posição de superioridade na sociedade, ela também estabelecia rígidas restrições à sua experiência do mundo e de si mesmo.¹⁷ A subjetividade e a corporalidade desse homem deveriam ser construídas através de uma ação viril sobre si mesmo, que o permitiria domar sua “natureza” para poder instituir-se na escala da *civilização* como legítimo superior em relação aos outros humanos.¹⁸

A construção dessa figura idealizada do homem branco era concomitante à construção de uma corporalidade e uma subjetividade para os seus *alters*. Se até as imediações da Abolição a hierarquização social que favorecia os homens brancos era ainda estruturada pelo estatuto jurídico das Ordenações Filipinas e pela prevalência da organização cultural do patriarcalismo colonial, à medida que quase todos se aproximavam, em ritmos diferentes, de uma igualdade em termos jurídicos — negros e negras com a Abolição, mulheres de todas as classes e homens das classes baixas, com as graduais conquistas de direitos civis —, as fronteiras entre liberdade e escravidão, entre dominantes e dominados, passavam a ser demarcadas no âmbito da gestão de si e da adesão ao regime de uma temperança aburguesada.

¹⁶ JANET, op. cit. (1878), p. 21.

¹⁷ Para uma análise crítica e aprofundada sobre as consequências contraditórias e negativas para indivíduos dessa experiência fragmentada normatizada pelo ideal de racionalidade vinculado à masculinidade branca, ver: SEIDLER, op. cit.

¹⁸ Purificar não estava no horizonte, nem era desejável. Homens “puros”, sem energia animal, eram vistos como efeminados e inferiores.

Como explicitava Alexandre Chiarini na década de 1920, no regime republicano a liberdade individual era um direito jurídico, garantido pela Constituição Federal, a todos os “brasileiros e estrangeiros residentes no paiz”. Essa liberdade jurídica garantia autonomia ao indivíduo, porém “o homem será verdadeiramente livre somente quanto agir conforme os dictames da moral e da razão, pois, do contrario, perderá sua liberdade, tornando-se escravo dos seus maus instintos e paixões”¹⁹. Assim, ao mesmo tempo que a normatividade do domínio de si se difundia para a formação da masculinidade branca, ao seu redor, constituía também uma nova hierarquia simbólica que classificava crianças, mulheres, negros, indígenas e trabalhadores como *alters* do homem branco idealizado. À medida que o domínio de si passava a constituir parte fundamental de um estatuto de liberdade e de superioridade, os *alters* passavam a ser caracterizados como intemperados, incontinentes, incapazes de autorregulação apropriada. Ações que no homem branco eram percebidas como incidentais, que não violavam o seu *status* de superioridade, liberdade e domínio de si — como já vimos no caso da violência —, eram encaradas nos *alters* como parte de sua essência, marcas indelévels de sua inferioridade.

Todos os *alters*, em alguma medida, seriam “escravos” de sua natureza: os homens e mulheres negros pela incapacidade de conterem sua sensualidade e sexualidade; os boêmios pela devoção hiperbólica aos prazeres; as mulheres pela primazia do sentimento e pelo gosto “insensato” e “irracional” aos luxos e a todo um universo material demarcado como “superficial”; o trabalhador braçal por ser incapaz de conter sua agressividade e suas inclinações aos vícios do jogo e da bebida. O único que seria efetivamente “livre” e, por isso, apto a guiar e dominar os outros pela razão — que era culturalmente fixada como uma forma superior de pensamento — era o *homem de bem*.

Enquanto o *homem de bem* era apresentado como epítome do que se pensava por “humanidade” — livre, independente, racional, equilibrado —, os outros eram sempre constituídos com traços de “animalidade”. Paul Janet constrói para seus leitores um breve quadro analítico dos diferentes tipos de homens para quem “a voluptuosidade é [...] o soberano bem”:

¹⁹ CHIARINI, op. cit., p. 140.

Uns hábeis e prudentes até na escolha dos prazeres, combinão seus gozos com a menor mescla possível de cuidados; buscão o descanso no prazer; carecem de gozos brandos, suaves, delicados; comprazem-se em uma atmosfera perfumada, assentos macios, amigos condescentes e lisonjeiros, amores fáceis e sem espinhos. Outros, mais enérgicos e mais violentos, gostão dos prazeres impetuosos, difíceis, que abalão os sentidos e os órgãos e causão-lhes uma febre perpetua; não sabem conter-se diante de cousa alguma, deixão-se arruinar pelas dissipações e depravações, finalmente transportão para o mundo da volúpia as pungentes torturas da paixão.²⁰

Janet opõe homens capazes de desfrutar de prazeres “brandos, suaves, delicados” àqueles que recorrem aos prazeres “agudos” e “grosseiros” da sexualidade nos bordéis, cabarés e *clubs*. Os prazeres suaves eram aqueles ligados a atividades centradas na ação intelectual e imaginativa — desde que exercidas dentro das fronteiras estabelecidas pela cultura *civilizada* — como a leitura, a escrita, a música, a apreciação de obras de arte, a conversação. Nesses, havia uma certa primazia pelas experiências descorporalizadas, associadas aos sentidos que eram julgados como menos carnis e mais etéreos — como a visão e a audição — e pelos quais se atingiriam experiências mais “profundas” e “racionais”.

A normatividade difundida nos livros de formação se aproximava da divisão aristotélica da corporalidade, na qual seriam apenas passíveis de reprovação as fixações nos prazeres obtidos “do toque e do contato”. No contato com outras pessoas e objetos — pela língua, pela pele, pelo tato, pelas mãos, pelos órgãos genitais — residiam os perigos da gula, do alcoolismo, da volúpia sexual, por isso, esses contatos precisavam ser estritamente regulados.²¹ As relações que não envolviam toque, em geral, não eram repreendidas, tampouco alvo de regulação: não há repreensões à leitura excessiva, à escuta excessiva da música, à observação excessiva de objetos de arte. Quando há sugestão de comedimento nessas atividades, não estão vinculadas à armadilha da perdição, não há um valor moral na recomendação, mas apenas econômico, no sentido de evitação da fadiga. Porém, a divisão não era completamente fixa: havia atividades com contato que não eram alvo de

²⁰ JANET, op. cit. (1878), p. 20.

²¹ Sobre a classificação aristotélica dos prazeres e da corporalidade, ver: FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 38-39.

preocupação — como as atividades viris do esporte, da caça, da ginástica, da cavalgada — e atividades sem toque que eram marcadas como animais e perigosas, sobretudo, por estarem associadas com a sexualidade, como a inalação de perfumes femininos, o deleite visual com corpos desnudos etc.

Nessa classificação dos prazeres existiam, portanto, os prazeres viciantes, que ameaçavam se apossar do indivíduo e comprometer sua liberdade, e os outros prazeres, que seriam inofensivos. Janet alerta aos homens que “realizam trabalhos sérios e úteis” e que acreditam que para “descansar das arduas e fadigas ocupações” podem se entregar como recompensa aos “encantos da sensualidade” que “muitas vezes semelhantes distrações convertem-se em armadilhas, onde a inteireza do carácter sucumbe”. E que mesmo quando não for tão grave o caso, haveria sempre “seu que de vergonhoso em entregar totalmente aos sentidos o tempo vago, que deixam os negócios”²².

Mesmo quando não ocorria a perda do controle, ainda havia o vexame. O vexame estava na aproximação da animalidade, mácula que revelaria a intemperança, a debilidade no domínio de si e, portanto, a incompletude do homem. Aproximava perigosamente o *homem de bem* daqueles “homens de espírito grosseiro e pesado, que só parecem sentir a vida pela satisfação de seus apetites” e que “trabalham unicamente para ganhar e ganham somente para gozar”. Esse homem que subvertia a hierarquia da felicidade fazendo do prazer finalidade superior à dedicação à *civilização*, seria totalmente desumanizado:

A natureza enganou-se dando-lhes a forma humana e ocupando com vantagem o seu lugar no universo, se houvessem nascido entre os irracionais. Todas essas formas de vida voluptuosa, tanto as mais delicadas como as mais grosseiras, não são no fim de contas senão gradações da vida animal no homem.²³

Os prazeres viciosos marcavam as “gradações da vida animal no homem”. Havia os que mantinham essa animalidade sob estrito controle, aqueles que a deixavam fluir no tempo de descanso e aqueles que se “entregavam” totalmente e que, aos olhos do moralista, eram

²² JANET, op. cit. (1878), p. 20-21.

²³ Ibidem, p. 21.

indistinguíveis dos animais — o que na hierarquia dos vivos significava ser alocado em um grau rebaixado da existência. Animalizados, sob esse olhar *civilizado*, eram, por exemplo, os boêmios, muitos trabalhadores braçais, os “vagais” e “vagabundos”, negros e negras das classes baixas, sambistas, capoeiristas etc. A animalização se tornou uma figura de linguagem corrente entre os brancos no último quartel do século XIX, como se pode ver em textos médicos, jurídicos, nos jornais e na literatura realista de diferentes vertentes, que pretensamente científicos e objetivistas, retratavam a realidade brasileira por meio de uma gramática racial e moral organizadas ao longo dos binômios animal-humano e natureza-civilização.

Em *O Cortiço*, Aluísio de Azevedo descreve o sofrido suicídio da negra alforriada Bertoleza como a morte de um animal, que após rasgar o próprio ventre, cai para frente “rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue”. José Lins do Rego, nas primeiras décadas do século XX, em suas *Memórias do engenho*, descreve as mulheres negras libertas que, mesmo no Pós-Abolição, seguiam trabalhando de graça para seu avô — em troca apenas de comida, morada e vestimenta —, como bichos domesticados, desprovidos de ambição, independência e *vontade*: “filhas e netas iam-lhes sucedendo na servidão, com o mesmo amor à casa-grande e a mesma passividade de bons animais domésticos”²⁴.

Nos primeiros romances de Azevedo, para além de grupos que eram marcados pelos preconceitos de classe, raça e gênero, eram também alvo da animalização os homens brancos, de todas as classes, que mantivessem relações destemperadas com os prazeres.²⁵ Amâncio, protagonista de *Casa de Pensão*, é sempre animalizado quando se entrega à sua lascívia desmedida. Dançando a valsa num baile:

²⁴ AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. Rio de Janeiro: Baptiste-Louis Garnier, 1890, p. 354; REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 54–55 apud MOIRA, Amara. Notas sobre o abolicionismo racista de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v, 12, n.1, p. 201-208, jan.–jun., 2020.

²⁵ Uma exceção a esse padrão é o seu último romance, *Livro de uma sogra*, no qual o autor faz uma defesa da sexualidade e da carnalidade como elementos naturais dos relacionamentos humanos e que, portanto, deveriam ser levados em consideração — para homens e mulheres — na construção e manutenção dos matrimônios. O livro sofreu severas críticas, porém, demonstra como a fronteira entre a animalidade e a humanidade que estava associada com a sensorialidade “carnal” não era monolítica e estava em tensão no período.

No seu temperamento, excessivamente lascivo, gosava com sentir ligado ao corpo o corpo precioso de uma mulher de estimação; comprazia-se em beber-lhe o halito acelerado pela dança, embebedava-se com respirar-lhe os perfumes agudos do cabelo e o infiltrante cheiro animal da carne.²⁶

Na dança, atividade em que há toque entre corpos, e na qual, portanto, era preciso haver temperança, Amâncio, incapaz de controlar a si mesmo, é descrito como tomado pela voluptuosidade de seu olfato. A forma intensa pela qual os cheiros corporais da companheira dominam o seu juízo transforma a sua percepção dela: ao invés de entendê-la de forma *civilizada*, como uma dama, ele a percebia à maneira de um animal, como “carne”. Em diversos outros momentos, a premência do olfato nas suas relações é destacada como representativa de seus “instintos mal-educados”, que “latejavam” em seu corpo: no mesmo baile, ele sente o “cheiro das mulheres” que “penetrava a carne com a subtilidade de um veneno lento e delicioso”; quando conhece Amélia, uma moça que tenta seduzi-lo para obter bom casamento, sentia “o cheiro do seu corpo”.²⁷

Na cultura moral e científica da época, o olfato era comumente retratado como um sentido predominante nos animais e que deveria ser administrado nos humanos, como podemos ver em *Atentados ao pudor*, livro do jurista e ex-presidente da Província do Maranhão, José Francisco Viveiros de Castro, publicado no Rio de Janeiro em 1895.²⁸ Inspirado na *Psicopatologia Sexual* do psiquiatra austríaco Richard von Krafft-Ebing e nos escritos de Cesare Lombroso, *Atentados ao pudor*, segundo seu autor, era “uma monografia

²⁶ AZEVEDO, op. cit. (1884), p. 135.

²⁷ *Ibidem*, p. 99 e 137.

²⁸ Por exemplo, Márcio Seligmann-Silva observa como, para Freud, a evolução do homem da posição quadrúpede para a bípede teria sido acompanhada por uma mudança no órgão principal da excitação sexual: o olfato, antes predominante, seria reprimido em prol da visualidade. Essa associação do desenvolvimento e atrofia dos sentidos em relação à evolução humana, que seria o seu processo de desanimalização, constrói uma hierarquia simbólica. Para Freud, a utilização do termo “cão” como injúria estava associada com a predominância do olfato nesse animal e pela ausência de pudor na sua relação com excrementos e com sua sexualidade — sendo, para Freud, o recalque da coprofilia e da sexualidade duas ações centrais na distinção do ser humano. Podemos ainda pensar que, de forma mais ampla, xingamentos animalizantes — como “cachorro” e “besta” — estão intimamente associados com a incapacidade do sujeito de dominar a si mesmo. Outros, como “mula” e “burro” estão associados com a incapacidade de exercer a racionalidade e de ter autonomia e independência. SELIGMANN-SILVA, op. cit. Para uma história dos odores e do olfato na modernidade europeia, ver CORBIN, Alain. **Saberes e odores**: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

sobre as aberrações do instinto sexual”, que, apesar de provocarem repulsa, precisavam ser largamente compreendidas e estudadas, pois “affectam não somente a vida, a honra e a liberdade de suas infelizes victimas, como também comprometem a segurança social”²⁹. Ao longo do livro, a animalidade aparece como adjetivação aos mais variados casos apresentados pelo autor, sempre denotando a perda de controle, que significava perda de liberdade e, no seu entendimento jurídico, elemento suficiente, portanto, para a intervenção estatal; e sempre associada com o excesso dos sentidos, dos prazeres e das emoções.

Para Viveiros de Castro, as vias nasais eram uma porta vulnerável ao fetichismo, que ele qualificava como “a exageração de um gosto normal”. Noutras palavras, o fetichista era alguém com uma sensorialidade desregulada e que rompia com o regime probro, harmônico e sadio dos prazeres:³⁰

Convém logo notar, que **são as exalações do corpo humano, as causas responsáveis de um certo numero de uniões contrahidas por homens inteligentes, com mulheres inferiores, suas criadas.**

Para certos homens, o que ha de essencial na mulher, não é a belleza, o espirito, a bondade, a elevação do character, é o cheiro; o desejo do cheiro amado, os determina a procurar uma mulher velha, feia, viciada e degradada. Levado a este ponto o gosto pelo cheiro, torna-se uma enfermidade do amor.

Um homem casado, pae de família, que não pôde sentir um certo cheiro de mulher sem perseguir esta mulher na rua, no theatro, em qualquer logar onde a encontre, é geralmente classificado pelos alíenistas na grande categoria dos impulsivos.

²⁹ CASTRO, Francisco Viveiros de. **Attentados ao pudor**: estudos sobre as aberrações do instinto sexual. 3ª edição (Muito augmentada de acordo com os manuscriptos deixados pelo autor). Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Vastos, 1934, p. V. Sobre Viveiros de Castro e sua obra criminológica, ver ESCUDEIRO, op. cit. e SILVA, Carolina Rabelo Moreira da. **Francisco José Viveiros de Castro**: sexualidade, criminologia e cidadania no fim do século XIX. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Sobre Richard von Krafft-Ebing ver PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 379-386, junho 2009.

³⁰ CASTRO, op. cit., p. 69.

Para nós, que consideramos os factos desta ordem sob o angulo da psychologia, esta procura de um cheiro revela um estado mental particular, onde uma só das qualidades da mulher, destaca-se das outras e torna-se preponderante.³¹

Pelo olhar médico-normativo adotado pelo jurista, o homem que se deixava seduzir pela exalação carnal da mulher invertia as hierarquias do que a cultura *civilizada* estabelecia como padrão para a eleição e valorização da mulher, podendo acabar incorrendo em uma escolha “cega”, “animal”, “irracional”. A partir dessa perspectiva, Viveiros de Castro procurava requalificar os padrões do patriarcalismo colonial e se contrapor à cultura masculina da juventude dândi, romântica ou boêmia, classificando a multiplicidade de parceiras — que nesses outros padrões de moralidade e masculinidade era associada positivamente à potência, à força e à virilidade — como sinal de um funcionamento anormal do corpo e da mente e, portanto, de uma patologia, que os afastava da civilidade e os aproximava da animalidade.³² Seguindo o determinismo genético de Krafft-Ebing, Viveiros de Castro era taxativo quanto aos fetichistas: se um simples estímulo — como a cor do cabelo, pés, mãos, olhos, cheiro — poderia exercer uma influência tão forte em um indivíduo, era porque esse possuía uma constituição psicofísica enfraquecida e, portanto, era um “doente”, portador de uma degenerescência hereditária.³³

O homem com a sensibilidade desregulada passava a ser alvo de suspeita moral e de uma estrita vigilância. Caracterizando a relação do fetichista com o seu objeto de prazer como impulsiva, descontrolada e obsessiva, construía-se a imaginação de que ele seria passível de roubar e furtar para satisfazer seu desejo — ou até mesmo de “degenerar em assassinatos, ferimentos mais ou menos graves”³⁴. Até as últimas décadas do século XIX, quando se

³¹ *Ibidem*, p. 69 (grifos do autor).

³² Sobre a relação entre atividade sexual e masculinidade, ver: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. Masculinidade e virilidade entre a *Belle Époque* e a República. In: DEL PRYORE, Mary e AMANTINO, Marcia (Org.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp, 2013, p. 253-255.

³³ Seguindo a classificação de Alfred Binet em *Estudos de Psicologia Experimental [Études de psychologie expérimentale, 1888]*, Viveiros de Castro qualificava o fetichista como aquele que rompe a harmonia do “amor normal” em que se “ama igualmente todas as partes de seu corpo e toda as manifestações de seu espírito” — e, ao invés de “ser o amor excitado pelo conjunto da pessoa é apenas por uma fracção”, tornando a fixação por essa fracção “mórbida” e hipertrofiada. CASTRO, op. cit., p. 65-66. CASTRO, p. 66.

³⁴ CASTRO, op. cit., p. 72.

produzem e difundem os estudos de psicopatologia sexual, não existiam categorias classificatórias tão precisas para descrever as relações entre os indivíduos e os seus objetos de prazer. Esse aprofundamento detalhista do olhar analítico e o estreitamento da trama classificatória estavam intimamente associados com uma crescente preocupação com os prazeres, com grande destaque para a sexualidade, como fonte dos desvios dos indivíduos dos caminhos da *civilização* e, conseqüentemente, como potenciais produtores da desordem social.

Através do fetichista de Viveiros de Castro e da figuração animalesca de Amâncio por Aluísio Azevedo, podemos compreender como a ansiedade em torno dos prazeres fazia com que a destemperança dos sentidos fosse apreendida como indício — em alguns casos até mesmo uma mácula — de uma desordem moral, da incapacidade do homem de controlar sua impulsividade e responsividade aos estímulos sensoriais. Desprovido da virilidade necessária para dominar a si mesmo, ficando passivo em relação às externalidades que tocavam seu corpo, ele estava, portanto, debilitado em suas possibilidades de *civilização*. Conseqüentemente, não era suficientemente apto para ocupar os postos de *ordem* e *progresso* que os educadores da nação aspiravam para os verdadeiros *homens de bem*, além de estar sujeito à intervenção — da família, da Igreja, do Estado —, uma vez que não era percebido como um sujeito plenamente livre.

A crescente demarcação da sensorialidade, das paixões, dos prazeres e dos desejos como cernes da problematização moral da masculinidade levou os moralistas europeus e os educadores da emergente nação brasileira a normatizarem o “domínio de si” como o meio pelo qual os homens poderiam acessar um estatuto privilegiado de civilidade — a liberdade — e de respeitabilidade e superioridade moral — a humanidade. Tratava-se de uma construção psicocorporal que demandava a inculcação de uma visão dual de si — um “eu” identificado com os propósitos da *civilização*, a ser cultivado, e um “não-eu”, identificado com a natureza e a animalidade, a ser dominado. Para gerir essa existência conflitante era necessário aprender mecanismos de autovigilância e, sobretudo, de repressão e administração. Era preciso desenvolver uma corporalidade desafetada e dessensibilizada, que operasse uma mediação ponderada com os estímulos externos e oferecesse aos outros

uma visão convincente de que aquele corpo era regulado pelos princípios da sobriedade, do ascetismo e da racionalidade, que era o corpo de um *homem de bem*. Um corpo que possuía elementos de gênero, mas também de racialidade e classe, pois, como vimos, o “domínio de si” e, sobretudo, a adaptação aos preceitos da *civilização*, eram socialmente cultivados como marcadores da branquitude e das classes altas.

A partir dessa perspectiva, podemos compreender o jovem Antônio Ferreira Cesarino Júnior,³⁵ homem negro, professor secundário e estudante da Faculdade de Direito de São Paulo, que na década de 1920 entrou em um cinema da cidade de Campinas para assistir Cleópatra. O rapaz havia economizado para comprar o ingresso e desde os primeiros minutos da exibição desfrutava do espetáculo de luz e som. O deleite tomava conta de seus sentidos. De súbito, como quem desperta de um transe, impeliu a si mesmo: “Será que sou capaz de interromper esse momento?”. Sem titubear, levantou-se, colocou o chapéu e saiu ligeiro da sala, satisfeito por ter provado, mais uma vez, que tinha a força de vontade necessária para ser dono de si mesmo e de suas vontades.

O episódio do cinema chegou até nós por seu filho mais novo, Antonio Carlos Cesarino. Segundo ele, o pai contou muitas vezes esse e outros causos de sua trajetória com o intuito de transmitir aos filhos os segredos do poder da *vontade*, que poderia ser cultivado através de exercícios de controle dos prazeres, que ele insistia que deveriam praticar para serem “homens de verdade”. Para o jurista, o cultivo da *vontade* era um exercício constante e a abnegação do prazer audiovisual era apenas um dos exemplos de como regulava sua vida e

³⁵ O rapaz à época passava pelos momentos decisivos de sua excepcional trajetória de ascensão social. Nascido em 1906, em uma família remediada de Campinas, Antônio Ferreira Cesarino Júnior era o primeiro dos oito filhos que tiveram Julia Cesarino e Antônio Ferreira Cesarino. Negro e portador de “alguma cultura”, o pai sustentava a família com seu modesto vencimento de bedel do Ginásio do Estado, que se somava às vendas de comida para fora que sua esposa, branca e “apenas alfabetizada”, realizava enquanto cuidava dos filhos. Batalhando contra suas condições de classe e raça, o pai incentivou seu primogênito a prestar o exame admissional para o colégio em que trabalhava e, em 1918, Antônio Junior ingressou no ensino secundário. Uma vez formado, trabalhou como jornalista, e depois professor secundário, enquanto estudava na Faculdade de Direito, onde depois se tornaria professor (1934) e alçaria a altos postos acadêmicos e administrativos, tornando-se uma figura de grande relevo na sociedade paulistana. Sobre a trajetória de Cesarino, ver: BARBOSA, Irene Maria Ferreira. **Enfrentando preconceitos**: um estudo da escola como estratégia de superação de desigualdades. Campinas: CMU/Unicamp, 1997 e CESARINO JÚNIOR, Antonio Ferreira. **Memórias de um PAJEM**: Autobiografia. São Paulo, 1982. *Memórias de um PAJEM* é um manuscrito para um livro autobiográfico redigido pelo advogado Antonio Ferreira Cesarino Júnior, mas nunca publicado. O documento encontra-se no acervo pessoal de sua família, ao qual tivemos acesso através de Gabriela Krantz Cesarino, Antonio Carlos Massarotto Cesarino e Ana Maria de Niemeyer.

seus prazeres em prol da disciplina laboral e do domínio moral de si, instrumentos que, a seu ver, lhe permitiram a “dedicação ao estudo e ao trabalho” e a “constância no esforço do autoaperfeiçoamento”, através dos quais pôde vencer “os preconceitos de raça e de classe” e tornar-se “Professor Emérito da prestigiosa Faculdade de Direito da USP”, “Presidente da Sociedade Internacional de sua disciplina” e “Membro da Comissão mais importante da OIT”³⁶.

³⁶ CESARINO JÚNIOR, Antônio Ferreira. **Memórias de um PAJEM**: Autobiografia. São Paulo, 1982, p. 2-3. A sigla PAJEM, referia-se às profissões que Cesarino ocupou em sua vida: Professor, Advogado, Jornalista, Escritor e Médico (já atuando como advogado, fez um segundo curso de graduação e se bacharelou em Medicina).

Domesticidade e domesticação

(Capítulo 7)

Os livros de formação propagados pelos educadores da nação possuíam dois grandes objetivos: convencer meninos, jovens e adultos a se tornarem chefes de família, mantenedores e reprodutores da *ordem* social, e trabalhadores úteis e disciplinados, promotores do *progresso*. Para tanto, interessava-lhes operar sobre os âmbitos visíveis da vida masculina — rotina, ordem, disciplina, produtividade — mas também sobre os âmbitos recônditos, internos e invisíveis — como a gestão dos prazeres e da sexualidade e a modelagem dos desejos, da imaginação, dos sentimentos e das aspirações. Para acessar e regular os domínios invisíveis, como já vimos, os educadores da nação valeram-se dos livros como uma tecnologia de intervenção e disciplinarização, através dos quais buscavam interagir diretamente com o leitor, persuadindo e guiando-os em seu percurso de conhecimento e formação de si.

Porém, a batalha interna pela manutenção da temperança era um empenho constante, exigente e falível. Cientes de que as paixões, os desejos, o tesão, a sensualidade e a sensorialidade exerciam grande influência e magnetismo, acreditava-se que mesmo para o indivíduo mais virtuoso o domínio de si e a administração dos prazeres seria sempre um equilíbrio inconstante e desafiador. Por isso, para além da normatização das relações do homem consigo mesmo, buscavam também normatizar as relações que ele mantinha com seu entorno material e social. Assim, corpos, objetos, espaços e relações sociais passavam também a se tornar alvo do saber e da normatização, sendo prescrutadas como possíveis armadilhas para a moralidade masculina e/ou mobilizados como instrumentos eficazes para a construção e manutenção de sua temperança. Os domínios visíveis, para além de objetos em si, passam a ser pensados também como via de acesso para a intervenção e regulação dos domínios invisíveis, de forma que objetos começavam a ser indagados pela conexão de sua estética com a moralidade e a circulação de pessoas na casa se tornava uma problemática moral.

Assim como para regular a criança a mãe precisava administrar seus arredores sociais e espaciais, o mesmo ocorrerá para jovens e adultos. Se a pedagogização das relações parentais e do espaço doméstico visava controlar a formação do *habitus*, da *illusio*, do caráter e da virilidade dos meninos, as relações familiares, a casa e seus objetos passavam também a ser alvo de novos medos e ansiedades, de uma nova analítica e de uma nova normativa para a produção/manutenção da temperança e da disciplina do homem adulto. Na domesticação do homem, a mulher também será convocada a um novo posto: pensada como uma espécie de escudeira do marido, a “rainha do lar” seria peça fundamental não apenas na administração da casa e na educação dos filhos, mas também para a regulação afetiva, moral e dos prazeres do homem. Para Smiles, não apenas como mãe, mas também como esposa, “a influência da mulher mais ou menos affecta, para o bem ou para o mal, o inteiro destino do homem”³⁷. Assim como procuravam fazer as mães parceiras na educação moral das crianças, os educadores da nação procuravam também torná-las parceiras na tarefa de disciplinar e moralizar os homens adultos. Como clamava um articulista da década de 1910: “a mulher brasileira precisa realizar esse milagre de prender em casa o marido e os filhos”³⁸.

³⁷ Novamente, uma nota sobre as diferenças de tradução masculina e feminina do texto de Smiles. O trecho original é: “In short, the influence of woman more or less affects, for good or for evil, the entire destinies of man”. Em sua tradução de 1878, Jorge Fernandes Valdez manteve o caráter hesitante da frase, que desejava afirmar o poder feminino em relação ao destino masculino, ao mesmo tempo que — e isso é algo bem raro na escrita de Smiles, que se caracteriza por uma veemente assertividade e capacidade de síntese — hesita em colocá-lo de maneira totalizante e contundente. Em sua tradução da virada do século XX, Amélia Pereira traduz o mesmo trecho da seguinte maneira: “N’uma palavra, a mulher exerce a sua influência mais ou menos poderosa, em bem ou em mal, sobre toda a existência do homem”. A hesitação do original está presente, mas como para que contrabalanceá-la, a tradutora parece acrescentar a adjetivação “poderosa” para dar maior ênfase e peso ao poder feminino afirmado no trecho. SMILES, Samuel. **Character**. Saint Paul: Pioneer Press, 1889, p. 326; SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878, p. 309; SMILES, Samuel. **O Character**. trad. D. Amélia Pereira. Coleção Biblioteca Científica. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d, p. 380.

Em seu estudo seminal, *The making of the Modern Family*, Edward Shorter atribui ao romantismo a crescente valorização da mulher pelos homens na segunda metade do século XIX e começo do século XX, levando a uma maior participação da mulher nos assuntos familiares e maior valorização como interlocutora do marido. Outros autores que escreveram sobre a história da família, principalmente nos Estados Unidos, como Steven Mintz e Susan Kellog em *Domestic Revolutions*, apontam para esse mesmo fenômeno, que eles caracterizam como a emergência do “companionate marriage”, que poderia ser traduzido como, casamento de companheirismo. Não nos opomos, tão pouco nos subscrevemos à interpretação desses autores. Abordamos o fenômeno por uma outra perspectiva, que é a da valorização da mulher por homens das elites intelectuais brasileiras como instrumento para a educação e moralização dos meninos e dos homens adultos. SHORTER, Edward. **The making of the modern family**. Nova York: Basic Books, 1977. MINTZ, Steven e KELLOG, Susan. **Domestic Revolutions: A Social History of American Family Life**. Nova York: The Free Press, 1988.

³⁸ MARINNETE. A intimidade do lar. **Revista Feminina**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 50, jul. 1918, p. 25.

Por que se aspirava tão ansiosamente “prender em casa” os homens? Como a família, o espaço e os objetos da casa eram instrumentalizados nos discursos normativos para tal finalidade? Para começarmos a explorar essas questões, é fundamental compreender as novas articulações que os educadores da nação e os livros normativos passavam a construir entre casamento, domesticidade e masculinidade.

Na vida masculina prescrita pela cultura patriarcal luso-brasileira, o matrimônio era pensado como o cumprimento de *deveres*: social, para com a família — um rito transacional por meio do qual os clãs estabeleciam trocas e parcerias entre si — e religioso, para com o catolicismo.³⁹ Era também um rito de passagem, no qual o jovem, embora seguisse ligado à autoridade patriarcal, saía da posição de subjugado em seu núcleo familiar de origem para tornar-se o chefe de um novo núcleo familiar. O casamento oficializava a transformação do filho em senhor, posição que era qualificada sobretudo pelo novo *status* de proprietário de patrimônio, de terras, de uma casa e de autoridade sobre as vidas que habitavam dentro dessa esfera doméstica, que era correspondente à sua esfera de influência (filhos, esposa, criados, escravizados, animais). O casamento significava uma mudança de *status* na esfera privada — de subordinado, passava-se a soberano — que garantia, na esfera pública, o acesso a um novo patamar de cidadania e de respeitabilidade ligados à posição de domínio, sendo a casa a delimitação e símbolo desse poder, e a família, instrumento para o seu exercício.⁴⁰

Embora esse sentido patriarcal da família e da domesticidade tenha continuidade em alguns meios sociais até a atualidade, com a ascensão da cultura moral burguesa e *civilizatória* na segunda metade do século XIX, as suas disposições foram gradativamente rearticuladas. Primeiro, porque, como vimos anteriormente, o projeto *civilizatório* encampado pelo Estado e por parte de suas elites políticas e intelectuais promovia uma

³⁹ BRÜGGER, op. cit.

⁴⁰ Karen Harvey e John Tosh abordam a importância desse *status* de proprietário e de chefe de família para a aquisição de plena respeitabilidade pública entre as classes médias e altas na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, respectivamente. HARVEY, Karen. Men Making Home: Masculinity and Domesticity in Eighteenth-Century England. *Gender & History*, v. 21, n. 3, nov. 2009; HARVEY, Karen. *The Little Republic: Masculinity and Domestic Authority in Eighteenth-Century Britain*. Oxford: Oxford University Press, 2012; TOSH, John. *A man's place: masculinity and the middle-class home in victorian England*. New Haven/Londres: Yale University Press, 2007.

transformação no sentido da domesticidade, que não deveria mais servir apenas aos interesses patriarcais, mas também à nação. Nesse sentido, houve por parte dos educadores da nação a promoção de uma pedagogização do espaço doméstico, que passava a ser entendido como uma extensão da instituição escolar, por meio da qual médicos, educadores, escritores e moralistas, em nome do bem público, passaram a intervir por meio de normativas nas relações do patriarca com seus filhos. Persuadindo os pais de que os filhos não eram sua propriedade plena — mas sujeitos independentes, futuros membros da nação e protagonistas da *civilização* —, no discurso pedagógico da domesticidade, casa e filhos não poderiam mais ser compreendidos apenas pelo modelo da soberania, mas precisavam também ser pensados a partir da forma moderna e burguesa da educação. Os patriarcas precisavam modelar seu autoritarismo e violência, buscando compreender sua relação com os filhos a partir das dinâmicas do afeto e da exemplaridade, que deveriam passar a estruturar novas formas de convívio e de experiência da domesticidade. Nesse sentido, houve também uma transformação na relação com as esposas, que adquiriam um novo *status* na relação enquanto companheiras, gestoras e educadoras da prole.

Em segundo lugar, no novo regime de normatização e disciplinarização que se estabelecia a partir da segunda metade do século XIX, os homens se tornavam também alvos do saber-poder. Como exploraremos nesse capítulo, o casamento, a família e a domesticidade passaram a ser pensados pelas elites intelectuais como elementos de moralização e de disciplinarização também dos homens adultos, sobretudo entre aqueles pertencentes às classes médias e altas. As relações íntimas, afetivas, materiais e espaciais em torno do regime temporal circular da rotina doméstica passavam a ser detalhadas e analisadas com compenetração, a fim de separar aquilo que fosse perigoso e desestabilizador e demarcar as áreas estratégicas de intervenção para modelar e fixar os homens no projeto de nação que almejavam. Nesse sentido, veremos como a domesticidade passou a ser pensada como instrumento central para a construção da temperança do *homem de bem*, para o incremento de sua produtividade e utilidade ao *progresso*, bem como para a sua fixação como mantenedor da *ordem* moral dentro da comunidade familiar.

Nessa nova ordem de associação da domesticidade com a moralidade masculina, o homem sem família e sem domesticidade deixava de ser um indivíduo infrator dos *deveres* religiosos e familiares — e que, portanto, era merecedor de certas punições — e passava ao grupo dos anormais, daqueles que possuiriam uma essência desvirtuada e ameaçavam a *ordem* e o bem-estar social. Como veremos, na gramática moral da segunda metade do século XIX ocorreu a emergência dos personagens do “homem casado” — virtuoso, respeitável, equilibrado, satisfeito e contente — e do seu antagonista moral, o “celibatário”, classificado como incompleto, melancólico, desequilibrado insuficiente. Na linguagem moral, um desvirtuado, na eugenista, um degenerado.

Nos livros de formação e textos morais da segunda metade do XIX, podemos ver a emergência de uma nova problematização da domesticidade em articulação com a moralidade masculina. O *lar* passava a ser entendido como uma rede de relações socioafetivas, que se instituía com o casamento, era mantida pelo cultivo de uma relação monogâmica e pela coabitação, e que assumia sua forma final com a procriação e a constituição do “triângulo amoroso” pai-mãe-filhos. A domesticidade, nesse sentido, passava a ser entendida pelos moralistas como uma trama de compromissos e uma trama de vínculos afetivos que eram moralizantes para o homem e necessárias para a gestão adequada de sua vida. Em sua dimensão material, a casa era pensada como uma rede de relações simbólicas e sensoriais que deveriam auxiliar na manutenção dessas tramas e ajudar na regulação da interioridade de seus moradores.

Com o avanço do processo de individuação entre os homens dos setores privilegiados urbanos na segunda metade do século XIX, começava a alterar-se a ordem de legitimidade e a precedência dos imperativos religiosos e patriarcais, que antes exerciam grande influência sobre sua imaginação e compreensão da ordem moral e através da qual construía seu lugar no universo social. Os homens dos estratos elevados começavam a pensar a si mesmos como unidades cada vez mais autônomas em relação às suas famílias, mantendo vínculos ambivalentes e cada vez mais tensos com a organização coletiva patriarcal e com as emergentes instituições científicas e estatais.

Explorando e atribuindo grande relevo às suas experiências sentimentais e íntimas, esses homens começavam a reivindicar que as “afinidades eletivas” fossem consideradas na escolha do casamento. Nos ambientes urbanos, para onde migravam para estudar ou para ingressar em carreiras burocráticas, ou nos emergentes mercados privados, alguns homens começavam a prolongar o período da juventude e da solteirice, valorizando a liberdade individual — sexual, mas também afetiva, de experimentação e construção de si, de uma identidade própria, de uma rotina pouco compromissada e com poucas coerções externas — conquistada nesse período de distanciamento do núcleo familiar. Pensando suas vidas aos moldes da biografia individual e engajando-se em coletividades mais amplas e abstratas do que a família — como a “nação”, “a humanidade” e “a civilização” —, muitos passavam a ver a sua atuação produtiva como uma carreira, afastando-se das ordenações dos projetos familiares para perseguirem uma vocação própria e galgarem conquistas e glórias pessoais nas profissões liberais que ganhavam prestígio, bem como na atuação pública nas esferas intelectuais, artísticas e políticas.⁴¹

Nesse movimento começam a emergir entre as classes altas, principalmente no ambiente urbano, variadas tendências masculinas que divergiam da masculinidade normativa do *homem de bem* em prol de seus desejos e anseios individuais. Dentre elas, havia os homens que eram refratários ao casamento e à formação de famílias, como os solteirões, também chamados de celibatários, que tensionavam o ideal da monogamia, do utilitarismo reprodutivo do sexo, do *dever* matrimonial e do *dever* masculino de tornar-se um patriarca. Ao recusarem o posto de chefes de família, desafiavam a ordem patriarcal e familista sob a qual as elites intelectuais e políticas ambicionavam estruturar a nação, além de romperem com a autoridade do *pátrio poder* em suas famílias, recusando-se a colocar suas vidas a serviço do projeto familiar, no qual o casamento era um elemento fundamental.

Como veremos, os solteirões se tornaram um problema para os educadores da nação, que se empenharam em persuadir os jovens e adultos de que a vida solitária era perniciosa e ameaçadora para sua integridade corporal e mental. A escolha da solteirice se dava por

⁴¹ Como observa Sérgio Buarque de Holanda, diferentemente dos Estados Unidos, onde a noção de *calling* já associava a vocação individual ao trabalho, no Brasil colonial, o trabalho e suas conquistas eram pouco prestigiados entre as classes altas. HOLANDA, op. cit.

diversos motivos: homossexualidade, recusa à instituição matrimonial, má sorte amorosa, recusa à paternidade, aspirações de individualidade, de boêmia, dentre outras. Contudo, acompanhando as reflexões de alguns solteiros heterossexuais, poderemos ver como uma fração desse crescente contingente de homens sozinhos era uma expressão da problemática conjugação entre virilidade e domesticidade, entre fatores contraditórios das projeções de *ordem* e de *progresso* ambicionadas para o *homem de bem*. Muitos homens heterossexuais sentiam que o casamento e a domesticidade seriam contraditórios com suas aspirações de masculinidade, sobretudo, no que tocava ao senso viril de autodeterminação e à dedicação integral ao trabalho e à carreira. A solteirice também estava em muitos casos associada com a educação misógina que recebiam, que acabava por tornar a homosociabilidade mais interessante e atraente do que a convivência com uma companheira mulher.

Havia homens que, para além da recusa ao posto de chefe de família, também eram refratários à precedência da temperança, do trabalho e da disciplina, tal como os boêmios, os libertinos e os machões aventureiros. Havia também os que, embora hiper investidos no trabalho e na família, não se engajavam na coletividade da “civilização” ou da “nação” e, por isso, eram tidos como indiferentes à ordem moral da sociedade e aos seus compromissos com o *progresso*, sendo comumente apontados como “materialistas” ou parte de uma “elite luxuriosa”. Isso sem falar dos homens que não correspondiam aos ideais normativos de virilidade e masculinidade, que eram vistos como efeminados, covardes e fracos. E ainda os que não eram heterossexuais, os “maricas”, e/ou os que transgrediam de forma radical a divisão normativa dos gêneros, como os “invertidos”.

Os intelectuais, educadores e moralistas que se engajavam na formação dos *homens de bem* eram plenamente cientes dessa heterogeneidade das inclinações e desejos masculinos e procuravam intervir avidamente para que as dúvidas fossem apaziguadas, as divergências sanadas, os desejos, a imaginação e os anseios canalizados para o caminho correto ou, quando impossível, reprimidos. Para evitar o crescimento dessas tendências não-reprodutivas, não-heterossexuais, anti-domésticas e anti-familiares — e algumas, até mesmo anti-masculinas —, e garantir a ambicionada homogeneização da população masculina dos segmentos privilegiados, os educadores da nação procuravam incutir nos jovens o medo da

vida sozinho e o temor da homossexualidade. Ao mesmo tempo, procuravam promover a heterossexualidade pela persuasão de que existiria uma complementariedade dos sexos que era benéfica a eles, inculcando desde a infância o desejo do casamento e da domesticidade, persuadindo-os de que o caminho certo para a felicidade espiritual era casar, procriar, trabalhar, formar um *lar*, tornar-se chefe de família e viver uma vida pacata, temperada e doméstica.

Assim como as mulheres precisavam ser convencidas de que a maternidade, a domesticidade e os mimados cuidados com o esposo eram não só seus *deveres*, mas uma forma de satisfação e realização íntima e pessoal, os homens também precisavam ser convencidos de que esse ideal os favorecia, ou seja, de que casar, ter filhos e viver o cotidiano doméstico eram não apenas *deveres*, mas também uma forma de obter prazeres duradouros, de encontrar um sentido de vida e uma satisfação pessoal, e de alcançar um estado de permanente paz e tranquilidade, a tão ambicionada felicidade.⁴²

Procurando guiar meninos, jovens e adultos no conhecimento e manuseio de si e na modelagem de seus desejos, ao abordarem a heterossexualidade, a masculinidade, a monogamia, o casamento, a procriação e a assunção dos papéis de esposo, pai e chefe de família, os educadores da nação se apoiavam em diferentes discursos. Se firmavam na autoridade religiosa da tradição cristã, no apelo à razão e à lógica econômica, nos imperativos da *civilização* e do *progresso* da nação e até mesmo no imaginário corrente do romantismo, buscando dialogar com os desafios, angústias e ansiedades do processo moderno de individuação. Buscavam assim, entremear o interior dos homens com a esfera pública, procurando moldar suas aspirações, desejos e escolhas individuais pelos estreitos canais da *civilização*. Articulado casa, família, papéis de gênero, afetos e trabalho; falando simultaneamente de amor, nação, realização pessoal, felicidade e progresso social, tentavam modelar seus desejos, anseios, valores e aspirações para que pudessem ser

⁴² Sobre a educação feminina no Brasil ver BASTOS, Maria Helena Camara e GARCIA, Tania Elisa Morales. Leituras de formação - Noções de vida doméstica (1879): Félix Ferreira traduzindo madame Hippeau para a educação das mulheres brasileiras. *Revista História Da Educação*, v. 3, n. 5, 77–92, abr. 1999; CARVALHO, op. cit. (2008); COSTA, op. cit.; NARITA, op. cit.

convenientemente integrados no projeto da família normatizada e na ordem social ambicionada.⁴³

Na cultura patriarcal predominante até a segunda metade do século XIX, o amor — que passava a ser central na cultura familiar e doméstica burguesa — era um fato ocasional e incidental. De maneira geral, nos setores sociais que temos em vista, pode-se dizer que a cultura familiar dominante estava associada a uma concepção religiosa e pragmática da união matrimonial e das relações parentais. Os homens, chefes de família, nutriam uma afetividade distante pela esposa e pelos filhos. Isso não significava que não existisse afeto, mas apenas que esse não ocupava uma parte importante na formação do homem, nem na constituição e na convivência da família. O amor não era um pré-requisito para a formação do casal, mas um sentimento que poderia ou não emergir ao longo do tempo⁴⁴. Pedro de Oliveira, em seu *Deveres do Homem*, descreve a união matrimonial da seguinte forma:

O casamento impõe mútuos deveres entre os esposos, como sacramento e como acto social, bazeando-se n'elle não só o progressivo desenvolvimento da sociedade, como também a paz e a ordem da familia, que começa por elle, ou por elle se desenvolve.

[...] A existência do casamento funda-se principalmente no consenso que o homem e a mulher dão reciprocamente para serem ligados pelo indissolúvel laço religioso, e d'aqui parte a mutuidade dos deveres entre ambos. Mas dando-se cazo de não ter havido tal consentimento de ambas as partes na celebração do consorcio, uma vez que este se effectuou, cumpre que a bem da moral publica, dos interesses sociaes e do próprio decóro, os esposos respeitem os deveres que lhes são impostos, do mesmo modo que uzão dos direitos que o consorcio lhes confere.⁴⁵

Como já tratamos em capítulo anterior, no patriarcalismo colonial os interesses da família — entenda-se, do chefe da família — tinham precedência aos interesses individuais dos filhos. No livro de Oliveira é patente como, na década de 1860, para boa parte das classes

⁴³ JANET, op. cit. (1868), p. 93.

⁴⁴ MESQUITA, op. cit., p. 53

⁴⁵ OLIVEIRA, op. cit. (1864), p. 101-102.

altas, o matrimônio ainda não era compreendido como uma decisão individual, motivada por afetos, sentimentos e desejos e não era entendido como uma etapa central na construção da identidade e da biografia do indivíduo. Pelo contrário, a forma pela qual Oliveira descreve o matrimônio — o que une os noivos é um “consenso”, ou seja, um acordo racional — dá a ver o entendimento contratual das relações entre marido e esposa que ainda era predominante, tanto que é considerada a possibilidade do matrimônio sem consentimento, algo que não aparece — a não ser em forma de crítica ou chacota — nos autores do último quartel do XIX em diante, que escreviam a partir de uma perspectiva burguesa e romantizada.

Com a crescente individuação nos ambientes urbanos, os dois pilares da normativa do casamento patriarcal — a autoridade familiar e o imperativo religioso — começavam a vacilar. Para evitar que os homens desertassem da ordem social planejada pelos educadores da nação, os livros prescritivos articulavam uma nova discursividade em torno do matrimônio, na qual a união com uma mulher e a procriação passavam a ser apresentadas como elementos imprescindíveis para a construção biográfica, o progresso na carreira, a consolidação e aperfeiçoamento do *caráter*, bem como fontes necessárias para levar uma vida equilibrada, temperada e moralmente estabilizada. Nesse discurso, o amor conjugal e os afetos paternos deixam de ser elementos periféricos e passam ao centro da cena familiar, sendo apresentados como ingredientes e experiências inescapáveis para o homem atingir a satisfação, a liberdade, o equilíbrio e a verdadeira felicidade.

Em *O Character*, Smiles apresentava aos seus leitores o casamento, o amor e a vida doméstica da seguinte maneira:

[...] há alguma coisa mais do que mero respeito na união entre o homem e a mulher; o sentimento em que ella se basêa é muito mais profundo e terno, e de tal natureza, que nunca existe entre pessoas do mesmo sexo. ‘Em matéria de afeição, diz Nathaniel Hawthorne, há sempre um abysmo entre os homens, que jámais pôdem dar-se as mãos atravez d'elle, razão por que o homem nunca deriva auxilio intimo nem conforto do coração de outro homem, mas sim da mulher, de sua mãe, irmã ou esposa’.

Pelas portas do amor o homem entra em um mundo novo de prazer e sympathy; entra em um mundo novo na sua casa que é obra sua, bem diferente da de sua infância,

e na qual cada dia traz-lhe um novo prazer e experiencia. Também entra, para assim dizer, em um mundo novo de sofrimentos e pezares, em que **muitas vezes adquire a sua melhor cultura e disciplina.**

‘A vida de familia, diz Saint Beuve, embora seja cheia de espinhos, produz fructos: todas as outras são espinhos só’. E mais adiante: **‘Se a casa do homem em certo período da vida, não contiver filhos, provavelmente há de encher-se de loucuras ou de vícios’.**⁴⁶

No texto de Smiles podemos observar uma interpretação das relações amorosas estáveis, do ponto de vista masculino, que se tornava recorrente em outros livros e textos. Primeiramente, partia-se do pressuposto de que existiria uma complementariedade dos sexos, ou seja, que tanto um homem como uma mulher seriam incompletos, podendo mudar essa condição ao partilharem a vida um com o outro. Citando o pioneiro escritor romântico norte-americano, Nathaniel Hawthorne — que em meados do XIX, deu grande destaque às personagens femininas em seus contos e novelas —, Smiles apresenta para seu leitor um tipo de intimidade confessional e de auxílio emocional que, supostamente, somente uma mulher poderia dar a um homem. Isso, evidentemente, pois partia do pressuposto de que a masculinidade e a feminilidade eram inerentes a homens e mulheres. A homossexualidade e a possibilidade de homens femininos ou mulheres masculinas eram excluídas da normalidade através de uma fórmula mecânica e lacunar. Sempre que a temática aparecia como uma espécie de ponta solta do argumento da divisão, da naturalidade e da complementariedade dos sexos, moralistas, médicos e educadores emendavam recorrendo a um *cliché*: eram as exceções que confirmavam regra. Escanteando a diversidade de orientação sexual e de identificação de gênero para o banco das exceções — que era uma forma menos vulgar de demarcar a anormalidade — tolhiam e silenciavam os discursos sobre aqueles que, em verdade, desafiavam a regra e explicitavam a sua arbitrariedade.⁴⁷

⁴⁶ SMILES, Samuel. **O Caracter**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878, p. 317 (grifos do autor).

⁴⁷ Para Smiles, havia homens e mulheres que não correspondiam ao padrão, mas seriam as exceções que provavam a regra: “Ambos [o homem e a mulher] foram igualmente adaptados para as respectivas funções que têm de executar na vida, e querer impor á mulher o que é da competência do homem seria tão absurdo como o contrario. Verdade é que há homens effeminados e mulheres varonis, mas estas são apenas excepções que provam a regra”. *Ibidem*, p. 310.

Em um universo homosocial no qual a masculinidade era construída como um constante jogo de dominação, ordenado pelo par subjugado-dominador, mostrar “fraqueza” — como eram entendidas as aflições, os medos, as inseguranças e as dúvidas na gramática da virilidade — significava afeminar-se e, conseqüentemente, ser rebaixado na hierarquia simbólica partilhada pelo grupo. A feminilidade, por sua vez, na heterossocialidade — não abordaremos aqui o universo homosocial das mulheres, que possuía outras dinâmicas de rivalidade e associação — era normatizada como acolhedora, compreensiva, empática, bondosa, não-competitiva e associativa. Por isso, seria apenas através do relacionamento com uma mulher que o homem poderia encontrar uma verdadeira companheira, alguém em que pudesse depositar confiança, ouvir conselhos, partilhar suas dúvidas e fragilidades, encontrar conforto e acolhimento.

Essa complementariedade afetiva entre os gêneros possuía também um sentido existencial e moral. Se valendo de uma perspectiva romântica da vida, Smiles afirmava que “nenhum homem ou mulher póde considerar-se completo em sua experiencia de vida enquanto não se liga com o mundo por meio de suas affeições. Nem um, nem outro chega a ser o que deve enquanto não conhece o amor, por meio do qual ambos completam-se reciprocamente”⁴⁸. Esse discurso sentimental, que colocava a vivência de determinadas experiências afetivas no centro da vida, foi largamente utilizado nos livros e textos prescritivos para homens como forma de modelar os desejos masculinos em direção ao casamento, à constituição de uma família e ao anseio por uma vida doméstica. Uma vez que os imperativos patriarcais perdiam gradativamente a sua legitimidade, os emergentes valores do romantismo — a busca pela satisfação individual e a ênfase nas experiências emocionais, especialmente aquelas decorrentes do amor — passavam a ser instrumentalizadas para fins disciplinares. Obviamente, nesse discurso normativo havia uma seleção das áreas e motivos da imaginação romântica: na literatura, por exemplo, eram valorizados os romances edificantes, nos quais o final da trama culminava na união matrimonial, ou as novelas em que eram exploradas emoções idílicas e bucólicas.⁴⁹ A

⁴⁸ *Ibidem*, p. 316.

⁴⁹ No caso brasileiro, pode-se pensar no sucesso e prestígio de escritores como José Manoel de Macedo e José de Alencar, bem como nas severas críticas tecidas contra o naturalismo. AUGUSTI, *op. cit.*; ALMEIDA, *op. cit.*;

imaginação decadentista, os temas mórbidos ou os escritos que exploravam façanhas da vida boêmia e libertina, eram não apenas excluídos, mas também abordados como perigosos. Tanto Janet quanto Smiles, frequentemente alertavam aos seus leitores que, apesar da valorização da liberdade de sentir, era preciso dar-lhe limites, sendo preciso manter distância daqueles que buscavam explorar a vida para além das fronteiras da moralidade normativa.

Para os autores prescritivos a principal distinção entre a sensibilidade romântica moral e a imoral estava na ênfase da primeira nas afeições e da outra nas paixões. Em *Philosophia da Felicidade*, ao construir um mapa classificatório das emoções para uso de seus leitores, Janet explicava com detalhe essa importante distinção:

Não é fácil distinguir rigorosamente as paixões das afeições, pois ambas tem origem comum nos movimentos do nosso coração. **Differem antes pelo gráo, do que pela natureza**, pelas circunstancias, antes que pelo fundo.

As paixões são mais tumultuosas e mais desordenadas: tem alguma cousa de violento; as afeições são mais pacíficas; mesmo quando não são as mais ardentes, tem um movimento compassado e brando; as paixões são mais egoístas, as afeições mais desinteressadas, e procurão o seu próprio prazer; as afeições a felicidade de seu objecto; a paixão tem movimentos desordenados, abalos, intermitências; as afeições são continuas e sempre as mesmas; as paixões capazes de exaltamento até a loucura e de recahir na mais desprezível indiferença, ao passo que as afeições se exaltão pouco, mas não se abatem facilmente.

As primeiras se enfraquecem com o goso, carecem incessantemente de objectos novos; as segundas crião raízes e tornão-se mais profundas pelo habito; concentram-se cada vez mais no mesmo objecto. Finalmente, em geral não nos afeioamos senão às pessoas; se algumas vezes gostamos das cousas é como recordação das pessoas. Ao contrario, podemos nos apaixonar tanto pelas pessoas como pelas cousas; e mesmo, quanto às paixões, as pessoas não passam de cousas, de que ellas zombão e servem-se como de instrumento. Digamos em summa que as paixões são afeições violentas levadas ao excesso, que mais cuidão de sua própria satisfação, do que da felicidade

CANDIDO, op. cit.; BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. Casamento e valores sociais: o triunfo do discurso amoroso. *Revista de Cultura Teológica*, ano IV, n. 19, abr./jun. 1997, p. 39-54.

alheia e que as afeições são paixões regulares e serenas, que nos prendem a outros mais do que a nós mesmos, e nos fazem esquecer o prazer da vida pelo prazer de amar.⁵⁰

A diferenciação entre paixão e afeição era estruturante de toda a concepção da temperança, da liberdade masculina, do domínio de si e das aspirações de organização social da *civilização*. Exploraremos suas variadas dimensões — inclusive estéticas — adiante. Aqui, nos interessa enfatizar que essa distinção estava associada a fatores de intensidade e de temporalidade diretamente relacionados com a questão matrimonial. A paixão seria mais fugaz e aguda — como um caso amoroso, o desejo sexual e os prazeres alcoólicos e festivos da rua e dos bares — e a afeição, seria mais serena e duradoura, como o amor familiar e conjugal e os prazeres amenos da vida doméstica. As afeições seriam os sentimentos que “enchem a alma sem tyrannisal-a; deixão-lhe a liberdade de movimentos e permitem-lhe obrar, trabalhar, pensar”⁵¹.

É interessante notar que em seu livro sobre a felicidade, Janet parece ter sempre em conta que a vida autônoma da mocidade — na qual era permitida a exploração mais ampla das paixões — aparentava a seus leitores muito mais sedutora e interessante do que a vida adulta, de homem casado. Por isso, não bastava cercear as paixões e escrutinar seus perigos ou, como veremos adiante, alertar para os perigos da vida solitária; era necessário também um elogio das afeições e uma exploração de suas promessas de contentamento e alegria. Embora à primeira vista pudessem parecer “frios comparados às paixões”, os sentimentos produzidos pelas afeições aqueceriam o homem com um “fogo lento e brando, mais durável que o incêndio efêmero das paixões”⁵². No casamento ideal, haveria uma grande dose de afeição, com uma dose moderada de paixão, de forma que “a afeição só pode fazer casamentos felizes, mas a afeição sem paixão nunca os fará deliciosos”⁵³.

Essa promessa de estabilidade e constância da afeição, combinada com o encanto da paixão, era central na estratégia utilizada pelos discursos normativos para convencer os jovens homens a casarem e aderirem ao regime da domesticidade. Nesse imaginário, a

⁵⁰ JANET, op. cit. (1878), p. 70 (grifo do autor).

⁵¹ Ibidem, p. 94.

⁵² Ibidem, p. 95.

⁵³ Ibidem, p. 112.

domesticidade era revestida com uma aura romântica e bucólica, passando a ser concebida como um universo apartado da vida social, apaziguado, harmonioso, no qual o homem poderia refugiar-se dos conflitos da cidade e da vida laboral.

No começo de 1882, no *Arquivo das famílias*, entre um resumo da semana e algumas gravuras da natureza e da vida brasileira, foi publicado um texto apaixonado sobre a vida doméstica intitulado “Pai, mãe e filhos”⁵⁴. Com marcado viés educativo — que era característico não apenas desse, mas de muitos outros periódicos do período que se viam como parte do movimento de imprensa que se esforçava por “abrir novos caminhos e demarcar a rota das aspirações nacionais”⁵⁵ —, o autor, que se identificava apenas pelas suas iniciais, A.R., abria o texto em tom prescritivo, evocando lugares comuns do moralismo secular-religioso do período. Destacando a complementariedade do amor, da ternura e da solicitude da feminilidade com a força e a energia viril da masculinidade, que guiariam a moral e impulsionariam a inteligência e o *progresso* social, A.R. entrelaçava as esferas íntimas e públicas, evocando a família como “a mais elevada, mais nobre e santa” de todas as sociedades, da qual dependia “a propagação e conservação do gênero humano”, pois seria “da união do homem e da mulher que dimanam as grandes relações reguladoras da nossa existência” (FIG. 40-41).⁵⁶

Após essa introdução apologética ao casamento e à heterossexualidade, o autor transita para o registro ficcional. Valendo-se de motes românticos, constrói uma narrativa pormenorizada e sentimental em torno da chegada do chefe de família em casa após um

⁵⁴ A.R. Pai, mãe e filhos. *Arquivo das famílias*, Rio de Janeiro, 1882, p. 3 e 6. O *Arquivo das famílias: publicação semanal consagrada ao recreio e interesse doméstico* foi uma das muitas publicações de variedades destinadas prioritariamente ao público feminino que circulavam pelas casas das classes altas do período. Foi um periódico de curta duração, direcionado ao público feminino e editado por C. Martins & Cia entre 1881 e 1882 e impresso na Tipografia e Litografia de J. D. de Oliviera, no Rio de Janeiro, e comercializado em quase todas as Províncias, do Maranhão ao Rio Grande do Sul.

⁵⁵ PROSPECTO. *Arquivo das famílias*, Rio de Janeiro, 1881, v. 1, p. 1. Dentre os diversos objetivos que os homens de letras que editavam e contribuía com os periódicos buscavam atingir com suas publicações, um dos mais importantes era a vulgarização de costumes, de preceitos morais, formas de conduta e ideais de família, masculinidade e feminilidade. Esses eram difundidos em artigos prescritivos, combinando discursos religiosos e seculares de civilização, mas também na literatura “recreativa” e “amena” que divulgavam. PINHEIRO, Alexandra Santos. O Jornal das Famílias (1863-1878) e as leitoras do século XIX. *Revista Faz Ciência*, v. 6, n. 1, 2004, p. 115-118; MIRANDA e AZEVEDO, op. cit. Para uma discussão sobre a difusão de costumes a partir da literatura romanesca, ver: AUGUSTI, op. cit.; ALMEIDA, op. cit.

⁵⁶ A.R. Pai, mãe e filhos. *Arquivo das famílias*, Rio de Janeiro, v. 11, 1882, p. 3.

longo dia de trabalho, evento corriqueiro que era ritualizado na domesticidade burguesa e que começava a tornar-se culturalmente relevante para as classes altas e médias urbanas brasileiras⁵⁷:

A tarde vem descendo dos ceos, o manto das nevoas começa já a estender-se por sobre os altos montes.

A natureza emudece, os prados ficam tristes, o sol fugindo... fugindo, vai deixando as florinhas que também deixam de sorrir.

Além...ao longe divisa-se um casebre triste, silencioso; apenas de vez em quando corta o seu silencio um choro de creança.

Subito, n'esta casa em que a tristeza parecia confundir-se com a solidão, **vê-se desenhado um quadro de prazer** – é o chefe da família que chega do trabalho; eis o motivo da alegria.

Apenas transpõe elle o limiar de sua morada ouve um cantico suave: é a voz de sua esposa que adormece o filho pequeno.

Tres ou quatro pequenitos o recebem com algazarra e ele sente uma lagrima se desfilar pelas faces, mas é uma lagrima de contentamento.

Oh! Para quantas dores não são estas creanças o balsamo consolador!

Que mysto de poesia não se encontra n'aquelles inocentes tão próximos dos anjos!

Não roubem agora os sonhos doirados de um pai, deixem-lhe esquecer a realidade. É sempre o filho que encobre-lhe a torrente impetuosa do futuro, mostrando somente a felicidade do presente... um beijo dado em uma creança é motivo para esquecer-se o duro trabalho de amanhã! O filho foi sempre o meteóro luminoso de um pai no oceano escabroso da vida.

Se algum dia ele naufraga no mar imenso da desventura, o filho é a bussola, que obriga-o a procurar a salvação!

E a mãe?

⁵⁷ Sobre o ritual da chegada em casa entre a burguesia britânica, ver GILLIS, John. Ritualization of Middle-Class Family Life in Nineteen Century Britain. **International Journal of Politics, Culture, and Society**, v. 3, n. 2, 1989, p. 213-235 e GILLIS, John. **A World of Their Own Making: Myth, Ritual, and the Quest for Family Values**. Cambridge: Harvard University Press, 1997, p. 109-129.

A sua missão é mais importante, basta seu nome – a mulher, essa rosa mystica que perfuma os horisontes da nossa vida.

Sem ella nada de bello; nada de sublime e encantador! E é por isso que diz A. Herculano:

“Dai ás paixões todo o ardor que pudeses, aos prazeres mil intensidades, aos sentidos a máxima energia e convertereis o mundo em paraíso, mas tirai d’elle a mulher, e o mundo será um ermo melancolico, os deleites serão apenas o preludio do tedio.”

[...] Mais tarde porém tudo muda, a vida é enganosa, tudo murcha.

Pai e mãe perdendo o vigor da mocidade não podem mais trabalhar, as suas forças estão exaustas, mas os filhos vem substituir os seus braços.

Em vez pois dos filhos esperarem pelos pais, são estes que os esperam a tarde para trazê-lhes o alimento. Então todos reunidos a noitinha – Pai, mãe e filhinhos, inspiram-se n’estas três palavras:

Deus, amor e a família!⁵⁸

Na crônica, a casa da família idealizada pelo autor é apresentada como simples e ascética — um casebre —, isolada da cidade e envolta na natureza. Uma casa-refúgio, na qual o homem encontraria no amor da esposa e na alegria das crianças um potente bálsamo para suas ansiedades, fazendo-o “esquecer da realidade”. Sentimental e romântica, a paternidade e a conjugalidade são apresentadas não apenas como vivências prazerosas e revigorantes: o “triângulo amoroso” da família nuclear é também colocado como uma trama de laços afetivos que preenchem e davam sentido para a vida masculina e para as suas “luctas diárias”.

Esse ideal de domesticidade se constituia em paralelo com uma imaginação sobre a rua, os espaços públicos e todos os espaços partilhados da cidade como ambientes regidos pela lógica fria e calculista da racionalidade e do mercado — como passavam a ser percebidas as relações impessoais, superficiais e competitivas dos universos do comércio, da burocracia e do trabalho — e pela fruição descontrolada das paixões, como eram entendidas as relações carnavais, inebriantes e efêmeras da boêmia, da vagabundagem, dos bordéis e dos clubes. O

⁵⁸ A.R. Pai, mãe e filhos. **Arquivo das famílias**, Rio de Janeiro, v. 11, 1882, p. 6 (grifos do autor).

lar, em oposição, seria um espaço de relações afetuosas, autênticas, profundas, sinceras e acolhedoras. Como sintetizou uma articulista d’*A Mensageira*, no artigo “A influência do lar”:
“Na lucta pela vida, nesse attricto de dificuldades, de decepções, de tormentos, o lar domestico, o lar tranquilo, o lar medianamente feliz é o oásis onde o homem se abriga contra a indiferença, contra o vicio e contra o tédio”⁵⁹.

Essa imaginação da domesticidade como um refúgio do “oceano escabroso da vida”, como um lugar de isolamento e repouso masculino, estava baseada em uma qualificação negativa da vida pública masculina — que na década de 1890 começava a ser pensada, no linguajar darwinista, como uma árdua luta pela sobrevivência, “a lucta pela vida”. A relação da cultura masculina com o trabalho e com a *civilização* era ambivalente e, ao mesmo tempo que esses universos constituíam o cerne da identidade e da construção biográfica dos *homens de bem*, envolviam atividades que se tornavam cada vez mais exigentes e extenuantes. A domesticidade burguesa procurava equalizar esse conflito através da lógica da separação e da compartimentação. Assim como no planejamento das cidades emergiam as teorias de especialização de funções urbanas, separando a esfera doméstica da cidade, pensava-se ser possível constituir mundos especializados para a vivência masculina: um mundo onde ele seria o homem público, trabalhador, calculista, racional, competitivo, e outro no qual seria pai, marido, indivíduo afetivo e sensível.

Como descrevia Paul Janet:

As alegrias da intimidade são justamente o contrario das alegrias mundanas. Na sociedade o amor próprio está sem descanso em movimento; d’ahi prazeres ardentíssimos e algumas vezes amargas dores; na familia, quando é unida, sensata, fiel, virtuosa, o amor próprio adormece; goza com delicias do repouso e do silencio. Em casa não exigem que eu tenha espirito, que brilhe, que seja bem aceito e ofusque nos mais; desejo que seja bom, affectuoso, tenha naturalidade e prudência. Na sociedade o espirito está sempre na estacada; deve aprender a falar, a calar-se a fazer-se compreender por meias palavras, deve ser juiz, ter opinião, seguir um partido. Em casa

⁵⁹ EMILIA, Maria. A influência do lar. **A mensageira**: revista literária dedicada à mulher brasileira, São Paulo, n. 24, 1898, p. 373.

o espirito entrega-se, é jovial quando póde, serio á vontade, sempre livre diz o que lhe parece e quando lhe apraz; não prende o dito da véspera, a situação, nem o desejo de agradar; é simples, inocente, ignorante. **Oh! terno esquecimento do eu na intimidade!** **Oh! suave prazer da modéstia de não ser cousa alguma.** Chega, no entretanto, um momento em que a alma se ergue. Não é mais então esse eu do exterior, preparado, arranjado, graduado, superficial, frequentador de reuniões; não é o eu viril, activo, o eu dedicado, corajoso, trabalhador e amoroso. Esse, sem duvida, conhece as dores incomparáveis deste mundo, mas também sondou as profundezas dos abysmos da vida.⁶⁰

Em casa, no seio da família, o homem poderia deixar de lado parte de seu *habitus* viril, de sua *héxis* confiante e sua permanente disposição competitiva. Isso porque, no ambiente da família, que era também para ele um lugar de isolamento individual, não necessitava portar-se em conformidade com os códigos da homossocialidade masculina. Não à toa a crônica de A.R. e tantas outras produções culturais do período davam novo destaque ao momento da chegada do homem em casa, momento que era imaginado como uma transição interior — a passagem do “eu público” para o “eu privado” — que se concretizava com a mudança de ambiente.

A chegada do homem à casa passava a ser um rito ordenador de um cotidiano doméstico que era normatizado de forma androcêntrica. A preparação diária para a chegada era intensa, e tensionava toda a rotina feminina, que precisava coordenar seus afazeres, a comida, a limpeza, o banho das crianças e a preparação de sua toilette, de forma que o homem encontrasse em casa um lar acolhedor e atrativo.⁶¹ Quando o sol começava a baixar, os manuais femininos recomendavam que as esposas estivessem arrumadas para receber o marido com um sorriso, um beijo e que o ajudassem a despir-se da rua, pegando-lhe o chapéu e o casaco. Porta adentro, a casa deveria estar arrumada, a comida servida na hora, as crianças limpas e comportadas. Nesse momento de transição, as conversas tensas deveriam ser evitadas, os temas precisavam ser amenos. Tirar os sapatos, afrouxar o nó da gravata,

⁶⁰ JANET, op. cit. (1878), p. 113 (grifo do autor).

⁶¹ CARVALHO, op. cit. (2008).

vestir um robe ou roupas mais folgadas, eram ritos de passagem do mundo da rua para o mundo da família, da posição de trabalhador para a de pai e marido (FIG. 42-43). Antonio Ferreira Cesarino Júnior, por exemplo, quando permanecia em casa, estava sempre de pijamas ou com roupas folgadas. Mas não deixava que ninguém de fora da família o visse assim: não pisava fora de casa sem o terno completo e, se chegasse visita, apressava-se em se aprontar para receber.⁶²

A transição de mundos era marcada e ritualizada também no urbanismo e na arquitetura. Bairros distantes dos centros em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro começavam a ser loteados e preferidos por parcelas crescentes das classes altas e médias. Sobretudo nesses novos bairros, mas também nas áreas centrais, as novas casas começavam a ser construídas com um recuo frontal, delimitado com um gradil de ferro, que afastava os olhos e ouvidos da rua e demarcavam claramente os territórios de fora e de dentro. O jardim frontal, associado com as composições arquitetônicas de estilos pitorescos — que era uma tendência crescente em fins do século XIX —, buscavam produzir uma atmosfera idílica, emulando um isolamento da família na natureza, como na casa retratada na crônica de A.R. A porta principal passava a ser tratada com mais esmero, geralmente diferenciada das outras da casa, e comumente era demarcada na fachada por um pequeno alpendre ou pela sombra de uma varanda. Essa configuração, somada à escadinha que comumente vencia os porões de respiração e ao caminhozinho que, atravessando o jardim, conectava a soleira ao portão, davam à entrada da casa os ares de um portal para outro mundo (FIG. 45-46).⁶³

A tônica romântica e pitoresca presente na busca pelo “prazer da modéstia de não ser coisa alguma”, na aspiração de ser “simples, inocente, ignorante”, de agir com “naturalidade”, orientava também as preferências decorativas do interior. A prevalência pelas temáticas idílicas nos papéis de parede e nos painéis decorativos; os quadros e gravuras

⁶² Relato de seu filho Antonio Carlos Massaroto Cesarino em entrevista concedida ao autor no dia 19 de abril de 2022.

⁶³ A estética do chalé evocava uma vida simples — como a do homem que busca o “prazer da modéstia de não ser coisa alguma” —, na qual o homem de família se contentaria com pouco. Não querendo glórias, riquezas ou aventuras, a sua vida se completaria pela vivência de sentimentos puros e verdadeiros de amor e carinho conjugal, maternal e paternal. E, também, de contato idílico com a natureza. Para um excelente panorama da profusão da estética pitoresca, sobretudo do chalé, em São Paulo, nas últimas décadas do século XIX e começo do século XX, ver: CAMPOS, Eudes. **Chalés Paulistanos**. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 16, n. 1, 2008, p. 47-108.

com temas históricos e míticos, alegorias ou paisagens, buscavam transportar a imaginação para lugares distantes. A casa era não apenas um objeto de imaginação, mas também um abrigo e um dispositivo para o devaneio e para a viagem sentimental e estética. Para tanto, as janelas mudavam de posto na ordenação doméstica: de lugar importante para a sociabilidade nos sobrados urbanos coloniais, onde se postavam as famosas conversadeiras, as janelas passavam a ser um espaço de mediação mais controlada da conexão interior-exterior. As cortinas operavam como filtros de visibilidade, garantindo protagonismo, isolamento e privacidade ao interior, constituindo para os sujeitos a possibilidade de reclusão, de estar apenas com a família, de desfrutar de uma vivência consigo, de explorar os seus sentimentos, sem a devassa e a interferência visual externa.⁶⁴

A transição do mundo público das paixões para o universo dos afetos do *lar* era também ritualizada como um processo de reintegração do homem no corpo familiar. Fora de casa, o homem era um trabalhador e um homem público. Seu corpo, suas atitudes, seu temperamento deveriam moldar-se às demandas da convivência homossocial, da competição, da política e dos mercados. Ao chegar ao *lar*, era preciso que ele abandonasse seus papéis públicos e se ocupasse de ser pai, marido e chefe de família. Era preciso que relaxasse o corpo e a mente, que abrisse seu coração aos afetos e emoções.

Em *Alegria de viver*, livro tardio de Orison Sweet Marden, o escritor norte-americano era severo com os homens que não eram capazes de realizar essa passagem. A seu ver, eles eram os “destruidores da alegria do lar”, que tratavam bem aos estranhos, mas eram ásperos com aqueles que mais amavam:

Deveis conhecer alguns desses homens encantadores em sociedade, afáveis com os estranhos, amáveis na assembleia, que frequentam, nos seus escritórios e negócios, e que, logo que estão em sua casa, arrancam a máscara e dão largas ao seu humor, à irritabilidade do seu gênio, encontrando faltas em tudo, censurando rudemente as pessoas sujeitas à sua autoridade, levantando tempestades domésticas, parecendo um touro furioso.

⁶⁴ SILVA e FERREIRA, op. cit. (2017); SILVA, FERREIRA *et al*, op. cit. (2015) e MALTA, op. cit.

Todos conhecem homens desses, bons companheiros em sociedade e buldogues no lar.

Esta espécie de buldogue é um animal curioso.

Já o tenho visto num forte acesso de fúria, quando parecia desvairado, e tornar-se, de chofre, manso como um cordeiro, logo que a campainha da porta anunciasse uma visita, provando assim que dependia da sua vaidade ou amor próprio o saber-se dominar. Ter-se-ia envergonhado de que as visitas tivessem visto o chefe da família furioso com o aspecto dum javali irritado. Vemo-lo no lar muitas vezes mal humorado, carrancudo, não fazendo o menos esforço para ser agradável ao menos à mesa. No seu clube, ou nos negócios, por pior que tudo lhe corra, vê-se obrigado a dominar-se, a ser correcto, porque tem orgulho excessivo para se mostrar como realmente é; mas, quando está em sua casa, pensa que nada o obriga a tornar-se agradável, que tem o direito de fazer o que quiser, e de ser tão aborrecido como lhe apraza.

Não faz o mínimo esforço para se dominar.

Uma grosseria assim e a falta de intimidade entre marido e mulher são um dos destruidores mais vulgares da alegria do lar.⁶⁵

O homem incapaz de dominar a si mesmo para cultivar as alegrias domésticas era um homem animalizado, com a virilidade e ferocidade desmedidas de um buldogue ou um javali. Era um homem hiper investido na sua faceta pública, que controlava sua ferocidade apenas diante dos estranhos, por vaidade e orgulho. Apesar da aparência refinada fora de casa ou na presença das visitas, sua verdadeira constituição era embrutecida, pois o seu domínio de si era vulgar e egoísta. No contexto brasileiro, esse pai descontrolado, que não se responsabilizava pela atmosfera do *lar*, correspondia aos modos violentos e bruscos dos pais que ainda se orientavam pelo patriarcalismo colonial. O verdadeiro *homem de bem* deveria aprender a dominar a si mesmo por valorizar e apreciar devidamente os afetos familiares e os prazeres domésticos e ter o desejo de cultivá-los:

Não há dúvida de que a mulher tem às vezes suas impertinências. Todavia, ela faz mais esforços do que o marido para manter a paz do lar.

⁶⁵ MARDEN, Orison Sweet. **A alegria de viver**. Porto: Figueirinhas, 1923, p. 216-217 (grifo do autor).

O marido é mais egoísta e mais indiferente à felicidade doméstica; é, portanto, a ele que mais cabe a responsabilidade de criar um interior feliz, mantendo-lhe a alegria.

Escreve a senhora John Logan: — Se há mulheres que não sabem ser verdadeiras companheiras dos homens, há homens que, por um motivo ou outro, não lhe dão ensejo a que sejam.

Quase todos os homens ignoram a sede de simpatia e o desejo de intimidade que as mulheres sentem.

[...] O homem tem variadas ocupações durante o dia, mas a mulher é escrava em casa e raras vezes tem distrações.

Como pode ela conservar a alegria no lar e mostrar-se sorridente para os filhos, hóspedes e pessoas amigas?

Muitos homens ficam de mau humor, quando chegam em casa, por não verem a mulher tão alegre, animada, numa disposição tão amável como desejariam, sem atenderem a que deve estar fatigada e aborrecida por um dia de trabalho constante.⁶⁶

Escrevendo já na década de 1910, Marden era mais explícito do que a maioria dos autores do século XIX a respeito das responsabilidades masculinas na manutenção da atmosfera afetiva do *lar*. Smiles e Janet enfatizavam a importância do companheirismo entre o casal, bem como do homem despir-se de suas preocupações públicas e deixar-se repousar no *lar*. Porém, depositavam responsabilidade maior na esposa, que com os dotes de sua feminilidade, teria maior responsabilidade em harmonizar, apaziguar e temperar os afetos domésticos. Em Marden, vemos uma maior responsabilização do marido e, também, uma demanda de compreensão da condição extenuante do trabalho doméstico feminino.

Se Marden procurava convencer os homens de que era preciso uma participação mais ativa na manutenção afetiva e sentimental da domesticidade, muitos homens resistiam veementemente a tais críticas. Em 1916, nas páginas da *Revista Feminina*, o embate direto travado entre a escritora Bébé de Mendonça Lima e o escritor René Thiolier nos permite observar alguns aspectos dessa tensão. A polêmica iniciou com um artigo intitulado “O que os maridos devem saber” publicado na revista pela escritora paulista, que à época residia em

⁶⁶ Ibidem, p. 217 e 223

Paris. No formato de crônica, Bébé narra com detalhe a angustiante experiência de uma mulher na recepção de seu marido em casa. Bébé constrói o retrato de uma vida doméstica instável, com o pesar da frustração das expectativas românticas do rito de chegada (FIG. 58):

Pensa a maioria dos homens – e com mais ou menos razão – que é dever da esposa constituir o seu lar como um canto de sombra fresca e redolente, onde o marido encontre a calma feliz que o conforto da agrura da vida exterior. Nem todos os maridos porém se lembram que a organização desse recanto de conforto e de carinhos, não depende sómente da esposa, mas em grande parte do proprio marido.

Uma sala lindamente encerada, póde ser rapidamente desfeita, pelos sapatos ferrados de um homem grosseiro. E quantas vezes um lar feliz, calmo, tranquillo, que aguarda ancioso o regresso do seu senhor, é brutalmente desfeito em lagrimas, quando de volta da Cidade, não saber reter o seu mau humor e sacode o pó de suas luctas exteriores, no espaço suave e puro que o esperava, meigo e carinhoso?

Ao doce sorriso da esposa que o vem receber no patamar da escada, apurada na sua toilette, graciosa nos seus gestos, elle responde mal humorado, entregando-lhe o chapéu:

— Oh, filha, deixa-me; venho de tal maneira irritado...

Tudo se apaga no lar. A esposa desapontada, de olhos baixos e húmidos vae guardar-lhe o chapéu. Um veu de tristeza entra com o homem e adensa-lhe pelo lar e faz fenecer as flores das floreiras.

O vinco, que ele traz, cavado entre os supercílhos, afasta amedontrada uma crença que se vinha aproximando, com o riso fresco e consolador das primeiras edades, que como o canto de um canário completa a harmonia do lar. Nem chega a pronunciar – Papá!

A mãe toma-a pelo braço e afasta-a, adivinhando já a reprimenda:

— Leva essa criança para dentro!

[...] Vem a refeição. A esposa solicita serve. O marido engole automaticamente os bocados. Olha o relógio.

[...] Elle apressado toma a sombremeza e levanta-se. [...] Toma o chapéu e sae. A esposa alcança-o á porta:

— Sae assim... sem um beijo ao menos...

Apressadamente, elle concede a graça suprema de um fuçar apressado de bigodes pelo rosto da esposa e desce a escada, de três em três degraus, para a rua.

Na quieta sombra do lar ouve-se ás vezes um soluço e um corpo que se atira sobre um divan. Mas o marido já está na rua: não ouviu o soluço; não viu em que flor magoada desabrochou o rastro que o seu máu humor deixou em casa; não compreendeu que só elle é o causador da ruina daquella felicidade, que abnegada e apaixonadamente lhe extendia os braços...⁶⁷

O texto de Bébé era um desabafo acerca das contradições e insatisfações das mulheres em relação aos homens e à domesticidade. Na época, mostrou-se um texto disruptivo, que dava à mulher um lugar de fala e de reivindicação. O fazia, contudo, como era característico das críticas femininas no período, dentro da organização de gênero dominante.⁶⁸ Ela explicitava como o funcionamento do *lar* não era pleno e dependia de um equilíbrio tênue entre objetos e indivíduos. Pelo olhar da escritora — e das leitoras que se viam em suas palavras —, na prática, muitos homens eram incapazes de “reter o seu mau humor”, de sacudir o “pó de suas luctas exteriores” e completar o rito da chegada, deixando a cidade para trás da porta. Assim, ficavam insensíveis aos encantos do *lar*: não eram capazes de partilhar do afeto com sua esposa, de apreciar a presença do filho, não se abriam para a conversa e nem mesmo para os sabores da comida, que era um importante símbolo da comunhão familiar.⁶⁹ Ao se apressarem para colocar o chapéu novamente e voltar aos seus papéis da rua — de conviva ou amante —, deixavam para trás um rastro amargo, uma esposa triste e um *lar* perturbado.

Poucos meses depois, René Thiollier publicou na revista um artigo em resposta a Mendonça, espelhando o seu título. Em “O que as senhoras devem saber”, o escritor paulistano contava que, tendo sido convidado pela editora Virgínia de Souza Salles para se tornar um colaborador na *Revista Feminina*, teve o desejo de defender, logo em seu primeiro artigo, “os maridos com tanta graça acusados pela encantadora senhora dona Bebé de

⁶⁷ LIMA, Bébé de Mendonça. O que os maridos devem saber. *Revista Feminina*, n. 21, 1916, p. 11.

⁶⁸ MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia Mott. Recônditos do mundo Ffminino. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVECENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 367-421.

⁶⁹ GILLIS, op. cit. (1989), p. 223.

Mendonça Lima”. Embora reconhecesse que existiam maridos “insuportáveis, irascíveis, que nunca estão contentes, sempre a se mostrarem amuados”, acreditava que era necessário defender aqueles que, como ele mesmo, “eram anjos”. Para defender esses maridos vilipendiados, Thiollier atacava as esposas (FIG. 59):

Por certo, se todas as senhoras casadas fossem como aquella, que nos descreve a distincta escriptora patricia, que, de braços abertos e com um doce sorriso nos labios corre para o patamar da escada a receber o esposo quando elle chega fatigado da Cidade, e, por todos os meios carinhosos, procura fazer-lhe esquecer os dissabores que tivera lá fóra, — ah! então, ser-me-ia penosissima a tarefa, com dificuldade proferiria a *nossa* defesa... — digo *nossa*, porque tambem eu faço parte d’essa cáfila doce-amarga, tão detestada e ao mesmo tempo tão querida que se chama os maridos.

[...] Já não tem a mesma sorte o meu amigo Gumercendo! E elle coitado, é um anjo exactamente como eu!

A sua esposa é d’essas que tem cabellinhos nas ventas, — e os tem às véras! Em solteira, era uma deliciosa creaturinha delgada, toda apertadinha no seu espartilho, elegante no andar, seductora no sorriso. Agora, porem, está enorme! Abandonou-se logo depois de casada: não cuidou mais da toilette! Para que?! Não conseguiria ella o que desejava? Alli não esta o Gumercendo?...

[...] E que genio! Ai Jesus, que genio tem ella!

Nos dias em que sopra o noroeste, então é um horror!... Faz scenas e mais scenas ao Gumercendo por dá cá uma palha.

Quando estiveram na Europa, para que se não desviasse o caminho, rogou-lhe ella uma praga. Havia de morrer de uma apoplexia se lhe fosse infiel. E, muito superticioso, passou amedrontadamente o tolo, mezes e mezes em Paris, sem nunca ter visto de perto “*falbalás fanfreluches et frivolités.*”

O ciume isso, então, quantas horas de tédio não traz a “ménages” que poderão viver felicissimos?!...⁷⁰

⁷⁰ THIOLLIER, René. O que as senhoras devem saber. *Revista Feminina*, n. 23, 1916, p. 19.

O texto de Thiollier verbalizava o desconforto que outros homens, como ele, devem ter sentido em relação ao texto de Mendonça, tomando-o com grande severidade. Vale notar que enquanto a escritora demandava responsabilidade e investimento afetivo dos maridos, ele demandava que a esposa fizesse uma gestão mais zelosa de seu corpo objetificado e moldado para o desejo masculino. Ao final do texto, ele recomendava, como uma resposta às queixas manifestas por Bébé, que esse permanente empenho de sedução seria a verdadeira solução para as esposas insatisfeitas: “nada de desleixos”. O ciúme — sentimento frequentemente tratado nos periódicos femininos e nos romances do período — era encarado pelo escritor como um problema de temperança feminina e não como um problema que era comumente provocado pelos homens, em uma época em que era bastante comum que, mesmo casados, eles frequentassem bordéis e tivessem amantes. Marden, por sua vez, chamava os homens à consciência de suas responsabilidades, afirmando que as traições feriam violentamente as esposas e que, como resultado, a atmosfera da família também era “envenenada pelos ciúmes e pelas desconfianças”⁷¹.

Em “Uma família modelo”, artigo publicado por Victoria Colonna no *Jornal das Famílias* em 1875, a articulista descrevia a harmonia do *lar* de um “homem que sempre foi feliz”. O seu segredo? Era desinvestido das glórias públicas, desafetado de grandes anseios e capaz de desfrutar plenamente essa espécie de alegria estoica que era proposta pelo regime da domesticidade burguesa (FIG. 60):

[...] nunca possuiu porém um palácio, ou sequer uma casa de campo; não teve carro, ou cavallo seu, não foi funcionário público, não gozou de honras invejadas pela maioria de nossos contemporâneos, nem desempenhou papel algum importante n’este mundo.⁷²

⁷¹ MARDEN, op. cit., p. 220-221.

⁷² COLONNA, Victoria. Uma família modelo. *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, nov. 1875, p. 341-345. Não é possível saber se Colonna era uma mulher ou um homem, porém é muito provável que se tratasse de um pseudônimo, que remetia à poetisa italiana homônima que viveu no século XVI. De qualquer maneira, Colonna foi uma colaboradora constante em toda a vida do periódico e uma voz importante no aconselhamento para mulheres nesse período inicial da constituição deste espaço público feminino.

Era laborioso, disciplinado, probo, reto, justo, bom e modesto. Não era afeito à competição e, por isso, não julgava a sua sorte “comparando-a com as mais brilhantes que a d’ elle, mas sim com todas as que lha são inferior; e é sem duvida d’ahi que lhe vem a felicidade de que goza”. Na sua carreira de militar de baixa patente, quando via um colega ser promovido por causas justas, se contentava, quando via alguém subir por favorecimento, não se indignava, abstinha-se, se contentando em saber que crescer daquela maneira nunca seria motivo para mobilizar a sua inveja. No casamento, encontrara “a sua metade; aquella que Deus lhe destinára para sempre”, atingindo o ideal romântico das “afinidades eletivas” e do “par ideal”.

Como provedor, era previdente. Quando nasceu a segunda filha do casal, percebeu que precisariam de mais recursos e não hesitou em mudar a rota de sua carreira em prol da coletividade familiar. Era militar, mas decide aprender “a arte de guarda-livros, o que obteve com facilidade, graças a seu espírito methodico”. A verdadeira alegria da vida, afinal, ele encontrava em casa:

[...] havia entre essas tres meninas, e seus paes, jogos, que proporcionavam-lhes risadas inextinguiveis, recreios em dias fixos, e distracções conforme as estações do anno. Como tinham muitas privações, tinham tambem muitas alegrias. Um passeio campestre, um acepipe ao domingo, um pequeno presente nos solemnes anniversarios, eram durante o anno outros tantos pontos luminosos em que se sonhava com antecedencia e de que se fallava ainda muito tempo depois de realizados.

[...] **Com que satisfação reúnem-se na hora do jantar, em que contam-se reciprocamente os menores accidentes do seu dia.** Communicam-se as impressões, os resultados adquiridos, as experiencias para o futuro, e discute-se longamente em familia a compra d’algum objecto necessario para a casa, ou d’algum vestido. **Á noita o pae lê em voz alta em quanto a familia cose ou borda, sentada ao redor da mesa.** Só vão ao espectáculo nas grandes solemnidades, depois de bem discutida a escolha da peça e do theatro. Nos Domingos assistem á primeira missa depois da qual se é tempo de verão, vão passear na Acquasola, e se é no inverno dirigem-se ás galerias dos palacios Durazzo, Brignole, Pallavicini, Spinola, Balbi, etc. na segunda feira voltam ás suas occupações habituaes.

Não tinha razão quando vos apontava esse homem como um ente verdadeiramente feliz, e essa família como um modelo? ⁷³

Esse homem que não se injuria, que não almeja a glória, que abdica do suprematismo patriarcal vendo na esposa completa parceira, permitindo às filhas que trabalhem, que tira principal satisfação do amor conjugal e da vida em família, que é devoto aos rituais familiares — como o jantar e a reunião noturna —, era um ideal de par romântico feminino, mas também de um homem disciplinado e ordeiro, que era ambicionado pelos educadores da nação. O emaranhamento desses dois discursos era frequente no período e um instrumento potente para a capilarização de normativas.

Em conjunto com os discursos de atração e sedução com os quais procuravam galvanizar a experiência doméstica e matrimonial — que era, em verdade, bastante conflituosa —, os educadores e moralistas também atuavam de forma negativa, cultivando medos e ansiedades em seus leitores sobre os tenebrosos riscos que circundavam a vida do homem que não se casava. Se na mocidade a liberdade amorosa e a intensidade passional eram experiências ricas e excitantes, argumentavam que, na maturidade, tornavam-se aborrecidas e vazias. Seria uma quimera acreditar na possibilidade de uma vida de eterna mocidade e, sobretudo, na possibilidade de ser feliz sem constituir uma família. Ao ambicionar a liberdade e a alegria permanente da mocidade, o homem não casado acabaria melancólico, entediado e prisioneiro das paixões que, rapidamente, convertiam-se em vícios.

Em *A família*, para além da falta com os *deveres* pátrios de procriar, proteger e prover as mulheres e os filhos, Paul Janet localizava a incompletude do homem que não casava também no plano existencial. Apesar das satisfações que encontraria nas amizades, nos divertimentos e no exercício da vida pública, o solteiro estaria privado de gozar das principais fontes da felicidade na vida terrena:

Um dos mananciais mais abundantes e mais puros da felicidade humana nasce dos affectos: e entre estes, ha dous, que mais do que nenhum outro parecem próprios para satisfação do coração do homem, se fora susceptível de preencher-se tão vasto espaço:

⁷³ Ibidem.

é o amor conjugal e o amor paternal. Dous affectos são estes que correspondem a duas necessidades inseparáveis do nosso ser; necessidade de viver para outrem, necessidade de reviver em outrem.

Nada ha mais terrível para o homem do que a falta de companhia [...] **O homem não póde com a solidão, porque ante ella não póde fugir á idéa do seu nada.** Ahi está a razão porque os homens fundam cidades, estabelecem sociedades, dão reuniões, concorrem aos passeios e sustentam intimidades. Mas ainda tudo isto é pouco: não basta encontrar fóra de casa a mão amiga que se aperta, uma palavra *sympathica* e um coração: o que mais nos magoa, é a solidão do lar domestico, é a casa vazia e deserta, é a ausência de uma criatura, anjo velador nas enfermidades, companheira de nossas alegrias, urna de nossas lagrimas e meiga testemunha do nosso passamento.⁷⁴

A melancolia da solidão, assim como a angústia do vazio existencial, estavam intimamente associados com o processo de individuação moderno e eram evocados por Janet tendo em vista as aflições e tensões que estavam na ordem do dia para seus leitores. O autor projetava no espaço doméstico e familiar uma espécie de segurança existencial, uma garantia de sentido e de afeto ao mesmo tempo que constituía uma imaginação abatida da vida do homem não casado. É interessante notar que nessa imaginação masculina da domesticidade e do casamento havia uma grande justaposição dos papeis conjugais e maternos na relação das mulheres com seus maridos. Nesse trecho, Janet localizava a tristeza da “casa vazia e deserta” tanto na falta dos afetos e sentimentos da união romântica como na ausência de uma figura que fosse dedicada ao seu cuidado. Essa mulher angelical, “urna de nossas lagrimas”, “anjo velador nas enfermidades”, “testemunha do nosso passamento” era uma espécie de esposa-mãe. E a casa, nesse sentido, era pensada, para o homem, como um espaço análogo ao da casa de sua infância, ou seja, um lugar de proteção, carinho, cuidado e acolhimento.

De fato, grande parte dos atributos da feminilidade burguesa foram modelados a partir de um ideal de maternidade, sendo quase todas as características pensadas como femininas

⁷⁴ JANET, op. cit. (1868), p. 20-21 (grifo do autor).

associadas às competências socioafetivas envolvidas nas atividades de cuidado: altruísmo, empatia, bondade, paciência etc. Como afirmava Smiles:

É inquestionável que as qualidades mais elevadas da mulher manifestam-se em suas relações com os outros, por meio de suas afeições. Ella é a ama que a natureza deu para toda a espécie humana: cuida dos fracos, alimenta e ampara aquelles a quem amamos; é o genio que preside o lar, onde crêa uma atmosfera de serenidade e contentamento conveniente para o desenvolvimento do character em sua melhor fórma; **mesmo pela constituição que lhe é peculiar, é compassiva, suave, paciente, abnegadora de si mesma, amante, cheia de esperança, e seus olhos brilham em toda parte; anima a frieza, consola o sofrimento e é fonte perene de alegria.**⁷⁵

Nessa nova concepção da complementariedade dos gêneros, a masculinidade não era concebida em uma posição fixa de poder soberano e autossuficiente como no patriarcalismo luso-brasileiro. Nas relações com o casamento e com a domesticidade, vemos como a normativa da masculinidade tensionava, sem equacionar propriamente, alguns de seus próprios termos de virilidade: autonomia, independência e autossuficiência emocional. Nota-se que as discussões e a normatividade em torno do homem possuíam contornos distintos quando pensadas no espaço social e homossocial e no espaço doméstico e heterossocial. No universo homossocial e público, a masculinidade era pensada a partir das dinâmicas de dominação-subjugação, de produção e de competição, sendo o homem, por vezes, uma figura quase abstrata, que incorporaria o potencial pleno da racionalidade e da *civilização*. Quando pensado na relação com as mulheres e no espaço doméstico, essas normativas da virilidade e da hombridade também estavam fortemente presentes, porém, havia também abertura para a discussão de um homem mais encarnado, sensível, que possuía dúvidas e aflições, que possuía uma experiência humana complexa e tensa com suas atividades sociais e, mesmo que isso não fosse assumido pelos autores e homens do período, com as próprias demandas e normativas da masculinidade.

⁷⁵ SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878, p. 312 (grifo do autor).

Ao tratarem da domesticidade e do casamento, era comum os autores apresentarem uma figura masculina cansada, por vezes frágil e desamparada — muitas vezes de forma quase infantilizada —, que era dependente de uma figura feminina para poder equilibrar e cuidar de seu corpo, de sua mente, de seu coração. Assim, junto ao papel da esposa-companheira, a esposa era muitas vezes pensada e apresentada nos livros prescritivos masculinos como uma figura que realizaria um papel de continuidade ou de substituição da figura materna da infância.⁷⁶ Em seu *Elementos de Instrução Moral e Cívica*, o médico e professor ubatubense João Diogo Esteves da Silva, apresentava a fragilidade do homem sozinho próxima à de um menino incapaz de regular e cuidar de si mesmo. Pela ausência do cuidado da esposa, o homem poderia não apenas adoecer do espírito, por ser incapaz de equilibrar a si mesmo, mas também, adoecer seu corpo, por conta da má nutrição decorrente de uma rotina desordenada:

Na existência do celibatário, em geral, há apenas uma propensão: fruir, fruir, **porém, sem o limite moralizador como deve originar-se espontaneamente dos compromissos de esposo e pae.**

Descuida-se de uma alimentação regular, não só quanto á qualidade, mas ainda relativamente á distribuição em horas convenientes.

D'ahi resultem muitas moléstias do estomago, fígado, intestinos, além das alterações de robustez que sofre naturalmente.

A vida isolada, o peso das contrariedades, sem uma companheira que console e mitigue os pezares, geram, quasi sempre, muitas doenças que terminam na tuberculose.

Acobardado por esse isolamento, desesperado o homem pelas sucessivas luctas da vida, não vendo junto de si uma esposa cuja ventura dependa de sua dedicação, não tendo ao seu lado filhos **cuja prosperidade deva ser o termo de seus labores**; e não

⁷⁶ Em *A World of Their Own making*, John Gillis sugere que a vivência masculina no espaço doméstico era também, por vezes, infantilizada. A casa seria um espaço onde ele podia regredir para o estado de brincadeira, chacota, de uma liberdade juvenil, que para as mulheres era mais restrita, pois, para elas, a casa era um lugar de trabalho e responsabilidades. GILLIS, op. cit. (1997).

dominando as dificuldades, não calcando no fundo da alma as magoas que o turbam, **frequentemente allucinado, busca o suicídio ou perde a razão.**⁷⁷

Na maior parte dos textos normativos, a escolha de não casar não era entendida como uma opção individual livre e legítima. Pelo contrário, não se casar significava entregar-se àquilo que aprisionava o indivíduo — as paixões e os prazeres —, que tinha como consequência o adoecimento corporal, mas também psíquico e espiritual, levando ao tédio, à melancolia e até mesmo à loucura e ao suicídio. Nesse sentido o homem solteiro, sem um *lar*, era entendido como um homem incompleto e insustentável, incapaz de dominar a si mesmo, de viver uma vida temperada e, portanto, de ser efetivamente livre e *civilizado*.

A construção do celibatário apresentada nos livros de formação estava em direta articulação com ideias elaboradas em instituições médicas que, no Brasil, tinham como principais protagonistas as faculdades de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia. Em sua tese, *Dos casamentos sob o ponto de vista hygienico*, Alvaro da Matta Machado afirmava que:

Independente da mortalidade, sem duvida muito maior, os males phisicos que mais afligem aos celibatários são: as alterações gastro-intestinais, a syphilis, o mal de Pott, diferentes afecções da medula, as nevralgias, e o enorme cortejo de nervoses, como a hypocondria, o hysterismo, etc.

É, também, entre os solteirões que se encontra o maior numero dos grandes criminosos que têm, com seus horrores, assombrado a humanidade; a alienação mental, o vicio da embriaguez e do jogo, o suicídio, colhem entre eles suas melhores victimas.⁷⁸

Tratado como um fato médico e um fato moral, a solteirice era construída como um desvio moral e o celibatário começava a ganhar uma tipificação entre os anormais: homem inferior, de espírito vulnerável e saúde frágil, doente, desequilibrado, nervoso. Um homem

⁷⁷ SILVA, João Diogo Esteves da. **Elementos de Instrução moral e civica para uzo dos alunos da Escola Nocturna do Atheneu Ubatubense do Grupo Escolar Dr. Esteves da Silva**. Rio de Janeiro/São Paulo: Alves & Cia, 1897, p. 109-110 (grifos do autor).

⁷⁸ MACHADO, Alvaro da Matta. **Do casamento sob o ponto de vista hygienico**. Tese defendida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1880, p. 122 (grifo do autor).

egoísta e viciado, cujo descontrole e descompromisso com os *deveres* morais o tornavam potencialmente perigoso para a sociedade, tanto pela suscetibilidade à violência, como pela sua contribuição à difusão de comportamentos viciosos, sendo encarado como um agente difusor de doenças venéreas e, às vezes, também um sedutor de esposas, destruidor de famílias.⁷⁹

A angústia, a incompletude, a inclinação imoral e o destino trágico dos solteiros era produzida e disseminada também na literatura, que para alguns escritores, como Francisco Viveiros de Castro, era uma plataforma de difusão de normativas e prescrições. Um ano depois de *Attentados ao pudor*, o jurista publicou seu livro de contos *Diário de um solteirão*, um projeto literário que considerava ser uma extensão e aprofundamento de seu livro sobre as perversidades sexuais⁸⁰. No conto que dá título ao livro, Viveiros de Castro apresentava a solteirice como resultado de um descontrole das inclinações materialistas e sensuais do homem que, ao final, acabavam encaminhando-o para um beco existencial. Desde o início da narrativa, o protagonista é caracterizado como imoral: um herdeiro que não gosta de trabalhar, que leva a vida aventurando-se pelo mundo, do Ocidente civilizado ao Oriente exótico e “selvagem”. Em dado momento, a saudade lhe arrebatava e ele retorna ao Rio de Janeiro.⁸¹

De volta, mergulha intensamente na vida social e nos bailes, porém, após certo tempo, fica melancólico. Para superar o *spleen*, mergulha nos prazeres carnavais e sensuais, levando a luxúria ao limite. As perturbações passam momentaneamente, porém o mal-estar persiste, e, fragilizado, fica doente. A partir desse momento, o conto de Viveiros de Castro se torna uma espécie de versão ilustrada, quase em forma de fábula, do trágico ciclo de desgaste

⁷⁹ OLIVEIRA, Cristiane. Higiene matrimonial, sexualidade e modos de subjetivação no Brasil do século XIX (1847-1870). *Revista EPOS*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, jul-dez de 2013; GONDRA, op. cit., p. 440-444.

⁸⁰ Nas palavras do autor: “procura agora [o escritor ou o que escreve] estudar a psicologia do eu, conhecer todos os fatores de um caráter, acompanhar enfim passo a passo essa luta entre o dever e o instinto, entre o que nos aconselham as ideias morais recebidas pela educação e ao que nos impedem as forças do temperamento transmitidas pela hereditariedade. E o problema nos interessa porque queremos saber até onde vai o nosso livre arbítrio e portanto a responsabilidade da conduta “. CASTRO, Francisco Viveiros de. *Diário de um solteirão*. Rio de Janeiro: Domingos de Magalhães, 1895, p. 12.

⁸¹ “[...] senti uma necessidade imperiosa [...] de dormir em minha casa, entre os meus móveis, cada um deles recordando uma lembrança do passado, saudados ao espírito e grata ao coração.” CASTRO, Francisco Viveiros de. *Diário de um solteirão*. In: Idem. *Diário de um solteirão*. Rio de Janeiro: Domingos de Magalhães, 1895, p. 27.

psíquico e corporal que os discursos médicos e moralistas produziam em torno dos homens que abusavam dos prazeres e se entregavam viciosamente às suas paixões. Trancado em repouso, abatido, o protagonista atina com a insensatez de sua condição, que seria mais infeliz que a de um operário, pois apesar de suas posses — “quadros e estátuas de artistas célebres, entre móveis incrustados de madreperla e marfim” — não tinha “para velar-lhe o sono, para dar-lhe remédios, para tornar menos sombrias, iluminadas de um doce sorriso, as longas horas de um quarto escuro de doente, a solícita ternura de sua mulher.”⁸²

Ele não possuía um verdadeiro *lar*, apenas uma casa. O *lar* só existiria plenamente se fosse partilhado com uma esposa-maternal, que o tornaria um efetivo espaço de cuidado e acolhimento. Em oposição à bondade, ao amor e o carinho da relação conjugal idealizada pelo romantismo e pelas normativas, as relações de cuidado que envolviam o protagonista eram frias, calculistas, racionalizadas e permeadas pelo dinheiro, superficiais e egoístas: “estava entregue ao cuidado de enfermeiros mercenários, que cumprem o seu dever com a mecânica impassibilidade de um soldado em linha de marcha, sem um gesto meigo, uma palavra de resignação ou de esperança.”⁸³

Sentindo-se velho e gasto — com 30 anos! —, o homem começa a buscar um amor verdadeiro, porém, todas as tentativas são frustradas, pois as amantes lhe queriam apenas o dinheiro. Ressente-se da sua arrogância juvenil, por não ter dado a devida atenção à tradição moral que lhe foi passada: “não é bom que o homem viva só, ensina a Bíblia. E eu na insensatez do meu orgulho e da minha ignorância não refleti nesse salutar conselho”⁸⁴. Ao final, derrotado, reflete consigo, em tom solene e prescritivo, como um personagem de teatro que faz um monólogo final aos jovens da plateia, fazendo de seu arco trágico uma lição de cautela, para que não cometessem os mesmos erros:

Não há neste mundo nada de mais estéril e de mais triste do que a vida de um homem solteiro. Na mocidade é a dissipação e egoísmo; na convivência das

⁸² Ibidem, p. 31.

⁸³ Ibidem, p. 32.

⁸⁴ Ibidem, p. 34.

horizontais ele perde dia a dia as generosas aspirações de seu espírito, os puros sentimentos da sua alma.

Entregue ao vício, isola-se e concentra-se nessa apática indiferença que estanca e estiola a fina flor dos sonhos e dos ideais. **Na velhice, quando se acalmam os arredores do sangue é a tristeza, a solidão, o isolamento, o vácuo,** e quando mais tarde aparecer a implacável morte, nenhuma não amiga plantará uma roseira em seu solitário túmulo; nenhuma recordação invocará sua memória na sentida saudade dos que partiram para a eterna viagem. Ah! Felizes os que morrem entre soluços de mulher e filhos, si é morrer continuar sempre a viver no coração e no pensamento dos que ficam, sobre indelével e amada. **Benditas alegrias da família, santos prazeres do lar, eu, solteirão impenitente, que outr’ora te desprezei, hoje amargo a minha irresgatável falta e arrependido murmuro o confiteor mea culpa, mea maxima culpa.**⁸⁵

Pela perspectiva de Viveiros de Castro, o homem solteiro pensava ser livre, superior à tradição cristã e seus *deveres* de temperança, pudicícia e castidade. Seduzido pelo materialismo, pelo luxo e pela luxúria, entregava sua existência ao corpo, porém descuidava da alma. Acreditando estar livre, o solteirão se tornava, em verdade, um prisioneiro. De início, o desfrute das paixões e dos prazeres daria uma intensa sensação de liberdade e satisfação, porém, rapidamente, esse caminho se revelaria um beco sem saída. Com o passar do tempo, os prazeres se tornariam tediosos e o descontrole conduziria o homem a um estado vertiginoso de adoecimento, solidão e melancolia.

Duvidando da *illusio* cristã e *civilizatória*, que instituía as divisões conflituosas e hierarquizadas entre alma e corpo e afeição e paixão e que estabelecia o imperativo do domínio de si, o celibatário confundiria a paixão corporal e o prazer, “perturbação passageira e fugaz”, com a alegria íntima e a afeição, que seriam duradouras e espirituais, e só poderiam advir do cultivo do “verdadeiro bem” e das atividades “sãs”⁸⁶. Na maturidade, as vinculações afetivas e amorosas que não a matrimonial eram classificadas como indignas e ilusórias, afinal, como já vimos, na emergente ordem normativa, a felicidade e a liberdade só poderiam ser alcançadas em uma vida consonante com o “bem” e com a *civilização*. Os “movimentos

⁸⁵ *Ibidem*, p 34- 36 (grifos do autor).

⁸⁶ JANET, op. cit. (1878), p. 20.

febris, violentos e vergonhosos, que a “eloquencia devassa apresentou á nossa imaginação fraca e alucinada como o ideal da felicidade, como única aspiração digna d’alma livre e nobre” seriam instáveis e transitórios, resultando ao final no “tedio, [n]a vergonha e [n]a desesperança”. O celibatário era um homem que queria ser livre de alguns *deveres* e imperativos da tradição e, em partes, também da *civilização*. Para combatê-lo, a normativa operava a deslegitimação dessa forma de liberdade que rivalizava com a liberdade do domínio de si, desqualificando suas vivências e construindo-a, à imagem dos vícios, em uma sedutora ilusão, na qual, pensando poder ser livre, o homem acabava por entregar-se, em verdade, à tirania das paixões e dos desejos.⁸⁷

Para além de destruir a si mesmo, como vimos, o celibatário também passava a ser classificado e caracterizado como um ente perigoso à sociedade. Nas palavras de João Diogo Esteves da Silva, na existência do celibatário haveria apenas uma propensão: “fruir, fruir, porém, sem o limite moralizador como deve originar-se espontaneamente dos compromissos de esposo e pae”⁸⁸. Esse limite moralizador dos prazeres, o limite à fruição, era associado a um processo de maturação do *caráter*, no qual, através do casamento e da paternidade, o homem, supostamente, abandonaria seu egoísmo da mocidade e desenvolveria importantes virtudes. Construía-se, dessa forma, uma caracterização opositiva entre o celibatário — um tipo autocentrado, egoísta, juvenil, imaturo e moralmente atrofiado — e o homem casado — maduro, generoso, compromissado, caridoso e capaz de agir com desinteresse.

Silva construía a passagem do estado de solteiro para o de chefe de família como o despertar de uma nova consciência, que marcaria uma passagem para a vida adulta:

Chefe de família, o homem que até então patenteara indiferença, quanto às condições de boa hygiene e de indispensável comedimento, compenetrando-se dos rigorosos direitos da esposa e dos filhos á sua vigilância e boa direção, **examina atentamente tudo que para elle ahi passara desapercibido**: o que lhe merecia ligeiro

⁸⁷ Ibidem, p. 25.

⁸⁸ SILVA, João Diogo Esteves da. **Elementos de Instrução moral e civica para uzo dos alunos da Escola Nocturna do Atheneu Ubatubense do Grupo Escolar Dr. Esteves da Silva**. Rio de Janeiro/São Paulo: Alves & Cia, 1897, p. 109.

relancear de olhos atrahe-lhe detido estudo e reflexão. Exemplo vivo da família, deve conter e corrigir todos os desvios dos costumes e evitar solicitamente os agentes determinadores das moléstias.⁸⁹

A partir do casamento e da formação de um *lar*, o jovem, que antes se ocupava prioritariamente apenas de si mesmo, passaria a estar afetivamente, moralmente e materialmente conectado à sua esposa e aos filhos. Esses novos compromissos socioafetivos e as responsabilidades da proteção, tutela e provisão eram entendidos como laços que transformavam a relação do homem consigo, bem como com os outros a seu redor. O casamento e a formação do *lar* passam a ser entendidos como uma rede de relações socioafetivas e materiais que contribuiriam para a produção da temperança masculina, bem como para a sua fixação na ordem social, como trabalhador disciplinado e agente de inculcação e vigilância das normativas sociais.

Em verdade, esse último papel não era exclusivamente do chefe da casa e essa é, nos parece, uma das principais mudanças na concepção da domesticidade burguesa em relação à vida doméstica do patriarcalismo colonial. O modelo doméstico orientado pela soberania patriarcal, possuía uma estruturação vertical, na qual o patriarca era figura predominante no exercício do poder moral e material, enquanto os filhos e a esposa eram majoritariamente alvos desse poder. Já vimos como a extrema desigualdade dessas relações estava plasmada, por exemplo, nas Ordenações Filipinas, que garantiam ao soberano grandes poderes em relação ao corpo e à vida de sua esposa e de seus filhos, podendo retirar legitimamente os recursos materiais e até mesmo a vida daqueles que o desobedecessem.

Na domesticidade burguesa que passava a se difundir em meados do século XIX — pela ação das autoridades médicas e educacionais —, o chefe da família seguia possuindo grande concentração de poder, mas também passava a ser um alvo mais relevante e frequente. O olhar analítico e disciplinar dessas autoridades para a casa, constituía uma nova concepção do universo doméstico, que deixava de ser encarado como um espaço de soberania do patriarca, e passava a ser pensado como uma complexa trama de relações afetivas e

⁸⁹ Ibidem, p. 109 (grifo do autor).

materiais que poderiam ser modeladas e manuseadas para os interesses do projeto *civilizatório*. Nesse tensionamento entre o modelo de poder centralizador e vertical do soberano e o modelo mais difuso e cruzado da ordem disciplinar, para além de uma certa horizontalização das relações familiares, havia também uma transformação nos objetivos e no funcionamento do poder.

Enquanto a soberania patriarcal visava produzir a obediência ao projeto familiar e às ordens do chefe através da opressão frontal e da repressão violenta, o poder disciplinar tinha como objetivo ordenar e otimizar as energias, os corpos e os afetos de todos os membros da família. A soberania, como já vimos, era um poder exercido de forma descontinuada, com grande foco nas interações diretas com o patriarca, firmado e reafirmado através de ritos de punição e subjugação. O poder disciplinar ambicionava ser mais contínuo, incidindo nos mais remotos cantos da vida, independente da presença de uma figura de autoridade. A soberania patriarcal tinha como foco o domínio dos bens e produtos dos indivíduos — o controle do dote da esposa, do ventre e da castidade da filha, das uniões matrimoniais de sua prole, e a garantia do direito à apropriação dos bens produzidos pelos filhos —, enquanto a disciplina objetivava apossar-se, sobretudo, da própria capacidade produtiva dos indivíduos, procurando incidir na ação corporal, nas aspirações e nos desejos, de forma a regular, ordenar e intensificar as energias produtivas para o trabalho, para o controle moral, para a administração doméstica, para a educação etc.⁹⁰

Na cultura doméstica constituída pela soberania patriarcal, os ritos de visibilização e reafirmação do poder eram fundamentais. As refeições, que constituíam uma comunhão cotidiana mandatória para todos os membros da família, eram momentos de exibição, vigilância e aplicação de penas. A materialidade da sala de jantar era mobilizada para a construção desse poder. Nas mesas retangulares e alongadas, o patriarca se posicionava solidamente em uma das cabeceiras e, a partir dele, nas laterais, constituíam-se duas fileiras que hierarquizavam os outros membros da família em relação ao soberano: mais próximos, sentavam a esposa e os filhos mais velhos, mais distantes, os menores, as visitas e os

⁹⁰ FOUCAULT, Michel. Soberania e disciplina. In: Idem. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017, p. 278-295.

agregados. Era comum, inclusive, que as crianças que ainda não tivessem maturidade para participar do rito — por não saberem ainda se portarem à mesa — fossem excluídas, fazendo as refeições na copa ou na cozinha com o auxílio de uma escrava ou empregada.

Em algumas casas, a posição de cabeceira — que era o sinônimo espacial da posição de “cabeça” da família — era enfatizada ainda por um assento diferenciado, com braços laterais, com maior densidade decorativa e, às vezes, com um espaldar mais elevado que os dos outros assentos. Muitos se assemelhavam — sobretudo nas famílias com mais posses de fins do século XVIII até princípios do século XX — com tronos, mobilizando o simbolismo de elevação e altivez que imantava o poder soberano das monarquias europeias para legitimar e afirmar a autoridade do *pátrio poder*.⁹¹

Da ponta da mesa, em uma cadeira, o pai possuía uma posição privilegiada de visão e visibilidade. Controlava o ritmo e o tema das conversas e se valia dessa organização espacial hierarquizada para dar maior eficácia às suas preleções, inquirições e punições. A ostensividade — nos gestos, na fala, nos castigos e punições, nos objetos que compunham os rituais e mediavam suas relações com os outros membros da família — era fundamental para a produção da obediência à sua figura, do respeito à sua palavra e da subserviência às suas ordens.

Maria Paes de Barros (1851-1952), filha do político e fazendeiro Comendador Luiz Antônio de Souza Barros (1809-1887), que por sua vez era filho de Brigadeiro Luiz Antônio (1746-1819), recorda em seu livro de memórias diversos episódios de sua infância em uma família da elite paulista, que nos permitem compreender com mais detalhe o funcionamento desse aparato de poder construído em torno da mesa de refeições. “À mesa”, recorda Paes de Barros, “[as crianças] comportavam-se admiravelmente. Sempre obedientes, pouco falavam, nada exigiam. O papai costumava declarar bem alto um dos seus dogmas: ‘Na gramática das crianças não existe o verbo querer’”⁹². Em sua casa, seguindo um ritmo agrário,

⁹¹ Para a mobília dos séculos XVIII e começo do XIX, ver: FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Mobiliário Baiano**. Brasília: Monumenta/IPHAN, 2009, p. 108-109; BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. Artefatos e práticas sociais em torno das refeições (São Paulo, séculos XVIII e XIX). **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 32, n. 58, p. 101-137, jan/abr 2016. Para a segunda metade do século XIX e começo do século XX, ver: CARNEIRO, op. cit. (2008), p. 117-134. Para uma interessante reflexão sobre os ritos em torno da comensalidade, ver: GILLIS, op. cit. (1989) e GILLIS, op. cit. (1997).

⁹² BARROS, op. cit., p. 38-39, p. 56.

o jantar era servido às duas da tarde e às oito tomava-se o chá, sempre reunindo toda a família em torno da mesa retangular.

Na refeição mais tardia, à luz mortiça de três castiçais de prata, após bebericar infusões de ervas e petiscar torradas, biscoitos e pão de ló, ainda em volta da mesa “debatiam-se os acontecimentos do dia e a conversa geral se prolongava”. A conversa era conduzida pelo patriarca que, sentado em uma poltrona à cabeceira — enquanto provavelmente os outros estavam em cadeiras sem apoio de braços — e “tomando uma pitada”, ia “narrando e comentando os acontecimentos políticos, e outros mencionados no *Jornal do Comércio*, que quase só ele lia. Nesses tempos bonançosos, o elemento feminino raramente lia jornais”⁹³. Os pequenos iam dormir cedo e, “na hora certa, vinham pedir benção aos pais”. Nesse momento, em um rito tradicional de submissão patriarcal, o pai estendia a mão para que os filhos beijassem e, passando a mão sobre as faces das meninas, dizia-lhes: “Que Deus te faça uma santinha”⁹⁴. A repetição cotidiana da reunião em torno da mesa, com a figura despontante do patriarca, o domínio da fala e do assunto, a retirada mediante beija-mão e benção, eram rituais centrais na manutenção cotidiana da autoridade paterna, que não existia *a priori*, mas era construída e mantida através da repetição rigorosa das mesmas cenas de submissão e obediência. A presença na mesa era obrigatória para todos e a cobrança de pontualidade era rigorosa.

Em um tom de afetividade moralizante, Maria Paes de Barros recorda como seu pai zombava das filhas quando essas eram castigadas pela preceptora a ficarem sem sobremesa por mau comportamento, como no dia em que ela decidiu ler um livro de seu gosto na hora do recreio, quando deveria estar no quintal:

Nesse dia, para ela o jantar era constrangedor. Quando a mamãe servia o doce de figos, a menina murmurava baixinho ‘que não o queria’. Inútil disfarce! Todos já o sabiam e ouviam a recusa em absoluto silêncio — exceto o pai, que era o mais completo

⁹³ *Ibidem*, p. 60.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 21. Em muitas famílias, essa regência se estendeu até as primeiras décadas do século XX. Em entrevista concedida por Regina Schleder Ferreira, que cresceu em Curitiba na década de 1930, ela nos contou que seu pai costumava inventar regras para o jantar, como a obrigatoriedade de que naquela noite todos falariam apenas em inglês, porém, como ninguém dominava o idioma, passavam a refeição todos quietos à mesa, sem coragem de desafiar a ordem do patriarca.

otimista... Timbrava em dirigir-se aos filhos, quer na prosa quer nas admoestações, em tom de displicente jovialidade. A rir, comentava então: ‘Mas que é isso? Ela não quer doce? Por que será? Estará doente?’. E assim insistia nas chufas. À volta da mesa, ninguém respondia... Mas brilhavam os olhos dos pajens que, com a mão à boca, procuravam encobrir um sorriso de malícia...

Calada, de olhos baixos, a menina sentenciada, dantes tão pálida, enrubescia até os cabelos. Oh, jantar interminável! ⁹⁵

A displicência e a jocosidade paterna tinham como objetivo constranger a menina e divertir-se às custas de seu embaraço. Ninguém o acompanhava, talvez por solidariedade à castigada, mas também porque o privilégio da palavra e da expressão livre de emoções à mesa não era o mesmo para todos. Outro castigo, também realizado à mesa, que ela descreve como o principal espaço da sociabilidade da família, envolvia tocar um canudo de abóbora, como se fosse uma corneta. “Ao ouvir o extravagante som, ninguém na mesa podia conter o riso, ao qual o papi acrescentava as costumeiras chufas. Ralada de raiva, vergonha e humilhação, a pequena só desejava poder esmagar o odioso instrumento”⁹⁶. Embora exótica e divertida para o pai, nas reminiscências de Maria, a experiência era vexatória.

A mesa era uma espécie de palco da vida familiar, momento de comunhão e ritualização do pertencimento de cada indivíduo àquela organização coletiva e de afirmação do *pátrio poder* e do seu exercício de vigilância e punição. Uma vez, um de seus irmãos, que começava a aprender a escrever com tinta, “cobriu uma página de rabiscos e borrões”. Para obrigar-lhe a melhorar a caligrafia e ensinar-lhe a não desperdiçar papel com tolices, o pai ordenou um castigo: “a folha do caderno foi arrancada e pregada com alfinete às costas do pequeno, que com esse triste ornamento teve de se apresentar à mesa do jantar”. A mãe “não deixava de lançar-lhe um olhar compassivo”, mas a autoridade paterna prevalecia: “— Ele vai se esforçar por escrever melhor, daqui por diante, mas o castigo é necessário. *Dura lex, sed lex* [a lei é dura, mas é a lei]”⁹⁷. Tanta era a sua autoridade que o pai era chamado pelas preceptoras

⁹⁵ Ibidem p. 15.

⁹⁶ Ibidem, p. 33.

⁹⁷ Ibidem, p; 33.

das crianças de “Supremo Tribunal”, ao qual recorriam, quando, por exemplo, algum dos filhos se recusava a obedecê-las.⁹⁸

Outro episódio nos demonstra como na ordem patriarcal mesmo valores positivos — como a compaixão e a piedade — eram incutidos à força nas crianças. Uma das filhas estava com a mãe e algumas escravas na sala de costuras, no que, ouvindo bater à porta, uma das escravas foi atender. Era uma mulher de mantilha, pedindo esmolas. A senhora pegou umas moedas de sua gavetinha e estendeu-as para que uma das filhas levasse as moedas:

– “Eu, não” – exclamou a pequena – que vá a negra levar! Nem quero chegar perto dessa mulher tão suja, de saia rasgada e cheia de lama! Tenho até nojo!⁹⁹

No jantar, a pequena apareceu com um “velho vestido de chita, que lhe chegava aos pés, calçando uns chinelos furados, os ombros cobertos por um xale surrado e desbotado, tendo nas mãos uma bandeijinha velha”. Nesses trajes, foi obrigada a dar uma volta na mesa, pedindo esmolas a todos os presentes “e só recebendo olhares de compaixão”. A própria Maria Paes de Barros reflete em seu texto como o ritual dos castigos encenados faziam da sala de jantar uma espécie de praça pública da casa, sugerindo que seriam “reminiscência de hábitos feudais, época em que os castigos eram aplicados em praça pública, diante do povo”¹⁰⁰. Essa vivência análoga à praça na sala de jantar da casa do Comendador também se

⁹⁸ Ibidem, p. 96.

⁹⁹ Ibidem, p. 52.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 53. Há um último exemplo que merece ser mencionado. Barros recorda que em determinado momento se recusava a obedecer às ordens de suas preceptoras, sustentando um sorriso irônico como respostas às ordens e admoestações que recebia. Elas decidiram que o caso precisaria ser levado para o “Supremo”, mas antes era necessário deixar claro para a menina as consequências de sua rebeldia. Para tanto, foi armada uma cena que simbolizava a perspectiva da obediência naquela família. Era aniversário de Maria e embora ela note que ainda não havia o costume do bolo de velinhas, muito menos toda a reverência burguesa ao aniversariante, a Dindinha, uma das preceptoras, montou-lhe uma surpresa na sala de estudos. Chamou-a cedo e, na presença das irmãs, abriu a porta em voz solene: “Aqui está o que você merece”. Assombrada, a menina contemplou “uma mesa nua, sobre a qual haviam colocado um monte de areia e, por cima, um feixe de varas”. Ela compreendeu imediatamente o recado, ficando envergonha, em silêncio. Após deixar assentar o seu constrangimento, Dindinha abriu outra porta: “Mas nós lhe queremos bem! Veja o que tínhamos preparado para lhe dar”, no que desvelou uma outra mesa, “coberta de lindos presentes”, com bolo, velinhas, gostosuras e uma boneca novinha. “Tudo isso fizemos para você, mas só receberá os presentes se for pedir perdão ao papai, pela sua má conduta”. A mensagem era clara: se insistisse em desafiar a autoridade das mestras, seu futuro na família seria desértico, metáfora para a secura, a infertilidade e para a solidão. Mas, se aceitasse a sujeição necessária para fazer parte do corpo patriarcal, poderia gozar da cornucópia de carinhos e bens materiais que teria direito em troca de sua obediência e do cumprimento de seus *deveres*.

fazia visível em um curioso ritual: todos os dias, após chegar em casa do escritório, tomava a mão de sua esposa e “passeava pela vasta sala de jantar, indo de uma extremidade a outra [...], ouvia, entretido com o relato dos acontecimentos do dia que a esposa fazia com espírito e dom de imitação extraordinários”¹⁰¹.

Aquilo que Pedro de Oliveira chamava em seu livro de *dever* da obediência ao pai — e que nos livros que propagavam uma cultura mais aburguesada e individualizada passava a ser chamado de respeito — foi formulado por Maria Paes de Barros, em tom menos moral e mais psicológico, como “espírito de obediência”. Ao narrar as viagens que faziam para São Vicente — descendo a Serra do Mar a cavalo, as crianças em banguês, carregados por escravos — recorda o estreito espaço emocional construído pelo despotismo patriarcal. Desejosas de mergulhar os pés nos riachos que desembocavam no mar, foi apenas “furtivamente, longe da vista dos pais e pela benevolência dos pajens [...] que elas [as crianças] ousavam tirar os sapatos e brincar ‘de pé no chão’”. Provavelmente na década de 1940, com mais de 90 anos, ela percebia que aquela cena de 1860 não pareceria ousada para um leitor contemporâneo. Por isso, complementa: “o espírito da obediência, hoje quase esquecido, era forte naquele tempo. Verificava-se nas crianças, o mesmo que nos grandes — as fracas achavam o fruto proibido doce ao paladar, as outras, se transgrediam alguma ordem, sentiam um certo mal-estar e laivos de remorso”¹⁰².

Barros parece guardar uma relação ambivalente com essa autoridade patriarcal e com a experiência dessa obediência. Ao rememorar os castigos, não faz ponderações, deixando claro o quanto eram experiências vexatórias e degradantes. Ao mesmo tempo, ela parece acreditar que, mesmo que por uma maneira bruta e sofrida, a ordem patriarcal era benéfica.

E lá foi a menina, em uma espécie de *via crucis*, até o terreiro — pois estavam em uma das fazendas da família na ocasião — onde avistava, em meio ao nevoeiro matinal, o paletó branco do pai, que dava ordens aos escravos que secavam o café. O pai a intimidava e, ao aproximar-se dele, balbuciou um tímido “papai” algumas vezes, mas ele não a escutava, entretido em analisar a qualidade do café. Quando ganhou sua atenção, pediu desculpas pela má conduta, no que o patriarca retornou: “Ah! Que asneiras são essas? Não quero mais saber de histórias. Tome juízo e que de agora em diante não se repitam essas tolices!”. Aliviada pelo perdão — mesmo que em forma bruta e direta — Maria voltou para casa, contente de poder gozar dos abraços e presentes da família. *Ibidem*, p. 96-98.

¹⁰¹ Obviamente, o passeio no interior da casa só era possível para as pouquíssimas famílias da cidade que poderiam ter uma sala com o tamanho suficiente para comportar essa atividade. De qualquer maneira, não deixa de chamar a atenção a relação singular que mantinham com esse espaço comunal da família. *Ibidem*, p. 56 e 112.

¹⁰² *Ibidem*, p. 62.

Em suas memórias, repete algumas vezes o motivo, que também vemos no *Deveres do homem* de Oliveira, de que a vida familiar só poderia ser tranquila e simples, com todos partilhando um “íntimo contentamento”, por conta da “justa e firme autoridade paterna”¹⁰³. Para ela, o pai “era o chefe absoluto da família. Nada se fazia sem a sua aprovação, mas também ele exercia aquele pátrio poder de bondade e discernimento”¹⁰⁴. Essa perspectiva do pai garantidor de uma ordem harmônica e benevolente no mundo familiar aparece também em sua ponderação sobre os desobedientes, a que chama de “fracos”, remetendo à crença de que a desobediência à ordem paterna era sinal de lassidão moral capaz de ferir e desestabilizar não apenas o pai, mas toda a coletividade familiar.

O “espírito da obediência” era o efeito aspirado pelo poder patriarcal, uma pressão interna produziria o temor da punição, que, como vimos, era construído ritualística e sistematicamente no cotidiano doméstico. O poder disciplinar, por sua vez, aspirava a produção de um sentimento de desvio, de anormalidade, de desajuste, que seria decorrente da crença nos valores normatizados e da aspiração de desfrutar das benesses decorrentes de viver uma vida “normal”. O objetivo da disciplina não era subjugar os indivíduos pelo respeito e temor à autoridade, mas produzi-los e moldá-los de forma que acreditassem na “naturalidade” daquilo que as instituições médicas, morais, jurídicas e educativas da sociedade passavam a classificar como padrão o comportamental para o homem e a mulher *civilizados*.

Como já discutimos anteriormente, a domesticidade que passava a se instituir na segunda metade do século XIX não resultou em uma ruptura completa com o patriarcalismo colonial luso-brasileiro. Muitas das dinâmicas da soberania patriarcal seguiram em vigor até meados do século XX. Porém, com a ascensão da ordem disciplinar, muitas delas precisaram ser reorganizadas, pois essa nova forma de exercer o poder implicava em novos alvos e novas problematizações do espaço doméstico. O foco do poder disciplinar não era beneficiar o soberano e a comunidade que estaria sob sua guia, mas beneficiar a sociedade, a *civilização*. Como vimos, médicos, políticos e moralistas brasileiros, como Domingos José Nogueira

¹⁰³ Ibidem, p. 82

¹⁰⁴ Ibidem, p. 121.

Jaguaribe Filho e Américo Werneck, aspiravam com seus livros penetrar e intervir na esfera doméstica, que até então eram primazia do patriarca. Aspiravam superar o isolacionismo do patriarcalismo colonial, ampliando os limites intrafamiliares da “glória dos antigos” — que colocava como parâmetro de realização do homem apenas a boa gestão da propriedade e as benfeitorias para a família —, para implicar a casa e todos os membros da família no serviço também à pátria e à *civilização*.¹⁰⁵

Com a ascensão dessas novas autoridades institucionais — estatais, médicas, pedagógicas, intelectuais — e a expansão de suas intervenções disciplinares, as guias de comportamento, bem como o poder de examinar, avaliar e punir, deixavam de estar concentradas no juízo do soberano e passavam a uma instância mais difusa, externa ao corpo familiar, que eram as normativas. O padrão orientador das relações e da ordem doméstica deixava de ser a palavra do patriarca, e passava a ser a regra, aquilo que passava a ser definido como “normalidade”. Assim, se no modelo da soberania o espaço doméstico era ordenado, sobretudo, pelo olhar, pelo juízo e pelo castigo paterno — auxiliado pelos outros membros da família que mantinham a vigilância sob sua ordem — na domesticidade instaurada pela ordem disciplinar, procurava-se instituir as regras através da internalização de normativas em todos os membros da família — o chefe incluído —, sob o modelo de um observador panóptico, rarefeito, invisível, que tornava mais difusos e contínuos a vigilância, o juízo e a punição. Nos livros de formação e em toda a educação — masculina e feminina, infantil e adulta — que constituía a domesticidade burguesa, havia uma incitação para que os indivíduos vigiassem a si mesmos e para que se vigiassem mutuamente, aplicando punições em si e uns aos outros.

Os educadores da nação buscavam promover as esposas-mães na correlação de forças do *lar*, pois as consideravam uma importante parceira para a formação dos futuros homens da nação e para regulação moral e disciplinar de seus maridos. Ao mesmo tempo, persuadiam os homens a darem maior credibilidade para as mulheres, estimulando que as vissem como companheiras com capacidades complementares às suas. Com esse novo equilíbrio dos

¹⁰⁵ O termo “glória dos antigos” é utilizado por Domingos Jaguaribe em *A arte de formar homens de bem*. Sobre a problematização desse isolacionismo patriarcal na segunda metade do século XIX, ver: COSTA, op. cit. e ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit., p. 53-62.

poderes e afetos domésticos, as autoridades disciplinares ambicionavam constituir uma vigilância e cobrança mútuas — mesmo que os poderes ainda fossem desiguais, pois ainda prevaleciam dinâmicas patriarcais — entre os membros da casa. Essa reformulação da rede de relações na casa não tinha como objetivo apenas destituir o patriarca de parte de seu poder para que esse fosse exercido pelas autoridades públicas, intelectuais e científicas. Não se tratava apenas de uma transferência de poder, mas de uma reconfiguração na qual o patriarca poderia, além de exercer o poder, também tornar-se um alvo desse. E assim, diferentemente do patriarcalismo herdado do período colonial, nessa domesticidade disciplinar, caberia ao homem não apenas vigiar aos outros, mas também a si mesmo e, em certa medida reconhecer que, através do olhar instituído pelos discursos normativos, os outros membros da família também poderiam vigiá-lo e controlá-lo.

A partir desse processo de mudança nas relações de poder que constituíam o espaço doméstico, podemos aferir um ponto central de nosso argumento: a difusão da domesticidade burguesa não foi um processo “natural” da modernização, decorrente do intenso desejo das classes altas e médias brasileiras em mimetizarem o modo de vida de suas correspondentes de Londres ou Paris.¹⁰⁶ Embora dinâmicas de distinção racial e de classe — sobretudo no Pós-Abolição — certamente tenham tido relevância, elas não são suficientes para explicar toda a mobilização operada em diversas esferas da sociedade para que essa cultura fosse inculcada e normalizada. A domesticidade burguesa tampouco foi uma simples atualização do patriarcalismo rural, embora hierarquias de gênero tenham continuado existindo. A difusão da domesticidade burguesa foi intimamente associada com a instauração de uma ordem disciplinar e normativa na sociedade brasileira que tinha como finalidade

¹⁰⁶ Grande parte dos trabalhos que se dedicaram a investigar a difusão da domesticidade burguesa no Brasil explicaram essa transformação cultural das classes médias e altas urbanas como um processo decorrente do alastramento das noções e práticas higiênicas e da crescente busca desses grupos em conquistar *status* e produzir distinção social ao se mostrarem “europeizados” e *civilizados*. Ao tratarem da segunda explicação, acabam por “naturalizar” o processo de difusão da domesticidade burguesa, como se fosse uma dinâmica social inevitável do processo de modernização da sociedade brasileira. Desconsideram que, para além das dinâmicas de distinção, a difusão dessa cultura envolveu um amplo empenho de médicos, educadores, moralistas, intelectuais, políticos e outros agentes estatais que buscavam disciplinar e normatizar os segmentos médios e altos da sociedade. Refiro-me, entre outros, aos trabalhos de: LEMOS, Carlos A. C. **Alvenaria burguesa**. São Paulo: Ed. Nobel, 1986; LEMOS, Carlos A. C. **A república ensina a morar** (melhor). São Paulo: Ed. Hucitec, 1999; HOMEM, op. cit. (1980 e 1996). CAMPOS, op. cit. (1997 e 2008) e CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. Bem-morar em São Paulo, 1880-1910: Ramos de Azevedo e os modelos europeus. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.4, p. 165-200 jan/dez. 1996.

constituir um projeto *civilizatório* para a nação, para o qual era preciso reformular as relações de poder do patriarcalismo, sobretudo pela necessidade de transformar os homens adultos em alvos do poder e em centrar a autoridade da organização social não mais na soberania patriarcal, mas nas normativas.

Para os educadores da nação, casar-se ou não casar-se não era mais uma questão fundamentalmente religiosa ou de respeito à ordem patriarcal. Casar-se e formar um *lar* passavam a ser tratados como normativas que tinham como finalidade homogeneizar a forma de vida dos homens em torno de um modelo disciplinar para que suas energias pudessem ser ordenadas em prol de seu projeto *civilizatório*. A descrição feita por João Diogo Silva dos efeitos do casamento e da vida doméstica na subjetividade do homem, que vimos acima, é exemplar dessa nova mirada pela qual a domesticidade era analisada e concebida nos livros de formação. Ao tornar-se chefe de família, o homem solteiro examinaria “atentamente tudo que para ele ahi passara desapercibido”, pois ao se tornar marido e pai passaria a ser internamente impelido pelas suas novas responsabilidades para com os “direitos da esposa e dos filhos”¹⁰⁷. A partir do momento que se tornasse responsável por outros, ele adquiriria uma nova mirada para si, para o mundo e para áreas da vida que antes lhe eram desinteressantes ou irrelevantes, como a moral, higiene e a educação. Adquiria importantes compromissos que o estimulariam a progredir no domínio de si mesmo para poder liderar propriamente com a família. Estudaria novas camadas de si, que lhe ganhariam novo interesse para poder adequar-se e exercer esse novo papel social. Ser pai faria o homem colocar-se em uma atitude de constante vigilância —ao menos nos espaços de visibilidade da família —, uma vez que seu comportamento não seria mais apenas da sua alçada individual, mas seria promovido a exemplo de seus filhos, se tornando uma ferramenta educativa para eles. Da mesma forma, ser marido implicava em dominar suas paixões e prazeres para cultivar uma boa relação com a esposa.

Tornar-se chefe de família envolvia também a assunção de um compromisso com a provisão de recursos para sustentar e elevar a posição social da esposa e dos filhos. Nesse sentido, assumir a responsabilidade por um *lar* articulava-se diretamente à disciplinarização

¹⁰⁷ SILVA, op. cit. (1897), p. 109.

da produção masculina. A obrigação de sustentar sozinho as demandas materiais de toda a família estabeleciam um compromisso rígido e intenso com o universo do trabalho. E, para tanto, era necessário prezar pela estabilidade do emprego ou do negócio, disciplinar a si mesmo, dividir de forma equilibrada o tempo de labor e de descanso, investir tempo e recursos na carreira. Mesmo entre os segmentos mais privilegiados, ser herdeiro deixava de bastar para ter a aprovação do sogro para uma união ou para obter a estima da própria família e da sociedade: nos valores burgueses que passavam a se disseminar entre as classes altas brasileiras, o trabalho não era apenas uma forma de subsistência, mas um elemento central de moralidade e *caráter*.

A posição de provedor hierarquizava de forma interseccional homens de diferentes classes sociais. Na masculinidade normativa, a posição de provedor validava a competência profissional e a virilidade do homem, autenticando sua força moral, produtiva e mental com a vitória sob os outros homens na competição pelos recursos disponíveis nos mercados, nas profissões etc. Porém, grande parte da população de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, por condições socioeconômicas estruturais, e não por falta de *caráter* ou de disciplina laboral, não eram capazes de se tornarem plenos provedores de suas famílias, como escravizados e trabalhadores das classes baixas e remediadas, que muitas vezes precisavam da ajuda de parentes ou do auxílio da esposa e dos filhos para a complementação de renda. A avaliação do fenômeno como um fato moral e não social fazia pesar sob esses homens o estigma de serem incapazes, preguiçosos, incompetentes e, por não serem capazes de exercer plenamente seu *dever* masculino, de serem incompletos e desvirilizados.¹⁰⁸

Pela mesma perspectiva disciplinar que concebia o casamento e a rotina do *lar* como elementos fundamentais para a *civilização* do homem, Smiles argumentava que o amor, em seu formato normativo, era também um elemento moralizante, pois era o “triumpho do

¹⁰⁸ Ao pensar sobre o processo de branqueamento dos judeus ashkenazis nos Estados Unidos, Karen Brodtkin faz interessantes reflexões sobre como os ideais de masculinidade branca estão associados com as oportunidades e possibilidades materiais mais vantajadas que essa população tem acesso na sociedade norte-americana. Dessa maneira, o ideal de autossuficiência do chefe de família provedor se torna uma sombra de insuficiência e incapacidade sobre os homens não-brancos e de classes baixas, que majoritariamente não têm acesso a salários que permitam essa organização familiar, na qual a esposa e os filhos não precisam contribuir com a renda familiar. BRODKIN, Karen. **How the jews became white folks and what that says about race in America**. Nova Brunswick: Rutgers University Press, 1998, p. 53-76.

desinteresse sobre a parte egoísta de nossa natureza”. Teria um “efeito purificador sobre o character, porque tende a emancipar-nos da escravidão do nosso eu; é absolutamente desinteressado, pois acha a sua recompensa em si mesmo, e inspira a brandura, a sympathy, a fé mútua e a confiança”¹⁰⁹. O egoísmo nessa passagem diz respeito tanto à entrega desmedida aos imperativos do corpo e das paixões — que, como já vimos, eram entendidas como dinâmicas autocentradas e egoístas —, mas também a uma outra forma de intemperança, que estaria associada com o mundo do trabalho, do dinheiro e dos negócios:

Uma vida exclusivamente ocupada nos negócios tende a limitar e endurecer o character, porque só se tem em vista ganharem-se vantagens e resguardar-se contra os manejos dos outros; e assim o character vai pouco a pouco tornando-se supeitoso e mesquinho. O melhor correctivo para semelhante influencia é sempre o domestico, evitando que o espirito se deixe absorver exclusivamente pela idéa do ganho, e fazendo-o voltar para o santuario da familia, em busca de allivio e descanso.

“A ocupação, diz o Sr. Henrique Taylor, não faz mais do que destruir os aproxes do coração, ao passo que o casamento garante a fortaleza”. Muito embora a cabeça esteja ocupada pela ambição ou pelos negócios, se o coração estiver vasio de afeição, a vida, parecendo feliz exteriormente, será desgraçada na realidade.¹¹⁰

Embora as dinâmicas calculistas e competitivas dos mercados e das profissões fossem veneradas e sua participação intensa fosse fomentada na cultura da masculinidade normativa, o seu excesso poderia ser também uma fonte de desequilíbrio e intemperança. O homem excessivamente ambicioso, sem *lar*, era retratado muitas vezes como cínico, egoísta, desmedidamente competitivo e agressivo, mesquinho, pouco confiável, um adversário do projeto *civilizatório*. O casamento e a domesticidade seriam contrapontos necessários à sedução da “idéa do ganho” e para evitar que seu caráter se tornasse excessivamente materialista e individualista.

Em *Livro de meus filhos*, Paul Doumer abordava a questão do egoísmo do celibatário por um viés reprodutivo e explicitamente biopolítico:

¹⁰⁹ SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878, p. 315.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 317-318.

Dêem-se filhos á Patria, que necessita d'eçes, ficou dito n'um dos capítulos passados.

Importa voltar a insistir em semelhante principio, mostrando o perigo que a França correria, se os francezes continuassem a faltar aos seus deveres de homens e de cidadãos, se o egoísmo e o medo ás responsabilidades da família prevalessem contra o sentimento da felicidade pessoal, e, o que mais então seria, contra o interesse da própria raça.¹¹¹

Certamente, a conclamação explícita de Doumer à reprodução e ao *dever* masculino de povoar a pátria estava enraizada em um contexto específico da França, que, de acordo com o autor, sofria com uma estagnação de seu crescimento populacional.¹¹² Mesmo em um contexto demográfico distinto e sem a presença dessas exortações explícitas na esfera pública, a normatividade da procriação também ocupava a interioridade dos homens brasileiros. Joaquim Nabuco, por exemplo, com 28 anos, refletiu em seu diário sobre sua condição de “solteirão”. Não se ressentindo da impossibilidade de desfrutar do amor conjugal ou das alegrias da domesticidade e da paternidade, o que realmente lhe ocupava a mente era o impedimento de cumprir o seu “dever de reprodução”, que a seu ver era o “principal móvel do casamento”.

¹¹¹ DOUMER, Paul. **Livro de meus filhos**. São Paulo: Associação Editora, 1907, p. 221. Joseph Athanase Doumer, conhecido como Paul Doumer, foi um destacado político francês da segunda metade do século XIX e começo do século XX. Ocupou cargos da cúpula mais alta de governança do Estado francês, começando como deputado na *Chambres des députés*, entre 1890 e 1920, foi três vezes ministro das Finanças, governador geral da Indochina francesa, presidente da *Chambres des députés*, chegando, na década de 1930, ao posto máximo de Presidente da República. *Livre de mes fils* foi publicado em 1906, seguido de *Livre de mes filles*, alcançando grande repercussão na sociedade francesa até a Primeira Guerra Mundial. A posição de Doumer como autor de preceptivas era bastante distinta da dos outros autores, como Smiles, Werneck, Jaguaribe etc. Doumer escrevia como um membro do alto escalão de um Estado belicista e expansionista que ainda amargava a derrota na Guerra Franco-Prussiana e estava prestando a engajar-se em uma das maiores guerras da história. Essa posição explica, por exemplo, a tonalidade biopolítica mais explícita de seu texto, bem como a verve exortativa de seu discurso, que, por vezes, parece professada a partir de um palanque. Pensamos aqui a biopolítica nos termos elaborados por Michel Foucault. Cf. FOUCAULT, Michel. Direito de morte e poder sobre a vida. In: Idem. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 125-149.

¹¹² DOUMER, op. cit., p. 222. A preocupação de Doumer com a demografia francesa estava associada também com a necessidade de contingentes masculinos para compor as forças expedicionárias e conquistadoras do colonialismo francês e as forças armadas necessárias para lidar com o crescente conflito com outros Estados europeus. Entre as décadas de 1890 e 1910, a França se envolveu em diversos conflitos armados. Muitos em território estrangeiro, como parte do projeto de expansionismo colonial na Ásia e na África. Na Europa, desde a Guerra Franco-Prussiana, vivia em tensão permanente com o Império Alemão, o Império Austro-húngaro e o Império Otomano, conflito que culminou na Primeira Guerra Mundial.

A preocupação de Nabuco não se constituía pela perspectiva nacionalista de Doumer, mas por uma singular combinação de uma abordagem familista característica das elites rurais — que cultivavam uma memória genealógica que, em meados do século XIX, assumia um ar de aspirações nobiliárquicas — com uma perspectiva biologizante e darwinista. Nabuco se pensava como um *cul de sac* na longa história de sua linhagem: “os meus antepassados não serão admitidos por ato meu a perpetuar-se”. Tudo porque ele era um “escravo” do “luxo ostentoso da liberdade”. Em tom melancólico, avaliando a própria condição de solteiro como uma espécie de aberração da natureza, concluía em forma darwinista que “evidentemente não sou um dos reprodutores da espécie, sinal pelo qual posso ver que a minha forma é uma das que devem sucumbir na luta da vida para dar lugar a outras combinações mais adaptadas ao meio do nosso tempo. Amém”¹¹³.

Se na domesticidade construída em torno da soberania patriarcal havia grande ênfase no controle dos domínios visíveis da vida — sobretudo através de rotinas de vigilância e dos ritos de visibilização do poder patriarcal —, a perspectiva disciplinar dava maior ênfase aos domínios invisíveis, ambicionando construir de um mecanismo de poder independente de uma autoridade externa e que fosse menos ostensivo e perceptível. Dessa maneira, para além da análise minuciosa das transformações morais e afetivas que o casamento e a paternidade implicavam para o homem, buscando aprimorar a regulação dos prazeres e das paixões masculinas, os educadores da nação também realizaram novas problematizações do cotidiano doméstico.

¹¹³ MELLO, Evaldo Cabral de (Org.). **Diários de Joaquim Nabuco** (1873-1910). Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2006, p. 144 (entrada de 23 de maio 1877). É interessante notar que mesmo para um homem na posição de Joaquim Nabuco a liberdade individual era por vezes amargada com pensamentos culpados e melancólicos. Cabe mencionar que, à altura, fazia pouco tempo do primeiro rompimento de seu noivado com Eufrásia Teixeira Leite, provocada por uma crise de ciúme decorrente do comportamento galante, vaidoso e namorador de Nabuco. O jovem estava na Europa, e, da Corte, seu pai, o senador José Tomás Nabuco de Araújo Filho, repreendia com veemência seu comportamento — “tuas aparências ou infidelidades aparentes converteram em ódio ou ficção o amor que geraste [...] que noivo é este tão livre e isento do seu compromisso?”. Inconformado por ter deixado escapar um grande dote e a possibilidade de uma aliança com a poderosa e riquíssima família de Vassouras por incontinência e vaidade, o senador tentava aconselhar o rapaz: “Meu filho, olha para a realidade das coisas, segura-te a ti mesmo neste mundo de inconstâncias e vaidades [...] Se não casares, que papel fizemos aqui? Quando todo o mundo sabe que o casamento está ajustado [...]”. O senador, que havia se empenhado para concretizar o casamento se irritava, pois o comportamento do filho afetava não apenas o seu projeto familiar, mas também a sua reputação como chefe de família. ALONSO, Angela. **Joaquim Nabuco**: os salões e as ruas. São Paulo: Cia das Letras, 2007, edição Kindle, posição 113.

Para Américo Werneck, o principal problema do celibatário era a sua entrega ao “perpetuo esbanjamento da vida”, um isolamento egoísta que o levava “depressa a borda do tumulto”. Faltava-lhe uma esposa, não apenas para cuidar de seu corpo em casos de enfermidade e “confortal-o nas dôres”, mas sobretudo, para “desvial-o das tentações do vício” ¹¹⁴:

Em toda a parte do mundo a estatística accusa uma porcentagem maior de mortalidade nos solteirões que nos indivíduos casados. A razão desse facto prontamente acode ao espirito e resume-se nos preceitos de hygiene, a que o casamento subordina os consortes, coagindo-os a um **regimen regular, contrario ás aventuras do bohemio e ás emoções do escândalo.**¹¹⁵

Interessante notar que Werneck enuncia sem rodeios que o casamento “subordina” e “coage” o homem a um “regimen regular”. A noção de regime parece estar associada simultaneamente a suas acepções políticas e culturais: um modo de administração, de governo; um modo de viver, de proceder; uma dieta. A definição do regime doméstico é negativa, a sua finalidade é regular o que é irregular: as aventuras do boêmio, ou seja, a impulsividade, o desejo de usufruir livremente e intensamente de prazeres e paixões; e as emoções do escândalo, que se referia, para os homens dos segmentos mais elevados, à ambição desmedida, ao fascínio exacerbado pela glória, que levava muitos homens a investirem grandes energias e afetos nos “escândalos” e embates públicos. No sentido dietético, o objetivo era regular, através de uma organização estrita da rotina, a proporção adequada de prazeres e paixões para evitar o excesso, que os transformaria em vícios. Era também um processo de substituição dos prazeres “selvagens” e da intensidade das paixões juvenis, pelo encanto dos prazeres civilizados — como o conforto dos espaços interiores, o apreço pela refeição em família, os devaneios produzidos pelas obras de arte — e o aprendizado do desfrute das sutilezas das afeições familiares. No sentido administrativo, o regime doméstico buscava ordenar e otimizar o tempo e as energias

¹¹⁴ WERNECK, op. cit., p. 331.

¹¹⁵ Ibidem, p. 331 (grifos do autor).

produtivas masculinas. No sentido político, manter os homens sob o regime de governo das normativas, da *civilização* e da ordem disciplinar.

Vejamos que o homem agora era pensado não apenas mais como soberano no espaço doméstico, mas também como um subordinado. Ele precisava ser coagido a um regime, pois a sua natureza passava a ser entendida como desmedida e impulsiva. A submissão a esse regime doméstico, como veremos adiante, foi palco de muitas disputas e tensões, pois ao mesmo tempo que o discurso normativo entendia a subordinação masculina como positiva e necessária, muitos homens percebiam essa submissão em intenso conflito com seus padrões de masculinidade e virilidade e com suas aspirações públicas.

O regime da domesticidade burguesa era constituído a partir de uma distribuição equilibrada do tempo e das energias produtivas. O *Jornal das Famílias* recomendava que os pais observassem se os filhos “se tãrdão muito em recolher-se para casa; e se se aplicação às tarefas quotidianas, e distribuição das horas costumadas”¹¹⁶. A distribuição correta das horas era importante na infância justamente por ser fundamental na vida adulta. O *homem de bem* precisava regular a si mesmo para que não se distraísse do rigor temporal da rotina.

A domesticidade, com sua trama material e familiar, o auxiliava na manutenção desse rigor. Por exemplo, a saída diária para o trabalho guardava riscos de desmedida: na cidade, após o fim da labuta, envolvido por colegas ou amigos, o homem poderia ser seduzido a permanecer até tarde nos *clubs*, nos bares ou nos bordéis. Possuía grande margem e maleabilidade em seus papéis sociais. No trabalho, não era pai, mas um trabalhador. Na rua, não era marido, mas um indivíduo em si, potencialmente um solteiro. As ameaças de deserção masculina do corpo familiar eram diárias e, por isso, largamente tematizadas não apenas nos livros de formação masculina, mas também em revistas e livros para o público feminino.¹¹⁷

Em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, um dos contrapontos à domesticidade burguesa emergente entre as classes privilegiadas eram os cortiços e as pensões — moradas

¹¹⁶ CONSELHOS para Educação. *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, n. 1, 1863, p.17-19.

¹¹⁷ Tanto nos espaços masculinos como nos femininos, era atribuída à mulher a principal responsabilidade por manter todos unidos e evitar que o *lar* desmoronasse. Aliás, é notável que as mulheres que seduziam os homens não eram chamadas de arruinadoras de casamento, mas de arruinadoras de *lares*. O que se desmanchava com a separação era muito mais do que um laço amoroso, era uma família.

coletivas onde habitavam estudantes e indivíduos, grupos e famílias de baixa renda, que eram em grande parte negros ou, na virada do século XX, também imigrantes. Em *O Cortiço*, Aluísio Azevedo articula um elogio ao regime da domesticidade burguesa no arco de degeneração de Jerônimo. Recém-chegado ao Rio de Janeiro, o trabalhador português, branco e honrado, chega ao cortiço de João Romão com uma vida ordenada: todo dia, realizava o mesmo movimento pendular, indo da casa para o trabalho e do trabalho pra casa, tendo a maior parte de sua diversão e prazer centrados em seu núcleo familiar. Mesmo tendo uma vida materialmente módica e precária, vivia com a sua esposa, Piedade, de acordo com o regime da domesticidade.

Contudo, na convivência do ambiente coletivo do cortiço, ele é “seduzido” por uma mulher negra, Rita Baiana, e abandona a esposa para morar com ela. A renúncia à domesticidade burguesa é o começo de sua decadência. No quarto de Rita, começa a tomar parte na convivência “desorganizada” e promíscua — com as fronteiras familiares, dos corpos, dos tempos e dos espaços — dos outros moradores do cortiço. A convivência fluida entre vizinhos, as prosas no fim do dia, as bebedeiras e as festas nas noites do meio da semana desestruturam o seu ritmo temporal, bem como desorganizam o seu regime de prazeres e paixões. Vivendo de acordo com o que, aos olhos de Azevedo e dos educadores da nação, eram os hábitos sensuais, indisciplinados e desregrados das classes baixas, gradativamente Jerônimo tem sua moral, sua disciplina, seu vigor e seu *caráter* totalmente corrompidos. A sua queda era uma alegoria do que para o autor seria o destino trágico da miscigenação brasileira, mas também, uma expressão literal de sua perspectiva moralista a respeito do modo de vida das classes baixas urbanas e das problemáticas que envolviam suas vidas.

No livro, duas lavadeiras fofocam sobre a vida sexual de Rita, a corruptora de Jerônimo. Indignadas com a quantidade de parceiros, e sobretudo com a intensidade e frequência de seus encontros, uma comenta que “para tudo há hora, há dias!”, no que a outra responde: “Para a Rita todos os dias são santos! A questão é aparecer quem puxe por ela!”. Nesse breve trecho, podemos entrever muitos “temores” morais e sexuais que rondavam a imaginação burguesa, dentre eles, o anseio de constituir um regime adequado do tempo, que deveria

ser disciplinado e ordenado entre momentos de deveres e trabalho e momentos de descanso.¹¹⁸ Era somente dentro das paredes de uma casa que a família poderia exercer plenamente o seu papel formativo e moralizador, que garantiria uma rotina ordenada entre diversão e trabalho, a disciplina do tempo, do espaço e dos corpos. E, pela lógica dos educadores da nação, seria somente através desse dispositivo que a sociedade poderia dispor de trabalhadores disciplinados e mães virtuosas para atingir o seu *progresso* econômico e moral.

Para garantir que tudo tivesse sua devida hora, o compromisso do jantar diário em família passava a ser pensado como uma baliza cotidiana fundamental para evitar os excessos masculinos. Porém, os ritos do retorno ao *lar* e da comunhão familiar no jantar não eram eficazes se a sua preparação não fosse suficientemente sedutora e encantadora para garantir que o homem encontrasse naquele espaço maior conforto e prazer do que poderia encontrar na cidade. Caso contrário, poderia voltar às ruas depois da refeição. Pela lógica disciplinar de Smiles, tendo o homem “um forte apetite natural para o descanso e para o divertimento”, reprimir esses impulsos seria inútil, pois “para combatermos o vício com resultado, devemos pôr alguma coisa melhor em seu lugar”¹¹⁹.

Nesse sentido, o conforto doméstico passava a ser pensado como uma ferramenta nesse processo de substituição de prazeres. A beleza decorativa, asseada e ordenada pela mulher — e pela empregada, sempre ausente do ideal harmônico da família burguesa normativa, embora fosse parte central para a constituição de sua domesticidade — faz a casa “tão risonha e agradável que aproximando-se d’ella, o homem julga entrar n’um santuário, e uma vez entrado, não há atração que o arranque d’alli para o botequim”¹²⁰. A ambiência calma, ordenada e ao mesmo tempo interessante deveria amenizar as

¹¹⁸ Para além do tempo, Werneck também tratava da importância da estrita organização espacial, sugerindo às mães que não consentissem que os filhos pegassem objetos e depois não os colocassem de volta no lugar. Era importante que soubessem que cada coisa tinha o seu lugar e que nesse deveria permanecer, obedecendo ao princípio de ordem e hierarquia que a educação moral pretendia inculcar nos meninos.

¹¹⁹ SMILES, Samuel. **Economia doméstica moral ou a felicidade e a independência pelo trabalho e pela economia**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1880, p. 389-390. Desenvolvi esses ideais anteriormente em FERREIRA, op. cit. (2021) e FERREIRA, op. cit. (2022).

¹²⁰ SMILES, Samuel. **Economia doméstica moral ou a felicidade e a independência pelo trabalho e pela economia**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1880, p. 389-390.

emoções masculinas. Por isso, a preferência decorativa do período se voltava para as cores com tonalidades rebaixadas, para a luz amansada, para as cortinas, para os papéis de parede e outros elementos decorativos tematizando uma natureza calma e apaziguadora. Em casa, o homem precisava encontrar um espaço acolhedor, que o fizesse preferir a companhia familiar à companhia dos amigos e, para tanto, a esposa era comumente aconselhada a controlar suas emoções e preocupações para não incomodar o marido com problemas até depois do jantar.¹²¹

No *lar*, o homem precisava encontrar um espaço que favorecesse o descanso psicofísico, a introspecção e o cultivo de sua interioridade. Muitos homens constituíam esse espaço em seus gabinetes — também chamados de escritório ou biblioteca —, que era uma espécie de cômodo multiuso, onde poderiam separar-se da família para realizar atividades laborais, mas também para cultivar atividades interiorizadas, como a leitura, a prática e deleite de um instrumento musical, a apreciação de obras de arte etc. O prazer da mesa bem-posta, do calor familiar, da brincadeira com os filhos, da ternura conjugal, da comida fresca, do sofá acolchoado, da decoração interior tranquilizante, o desfrute artístico e o devaneio, eram alguns dos substitutos *civilizados* que a cultura da domesticidade burguesa propunha aos homens ao invés dos prazeres “selvagens” e imoderados da bebida excessiva, do jogo, das festas com amigos, da sexualidade casual e da vadiagem noturna pelas ruas. O *lar* bem-sucedido era um *lar* capaz de domesticar os prazeres masculinos.

Em 1918, Marinette, colunista de moda da *Revista Feminina*, publicou um artigo intitulado “A intimidade do lar”, no qual orientações e prescrições se misturavam com a propaganda de objetos domésticos da *Mappin Stores*.¹²² Tomando a domesticidade inglesa como modelo, a articulista orientava suas leitoras a consumirem produtos da *Mappin* para tornarem suas casas mais atraentes para os maridos. O artigo começava com uma

¹²¹ CARVALHO, op. cit.; MALTA, op. cit. SILVA, FERREIRA *et al.*, op. cit. (2015) e SILVA e FERREIRA, op. cit. (2017).

¹²² Ao investigar a *Revista Feminina* em sua pesquisa sobre os circuitos da moda em São Paulo, Maria Claudia Bonadio levanta a hipótese de que, apesar do pseudônimo feminino, Marinette era um homem. Embora a autora não tenha provas conclusivas, vale notar que a abordagem da colunista em “A intimidade do lar” vai de encontro com a tônica moralizante e pública do discurso masculino em torno da domesticidade, bastante diferente da ênfase prática nas tarefas e nos dilemas do cotidiano privado e familiar comumente apresentada em livros e textos escritos por mulheres. BONADIO, op. cit.

perspectiva negativa e pessimista em relação ao costume — que ela considerava próprio do ambiente urbano brasileiro — de permanecer longos tempos fora de casa (FIG. 44):

No nosso clima vive-se muito fora de casa. A maior parte do tempo corre fora do lar, na rua, no escritório, no armazém, no teatro, no cinema. Há pouca vida de família. Por isso laxam-se os vínculos de intimidade que devem apertar os membros dessa pequena unidade celular que é a base de todas as outras.

Em grande parte o clima é responsável por essa dissipação que faz esquecer a muitos deveres essenciais e nos priva quasi todos das alegrias familiares que são as mais santas, as mais reais e as mais afectivas. Dir-se-ia que o nosso lar não foi feito para nós, que nos é estranho, que é fictício.

Isso explica também a mudança constante de casa em casa, com a traquitana dos moveis, expondo intimidades, desrespeitando pequenas coisas sagradas que são segredos e segredos são pequenas coisas sagradas.

Não ha nada mais lastimável que essa vida de bohemios, de caracos arrastando o casulo, de irriquietos procurando a linha pendular do repouso, malbaratando a sua vida por todos os cantos, não deixando em parte nenhuma florescer as meigas flores das suas recordações.

É lastimável porque denota a falta de vida em familia e sem a vida de familia não ha sociedade e não ha patria.¹²³

Em oposição a esse modo de vida onde os vínculos familiares se tornariam frouxos e que favoreceria as alegrias superficiais e imorais da boemia, Marinette apresentava uma idealização da domesticidade inglesa como um exemplo de inspiração:

¹²³ MARINETTE. A intimidade do lar. **Revista Feminina**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 50, jul. 1918, p. 25. Essa peça publicitária nos permite observar a participação de agentes comerciais no processo de difusão da domesticidade burguesa e suas normativas nas primeiras décadas do século XX, valendo-se de um discurso que os permitia associar o consumo de bens materiais ao desenvolvimento de valores morais, à prosperidade familiar e ao *progresso* da sociedade como um todo. FERREIRA, op. cit. (2021). Para mais reflexões sobre a atuação do Mappin e outros agentes de mercado na difusão do padrão burguês de domesticidade em São Paulo, ver: CARVALHO, op. cit. (2008) e LOBATO, Nathalia Theophilo; SILVA, Osvaldo Bruno Meca Santos da; SANTOS, Raissa Monteiro dos e SANTOS, Tamires Martins dos. Mappin Stores: ecos do consumo na sociedade paulistana. **Anais do XXIII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP**, Unesp, Assis (SP), p.1-16, 2016. Disponível em: <http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/>. Acessado em: 30 set. 2023.

Não são assim os povos do Norte, o inglês, por exemplo. Esse tem acima de tudo o culto do seu “home” e transporta consigo esse culto para qualquer parte aonde o destino o leve. O tempo que pode, passa-o em sua casa, junto dos seus, no doce convívio amoroso do lar. É aí que ele vive, enquanto os outros se iludem a viver.

Porque tão flagrante diferença de hábitos? Porque tão diversa maneira de compreender e encarar a vida?

Talvez o segredo esteja no carinho com que a mulher inglesa sabe dispor a sua casa, de molde a convertê-la num fôfo ninho de inocente prazer, de captivante bem estar.

Tudo ela faz para arranjar o melhor possível o seu “home”, distribuindo as coisas que o compõem com uma arte admirável. Além do asseio absoluto, metucioso, atraente, ela sabe rodear os seus do máximo conforto. **É um processo de prender as tentações que vem de fora, de reter em casa os que procuram o repouso, a distração, o esquecimento da tarefa de cada dia, e que, se não se sentissem bem de portas a dentro, iriam dispersar nos clubs ou na rua o transbordamento da sua expansão de afetuosidade.**¹²⁴

Marinette problematizava a decoração do *lar* aburguesado a partir de uma perspectiva explicitamente disciplinar, pensando os objetos e todo o arranjo doméstico como um instrumento eficaz para “prender as tentações que vem de fora” e “reter em casa os [homens] que procuram o repouso”. Procurando persuadir o público feminino, argumentava que esse empenho seria necessário para manter o casamento e a fidelidade do marido, uma vez que na rua ele corria o risco de “transbordar” sua “expansão de afetuosidade”. Adentrando nos pormenores do ambiente interior dessa casa idealizada, procurava instruir um olhar que associava a produção da sensação de acolhimento com o efeito da domesticação e a fixação da imaginação, do desejo e dos afetos do marido no *lar*:

O mobiliário é abundante, comodo, luxuoso quase sempre. Há tapeçarias, pelos muros, pelas portas, pelo chão; “mapples” regalados pelos cantos; columnas com vasos

¹²⁴ MARINETTE, op. cit. (grifo do autor). A domesticidade burguesa na Inglaterra, obviamente, também era repleta de contradições e conflitos. Sobre a problemática em torno da permanência dos homens em casa cf. FRANCIS, Martin. The Domestication of the Male? Recent Research on Nineteenth- and Twentieth-Century British Masculinity. *The Historical Journal*, v. 45, n. 3, set. 2002 e TOSH, op. cit. (2007).

cheios de flores; bronzes e estatuetas sobre as mesas; quadros de tintas fortes e paisagens campezinhas ou marítimas, pelas paredes; candieiros que derramam uma luz discreta, tamisada, pelas salas, convidando ao “bridge” ou às longas palestras de intimidade e carinho em que o tempo corre ligeiro na comunicação effectuosa dos corações que se amam.

Todo esse asseio, todo esse conforto, toda essa arte vão da porta de entrada ao mais recatado aposento, passando pelo jardim e pela cozinha, de maneira que tudo atrai, tudo sorri e tudo convida a ficar, viver ali nesse pequenino paraíso de intimidade e carinho.

[...] A mulher brasileira precisa de realizar esse milagre de prender em casa o marido e os filhos. Não é necessário muito para isso. Além de ser affectuosa e boa cumpre-lhe adornar o seu lar e torná-lo um pequeno ou grande ninho de verdadeiro aconchego e de verdadeira felicidade.¹²⁵

A abundância decorativa era associada com o anseio de construir na casa um universo de riqueza imaginativa, onde o homem encontraria diversos suportes para o devaneio e nunca se sentiria entediado. Havia também um forte investimento na produção de uma difusa sensação de “carinho”, de acolhimento. Como observou Vânia Carneiro de Carvalho, a profusão de arranjos florais e de rendinhas de crochê, geralmente produzidas pela esposa, eram objetos que infundiam todo espaço doméstico com uma atmosfera feminina de diligência, delicadeza e amena sentimentalidade.¹²⁶ Essa atmosfera feminina e feminilizada, que evocava também sentimentos maternos de acolhimento, cuidado e apaziguamento, construía-se também através dos papéis de parede adamascados, dos arabescos das tapeçarias, das estampas floridas das almofadas e das figurações idílicas das porcelanas, como podemos ver no clichê que acompanhava o texto.

Nas fotos dos interiores das residências do advogado Francisco Mendes, residente de São Paulo, e do empresário Hermann Müller Carioba, podemos observar como esses motivos decorativos estavam presentes não apenas nos espaços “femininos” da casa — como o *boudoir* ou a sala de visitas —, mas também em ambientes de convívio familiar como a sala

¹²⁵ MARINETTE, op. cit. (grifo do autor).

¹²⁶ CARVALHO, op. cit. (2008), p. 68-114.

de jantar e até mesmo em espaços exclusivamente masculinos, como o gabinete.¹²⁷ Francisco Mendes, inclusive, mantinha elementos desse repertório decorativo em seu escritório na cidade, tornando a sua ambiência muito semelhante a de um cômodo doméstico (FIG. 47-55).

Para além da composição de cores, padronagens e temáticas adequadas, Marinette também elencava a luz como um elemento a ser manejado, sugerindo que as esposas se valessem de *abat-jours*, pois esse “amortece o brilho excessivo e fatigante das lâmpadas electricas que ofendem a vista e espalha uma claridade igual, convidativa ao silencio carinhoso das intimidades”¹²⁸. As cortinas eram também um importante elemento de controle da luminosidade para a produção dessa atmosfera de intimidade, silêncio e amenidade.

Se as indumentárias e o corpo feminino muitas vezes se confundiam com os elementos decorativos, no texto de Marinette os objetos de decoração parecem ser pensados como extensão do corpo feminino, que, em seu papel normativo, deveria ser mobilizado para o encanto, o agrado e a sedução do marido. Assim como faziam em sua toilette, seria pelo manejo correto dos objetos que as mulheres poderiam produzir as sensações de harmonia, acolhimento, candura e beleza e realizar o “milagre de prender em casa o marido e os filhos”.

Em *Economia Doméstica Moral*, Smiles também buscava suscitar em seus leitores um olhar instrumentalizado para os objetos domésticos. Dialogando diretamente com os homens e focando na demanda normativa de que exercessem um constante domínio sobre si mesmos, sugeria que todas as formas de figuração — quadros, impressões, gravuras — que representassem um “nobre pensamento, figura de ação heroica” ou que trouxessem “dos campos uma scena da natureza” deveriam ser utilizadas como um modo de “arrancar o espectador” da excessiva contemplação de si próprio.¹²⁹ Como já vimos anteriormente, a imaginação e o devaneio eram consideradas áreas importantes para o desenvolvimento do

¹²⁷ Hermann Müller Carioba era um dos filhos do empresário alemão Franz Müller Carioba, que imigrou para Porto Alegre na década de 1870. Em 1889, mudou-se para São Paulo e, em 1901, adquiriu a Fábrica de Tecidos Carioba, localizada na Vila Americana, hoje município de Americana. Com a aquisição, Franz mudou-se com toda a família para a fazenda onde estava localizada a fábrica. A casa de Hermann, cujas fotografias fazem parte do acervo pessoal de Maria Dulce Müller Carioba Sigrist, ficava na fazenda Carioba.

¹²⁸ MARINETTE, op. cit.

¹²⁹ SMILES, Samuel. **Economia doméstica moral ou a felicidade e a independência pelo trabalho e pela economia**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1880, p. 394

homem de bem, porém essas explorações interiores, assim como as explorações exteriores, deveriam ser mantidas dentro de limites morais.

A sala de Hermann Müller nos apresenta uma composição consonante com o preceito de Smiles: os quadros abrem dentro da casa “janelas” para paisagens contemplativas — uma montanha nevada, uma paisagem costeira, uma calma planície com duas árvores em primeiro plano —, e para imaginações simbólicas do triunfo mercantil, colonial e *civilizatório* da Europa, como os dois quadros de barcos veleiros e as reproduções de gravuras de populações nativas do continente americano, provavelmente do território brasileiro. As mesmas temáticas aparecem no gabinete doméstico de Francisco Mendes — um barco a vapor e uma paisagem costeira, em meio a diversos retratos, provavelmente de parentes — e na metade do século XX, também estavam presentes nos quadros que decoravam o gabinete doméstico do engenheiro Oscar Americano (FIG. 56-57).¹³⁰

Smiles também sugeria que a casa deveria ser povoada por imagens ou esculturas que representassem “grandes homens”:

O retrato de um grande homem, por exemplo, incita-nos a ler a sua vida, reveste-o de interesse pessoal. Olhando para suas feições, como que o conhecemos melhor e nos relacionamos mais de perto com ele. Um tal retrato, pendurado diante de nós todos os dias, à hora da refeição e durante as horas vagas, ajuda-nos a levantar-nos; contribue para nos sustentar o moral. É um laço que de certo modo nos prende a uma natureza mais nobre.¹³¹

O olhar que Smiles lançava para a decoração interior e a maneira como concebia a relação do indivíduo com as materialidades do seu entorno era análoga à maneira como pensava seus livros e seus exemplos biográficos: a convivência — mesmo que virtual — com um

¹³⁰ Sobre a residência de Maria Luisa e Oscar Americano, ver: SILVA, Joana Mello de Carvalho e. Um palacete modernista: a Residência Maria Luisa e Oscar Americano. **Registros**, v. 18, n. 2, 2022, p. 65–83. Sobre a combinação de estilos na decoração de interiores de meados do século XX, ver: MARQUES, Deborah Caramel. **Mobiliário doméstico e as apropriações do moderno**: a divulgação dos interiores residenciais nos periódicos especializados e ilustrados (1930-1955). Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

¹³¹ SMILES, Samuel. **Economia doméstica moral ou a felicidade e a independência pelo trabalho e pela economia**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1880, p. 394-395.

homem de bem era estratégica para a formação do *caráter* e para o exercício constante do domínio de si. Pois, para além do estímulo positivo, Smiles afirmava que a convivência constante com o olhar virtual de um “grande homem” no interior da casa evocaria também um impulso de autovigilância, uma vez que a experiência de sua presença seria análoga à de estar na “companhia de uma pessoa melhor que nós”.¹³² A imagem do “grande homem” poderia ser de diferentes procedências. Era hábito comum, por exemplo, ter acima do piano um pequeno busto de um grande compositor. Muitos homens também utilizavam fotos ou retratos de seus pais ou antepassados como imagens inspiradoras.

O jovem Bruno Leyern, imigrante alemão que viveu em São Paulo nas primeiras décadas do século XX, comentou diversas vezes em cartas à sua mãe, que vivia na Alemanha, a intensa relação que mantinha com as fotos e retratos de seu recém falecido pai:

Eu fico pensando: o Pai só se foi aparentemente! Sua pessoa, sua essência, seu modo de ser e de pensar está imbuído dentro de nós como uma herança valiosa, como algum investidor deixando riquezas para sua família. Mas a herança do Pai poderia trazer alegria a gerações inteiras, coisa que só ocorre raramente com dinheiro. Quantas vezes me acontece de eu olhar para a fotografia dele na minha mesa (a melhor fotografia, feita pelo atelier de Willy v. Beckerath) e começar a conversar com ele, sem que em nenhum momento eu sinta que ele não está conosco.¹³³

Assim como muitos homens da época, Bruno colocava a fotografia do pai em um lugar de destaque — em cima da mesa de trabalho — para que encontrasse seu olhar todos os dias. Em outra carta meses depois, ele contava à mãe que também havia pendurado acima de sua escrivaninha um retrato a óleo de seu pai. A conexão de Bruno com o pai através da foto e do quadro possuíam um caráter nostálgico, mas também diziam respeito a sentimentos de autovigilância e cobrança moral. A “herança do Pai”, que na primeira carta parece ser apenas de alegrias e boas memórias era também uma herança de *caráter*. Afora os excessos da tinta

¹³² Ibidem, p. 395.

¹³³ Carta de Bruno à sua mãe, 29 de março de 1910. As cartas estão reproduzidas nas memórias de Margareth von der Leyern, ainda inéditas, contidas no acervo pessoal de Maria Dulce Müller Carioba Sigríst. LEYERN, Margareth von der. **Bruno e Margareth von der Leyern**, vol. III, 1909-1918, p. 17.

romântica com que costumava expressar seus sentimentos, Bruno demonstrava que o quadro do pai lhe servia como exemplo e como emblema de uma “herança espiritual” que ele se cobrava ferrenhamente para dar seguimento em si e em sua família:

Eu quero reconstruir minha casa paterna dentro de minhas quatro paredes.

Se um dia você vier aqui, mãezinha, vir o quadro do Pai pendurado na parede, e não sentir a presença dele na alma da minha família — você pode voltar atrás, Mãe, pois nesse caso eu vou ter vivido em vão e não terei merecido ter tido este Pai. Eu me esforcei em merecer o que ele me deixou, mas só vou poder tomar posse quando minha esposa e meus filhos estiverem carregando consigo o carimbo dessa herança espiritual.¹³⁴

Os objetos que passavam a povoar os interiores aburguesados de meados do século XIX possuíam uma forte conotação simbólica — expressando valores, visões de mundo, pertencimentos e constituindo distinções de classe, gênero, etnia e racialidade —, mas também passavam a ser pensados pela sua forte capacidade de agir sobre a interioridade dos indivíduos. Em *Marinette*, *Smiles* e outros, essa forma de problematizar a relação entre sujeitos e objetos decorria da aspiração disciplinar e normatizadora de encontrar no universo visível e tangível meios para manejar e controlar os domínios invisíveis da vida. Essa mirada dava aos objetos uma forte agência instigadora, imaginativa, evocativa.

Assim como os humanos que circundavam os membros da família, os objetos podiam exercer forte influência sobre os desejos, os gostos e as aspirações dos indivíduos. Se as naturezas mortas e outros temas frugais colocados na sala de jantar podiam ajudar a abrir o apetite, uma peça com temática sensual, soturna ou provocativa poderia insinuar imaginações destemperadas, incitar paixões desmedidas, desencadear um fervor sexual excessivo. A estética doméstica deveria priorizar os afetos em detrimento das paixões, procurando produzir sensações amenas e contínuas e evitando as emoções lancinantes e disruptivas. Por isso, assim como as companhias humanas, os objetos precisavam ser corretamente classificados e filtrados para penetrar no espaço doméstico.

¹³⁴ Carta de 9 de outubro de 1910. LEYERN, op. cit. (grifo do original).

Em uma série de artigos publicados n’A *Província de São Paulo* em torno de sua visita à Exposição Universal de 1878, realizada em Paris, o escritor português Ramalho Ortigão exaltava a cultura doméstica inglesa e seus padrões decorativos e problematizava as tendências decorativas afrancesadas e a cultura doméstica patriarcal ainda em voga em Portugal e no Brasil.¹³⁵ Em “A mobília futura”, o autor começa criticando o “luxo dos moveis antigos”, que teriam sido convenientes na época em que passavam-se a casa e a mobília entre as gerações e quando a vida de um homem — de classe alta, evidentemente — estruturava-se em torno da herança que recebia.¹³⁶ O “homem contemporaneo”, por sua vez, só possuía uma riqueza, o trabalho, e por isso era preciso que sua casa fosse mais do que um “asylo”: “Tem de ser o laboratório, tem de ser a ferramenta da família”. O caráter de uma decoração que pretendesse apenas a beleza seria “arbitrario e esteril”. A decoração da casa moderna precisava ser mobilizada como “um instrumento prático, cientificamente fabricado para operar um determinado numero de resultados preconcebidos”, a saber, incrementar a produtividade masculina e favorecer a manutenção da moralidade familiar.

Para Ortigão, os moveis teriam “physionomias como os indivíduos” e despertariam “como eles, pelo simples aspecto, um certo numero de idéas de que procedem sentimentos de adesão, de *sympathia* ou de repugnância”¹³⁷. Por isso, Ortigão destacava a importância das famílias selecionarem a mobília levando em conta o “seu character digno, isto é: adequado a necessidades inteligentes e a fins elevados”:

A respeito do aspecto de certo salão exclamou um dia uma mulher de espirito: “Como se deve estar bem aqui para dizer mal!”. A dignidade na mobília consiste em que n’ella se esteja bem para pensar com justiça e para resolver com probidade.

¹³⁵ O escritor português era colaborador frequente do jornal durante o último quartel do século XIX. Cf. ZAN, João Carlos. **Ramalho Ortigão e o Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

¹³⁶ ORTIGÃO, Ramalho. A mobília futura. **A Província de São Paulo**, São Paulo, 20 dez. 1878, p. 2.

¹³⁷ “Há moveis gordos e moveis magros, há moveis alegres e moveis tristes, moveis concentrados e moveis expansivos. Uns são corretos e graves como sujeitos que esperam, cerimoniosamente perfilados, de barba feita e gravata branca. Outros têm a attitude desleixada de quem põe os cotovelos nos joelhos para roer as unhas ou para coçar a cabeça. [...] Há moveis vadios, ociosos, inuteis, moveis de luxo inventados ha duzentos annos para satisfazerem necessidades que desapareceram dos usos modernos; pelo que, as funcções que elles exerciam, se tornaram exclusivamente nominaes e honorarias”.Ibidem.

Toda mobília que inspira, que recorda, que sugere, que por qualquer modo insinua molesas, a dissipação contemplativa, a abstracção, a ociosidade, a preguiça, o desleixo das atitudes de uma influencia tão directa no desleixo das ideias, toda mobília com tais propriedades, digo, por mais que ela se autorize com a moda e com a tradição elegante e artística, é sempre mobília indecente.¹³⁸

Assim como Smiles e Marinette, Ortigão atribuía à estética decorativa grande influência na interioridade dos indivíduos. Em “A mobília nos países expositores” ele aprofunda os tipos de mobília que considerava incitadores de imoralidade. Apresentado com grande destaque na Exposição Universal, o *boudoir* do tapeceiro e decorador francês Henry Penon era para o escritor “uma detestável obra, porque é uma obra insalubre, de uma expressão moral paludosa e miasmática”.¹³⁹ A seu ver:

A pobre *grande dame* destinada a viver nesse interior, sujeita ao predomínio das idéas sugeridas pelo aspecto languido, voluptuoso, enervante desse conjunto de cousas, deve reagir sobre elle com uma grande força de princípios rectos e de praticas austeras e duras, para não se converter, dentro de pouco tempo, n’uma imbecil ou n’uma cocotte.¹⁴⁰

Como era a decoração desse interior que suscitava tão viva reacção? “Uma *chaise-longue* de setim côr de rosa murcho, almofadada, fôfa, guarnecida de uma longa travesseira”, que lhe parecia um “throno d’amor de uma favorita do harem”, que tinha como fundo uma tapeçaria com um “filho de Venus espalhando rosas sobre o caminho de sua mãe”, sob um teto coberto com panos de veludo e seda, “cujos tons demasiados e cujas pregas flexuosas e flácidas se abraçam n’um enleio terno e saciado”. Ademais: “uma banca no estylo neo-grego, uma trípode romana”, “uma *bergère* Luiz XVI e um vaso italiano contendo uma planta exotica, de grossas folhas pendentes, de exuberância tropical”¹⁴¹.

¹³⁸ Ibidem

¹³⁹ ORTIGÃO, Ramalho. A mobília nos países expositores. **A Província de São Paulo**, São Paulo, 13 dez. 1878, p. 2.

¹⁴⁰ Ibidem.

¹⁴¹ Ibidem.

Além da descrição pejorativamente sensualizada do ambiente, para fazer valer seu ponto, Ortigão se põe a imaginar como seria a “vida intellectual, a vida moral, a vida familiar” de uma moça ou de uma dona de casa que passasse os dias nesse ambiente:

Ella começará por se deitar na sua *chaise-longue*. Mãu começo! Uma pessoa honesta, grave, digna, não se deita nunca senão á noite, para dormir, no seu quarto de cama. A posição horizontal pertuba a orientação normal do cérebro, compromete a nitidez das ideias práticas, justas, retilíneas; produz as circunvoluções e os arabescos mentais; é atitude que convém aos sonhos, às phantasmagorias e aos letargos. Deitada, ella contemplará a sua mesa grega, impropria para todo o trabalho, para toda ocupação moderna. Contemplará a tripoda romana, igualmente inutil. E se lhe será dado tirar uma sugestão de uma idéa viva, da sua planta de estufa e de seu amor de panno de leque, sacudindo ao longo do muro as flores da tentação, voluptuosa imagem de beijos divinos crystalizados nas tapeçarias classicas pelo simbolismo mythologico.

[...] O seu ninho é como um incubador artificial, em que ella não póde chocar senão o ovo do vicio.¹⁴²

Para além das evocações que considerava lascivas, Ortigão demonstrava ojeriza pela mobília que permitisse uma total desmobilização corporal — como os divãs, “as otomanas”, as *chaises-longues* — temendo que poderiam incitar um desequilíbrio na divisão do tempo diurno como produtivo e do noturno como descanso, uma intemperança no balanço entre a proatividade e o devaneio. Para além, e isso ele considerava um problema geral da mobília francesa, “obrigam o corpo de quem os occupa a um systema de curvas que não parecem dar precisamente a atitude da gravidade”¹⁴³. Por esse mesmo motivo, ao tratar da mobília da sala de jantar de família, recomendava também a evitação dos encostos reclinados: “cerquem a mesa com cadeiras decentes, isto é de pés firmes, braços altos e assento estreito, de forma que mantenham o corpo descansado, mas direito”¹⁴⁴. A seu ver, se os membros de uma família perdessem o ar de seriedade e gravidade, um jantar no lar doméstico, ao invés

¹⁴² Ibidem.

¹⁴³ Ibidem.

¹⁴⁴ ORTIGÃO, Ramalho. A mobília futura. **A Província de São Paulo**, São Paulo, 20 dez. 1878, p. 2.

da “religiosa dignidade do serão”, perigava se assemelhar ao “mesmo aspecto que oferecem quatro bohemios espequiçados nas bancadas de um café ou de uma batota”¹⁴⁵.

As considerações de Ortigão estavam mais alinhadas com suas aspirações de intervenção no debate cultural e intelectual da época através da polêmica do que a qualquer ambição de prescrição. Portanto, não é de se imaginar que a sua perspectiva radical a respeito dos divãs — móvel que ganhava cada vez mais espaço nos gabinetes e *boudoirs* brasileiros — fosse tomada ao pé da letra. Por outro lado, tirado o peso escandaloso de suas linhas, a problematização moral e disciplinar que fazia das mobílias e da decoração doméstica era representativa de um olhar que se vulgarizava nas últimas décadas do século XIX, buscando perscrutar as miudezas das interações entre os corpos da família e dos objetos domésticos.

¹⁴⁵ ORTIGÃO, Ramalho. A mobília nos paizes expositores. **A Província de São Paulo**, São Paulo, 13 dez. 1878, p. 2.

Conflitos e ansiedades viris em torno da domesticação

(Capítulo 8)

Nas primeiras páginas de *O Poder da vontade*, Smiles conta com grande excitação a epopeia do ceramista Bernard Palissy, que passou dezesseis anos tentando descobrir a fórmula da porcelana chinesa.¹⁴⁶ Obstinado, ambicioso e confiante de si, Palissy é apresentado como o pioneiro desbravador de uma nova indústria na Europa, um exemplo da força de *vontade* e da persistência inabalável dos “grandes homens”, que galgam com suas próprias mãos e mentes avanços civilizatórios para a “humanidade”. Corajoso e aventureiro, movido pelo amplo horizonte dos visionários e dos conquistadores, ele é dignificado por Smiles não apenas pela persistência, mas também pela entrega quase sacrificial à sua meta.

No último ano de sua obstinada pesquisa, o escritor conta que Palissy montou um forno em sua casa. Porém, à medida que seus experimentos falhavam um após o outro, seus recursos, que deveria empregar para sustentar sua casa, esposa e filhos, também se esgotavam, até chegar ao ponto de não ter mais dinheiro sequer para comprar lenha:

Como havia de entreter-se até ao fim aquelle fogo infernal? Palissy olha em redor de si, e seus olhos fitamse na cerca da horta, lenha seca, e que arderia admiravelmente. O que era um tal sacrifício em comparação da grande experiencia, cujo êxito dependia talvez d’aquella porção de taboas velhas?

[...] Mas é forçoso que haja ainda mais lenha, lenha a todo custo! Palissy se decide a queimar os seus trastes... sim, antes queimal-os do que vêr falhar aquela ultima experiencia! Ouve-se bulha horrível dentro de casa, e ao som dos gritos da familia, a qual, desta vez, receia que o seu chefe haja effectivamente endoudecido, chega elle carregado de pedaços de cadeiras e de mesas, que mette dentro do forno. O esmalte, porém, ainda não se derrete. Só resta as taboas do assoalho. Pois vão também para o

¹⁴⁶ Bernard Palissy foi um artesão, engenheiro e ceramista que viveu na França entre 1510 e 1589. Em sua obstinada tentativa de descobrir o segredo da fina e alva cerâmica chinesa, acabou desenvolvendo uma fórmula e um estilo próprio de cerâmica rústica, que teve grande apreciação na França até o século XIX. Os detalhes da história contada por Smiles foram narrados pelo próprio Palissy em sua autobiografia.

fogo! Ouve-se de novo dentro de casa bulha de marteladas, de taboas que se despedaçam e logo depois começam ellas a ser consumidas pelo fogo, como já o haviam sido os trastes. A mulher e os filhos saem então precipitadamente para a rua, e, desesperados, vão gritando por toda a cidade que o pobre Palissy endoudeceu e está queimando a casa para cozer a sua louça.¹⁴⁷

Porém, “o homem de gênio, graças á tenacidade da sua inspiração ganhara a victoria” e, mesmo não chegando à fórmula da fina cerâmica chinesa, inventou uma nova forma rústica, de vivas cores, que encantou a nobreza de seu tempo e lhe permitiu restituir as posses materiais e o bem-estar da família.¹⁴⁸ O *caráter* de Palissy, com sua “energia e constância”, era apresentado ao leitor como exemplar, pois entregou sua vida a uma atividade elevada. Realizou um grande avanço tecnológico, estético e civilizatório. Contribuiu com seu empenho viril e corajoso para o *progresso* da humanidade, mesmo que, para tanto, tenha denegado as virtudes da prudência e da temperança e os seus *deveres* como chefe de família.

Citando Thomas Fowell Buxton, político britânico e ávido defensor do abolicionismo, Smiles descreveu o traço de *caráter* que procurava ressaltar com a biografia de Palissy e de tantos outros homens que entregaram suas vidas a grandes causas e feitos. Para ele, trata-se de um “trecho que todo mancebo deveria trazer gravado na alma”:

Quanto mais vivo, tanto mais adquiero a certeza de que a grande diferença entre os homens, fracos ou poderosos, humildes ou de elevada posição, consiste na *energia*...isto é, em uma *resolução bem definida, em uma determinação invencível*, e depois disto... a morte ou a victoria. Com esta qualidade, não há quem não realise tudo quanto póde ser realizado neste mundo; mas, sem ella, não há talento, nem posição, nem ocasiões favoráveis que possam fazer um *homem* da creatura bípede que todos nós somos.¹⁴⁹

¹⁴⁷ SMILES, Samuel. **O Poder da vontade ou caracter, comportamento e perseverança**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1870, p. 43.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 43.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 267 (grifo do original).

Alguns anos depois, em *O Character*, Smiles apresentava a seus leitores um outro referencial, no qual os valores eram invertidos. O homem autônomo, aventureiro, que busca a glória acima de tudo e é capaz de sacrificar o próprio bem-estar por sua ambição de realização criativa e pelo ímpeto de contribuir com os grandes movimentos da humanidade, tem seu brilho ofuscado e relativizado pelo homem de família, trabalhador, provedor, afetivamente comprometido com sua esposa e filhos, que valoriza o dia a dia da vida doméstica e conjugal e os pequenos prazeres da vida:

O caracter real do homem é mais visível no seio da sua família do que em qualquer outra parte, e sua sabedoria pratica exhibe-se melhor no modo por que elle a governa do que na direção dos negócios ou da vida publica. **Elle pôde dedicar toda a sua cabeça aos negócios; mas, se quiser ser feliz, todo o seu coração deve pertencer á sua casa, porquanto é ahi que suas qualidades genuínas melhor se desenvolvem, é ahi que mostra a sua lealdade, amor, sympathy, rectidão, virilidade e consideração que tem pelos outros; em uma palavra, seu character.** Se a afeição não fôr o principio regulador de uma casa, a vida domestica será o mais intolerável dos despotismos; mas sem justiça não pôde haver amor, confiança, nem respeito, que são a base em que se funda todo governo domestico verdadeiro.¹⁵⁰

No ideal do *homem de bem*, que oscilava entre a *virilidade* e a *hombridade*, entre os atributos viris — energia selvagem e impetuosa — e a capacidade de autocontrole e civilização, a relação com a domesticidade possuía certa ambivalência. Na mesma medida em que os homens eram estimulados a imaginarem uma vida pacata, temperada e doméstica, eram também incitados a serem viris, corajosos, ambiciosos e aventureiros e a dedicarem grande energia à vida pública e laboral, se projetando nas fabulosas peripécias de um grande inventor, na genialidade dos artistas imortais, na verve indomável dos grandes “vultos da nação”.

Essa ambiguidade do ideal masculino estava presente nas próprias expectativas para com os homens na construção da nação almejada pela intelectualidade brasileira: ao mesmo

¹⁵⁰ SMILES, Samuel. **O Character**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878, p. 318 (grifo do autor).

tempo que deveriam engajar-se pela conservação e reprodução da organização interna da sociedade e de sua *ordem* cotidiana, eles deveriam também estar dispostos a sacrificar-se pela nação e se colocarem à disposição do *progresso* civilizacional pelo engajamento nas atividades políticas, produtivas, militares, científicas, artísticas e nas empreitadas aventureiras e exploratórias do colonialismo e da expansão comercial.¹⁵¹

Dessa maneira, a educação masculina era moldada simultaneamente pelo modelo de temperança e domesticidade do chefe de família — ordeiro, satisfeito com a vida rotineira, afeito aos prazeres civilizados, profundos e amenos, que encontra na família um forte âmbito de realização pessoal — e o modelo do herói de guerra, dos exploradores e colonizadores, dos grandes gênios da humanidade, que enfatizavam a aventura, a excepcionalidade, a ambição pessoal; as vivências homosociais; a sedução pelas paixões a princípios abstratos, como justiça, ordem e liberdade e o engajamento intenso, quase devocional, com movimentos coletivos. A *civilização* só poderia ser construída na conjugação da virilidade e da temperança, do desejo de aventura e da responsabilidade familiar. Para bem servir à nação, o *homem de bem* precisava ser ao mesmo tempo doméstico e aventureiro, um soldado da pátria e um homem de família.

A contradição entre os diferentes papéis sociais esperados do *homem de bem* era estruturante da imaginação ambígua e contraditória que muitos homens mantinham com o casamento, com os filhos e com a vida doméstica. Os desejos e anseios masculinos, bem como as normativas sociais em torno da masculinidade, confluíam concomitantemente nos dois sentidos, constituindo uma relação conflituosa com o *lar*. Nesse impasse, os homens comumente ficavam na fronteira, cruzando ansiosamente adentro e afora o limiar da domesticidade, tanto na imaginação como na vida prática.¹⁵² A casa era simultaneamente vivida e imaginada como refúgio idílico e amoroso e como um espaço tedioso e de constrangimento. A companhia das esposas e das crianças era o bálsamo e o sentido da vida, ao mesmo tempo que insossa e um empecilho para o investimento na glória pública. O retiro solitário para o

¹⁵¹ OLIVEIRA, op. cit. (2004), p. 27-47.

¹⁵² FRANCIS, op. cit., p. 643.

estudo e o cultivo de sua interioridade era um lugar de exploração e desenvolvimento de si, ao mesmo tempo que um perigoso agente de desvirilização e degeneração.

Em 1930, um jovem paranaense, recém-casado, entusiasmado com o movimento varguista, sonhava em juntar-se à Revolução contra as tropas do Governo Federal. Deixaria a mulher com o primeiro filho ainda pequeno e com uma filha na barriga, prestes a nascer, mas isso não freava o seu impulso de aventura e o fervor de seu *dever* patriótico. Se alistou como voluntário. Quando marchava orgulhoso na avenida principal de Curitiba, já fardado e com armas, percebeu que havia cometido um grave erro. A esposa grávida, de mãos dadas com o seu pequeno primogênito, acenava triste no meio da multidão. Ele queria ficar com a família, temia por sua vida. Mas já era tarde demais, teve de ir à guerra.¹⁵³

O impasse do jovem Lauro Schleder era resultado de uma masculinidade fraturada, que era cultivada na tensão entre a glória pública e a felicidade doméstica. A gramática normativa da autoapreciação masculina oscilava entre as realizações como pai e chefe de família e a busca pela estima homosocial na esfera pública. A aspiração de realizar uma contribuição à nação, à civilização ou à humanidade — cultivada desde as brincadeiras da primeira infância — fazia com que as peripécias da guerra, a camaradagem do exército e as grandes polêmicas políticas e intelectuais fossem espaços de larga imaginação, excitação e sedução no universo masculino. Ao mesmo tempo que procuravam um lugar cotidiano para suas vidas, procuravam também “um lugar na história”.¹⁵⁴

Em seu esboço autobiográfico, o jurista negro Antônio Ferreira Cesarino Júnior conta o impacto que os homens idealistas tiveram em sua formação de menino. Como sua maior influência, elenca seu tio-avô, o jornalista Aprigio Cesarino, homem negro “politicamente

¹⁵³ O jovem era Lauro Schleder (1905-1984) e sua esposa, Tereza Paraná. A memória nos foi relatada em entrevista por Regina Schleder Ferreira, que estava na barriga da mãe na ocasião. Ao mesmo tempo que a coragem e o sacrifício eram normatizados, havia o medo real do recrutamento, sobretudo dos jovens de poucas posses, que eram alvo do alistamento compulsório e não possuíam maneiras de se livrar da obrigação. Cf. BEATTIE, op. cit. e IZECKSOHN, Vitor. Quando era perigoso ser homem. Recrutamento compulsório, condição masculina e classificação social no Brasil. In: DEL PRYORE, Mary e AMANTINO, Marcia (Org.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp, 2013, p. 267-297.

¹⁵⁴ Sobre a busca de “um lugar na história” pelos homens de alta classe de fins do XIX, cf. HENRIQUE, op. cit.

corajoso”, que não poupava adversários, “inclusive os poderosos da época, os quais o perseguiram, chegando a ponto de fazer interna-lo por insanidade mental”¹⁵⁵. Ele não o conheceu pessoalmente, mas recebeu as fortes impressões de seu *caráter* pelos relatos e narrativas da família e através da coleção de seus recortes jornalísticos que lhe foi legada. Refletindo retrospectivamente, o jurista ponderava que o espírito aguerrido do tio-avô teria sido uma “influência ancestral”, que o teria levado a participar da atividade política por “puro idealismo”, como o fez durante a Revolução de 1932.

No tempo do levante paulista, Cesarino tinha 26 anos, já era formado em Direito, era casado com Flora Massarotto e atuava como professor do Ginásio Estadual de Campinas. Ao saber do movimento armado que se organizava na capital, alistou-se de imediato. Porém, por sua posição como professor, foi deixado na retaguarda, ficando responsável pela formação de batalhões e, depois, pela instalação do Departamento Civil de Assistência aos combatentes e suas famílias:

Entretanto, tudo isto, não me pareceu bem, pois certamente, jovem como era, poderia ser classificado entre os homens que na França na época da I Grande Guerra tinham a injuriosa alcunha de “embusqués”. Por isto, resolvi abandonar os serviços administrativos que me haviam sido impostos e resolvi partir para a frente de combate. Não queria ser incluído no rol daquele que disse aos soldados: “Preparem-nos e... vão!”¹⁵⁶

Temeroso de ser classificado como inviril e covarde, Cesarino decide ir ao front. Em um gesto solene, de quem pretende verdadeiramente arriscar a vida em prol de um ideal, despede-se da família e dos amigos mais chegados e, junto com o pai, segue até Amparo,

¹⁵⁵ CESARINO JÚNIOR, Antonio Ferreira. A miragem política. In: Idem. **Memórias de um PAJEM**: Autobiografia. São Paulo, 1982, p. 30. Sobre Aprígio Cesarino e o bisavô do advogado, Antônio Ferreira Cesarino, ver KABENGELE, Daniela do Carmo. **A trajetória do “pardo” Antonio Ferreira Cesarino (1808-1892) e o trânsito das mercês**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

¹⁵⁶ CESARINO JÚNIOR, op. cit., p. 31. O termo “impostos” foi sobreposto por Cesarino à datilografia, onde se lia o termo “injustos”. Os *embusqués* a que faz referência eram homens que, por questões de saúde, por posição social ou profissional, se livraram do alistamento militar e eram vistos por certos setores da sociedade francesa, principalmente dos combatentes, como covardes, egoístas e preguiçosos que se evadiam de seus deveres viris para com a pátria.

onde estavam as tropas do Coronel José Dias. Ao falar com o coronel, esse ordenou-lhe que retornasse para Campinas a fim de organizar um hospital para os combatentes feridos. Cesarino conta que insistiu, contando-lhe sobre o “ridículo que receava”, mas o coronel foi irredutível e usou de sua autoridade como superior militar para forçar a obediência do jovem professor. Cesarino retorna e cumpre o serviço que lhe foi designado. Explica aos interlocutores que projetava em sua escrita: “e por isto” — pela ordem de um superior e não por covardia — “não fui combatente em 32”.¹⁵⁷

A gramática da autoapreciação e do prestígio homosocial masculino tinha grande adensamento nas realizações em prol das coletividades abstratas.¹⁵⁸ Nos escritos autobiográficos — gênero que se multiplicava entre os homens das classes altas urbanas na virada do século XX —, a narrativa era comumente construída no formato evolutivo da carreira, em um movimento teleológico que começava na infância para explicar o ápice atingido na maturidade, onde concentrava-se a maior parte do texto, celebrando as contribuições que teriam feito para o *progresso* da nação, da *civilização* ou da humanidade.

O título dos escritos autobiográficos de Cesarino era um jogo de palavras: *Memórias de um P.A.J.E.M.* De acordo com a definição do Caldas Aulete, que ele mesmo fornece, pajem era o “mancebo que acompanhava o rei ou pessoa nobre e que na guerra levava a espada, a

¹⁵⁷ CESARINO JÚNIOR, Antonio Ferreira. **Memórias de um PAJEM**: Autobiografia. São Paulo, 1982, p. 31.

¹⁵⁸ A busca pela glória transcendia os campos de batalha, manifestando-se também nos embates intelectuais e políticos das cidades. Nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, os homens letrados se chocavam constantemente nos jornais. Um dos casos mais dramáticos foi o embate travado em 1892 entre Raul Pompeia, que mesmo após a “Revolta da Armada” defendia o governo de Floriano Peixoto, com Olavo Bilac, que criticava a tirania do marechal. As desavenças de ideias nos jornais escalonaram para trocas violentas de ofensas. Bilac chamou Pompeia de masturbador — “Talvez não seja pretensão, talvez seja amolecimento cerebral, pois Raul Pompéia masturba-se e gosta de, altas horas da noite, numa cama fresca, à meia luz de ‘veilleuse’ mortiça, recordar, amoroso e sensual, todas as beldades que viu durante o dia, contando em seguida as tábuas do teto onde elas vaporosamente valsam” — e o autor d’*O Ateneu*, por sua vez, insinuou que Bilac era degenerado, pois filho de uma relação incestuosa. Para proteger seu nome e sua honra, Pompeia desafiou Bilac para um duelo. Embora fossem ilegais e livros como *Deveres do Homem* tentassem dissuadir os homens dessa prática sanguinária, ela continuava sendo uma importante prova de virilidade, bravura e caráter. No dia marcado, encontraram-se e, ritualisticamente, apertaram as mãos para selar o fim da polêmica, ao invés da troca de tiros. Mas o caso não estava encerrado. Em 1895, após a morte de Floriano, Pompeia proferiu um discurso em sua homenagem, que foi extremamente mal-recebido pelo entorno político de Prudente de Moraes. A polêmica foi reativada nos jornais e em outubro daquele ano, Luis Murat publicou um artigo ofendendo Pompeia, sugerindo que seu radicalismo político seria decorrente de uma moralidade mórbida e doentia. O escritor só soube do artigo em dezembro, dois meses depois. Sentindo-se humilhado e incapaz de defender-se, suicidou-se no dia do Natal, deixando como bilhete uma declaração pública: “À Notícia e ao Brasil declaro que sou um homem de honra”. Sobre o caso, cf. ESCUDEIRO, op. cit., posição 1491 e 1524.

lança e o escudo”. A sigla, por sua vez, era um emblema da constelação de ocupações que Cesarino teve no universo do trabalho: Professor, Advogado, Jornalista, Escritor e Médico.¹⁵⁹ O mote da sua narrativa era demonstrar como um “menino tão pobre ao ponto de andar descalço, chegou a Professor Emérito da prestigiosa Faculdade de Direito da USP, a Presidente da Sociedade Internacional de sua disciplina, e a membro da Comissão mais importante da OIT”. O seu desejo era de que seus leitores pudessem se inspirar por sua trajetória, sobretudo, por “mostrar-lhes que os preconceitos de raça e de classe podem ser vencidos pela dedicação ao estudo e ao trabalho e pela constância no esforço do próprio aperfeiçoamento, não obstante as dificuldades que se lhe oponham”.¹⁶⁰

Embora o anseio por reconhecimento e a ostentação do trabalho intelectual contenha elementos de classe e racialidade que distinguem o empenho autobiográfico de Cesarino do de homens brancos nascidos dentre as classes altas, a gramática do prestígio e da normatividade masculina na qual estruturavam o entendimento de suas vidas — e através da qual procuravam exprimir o seu valor — era a mesma. O engenheiro ituano, Adolpho Augusto Pinto, membro de uma família da elite cafeeira paulista, escreveu “Minha vida” para “que não fique em branco o lugar que o destino me reservou nos anais da minha estirpe, e possam meus descendentes conhecer com exatidão o que fui e o que fiz — embora sempre em modesta penumbra — na sociedade do meu tempo”. A ansiedade por ser reconhecido, de figurar nos anais de sua família, de sair da penumbra, era o que movia o autor a contar a sua trajetória, já no fim de sua vida. No livro, Adolfo Pinto procurava mostrar quem “era” através do que “fez”. Fora um primeiro capítulo curto, no qual condensou desde seu nascimento até a sua diplomação em engenharia, reservando apenas uma página e meia aos filhos, à esposa e ao seu casamento, todo o resto do livro é uma exaustiva e, pode-se dizer, ansiosa, listagem de seus feitos. A partir do segundo capítulo, “Início da Carreira”, onde parece iniciar efetivamente a sua história, a sua vida é resumida aos cargos que teve, às obras que realizou, à participação política em comissões oficiais, à listagem dos jornais em que

¹⁵⁹ CESARINO JÚNIOR, Antonio Ferreira. Introdução. In: Idem. **Memórias de um PAJEM**: Autobiografia. São Paulo, 1982, s/n.

¹⁶⁰ CESARINO JÚNIOR, Antonio Ferreira. **Memórias de um PAJEM**: Autobiografia. São Paulo, 1982, p. 3. Cf. BARBOSA, op. cit.

contribuiu como publicista, ao pequeno, mas orgulhoso, papel de mecenas e promotor das artes na capital paulista e à sua atuação política e benfeitora na Igreja Católica.¹⁶¹

Diante do impasse entre as promessas de glória pública e da felicidade doméstica muitos homens, como o general Couto Magalhães, se perguntavam “se há ou não vantagem em ter a companhia de uma mulher”, localizando na perda de autonomia e na divisão de sua energia com outros um dos principais empecilhos para o consórcio.¹⁶² Joaquim Nabuco, ele também um homem com intensa dedicação e entrega às questões públicas e patrióticas, enquanto ainda solteiro, refletia em seu diário que “quem casa toma raízes, e quem toma raízes, como toda a árvore, vegeta” e que:

não há dever mais árduo, que exija uma abnegação mais constante, do que o casamento ... **O casamento destrói o eu, e não se pode exigir maior sacrifício de um homem do que obrigá-lo a ser a segunda pessoa para si mesmo, e com os filhos a terceira, a quarta, a quinta, e menos ainda!** A mulher, porém, no casamento, não faz senão desenvolver seu egoísmo e alargar o seu eu. É por isso que o casamento parece inventado para favorecê-la e para fazê-la tirar o maior partido possível de sua posição natural em relação ao homem. Ela, porém, não lhe é mais agradecida por isso e continua a pensar que é a vítima.¹⁶³

¹⁶¹ PINTO, op. cit. (1970).

¹⁶² Entrada feita em seu diário íntimo em Londres, no dia 3 de outubro de 1880. Na altura, Couto de Magalhães tinha 42 anos. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira (organização Maria Helena P. T. Machado). **Diários Íntimo**. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 125-126 apud HENRIQUE, op. cit., p. 200-201. Couto de Magalhães foi um destacado político e intelectual de seu tempo, nascido em Diamantina em 1837 e morto no Rio de Janeiro em 1898. Para além da carreira política — foi governador das Províncias de Goiás, Pará, Mato Grosso e Minas Gerais durante o Segundo Reinado —, foi um aventureiro colonialista, “desbravador” dos “sertões” brasileiros, empreendendo concomitantemente diversos estudos etnográficos e folclóricos sobre os povos nativos do território brasileiro e ações de extração e exportação de riquezas minerais e animais. Em sua carreira militar, guiou tropas durante a Guerra do Paraguai, que lhe renderam o título de “herói nacional” e a patente de general após o fim da guerra. Couto de Magalhães permaneceu solteiro ao longo de toda a vida e teve três filhos que não moravam com ele. Sobre a condição de solteiro e a sua possível orientação não estritamente heterossexual, ver análise feita por Márcio Couto Henrique, Cf. HENRIQUE, op. cit., 192-281.

¹⁶³ Entrada feita em seu diário no dia 30 de junho de 1877, quando Nabuco tinha 28 anos. MELLO, Evaldo Cabral de (Org.). **Diários de Joaquim Nabuco (1873-1910)**. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2006, p. 161 apud HENRIQUE, op. cit., p. 208 (grifo do autor). Joaquim Nabuco (1849-1910) foi um destacado político e intelectual da segunda metade do século XIX. Conjuntamente com sua intensa atuação em favor do abolicionismo, Nabuco foi um importante diplomata do Império brasileiro. Nabuco se casou tardiamente, apenas em 1889, com 38 anos.

Aflitos com as limitações que a vida doméstica traria às suas ambições individuais, era corrente entre os homens a imaginação de que a domesticidade seria uma prisão que impediria o desenvolvimento de seu pleno potencial masculino. A domesticidade não conflitava apenas com as aspirações da juventude de liberdade dos prazeres, mas também com alguns dos preceitos basais da masculinidade normativa, como a independência e a autonomia, que eram inseparáveis do sentido que se dava à virilidade e às aspirações de glória pública. Ao mesmo tempo que aspiravam a tranquilidade, a constância e os calorosos afetos da domesticidade aburguesada, muitos homens também se mostravam descontentes com o poder disciplinar e domesticador que era simultaneamente instituído através dessa organização socioafetiva e material. Porém, processavam seus descontentamentos através de uma perspectiva misógina e patriarcal, direcionando sua inquietude e raiva para as esposas, por vezes fantasiando que seriam elas — e não as instituições normatizadoras, capitaneadas por homens — as grandes interessadas na instituição dessa ordem disciplinar e na contenção e restrição da autonomia masculina.

Em 1876, a Livraria Garnier lançou uma tradução de *Monsieur, madame et bébé* do romancista francês Gustave Droz. Intitulado *Papai, mamãe e nenê*, o livro era constituído por um conjunto de textos curtos retratando variadas cenas de família e de vida doméstica, tendo como uma de suas principais temáticas a exploração e a exaltação do amor conjugal e paterno. Na introdução do livro, o escritor afirmava que o seu desejo era compreender profundamente a alma masculina. Nesse sentido, o arco da obra foi construído como um processo evolutivo, principiando com as inquietudes e rebeldia de um jovem celibatário que, ao amadurecer, se casa e descobre a felicidade doméstica, desfrutando da profundidade da relação conjugal e das maravilhas da paternidade.¹⁶⁴

No livro, Droz fazia oposição frontal à emergente imaginação masculina de que o casamento seria, sobretudo, uma experiência de restrição e efeminação para os homens. Na abertura da segunda parte, em que abordava a vida de casado, constrói como narrador um

¹⁶⁴ DROZ, Gustave. “A ma lectrice”. In: Idem. **Monsieur, madame et bébé**. Paris: Société d’Éditions Littéraires et Artistiques/ Librairie Paul Ollendorff, s/d.

padre que se dirige para as “senhoras, minhas irmãs” e problematiza a relação masculina com o matrimônio:

Não sei por que há tanto prazer em cercar o casamento com armadilhas para lobos e coisas assustadoras, colocando placas ao redor dele com os dizeres: “Cuidado com os laços sagrados do hímen! Não vamos brincar com os deveres sagrados do marido! Meditem sobre o sacerdócio do pai de família! Chega de fraqueza, você se deparará com a dura realidade!” etc. etc.¹⁶⁵

Droz não negava que o matrimônio implicava em uma transformação significativa para ambas as partes, mas sugeria que a linguagem legislativa e sacramental do patriarcalismo cristão perigava criar uma imagem demasiado pesada da vida doméstica. Para além dos *deveres*, a seu ver, era necessário veicular e cultivar também o seu lado amoroso, leve, caloroso e prazeroso. Por isso, em seu livro, explorava desde questões envolvendo o amor e os prazeres sexuais no casamento — incitando os homens a explorarem a sexualidade com as suas esposas ao invés de as encararem como os “anjos do lar” — até as ternas emoções e descobertas de um pai com seu filho recém-nascido. Para além de ponderar os limites do discurso austero e altivo da cristandade em seu tempo, também afirmava que era preciso desconfiar do *caráter* dos homens que difundiam essa visão negativa da vida doméstica:

Pois bem! Irmãs, vocês sabem quem foi que obscureceu o quadro [do casamento] e transformou o que deveria ser uma recompensa em um castigo? — São os maridos que têm antecedentes e reumatismo. Por estarem cansados e... — como posso dizer? — experimentados — eles querem transformar o casamento em um asilo, com vocês como seus anjos. É bom ser um anjo, mas, acredite, ou é demais ou não é suficiente.

¹⁶⁵ Tradução livre realizada pelo autor a partir de DROZ, Gustave. **Monsieur, madame et bébé**. Paris: Societé d'Éditions Litteraires et Artistiques/ Librairie Paul Ollendorff, s/d, p. 94. No original: “Je ne sais pourquoi on s'est plu à entourer le mariage de pièges à loup et de choses effrayantes; à planter tout autour des écriteaux sur lesquels on lit: Prenez garde aux liens sacrés de l'hymen! Ne plaisantons pas avec les devoirs sacrés de l'époux! Meditez sur le sacerdoce du père de famille! Pooint de faiblesse, vous allez vous trouver face à face avec la dure réalité! etc. etc.”

[..] Mas, oh maridos com histórico, vocês acham que sua calma angelical e a prudente austeridade de seus princípios serão interpretadas como algo diferente do que são: cansaço? ¹⁶⁶

O homem com antecedentes seria aquele que desfrutou intensamente da liberdade de sua juventude e, chegando próximo aos trinta anos, casa-se com uma mulher com menos de vinte e encara essa nova fase de sua vida como uma aposentadoria de suas aventuras amorosas. Por isso, Droz retratava esses homens como velhos cansados, reumáticos, que buscavam fazer da domesticidade uma espécie de asilo, onde a jovem esposa seria sua cuidadora. Há pouco, quando tratamos da problematização do celibatarismo por Viveiros de Castro, vimos seu elogio à vida conjugal se dava a partir de uma perspectiva do cuidado maternal oferecido pela esposa. Para Droz, o homem jovial, que compreendia a verdadeira felicidade da vida doméstica, era aquele que se abria para explorar as relações de prazer, não apenas sexuais, mas também afetivas, de companheirismo e amizade com sua esposa.

Não temos muita notícia da recepção do livro de Droz, mas vale notar que no anúncio da tradução para o português feita n' *O Clarim*, o redator fez questão de frisar que a popularidade do livro na França tinha sido maior entre as senhoras que entre os homens. “E disse um critico francez que foi isso devido a ter Droz sacrificado ‘Monsieur á Madame’¹⁶⁷. Ou seja, para alguns homens, o retrato que Droz fazia da trajetória da vida masculina parece ter sido encarado antes como uma projeção dos desejos femininos para o que deveria ser um homem — e como esse deveria encarar a vida doméstica — do que como um retrato de suas dúvidas e aspirações.

¹⁶⁶ Tradução livre realizada pelo autor a partir de DROZ, Gustave. **Monsieur, madame et bébé**. Paris: Societé d'Éditions Litteraires et Artistiques/ Librairie Paul Ollendorff, s/d, p. 94-95. No original: “Eh bien! Mes soeurs, savez-vous quels sont ceux qui ont assombri le tableau et transformé en châtiment ce qui devrait être une récompense? – Ce sont les maris qui ont des antécédents et des rhumatismes. Étant las, et... – comment dirai-je? – éprouvés, – ils veulent faire du mariage une maison de retraite, dont vous serez les anges. C'est gentil d'être ange mais, croyez-moi, c'est trop ou pas assez./Mais, ô maris qui avez des antécédents, croyez-vous qu'on prenne votre calme angélique et la prudente austerité de vos principes pour autre chose que ce qu'ils sont: de la fatigue?”

¹⁶⁷ PAPAÍ, mamãe e néné. **O Clarim**: Periodico Hebdomadario dedicado aos interesses da Villa de S. Vicente. São Vicente, 19 de março de 1876, n. 28, p. 2.

Essa problematização masculina do suposto desejo feminino de que os homens se moldassem ao ideal do “bom marido” — homem domesticado, efeminado e devoto ao *lar* — também foi tratada na literatura brasileira. Em *Livro de uma sogra*, último romance de Aluísio Azevedo, o escritor maranhense, que à época ainda era solteiro, expressava de forma contundente a imaginação masculina da domesticidade como uma restrição ao desenvolvimento pleno da masculinidade.¹⁶⁸

O romance gira em torno das meditações e teorias de Olímpia, uma mulher de posses e idade avançada, que vive no Rio de Janeiro e deseja encontrar a fórmula perfeita para que sua filha seja feliz na vida conjugal. Através das meditações de Olímpia, Aluísio conduz uma densa crítica à instituição do casamento, que tem como cerne a tese de que a felicidade conjugal só poderia ser atingida pela manutenção de um estado de apaixonamento e de excitação sexual. A convivência contínua seria desanimadora e produziria demasiados conflitos e atritos. Portanto, a coabitação, que era uma das bases da domesticidade burguesa¹⁶⁹, precisava ser abolida: marido e mulher deveriam viver separados, encontrando-se apenas ocasionalmente, como se fossem eternos namorados. Nesse regime, o sexo seria priorizado à amizade e ao afeto, invertendo as prioridades da felicidade doméstica e conjugal burguesas. Na tese de Olímpia, era justamente a confusão entre a amizade e a sexualidade que levava os casamentos à decadência.

Como o intuito de Olímpia era alcançar a felicidade de sua filha, ao longo romance Aluísio reflete sobre as problemáticas do matrimônio a partir de uma perspectiva feminina. Porém, também se debruça longamente — até mesmo exageradamente, se notarmos que eram divagações acessórias ao andamento da narrativa e às reflexões e propósitos da narradora — sobre as aflições masculinas. No início de suas considerações sobre o problema do matrimônio, Olímpia medita sobre as diferenças do regime do casamento para o homem e

¹⁶⁸ AZEVEDO, op. cit., 1895. Sobre a vida do autor e sua obra, ver: MÉRIAN, Jean-Yves. **Aluísio Azevedo: Vida e Obra (1857-1913)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/ Garamond, 2013. Sobre *Livro de uma sogra*, Cf. ALMEIDA, op. cit. e HENRIQUE, op. cit.

¹⁶⁹ No *Compêndio de instrução moral e cívica* de Alexandre Chiarini, por exemplo, a coabitação — “morada em comum, no domicílio conjugal” — era apresentada como um dos *deveres* conjugais. O afastamento prolongado do homem de casa era tolerado, temporariamente, em condições excepcionais, como para o “exercício de certos trabalhos e profissões”. O afastamento da mulher não era sequer cogitado como possibilidade. CHIARINI, op. cit., p. 96.

para a mulher. Através de suas reflexões sobre o lugar do homem na vida doméstica, podemos observar com mais detalhes a ansiedade de perda de autonomia e até mesmo de emasculação que rondavam a vida doméstica masculina.

Pela perspectiva de Azevedo, o homem teria interesse apenas na sexualidade e na paixão. Para ele, o casamento seria apenas um evento periférico em sua vida, enquanto para a mulher seria todo o sentido de sua vida e foco máximo de sua realização. Desse desequilíbrio de investimento — afetivo, imaginativo, libidinal — decorreriam grande parte das desavenças entre os esposos. No começo de suas meditações, avaliando os regimes de concubinato e de casamento, Olímpia pondera que:

No casamento o escravizado é o marido; no outro caso a escravizada é a mulher. O casamento é o sacrifício de um homem em proveito da sociedade; o concubinato é o sacrifício de uma mulher feito a um homem. **A mulher casada vê no “seu” marido uma propriedade sua; e, para manter a felicidade burguesa do seu lar e para não perturbar a supposta tranquillidade da sua vida conjugal, quer que elle, ao entrar casado na camara nupcial, despeje para sempre o coração de todos os seus sonhos de gloria; quer que elle abdique, em proveito do seu novo estado, de todas as suas ambições brilhantes, de todo o seu idéal de conquistas na vida publica.** E desse dia em diante, tudo que nelle fôr pessoal e de alcance exterior encontrará nella um inimigo terrível. No triumpho individual delle ella verá uma perenne ameaça aos seus direitos de proprietaria conjugal. A felicidade particular delle, posto que de character moral, será por ella considerada um roubo, um attentado commettido contra a solidariedade do casal. Que elle seja um “Bom marido” é o essencial, é quanto basta; é tudo o que ella exige delle e é só o que ella consente que ele ambicione.¹⁷⁰

Através das considerações de Olímpia, Aluísio Azevedo dava vazão à perspectiva masculina que vilipendiava as mulheres e a cultura feminina por cultivarem um ideal de “bom marido” ameno, desvirilizado e domesticado. No casamento, o homem deixaria de ser proprietário de si mesmo e passaria a ser uma propriedade de sua esposa. Através dessa formulação, Azevedo nos permite entrever um dos principais fantasmas que rondavam essa

¹⁷⁰ AZEVEDO, op. cit. (1895), p. 56-57 (grifos do autor).

imaginação masculina: a domesticidade burguesa, caricaturizada, figurava como uma ameaçadora inversão da ordem “natural” do patriarcalismo, fazendo da mulher a nova soberana do *lar* e o homem, destronado, seu súdito. Um casamento bem regulado, a seu ver, seria aquele em que a desigualdade e a hierarquia “natural” entre os gêneros eram preservadas:

Dir-me-ão talvez que, tanto um como outro, não preenchem o idéal da mulher, e que o melhor partido é o de um homem que a ame de igual para igual.

Não. Essa igualdade é bonita, mas é impossível e, se fosse possível, seria inconveniente. A mulher, já pela sua especial constituição physica e intellectual, já pelo seu natural estado de passividade, não pode em caso algum ser a igual do homem com que vive.

O raro caso da absoluta superioridade da mulher é uma anomalia que traz fatalmente o desequilibrio do casal.

É justamente dessa desigualdade, perfeita, desse contraste de aptidões physicas e moraes, que nasce a sublime harmonia do amor. É com a variedade de competências e de necessidades de cada um, que os dous se completam.

Pois se até na idade e na estatura physica é conveniente, para o bom equilibrio de um casal, que haja certa inferioridade da parte da mulher! No que precisa haver identidade é no ponto de educação social e no gráo de collocação na escala ethnologica.

[...] A estatura moral da mulher em relação ao seu homem deve ser como a sua estatura physica — ella não deve ficar-lhe nunca abaixo do coração, nem tão alto que chegue a nivellar a sua cabeça com a delle. O casamento seria talvez supportavel, se a esposa comprehendesse esta verdade, mas em geral a mulher casada, nem só pretende alcançar a estatura official do marido, como ainda quer excedel-a na consideração publica.¹⁷¹

O pavor contido nessa imaginação estava explicitamente vinculado à aspiração feminina de igualdade, que avançava um pouco no regime burguês em relação ao patriarcalismo colonial, mas que, pela ótica ansiosamente distorcida de alguns homens, tornava-se uma

¹⁷¹ Ibidem, p. 68-69 e 74.

ameaça de inversão e de aniquilação de toda possibilidade de existência de homens másculos. Na cultura masculina normatizada no período, como já vimos, a autonomia e a independência eram características fundantes do orgulho masculino: o homem “de verdade” deveria ter ambições próprias e ter uma determinação, uma *força de vontade*, avassaladora e inabalável. Subjugar-se a outro, tornar-se a “segunda pessoa para si mesmo” era uma aproximação da posição feminina ou, pelo olhar branco de classe alta, dos homens negros e/ou trabalhadores, que “se permitiam” ser dominados.

O homem que se permitia ser “mandado” pela esposa era um homem desvirilizado, passivo, submisso, que não era dono de si. Esse homem se tornava alvo de ridicularização por seus pares em um emergente rito de afirmação da supremacia masculina, que se ramificou até a atualidade em uma longa série de expressões, piadas e caricaturas em torno desse homem “domesticado”, dito “pau mandado”.

Nessa perspectiva distorcida, que projetava no casamento burguês uma espécie de inversão radical do patriarcalismo, Azevedo imaginava a esposa como uma fervorosa opositora do desenvolvimento da faceta pública de seu marido. Visando a sua própria felicidade, a esposa forçaria o homem a se moldar como “caseiro, metódico, pacato, previdente; que disponha de recursos para manter a família, e não tenha a menor ambição de nome”¹⁷². Renegando seus anseios individuais e públicos em prol das demandas reprodutivas da família, o homem veria seu papel social reduzido ao de procriador e provedor:

Para ser um bom marido não póde o individuo ser um “homem de acção”, como não póde ser um “contemplativo”. Não póde ser um conquistador, um revolucionario ou um grande emprehendedor, como não póde ser um poeta, um artista ou um sábio. E como são essas as duas unicas ordens em que se divide a humanidade productora, da summa de cujo esforço de acção ou de pensamento tira a evolução historica a sua grande força de impulso e de aperfeiçoamento geral, segue-se que o “Bom marido”, na communhão da vida inteligente e na obra do progresso do mundo, não tem logar como

¹⁷² MOSSE, op. cit., p. 7.

homem, mas só como animal, e seu esforço só poderá ser aproveitado como passivo instrumento da vontade alheia.¹⁷³

Na base dessa ansiedade em torno da efeminação do homem, podemos observar a mesma perspectiva catastrófica que vimos anteriormente em torno dos meninos que não correspondiam à idealização de virilidade dos educadores da nação: o ideal do “bom marido” neutralizaria toda a força viril que moveria a sociedade, que constituiria seu *progresso* com sua coragem e determinação. Nessa existência domesticada, o “bom marido” teria o prazer de ser pai, mas para isso sacrificaria parte significativa de sua individualidade em prol da esposa e da família, ajustando seus comportamentos, seus prazeres e seu temperamento para garantir a almejada paz doméstica. Fundido à coletividade familiar, o homem perderia sua individualidade e todas as suas escolhas passariam a ser pautadas pelo bem comum, obstruindo suas curiosidades e sua inclinação para a inovação:

Por isso um bom marido deve ser unica e exclusivamente um bom marido, e nisso limitar toda a sua aspiração. Um bom marido não deve ter patria, nem idéas. A sua patria é a casa, e o programma de todo o seu pensamento é o seguinte: Ter ou obter meios para a regulada subsistencia da família; não perturbar nunca a paz burgueza do lar; attrahir à casa, de vez em quando amigos serios e respeitadores dos principios estabelecidos; promover partidas de dança, em que a mulher se divirta, em que as filhas, se já estiverem desenvolvidas, possam namorar para obter o marido; não faltar nunca ao lado da esposa com o provimento sexual de que ella, conforme o seu temperamento, careça para o seu bem estar e perfeita synergia do organismo; e nunca, nunca, dar ou promover escandalos, sejam estes de ordem política, artistica, amorosa, domestica, ou sejam de simples e innocente folguedo.

Para o satisfactorio desempenho desta ultima parte do programma, deve o bom marido abster-se de escrever, com assignatura, artigos em jornaes e livros principalmente; não deve ler senão as obras que possa dar tambem a ler à sua família; não deve expôr, ao público e à venda qualquer producção artistica de sua lavra, mas reserval-as para ornamento da sua sala de visitas ou de jantar; no seu modo de vestir

¹⁷³ AZEVEDO, op. cit., p. 58.

nunca trazer a roupa muito à moda, nem muito fóra da moda; deve, enfim, nisto, como em tudo absolutamente, escolher sempre o meio termo, o regular, o medio, porque a mediocridade deve ser o seu nível. Razão esta para que evite, escrupulosamente, aperfeiçoar-se em qualquer ramo de conhecimento científico ou artístico, que da perfeição póde, mesmo sem querer, cahir no sucesso e applauso publico, o que lhe não convém de modo algum, por ser escandaloso. Todo o sucesso é um escandalo, e o bom marido deve temer o escandalo antes de tudo.

[...] Quando, nos grandes momentos decisivos para a vida publica de um homem, tenha este, sem hesitação, de arriscar tudo num lance resolutivo, num rasgo de coragem, e, ou galgar de assalto a victoria completa, ou cahir vencido para sempre; se elle é casado, a mulher agarra-o com ambas as mãos, grita, chora, enlaça-o nas suas saias e não o deixa sahir de junto della, reclamando egoisticamente que o infeliz é seu marido e que ella não pode consentir que elle se exponha, porque seria expôr também a segurança do seu lar e da sua familia.¹⁷⁴

Não se pode deixar de notar que essa existência centrífuga, que tanto apavorava essa imaginação masculina era exatamente a existência que os homens demandavam das mulheres na vida doméstica.¹⁷⁵ Porém, pelo olhar machista desses homens, para a mulher seria “natural” dedicar a vida à família e ao *lar*, enquanto para eles, seria “antinatural”. A mulher encontraria nessa vida doméstica a sua plena alegria e contentamento, porém, para o “bom marido”, a constância da domesticidade seria tacaña e enfadonha, regrando “seus atos” e “suas funções” de forma “inalterável como uma pêndula: — da casa para o trabalho e do trabalho para casa”. Para Azevedo, nesse ritmo, a relação do casal “desfaz-se em tédio e obrigações maçantes” e “o lar deixa de ser o ninho da paz e do descanso para ser ‘a obrigação da casa’. E em obrigação, e obrigação acabrunhadora, transforma-se toda a vida do homem, desde a mesa da comida até a cama, só lhe ficando intacta a consolação de ser pae”¹⁷⁶.

¹⁷⁴ AZEVEDO, op. cit., p. 58-60 e 64-65.

¹⁷⁵ Cf. CARVALHO, op. cit. (2008).

¹⁷⁶ AZEVEDO, op. cit., p. 62.

Por isso, Olímpia conclui no romance que, se tivesse um filho homem, não teria dúvidas em recomendar-lhe o regime de concubinato, pois nesse o homem não se enfadaria com o regime da coabitação e os ímpetos de controle da esposa seriam dirimidos pela condição instável de amante, que perante a sombra da separação, procuraria sempre agradar o homem e não ousaria com ele discutir “de igual para igual”¹⁷⁷. E quase em uma troca momentânea de papéis com o autor, a narradora imagina ser homem e conclui que, nesse caso, “sacrificaria de bom grado parte de minha força nervosa pela gloria de ser um grande escriptor, ou grande artista, ou um grande sabio” e que estaria plenamente satisfeita se um filho fizesse o mesmo.¹⁷⁸ Mas como tinha uma filha, suas preocupações eram outras e o seu ideal de genro era o oposto.

Incorporando a ansiosa imaginação masculina a respeito das aspirações femininas de controle e domesticação dos homens, Olímpia se enerva ao imaginar que seu genro poderia ser um “homem de talento singular”:

Nem fallar disso é bom! O homem de talento não pertence à familia, pertence à multidão, pertence à sua pátria, pertence ao mundo, pertence ao seculo; que sei eu? pertence ao diabo, pertence a tudo, a tudo, menos à pobre mulher com quem cahio na perniciosa asneira de casar.¹⁷⁹

O ideal de Olímpia para sua filha é de um comerciante, que trabalha apenas pelo dinheiro, com carreira estável e pouco afeito a paixões públicas. Um homem “intellectualmente nullo”¹⁸⁰. A seu ver, “o poeta sonha quando trabalha e animaliza-se para descansar”,

¹⁷⁷ Ibidem, p. 70.

¹⁷⁸ Ibidem, p. 214-215. O comentário sobre o sacrifício da força nervosa está associado com a difundida percepção de que os homens que exerciam atividades criativas e intensamente intelectualizadas possuíam propensão à fraqueza nervosa, chamada à época de neurastenia. Na mesma página, Olímpia trata da incompatibilidade dessa entrega à criação com a vida doméstica, pois “o constante esforço encephalico, para conceber e produzir grandes obras de arte, traz fatalmente consigo o precoce esgotamento nervoso; o que suponho, não preciso dizer que é de summa importancia na felicidade conjugal”. Ibidem, p. 214. O homem enfadado, cansado e irritado — hoje em dia, diríamos *estressado* — era um dos principais problemas da domesticidade. No caso dos artistas e escritores, vale recordar as considerações que fizemos anteriormente, na parte II desta tese, sobre a percepção de Domingos Jaguaribe a respeito da morte prematura de alguns ilustres brasileiros e dos perigos higiênicos dos “meninos velhos”. Sobre a problematização da neurastenia no período, ver BEDERMAN, op. cit.

¹⁷⁹ AZEVEDO, op. cit. (1895), p. 214.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 219.

enquanto “o comerciante trabalha como animal e repousa com o sonho”. Dessa maneira, a vida doméstica do burguês seria mais rica e contente, uma vez que “depois de deixar o estúpido serviço, começa a viver para a phantasia e para o coração”, enquanto o poeta, “quanto mais sublime e elevado fôr na sua obra, tanto mais prosaico e terrestre será na vida privada”¹⁸¹.

Como observa Roberto Ventura, a polêmica, a postura combatente e valente, tornou-se um comportamento frequente entre os escritores de fins do século XIX, sobretudo, a partir do engajamento intelectual da geração de 1870. Através de suas penas, esses homens se pensavam de maneira heroica, ansiando incidir de maneira disruptiva na sociedade: expondo e criticando abertamente as hipocrisias das elites, do domínio oligárquico, da escravidão e do regime monárquico.¹⁸² O próprio *Livro de uma sogra* de Azevedo, com suas ácidas críticas à instituição do casamento, pode ser pensado como um escândalo, que gerou ampla repercussão. Um comentarista da época, o escritor e jurista Agenor de Roure, apesar de expressar total aversão às ideias do autor, reconhece que em torno do livro “se tem feito ‘verdadeiro’ barulho, provocando controvérsias, discussões e comentários nos jornaes, nos bonds, nos cafés, nos corredores do parlamento, nas alcovas, em toda parte”¹⁸³.

Jogar-se na esfera pública e digladiar-se com outros homens não era apenas idealismo e patriotismo, ou disputa por poder no campo intelectual, mas eram também atos de coragem e bravura, de virilidade. Não era conveniente para a domesticidade, mas defender a honra

¹⁸¹ Ibidem, p. 225. Em *A carne* (1888), Julio Ribeiro também dramatiza as tensões entre os desejos masculinos e femininos em torno do casamento. Logo no começo do romance, Lopes Macedo, indignado que sua filha Lenita recusava todos pedidos de casamento de bacharéis e homens da classe alta, indaga a moça sobre suas intenções. Ela afirma que, no momento, não queria se casar, mas que quando o quiser, fará. “Mesmo com um homem mediocre?” — indaga o pai, preocupado que lhe passavam bons partidos. “De preferencia com um homem mediocre. Os grandes homens em geral não são bons maridos”. E emenda com uma provocação sobre a pretensiosa posição dos homens da alta sociedade: “Demais, si os taes senhores grandes homens escolhem quasi sempre abaixo de si, por que eu que, na opinião de papae, sou mulher superior, não faria como elles, escolhendo marido que me fosse inferior?”. Lenita expressava o descontento de muitas mulheres com o seu injusto rebaixamento e problematizava a obsessão da cultura masculina com a glória pública. O pai, por sua vez, se preocupava que tivesse dado instrução demais à filha e que, assim, tivesse “estragado” a moça. RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. São Paulo: Livraria Teixeira, 1896, p. 7.

¹⁸² VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 71-73.

¹⁸³ DE ROURE, Agenor. O livro de uma sogra (impressões de leitura). *O Paiz*, 13 de outubro de 1895.

em público era uma questão central da normatividade masculina.¹⁸⁴ Os homens “esclarecidos” e racionais, orgulhosos de sua capacidade de autocontrole e civilidade, ao mesmo tempo, eram extremamente viris, suscetíveis aos comportamentos irascíveis e irracionais. Em torno da virilidade, controle e descontrole se complementavam, como duas faces que, embora antagônicas, compunham uma mesma moeda.

Assim como no duelo, no embate de ideias a honra só poderia ser reparada com a violência e a derrocada do oponente, ou seja, através da demonstração de superioridade de força, músculo e agressividade.¹⁸⁵ Algumas ficavam nas trocas de palavras e ofensas, mas muitas transcendiam as páginas dos jornais. Em 1889, quando Olavo Bilac decidiu sair do jornal *A Rua*, seu editor, Pardal Mallet, ficou ofendido e desafiou o poeta para um duelo de espadas. Diferentemente do duelo com Raul Pompeia, esse não foi resolvido com um acordo de cavalheiros: escondidos da polícia, os dois foram às vias de fato e, no embate de espadas, Bilac foi vencedor, atingindo o oponente com um golpe na barriga.¹⁸⁶

O escândalo também poderia advir da defesa de outras violações à honra, como a posse patriarcal de uma mulher. Foi assim o homicídio de Toledo Piza, que matou Nenê Romano e depois se suicidou em plena Avenida Angélica, pela recusa dessa em tornar-se sua esposa. E também o embate armado entre Euclides da Cunha e o militar Dilermando de Assis, amante de sua esposa Ana Emilia Ribeiro. Ao invadir a casa de Dilermando bradando que chegara para “matar ou morrer”, Euclides alvejou o irmão de seu rival, Dinorah, e após uma dramática troca de tiros com o homem que feriu a sua honra por ter “tomado posse” de sua mulher, acabou ele mesmo morto e baleado. Sete anos depois, procurando vingar a morte do pai e

¹⁸⁴ José Martinho Rodrigues Remedi sugere que a defesa da honra era especialmente importante entre os intelectuais e escritores. REMEDI, op. cit. Cf. também SILVA, Ana Carolina Feracin. Entre a pena e a espada. Literatura e política no governo de Floriano Peixoto: Uma análise do jornal *O Combate* (1892). **Cadernos AEL**, v.9, n.16/17, 2002.

Refletindo sobre a dramaturgia da esfera pública em fins do século XIX, Ari Adut propõe pensar o escândalo como uma publicização disruptiva de alguma transgressão. O escândalo podia ser publicizado à revelia do realizador, mas podia ser criado por ele proativamente, como uma provocação chocante e agressiva a um consenso estabelecido ou a uma norma social. Transgredir ou polemizar em privado era diferente de transgredir em público, sendo completamente distintos o manejo e o impacto das ações. E quanto maior visibilidade tivesse o transgressor, maior o seu impacto. ADUT, Ari. A Theory of Scandal: Victorians, Homosexuality, and the Fall of Oscar Wilde. **American Journal of Sociology**, v. 111, n. 1, jul 2005, p. 219-221.

¹⁸⁵ VENTURA, op. cit., p. 141-145.

¹⁸⁶ REMEDI, op. cit., p. 173. Sobre o duelo entre Bilac e Raul Pompeia, ver também: ESCUDEIRO, op. cit. e SILVA, op. cit. (2002).

recuperar sua honra, Euclides da Cunha Filho tentou assassinar Dilermando na rua, e acabou também morto pelo militar.¹⁸⁷

Além dos danos corporais, as vezes até mortais, a virilidade do escândalo e da polêmica pública poderia trazer também outras consequências materiais que conflitavam com a posição de provedor esperada de um chefe de família. Jean-Yves Mérian sugere que Aluísio Azevedo não conseguiu uma ocupação no setor público no Maranhão, arranjo que era bastante comum entre os escritores da época, porque as críticas sociais explicitadas em *O mulato* (1881) e em artigos virulentos publicados em *O Pensador*, geraram desafetos que o indispuseram para a indicação a um cargo.¹⁸⁸ Diferente de seu irmão, Arthur, por conta de seus alardes republicanos e críticas mordazes à sociedade imperial, não teve a recomendação política para ocupar um cargo público, o que tentou constantemente, até que em 1895, após a instauração do regime de concursos, conseguiu ser aprovado para o posto de diplomata, quando decide também abandonar a carreira literária. A publicação de *O Ateneu*, que denunciava maus tratos e tendências homossexuais nas escolas de elite, também trouxe graves consequências para a reputação pública de Raul Pompeia — para muitos, o livro foi lido como autobiográfico, o que levantou dúvidas sobre a honra e a virilidade de um celibatário que aos trinta anos ainda vivia com a mãe, afetando a sua reputação como intelectual e escritor.¹⁸⁹

A posição de provedor, para muitos homens, também era vivida como problemática e ameaçadora da sua individualidade. Para além dos enfados e conflitos que Azevedo projetava na vida doméstica e conjugal, Jean-Yves Mérian nota que a condição de solteiro lhe permitia uma liberdade financeira que o ajudou a conduzir a carreira de uma profissão precária como a de escritor, onde os ganhos eram inconstantes e não muito elevados.¹⁹⁰ Aluísio não era nem doutor nem bacharel, não tivera possibilidade de estudar além do secundário, que não

¹⁸⁷ Sobre o assassinato de Nenê Romano, ver: FAUSTO, op. cit. e FERREIRA, op. cit. (2017). Sobre o caso de Euclides da Cunha, ver: VOGEL e FERREIRA, op. cit. Sobre a defesa da honra patriarcal, ver: CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Campinas: Ed. Unicamp, 2000.

¹⁸⁸ MÉRIAN, op. cit. p. 370.

¹⁸⁹ ESCUDEIRO, op. cit.

¹⁹⁰ MÉRIAN, op. cit., p. 356-369.

chegou a terminar, e a oscilação de seus rendimentos impactavam diretamente nas suas condições de sobrevivência.¹⁹¹

E essa, certamente, era a condição de muitos homens letrados, que ambicionavam a escrita e outras carreiras artísticas, mas não contavam de heranças e muito menos do renome de Azevedo. Embora houvesse escritores com cargos públicos e rendimentos estáveis, como Machado de Assis, ou que, por terem fama elevada, recebiam mais por suas colaborações para os jornais, que se somavam a bons contratos com editoras, grande parte vivia com rendimentos instáveis e baixos. De acordo com as estimativas de Mérian, para o salário de jornalista — onde estavam empregados grande parte dos escritores no Rio de Janeiro —, o ganho médio era suficiente para custear a vida de um solteiro, mas não de uma família. Muitos moravam em pensões ou em casas de cômodos, “onde os que não podiam alugar um apartamento moravam em quartos mobiliados”¹⁹². Mesmo tendo publicado em 1888 o romance naturalista *A carne*, que teve grande sucesso editorial, dois anos depois, Júlio Ribeiro, em seu leito de morte, encontrava-se em grande estado de penúria que, à beira de sua morte, em 1890, endereça uma carta aos jornais rogando para que o deixassem “morrer em paz e que não tragam mais para a imprensa as minhas condições de pobreza”¹⁹³. Olavo Bilac, por sua vez, teve problemas em arranjar um casamento, e acabou solteiro, situação que provavelmente não lhe era confortável, ainda mais considerando que o casamento com a mulher que amava foi interditado pelo irmão da noiva, que considerava que Bilac não tinha dinheiro suficiente para sustentar sua futura família.¹⁹⁴

Sustentar uma família e ocupar o posto de provedor, além de ser um rito de passagem à maioridade e de despojamento da liberdade gozada na juventude, demandava constância e recursos de certo montante, que, na ausência de uma herança, colocava muitos homens em posição conflitante com seus anseios profissionais. Em *Inteligência e moral do homem*, Domingos Jaguaribe alertava seus leitores:

¹⁹¹ Ibidem, p. 370.

¹⁹² Ibidem, p. 363-364.

¹⁹³ RIBEIRO, Júlio. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1890, p.1 apud MÉRIAN, op. cit.p. 367.

¹⁹⁴ ESCUDEIRO, op. cit.

Antes de qualquer homem se casar, deve consultar suas posses, suas inclinações e costumes; porque os maiores desgostos são os que não nos afligem individualmente, mas acarretam os sofrimentos dos que descendem de nós.¹⁹⁵

Atracar a sua trajetória e carreira individual — que para muitos homens, tornava-se elemento central de sua identidade e de seu sentido na vida — à responsabilidade de ter que sustentar uma família, dividir o seu tempo com novos *deveres* e obrigações, para muitos era uma perspectiva intimidadora. Da mesma forma, atracar sua liberdade expressiva e questionadora à responsabilidade familiar — que para muitos se tornava também parte de sua honra própria e senso de autodeterminação, mas também parte de sua “missão” pública para com a nação e a humanidade — era uma experiência conflituosa dentro de um regime de masculinidade que valorizava o estrondo da glória e da realização pública.

Se Azevedo se agitava com azedume acerca da incompatibilidade do escândalo do homem público com o “bom marido”, construindo o segundo como uma figura emasculada e subserviente, nos textos prescritivos o ideal do “bom marido” era promovido positivamente. Américo Werneck, em *A arte de educar os filhos*, recomendava que Hermengarda utilizasse como critério para escolher o marido de sua filha “a seleção dos sentimentos puros, que são os esteios principais da tranquilidade domestica”¹⁹⁶. O bom partido, seria um homem modesto, sensato, comedido:

Não basta tratar bem a esposa para fazel-a feliz, isto apenas consola; é mister ainda elevar-se no seo conceito, respeitar a sua religião, venerar o seo pudor, partilhar de suas aflições, ter hábitos caseiros, associar-a aos seus prazeres, poupar-lhes desgostos e prover as necessidades domesticas por meio do trabalho, da economia e da ordem.¹⁹⁷

¹⁹⁵ JAGUARIBE FILHO, Domingos José Nogueira. **Inteligência e moral do homem**. São Paulo: Typografia King, 1887, p. 100.

¹⁹⁶ WERNECK, op. cit., p. 313-315.

¹⁹⁷ WERNECK, op. cit., p. 322. Contrariando a lógica patriarcal tradicional, Werneck recomendava a seus leitores e leitoras que na escolha do marido das filhas não deveriam se deixar levar pelo dinheiro, pois muitas vezes os ricos seriam devotos ao luxo e ao ócio e, conseqüentemente, inclinados aos comportamentos imorais. *Ibidem*, p. 313.

Deveria a relação dos homens com a esfera pública, assim como os prazeres, também ser temperada? Na escrita normativa de Werneck, bem como nas aspirações de Olímpia, o escândalo era caracterizado como uma expressão de excesso, uma ação desmedida e desestabilizadora da família e do *caráter*. Na perspectiva de Azevedo, um artista que construía sua identidade através da crítica e da polêmica, o escândalo era entendido como elemento central da existência masculina.

Ao confrontarmos as imaginações de Nabuco e Azevedo com os discursos normatizadores de Werneck, Smiles, Janet e outros moralistas e educadores da nação, fica patente que os conflitos em torno da masculinidade não eram estruturados por aspirações divergentes de homens e mulheres, como imaginavam os primeiros. Conviviam dentro da própria esfera masculina discursos antagônicos a respeito do impulso viril ao sacrifício da esfera pública e do retiro para a vida regrada da domesticidade. Eram, em verdade, problematizações sobre a masculinidade que eram articuladas conforme a posição de quem as enunciava. Quando pensavam a si mesmos, muitos homens manifestavam posições ambivalentes em relação à vida normativa. Quando pensavam em outros homens — seus futuros genros ou a massa abstrata que comporia “o futuro da nação” —, elogiavam e exaltavam as qualidades disciplinares do regime da domesticidade. Os desejos e as aspirações não eram coesos. O amálgama de discursos que compunham as normativas masculinas tinha grande convergência, mas também guardavam conflitos e contradições entre si e que, os indivíduos e grupos procuravam acomodar e equacionar, com maior ou menor efetividade, em suas vidas.

PARTE RECREATIVA

Ballada Ossianica

... Toca ainda, toca muito, toca sempre, ó filha da languida tristeza ! Quando tu tocas sinto que a vida se entorna em minha alma que se dilata, meu coração se entumece de amor e de ternura, e meus olhos se arrazam de lagrimas silenciosas e timidas.

Toca ainda, toca muito, toca sempre, ó filha da languida tristeza !

Essa ballada ossianica, que teus dedos arrancam do seio musical do teu piano, tem harmonias que arrebatam, notas que lembram o céu, eccordes que trazem aos ouvidos d'alma as divinas melodias do Empyreo.

As filhas de São choravam com essa musica. Julieta e Eloisa tinham na voz essas harmonias quando fallavam seus amores, essa é a ballada que os anjos desferem nas cordas de seus dourados alaúdes, a oração que os crentes mrmuram sobre a terra !

Oh ! toca ainda, toca sempre essa ballada, filha da languida tristeza !

Os bosques, as auroras, os laranjeas em flor, o céu e o mar, não têm mais magestade, mais brilho, mais perfume, mais frescura, e mais harmonias que essa ballada ossianica que teus dedos arrancam do seio musical do teu piano.

Ah ! toca sempre, sempre, ó filha da languida tristeza !

Não vês nossa filha que fita em teus olhos pretos e expressivos os seus grandes olhos azues e intelligentes ? Não vês naquella boca purissima e ainda tepida dos beijos de Deos como brinca o sorriso fresco e innocente das crianças ? E' Deos quem te contempla e te sorri, é Deos que te premeia. . .

Oh ! toca ainda, toca muito, toca sempre, doce filha da languida tristeza !

Que queres mais ? Tens o meu amor e as minhas lagrimas, a Poesia que te aureola a fronte, a Musica que te inspira, Deos que te contempla e tua filha que te sorri. . .

Que queres mais, ó alma da minha alma !

Toca, toca sempre essa ballada, ó filha da languida tristeza !

Quando, um dia, despertando com os hymnos festivos da alvorada, divisares no céu o mesmo sol ardente que hoje nos aquece, e um leccrimoso raio da lua fór beijar a branca sepultura em que eu repouse, lembra-te de mim, esparge sobre a minha memoria as humidas flores do teu pranto, e manda-me na aza transparente de uma supplica essa ballada ossianica que teus dedos inspirados arrancam do seio musical do teu piano. . .

Toca ainda, toca muito, toca sempre, ó doce filha da languida tristeza !

C... M.

Agouro

Indo, em 1779, Luiz XVI, acompanhado do Imperador José II, visitar a Igreja de S. Diniz, perguntou a razão porque allí se achava um feretro alumiado por muitas luzes.

O prior respondeu :
— E' o cadaver do antecessor do monarcha reinante que allí está ; e não passará a occupar o lugar que lhe é

destinado, enquanto não terminar o reinado do seu successor.

Quanto ás luzes, são tantas quantos os annos de duração do reinado do ultimo rei.

Conservam-se acesas noite e dia, e seria indício d'alguma grande desgraça, se alguma d'ellas se apagasse. Mal o prior acabava de dar esta explicação, um impetuoso vento se levantou e sacudindo tres vezes o manto que cobria o feretro apagou todas as luzes menos 17.

Um grito unanime d'espanto e terror se ouviu então. Maria Antonietta lançou-se nos braços de seu marido ; e todas as pessoas que presenciaram o facto se persuadiram de que grandes desgraças ameaçavam a monarchia e a fortuna do soberano.

Com effeito, tão fatal agouro não deixou de realisar-se. Ao cabo de 17 annos do seu reinado, rodavam as cabeças reis francezes sobre o cadafalso !. . .

O URUBÚ E O SABIA'

FABULA

O sabiá vê n'um ramo
Um urubú e canta :
« Ave negra, tão sem graça
Quem te fez, quem te gerou ? »

O urubú lhe tornou :
« Quem deu-te o sopro vital
Collocou-me neste mundo
E deu-me um valor real. »

« Os restos que cheiram mal,
Que fazem doença atroz,
Dou cabo delles. . . Não vale
Esse dom a tua voz ?... »

« Vale mais... » e muito a sós
Murmurou o sabiá,
Um desses hymnos sentidos,
Todo das brizas de cá.

MORALIDADE

Talento te faltará ?
Tens o corporeo vigor.
Dous dotes ao mesmo ente
Não outorga o Creator.

A. DO BOMSUCESSO.

Pai, mãe e filhos

De todas as sociedades, a mais elevada, a mais nobre e santa é a da familia.

E' d'ella que depende a propagação e conservação do genero humano, é da união do homem e da mulher que dimanam as grandes relações moraes reguladoras da nossa existencia.

Sim, de um lado a mulher, que na phrase de Palmella é uma *Perola mimosa da criação sahida dos labios de Deus*, o amor, a ternura e a sollicitude preparando-os assim para poderem arrostar com firmeza as intempéries do tempo.

De outro lado o homem, mais forte, mais energico, ensinando-os a senda do dever, abrindo-lhe a intelligencia para abraçarem este vulto perante o qual se curva a humanidade — a gloria.

A tarde vem descendo dos céos, o manto das nevoas começa já a estender-se por sobre os altos montes.

A natureza emmudece, os prados ficam tristes, o sol fugindo... fugindo, vai deixando as florinhas que também deixam de sorrir.

Além... ao longe divisa-se um casebre triste, silencioso; apenas de vez em quando corta o seu silencio um choro de creança.

Subito, n'esta casa em que a tristeza parecia confundir-se com a solidão, vê-se desenhado um quadro de prazer — é o chefe de familia que chega do trabalho; eis o motivo da alegria.

Apenas transpõe elle o limiar de sua morada ouve um cantico suave: é a voz de sua esposa que adormece o filho pequeno.

Tres ou quatro pequenitos o recebem com algazarra e elle sente uma lagrima se desfilir pelas faces, mas é uma lagrima de contentamento.

Oh! para quantas dôres não são estas creanças o balsamo consolador!

Que mysto de poesia não se encontra n'aquelles innocentes: são proximos dos anjos!

Não roubem agora os sonhos doirados de um pai, deixem-lhe esquecer a realidade. E' sempre o filho que encobre-lhe a torrente impetuosa do futuro, mostrando somente a felicidade do presente... um beijo dado em uma creança é motivo para esquecer-se o duro trabalho de amanhã! O filho foi sempre o meteoro luminoso de um pai no oceano escabroso da vida.

Se algum dia elle naufraga no mar immenso da desventura, o filho é a bussola, que obriga-o a procurar a salvação!

E a mãe?

A sua missão é mais importante, basta o seu nome — a mulher, essa rosa mystica que perfuma os horizontes da nossa vida.

Sem ella nada de bello; nada de sublime e encantador! E é por isso que diz A. Herculanio:

« Dai ás paixões todo o ardor que puderdes, aos prazeres mil intensidades, aos sentidos a maxima energia e convertereis o mundo em paraíso, mas tirai d'elle a mulher, e o mundo será um ermo melancolico, os delicias serão apenas o preludio do tedio.»

As vezes porém, ella não faz soffrer, porque todo aquelle que tem um coração e ainda não passou-lhe pela frente o frio rijo da descrença, ha de amal-a por força e então... todos sabem — um amor mal correspondido... é duro.

Amor! quem ha ahí que o não comprehenda? quem não conhece o ardor d'esse algoz inhumano da existencia!

Quando a mulher não comprehende a influencia de uma paixão na nossa alma de moço, a existencia é impossivel, o amor torna se um sentimento amargo em suas proprias delicias, o fél dos prazeres e a mulher não é senão a estrella que nos conduz á região do infortunio.

Mais tarde porém tudo muda, a vida é enganosa, tudo murcha.

Pai e mãe perdendo o vigor da mocidade não podem mais trabalhar, as suas forças estão exaustas, mas os filhos vem substituir os seus braços.

Em vez pois dos filhos esperarem pelos pais, são estes que os esperam a tarde para trazer-lhes o alimento. Então todos reunidos á noite — Pai, mãe e filhinhos, inspiram-se n'estas tres palavras:

Deus, o amor e a familia!

A. R.

AMOR E NAMORO

Amor é vinho forte em que se apanha
Dessas brúgas de cair no chão;
O namoro é um calix de champaña
Que nos torna alegrete o coração.

Amor, amigos, é claro que offusca,
Fogueira alimentada com resina;
Namoro é luz suave que se busca
Como aquella que expande a lamparina.

Amor é duro tronco que se aferra
Estranhando no chão forte raiz;
Namoro é linda rosa á flor da terra,
Que se abandona si perdeu o matiz.

Um, trazendo no olhar o desvario,
Appareço com ar de mata-mouro;
Outro, á vista do pão, tem calafrio,
Faz uso da canella, estima o couro.

Um pula muro e barrancos salta,
Levando quedas que lhe são falas;
Outro anda com cautela, é um peralta
Que em roteiras não cahio jámais.

Um, ás vezes cordeiro, ás vezes bruto,
Ora vive a bramir, ora prostrado;
Outro toma café, fuma charuto,
Caixa luva, é rapaz civilizado.

Um, soberbo e feraz, é-lhe preciso
Prantos que vê e flores que esfolhar;
Para o outro porém basta um sorriso,
Um aperto de mão um breve olhar.

Agora, meu leitor, ouvir-vos quero,
Deste meu paralelo o que dizeis?
Preferindo á qualquer, sede sincero,
Confessai que o namoro é quem dá leis...

Eu sou franco, namoro, eu te prefiro!
Dás que fazer do proximo á rabeça;
Mas não jogas cacete, não das tiro,
Nem fizesse ninguém levar a breca.

Fazes que a feia por bonita passe,
E que passe a bonita por um anjo;
Fazes de uma criança um Lovelace,
Fazes criança tola de um marmajo!

Por isso quem domina és tu, namoro,
Tanto no homem como na mulher;
Embora gritem pois: — é desaforo!
Embora ralhem mais quanto quizer!

Hoje mais do que nunca estás na moda,
Não ha ca-eça ahí de gente limpa
Que não tenhas já feito andar á roda,
Como um sópro de vento a leve grimpas.

Tudo, tudo trabalha em tua vinha;
O seculo contigo sympathisa;
Todo o velho, rapaz, brucha ou mocinha
Tem formado o namoro por divisa.

FRANCO DE SÁ.

CHARADA

Nunca contra mim serás— 1
Isolado me acharás— 1
E' um corpo bem subtil
Em que tu acabarás— 1
Prende os homens e animaes
E' de materias diferentes— 2

CONCEITO

Dos herbes e potentados
Relato as acções ingentes.

V. DE B.

24/5/16 1432

MAPPIN STORES
Sociedade Anônima Brasileira

SECÇÃO DE ARTIGOS PARA HOMENS



Robes de chambre qualidades finas --
De lan pura, finissima, cores cinza e marron com gola e punhos reversados.
Artigo superior 1108.



Smoking Jackets de lan fina e pura. Artigo inglez: cores cinza, bege, azul, marron e verde. Preço 90\$000.

Secção Camisaria

Camisas de linho sob medida

Temos stock esplendido de linhos legitimos irlandezes para fazer camisas sob medida, feittio a capricho. Preço s muito modicos.

Caixa, 1391 — Tel. 4504

MAPPIN STORES
S. PAULO

25/8/14 RM 14899,01

MAPPIN STORES
Sociedade Anônima Brasileira

SECÇÃO DE ROUPAS FEITAS PARA HOMENS



OFFERTA ESPECIAL!

SOBRETUDOS, offerecemos o saldo do nosso stock de sobretudos ingleses.

PELO PREÇO UNICO de

105\$000

Artigos finos que vendiamos desde 130\$, até 160\$.

POR 2 DIAS SOMENTE

MAPPIN STORES
S. PAULO

Fig. 42 e 43 - Anúncios da Mappin Stores de roupas masculinas para a vida pública e doméstica, c. 1910. Fonte: Acervo publicitário da Mappin Stores, Museu Paulista (MP-USP).

A INTIMIDADE DO LAR

NO nosso clima vive-se muito fóra de casa. A maior parte do tempo corre fóra do lar, na rua, no escritório, no armazem, no theatro, no cinema. Ha pouca vida de familia. Porisso laxam-se os vinculos de intimidade que devem apertar os membros dessa pequena unidade celular que é a base de todas as outras.

Em grande parte o clima é responsavel por esta dissipação que faz esquecer a muitos deveres estencias e nos priva quasi todos das alegrias familiares que são as mais santas, as mais teares e as mais affectivas. Diz-se-ia que o nosso lar não foi feito para nós, que nos é estranho, que é ficticio.

Iso explica tambem a mudanca constante de casa em casa, com a transtana dos movris, expondo intimidades, desrespeitando pequenas coisas sagradas que são segredos e segredos que são pequenas coisas sagradas.

Não ha nada mais lastimavel do que esta mania de bohemios, de cataces arrastando o carulo, de irriquetos procurando a linha pendular do repouso, malbatando a sua vida por todos os cantos, não deixando em parte nenhuma florescer as meigas flores das suas recordações.

E' lastimavel porque denota a falta de vida de familia e sem a vida de familia não ha sociedade e não ha patria.

Não são assim os povos do Norte, o inglez, por exemplo. Esse tem acima de tudo o culto do seu "home" e transporta consigo esse culto para qualquer parte onde o destino o leve. O tempo que passa-o em sua casa, junto dos seus, no doce convivio amoroso do lar. E' ali que elle "vive", enquanto que os outros se illudem a viver.

Porque tão flagrantem differença de hábitos? Porque tão diversa maneira de comprehender e encarar a vida?

Talvez o segredo esteja no cathico com que a mulher ingleza sabe dispor a sua casa, de molde a convertel-a num fólo zinho de innocente prazer, de captivante bem estar.

Tudo ella faz para arranjar o melhor possivel o seu "home", distribuindo as coisas que o compõem com uma arte admiravel. Além do assio absoluto, meticoloso, atrahente, ella sabe rodear os seus do maximo conforto. E' um processo de prender as tentações que vêm de fóra, de reter em casa os que procuram o repouso, a distracção, o esquecimento da tarefa de cada dia, e que, se não se sentissem bem de portas a dentro, iriam dispersar nos clubs ou na rua o transbordamento da sua expansão de affectuosidade.

E' interessante e frisaente esse habito britannico da vida familiar tão arraigada e tão intelligentemente cumprida.

Toda a vida ingleza, ao que ella tem de mais peculiar e original é assim uma vida de intimidade caseira.

E' que no "home" — a primeira ambição de propriedade no inglez — a vida é agradável e seductora.

O mobiliario é abundante, comodo, luxuoso quasi sempre. Ha tapeçarias, pelos muros, pelas paredes; candieiros que derramam uma luz discreta, tamizada, pelas salas, convidando ao "bride" ou ás longas palestras de intimidade e carinho em que o tempo corre ligeiro na communicação effectuosa dos corações que se amam.

Todo esse assio, todo esse conforto, toda essa arte vão da porta de entrada ao mais recatado aposento, passando pelo jardim e

pela cozinha, de maneira que tudo atrae, tudo sorri e tudo convida a ficar, a viver alli nesse pequenino paraizo de intimidade e carinho.

Essa vida resulta de todos os quadros dos pintores e de todos os livros dos romancistas inglezes, de toda a arte, de toda a actividade, em que ha muito de libélica affectio familiar e muito da verdadeira vida como todos nós a sonhamos.

Na maneira de adornar e dispor uma casa é inimitavel a mulher britannica. E' inimitavel tambem tudo quanto da Gran-Bretanha nos vem nesse sentido.

Porisso é que a casa Mappin Stores tem entre nós quasi o exclusivo privilegio de fornecer mobiliarios, "abat-jours", columnas, formas etc. que enriquecem e tornam uma casa interessante.

A harmonia do mobiliario de uma sala depende da disposição das pequenas coisas e muito talvez do contraste das côres.

Um vaso com flores, um "abat-jour", uma jardineira, são o

complemento indispensavel para o lion e bello conjunto de um interior.

O "abat-jour" além de ser um lindo enfeite, é um objecto de real utilidade; amotece o brilho excessivo e fatigante das lampadas electricas que offendem a vista e espalha uma claridade equal, convidativa ao silencio carinhoso das intimidades.

As almofadas são outras tantas cousas de valor para a attracção do "home" e além de ornamento são utilidades preciosas.

Ora Mappin Stores possui um variadissimo stock de todos estes e outros artigos de ornamentação e conforto caseiros e constantemente estuda novos modelos de "abat-jour" e columnas.

As combinações de côres são tambem objecto de sollicita attenção por parte da secção de tapeçarias desse importante estabelecimento, tendo já realizado bellissimos contrastes em formatos e côres.

O seu stock de almofadas e almofadões é inconfundivel de belleza e bom gosto. Sedas de primeira qualidade e finissimas plumas são empregadas em decorações muito originaes dos mais interessantes estylos.

Em summa Mappin Stores possui como nenhuma outra casa todas essas cousas que ornamentam a habitação e estreitam mais intimamente a vida de familia. A gravura que acompanha esta nota dá uma ideia de bizarras e lindas combinações no arranjo de uma sala.

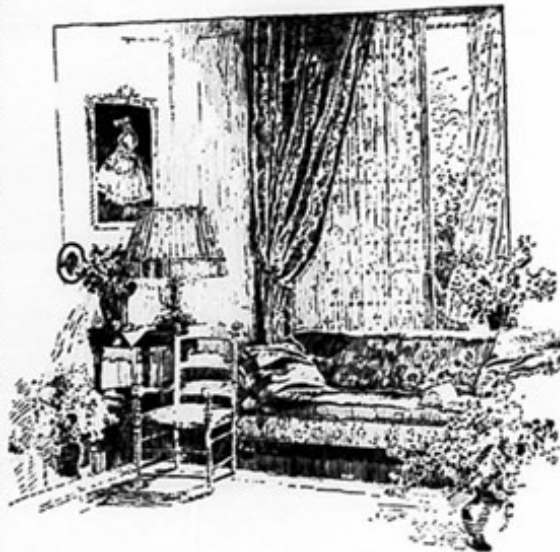
Assim com todo o conforto, com todo o fólo carinhoso que envolve, a gente sente-se bem dentro de casa, viverá mais para si e para os seus, gozará mais essa vida de familia, com os entes queridos, sem as tentações da rua, do club ou do cinema, onde o coração se desperdiça e tantas vezes se perde.

A mulher brasileira precisa de realizar esse milagre de prender em casa o marido e os filhos. Não é necessario muito para isso. Além de ser affectuosa e boa cumpre-lhe adornar o seu lar e tornar-o um pequeno ou grande ninho de verdadeiro aconchego e de verdadeira felicidade.

Não é preciso gastar muito para isso. Ninguém exige o luxu opulento; quer-se apenas o bom gosto e modica despezas. Ora Mappin Stores possuem, no seu stock de objectos familiares e mobiliarios, lindas e artisticas coisas, a preços muito razoaveis.

E não é só para as casas da cidade que essas coisas todas são precisas. Na fazenda é necessario tambem enfeitar a casa, tornar agradável a vida em familia.

MARINETTE.



TOLUOL — TOSSES BRONCHITES, ASTHMA. MOLESTIAS DO PEITO E GARGANTA. **VENDE-SE EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS.**





Fig. 45 e 46 - Fotografia e elevação das três casas geminadas construídas por Oscar Americano em 1920, na rua Lopes Chaves. Nelas viveram Mario de Andrade, sua mãe, sua tia, sua prima e seu irmão. Nesse conjunto, podemos ver a dramaturgia da chegada em casa e alguns elementos pitorescos que passavam a compor a imaginação doméstica do período: o telhado de chalé com ornamentação alpina, o pequeno alpendre acima da porta de entrada, a escadinha, o jardim frontal. Fonte: Museu Casa Mario de Andrade e Fundo de Obras Privadas - Arquivo Histórico Municipal (AHM-SP).





Fig. 47, 48, 49 e 50 - Fotografias da Sala da residência de Hermann Müller Carioba, Americana, c. 1920. Fonte: Acervo pessoal da família Müller Carioba.



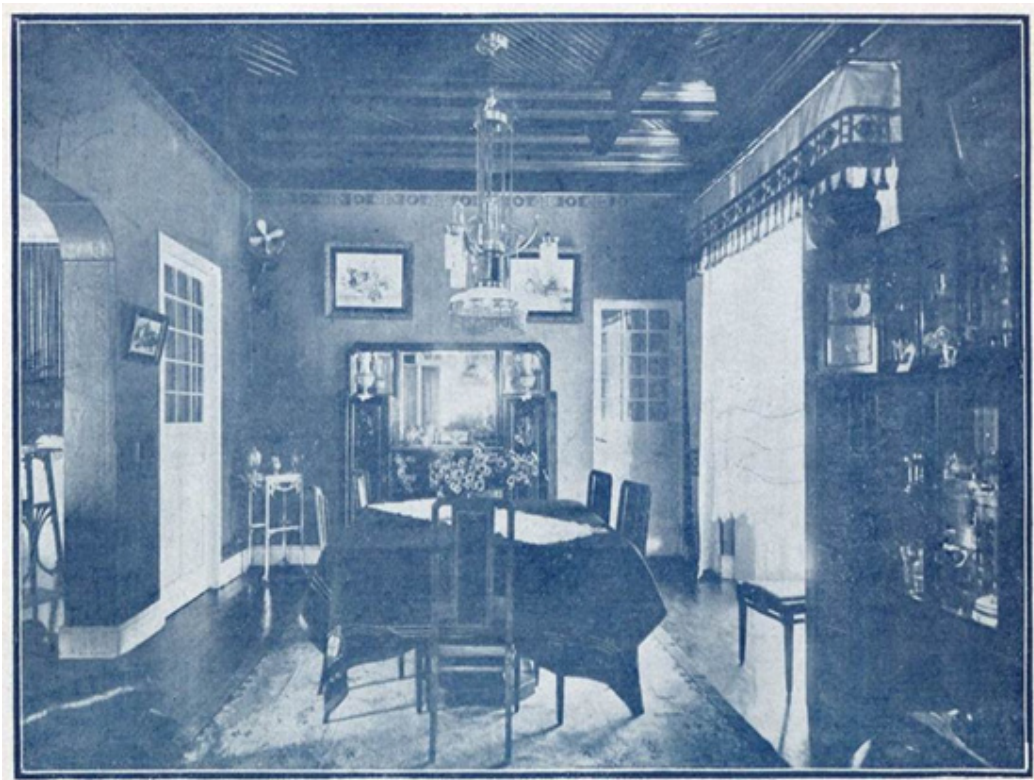
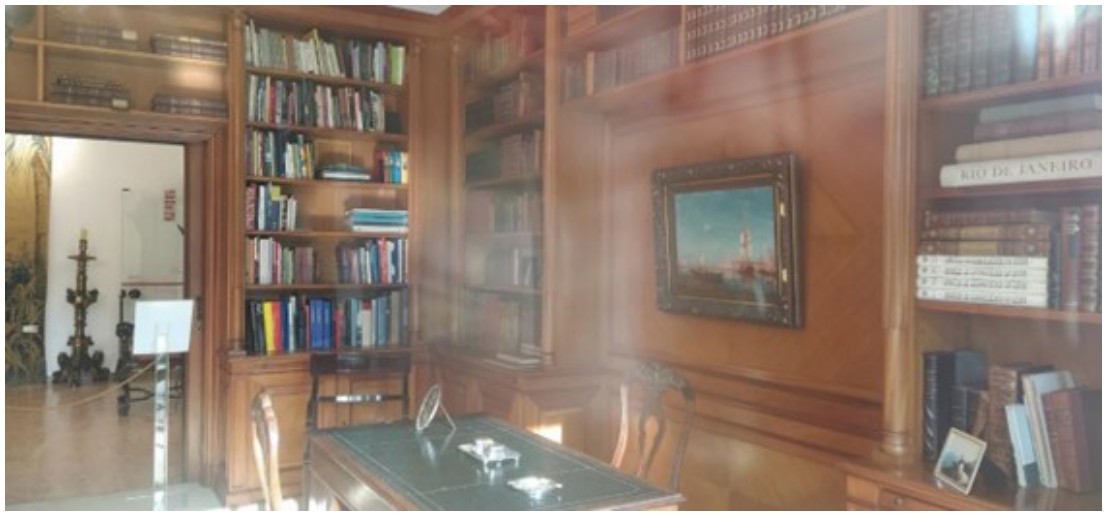


Fig. 51 e 52 - Fotografias do gabinete doméstico (na reportagem “bureau particular”) e da sala de jantar da residência do advogado Francisco Mendes, na rua Albuquerque Lins. *A Cigarra*, ano 6, n. 126, 1919. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional.





Fig. 53, 54 e 55 - Fotografias do escritório e biblioteca do advogado Francisco Mendes, na rua São Bento. *A Cigarra*, ano 6, n. 126, 1919. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional.



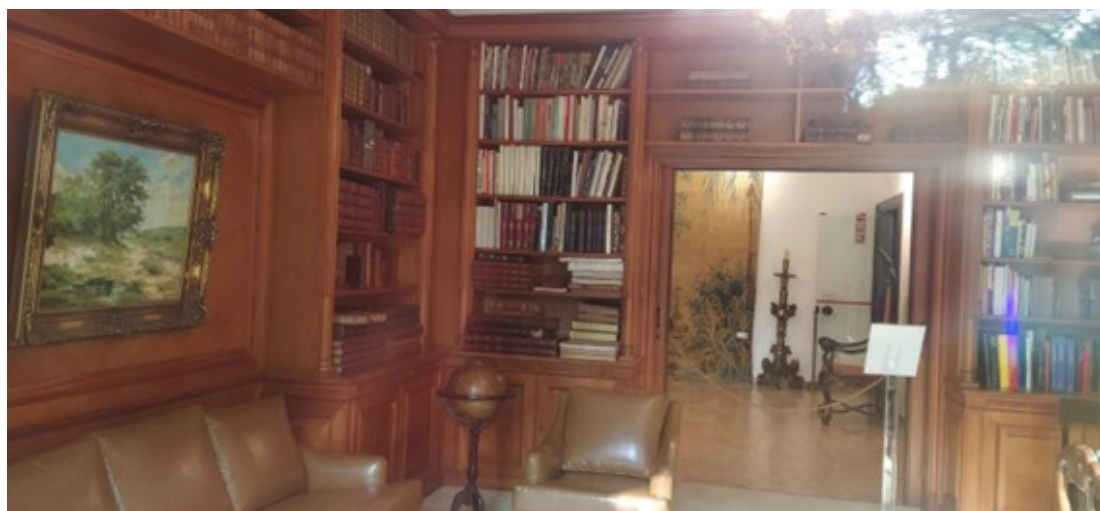


Fig. 56 e 57 - Fotografias do gabinete privado de Oscar Americano em sua residência no Morumbi. Fonte: Fotografias do autor.

O QUE OS MARIDOS DEVEM SABER

1: Offerecemos hoje ás nossas leitoras mais uma estrêla; a do D. Bébê de Mendonça Lima, escriptora paulista que reside actualmente em Paris, detida de um bello espirito, observador e arguto e que dispõe de um estylo conciso, brilhante e de um descriptivo de grande vivecidade. Assim, em cada numero, vamos pondo em destaque as joias do espirito feminino brasileiro tão mal conhecido e tão desdenhado e quando outros não fossem as felizes resultantes da nossa publicação, bastava esta para recomendar-nos a protecção carinhosa das senhoras brasileiras.

PENSA a maioria dos homens — e com mais ou menos razão — que é dever da esposa constituir o seu lar como um canto de sombra, fresca e redolente, onde o marido encontre a calma feliz que o conforto da agrura da vida exterior. Nem todos os maridos porém se lembram que a organização desse recanto de conforto e de carinhos, não depende sómente da esposa, mas em grande parte do proprio marido.

Uma sala lindamente encerrada, pôde ser rapidamente desfeita, pelos sapatos ferrados de um homem grosseiro. Equantias vezes um lar feliz, calmo, tranquillo, que aguarda ansioso o regresso do seu senhor, é brutalmente desfeito em lagrimas, quando de volta da Cidade, não sabe reter o seu mau humor e sacode o pó de suas luctas exteriores, no espaço suave e puro que o esperava, meigo e carinhoso?

Ao doce sorriso da esposa que o vem receber no patamar da escada, apurada na sua toilette, graciosa nos seus gestos, elle responde mal humorado, entregando-lhe o chapéu:

— Oh, filha, deixa-me; venho de tal maneira irritado...

Tudo se apaga no lar. A esposa desapontada, de olhos baixos e humidos vae guardar-lhe o chapéu. Um veu de tristeza entra com o homem e adensa-se pelo lar e faz fenecer as flores das flozeiras.

O vinco, que elle traz, cavado entre os supercilios, afasta amedrontada uma creança que se vinha aproximando, com o riso fresco e consolador das primeiras edades, que

como o canto de um canario completa a harmonia do lar. Nem chega a pronunciar — Pápá!

A mãe toma-a pelo braço e afasta-a, adivinhando já a reprimenda: — Leva essa creança para dentro!

Os creados embaraçam-se para servir-o; a esposa treme do receio de uma phrase mais aspera e no silencio em que fica immerso o lar, parece haver a palpação de soluços das camaras mortuarias.

quando devem fallar e quando se devem calar...

Novo silencio. Elle apressado toma a sobrezeza e levanta-se. Reclama contra o café que por muito quente, atraza-o alguns segundos. Reclamaria igualmente si o café estivesse menos quente, achando-o frio. Toma o chapéu e sai. A esposa alcança-o á porta:

— Sâes assim... sem um beijo ao menos...

Apressadamente, elle concede a graça suprema de um roçar apressado de bigodes pelo rosto da esposa e desce a escada, de tres em tres degraus, para a rua.

Na quieta sombra do lar ouve-se ás vezes um soluço e um corpo que se atira sobre um divan. Mas o marido já está na rua: não ouviu o soluço; não viu em que flor maguada desabrochou o rastru que o seu mau humor deixou em casa; não comprehendeu que só elle é o causador da ruina daquella felicidade, que abnegada e apaixonadamente, lhe extendia os braços...

Bébê de Mendonça Lima.

(Reprodução interdita, sob as penas da lei, salvo no caso de declaração expressa de que foi transcripto da nossa Revista.)

ADALIU\$

O mais elegante livro sobre cozinha até hoje publicado.

Contem grande copia de receitas de cozinha, doces, licores etc. todas experimentadas e muito praticas.

Elegante livrinho util a toda a dona de casa e de grande proveito para as moças.

Preço 1000 Réis

Remettam essa importancia em sellos do correio com o seu endereço, a *Empresa Feminina Brasileira* Alameda Glete, 87, São Paulo — e immediatamente será expedido o Adalius.



A nossa nova e brilhante collaboradora, D. Bébê de Mendonça Lima

Vem a refeição. A esposa solicita serve. O marido engole automaticamente os bocadoes. Olha o relógio. Não tem uma palavra de meiguice ou um gesto de agradecimento, por todo o conforto que as mãos amorosas da esposa lhe prepararam. Ha um momento em que ella, com a meiga cordura do seu coração, quer vêr si o consola, si quebra a frieza daquelles poucos minutos que passa ao seu lado e atreve-se a uma phrase: — Não te deixes assim aborrecer pelos negocios...

Não conclue a phrase, porém. Elle tem um gesto rispido e uma exclamação de enfado. As mulheres não entendem nada, não percebem

O QUE AS SENHORAS DEVEM SABER

No dia em que tão gentilmente me veio convidar, a senhora dona Virgínia de Souza Salles, para colaborar na "Revista Feminina" — tive eu desejo, apesar de ser um pessimo advogado, de tratar de defender logo no meu primeiro artigo, os

maridos com tanta graça accusados pela encantadora senhora dona Bêbé de Mendonça Lima, n'uma chronica scintillante que publicou com o titulo: "O que os maridos devem saber."

Por certo, se todas as senhoras casadas fossem como aquella, que nos descreve a distincta escriptora patricia, que, de braços abertos e com um doce sorriso nos labios corre para o patamar da escada a receber o esposo quando lhe chega elle fadigado da Cidade, e, por todos os meios carinhosos, procura fazer-lhe esquecer os dissabores que tivera lá fora, — ah! então, ser-me-ia penosissima a tarefa, com difficuldade proferiria a *rossa* defensiva... digo *rossa*, porque tambem eu faço parte d'essa cáfila doce-amarga, tão detestada e no mesmo tempo tão querida que se chama os maridos.

O curioso, ainda assim, é que não deixo de reconhecer, á senhora dona Bêbé, uma certa razão. Maridos, os ha, de facto, insupportáveis, frascíveis, que nunca estão contentes: sempre a se mostrarem amuados; outros, por tal forma indifferentes, que só descobrem bellezas e virtudes na mulher, quando, por acaso, lhes chama um estranho a attenção, como acontece no "Ruisseau" de Pierre Wolff em que ha um personagem que diz ao outro:

— "Que lindos dentes tem a tua senhora!"

E elle admirado lhe responde:

— "Deveras?!"

Ao lado d'isso, porem, quantos por ahí a fóra não existem que são uns perfeitos anjos!... Eu, por exemplo, eu sou um anjo!

As senhoras não hereditam, bem sei. Riem-se! E no entanto, se perguntassem á minha mulher, ella não o negaria.

Muitas vezes, ao chegar do trabalho, venho encontrá-la, a esperar-me no vestibulo, com um lindo sorriso nos labios. Protesta-me ardentemente o seu amor e indaga pela encomenda que me fez:

— "Tu te não esqueceste, não? Ah! se tu soubesses o quanto te quero!"

E bate palmas, salta-me ao pescoço quando lhe mostro que não me esqueci... Decididamente ella me adora!

Já não tem a mesma sorte o meu amigo Gumerindo! E elle coitado, é um anjo exactamente como eu!

A sua esposa é d'essas que têm cabellinhos nas ventas, — e os tem ás véras! Em solteira, era uma deliciosa creaturinha deitada, toda apertadinha no seu espartilho, elegante no andar, seductora no sorriso. Agora, porem, está enorme! Abandonou-se logo depois de casada: não cuidou mais da toilette! Para que?! Não conseguira ella o que desejava? Ali não esta o Gumerindo?...

De parte, pois as massas! E metida no seu peignoir, o collete esquecido no fundo de uma gaveta, *poz-se* a crear beatificamente as banhas, e tão barriguda se tornou, que lhe chamam perversamente as visinhas, — "a baleia do major".

E que genio! Ah, Jesus, que genio tem ella!

Nos dias em que sopra o nordeste, então é um horror!... Faz scenas e más scenas ao Gumerindo por dá ca uma palha.

Quando estiveram na Eu, roupa, para que se não desviasse elle do bom caminho, rogou-lhe ella uma praga. Havia de morrer de uma apoplexia se lhe fosse infiel. E, muito supersticioso, passou amedrontadamente a tolar, mezas e mezas em Pariz, sem nunca ter visto de perto "falbalás fanfreluches et frivolités."

O ciumme isso, então, quantas horas de tedio não traz a "ménages" que poderiam viver felicissimos?!

Em Maloia, na Suíça, — nunca me hei-de esquecer! fui obrigado, uma occasião, a mudar de quarto, n'um hotel, por causa de um casal de nespachinhos, meus visinhos.

Parecia uma matraça a mulherzinha quando começava.

E tudo por que? Unicamente, porque o risinho e empertigado d. Satcho, seu marido, tivera a simplicidade de achar graça e "gálera" a uma rapariga que, de solteiro, lhe deturra um olhar brejeiro.

"No te hegas estupidá, mujer!" — era a resposta que lhe elle dava, com uma

voz muito grossa, quando nervosamente a solteira, sacocava ella as lagrimas no travessieiro.

* * *

Não, minhas queridas leitoras, Moliere mentiu, afirmando-vos que "*l'homme est un méchant animal*."

A meu ver não ha bicho melhor, mais domesticavel que o homem! Tudo está em sabel-o levar!

O vosso marido, quereis vê-lo satisfeito, saltando e cantando como um canario?

Então, não vos mostreis muito exigentes nos tempos de agora. Trate de não sobrecarregar demasiadamente as vossas contas na costureira!

Nada de desleixos, bem entendido, como a mulher do Gumerindo, — isso não! Mas, tambem, nada de grandes "apuros na toilette", como a personagem da senhora dona Bêbé.

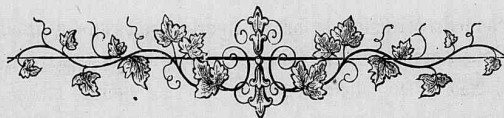
E, se quizerdes completar a vossa felicidade, o gume, varre-o para sempre das vossas casas, dando de quanto em vez, ao vos-o marido, um delíquio de liberdade!

Réné Thiollier

(Villa Fortunata)



Dr. René Thiollier, nosso distincto collaborador



UMA FAMILIA MODELO.



a cidade de Genova ainda hoje existe um homem que sempre foi feliz. Nunca possuiu porém um palacio, ou sequer casa de campo; não teve carro, ou cavallo seu, não foi funcionario publico, não gozou de honras invejadas pela maioria de nossos contemporaneos, nem desempenhou papel algum importante n'este mundo. Concedeu-lhe porém a natureza o inestimavel dom de ser um espirito recto, judicioso, bom e inflexivel.

Todos os esforços reunidos não o houveram feito mudar de opinião em assumpto de bom senso, e probidade, e se alguém tivesse emprehendido a tarefa de provar-lhe que nada possuindo tinha direito ao que os mais haviam adquirido, ou economisado, teria, com toda probabilidade, partido sua grossa bengala no dorso do socialista que tentasse convertel-o a essas novas doutrinas.

É que além d'uma intelligencia bem equilibrada, deu-lhe a natureza não só o amor do trabalho, mas ainda uma imperiosa necessidade de trabalhar agora, sempre, e emquanto tiver um sopro de vida.

Esse homem feliz é não obstante do numero d'aquelles que poderiam

Fig. 60 - Victoria Colonna, "Uma familia modelo", *Jornal das Familias*, Rio de Janeiro, nov. 1875, p. 341-345. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional.

Considerações Finais

Ao longo desta tese procuramos investigar como, entre a segunda metade do XIX e começo do XX, a difusão de novos padrões de masculinidade e de domesticidade na sociedade brasileira foi produzida a partir de uma estreita articulação entre Estado, família, casa e indivíduos, gestada pelas elites nacionais em favor de seu projeto *civilizatório* para a nação. Para produzir essa grande associação, foi necessário ligar e coordenar uma ampla rede de vínculos sociais, de pequenos elos cotidianos, de micro relações afetivas, alguns já existentes, outros que precisavam ser produzidos. Para tanto, assim como para outros segmentos da população, foi implementado um olhar analítico para a vida das classes médias e altas brancas e urbanas, que permitiu decompô-la em pequenas frações e detalhar seu funcionamento para que pudesse ser reordenada, regrada, normatizada e disciplinada. Nesse empenho, houve a emergência de novas problematizações em torno de áreas da vida como a infância, a rotina doméstica dos adultos, os desejos e aspirações masculinos, a relação dos homens consigo mesmos, entre outras.

Com a mesma minúcia que os livros e textos prescritivos exploravam a vida dos seus alvos, procuramos analisar seus insidiosos mecanismos de ação e persuasão; de instauração de verdades; de produção de subjetividades e identidades; de fabricação de medos e ansiedades; suas estratégias para incutir nos sujeitos formas de sentirem, compreenderem,

avaliarem e conceberem a si mesmos; para modelar aspirações e canalizar desejos; e para difundir categorias, classificações e lógicas para orientar e mediar a relação dos sujeitos uns com os outros, com os espaços, com os objetos, com o mundo. Rastreado a sua atuação em variados domínios – a rotina, a disciplina, o corpo, o regime da temporalidade, as materialidades e espaços domésticos, as emoções, os sentidos de vida, os prazeres, a imaginação – procuramos expor a extensão dos discursos normativos e desvelar o seu funcionamento.

Nesse percurso, vimos como as normativas se esgueiraram adentro da vida doméstica e familiar, transformando as relações entre pais e filhos, mães e filhos, marido e esposa, dos homens com suas casas, com suas vidas, com seu senso de auto apreciação, seus sentimentos e seus desejos. Porém, nessas mesmas áreas da vida, também emergiram simultaneamente resistências, tensionamentos e uma ampla gama de micro disputas cotidianas que passaram a ser travadas incessantemente. Os sujeitos nunca foram, nem serão, tão dóceis. As próprias normas, como vimos, não constituíam um conjunto perfeitamente coeso, contendo também entre si contradições e ambivalências.

Nesse sentido, não devemos nos iludir com o efeito monolítico da estética resoluta e totalizante da discursividade normativa. Só foi preciso tanta minúcia, tanto esforço, tanta palavra porque, ao mesmo tempo que robusta, a sua eficácia é também delicada e instável, suscetível, sobretudo, à deserção e à renúncia. Se a vontade de saber manifesta nos livros e textos que estudamos ambicionava dominar e disciplinar a vida em favor de um projeto *civilizatório*, nossa vontade de saber sobre esses livros e textos foi movida pela ambição de dominar, dissecar e explicitar seus discursos para poder restituir, ao menos em parte, o domínio dos sujeitos sobre suas vidas, suas escolhas e desejos. Com o domínio daquilo que nos constitui, e constitui nosso mundo social, podemos tomar distância, apreender e avaliar suas implicações e efeitos. E então, podemos escolher. Renunciando e desertando daquilo que não convém, abrimos espaço para que floresçam outros sentidos de vida, outras formas de valorar nossa existência, outras formas de construir nossas relações, nossas casas, nossas famílias. Outras formas de liberdade, satisfação e felicidade.

Referências Bibliográficas

- ADUT, Ari. A Theory of Scandal: Victorians, Homosexuality, and the Fall of Oscar Wilde. **American Journal of Sociology**, v. 111, n. 1, jul 2005, p. 213-248.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do “falo”** – uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Editora Intermeios, 2013.
- ALMEIDA, Leandro Thomaz. **Literatura naturalista**, moralidade e natureza. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- ALONSO, Angela. **Joaquim Nabuco: os salões e as ruas**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- AMERICANO, Jorge. **São Paulo Naquele Tempo (1895-1915)**. São Paulo: Ed. Saraiva, 1957.
- ANDRADE, Oswald de. **Um homem sem profissão (sob as ordens de mamãe)**. São Paulo: Ed. Globo, 2012.
- ARIE, Daisuke. Lost in Translation?: How Japan's Intellectuals Translated Utilitarian Writings in the early Stage of Her Modernization. **Revue d'études benthamiennes**, v. 16, 2019.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- ARMILATO, Vinícius e BOCCA, Francisco Verardi. Um além que vem do passado: o evolucionismo e o caráter regressivo e patogênico das pulsões. **Voluntas: Revista Internacional De Filosofia**, v. 11, n. 2, p. 175–194.
- AUGUSTI, Valéria. **O romance como guia de conduta: A Moreninha e Os dois amores**. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-Unicamp, Campinas, 1998.
- AURAS, Gladys Mary Teive. **“Uma vez normalista, sempre normalista”** – A presença do método de ensino intuitivo ou lições de coisas na construção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinenses – 1911-1935). Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Paraná, 2005
- AZEVEDO, Aluísio. **Casa de Pensão**. Rio de Janeiro: Faro & Lino, 1884.
- AZEVEDO, Aluísio. **Livro de uma sogra**. Rio de Janeiro: Domingos Magalhães, 1895.
- AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. Rio de Janeiro: Baptiste-Louis Garnier, 1890.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBOSA, Irene Maria Ferreira. **Enfrentando preconceitos: um estudo da escola como estratégia de superação de desigualdades**. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.
- BARRETO, Aldeir de Oliveira. Masculinidade negra e a colonização: Ecos do passado no presente. **Kwanissa**, São Luís, v. 05, n. 12, p. 183-198, jan/jun, 2022.
- BARROS, Maria Paes de. **No tempo de dantes**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- BASTOS, Maria Helena Câmara. Leituras da Ilustração Brasileira: Samuel Smiles (1812-1904). **Revista Ícone**, Uberlândia, v.6, n. 1, p. 117-134, 2000.
- BEATTIE, Peter M. **Tributo de sangue: exército honra, raça e nação no Brasil, 1864-1934**. São Paulo: Edusp, 2009.
- BEDERMAN, Gail. **Manliness and civilization: a cultural history of gender and race in the United States, 1880-1917**. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1995.
- BÉGUIN, François. As maquinarias inglesas do conforto. **Espaço e Debates**, São Paulo, ano 11, n. 34, p. 39-5, 1991.

- BONADIO, Maria Claudia. **Moda e sociabilidade**: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920. São Paulo: Ed. Senac, 2007.
- BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. Artefatos e práticas sociais em torno das refeições (São Paulo, séculos XVIII e XIX). **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 32, n. 58, p. 101-137, jan/abr 2016.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papius, 2017.
- BOURDIEU, Pierre; MICELLI, Sergio (org.). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.
- BRIGGS, Asa. **Victorian People**: A Reassessment of Persons and Themes (1851-1867). Chicago: The University of Chicago Press, 1955.
- BRODKIN, Karen. **How the jews became white folks and what that says about race in America**. Nova Brunswick: Rutgers University Press, 1998.
- BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. Casamento e valores sociais: o triunfo do discurso amoroso. **Revista de Cultura Teológica**, ano IV, n. 19, abr./jun. 1997, p. 39-54.
- BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. **Minas Patriarcal**: Família e sociedade (São João del Rei – Séculos XVIII e XIX). São Paulo: Annablume, 2007.
- CALÓGERAS, João Batista. Instrução. **Revista Popular**, Rio de Janeiro, v. 1, 1859. p. 95.
- CALVI, Lourdes Margareth. **As transformações sociais e a instrução pública**: uma análise dos projetos de reforma educacional e dos relatórios ministeriais de 1868 a 1879. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2003.
- CAMPOS, Eudes. **Arquitetura paulistana sob o Império**: aspectos da formação da cultura burguesa em São Paulo. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- CAMPOS, Eudes. **Chalés Paulistanos**. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 16, n. 1, 2008, p. 47-108.
- CAMPOS, Eudes. Os Pais de Barros e a Imperial Cidade de São Paulo. **Informativo Arquivo Histórico Municipal**, ano 3, n. 16, jan./fev. 2008. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info16/i-estudos.htm>. Acesso em: 24 set. 2023.
- CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 2000, 2 v.
- CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. Bem-morar em São Paulo, 1880-1910: Ramos de Azevedo e os modelos europeus. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.4, p. 165-200 jan/dez. 1996.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato**: o Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material. São Paulo: Edusp, 2008.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e conforto nas práticas cotidianas do sentar-se: São Paulo (Brasil), 1870-1920. **IV Colóquio de Artes Decorativas da ESAD /FRESS O Móvel e o seu Espaço**, Escola Superior de Artes Decorativas, Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, Lisboa, 25-27 out. 2012.

- CARVALHO, Vânia Carneiro de. Quando sonhar está na moda – A nostalgia do feminino na cultura de consumo. **História: Questões & Debates**, Curitiba, volume 65, n.2, p. 149-195, jul./dez. 2017.
- CASTRO, Francisco Viveiros de. **Attentados ao pudor**: estudos sobre as aberrações do instinto sexual. 3ª edição (Muito aumentada de acordo com os manuscritos deixados pelo autor). Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Vastos, 1934.
- CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice et al. **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.
- CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: Ed. Unicamp, 2000.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- CHARTIER, Roger (Org.). **Pratiques de la lecture**. Paris: Éditions Rivages, 1985.
- CHAZKEL, Amy. **Leis da Sorte**: o Jogo do Bicho e a Construção da Vida Pública Urbana. Campinas: Ed. Unicamp. 2014.
- CHIARINI, Alexandre. **Compendio de Instrução Moral e Civica** (segundo o programma do Collegio “Pedro II”). São Paulo: Ed. Limitada, 1927, p. 122.
- CLAYTON, Susan. O hábito faz o marido? Exemplo de uma *female husband*. James Allen (1787-1829). In: SCHPUN, Mônica (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2004.
- CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **Internar para educar**: colégios-internatos no Brasil (1840-1950). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, 2012.
- CONNEL, Raewyn W. **Masculinities**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2005.
- CORBIN, Alain (Org.). **História da virilidade – O triunfo da virilidade: o século XIX**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.
- CORBIN, Alain. A obrigação da virilidade, fonte de ansiedade e angústia. In: CORBIN, Alain (Org.). **História da virilidade – O triunfo da virilidade: o século XIX**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.
- CORBIN, Alain. **Saberes e odores**: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.
- DARCOS, Xavier. **Dictionnaire amoureux de la Rome Antique**. Paris: Perrin, 2018, edição Kindle.
- DEL PRIORE, Mary. Pais de ontem: transformações da paternidade no século XIX. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Org.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.
- DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Org.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.
- DEL PRYORE, Mary e AMANTINO, Marcia (Org.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.
- DEONARDI, Vanessa Goes; TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. Semeando entusiasmos: a Reforma Orestes Guimarães em Santa Catarina (1910-1918). **Roteiro**, v. 43, n. 2, p. 707-726, 2018.

- DOUMER, Paul. **Livro de meus filhos**. São Paulo: Associação Editora, 1907.
- DROZ, Gustave. **Monsieur, madame et bébé**. Paris: Societé d'Éditions Litteraires et Artistiques/ Librairie Paul Ollendorff, s/d.
- DURKHEIM, Émile. O que é fato social?. In: Idem. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fonte, 2007.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1994.
- EL-JAICK ANDRADE, Débora. Escrita da História e política no século XIX: Thomas Carlyle e o culto aos heróis. **Revista História & Perspectivas**, v. 1, n. 35, 2007, p. 231.
- ESCUDEIRO, Richard Miskolci. **O desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2012, edição Kindle.
- FAUSTO, Boris. Uma paixão de outrora. **Revista Piauí**, n. 70, jul. 2012. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/uma-paixao-de-outrora/>. Acesso em: 21 set. 2023.
- FERNANDES, Florestan. As “Trocinhas” do Bom Retiro: Contribuição ao Estudo Folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos Infantis. **Pro-Posições**, v. 15, n. 1, jan.-abr. 2004, p. 229-250.
- FERREIRA, Pedro Beresin Schleder. A casa do ‘homem de bem’: domesticação e domesticidade entre as classes médias de São Paulo (1870-1920). In: PONTES, Heloisa e ROSATTI, Camila Gui (Org.). **Casa-mundo**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2022.
- FERREIRA, Pedro Beresin Schleder. **A Avenida de mil vias**: conflito, contradição e ambivalência na modernização de São Paulo (1890-1920). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- FERREIRA, Pedro Beresin Schleder. As mil vias de apropriação da Avenida Angélica: as mulheres entre a cidade, o trabalho e a domesticidade (1870-1920). Conferência apresentada no **Seminário Domesticidade, Gênero e Memória**, CPF-SESC, 2017b.
- FERREIRA, Pedro Beresin Schleder. Le foyer de l’homme de bien: domestication et vie domestique dans l’apetite et moyenne bourgeoisies de São Paulo (1870-1920). *Brésil(s)*, Paris, v. 19, 2021
- FIELDEN, Kenneth. Samuel Smiles and Self-Help. **Victorian Studies**, v. 12, n. 2, dez. 1968, p. 155-176.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Mobiliário Baiano**. Brasília: Monumenta/IPHAN, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. Soberania e disciplina. In: Idem. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.
- FRANCIS, Martin. The Domestication of the Male? Recent Research on Nineteenth- and Twentieth-Century British Masculinity. **The Historical Journal**, v. 45, n. 3, set. 2002.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. São Paulo: Global Editora, 2003.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. São Paulo: Global Editora, 2005.

- FUSS, Diane. **The sense of an interior: four writers and the rooms that shaped them.** Londres/Nova York: Routledge, 2004, p. 1-45.
- GARCIA, Manon. **On ne naît pas soumise, on le devient.** Paris: Editions Flammarion, 2021.
- GARCIA, Tania Elisa Morales. Leituras de formação - Noções de vida doméstica (1879): Félix Ferreira traduzindo madame Hippeau para a educação das mulheres brasileiras. **Revista História Da Educação**, v. 3, n. 5, 77–92, abr. 1999.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente.** São Paulo: Ed. Zahar, 1984.
- GARNIER, Baptiste-Louis. Ao leitor. In: SMILES, Samuel. **O Poder da Vontade ou Caracter, comportamento e perseverança.** Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1870.
- GATTAI, Zélia. **Anarquistas, Graças a Deus.** São Paulo: Ed. Record, 1979.
- GAY, Peter. **O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média (1815-1914).** São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- GILLIS, John. **A World of Their Own Making: Myth, Ritual, and the Quest for Family Values.** Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- GILLIS, John. Ritualization of Middle-Class Family Life in Nineteenth Century Britain. **International Journal of Politics, Culture, and Society**, v. 3, n. 2, 1989, p. 213-235.
- GONÇALVES, Monique de Siqueira. **Entre livros e apólices: a trajetória do clínico, lente e acadêmico Antonio Corrêa de Souza Costa.** Anais do I Seminário Internacional Brasil no Século XIX, 2014.
- GONDRA, José. **Artes de civilizar: Medicina, Higiene e Educação Escolar na Corte Imperial.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.
- GOUVEA, Maria Cristina; JINZENJI, Monica Yumi. **Escolarizar para moralizar: discursos sobre a educabilidade da criança pobre (1820-1850).** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, p. 114-132, 2006.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910).** São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- GRUZINSKI, Serge. **1480-1520: a passagem do século.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história.** São Paulo: Edusp, 2005.
- HARRISON, John. The Victorian Gospel of Success. **Victorian Studies**, v. 1, n. 2, dez. 1957, p. 155-164.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presenteísmo e experiências do tempo.** São Paulo: Autêntica, 2013.
- HARVEY, Karen. Men Making Home: Masculinity and Domesticity in Eighteenth-Century England. **Gender & History**, v. 21, n. 3, nov. 2009.
- HARVEY, Karen. **The Little Republic: Masculinity and Domestic Authority in Eighteenth-Century Britain.** Oxford: Oxford University Press, 2012.
- HENRIQUE, Márcio Couto. **Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de Couto Magalhães (1880-1887).** Tese (Doutorado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. **Higienópolis: grandeza e decadência de um bairro paulistano.** São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1980.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

- IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil**. São Paulo: ed. Brasiliense, 1987.
- INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO BRASILEIRO. João Batista Calógeras. *In*: PERFIS. Rio de Janeiro: IHGB, s/d. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/JBCalogeras.html>. Acesso em: 14 set. 2023.
- IZECKSOHN, Vitor. Quando era perigoso ser homem. Recrutamento compulsório, condição masculina e classificação social no Brasil. *In*: DEL PRYORE, Mary e AMANTINO, Marcia (Org.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp, 2013, p. 267-297.
- JABLONKA, Ivan. O código da virilidade: instâncias e procedimentos da inculcação. *In*: CORBIN, Alain (Org.). **História da virilidade – O triunfo da virilidade: o século XIX**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.
- JAGUARIBE FILHO, Domingos José Nogueira. **A arte de formar homens de bem – oferecida às maes de família**. São Paulo: Typographia do Correio Paulistano, 1880.
- JAGUARIBE FILHO, Domingos José Nogueira. **Inteligência e moral do homem**. São Paulo: Typografia King, 1887.
- JANET, Paul. **A família**. Porto: Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1868, p. 93.
- JANET, Paul. **Philosophia da felicidade**. Rio de Janeiro: Ed. Garnier, 1878.
- JARVIS, Adrian. **Samuel Smiles and the construction of Victorian Values**. Gloucestershire: Sutton Publishing, 1997.
- JIMENEZ, Luciene; LEFÉVRE, Fernando. Desafios e Perspectivas: Desemprego e Masculinidade. **Interação em Psicologia**, jul./dez. 2004, v.8, n. 2, p. 227-335.
- KABENGELE, Daniela do Carmo. **A trajetória do “pardo” Antonio Ferreira Cesarino (1808-1892) e o trânsito das mercês**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.
- KINMONTH, Earl H. **The Self-Made Man in Meiji Japanese Thought: From Samurai to Salary Man**. California: University of California Press, 1982.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2007.
- LAQUEUR, Thomas W. **Le sexe en solitaire: contribution à l’histoire culturelle de la sexualité**. Paris: Gallimard, 2005.
- LEÃO, Adréa Borges. Vamos ao Brasil com Jules Verne? Processos editoriais e civilização nas Voyages Extraordinaires. **Revista Sociedade e Estado**, v. 27, n. 3, set./dez., 2012.
- LEMONS, Carlos A. C. **Alvenaria burguesa**. São Paulo: Ed. Nobel, 1986; LEMONS, Carlos A. C. **A república ensina a morar** (melhor). São Paulo: Ed. Hucitec, 1999.
- LIMA, Ana Laura Godinho. O evolucionismo na psicologia educacional: uma análise historiográfica. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.27, n.3, jul.-set. 2020.
- LIMA, Tania. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 93-127, jan/dez 1997.
- LOBATO, Nathalia Theophilo; SILVA, Osvaldo Bruno Meca Santos da; SANTOS, Raissa Monteiro dos e SANTOS, Tamires Martins dos. Mappin Stores: ecos do consumo na sociedade paulistana. **Anais do XXIII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP**, Unesp, Assis

- (SP), p.1-16, 2016. Disponível em: <http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/>. Acessado em: 30 set. 2023.
- LUKACS, John. **The Bourgeois Interior**: Why the most maligned characteristic of the Modern Age may yet be seen as its most precious asset. *The American Scholar*, v.39, n. 4, 1970, p. 616-630.
- MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, Mônica (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2004, p. 35-78.
- MACKINNON, Catharine. Feminism, Marxism, Method and State: An Agenda for Theory. **Signs**, v. 7, n. 3, 1982.
- MALTA, Marize. **O olhar decorativo**: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ed. Mauad, 2014.
- MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia Mott. Recônditos do mundo Feminino. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVECENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 367-421.
- MANCILHA, Virgínia N. M. Nas páginas da Revista Feminina: a imprensa como espaço de visibilidade e atuação feminina (1920-1930). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, 2011.
- MARDEN, Orison Sweet. **A alegria de viver**. Porto: A. Figueirinhas, 1923.
- MARINS, Paulo César Garcez. **Através da rótula**: Sociedade e Arquitetura Urbana no Brasil, sécs. XVII – XX. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999, p. 150-242.
- MARINS, Paulo César Garcez. **Através da rótula**: sociedade e arquitetura no Brasil, séculos XVII a XX. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAIS, Fernando e SEVECENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil** – República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Cia das Letras, 2006, p. 131-215.
- MARQUES, Deborah Caramel. **Mobiliário doméstico e as apropriações do moderno**: a divulgação dos interiores residenciais nos periódicos especializados e ilustrados (1930-1955). Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **Elas também desejam participar da vida pública**: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. In: PISCITELLI, Adriana et al. **Olhares Feministas**. Brasília: MINC/Unesco, 2007, p. 437-465.
- MATTOS, Ilmar Rohloff. **O tempo saquarema**. São Paulo: Ed. Hucited, 2004.
- MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial**: Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.
- MELLO, Evaldo Cabral de (Org.). **Diários de Joaquim Nabuco (1873-1910)**. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2006.

- MÉRIAN, Jean-Yves. **Aluísio Azevedo: Vida e Obra (1857-1913)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/ Garamond, 2013.
- MESQUITA, Eni de Samara. **A família brasileira**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- MINTZ, Steven e KELLOG, Susan. **Domestic Revolutions: A Social History of American Family Life**. Nova York: The Free Press, 1988.
- MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello e AZEVEDO, Sílvia Maria. Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): um perfil dos periódicos de Garnier. **TriceVersa**, Assis, v.3, n.2, nov.2009-jun.2010.
- MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves de. A (re)produção das masculinidades hegemônicas: homens, famílias populares e violações de direitos humanos. **Interritórios Revista de Educação**, Caruaru, v.3., n.5, 2017, p. 120-140.
- MOIRA, Amara. Notas sobre o abolicionismo racista de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v, 12, n.1, p. 201-208, jan.–jun., 2020.
- MOSSE, George L. **The image of man: the creation of modern masculinity**, 1996.
- MOTT, Maria Lúcia et al. “Moças e senhoras dentistas”: formação, titulação e mercado de trabalho nas primeiras décadas da República. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Manguinhos, n. 15, jun. 2008, p. 97-116.
- MOURA, Clóvis. **O Negro: de bom escravo a mau cidadão?** São Paulo: Ed. Dandara, 2021.
- MOUTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.
- NARITA, Felipe Ziotti. **Moral, Educação e religião na civilização da infância no Segundo Reinado (1854-1879)**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2016.
- NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- NOVAIS, Fernando A.; SEVECENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- OLIVEIRA, Cristiane. Higiene matrimonial, sexualidade e modos de subjetivação no Brasil do século XIX (1847-1870). **Revista EPOS**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, jul-dez de 2013.
- OLIVEIRA, Pedro Ernesto Albuquerque de. **Deveres do homem: reflexões moraes e philosophicas para uso da infancia**. São Paulo: Typographia Litteraria, 1864.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Ed. UFMG/IUPERJ, 2004
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. Illusio: aquém e além de Bourdieu. **MANA**, v. 2, n. 11, 2005.
- PATTERSON, Thomas C. **Inventing Western Civilization**. Nova York: Monthly Review Press, 1997, edição Kindle.
- PENTEADO, Jacob. **Belenzinho, 1910** (retrato de uma época). São Paulo: Carrenho Editorial, 2003.
- PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 379-386, junho 2009.
- PETERS, Gabriel Moura. Configurações e reconfigurações na teoria do habitus: um percurso. **Anais do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia**, Rio de Janeiro, 2009.

- PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: O Homem e o Empresário. **Anais do I Seminário Brasileiro sobre Livros e História Editorial**, 2004, p. 1-14. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/homem.pdf>. Acesso em: 14 set. 2023.
- PINHEIRO, Alexandra Santos. O Jornal das Famílias (1863-1878) e as leitoras do século XIX. **Revista Faz Ciência**, v. 6, n. 1, 2004.
- PINHEIRO, Alexandra Santos. **Para além da amenidade - O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção**. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- PINTO, Adolpho Augusto. **Minha vida**: memórias de um engenheiro paulista. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970.
- PINTO, Luiz de Aguiar Costa. **Lutas de família no Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1949.
- PISCITELLI, Adriana et al. **Olhares Feministas**. Brasília: MINC/Unesco, 2007, 437-465.
- POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Notícias, 1888.
- PONTES, Heloisa e ROSATTI, Camila Gui (Org.). **Casa-mundo**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2022.
- PONTES, Nicole Louise Macedo Teles de. Habitus e Libido Social: revisitando Bourdieu através da psicanálise. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, v. 2, n. 17, 2011.
- PROST, Antoine. A família e o indivíduo. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Org.). **História da vida privada**: da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 61-113.
- PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Org.). **História da vida privada**: da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- QUELER, Jefferson José. O poder da palavra falada: Gênese e sentidos dos manuais para discursos no Brasil da virada do século XIX para o século XX. **Latin American Research Review**, v. 55, n. 2, 2020, p. 278–290.
- REIS, Maria Cândida Delgado. Guardiãs do futuro: imagens do magistério de 1895 a 1920 em São Paulo. In: BRUSCHINI, C.; SORJ, B. (Org.). **Novos olhares**: mulheres e relações de gênero no Brasil. São Paulo: Marco Zero: Fundação Carlos Chagas, 1994.
- REMEDI, José Martinho Rodrigues. Intelectuais e honorabilidade: o papel dos duelos como forma de pertencimento ao campo social. **MÉTIS: história & cultura** – v. 8, n. 15, p. 167-184, jan./jun. 2009.
- RICE, Charles. **The emergence of the interior**: Architecture, Modernity, Domesticity. Londres/Nova York: Routledge, 2007.
- RONCADOR, Sônia. O demônio familiar: lavadeiras, amas-de-leite e criadas na narrativa de Júlia Lopes de Almeida. **Luso-Brazilian Review**, v. 44, n. 1, 2007.
- ROTUNDO, E. Anthony. **American Manhood**: Transformations in Masculinity from the Revolution to the Modern Era. Nova York: Basic Books, 1993.
- RÜDIGER, Francisco. **Literatura de auto ajuda e individualismo**: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1986.
- SAID, Edward. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. *In: DEL PRYORE, Mary e AMANTINO, Marcia (Org.). História dos homens no Brasil.* São Paulo: Ed. Unesp, 2013, p. 253-255.
- SANTOS, Simone Andriani dos. **Senhoras e criadas no espaço doméstico**, São Paulo (1875-1928). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.
- SCHPUN, Mônica (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2004.
- SCHPUN, Mônica. De canhão a carlota: meandros de um itinerário emblemático (Carlota Pereira de Queirós, 1892-1982). *In: SCHPUN, Mônica (Org.). Masculinidades.* São Paulo: Ed. Boitempo, 2004.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- SCHWARCZ, Lília. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- SEIDLER, Victor. **Rediscovering Masculinity**: Reason, Language and Sexuality. Londres/Nova York: Routledge, 1989.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Mal-estar na cultura: corpo e animalidade em Kafka, Freud e Coetzee. *Alea*, v. 12, n. 2, jul-dez. 2010, p. 205-222.
- SENNET, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2014.
- SHORTER, Edward. **The making of the modern family**. Nova York: Basic Books, 1977.
- SILVA, Ana Carolina Feracin. Entre a pena e a espada. Literatura e política no governo de Floriano Peixoto: Uma análise do jornal O Combate (1892). *Cadernos AEL*, v.9, n.16/17, 2002.
- SILVA, Carolina Rabelo Moreira da. **Francisco José Viveiros de Castro**: sexualidade, criminologia e cidadania no fim do século XIX. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- SILVA, Joana Mello de Carvalho e. **Um palacete modernista**: a Residência Maria Luisa e Oscar Americano. *Registros*, v. 18, n. 2, 2022, p. 65–83.
- SILVA, Joana Mello de Carvalho e; FERREIRA, Pedro Beresin Schleder. Os sentidos do morar em três atos: representação, conforto e privacidade. *PosFAUUSP*. São Paulo, v. 24, n. 44, p. 68-87, set-dez 2017.
- SILVA, Joana Mello de Carvalho e; FERREIRA, Pedro Beresin Schleder; RAGHI, Camila; FERRONI, Eduardo; HEREÑU, Pablo. A Residência Franco de Mello em três tempos: da domesticidade belle époque ao Centro de Cultura, Memória e Estudos da Diversidade Sexual do Estado de São Paulo. *Revista CPC*, n.20, p.36-77, 2015.
- SILVA, João Diogo Esteves da. **Elementos de Instrução moral e civica para uzo dos alunos da Escola Nocturna do Atheneu Ubatubense do Grupo Escolar Dr. Esteves da Silva**. Rio de Janeiro/São Paulo: Alves & Cia, 1897 .
- SINÉSIO, Daniel Jacuá. **A questão Christie e a atuação do secretário João Batista Calógeras (1862-1865)**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

- SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SMILES, Samuel. **Ajuda-te!**. trad. D. Amelia Pereira. Coleção Biblioteca Científica. Rio de Janeiro: Livraria Garnier. s/d.
- SMILES, Samuel. **Character**. Saint Paul: The Pioneer Press, 1889.
- SMILES, Samuel. **Economia doméstica moral ou a felicidade e a independência pelo trabalho e pela economia**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1880.
- SMILES, Samuel. **Heróis da Ciência e da Indústria**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1924.
- SMILES, Samuel. **O Carácter**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1878.
- SMILES, Samuel. **O Carácter**. trad. D. Amelia Pereira. Coleção Biblioteca Científica. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d.
- SMILES, Samuel. **O Dever**. Coleção Biblioteca Científica. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d.
- SMILES, Samuel. **O Dever**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1899.
- SMILES, Samuel. **O Poder da vontade ou carácter, comportamento e perseverança**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1870.
- SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. **Receitas de felicidade e espectros da infelicidade: o Código Civil de 1916 e as lições de comportamento na Revista Feminina no início do século XX**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- SOUZA, Jessé de. **A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.
- SOUZA, Rolf Malungo Ribeiro de. Representations of black masculinity in Brazil. **The Ecumenical Review**, v. 1, p. 519-529, 2013.
- SOUZA, Rolf Ribeiro de. As Representações do Homem Negro e suas Conseqüências. **Revista Fórum Identidades**, Aracaju, v. 6, ano 3, p. 97-115, jul-dez 2009.
- STOLER, Ann Laura. **Carnal Knowledge and Imperial Power: Race and the Intimate in Colonial Rule**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2010.
- STOLER, Ann Laura. Uma educação sentimental: a infância nos divisores coloniais. *In*: PONTES, Heloisa e ROSATTI, Camila Gui (Org.). **Casa-mundo**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2022.
- TAYLOR, Charles. **As fontes do self: a construção da identidade moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: teoria na prática. Revista de Administração Pública, **EBAPE-FGV, Rio de Janeiro**, jan./fev. 2006, p. 33.
- THOMPSON; Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. *In*: **Costumes em comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 267-304
- TOSH, John. **A man's place: masculinity and the middle-class home in victorian England**. New Haven/Londres: Yale University Press, 2007.
- TRAVERS, Tim. Samuel Smiles and the Origins of "Self-Help": Reform and the New Enlightenment". **Albion: A Quarterly Journal Concerned with British Studies**, v. 9, n. 2, 1977, p. 161-187.
- TRAVERS, Tim. **Samuel Smiles and the Victorian Work Ethic**. Nova York/Londres: Garland Publishing, 1987.

- TURMINA, Adriana Cláudia. **Autoajuda nas relações de trabalho**: a (con)formação de um trabalhador de novo tipo. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- VASCONCELOS, M. C. C.; GOMES, E. V. Práticas educativas femininas nas memórias de Maria Paes de Barros. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v.16, n. 3, p. 1422-1438, jun. 2021.
- VAZ, Maria Luísa Albiero. **Mulheres da elite cafeeira em São Paulo**: conciliação e resistência (1890-1930). São Paulo, dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1995.
- VENAYRE, Sylvain. **La Gloire de l'aventure**: genèse d'une mystique moderne 1850-1940. Paris: Aubier, 2002.
- VENAYRE, Sylvain. Os valores viris da viagem. In: CORBIN, Alain (Org.). **História da virilidade** – O triunfo da virilidade: o século XIX. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013, p. 394-406.
- VENTURA, Roberto. **Estilo tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914). São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- VIDAL, Laurent. **Les hommes lentes**: résister à la modernité, XVe-XXe siècle. Paris: Editions Flammarion, 2022.
- VIEIRA, Cleber Santos. A tradução como ato político: dr. Domingos Jaguaribe e o manual de instrução cívica, de Numa Droz. **Revista de História**, núm. 161, dez. 2009, p. 165-189.
- VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si**: histórias da percepção do corpo. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2016.
- VOGEL, Arno e FERREIRA, Regiane. A tragédia da Piedade: o grande drama da República. **Anuário Antropológico/2014**, Brasília, UnB, 2015, v. 40, n. 1, p. 165-201.
- VUILLEROD, Jean-Baptiste. **Theodor W. Adorno** – La domination de la nature. Paris: Éditions Amsterdam, 2021, p. 55-104.
- WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- WATHAL, Anne. The Meiji Restoration Seen from English-speaking Countries. **Japanese Studies**, v. 38, n. 3, 2018, p. 363-376.
- WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2004.
- WERNECK, Américo. **A Arte de educar os filhos**: às jovens mãis. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Comércio de Rodrigues & C., 1895.
- ZALUAR, Augusto Emilio. **Peregrinação pela Província de São Paulo 1860-1861**. Rio de Janeiro: Livraria de B.L. Garnier, 1862.
- ZAN, João Carlos. **Ramalho Ortigão e o Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora Ana Lanna, pela generosidade, pelo afeto, pelo rigor, pela inspiração e por todas as lições ao longo de tantos anos.

À Joana Mello, Vânia Carneiro de Carvalho e Heloisa Pontes pelas preciosas e estimulantes interlocuções ao longo desse trabalho.

Ao Durval Muniz de Albuquerque e ao Paulo Garcez, pela conversa e apontamentos fundamentais na banca de qualificação.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pela concessão da bolsa, processo FAPESP nº 2017/25133-4, que permitiu a realização desta pesquisa.

Ao Antonio Carlos Massarotto Cesarino, Ana Maria de Niemeyer, Camila Cesarino, Anna Beatriz Ayrosa Galvão, Maria Dulce Müller Carioba Sigrist, Laura Escorel, Sofia Carvalhosa, Marina Melo e Regina Schleder por me abrirem generosamente as portas de seus acervos e me permitirem conhecer suas histórias e as de suas famílias.

À Gabriela Cesarino, Thales Marreti, Elisa Carneiro, Leandro Leão, Raquel Schenkman e Otávio Melo pelas leituras, pelas discussões e por toda aprendizagem conjunta.

À Ana Castro, Renato Cymbalista, Sarah Feldman, Mônica Schpun, Camila Rosatti, Rafael do Nascimento, Clarissa Paulillo, Stephanie Guerra e Nathanael Araujo pelas riquíssimas trocas e interlocuções desses anos.

À Amália dos Santos, Deborah Sandes, Gilberto Mariotti, Glória Kok, João Kuhn, Márcio Sattin, Paula Dedecca, Marianna Bhogosian, Sabrina Fontenelle e Yuri Fomin pela parceria, pelo companheirismo, pela amizade e por todo apoio.

Ao Pedro Lopes, pelas risadas e pelas conversas e dicas valiosas.

À Alice Noujain, Marília Loureiro, Mariana Lanari e Pedro Zylbersztein pelas inestimáveis trocas de segunda-feira.

Às funcionárias e funcionários do Arquivo Histórico Municipal, da Biblioteca do Livro Didático da FE-USP, da Seção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade Dr. Américo Werneck e da Hemeroteca Digital Brasileira, pela prontidão, pela atenção e pela paciência.

À todas minhas amigas e amigos, que fazem a vida valer a pena.

Ao meu pai, Nelson, em memória de nossas longas conversas.

À minha vó Regina, pela lição de vida.

Aos meus avós Abrahão e Rifka Berezin z'l, pela inspiração profunda.

À Maria, minha companheira de jornada, pela arte, pela força, pelo carinho e pela paciência.

Ao Dani, pela irmandade, pela alegria e pela espontaneidade.

À minha mãe, Ruth, por todos os ensinamentos.

